€2.00 (IVA incluido)

Ano LIV – n.º 624
JANEIRO DE 2013

jornal do Exército

Escola Prática de Artilharia

151.º aniversário

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Capa

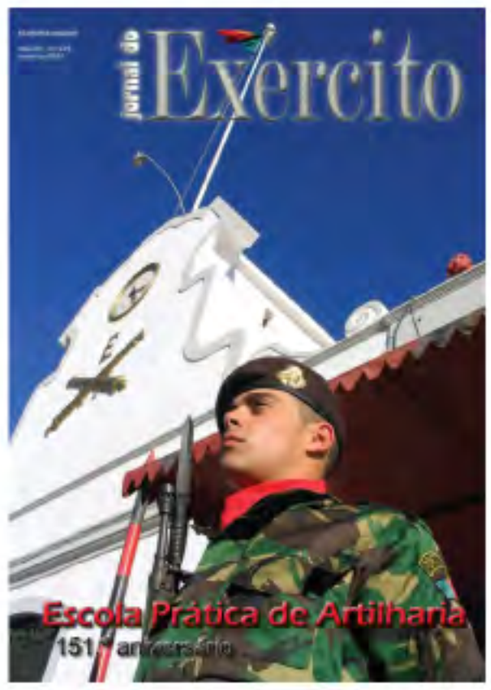


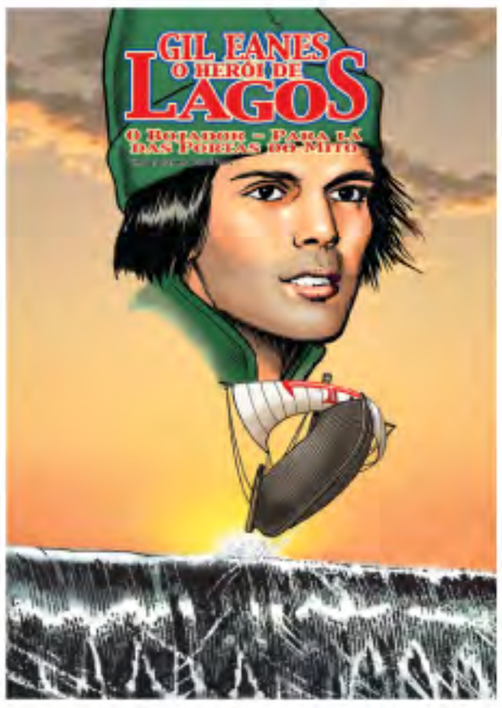
Foto: Escola Prática de Artilharia

Monumento com História Militar Palácio do Lavradio – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
Academia Militar comemora 176.º aniversário – 22
Cultura, Desporto e Lazer – 42
Direito de Resposta – 45
In Memorian – 46

Irão (Uma Viagem ao País dos ...) – 16

Dia do Jornal do Exército – 24

A Comunicação e as Relações Públicas no Exército – 34



Suplemento Banda Desenhada: "Gil Eanes – o Herói de Lagos" Pág: XXV a XXVIII

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Sub-Diretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Ass. Téc. Arminda Vitorino; **REDAÇÃO - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatora:** Alferes RC Filipa Domingos; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo;; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; EXECUÇÃO GRÁFICA - Sersilito - Empresa Gráfica Lda. -Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

Palácio do Lavradio

Foi nos princípios do Século XVIII que os descendentes de D. Francisco de Almeida, Vice-Rei da Índia, fizeram construir para sua habitação umas casas nobres a meio da encosta que da Graça se estende até Santa Apolónia e à ilharga do mosteiro de freiras da Ordem Franciscana de Santa Clara que ao tempo ali existia e de onde derivou o nome de Campo de Santa Clara que foi dado ao local e que se tem conservado até ao presente. Nessas casas viveram e morreram muitos dos membros daquela ilustre família, um dos quais - D. Luís de Almeida - que em 1664 recebeu o título de 1.º Conde de Avintes.

Foi, porém, D. Tomás de Almeida (1670-1754), 1.º Patriarca de Lisboa, "senhor muito rico", segundo filho do 2.º Conde D. António, que, entrando na posse das casas nobres de Santa Clara, fez reedificar o Palácio, "aformoseando-o com dignidade", em 1745, e doando-o depois a um sobrinho, D. António de Almeida Soares de Portugal, 1.º Conde do Lavradio, em 1724, 1.º Marquês em 1758 e Vice-Rei do Brasil em 1760.

A progenitura dos Almeidas (Avintes e Lavradio) extinguiu-se em 1812, com a morte de D. Luís, 7.º Conde e 4.º Marquês.

Família e título continuaram todavia, quer nos filhos de D. Francisco de Almeida Portugal (8.º filho do 3.º Marquês, D. António Máximo), diplomata e ministro de Estado, feito 2.º Conde de Lavradio por D. Maria II, em 1834, quer na pessoa de D. António de Almeida Portugal (irmão de D. Francisco e 7.º filho do 3.º Marquês), que seguiu a causa de D. Miguel, e que este príncipe, quando Rei confirmara no título de 5.º Marquês a posse do Palácio.

Não reconheceu o 5.º Marquês, D. António de Almeida Portugal as leis do Constitucionalismo, pelo que ao não ter vinculado o Palácio, após a sua morte em 1874, o edifício foi vendido em hasta pública, no ano seguinte, por exigência dos credores, tendo sido adquirido pelo Estado, em virtude das reformas militares empreendidas por Fontes Pereira de Melo, em 21 de junho de 1875, pela quantia de 15.300.000$000 réis.

Deu-se então início a obras de adaptação necessárias às instalações dos Tribunais Militares no edifício, (designadamente a transformação da Capela em vestíbulo para as dependências do Supremo Tribunal Militar) e redecoração de alguns compartimentos com estuques em ornatos e símbolos, bem como revestir tetos e paredes, o que na opinião de alguns historiadores "retirou muito do seu primitivo aspeto nobre).

Em 1755 o Palácio sofreu danos pouco significativos com o terramoto, e em 1865 a Câmara Municipal de Lisboa fez ajardinar o terreiro diante do edifício.

Presentemente, o edifício é partilhado pela Direção de Infraestruturas e a Direção de História e Cultura Militar.

Alferes RC Filipa Domingos

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Este início do ano vai ficar marcado para os portugueses como um tempo de sacrifícios, em que os militares, tal como grande parte dos portugueses, têm esperança e acreditam na bonança que um dia virá. Tempos de crise sempre houve e nós costumamos dizer que "depois da tempestade vem a bonança". Que assim seja! Talvez o acontecimento mais relevante deste início de ano, especialmente para o mundo católico, tenha sido o comunicado do Papa Bento XVI a anunciar a sua renúncia ao ministério de Bispo de Roma, sucessor de São Pedro, que lhe foi confiado pela mão dos Cardeais, em 19 de abril de 2005, deixando a Deus e ao Conclave a decisão de preencher a cadeira de Pedro, vaga a partir de 28 de fevereiro de 2013. Quanto ao futuro, o ainda Sumo Pontífice manifestou a sua vontade: "Quero servir de todo o coração, com uma vida consagrada à oração, a Santa Igreja de Deus". Esta notícia foi dada a conhecer aos cardeais por ocasião do último Consistório, em que se trataram também assuntos relativos a três canonizações. Bento XVI vai ficar indelevelmente ligado a Portugal, aos portugueses em geral e aos militares em particular, porque, a 26 de abril de 2009 formalizou a canonização de São Nuno de Santa Maria Álvares Pereira. Tal como os votos de Santo Padre, também ingressou num convento que mandara construir.

Foi, de facto, com orgulho, honra e muita emoção que ouvimos, em Língua Portuguesa, na Praça de São Pedro, em Roma, a súmula da vida do Santo Condestável pela voz do Papa. Vale a pena recordar algumas palavras escritas no livro da canonização: "[...] Nuno conduziu o Exército Português repetidas vezes à vitória, até ser consagrado na batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385), a qual acaba por determinar a resolução do conflito. Os dotes militares de Nuno eram, no entanto, acompanhados por uma espiritualidade sincera e profunda. O amor pela eucaristia e pela Virgem Maria são a trave-mestra da sua vida interior. [...] Significativo foi o dia da morte de frei Nuno de Santa Maria, o domingo de Páscoa, 1 de abril de 1431, passando imediatamente a ser reputado de 'santo' pelo povo, que desde então o começa a chamar "Santo Condestável". [...] É apenas em 1894 que o P.e Anastasio Ronci, então postulador geral dos Carmelitas, consegue introduzir o processo para o reconhecimento do culto do Beato Nuno "desde tempos imemoriais", acabando este por ser felizmente concluído, apesar das dificuldades próprias do tempo em que decorre, no dia 23 de dezembro de 1918 com o decreto Clementissimus Deus do Papa Bento XV. [...] O Postulador Geral da Ordem, P.e Felipe M. Amenós y Bonet, conseguiu que fosse reaberta a causa, que entretanto era corroborada graças a um possível milagre ocorrido em 2000. Tendo sido levada a cabo as respetivas investigações, o Santo Padre, Papa Bento XVI, dispõe a 3 de julho de 2008 a promulgação do decreto sobre o milagre em ordem à canonização e durante o Consistório de 21 de fevereiro de 2009 determina que o Beato Nuno seja inscrito no álbum dos Santos no dia 26 de abril de 2009." Na nossa modesta insignificância desejamos a Bento XVI as maiores venturas celestes.

A Arma de Artilharia e a sua Escola Prática assinalaram o seu dia em Vendas Novas. A comemoração do 151.º aniversário revestiu-se de profundo significado, porque, para além da solenidade da cerimónia, realizou-se o Juramento de Bandeira dos soldados recrutas do 6.º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército.

Comemorou-se ainda no passado dia 11 de janeiro o 53.º aniversário deste nosso *Jornal do Exército*. Esta celebração foi presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil. Na cerimónia simples, mas digna, estiveram presentes muitos dos colaboradores, que ao longo de 2012, nos presentearam com os seus artigos. Entre os convidados, estava uma das figuras incontornáveis da nossa História recente, que muito estimamos e é para nós uma referência, o Professor Doutor Adriano Moreira. Contamos, também, com a presença amiga do Presidente da Junta de Freguesia de S. Sebastião da Pedreira, Sr. Nelson Antunes, que presenteou o *Jornal do Exército* com um medalhão da Junta, onde estão gravadas as seguintes palavras "[Lembrando a franca colaboração institucional entre o *Jornal do Exército* e esta Autarquia.]".

A Academia Militar, herdeira do ensino superior militar em Portugal há mais de 200 anos, também assinalou mais um aniversário, celebrado a 14 de janeiro, na sede em Lisboa.

Por último, destacamos a primeira parte do artigo da autoria do Sargento-Ajudante SGE António José Rodrigues e intitulado "Irão, Uma Viagem ao País dos Tesouros e dos Mistérios". Refira-se ainda um outro artigo esclarecedor da autoria do Tenente-Coronel de Artilharia Hélder Silva Perdigão: "A Comunicação e as Relações Públicas no Exército". Continuamos com a interessante história em banda desenhada "Gil Eanes, o herói de Lagos, o Bojador para lá das portas do mito", de José Pires.

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

Comemorações do Dia da Arma e da Escola Prática de Artilharia

Comemorou-se no dia 4 de dezembro mais um dia da Arma de Artilharia e da Escola Prática de Artilharia (EPA). Neste dia festivo realizou-se, também, o Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutas do 6.º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPE) de 2012, incorporados em 5 de novembro de 2012.

A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, tendo também assistido, entre outras entidades, os Generais Loureiro dos Santos, Espírito Santo e Pinto Ramalho, bem como o Tenente-General Francisco António Correia, Comandante da Instrução e Doutrina do Exército e o Major-General Ulisses de Oliveira, Diretor de Formação do Comando da Instrução e Doutrina. Na cerimónia estiveram ainda presentes outros Oficiais Generais, do ativo e na situação de reserva e reforma, antigos Comandantes, bem como diversos militares e entidades civis, convidadas para o evento. Da cidade e região de Vendas Novas estiverem presentes representantes de diversos organismos e instituições locais e regionais, destacando-se o Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. José Maria Rodrigues Figueira.

O dia iniciou-se às 7H00 com a realização da alvorada festiva pela Fanfarra do Regimento de Artilharia Antiaérea N.º1 (RAAA1), a que se seguiu, pelas 8H00, o Içar da Bandeira Nacional com toque festivo. Uma hora mais tarde, teve lugar a missa na Capela Real, por intenção dos militares já falecidos, a qual foi celebrada pelos Coronéis SAR Teixeira e Matos, e que contou com a presença da Fanfarra do RAAA1 no coro, do Comandante da EPA e vários ilustres convidados.

À chegada do General CEME foram prestadas as honras protocolares, com Guarda de Honra e 19 Salvas de Artilharia, executadas pela Bateria de Bocas-de-fogo da EPA. Seguidamente teve lugar a cerimónia de Homenagem aos Mortos em Defesa da Pátria, com um Pelotão de Guarda de Honra da EPA e a Fanfarra do RAAA1.

Na sequência do programa das festividades, teve lugar na Parada El-rei D. Pedro V, a cerimónia militar, onde se incluiu o Juramento de Bandeira do 6.º CFGCPE/2012. Como já vem sendo hábito, estas cerimónias tiveram lugar na sobredita Parada, pelo facto da mesma se situar no exterior da EPA e permitir assim envolver a população da Cidade de Vendas Novas e os familiares dos soldados recrutas nos festejos do dia Arma de Artilharia e da EPA, dando assim mais visibilidade ao evento.

As Forças em Parada, comandadas pelo 2.º Comandante da EPA, Tenente-Coronel de Artilharia Vítor Hugo Dias de Almeida, eram constituídas pela Banda do Exército, Bloco de Estandartes das Unidades de Artilharia, Bateria de Aquisição de Objetivos da EPA, pela Bateria de Formação da EPA a 5 pelotões de soldados recrutas e por duas Baterias Mistas constituídas, uma por forças dos Regimentos de Artilharia N.º 4 e N.º 5, e outra por forças do RAAA1, Grupo de Artilharia de Campanha e Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada Mecanizada.

Da cerimónia militar destacam-se ainda os discursos do Comandante da Escola e do General CEME.

A cerimónia compreendeu ainda a imposição de condecorações a militares da EPA que se distinguiram pelos serviços prestados ao Exército, ao que se seguiu a Ratificação do Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutas do 6.º CFGCPE/2012, cuja fórmula foi lida pelo 2.º Comandante da EPA. Seguiu-se o desfile das Forças em Parada, na Avenida da República, prestando continência ao General CEME.

As comemorações do Dia da Arma de Artilharia e do 151º aniversário da EPA continuaram com a atuação da Banda Militar e com uma demonstração militar, subordinada ao tema - "A Artilharia e o Novo Ambiente Operacional", com a participação de militares da EPA e do RAAA1, seguindo-se uma exposição estática de materiais e equipamentos de Aquisição de Objetivos e demonstração de UNMANNED AERIAL VEHICLE pela empresa TEKEVER.

Este dia festivo da mais antiga Escola Prática do Exército Português terminou com a realização do almoço convívio, antecedido do toque da Sulipanta. Este momento, de grande importância, permitiu o convívio fraterno e aberto entre várias gerações de artilheiros, fazendo jus ao lema da sua Escola, "Mais Afinando a Fama Portuguesa".

Comandante do Exército de Angola visita Exército Português

O Comandante do Exército de Angola, General Lúcio Gonçalves de Amaral esteve em Portugal entre os dias 3 e 11 de dezembro, numa visita ao Exército Português, onde teve a oportunidade de conhecer algumas unidades militares deste ramo das Forças Armadas.

Do vasto programa destaca-se a visita ao Estado-Maior do Exército (EME), no dia 5 de dezembro, onde foi recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro. Para além de um encontro pessoal, seguiu-se um brífingue sobre o Exército e a assinatura do Livro de Honra. Nesse mesmo dia, o Comandante do Exército Angolano visitou ainda o Centro de Tropas Comandos, na Carregueira.

No dia 6, o General Lúcio Gonçalves de Amaral esteve presente numa audiência com o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Luís Evangelista Esteves de Araújo, seguido de uma visita à Brigada de Reação Rápida em Tancos.

No dia 7 de dezembro, o Colégio Militar e a Academia Militar foram os locais escolhidos para a visita, que se prolongou no dia seguinte, com uma visita guiada ao Museu Militar. No dia 10 foi a apresentação de cumprimentos na Embaixada de Angola, tendo a delegação angolana partido com destino a Luanda no dia 11.

Este encontro bilateral, como fórum privilegiado de coordenação e de partilha entre os Comandantes do Exército, revelou-se de grande utilidade, permitindo aprofundar os já fortes laços de amizade que unem os dois Exércitos.

CEME entrega condecorações a militares do Gab-CEME

Teve lugar no dia 12 de dezembro, na sala do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, a cerimónia de imposição de condecorações a militares que prestam serviço na dependência do Gabinete do CEME.

A Medalha de Serviços Distintos Grau Prata foi entregue pelo General CEME ao Coronel José Custódio Madaleno Geraldo e ao Tenente-Coronel José Manuel Andrade Pinto Bessa.

A Medalha de Mérito Militar, 2.ª classe foi entregue ao Tenente-Coronel Mário João Vaz Alves de Bastos e ao Major João Manuel Sousa Cardoso Cachucho.

A Medalha de D. Afonso Henriques, 4.ª Classe, foi entregue ao Primeiro-Sargento Paulo Ruivo Dias Pereira e a Medalha de Comportamento Exemplar foi entregue ao Primeiro Cabo Mikael José Alves De Oliveira. Por fim, foi entregue a Medalha Comemorativa de Comissões de Serviço Especiais com as inscrições Angola 2007-2008 ao Tenente-Coronel Francisco José Nogueira dos Santos Mendes.

Inóspito Afeganistão

A paisagem afegã, árida e inóspita, impõe-se de forma determinante nesta fotografia.

A região chama-se "Wardak" a 80 quilómetros a sul de Cabul. O local é o posto de observação "TOFAN" junto do *International Training Centre/National Police Training Centre* (ITC/NPTC).

O reconhecimento do terreno é, e sempre será, determinante para o cumprimento da missão. Forças do 5.º Contingente Nacional/ISAF estão no Afeganistão desde outubro de 2012. Sobre o comando de um coronel do Exercito, uma força conjunta com elementos da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da GNR, desempenham missões de assessoria, de instrução e de formação das forças afegãs, desta vez com um esforço acrescido. Uma companhia composta de fuzileiros e militares da Policia do Exército, são responsáveis pela segurança do aeroporto de Cabul.

Comissão de Defesa Nacional visita IGeoE e Laboratório Militar

No dia 6 de novembro, o Instituto Geográfico do Exército (IGeoE) recebeu a visita da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República (CDN/AR).

A referida visita, que contou com a presença do General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, e do Quartel-Mestre-General, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho, teve como finalidade dar a conhecer à CDN/AR, as atividades mais significativas relacionadas com a cadeia de produção cartográfica do IGeoE enquanto órgão produtor de informação geográfica, bem como as capacidades instaladas e projetos estruturantes que foram concebidos, desenvolvidos e implementados neste Instituto.

O mesmo aconteceu no que concerne ao Laboratório militar que recebeu também a visita desta Comissão.

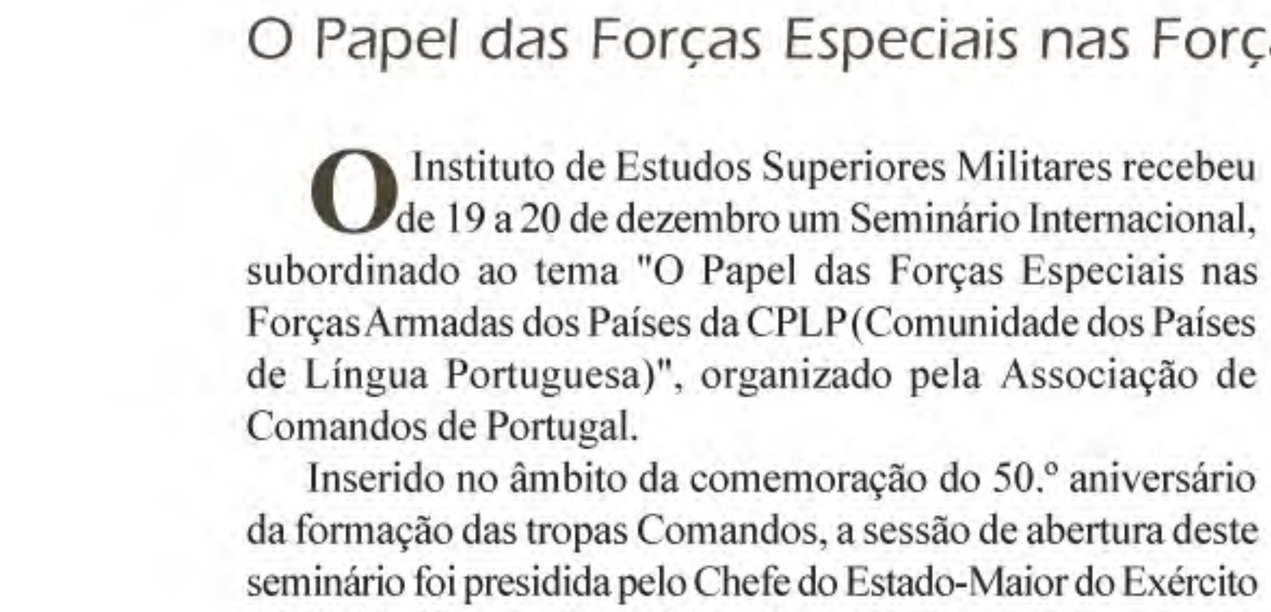
O Papel das Forças Especiais nas Forças Armadas dos Países da CPLP

O Instituto de Estudos Superiores Militares recebeu de 19 a 20 de dezembro um Seminário Internacional, subordinado ao tema "O Papel das Forças Especiais nas Forças Armadas dos Países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa)", organizado pela Associação de Comandos de Portugal.

Inserido no âmbito da comemoração do 50.º aniversário da formação das tropas Comandos, a sessão de abertura deste seminário foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro. A seu lado, esteve o Presidente da Direção Nacional da Associação de Comandos, a Comissão Executiva e o Professor Dr. Darc Costa, Conselheiro do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra e Presidente da Câmara de Comércio e Indústria da América do Sul, cuja intervenção se debruçou sobre "o Estratégico Triângulo Atlântico: Brasil, Angola, Portugal".

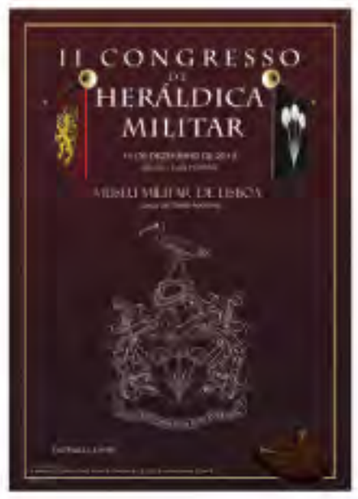
Durante dois dias, vários foram os temas debatidos assim como os conferencistas convidados, altos oficiais das forças especiais de vários ramos e dos países irmãos (Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique).

O primeiro painel, no dia 19, debateu o tema "Realidades Nacionais, Intercâmbios e Experiências de Cooperação". Já o segundo dia foi dedicado "Às Forças Especiais e à Conflitualidade e Insegurança no Século XXI". Em cima da mesa estiveram questões relacionadas com os conflitos assimétricos globais, com as forças especiais nas operações de segurança interna e a sua relação com as novas tecnologias, assim como as perspetivas de futuro.



Segundo a Associação promotora deste seminário, "as Forças Especiais das Forças Armadas dos nossos países têm constituído nichos de excelência devido ao seu desempenho operacional em diversas situações. Assim, pareceu-nos adequado que a reflexão e a troca de experiências poderiam constituir uma oportunidade de projetar a imagem das Forças Armadas dos países da CPLP e das suas Unidades de Elite, assim como contribuir para estimular os mecanismos de cooperação e de parceria, ao mesmo tempo que se dá um contributo para o estreitamento das relações fraternas existentes entre os povos dos nossos países".

II Congresso de Heráldica Militar



A Direção de História e Cultura Militar (DHCM) realizou no dia 11 de dezembro, nas instalações do Museu Militar de Lisboa, o II Congresso de Heráldica Militar. O Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil, presidiu ao evento.

O Congresso, subordinado à temática sobre a heráldica militar, teve lugar num espaço de grandes tradições culturais, o salão da Grande Guerra do Museu Militar de Lisboa.Contou com a presença de diversas entidades militares e civis que elogiaram a excelente mostra cultural desenvolvida pelos temas debatidos e pelo nível dos conferencistas convidados.

A conferência de abertura "A Heráldica do Exército Português no século XXI" foi proferida pelo Professor Doutor Paulo Morais Alexandre. Na continuidade seguiram-se três painéis alusivos à temática. No 1º Painel discutiu-se "A Heráldica Militar", a "Heráldica e Guerra na Idade Média" e "As novas Armas da Guarda Nacional Republicana". No 2º Painel a ênfase foi para a "Emblemática Militar", "A Emblemática no Uniforme do Exército", "A Emblemática das Tropas Paraquedistas" e "O Botão de Âncora da Marinha Portuguesa- Pistas de Investigação". No 3º e último Painel, o tema abordado foi "A Falerística Militar", o "Alvor das Condecorações Militares: A Companha do Rossilhão", a "A Medalha das Campanhas, na transição da Monarquia para a República", e "A Medalha da Cruz de Guerra; A sua Estética e História (s) na Defesa da República e do Império".

O Major-General Hugo Eugénio dos Reis Borges, Diretor da DHCM, encerrou o congresso evidenciando a participação de todos.

De realçar também a inauguração da exposição "José Colaço - Iluminador do Exército", na sala de exposições temporárias do Museu Militar, que estará patente ao público até 3 de fevereiro.

General da República Popular da China visita Academia Militar

No período entre 4 e 8 de dezembro, o Vice-Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA) da República Popular da China, General Hou Shusen, acompanhado por uma delegação de Oficiais chineses, visitou Portugal e os três ramos das Forças Armadas, tendo escolhido no Exército, a Academia Militar (AM).

A visita foi realizada no dia 5 de dezembro, na Sede da AM em Lisboa, onde o General Hou Shusen e a sua comitiva foram recebidos pelo Comandante da AM, Tenente-General Vítor Manuel Amaral Vieira. Após uma reunião, o General da República Popular da China procedeu à assinatura do Livro de Honra da AM.

Seguidamente, a comitiva visitou as instalações, iniciando no Átrio do Palácio da Bemposta, passando pelo Memorial dos Antigos Alunos Mortos ao Serviço da Pátria, pela Sala do Conselho Académico e pela Capela do Paço da Rainha.

Foi ainda apresentado, à delegação chinesa, um briefing sobre o Exército Português e outro sobre a AM.

Zona Militar dos Açores com novo Comandante

No dia 30 de outubro, tomou posse como Comandante da Zona Militar dos Açores o Major-General José Manuel Cardoso Lourenço.

Após a entrada no Forte de São Brás, onde está sediado o Comando da Zona Militar dos Açores (ZMA), foram-lhe prestadas as honras regulamentares, tendo-se seguido a cerimónia de Tomada de Posse, onde, para além da leitura do respetivo despacho de nomeação e da sua síntese curricular, o novo Comandante recebeu das mãos do Coronel Comandante Interino da ZMA, o Estandarte Nacional à guarda do Comando da ZMA, que simbolizou a posse do comando do Major-General Cardoso Lourenço.

Perante a presença das diversas Entidades Civis e Militares, o Major-General Comandante da ZMA usou da palavra, manifestando o seu orgulho e satisfação em ter sido escolhido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, para as funções de Comandante da Zona Militar dos Açores, afirmando que este novo desafio é, também, uma honra e uma enorme responsabilidade que não enjeitava e que esperava estar à altura do mesmo.

Capitão representa Portugal em Jornadas Médico-cirúrgicas

Teve lugar entre os dias 17 e 18 de outubro, na Argélia, mais uma edição das Jornadas Médico-Cirúrgicas da ANP - Armée Nationale Populaire. Portugal fez-se representar através da participação de um Capitão Médico Dentista do Exército Português, Capitão Tiago Russo, do Centro de Saúde Militar de Coimbra, que proferiu uma alocução subordinada à Reabilitação Oral com Implantes Dentários.

A participação na 42.ª Jornada Médico-cirúrgicas de L'ANP decorreu no âmbito das Relações bilaterais Portugal-Argélia - Política de Defesa Nacional do Ministério da Defesa Nacional.

A apresentação do Capitão Médico Dentista Tiago Russo foi subordinada ao tema: "Oral Rehabilitation with Dental Implants" e foi proferida no anfiteatro principal das Jornadas perante uma plateia de Médicos Militares e Civis de vários países europeus e africanos. Estiveram presentes Delegações Estrangeiras de Médicos Militares de 5 países: Portugal, Itália, França, Tunísia e Mauritânia. Os trabalhos tiveram lugar na École Nationale de Santé Militaire em Ain Naadja e dividiam-se em 3 grandes áreas - Medicina Dentaria, Hipertensão Arterial e Urologia, repartidas em simultâneo por 3 anfiteatros.

Para além da componente cientifica inerente, estas jornadas contribuíram para o estreitar de relações entre as várias delegações presentes e a troca de experiências de caráter médico e militar.

Museu Militar de Lisboa comemora 161º aniversário

O Museu Militar de Lisboa completou mais um aniversário, no dia 10 de dezembro, numa cerimónia presidida pelo Diretor de História e Cultura Militar, Major-General Hugo Eugénio dos Reis Borges. Presentes estiveram também, o Diretor do Museu, Coronel de Infantaria, Luís Paulo Correia Sodré de Albuquerque e uma vasta plateia composta por militares e civis que ouviram com atenção a alocução do Diretor do Museu, que frisou o trabalho desenvolvido no último ano, tendo concluído com um balanço muito positivo.

Posteriormente, os convidados visitaram a exposição "José Colaço o Iluminador do Exército".

Rohde & Schwarz -
na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Formação de língua portuguesa em Timor Leste

O ensino e divulgação da língua portuguesa a militares das F-FDTL assume-se como um vetor de ação preponderante no âmbito da Cooperação Militar Luso-Timorense, na medida em que o Português é umas das línguas oficiais de Timor-Leste e ainda não se encontra devidamente divulgado junto das suas forças militares. Este programa foi levantado por uma necessidade sentida pelas F-FDTL, pelo que Portugal, através das suas autoridades competentes, respondeu com a nomeação de 4 Oficiais com especialização no ensino de Português: 1 da Marinha, 1 da Força Aérea e 2 do Exército.

Várias foram as etapas pelas quais este processo passou, desde testes de nivelamento a testes de aferição de conhecimentos a civis e militares, durante o mês de setembro de 2012, de forma a efetuar um correto diagnóstico das necessidades.

Assim, de 8 de outubro a 7 de novembro, decorreu a 1.ª edição do Curso de Formação em Língua Portuguesa (CFLP) - Nível A1 (iniciação); a 2.ª edição decorreu decorreu de 9 de novembro a 11 de dezembro.

O ponto culminante destas edições deu-se a 13 de dezembro, aquando da cerimónia de encerramento do CFLP - Nível A1, no Quartel-General das F-FDTL, presidida pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas das F-FDTL, e contando, ainda, com a presença do Secretário de Estado da Defesa, na qual se procedeu à entrega dos certificados de habilitação a 71 Oficiais e Sargentos.

Terminada esta fase de formação e creditação dos militares em Nível A1, segue-se a fase seguinte que consiste em habilitar os militares, a serem nomeados, com uma proficiência linguística de Nível A2 (elementar); fase cuja previsão aponta para o primeiro trimestre de 2013.

DARH com novo Diretor

Tomou posse no dia 10 de janeiro como Diretor da Direção de Administração de Recursos Humanos do Comando do Pessoal, o Major-General Tiago Maria Ramos Chaves de Almeida e Vasconcelos, numa cerimónia realizada no Salão Nobre do Comando do Pessoal, no Porto.

A cerimónia incluiu o discurso de boas vindas, proferido pelo Tenente-General Comandante do Pessoal, Tenente-General Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros, bem como a leitura do despacho da nomeação e da síntese curricular do novo Diretor da Direção de Administração de Recursos Humanos (DARH). De seguida o novo Comandante dirigiu-se aos militares e civis que prestam serviço na DARH, num claro compromisso de motivação para todos os presentes.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA • 2,00 **ASSINATURA ANUAL (11 números)**: VIA SUPERFÍCIE - **Portugal Cont. Madeira e Açores** • 20,00; VIA AÉREA - **Países europeus** • 45,00; **Restantes Países** • 65,00. NOTA: **As assinaturas devem ser pagas antecipadamente**
NÚMEROS ATRASADOS - **1960 a 1969** • 4,50; **1970 a 1979** • 4,00; **1980 a 1989** • 3,00; **1990 a 2001** • 2,50; **2002** a **2012** • 2,00.
Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO • 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: **1000/2000** • 4,21; **3000/8000** • 5,79; **Açores** e **Madeira** • 6,56.

Tomada de Posse do Comandante da Zona Militar da Madeira

No dia 8 de janeiro, realizou-se no Regimento de Guarnição Nº 3 (RG 3) a cerimónia de tomada de posse do novo Comandante da Zona Militar da Madeira (ZMM), Major-General Marco António Mendes Paulino Serronha.

Antes da cerimónia, o Major-General prestou homenagem aos Militares Mortos em Combate, depositando uma coroa de flores junto ao monumento que os recorda.

Já no RG 3, as forças em parada prestaram as honras militares regulamentares, seguindo-se a leitura do despacho do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, relativo à nomeação do Comandante da ZMM e a entrega, pelo 2º Comandante da ZMM, do Estandarte Nacional à guarda do Comando da ZMM, simbolizando dessa forma a sua entrada em funções como novo Comandante.

Posteriormente teve lugar uma alocução do Major-General Marco António Mendes Paulino Serronha, dirigida aos militares e funcionários civis que servem na ZMM, à qual se seguiu o desfile das forças em parada.

Sargento-Ajudante SGE António José Rodrigues

IRÃO

Uma Viagem ao País dos Tesouros e dos Mistérios *(Makhzan-ol-Asrâr)* [primeira parte]

Quem quer compreender a poesia, deve ir ao país da poesia. Quem quer entender o poeta, deve ir ao país do poeta. (Goethe)

Em junho de 2002, a convite da *Iranology Foundation of Tehran* e da Secção Cultural da Embaixada da República Islâmica do Irão em Lisboa, participei no I Congresso Nacional de Estudos do Irão com o trabalho "Jumhuri-ye Eslami-ye Iran: Terra do Leão e do Sol", integrado nos Estudos de Iranologia da Universidade de Tehran Buzurg. A minha procura do "oriente donde vem tudo, o dia e a fé, pomposo e fanático e quente, o oriente budista, bramânico, sintoísta", como diria Fernando Pessoa, passava basicamente por conhecer aquela Pérsia mítica e mística que me povoava, desde a juventude, os sonhos mais intrínsecos. As cúpulas turquesa que pontificavam na obra "Mil e Uma Noites" ("*alf laila ua laila*"), os esplendores perdidos de Persépolis e Parsagada, a poesia inefável de Rumi, Hafiz, Sa'adi, Ferdusi, Nezami, Khayyam, Rudaki e tantos outros, faziam, desde há muito, parte da minha matriz interior.

E o Irão que eu revivo – aquela terra a que Michelet apelidou "a grande estrada do género humano" – é o Irão que se tornou morada de saberes, tesouros e mistérios, que os séculos a forma lhe trouxeram modelando sonhos nele erguidos, do pasto para a poesia, do remanso da sua gente fechada, sóbria, especiosamente sentimental, culta, amável e de uma generosidade iniludível, portadora de uma herança cultural e histórica fabulosa que, lamentavelmente, muitas vezes os *media*, e sobretudo a "*squared reality*" do pequeno monitor, distorcem burlescamente, ao serviço de inconfessáveis desígnios de dominação económica.

É o país do "*taarof*" – costume local de recusar, com hospitaleira elegância cerimonial, após

duas vezes, antes de finalmente se pagar pelo que nos é vendido –, facto que originou o viver de situações insólitas que, ainda hoje, ao contá-las, continuam a suscitar a mesma satisfação e motivo de gracejo que naquela altura experimentei. É a terra da brisa morna, das noites claras, dos corais e da prece dos crentes. É o Irão do frenesim, do exotismo dos bazares e do tropel do tempo. Dos perfumes inebriantes e particulares a roseiras mil à espera de florir e do cheiro a arroz de açafrão ("*safran*"). Do sopro fagueiro do dervixe que ali jaz, da mulher de "*chaador*" ("tenda"), de olhar seráfico e do homem austero de altivo "*dullband*" (turbante). Dos ciprestes banhados de luar, do rouxinol, dos luxuosos tapetes característicos, das alamedas majestosas, do pitoresco das flores, das soberbas mesquitas de telhados abobadados e azulejos azul-turquesa no vórtice das almas, da luz, do infinito, das sombras e do silêncio, do "*pishtaq*" de uma elegância que embota o ruído e das cúpulas que revelam o cosmos que existe em nós.

Reza um velho aforismo persa: "o Irão tem um poeta para cada estrela do céu". O dom da imaginação poética e artística revelam-no através de duas obras fundamentais da sua literatura, escritas no século XV e que chegaram até nós acompanhadas de iluminuras de um excecional valor artístico. Um desses livros, "Kalila e Dimna", crê-se ter influenciado La Fontaine ao compor as suas "Fábulas". Os escritores franceses do século XVIII mostraram-se muito interessados pelo exotismo oriental. Montesquieu, nas "Cartas Persas", oferece-nos uma interpretação dos sentimentos, maneira de viver, costumes e trajar dos persas do seu tempo. E "As Mil e Uma Noites" foram conhecidas na Europa, na mesma época, por uma tradução francesa. Foi essa curiosidade pelos usos e costumes de povos estranhos que fez penetrar na Europa o jogo do polo, praticado pelos reis e senhores da Pérsia, como documenta uma bela miniatura datada do século XVI.

Contemplo e demoro-me, em instantes de meditação, em alguns dos seus locais, uns emblemáticos, outros anódinos, mas todos eles perpassados por uma espiritualidade transversal ao tempo, do zoroastrismo – crença monoteísta fundada por Zoroastro ou Zaratustra (séc. VI a.C.), que se tornou religião oficial da Pérsia no século III e ainda é professada por tribos do interior do Irão e parsis da Índia – ao Islão, e que encontra no Sufismo a sua mais luminosa expressão.

Faz-me guarda a lembrança da componente iraniana que nem faltou sequer no cadinho onde se formou a portugalidade, uma vez que os alanos, povo persa, também passaram pelo território da Lusitânia.

Foi jornadeando por estes destinos que, pela primeira vez, tive conhecimento do místico "Tesouro de "Alima", um apropriado exórdio que evoca, com arte, o verdadeiro caminho para se atingir o Saber e o Conhecimento. Conta esse lendário intemporal que há muito, muito tempo, numa terra distante, para lá da cidade de *Chehel Dokhtaram* ("quarenta raparigas solteiras", em língua persa) e das montanhas avermelhadas que limitam os grandes desertos da Pérsia, existia numa terra chamada Karmina um pobre e modesto alfaiate de nome Sana'i, homem humilde e trabalhador que, pelas suas boas qualidades e dotes de coração, granjeara muitas simpatias no bairro em que morava.

Sana'i passava o dia inteiro, da manhã à noite, a cortar e a coser as roupas dos seus numerosos fregueses e, embora paupérrimo, não perdia a esperança de vir a ser riquíssimo, senhor de muitos palácios e de grandes tesouros. Ouvira contar, em palestras com estrangeiros vindos do Egito, da Síria, da Grécia e da Fenícia, histórias prodigiosas de aventureiros que haviam descoberto, por acaso, no interior de cavernas, baús de ouro, cofres crivados de brilhantes, luras sórdidas que guardavam caixas pesadíssimas a transbordar de pérolas, mimoso fruto da rapina de bárbaros cartagineses.

E não poderia ele, à semelhança desses aventureiros felizes, descobrir um tesouro fabuloso e tornar-se, assim, de um momento para o outro, mais rico do que o poderoso rei da sua cidade? Assim meditava o bondoso Sana'i, divagando por tão longínquas riquezas, quando lhe bateu à porta de casa um mercador da Fenícia, que vendia ta-

petes, caixas de ébano, bolas coloridas, imagens, pedras e uma infinidade de outros objetos extravagantes tão apreciados pelos babilónios.

Por mera curiosidade, começou Sana'i a examinar as bugigangas que o vendedor lhe oferecia, quando descobriu, entre elas, uma espécie de almanaque. Era uma preciosidade aquele livro, afirmava o traficante. E custava apenas três reais. Era muito dinheiro para o pobre alfaiate mas, apesar disso, para possuir objeto tão curioso e raro, Sana'i concordou em pagar essa quantia. Tratou, sem demora, de examinar cuidadosamente a raridade que havia adquirido. Qual não foi a sua surpresa quando conseguiu decifrar, na primeira página, uma legenda escrita em complicados carateres caldaicos: "o tesouro de 'Alima, enterrado pelo génio do mesmo nome para lá do mar de Motaleh Kardan, entre as montanhas do 'Amal, foi ali esquecido, e ali se acha ainda, até que algum homem esforçado venha a encontrá-lo".

Aquele livro maravilhoso, cheio de mistério, ensinava, com certeza, onde se encontrava algum esplendor fabuloso, o tesouro de 'Alima! Mas que tesouro seria esse?! E onde ficaria o mar de Motaleh Kardan?! E 'Amal! Que montanhas seriam essas que encerravam todo o ouro fabuloso de um génio?!

E o esforçado tecelão dispôs-se a decifrar todas as páginas daquele livro, a ver se descobria, custasse o que custasse, o segredo de 'Alima, para se apoderar do tesouro imenso, que o capricho do seu possuidor fizera enterrar nalguma gruta perdida entre as montanhas.

As primeiras páginas eram escritas em carateres de vários povos. Sana'i foi obrigado a estudar os hieróglifos egípcios, a língua dos gregos, os dialetos persas, o complicado idioma dos judeus. Ao fim de dois anos, deixava Sana'i a antiga profissão de alfaiate, e passava a ser o intérprete do rei, pois na cidade não havia quem soubesse tantos idiomas estrangeiros. O cargo de intérprete do rei era bem rendoso. Ademais, Sana'i morava numa grande casa, tinha muitos criados e todos os nobres da corte o saudavam respeitosamente.

Não desistiu, porém, o esforçado Sana'i, de descobrir o grande mistério de 'Alima. Continuando a ler o livro encantado, encontrou várias páginas cheias de cálculos, números e figuras. E a fim de ir compreendendo o que lia, foi obrigado a estudar matemática com calculistas da cidade, tornando-se, ao cabo de pouco tempo, grande conhecedor das complicadas transformações aritméticas.

Graças a esses novos conhecimentos adquiridos, pôde Sana'i, volvidos três anos, calcular, desenhar e construir uma grande ponte sobre o rio Haraz. Esse trabalho agradou tanto ao rei, que o monarca resolveu nomeá-lo para exercer o cargo de grão-vizir. O antigo e humilde alfaiate passava, assim, a ser um dos homens mais notáveis da cidade. Ativo e sempre empenhado em desvendar o segredo do tal livro, foi compelido a estudar profundamente as leis, os princípios religiosos do seu país e os do povo caldeu. Com o auxílio desses novos conhecimentos, conseguiu Sana'i, após outros dois anos, resolver uma antiga contenda judicial que nenhum dos outros doutores havera conseguido solucionar. Devido a esse feito, foi o nosso esforçado herói ocupar o elevado cargo de ministro.

Mas – coisa interessante! – Sana'i não conhecia ainda o segredo do livro de 'Alima, embora já tivesse lido e relido, várias vezes ao longo dos anos, todas as páginas, sem omitir uma. Como poderia ele penetrar naquele mistério? E um dia, cavaqueando com um venerando sacerdote, teve ocasião de referir-se à incógnita que o atormentava. Riu-se o bom religioso, ao ouvir a ingénua confissão do grande vizir e, afeito a decifrar os maiores enigmas da vida, assim falou: "O tesouro de 'Alima já está em vosso poder, meu senhor! Por privilégio desse livro misterioso é que adquiristes tamanho conhecimento, que vos proporcionou os invejáveis bens que ora possuis. 'Alima significa "Saber". O mar de Motaleh Kardan é a vossa dedicação ao "Estudo" e 'Amal quer dizer "Trabalho". Com estudo e trabalho pode o homem conquistar tesouros maiores do que os que se ocultam no seio da terra ou sob os abismos do mar".

Tinha razão o esclarecido sacerdote. 'Alima, o génio, guarda realmente um tesouro valiosíssimo, que qualquer homem esforçado, humilde e

Kerman

inteligente pode conseguir. Essa riqueza prodigiosa não se acha, contudo, perdida no seio da terra nem nas profundezas dos mares. Encontramo-la sim, ao longo do tempo, o melhor mestre, nos bons livros, que proporcionando saber aos homens, abrem, para aqueles que se dedicam aos estudos com amor e tenacidade, as grutas maravilhosas de mil tesouros encantados. Essa é, insofismavelmente, a verdadeira fortuna para quem a busca do saber será sempre o seu destino, por forma a que a ignorância jamais seja a sua ruína...

Aquele cujo coração não vive senão do amor não morrerá jamais. – Hafiz (1320-1391 d.C.)

E, mais além do que um genuíno mergulho no mito, rememoro as cidades iranianas de maior notabilidade: a nobre cidade de Teerão, fundada por volta do século XI, erguida no sopé dos montes Elburz, rodeada de montanhas, nevadas grande parte do ano. O grande desenvolvimento da cidade ocorreu a partir do primeiro quartel do século XX, razão pela qual Teerão é entre as cidades iranianas a que possui um aspeto menos oriental. A parte norte da cidade corresponde à cidade nova e a parte sul à cidade do tempo dos Qajar. Não se podendo comparar em beleza aos grandes centros urbanos do período clássico, não deixa, apesar disso, de ter muitos encantos, como é o caso dos seus formosos palácios, jardins e valiosos museus. Emblemático é o Palácio Gulistan ("das rosas") da época qadjar, rodeado de jardins e que foi cenário de numerosos episódios da história política do Irão. Um dos seus pavilhões abriga hoje o Museu Etnográfico Mardom Shenazi;

Shiraz, capital da província de Fars e situada num oásis dos Montes Zagros, é a mais poética de todas as cidades do Irão. A arte de um viver, simultaneamente hedonístico e espiritual, deu-lhe uma fama que ainda hoje ressalta do espírito do lugar. Terra dos poetas Sa'adi e Hafiz, são célebres os seus jardins e rouxinóis. O esplendor da cidade atingiu o cume no período islâmico, convertendo-se, a partir do século XIII, na capital literária da Pérsia. Tal acarretou uma sofisticação máxima, em tudo o que respeita às artes ligadas ao livro: a caligrafia, a iluminura e a encadernação. Shiraz, talvez devido ao seu prestígio intelectual, foi poupada pelas invasões mongóis de Gengis Khan (1220) e Tamerlão (1387), que tanta devastação causaram em todo o mundo islâmico. Se hoje a cidade, do ponto de vista económico, perdeu muita da sua importância estratégica, a inestimável herança cultural, paisagística e arquitetónica, fazem dela uma incontornável joia para o visitante;

Saadat-Shahr, uma pequena cidade, cujo nome significa "cidade da felicidade", situada entre Marvdast e Qader Shahr, junto à estrada que liga Shiraz a Yazd, foi toda ela construída em barro (adobe), fazendo lembrar a célebre Bam, património mundial, destruída em 2003 por um terrível terramoto;

Qom, capital da província com o mesmo nome, também conhecida por Q'um ou Ghom, localiza-se a 156 km a sudoeste de Teerão. Considerado o maior centro de ensino shi'ita, é uma cidade importante, santuário e expressivo destino de peregrinações;

Yazd, ou "esmeralda", fica situada no deserto de sudeste, a 1230 metros de altitude, sendo rodeada por lagos salgados. A sua construção em zona tão adversa deve-se à situação estratégica da localização entre Isfahan e Kerman, na rota que leva ao Paquistão e ao Afeganistão. Célebre pelos seus têxteis e tapetes, foi mais uma das cidades poupadas pelas invasões mongóis. É conhecida como terra de adoradores de fogo zoroastrianos. Para além das ruínas das "Torres do Silêncio", são célebres as suas torres do vento ("*bagdir*"), ainda hoje em uso em numerosas construções, para refrescar as casas e a água, através de um sistema de ventilação natural;

Persépolis é hoje um bem conservado e excecional sítio arqueológico, dotado de serviços de apoio de muito boa qualidade. Pela dimensão e beleza, possui um enorme poder evocativo do seu esplendor passado de cidade puramente cerimo-

nial. Por altura do ano novo do calendário mazdeísta, todos os estados vassalos vinham reafirmar a sua submissão e prestar tributo ao Rei dos Reis. A cidade, idealizada por Dario I (séc. IV a.C.), guardava ainda muito do seu esplendor quando, em 330 a.C., Alexandre, "o Grande", a invadiu sem encontrar resistência, pilhando todas as suas riquezas, mas poupando os edifícios, salvo o Palácio Real, que foi pasto do fogo;

Tezerj fica no caminho entre Bandar Abbas e Kerman, no exuberante oásis do deserto que cerca as imediações de Saadat Abad. As águas da caudalosa nascente, que se derramam em cascata, sustentam a vida em redor;

Naqsh-e Rostam fica sensivelmente a quatro quilómetros, a norte de Persépolis, localizada nas falésias de Kuh-e Hossein. Foi aqui que os reis aqueménidas Dario I (521-485 a.C.) e os seus sucessores Xerxes I (485-465 a.C.), Artaxerxes I (465-424 a.C.) e Dario II (425-405 a.C.), mandaram escavar os seus túmulos.

Na mesma falésia, foram posteriormente acrescentadas, na época sassânida, diversos baixos relevos e inscrições. Em frente, encontra-se uma pequena construção isolada, possivelmente um antigo templo do fogo; a cidade de Naein, que pertence à província de Isfahan, fica no cruzamento das estradas que conduzem a Yazd e a Tehran. Tem importantes monumentos, como a Mesquita Aljama que possui elementos que remontam ao século X. É também célebre uma bela mansão da época safávida, de pinturas murais com decoração vegetalista e alegórica, dragões e fénix;

Na estrada que vai de Yazd para Shiraz, depara-se-nos a pequena cidade de Arbakuh, cidade-oásis e, em tempos idos, caravaneira. Tem, pelo menos, dois monumentos dignos de realçe: a Mesquita Aljama, do século XIII e uma *torre do silêncio*, Gonbad-e Ali, do século XI. Todavia, o "monumento" mais notável é, sem dúvida, o seu gigantesco cipreste. Para os sufis, uma árvore sagrada e símbolo da totalidade em potência. O venerável cipreste faz jus a essa devoção, uma vez que, segundo a placa, com dados científicos que junto ao mesmo se encontra, tem a provecta idade de 4.500 anos, o que o torna uma das árvores mais antigas da Terra; a prestigiosa cidade de Kerman, fundada no século III (d.C.) e capital da província com o mesmo nome, fica a 1.800 metros de altitude no planalto iraniano. Na região da cidade do pistacho têm sido descobertos vestígios arqueológicos que remontam ao século V (a.C.). Encruzilhada de civilizações e, por esse facto, sujeita a todo o tipo de invasões, a antiga Karmina, de clima desértico e de montanha, é rica em belezas

Khayyam Neyshaboor

naturais e conta com cidades únicas, como a já referida Bam;

Fazendo parte da província de Hormuzgan, a pequena ilha de Ormuz, cujo nome é tão familiar aos portugueses, situa-se no golfo Pérsico, a curta distância de Oman e dos Emirados Árabes Unidos. Esta posição estratégica tornou-se inevitavelmente um importante entreposto comercial. Por ela passavam, desde o século XIV, toda a sorte de mercadorias, nomeadamente especiarias, vindas da China e da Índia. Apesar do tempestuoso estreito que a separa do continente asiático, da insalubridade do seu clima subtropical e da escassez de água e vegetação, Afonso de Albuquerque escolheu-a para nela estabelecer o seu domínio, em nome de Portugal. Assim assegurou o controle de um dos mais importantes itinerários da rota comercial do oriente, naquelas paragens. A isso se deve a conquista da ilha em 1507 e a sua reconquista em 1515. A fortaleza que nela ainda existe foi construída com blocos de coral retirados do mar. Em 1622, com o auxílio de uma frota inglesa, Shah Abbas conseguiu tomar a ilha aos portugueses e apoderar-se da fortaleza;

Nishapur é uma cidade com um glorioso passado sufi. Nela terá nascido o grande humanista e poeta Omar Khayyam e ali terá também ensinado

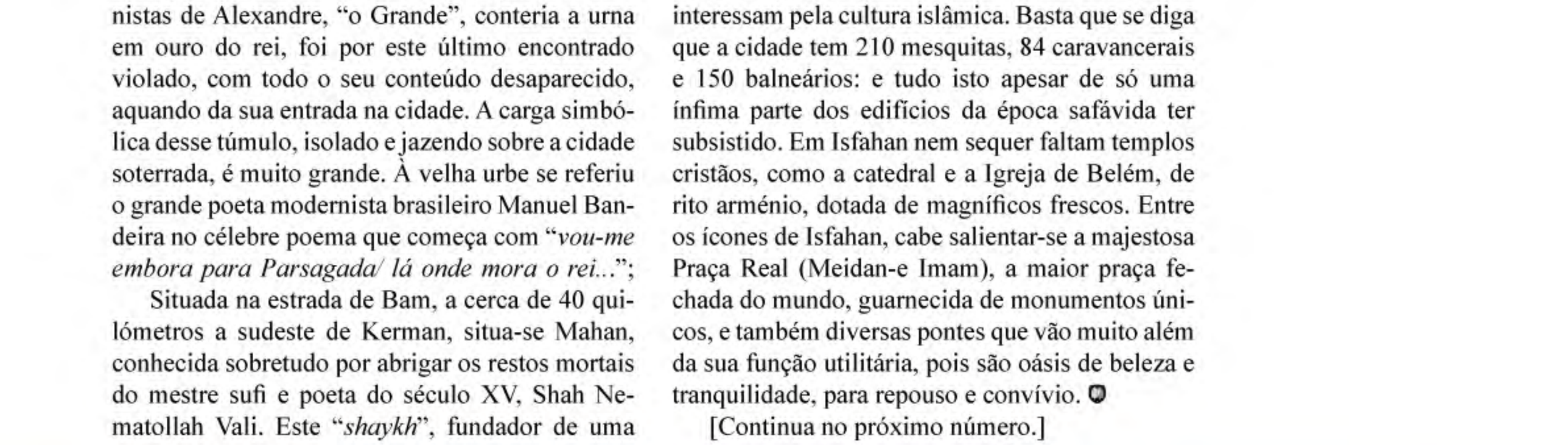
o grande teólogo e gnóstico al-Ghazalli (Algazel, 1058-1111 d.C.). O declínio da cidade tornou-se irreversível com a sua tomada, em 1221 d.C., pelo exército mongol que, depois de massacrar toda a população, a arrasou e destruiu as suas famosas bibliotecas. Uma das poucas construções primitivas que sobraram de tal catástrofe foi precisamente o túmulo de Omar Khayyam. Esse túmulo foi restaurado em 1934 e transformado em mausoléu. Fica nos jardins do Imamzadeh Mahruq, nos arredores da cidade;

Parsagada é um sítio arqueológico aqueménida, ainda por explorar na sua quase totalidade, que se encontra na planície de Murghab, próximo da estrada que vai de Shiraz a Yazd, e a cerca de 70 quilómetros de Persépolis. Diz-se que a escolha do local de construção da nova cidade, por Ciro II, se deve à vitória que o mesmo obteve, em 550 a.C., sobre o exército dos medos, à frente do qual se encontrava o rei Astyago. De qualquer modo, a partir de 522 a.C., com a subida ao trono de Dario I, a cidade perde importância em favor de Susa e Persépolis. O túmulo de Ciro que, segundo os cronistas de Alexandre, "o Grande", conteria a urna em ouro do rei, foi por este último encontrado violado, com todo o seu conteúdo desaparecido, aquando da sua entrada na cidade. A carga simbólica desse túmulo, isolado e jazendo sobre a cidade soterrada, é muito grande. À velha urbe se referiu o grande poeta modernista brasileiro Manuel Bandeira no célebre poema que começa com "*vou-me embora para Parsagada/ lá onde mora o rei...*";

Situada na estrada de Bam, a cerca de 40 quilómetros a sudeste de Kerman, situa-se Mahan, conhecida sobretudo por abrigar os restos mortais do mestre sufi e poeta do século XV, Shah Nematollah Vali. Este "*shaykh*", fundador de uma confraria de dervixes, é objeto de particular veneração, sendo a sua imagem vista em todo o país. O complexo arquitetónico que abriga o mausoléu é de grande beleza. Digno de menção é também o Palácio Shahzadeh, sobretudo pelo esplêndido jardim, com cachoeiras artificiais e árvores centenárias, e que à noite é todo iluminado;

Isfahan, a "Veneza do Oriente", a "Pérola do Mundo", tão cantada nas "Mil e Uma Noites", ostenta ainda hoje a sua glória. Diz um ditado: "*Esfahan nesf-e djahan*", ou seja, "Isfahan é metade do mundo", querendo com isso exaltar toda a magnificência da capital safávida. Nela não há hoje o furor de Teerão, mas antes o ambiente descontraído que permite desfrutar de todos os seus inumeráveis encantos. Os principais monumentos devem-se à iniciativa do Shah Abbas, que fez da cidade capital, em 1598, e lhe imprimiu um traçado surpreendentemente moderno, para a época, dotando-a de largas praças e avenidas. No entanto, as suas origens remontam a dois ou três séculos antes de Cristo. Nela avultam as mesquitas cor turquesa que povoam os sonhos de todos os que se interessam pela cultura islâmica. Basta que se diga que a cidade tem 210 mesquitas, 84 caravancerais e 150 balneários: e tudo isto apesar de só uma ínfima parte dos edifícios da época safávida ter subsistido. Em Isfahan nem sequer faltam templos cristãos, como a catedral e a Igreja de Belém, de rito arménio, dotada de magníficos frescos. Entre os ícones de Isfahan, cabe salientar-se a majestosa Praça Real (Meidan-e Imam), a maior praça fechada do mundo, guarnecida de monumentos únicos, e também diversas pontes que vão muito além da sua função utilitária, pois são oásis de beleza e tranquilidade, para repouso e convívio.

[Continua no próximo número.]



Esfahan

Academia Militar comemora aniversário

No dia 14 de janeiro de 2013, a Academia Militar (AM) celebrou mais um aniversário. As atividades comemorativas do seu dia festivo (relativo à criação da Escola do Exército em 12 de janeiro de 1837) foram levadas a cabo, com a distinção, a elevação e a sobriedade que caracterizam o cerimonial castrense, exaltando a história, as tradições, a cultura e os valores intrínsecos à AM, que têm constituído, ao longo da sua existência, o sustentáculo da formação de sucessivas gerações de Oficiais dos Quadros Permanentes do Exército e, desde 1991, da Guarda Nacional Republicana (GNR).

As comemorações iniciaram-se pelas 08h00 com o hastear da Bandeira Nacional, na Sede e no Aquartelamento da AM – Amadora com as devidas honras militares.

Pelas 11h00, o Comando da AM, o Corpo Docente e Discente, e convidados celebraram a Missa de Sufrágio pelos Antigos Alunos e servidores da AM já falecidos, na Capela da AM, no Paço da Rainha, celebrada pelo Capelão Mouroço Ferreira.

No período da tarde, após a chegada do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro e prestadas as honras militares regulamentares, pelas 15h25, teve lugar a Cerimónia de Homenagem aos Militares Antigos Alunos Mortos ao Serviço da Pátria, no Átrio do Palácio da Bemposta.

De seguida, realizou-se a Cerimónia Militar na Parada "Capitão Simões de Sousa". Presidiu às cerimónias do Aniversário da AM, o General CEME.

O Comandante da AM em exercício de funções, Major-General António José Pacheco Dias Coimbra, proferiu um breve discurso em que destacou as principais atividades desenvolvidas pela AM no último ano, designadamente no âmbito do ensino (com destaque para a formação de Oficiais do Exército e da GNR) da investigação, desenvolvimento e inovação e do apoio à comunidade. No âmbito do ensino, o Major-General Dias Coimbra sublinhou que "para fazermos face ao novo modelo de sociedade da informação e do conhecimento e aos novos paradigmas da segurança e defesa, continuamos a preparar e a formar as novas gerações de Oficiais para a incerteza. Esta exige solidez de conhecimentos e capacidade de os mobilizar para situações novas, e desenvolve-se com muita prática, com incentivo à reflexão, e com o confronto das soluções em situações adversas. Por esta razão os nossos 633 cadetes continuam a ser

formados na base de um equilíbrio ímpar entre a formação académica, militar e comportamental".

Seguiu-se a leitura de uma mensagem do Chefe do Estado-Maior do Exército, a qual destacou o papel estruturante da Academia Militar na formação dos Oficiais do Exército e da GNR. Nesta cerimónia teve ainda lugar a imposição de condecorações a militares e civis pelas altas entidades presentes.

No final da cerimónia todos tiveram a oportunidade de visitar a exposição "Viver Academia Militar" na Sala de Alunos. A exposição, através das fotografias de António Homem-Cardoso e dos símbolos da Academia Militar materializa as atividades, memórias, e valores que servem de referência às várias gerações formadas na AM. No início desta exposição foi lançado mais um número da Revista Proelium.

Ao longo da exposição apresentaram-se os desafios de ser cadete, que têm marcado gerações de jovens que persistem em servir a Pátria, permitindo unir no tempo e no espaço todos os que se formam nesta Escola, perseguindo o sonho de querer ser Oficial do Exército ou da GNR.

Esta exposição complementa o livro "Viver Academia Militar", alusivo aos 175 anos de existência deste estabelecimento de ensino militar e tem como objetivo divulgar as atividades mais importantes a partir de exposição intemporal, que possa contribuir para a sua promoção nos mais diversos eventos.

Através desta exposição, divulgam-se os pilares essenciais que formam a nossa cultura, os acontecimentos, as atividades, as transformações e as situações, cujo resultado importa enaltecer e evocar, numa clara afirmação de que a AM se constitui como referência e honra as suas tradições, dignificando o passado, e projetando o futuro.

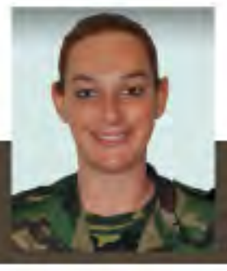
Esta exposição intemporal estrutura-se nas seguintes componentes: espaço – objetivo e missão; espaço - fotografias com cobertura de todas as gerações (sistema dinâmico); espaço - Escola de Comandantes; espaço Marquês de Sá da Bandeira; espaço – Escola; espaço – Ser Comandante e ser Cadete; espaço – Do Comandante; espaço – do Cadete ao Oficial; espaço - investigação, desenvolvimento e inovação com o projeto ROVIM (Robot de Vigilância de Instalações Militares), o projeto FIREND (aplicação no combate a fogos florestais) e a evolução do formato e design da Revista Proelium ao longo de 80 anos. Todos os espaços que compõem a exposição são ilustrados e enquadrados por fotografias de Homem-Cardoso.

Pelas 17h30 decorreu a cerimónia do arriar da Bandeira Nacional na Sede, em Lisboa, e no Aquartelamento da Academia Militar, na Amadora, com as respetivas honras militares.

Pelas 19h30, teve lugar uma homenagem aos serviços prestados pelo Sr. José Manuel Madeira, que se materializou com a colocação de uma placa na entrada do Bar de Alunos na Sede da AM, ficando assim, perpetuado um referencial de atitudes e comportamentos que se querem realçados nos homens e mulheres que servem a Instituição Militar. Efetivamente, em 1963, o Sr. José Madeira, que começou por prestar serviço militar no Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa de Queluz e na Escola Prática de Administração Militar, foi transferido para a Academia Militar, tendo participado, naquele ano, na inauguração do atual Bar de Alunos, no período de Comando do General Humberto Buceta Martins. Pela sua dedicação, capacidade de aprendizagem e elevada simpatia, viria a ser admitido como civil da Academia Militar a 11 de outubro de 1965. Durante 50 anos, o Sr. José Manuel Madeira dedicou-se à Academia Militar – Bar de Alunos, ao longo das várias gerações de Cadetes-Alunos, no qual ficou como uma referência do Homem com uma grande capacidade de bem servir, disponibilidade, frontalidade e amigo.

Pelas 20h30, teve lugar - o tradicional - jantar de ex-alunos, que juntou várias centenas de Oficiais e individualidades que frequentaram os cursos, mestrados e doutoramentos ministrados pela AM. Do jantar realça-se a satisfação de "todos" por ver "velhas e novas caras conhecidas" e o de "colocar a conversa em dia" sobre os temas do dia a dia, em que num "pequeno espaço de tempo" todas as gerações estiveram reunidas.

Dia do Jornal do Exército



Alferes RC Filipa Domingos

Fontes: as fotografias que ilustram este artigo foram cedidas pelo CAVE.

Seiscentas e vinte e três edições depois e volvidos 53 anos, eis que o *Jornal do Exército* (JE) voltou a abrir as portas do Palácio Vilalva, local onde está sediado, para a comemoração de mais um aniversário. Deu-se assim cumprimento, no próprio dia 11 de janeiro, ao despacho do General Chefe do Estado-Maior do Exército, quando a 3 de outubro de 1984, instituiu esta data como o Dia Oficial do *Jornal do Exército*.

A cerimónia do 53.º aniversário presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil, contou com a presença de mais de quatro dezenas de ilustres convidados.

A primeira alocução neste dia festivo coube ao Diretor do JE, Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo, que antes de fazer o balanço de mais um ano, fez questão de agradecer a presença das seguintes entidades: Professor Doutor Adriano José Alves Moreira, Major-General Raul Ferreira da Cunha, Inspetor-Adjunto da Inspeção Geral do Exército, Coronel Tirocinado de Infantaria Rui Davide Guerra Pereira, Chefe de Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), Contra-Almirante Roque Martins, Diretor da Revista da Armada, Coronel Piloto Aviador João Cristo, representante da Revista "Mais Alto" da Força Aérea, Coronel Tirocinado Rio Carvalho e Coronel Manuel de Assis Teixeira Góis, na qualidade de antigos Diretores do JE, Nelson Antunes, Presidente da Freguesia de São João da Pedreira e António Homem Cardoso, fotógrafo.

Passando o ano de 2012 em retrospetiva, o Diretor do JE sublinhou que foram editados onze números *procurando fazer jus ao nosso lema «Informar para bem Servir», sobre o que se vai passando no nosso Exército. Através do nosso trabalho temos partilhado com os nossos leitores, d'aquém e d'além fronteiras algumas importantes missões do Exército fora de Por-*

tugal, nas Forças Nacionais Destacadas, nos Quartéis-Generais Multinacionais e em Missões de Observação, de Ligação e em ações de Cooperação Técnico-Militar.

O esforço levado a cabo por este órgão de Informação, Cultura e Recreio do Exército no sentido de adaptar os conteúdos aos novos paradigmas e constrangimentos que afetam o Exército Português, de modo a promover os seus valores perenes e a sua imagem como exemplo no culto da cidadania foi enfatizado pelo seu Diretor que deixou o compromisso de *procurar um ajuste com inteligência e realismo às exigências de cada tempo, renovando, integrando novas tecnologias e atualizando a imagem gráfica.*

Qualidade, objetividade e modernidade foram palavras de ordem no discurso do Coronel Geraldo para que o JE continue a merecer uma posição digna no exigente panorama das revistas militares nacionais e estrangeiras.

Ao enviarmos o nosso Jornal para todas as Bibliotecas das Escolas Secundárias, Universidades, Câmaras, Juntas de Freguesia; Bibliote-

> Procuraremos (...) merecer uma posição digna no exigente panorama das revistas militares nacionais e estrangeiras.
>
> Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo, Diretor do JE

cas Públicas, estamos conscientes que assumimos uma responsabilidade acrescida. Com esta atitude pretendemos partilhar as nossas qualidades e as nossas virtudes, a nossa realidade que está ao alcance de qualquer jovem, que se assim o desejar, poderá servir Portugal no Exército. Como nem todos os cidadãos vêm ao Exército, vai o Exército aos cidadãos. Porque só amamos aquilo que conhecemos", sublinhou.

Foi com orgulho que o Diretor falou da atividade ininterrupta, que teve início em 1960, desde a qual *o JE tem contribuído, quer para a informação interna, estimulando e fortalecendo o espírito de corpo, quer para a afirmação externa, através das divulgação das múltiplas e relevantes ações desenvolvidas pelo Exército dentro e fora das fronteiras, contribuindo para que os cidadãos conheçam melhor o Exército, fundamentalmente pelo seu exemplo de saber fazer.*

O que ficou dito ao longo de mais de cinco décadas, nas milhares de páginas que compõem o espólio do JE, que pertence ao Exército Português assume-se, na opinião do Diretor, como *pedaços de História do Exército e de Portugal, mas também dos nossos países irmãos na língua, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Timor e, ainda, Índia e Macau.*

De seguida foi lida pelo Coronel de Infantaria Tirocinado Guerra Pereira uma mensagem do General CEME alusiva à comemoração de mais um aniversário do JE, no qual enaltece (...) *o extraordinário contributo que este órgão de informação tem dado para a divulgação de informação interna e para o adequado conhecimento do Exército pela população em geral* (...).

Condecorações e Prémios

Durante a cerimónia, houve a imposição de duas condecorações entregues pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército. A Medalha de Comportamento Exemplar Grau Prata foi concedida ao Primeiro-Sargento de Artilharia Paulo Alexandre Anjos Das Neves, Assistente de Redação do JE. A segunda e última condecoração deste dia festivo, a Medalha de Comportamento Exemplar Grau Cobre foi imposta ao Alferes RC, Nelson Marques Cavaco, redator do JE, na situação de disponibilidade.

Posteriormente seguiu-se a cerimónia de atribuição dos Prémios Literários do JE referentes ao ano de 2012. De sublinhar que este prémio visa estimular a reflexão e a criatividade de militares e civis no tratamento de assuntos com particular interesse para o Exército, nos múltiplos aspetos de que a instituição militar se reveste e que, de alguma forma, enriqueçam o seu património e contribuam para a valorização pessoal e profissional dos autores.

Desta feita, o primeiro prémio foi atribuído ao artigo "Os Desafios Atuais Às Informações Militares", da autoria do Tenente-Coronel de Engenharia, Rui Vieira, Publicado no JE n.º 614, de fevereiro de 2012.

O segundo prémio foi atribuído ao artigo "As Forças Armadas num Mundo em Situação de Anarquia", da autoria do Professor Doutor Adriano Moreira, publicado no JE n.º 613, de janeiro de 2012.

O terceiro prémio foi atribuído ao artigo "Gestores, Lideres e Comandantes", da autoria do Tenente-Coronel de Artilharia, Palma Rosinha, publicado no JE n.º619, de julho de 2012.

Os prémios literários foram entregues em simultâneo aos vencedores pelas mãos do Vice-CEME e pela Dr.ª Conceição Capela, representante do Banco Santander Totta.

Exposição "Humor No Exército Português"

Aquando do seu Cinquentenário, o JE organizou uma Exposição, a que intitulou "50 Anos ao Serviço do Exército", tendo sido destacados alguns dos colaboradores mais antigos, nomeadamente artistas de Banda Desenhada, como José Garcês, Baptista Mendes e José Pires. Desta feita, o JE organizaou a exposição: "Humor no Exército Português", na qual o Coronel Madaleno Geraldo destacou o cartunista Zé Manel, como um dos colaboradores que, na sua opinião, mais se dedicou ao culto do sorriso.

Tenho a certeza que muitos foram os militares ao serviço de Portugal que riram e sorriram ao abrirem o JE, por esse mundo fora, disse. Foi a pensar no culto do sorriso, que dizem ser um dos melhores remédios para não entrarmos em depressão, que este ano o JE organizou uma exposição a que intitulou «Humor no Jornal do Exército», a lembrar uma frase célebre que ouvimos ao Senhor General Aurélio Trindade, diretor da Arma de Infantaria, no bar de Oficiais da Escola Prática de Infantaria, quando era Oficial subalterno: «Temos que trabalhar a sério, mas levar a vida a brincar», citou o Diretor do JE, informando os presentes que a seleção das obras, agora expostas na Biblioteca do Palácio Vilalva, foi o trabalho mais recreativo que efetuou desde que é Diretor deste órgão.

Após o encerramento formal da cerimónia pelo Tenente-General Vice-CEME, o presidente da Junta de Freguesia de São Sebastião da Pedreira, Nelson Pinto Antunes, desde há muito, com presença assídua nas cerimónias oficiais realizadas no antigo Quartel-General da Região Militar de Lisboa, e numa altura em que se prevê a extinção da sua freguesia, usou da palavra, enaltecendo o sempre excelente relacionamento entre a autarquia e forças do Exército presentes no Palácio Vilalva. Presenteou o JE com um medalhão representativo da freguesia, que incluia uma dedicatória inscrita.

Discurso do Professor Doutor Adriano Moreira

Na presença do Professor Doutor Adriano Moreira, e à semelhança da intervenção de orgulho e agradecimento por parte do Diretor do JE, para com a presença de tão ilustre convidado e vencedor de um dos prémios literários, o Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército manifestou também o seu apreço e gratidão em nome do Exército para com o Professor Doutor Adriano Moreira. Segundo as suas palavras, *Sua Excelência é uma referência nacional e para a instituição militar, no que concerne à dignidade, honradez e sentido de Estado, o que é, e o que constitui um dos últimos bastiões deste país e que nós, militares, nos honramos de defender e continuar a praticar no nosso dia a dia. E isto é fundamental para uma instituição como a nossa de soberania e dos últimos garantes dos valores da pátria.*

Perante tais palavras, e comovido com este ato, o Professor Doutor Adriano Moreira também proferiu alguns comentários:

Depois deste agradecimento sincero, queria lembrar, apenas, neste momento, que o país atravessa uma crise que não tem paralelo na minha experiência anterior na vida desta nação, em que os valores institucionais estão a ser deteriorados em todas as instituições que são fundamentais para manter a identidade com dignidade na comunidade internacional. E eu assisti a vários fenómenos que se foram agravando.

Em primeiro lugar foi uma evolução muito rápida para um Estado exíguo, um Estado com deficiência na relação de recursos e objetivos para que foi criado, mas nunca pensei que havia ainda de, na minha longa vida, encontrar o país submetido a um regime de protetorado, em que neste momento o país se encontra.

Isto exige um esforço enorme, e sobretudo um esforço que tem que se basear em valores, e essa é a meu ver a pior crise que estamos a atravessar. E entre esses valores, a mais grave é a crise da confiança. Não temos confiança nas Nações Unidas, que estão enfraquecidas, têm objetivos do milénio que não vão cumprir. Dizem-nos que temos uma crise global que ninguém define. Ninguém convoca o Conselho Económico e Social das Nações Unidas, que é a única entidade que existe para enfrentar uma crise global. E por outro lado, verificamos todos os dias que uma evolução que levou séculos, que foi dar expressão legal num documento dignificado com o nome de Constituição, com Direitos e Deveres fundamentais, que constam de uma declaração de direito a ser substituída pela declaração de impostos, o que é um golpe tremendo naquilo que são os valores nacionais e a sua definição.

Há um ponto em que eu insisto e volto a fazê-lo. Tivemos muitas vezes em Portugal uma situação em que sofremos as consequências de causas em que não participámos. Tivemos sacrifícos e desastres tremendos na I Guerra Mundial sendo

que não participámos nas causas, participámos nos efeitos. Na II Guerra também nos aconteceu isso, mas há uma demonstração que fizemos, que foi quando a Carta das Nações Unidas deixou de vigorar porque passou a vigorar uma ordem militar através da Nato e do Pacto de Varsóvia.

Durante 50 anos de regime internacional militar não há um único caso de reprovação ou censura à intervenção de um Oficial Português e com certeza não era pela dimensão das Forças Armadas que tínhamos. Era pelos valores e pelo saber fazer. É o respeito pela competência.

Acontece que no sistema de ensino que temos em Portugal, neste momento, a única instituição que já fez a conjugação das Ciências Exatas com as Ciências das Humanidades é o Ensino Militar. Não há mais nenhuma que o tenha feito. E uma das crises da Europa a que pertencemos e do país em que vivemos e do Ocidente a que também pertencemos é que as Humanidades foram secundarizadas. As faculdades de Humanidades ainda no século passado eram as mais importantes do país. Neste momento, estão completamente desconsideradas, exceto no Ensino Militar.

É o único ramo do ensino onde estas duas coisas estão reunidas, que é uma das exigências para parar a decadência da Europa, do Ocidente e a nossa própria, na qual vamos arrastados. De todas as restrições que estamos a sofrer, há uma que tem que ser salvaguardada. É o saber fazer. As instituições de Ensino Militar, de pensamento nas Forças Armadas, sejam quais forem as dificuldades, sabem que há um limite, que é o saber fazer. E isso tem que ser preservado.

O saber fazer é um limite que não pode ser ultrapassável, porque uma vez ultrapassando o limite, também se ultrapassa o exemplo, e já chega pelo que conta à decadência e à crise dos valores termos extinto o Serviço Militar Obrigatório. Continuo a achar que foi um atentado ao processo de integração do país, num momento gravíssimo de mudança, porque tudo assentava no vosso ensino, no exemplo e na defesa da fronteira e neste momento a fronteira é um apontamento administrativo. Não coincide com a fronteira política que é a da União Europeia, não coincide com a segurança que é a da Nato.

Onde é que está o eixo da roda? Onde é que está o valor fundamental de integração que tem que ser mantida quando muda tanta coisa à nossa volta? Uso muitas vezes este exemplo do eixo da roda. A roda anda, passa por todas as paisagens, todas as mudanças e o eixo acompanha a roda mas não anda. Pois aquilo que nós precisamos é que as virtudes das Forças Armadas sejam o eixo da roda, que pertençam àquele apoio que acompanha a roda em qualquer mudança mas não anda, porque a salvaguarda dos valores é fundamental.

A última coisa que eu espero que não aconteça é que a Declaração de Direitos e Deveres seja substituída pela declaração de impostos, concluiu.

Mensagem do CEME no dia do JE

Oficiais, Sargentos, Praças, Funcionários Civis e Colaboradores do Jornal do Exército

Evocamos hoje, 53 anos passados sobre a primeira edição do Jornal do Exército, o extraordinário contributo que este órgão de informação tem dado para a divulgação de informação interna e para o adequado conhecimento do Exército pela população em geral.

O Comandante do Exército expressa a sua satisfação por mais este aniversário, dirigindo uma palavra de incentivo e de apreço pelo dignificante trabalho, que ao longo destes anos tem sido desenvolvido por sucessivas gerações de homens e mulheres, que orgulhosamente servem ou serviram neste prestigiado Órgão de Informação do Exército, de forma dedicada e profissional.

Ao longo destes 53 anos de existência, o Jornal do Exército evoluiu consideravelmente e soube adaptar-se em cada época, com inteligência e realismo, às diferentes realidades do Exército e do País, inovando formatos, publicando conteúdos com atualidade e pertinência, melhorando processos e integrando as novas Tecnologias de Informação e Comunicação disponíveis, com o objetivo de melhorar a sua qualidade, conferindo-lhe um merecido destaque no exigente e competitivo panorama das publicações militares nacionais e estrangeiras.

O Jornal do Exército, desde a publicação do seu primeiro número, assumiu a missão prioritária de difusão de informação simples, acessível e atraente, sobre assuntos especificamente militares e de caráter geral, e sobre as diversas atividades desenvolvidas pelo Exército, assumindo-se como um elo unificador entre militares e civis que servem, ou serviram, nas diferentes Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, das Forças Armadas e Organismos Públicos. Através dos seus artigos, este meio de informação agrega vontades, partilha valores, experiências e aspirações comuns, cumprindo o objetivo principal da sua criação – o de contribuir para a manutenção do moral das tropas, para o fortalecimento da camaradagem e para a consolidação do espírito de corpo, na senda da longa tradição da Imprensa Militar portuguesa. Constitui também um excelente meio de afirmação externa, através da divulgação clara, precisa e oportuna da permanente evolução do Exército e das múltiplas e relevantes missões cumpridas, dentro e fora de fronteiras, em prol de Portugal, constituindo uma fonte de inestimável valor para o seu estudo.

Em boa hora o Jornal do Exército decidiu atribuir um prémio anual para estimular a reflexão e a criatividade de militares e civis no tratamento de assuntos com particular interesse para o Exército, desafio que tem registado larga adesão ao longo dos anos, constituindo um valor acrescido para uma publicação com lugar destacado no conhecimento e no tratamento de assuntos de interesse para a Instituição Militar.

Militares, Funcionários Civis e Colaboradores do Jornal do Exército

Nesta data especial, presto a merecida e justa homenagem à generosidade, profissionalismo e

espírito de sacrifício, de todos os militares, funcionários civis e colaboradores que, ao longo dos anos, nas tarefas mais simples ou nas mais exigentes, concorreram com o seu esforço anónimo, dedicado e persistente, para que o conteúdo do Jornal do Exército contribuísse para a informação interna e para a consolidação de um melhor conhecimento dos militares e do Exército, pela Sociedade Civil nacional.

Os desafios da modernidade são muitos e as tarefas que se vislumbram são porventura, complexas, exigindo grande sensibilidade, criatividade e capacidade de inovação nas soluções preconizadas.

Porém, o Comandante do Exército está ciente de que por mais difíceis e complicadas que sejam as circunstâncias, a vossa determinação, inteligência, e elevada dedicação, são o garante de que a missão do Jornal do Exército continuará a ser cumprida com sucesso, prestigiando o Exército, ao serviço de Portugal.

Lisboa, 11 de janeiro de 2013
O Chefe do Estado-Maior do Exército
Artur Pina Monteiro
General

Tenente-Coronel Artilharia Hélder Silva Perdigão*

A COMUNICAÇÃO E AS RELAÇÕES PÚBLICAS NO EXÉRCITO

Tememos as coisas
na medida em que as ignoramos
Tito Livio

Abstract

O Exército e os Órgãos de Comunicação Social (OCS) sempre tiveram um relacionamento de proximidade e de respeito institucional, todavia, o desconhecimento mútuo destas organizações levanta por vezes algumas incompreensões e até interpretações distorcidas da realidade, criando na opinião pública perceções erróneas sobre a nossa verdadeira atividade.

Introdução

O presente artigo procura motivar e sensibilizar o leitor uma vez que todos nós, independentemente da função que desempenhamos na instituição militar, somos diariamente escrutinados pelos *Media* (jornalistas e OCS) como "imagem e/ou embaixadores" da instituição em geral e, do Exército, em particular. Assim, apresenta-se uma reflexão sintética sobre a Comunicação e as Relações Públicas (CRP) no Exército, no sentido de auxiliar à compreensão desta temática, baseada na experiência do autor como primeiro responsável por esta área durante quase cinco anos.

Sem pretender ser exaustivo nem teórico sobre a CRP, independentemente da existência de um vasto conjunto de referências bibliográficas sobre o assunto, o Exército faz uso das técnicas de comunicação, designadamente a Informação Pública (IP) e as Relações Públicas (RP), para passar as suas mensagens institucionais. Considera a IP como o "conteúdo/essência" da informação a ser divulgada e as RP como a "forma" de transmitir esse conteúdo. Face a esta abordagem superficial facilmente se deduz que ambas as técnicas são inseparáveis para o sucesso comunicacional.

O artigo foca-se, fundamentalmente, na CRP em tempo de paz, excluindo-se assim a comunicação em Operações, onde praticamente tudo é planeado, devidamente pensado e treinado, existindo inclusivamente doutrina específica para este fim.

A razão e oportunidade deste artigo advém dum conjunto de desafios e solicitações que têm sido feitas ao autor, no apoio a diversos trabalhos académicos e comunicações que tem proferido, tendo em vista testemunhar a sua vivência e divulgar o seu entendimento sobre esta temática.

1. Caracterização sumária dos OCS

Sendo certo que nem todos os *Media* se revejam nas considerações que se seguem, podemos afirmar que genericamente se constituem como modeladores de perceções e influenciadores da opinião pública, funcionando como *interface* entre a instituição militar e a sociedade. Constata-se que existem diferenças significativas se estratificarmos os OCS em nacionais, regionais ou locais, tal como há abordagens diferentes aos assuntos se falarmos em televisão, rádio ou imprensa escrita (essencialmente jornais). Neste contexto, não podemos nem devemos descurar a *Internet* (redes sociais incluídas), na sua crescente divulgação de conteúdos, em especial devido à sua rapidez, número de seguidores e abrangência.

Correndo o risco da generalização, se compararmos a instituição militar com os *Media*, confrontamo-nos com um verdadeiro "choque cultural", uma vez que no campo dos jornalistas, cada vez mais, encontramos: generalistas e jovens (muitos deles estagiários); uma grande ânsia de protagonismo e de mostra de trabalho (ambiciosos, curiosos, imprevisíveis, bem-equipados, céticos, ...); um individualismo e um espírito competitivo imensurável; uma estrutura hierárquica difusa (importante na obtenção de respostas rápidas); e, no domínio dos OCS, um mediatismo extremo em sintonia com os interesses da sociedade. Por oposição, os militares deparam-se com: um cada vez maior grau de profissionalização e especialização; o trabalho em equipa/grupo; uma estrutura hierarquizada (fator determinante na demora de respostas aos OCS); uma discrição e sobriedade inerentes à instituição militar; e ainda um código ético que limita a atitude comportamental. Na opinião do autor estes fatores antagónicos levam, muitas vezes, à falta de entendimento sobre a forma de ser/estar dos jornalistas e dos militares. Relevo ainda que embora os jornalistas sejam, na sua essência, independentes e isentos nas suas apreciações e abordagens, no entanto os OCS partilham uma lógica claramente empresarial (função da procura incessante do aumento de tiragens, índices de audiências, lucro, ...), de guardiães da sociedade e observadores do Estado, por vezes descontextualizando as situações vividas e/ou as afirmações produzidas.

Temos ainda que estar cientes que a proliferação de OCS em Portugal criou uma enorme competitividade entre os mesmos, havendo uma imperiosa necessidade de criar/divulgar eventos. Esta realidade implica, da nossa parte, a necessidade de responder em conformidade, garantindo informação precisa e atempada (o tempo-real é, cada vez mais, determinante), sempre numa perspetiva de pró-atividade, colaboração e de não reação aos acontecimentos.

2. A Comunicação no Exército

No âmbito da comunicação no Exército devemos de início distinguir a comunicação planeada da inopinada. Na primeira os riscos comunicacionais são minimizados, por tudo ser pensado ao detalhe (desde o tipo de mensagem a transmitir, o que fazer, onde, quando, como, ...). A gestão deste tipo de comunicação é pois mais fácil e controlável. No caso da comunicação inopinada, essencialmente afeta a situações de crise (acontecimentos fora da rotina/normalidade, com impacto social e mediático – acidentes ou incidentes não esperados), apesar de poder haver conhecimento adquirido do antecedente e orientações sobre o que se deve ou não fazer/dizer, tudo parece ser posto em causa e o *stress* pode ser generalizado. A comunicação inopinada, face à sua possível e provável exposição mediática, deve ser centralizada ao mais alto nível do Exército e gerida por quem tem mais formação e conhecimento neste tipo de ambiente onde são determinantes no sucesso comunicacional, a calma, o bom-senso e a ponderação.

Tendo em consideração este breve enquadramento e sabendo-se que perante a opinião pública "os eventos acontecem da forma como são noticiados" e que "o nosso trabalho não é impedir que as notícias saiam, mas tentar que as mesmas não

sejam divulgadas de forma deturpada" , vamos desenvolver um pouco a CRP no Exército sob a perspetiva da comunicação em tempo de paz.

2.1. Plano de Comunicação do Exército

É o documento estruturante que enquadra todo o processo comunicacional, deverá ser do conhecimento geral de todos os militares e civis que servem o Exército e, obviamente, posto em prática por todos os intervenientes institucionais (independentemente das suas funções/postos). Neste documento encontra-se plasmada a estratégia de comunicação do Exército, no domínio externo e interno e em consonância com a visão do General Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), relativamente aos objetivos comunicacionais estabelecidos bem como os grupo-alvo a atingir.

A comunicação baseia-se no princípio da centralização, ao mais alto nível, no que respeita ao planeamento, conceção, coordenação e controlo e, como já foi referido, em situações de crise. Opostamente, a execução do processo comunicacional é descentralizada, tirando partido da dispersão geográfica das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos (U/E/O), uma vez que têm uma relação próxima com as comunidades onde estão inseridas, conhecendo os seus reais interesses, anseios e expectativas.

Quanto à comunicação interna, esta destina-se a divulgar a informação organizacional a todos os seus militares e civis, no ativo, reserva ou reforma, assim como às suas respetivas famílias (família militar). Pretende-se com esta comunicação que os recursos humanos estejam informados, pelo canal oficial, e assim contribuírem para a eficiência, a partilha do sentimento de pertença da organização, bem como o comprometimento e a identificação de todos para com os valores institucionais. Este tipo de comunicação pode materializar-se, entre outras formas, através da *intranet*, no Jornal do Exército, nas *newsletter*, nas atividades inerentes ao programa D. Afonso Henri-

Fonte: a imagem da página anterior é da autoria do 1º Cabo João Anastácio/GabCEME.

ques, por *mailing* ou por informação descendente.

No que respeita à comunicação externa, como o próprio nome indica, visa divulgar o Exército a um público estranho à instituição, de forma a dar a conhecer as nossas atividades aos grupos-alvo selecionados. Esta atividade procura incentivar e melhorar o relacionamento e intercâmbio entre a denominada sociedade civil (de onde, em boa verdade, todos somos provenientes e estamos ligados) e o Exército, com vista a criar um maior espírito de abertura e de proximidade. A comunicação externa pode realizar-se com o recurso de um conjunto significativo de meios, como a *Internet*, revistas, exposições, cerimónias, exercícios abertos ao público, uma política de porta-aberta das U/E/O, concertos (onde as nossas bandas/orquestra são uma referência musical em todo o país), demostrações hípicas ou gímnicas (outras referências nacionais), seminários, conferências, entre outras ações.

No contexto comunicacional existem algumas mensagens-chave pré-definidas que deverão ser do conhecimento de todos os militares e civis do Exército e aplicadas quando necessário. Assim, poderemos eleger algumas como fundamentais, de que é exemplo "Um Exército Empenhado e Solidário" ou a "Competência e Inovação", entre outras mensagens complementares. Verifica-se que qualquer atividade que o Exército realize cabe, garantidamente, em uma ou mais das mensagens-chave.

2.2. A relação entre o Exército e os OCS

Independentemente da situação em causa, qualquer militar quando abordado por um jornalista de um qualquer OCS, tem que se assumir como um embaixador da instituição militar em geral, do Exército e da sua U/E/O em particular. Deve ser conhecedor das mensagens-chave e aplicá-las à situação concreta. Naturalmente que só deve falar daquilo que sabe e de factos confirmados, dizendo apenas a verdade e nunca emitir opiniões pessoais. Como recomendação básica neste ambiente, sugere-se que interpretamos a relação com os OCS como estando sempre "*on the record*", não os substimando e não especulando sobre situações desconhecidas ou hipotéticas.

Ao nível de topo da instituição, o responsável pela CRP tem que ter uma clara perceção da real motivação dos *Media* para uma determinada reportagem/cobertura, assim como deve ser conhecedor da conjuntura mediática do momento (pode minimizar ou potenciar a nossa ação). Neste sentido, é manifestamente determinante fazer-se uma análise detalhada da imprensa, tendo em vista obter atempadamente uma visão global das tendências dos *Media*.

No que respeita ao porta-voz oficial do Exército, há que ter a noção que este oficial funciona como "fusível" da instituição (se a ação comuni-

Fonte: esta imagem e a imagem da página seguinte: CAVE.

cacional for bem sucedida a instituição sai ganhadora e se, porventura, for mal conduzida/interpretada, será a sua imagem pessoal que ficará em causa, além da instituição sair perdedora). Tem que estar em perfeita sintonia e ter a confiança do General CEME, ser conhecedor dos assuntos e, sobretudo, em situações de crise, deverá ser o primeiro a divulgar a posição/mensagem oficial do Exército (devendo preservar numa primeira fase, desta forma, a exposição mediática do representante máximo da instituição). Há que ter a consciência que é praticamente impossível o porta-voz saber tudo o que se passa em detalhe sendo necessário que, as entidades envolvidas no processo comunicacional do Exército, o informem em tempo útil e com o máximo rigor possível.

Em situações de crise, no caso da televisão ou da rádio, tendo por base o princípio da oportunidade na divulgação da nossa mensagem e que o porta-voz é conhecedor do assunto em causa, é preferível fazer-se um "direto" em detrimento dum "diferido", porque assim a mensagem não corre o risco de ser "editada" ou descontextualizada. No caso da imprensa, sempre que possível, as questões/respostas deverão ser dadas por escrito para que, em caso de diferendo, seja possível mais facilmente acionar o "direito de resposta".

No caso da comunicação de eventos planeados, ou num contexto em que seja necessário entrar em detalhes altamente especializados ou sobre temáticas muito concretas, deverá ser designado um porta-voz específico para o efeito, normalmente o responsável pela atividade/matéria em causa.

2.3. A cobertura de eventos

Tendo o Exército, desde 2007, Planos Gerais de Comunicação bem estruturados e completos, considerados por profissionais de referência como documentos de excelência e sendo conhecedor das regras básicas do funcionamento dos OCS, porque temos a perceção de que existem dificuldades em conseguir passar a imagem institucional do Exército? Ou, expresso de outra forma, tendo o Exército um grande número de atividades com interesse não deveria ter uma cobertura mediática conforme? Ou ainda, porque são os acidentes/incidentes tão mediatizados?

Tendo por base a experiência real no terreno, observamos que, apesar dos acontecimentos serem muitas vezes dignos de registo a nível dos OCS regionais/locais, as perceções dos "*opinion makers*" e da sociedade em geral são condicionadas pela forma como os OCS nacionais divulgam

os acontecimentos, em especial pela televisão (OCS com mais impacto na modelação de perceções, atendendo à sua transmissão de imagens e ao seu significativo nível de audiências). Neste domínio é importante realçar que a nossa descentralização não é benéfica porque, a nível das pequenas cidades (onde estão sediadas a generalidades das U/E/O), não há cobertura de OCS nacionais e os que existem nas proximidades (delegações regionais/correspondentes) são manifestamente insuficientes para cobrir todos os eventos que se desenrolam na região. Complementarmente, aos eventos militares de rotina em grandes cidades, também não é garantida muita visibilidade, porque são enúmeros os eventos nestas áreas geográficas e os OCS naturalmente selecionam aqueles que têm maior aceitação junto da opinião pública.

Também devemos ter a noção que, para os *Media* em geral, só é notícia o que sai da norma e é inovador. Conhecendo esta filosofia, temos que ser imaginativos, de forma a criar "novas roupagens" para as nossas atividades. Assim, os principais responsáveis pela CRP devem ser conhecedores de todas as atividades/eventos do Exército, de forma a poder escaloná-los no tempo e aproveitar as oportunidades de divulgação. Neste âmbito, há que ser criativo na divulgação das nossas cerimónias militares (criar situações novas em locais diferentes) e conseguir realizar algo que possamos dizer "pela primeira vez ...". Há igualmente que criar novos "rótulos" para divulgar o nosso apoio às diferentes missões onde estamos permanentemente empenhados (exemplo dos recursos humanos e materiais afetos à prevenção/combate a incêndios, a cheias, a ações de prevenção NBQR, etc) ou nas nossas ações solidárias e de apoio à comunidade em geral (abertura de estradas, aeródromos, ...).

No domínio da comunicação inopinada os *Media* mais responsáveis tentam obter a posição oficial da fonte institucional mas, se estivermos indisponíveis ou demorarmos na resposta, perde-se a oportunidade de passarmos a nossa mensagem, sendo que os OCS vão procurar outra(s) fonte(s) de informação que, com ânsia de protagonismo, responderão, mesmo não sendo conhecedoras da situação, não sendo detentoras de toda a verdade e não sendo imparciais na sua avaliação.

Se atendermos ao exemplo dos Exercícios/Operações constatamos que temos uma filosofia de atuação peculiar, função do tipo de missões específicas duma Força terrestre, claramente focada na segurança dos militares, na discrição, no fator surpresa, na inexistência de recursos orgânicos destinados à obtenção de imagens e, aliado a um eminente risco, o facto de se desconhecer a forma de atuação dum potencial inimigo/opositor/adversário. Tudo isto são fatores suficientes para não se conseguir obter uma cobertura adequada e desejada.

Fontes: esta imagem: 2.bp.blogspot.com; imagem da página seguinte: www.mlfonseca.net.

A título comparativo, sem qualquer tipo de comentário depreciativo, verificamos que as atividades de rotina dos outros Ramos e Forças de Segurança (missões de busca, salvamento, vigilância, fiscalização, ...) estão mais focalizadas com os fins teleológicos do Estado (segurança e bem-estar) e diretamente ligadas à prevenção, proteção e salvaguarda da "vida humana", matérias de grande visibilidade e afeto, que criam na opinião pública um profundo sentimento emocional, sempre consideradas uma oportunidade mediática. Percebendo isto e sendo o tipo de missões claramente favorável à sua divulgação, aliado à existência de recursos humanos e materiais orgânicos destinados à captura de imagens, basta-lhes disponibilizar essas mesmas imagens e contar a sua versão dos factos para que os OCS transmitam essa mesma reportagem (não sendo assim necessário deslocarem recursos jornalisticos para estes fins).

3. Desafios futuros

Relativamente a este particular, seguem algumas observações que poderão eventualmente melhorar a nossa imagem institucional e as relações com os *Media*.

A maior permanência e estabilidade em funções dos responsáveis pela CRP é claramente vantajosa para a instituição, para os próprios e para os *Media*, porque cria uma relação de confiança mútua, dá credibilidade dentro e fora da instituição e garante um melhor conhecimento do histórico das situações. Certamente que este assunto tem que ser ponderado e compatibilizado à luz das oportunidades e expectativas de carreira dos militares que servem neste domínio.

O uso de jornalistas generalistas manifesta-se no desconhecimento dos assuntos militares e na desconfiança que têm da nossa organização. Como forma de minimizar esta situação devemos continuar a investir em ações de formação conjuntas (tipo curso de jornalistas em zonas de conflito ou outras atividades similares) ou mesmo através da promoção de conferências de imprensa, predefinidas no tempo (trimestrais/semestrais), com informação sobre diversas temáticas de mútuo interesse (pessoal, material, operações no exterior, cooperação técnico-militar, apoios a entidades civis, legislação, etc).

Tendo em vista a transição para uma política mais pró-ativa na área da CRP, deve-se continuar a sensibilizar o maior número de militares possível (de forma a que toda a estrutura orgânica do Exército perceba definitivamente o interesse desta filosofia), através de palestras/conferências nos diversos cursos de formação/promoção a oficiais/sargentos/praças, através da inclusão de eventos de comunicação nos exercícios, ou ainda na continuação de iniciativas do tipo seminários/ *workshops* com a participação de profissionais dos *Media*.

Conhecendo-se a atual conjuntura sócio-económica do país, as motivações jornalísticas e tendo o Exército, no âmbito das suas missões constitucionalmente atribuídas, responsabilidades na colaboração com a Proteção Civil e tarefas relacionadas com a satisfação de necessidades básicas e da melhoria da qualidade de vida das populações, poderemos explorar esta vertente no sentido de potenciar a nossa imagem institucional. A título de exemplo, durante os exercícios militares, poderemos treinar as U/E/O no apoio direto às populações (através de cuidados básicos de saúde, no apoio da Engenharia Militar na melhoria de caminhos, na entrega de víveres aos mais necessitados, no transporte dos mais carenciados, na distribuição de água, na disponibilização de energia elétrica onde ainda não exista, ...).

A nível de Forças Armadas/Defesa deverá apostar-se num sistema de acreditação de jornalistas especializados em Defesa, garantindo-lhes alguns acessos privilegiados, divulgação de informação em primeira-mão e participação exclusiva em conferências de imprensa específicas, etc.

4. Considerações Finais

O artigo em causa pretendeu dar a conhecer um conjunto significativo de variáveis (muitas delas não controláveis), circunstâncias e considerações várias que influenciam o processo comunicacional.

No que respeita aos *Media* destaca-se a importância da análise estatística da imprensa em geral, no sentido de se registar o seu histórico, ter uma perceção nítida do seu funcionamento e das motivações jornalisticas, assim como conhecer a conjuntura mediática do momento, além de permitir monitorizar a perceção que a opinião pública vai tendo do Exército.

Sobre os Planos de Comunicação, torna-se evidente que deve existir um documento que expresse a visão estratégica da instituição sobre a CRP, nas suas vertentes interna e externa, com orientações e mensagens específicas, tendo em vista a boa gestão comunicacional.

Quanto à organização da CRP no Exército, o tempo de permanência dos seus responsáveis nas funções, mais do que a formação específica nesta área, dá um conhecimento sustentado, à vontade, cria relações de confiança e credibilidade, tanto a nível externo como interno.

Relativamente à relação entre o Exército os OCS e a respetiva cobertura mediática, tendo em vista minimizar a perceção que somos uma organização fechada, obsoleta e distante dos reais problemas da sociedade, há que manter em todas as nossas atividades uma inabalável postura ética, uma inequívoca transparência e uma abertura e proximidade contantes, aliada a uma irrepreensível honestidade nas nossas ações. Devemos continuar a cumprir as missões de sempre mas com uma abordagem diferente, sendo fundamental introduzir numa nova "rotulagem" nas nossas atividades, recorrendo à nossa criatividade e espírito inovador.

Por último registamos que, resultado da análise estatística da imprensa e tendo em consideração alguns estudos mais científicos e independentes sobre o assunto, o Exército é uma das instituições mais credíveis em Portugal, o que nos motiva a continuar o nosso *status quo* e, se possível, melhorá-lo, recorrendo ao nosso profissionalismo, bom-senso e ponderação para cada vez mais projetarmos positivamente a "marca" Exército junto da sociedade.

Referências Bibliográficas

Plano Geral de Comunicação do Exército 2007 – 09.

Plano Geral de Comunicação do Exército 2010 – 11.

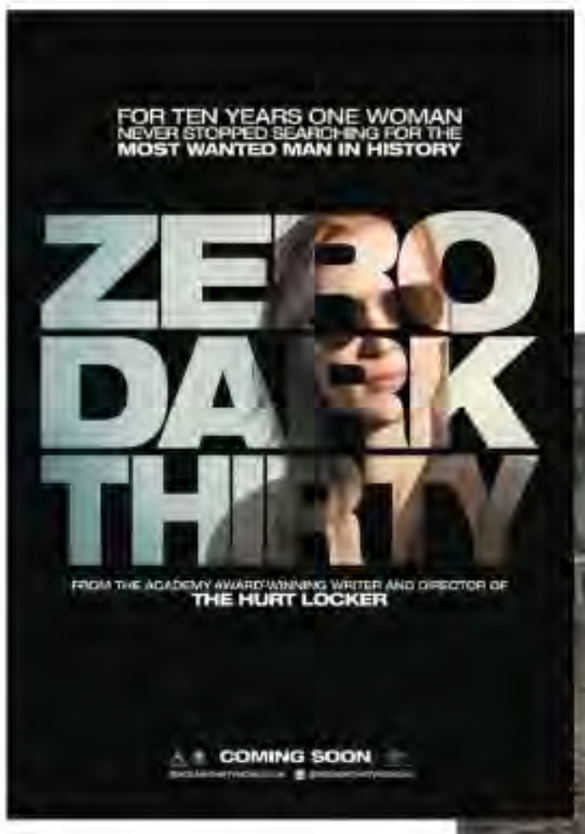
Plano Geral de Comunicação do Exército 2012 – 14.

* O autor desempenhou funções de Porta-voz do Exército e Chefe da Repartição de Comunicação, Relações Públicas e Protocolo (RCRPP) do GabCEME, entre 2007 e 2011. Presentemente, encontra-se a desempenhar funções de Chefe do *Intelligence Targeting*, no HQ NRDC-SP (Valencia / Espanha)

Filmes & Jogos

00:30 Hora Negra

Drama e ação, em exibição nas salas de cinema de todo o país



Durante dez anos, uma equipa secreta de elite levou a cabo a perseguição e captura de um dos homens mais procurados do mundo: Osama bin Laden. Liderados por Maya (Jessica Chastain), agente da CIA responsável pela operação, os militares protagonizam uma operação militar ultrassecreta, no Paquistão, cujo desfecho resulta na eliminação do líder da Al Qaeda, em maio de 2011.

Como curiosidade, o título original do filme – "Zero Dark Thirty" – é uma expressão usada pelos militares para referir uma hora não especificada da madrugada.

O filme "00:30 Hora Negra" está a gerar polémica. A realizadora, Kathryn Bigelow, abre a discussão sobre a legitimidade da tortura na batalha contra o terrorismo, embora a sua intenção fosse "ilustrar as ambiguidades, contradições e complexidades" da perseguição incessante de Bin Laden que durou uma década.

Irmãos de Armas

Drama e Guerra – Pack de 6 DVD

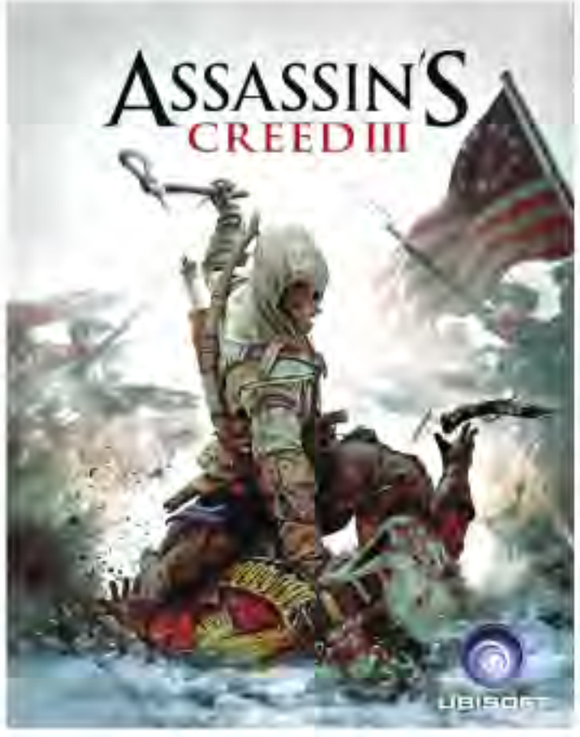
Passaram já dez anos sobre o lançamento de "Irmãos de Armas" (*Band of Brothers*) vencedor de um "Globo de Ouro" para melhor minissérie ou filme feito para televisão. Pela sua qualidade excecional, esta série de 10 episódios mantem-se incontornável dentro do género – *guerra*.

Produzida em 2001, pela dupla de sucesso Tom Hanks/Steven Spielberg, "Irmãos de Armas" narra os percalços da Companhia Easy da 101ª Divisão Aerotransportada dos EUA, no cenário da Segunda Guerra Mundial, desde a preparação dos militares ainda em solo americano, passando pelo desembarque na Normandia (o famoso "dia D"), até à captura do "Ninho da Águia", a fortaleza de Hitler, nos Alpes, em Berchtesgaden.

Tendo como base horas de entrevistas a sobreviventes e familiares, "Irmãos de Armas" destaca-se sobretudo pela convincente aproximação ao real. Os custos elevados da produção permitiram recriar o cenário com elevado grau de verosimilhança; restauraram-se viaturas da Segunda Guerra Mundial, foram usados aviões C-47 e 700 armas autênticas, e entraram em cena cerca de dez mil figurantes. Os DVD incluem entrevistas, um documentário e uma reportagem.

Assassin's Creed III

Jogo de ação , Playstation3, X Box 360, Wii U, Windows



Tendo como cenário de fundo a Revolução Americana do Séc. XVIII, "Assassin's Creed 3" apresenta um novo herói Ratonhnhaké:ton, filho de pai britânico e mãe indígena, criado na tribo dos índios Mohawks.

Depois de a sua tribo ter sido atacada pelos colonizadores brancos, Connor Kenway, nome adotado pelo herói, envolve-se na luta contra a tirania, tornando-se no porta-voz pela justiça, na guerra ancestral entre assassinos e templários.

Explorando a atmosfera da Guerra da Independência dos EUA, os jogadores viajam das fronteiras selvagens às urbes coloniais e combatem batalhas, intensas e caóticas, onde o exército de George Washington se confrontou com os invasores ingleses.

Só para maiores de dezoito anos, "Assassin's Creed 3" proporciona uma experiência de jogo de combate das mais estilizadas e fluídas como ainda não tinha aparecido no mercado.

Livros & Revistas

O Corredor de Lamel – 68 Guiné 69

Este livro, que tem como protagonista o Alferes Gabriel, é, como se refere na breve nota introdutória, um alferes modelo, que quer servir de exemplo aos homens sobre o seu comando. O livro transparece permanentemente a experiencia de quem viveu e combateu na Guiné, mas não se perde apenas nas descrições do ambiente militar. As relações humanas, com camaradas e a grande amiga, que deixara em Lisboa, dão ao romance uma energia que não nos deixam parar de ler.

Para os que não viveram a experiencia da guerra, mas que se interessam por esta temática, este romance é muito agradável. Para os que combateram em África, em particular na Guiné, irão reencontrar as suas próprias memórias.

Ganança, Guilherme Costa, *O Corredor de Lamel – 68 Guiné 69 –*, Chiado Editora, Lisboa, 2012.

Salazar, Caetano e o "Reduto Branco"

Quando os movimentos nacionalistas iniciaram, na década de 1960, as suas guerras de libertação, começou também para o governo português, uma "luta" diplomática para manter aquilo que considerava como vital para o regime: as províncias ultramarinas. São conhecidos os esforços diplomáticos feitos junto do governo Americano, da ONU, e de outras instâncias internacionais. No entanto, como refere Luís Nunes Rodrigues no prefácio desta obra, *houve uma outra dimensão da atividade diplomática e das relações internacionais do Estado Novo que tem merecido menos atenção da historiografia portuguesa e internacional: as relações político-diplomáticas de Portugal com os países da África Austral, nomeadamente com a África do Sul, a Rodésia, o Malawi e a Zâmbia. É justamente esta lacuna que o livro de Luís Barroso agora dado à estampa vem preencher*. O Tenente-Coronel de Infantaria Luís Fernando Machado Barroso nasceu no Porto, em 1967, e possui o Curso de Estado-Maior do IAEM e das Fuerzas Armadas de Espanha. Doutorado em Defesa e Relações Internacionais pelo ISCTE-IUL em colaboração com a Academia Militar, é também autor do livro *Salazar e Ian-Smith: O Apoio de Portugal à Rodésia* (2009) e de vários artigos publicados em revistas. Atualmente é professor no Instituto de Estudos Superiores Militares e investigador no CISDI e no CEHCP.

Barroso, Luís Fernando Machado, *Salazar, Caetano e o "Reduto Branco" – A Manobra Politica-Diplomática de Portugal na África Austral (1951-1974)*, Fronteira do Caos Editores, Porto, Outubro 2012.

Reportages de Guerre

Está à venda, em alguns quiosques, a revista francesa de assuntos militares *Reportages de Guerre*. Este número, o n.º P4 desta revista trimestral, é dedicado aos paraquedistas franceses na guerra da Argélia 1955-1958 – *Les Bigeard Boys* do famoso Coronel Bigerad, um dos grandes da história militar de França.

Militar do Exército no Campeonato do Mundo de Paraquedismo

Os Emirados Árabes Unidos foram o palco do 32.º Campeonato do Mundo de Paraquedismo, na modalidade de Precisão de Aterragem. Dos cinco atletas que representaram a Federação Portuguesa de Paraquedismo, o Primeiro-Sargento de Infantaria "Comando", Bruno Batista, colocado no Regimento de Infantaria N.º3, em Beja, foi o atleta luso mais bem classificado, alcançando as meias-finais da competição.

O Esloveno, Domen Vodisek sagrou-se campeão Mundial retirando assim o título ao Italiano G. Tresoldi, que ficou no 2.º lugar.

A prova decorreu entre os dias 28 de novembro e 10 de dezembro, no centro de paraquedismo da Skydive Dubai. Num total de 39 países, Portugal classificou-se no 29.º lugar da geral por equipas.

Em relação à sua prestação o Primeiro-Sargento Batista refere: *alcancei o meu objetivo que era passar às meias-finais e estar entre os melhores do mundo, é um motivo de grande orgulho para qualquer atleta.* Apesar de todo o seu amadorismo, o militar encara esta modalidade de forma "séria e profissional", tendo alcançado, em outubro de 2012, a medalha de bronze do Campeonato da União Europeia de Paraquedistas em Valência, Espanha.

Comissão Portuguesa de História Militar

Ministério da Defesa Nacional

PRÉMIO DEFESA NACIONAL

(INSTITUÍDO PELO MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL)

DESPACHO: N°.161/MDN/91 de 06 Out.

TEMA: História Militar Portuguesa

VALOR: 5.000,00€ (cinco mil euros)

PRAZO DE ENTREGA DOS TRABALHOS: Até 31 de MARÇO de 2013

Reservado a cidadãos nacionais. Trabalhos originais ou publicados em 2012 (mínimo 100 folhas A4 dactilografadas a 25 linhas). Requerida a entrega, a título definitivo, de 4 exemplares para apreciação do Júri

OS TRABALHOS SÃO ENTREGUES NA COMISSÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA MILITAR (CPHM) ACOMPANHADOS DE CARTA DIRIGIDA AO SEU PRESIDENTE, (minuta no site da CPHM)

Consulta do Regulamento e outras informações:

Comissão Portuguesa de História Militar - Palácio da Independência, Largo de S. Domingos,11,1150-320 LISBOA

Tel: 21.346.51.20

PágNet: www.cphm.pt

Artigo *Dia do Exército e a Cidade de Caldas da Rainha* (*Jornal do Exército* de outubro de 2012)

Com a consideração que merecem os propósitos editoriais do *Jornal do Exército* (JE) e reconhecendo a dedicação e o esforço dos elementos do seu quadro redatorial, alerto para a imprecisão com que foram narrados acontecimentos relacionados com o "16 de março de 1974", no texto "dia do Exército e a cidade de Caldas da Rainha" (págs. 24 a 41), da autoria da Alferes em regime de contrato Filipa Domingos, publicado no JE n.º 621, de outubro de 2012.

A missão desse órgão de imprensa militar, em face das suas possibilidades, designadamente, no que concerne à "divulgação de assuntos e temas significativos, do âmbito militar em geral e do Exército em particular", exige que os mesmos contribuam para o esclarecimento público, através de artigos e outros trabalhos jornalísticos que não originem, alimentem ou reativem dúvidas ou polémicas, a partir de pesquisas aligeiradas, tanto mais que, desde março de 2009 e sobre o assunto em apreço, já existe uma obra de referência, de Joana de Matos Tornada – *Nas vésperas da Democracia em Portugal: o golpe das Caldas de 16 de março de 1974*, Coimbra, Edições Almedina -, com base numa tese de mestrado, defendida pela autora, na Universidade de Coimbra.

No decurso de quase trinta e nove anos, a maioria dos oficiais do Regimento de Infantaria N.º 5 (RI5) intervenientes tem mantido o silêncio, quer por ausência do desejo de qualquer papel de destaque quer pela necessidade de que o tempo pudesse contribuir para o melhor esclarecimento de uma ação que podia ter destruído um movimento patriótico, no qual éramos participantes e desejávamos que fosse vitorioso.

Porém, as motivações de protagonismo de poucos, ao longo destes anos, geraram diversos equívocos que, por serem muito repetidos, dão perceções erradas dos acontecimentos e induzem uma leitura incorreta da História. Sobre tais equívocos e em diferentes oportunidades, vários oficiais do ex-RI 5 já contribuíram com esclarecimentos públicos, nomeadamente, através de depoimentos no Centro de Documentação 25 de Abril, da Universidade de Coimbra, de contributos para a pesquisa de Joana Tornada e em órgãos de imprensa nacional e regional.

No intuito de colaborar com o JE, para que possam ser suprimidos os erros do artigo atrás mencionado (pág. 28) e colocar na respetiva dimensão factos que ocorreram na noite de 16 de março de 1974, considero oportuno testemunhar:

- No espaço de tempo em que decorreram as ações de sublevação (incluindo a deslocação da coluna, na qual seguiam três capitães do Regimento), não existiu um "comandante da coluna", tendo-se evidenciado, coletivamente, o espírito de corpo dos militares do Regimento, com base no bem treinado plano de defesa do quartel e na organização da Companhia de Caçadores do RI 5, comandada pelo capitão de Infantaria Luís Piedade Faria;

- O capitão Armando Ramos não pertencia ao RI 5 e participou na coluna militar por se ter deslocado a Caldas da Rainha com o intuito de "dar a conhecer a movimentação de unidades do Norte do País, nomeadamente de Lamego", vindo a perceber-se, muito mais tarde, que ele fora um dos "emissários" de um grupo de oficiais que tentara, de forma precipitada, "adiantar" um golpe militar à margem da comissão Coordenadora do Movimento dos Oficiais das Forças Armadas e que as notícias por ele veiculadas ainda hoje carecem de sustentação;

- O reconhecimento do caráter eminentemente coletivo da ação realizada a 16 de março de 1974 consta do Alvará de 24 de abril de 1994, através do qual, em cerimónia pública presidida pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares, o antigo RI 5 foi agraciado com o título de Membro Honorário da Ordem da Liberdade, tendo essa condecoração sido atribuída à Escola de Sargentos do Exército, enquanto herdeira e fiel depositária dos feitos e tradições daquela unidade militar;

- A coluna do "16 de março de 1974", no seu avanço para a capital, passou por Cercal, Ota e Alenquer, progrediu pela Estrada Nacional n.º 1 e ocupou as faixas de rodagem (Norte-Sul) da autoestrada Vila Franca de Xira – Lisboa, até à ponte sobre o rio Trancão (a 4 Km, da cidade), sem qualquer contato com "forças leais ao regime", retrocedendo para o RI 5, pelas faixas de sentido oposto, após o encontro com dois oficiais do grupo que precipitou a ação (Majores Manuel Monge e Casanova Ferreira) que não tinham conseguido apoios na guarnição militar de Lisboa;

- Os oficiais que foram libertados no dia 25 de abril de 1974, por terem sido presos em consequência destes acontecimentos e enviados para Lisboa, estavam distribuídos pelo Regimento de Artilharia Ligeira N.º 1 (RAL 1, as instalações do atual Regimento de Transportes) e pela Casa de Reclusão do Governo Militar de Lisboa, na Trafaria.

(O direito de resposta foi exercido pelo Major-General, na reforma, Adelino Matos Coelho que era Tenente e esteve preso no RAL 1, nos acontecimentos de 16 de março de 1974).

A 31 de dezembro, o Exército e o País ficou mais pobre com o desaparecimento do Coronel António Marques Júnior. Nascido a 3 de julho de 1946, casado e com uma filha, veio a falecer vítima de derrame cerebral, ocorrido no dia 26 de dezembro de 2012.

Licenciado em Ciências Militares pela Academia Militar, fez uma comissão em Angola de 1971 a 1973. Era o sócio número 5 da Associação 25 de Abril.

Eleito para a Assembleia da República, foi aí deputado ao longo de várias legislaturas (26 anos).

Condecorado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, António Marques Júnior foi descrito por amigos, familiares e personalidades públicas civis e militares como "um homem coerente, digno, íntegro, sério, justo e fiel aos seus princípios".

Foi um dos mais jovens oficiais de Abril que, apenas com 28 anos, foi chamado a ocupar cargos de alta responsabilidade política e militar. O Ex-Presidente da República, General Ramalho Eanes, sublinhou que *a primavera de abril sente-a Marques Júnior em 1973, participando em todas as reuniões e opções do Movimento dos Capitães. Jovem Tenente, recém-casado, totalmente se empenha na ação militar de abril, tudo arriscando: arriscando a vida, mesmo nos previsíveis confrontos militares a travar.*

O Major-General Jaime Neves, que comandou o Regimento de Comandos no golpe militar de 25 de novembro de 1975, faleceu na madrugada do dia 25 de janeiro, aos 76 anos de idade, no Hospital Militar.

Jaime Neves nasceu no concelho de Vila Real, freguesia de São Dinis, em março de 1936. Ingressou na Escola do Exército, em 1953, onde teve como camaradas de curso Ramalho Eanes, Melo Antunes e Loureiro dos Santos.

Fez quatro comissões de serviço em África e uma na Índia, e era um dos mais medalhados oficiais do Exército.

O 25 de Novembro viria a colocar o seu nome na História, por ter sido o homem que liderou o ataque dos Comandos ao Quartel da Calçada da Ajuda, tendo obtido como resultado a rendição das chefias da Polícia Militar.

Passou à reserva, em 1981, com a patente de Coronel. Em 1995, foi condecorado pelo então Presidente da República, Mário Soares, com a Medalha de Grande-Oficial com Palma, da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Em 2009, Jaime Neves, por proposta dos Generais Ramalho Eanes e Rocha e Vieira, viria a ser promovido a Major-General, pelo Presidente da República, Cavaco Silva.

O hipismo nacional ficou mais pobre com o falecimento do Coronel Eduardo Netto de Almeida, a 25 de janeiro. Autor do Livro "Equitação como e porquê" e uma das mais proeminentes figuras do hipismo nacional, Netto de Almeida participou em mais de 30 Taças das Nações e diversas Taças de Ouro da Península, deixou-nos aos 87 anos de idade.

Nascido a 5 de março de 1925 em Mafra, este Oficial do Exército Português ingressou na Escola do Exército, tendo aí frequentado o curso da Arma de Cavalaria, terminando, em Torres Novas, o Tirocínio de Aspirante a Oficial.

A paixão pelo desporto equestre esteve sempre presente, concretizando-a como Mestre de Equitação, iniciando-se na competição em 1948.

No seu prestigiado currículo ressaltam três títulos nacionais enquanto Campeão de Portugal de Saltos de Obstáculos nos anos de 1957,1960 e 1961.

No seu percurso destaca-se o facto de ter recebido lições do General Júlio de Oliveira, assim como ter tido como instrutor o Capitão Jean de Saint André, oriundo do célebre Cadre Noir De Saumur.

Nos últimos anos o Coronel dedicava-se à instrução equestre e integrava o júri dos Troféus Nacionais da revista Equitação.

Às três famílias enlutadas, o JE presta as mais sinceras condolências.

PLANO DE SAÚDE DENTÁRIO EXCLUSIVO

PARA OS MILITARES E CIVIS DO **EXÉRCITO PORTUGUÊS,** INCLUINDO AS SUAS FAMÍLIAS

Já não custa ter um sorriso bonito e uma boca saudável

Preço: 30€ pessoa/ano - (Preço família, especial de lançamento 75€/ano incluíndo cônjuge e descendentes)

VANTAGENS:

- Mais de **3000 médicos dentistas** à sua disposição em todo o território nacional e ilhas.
- **Todas as especialidades cobertas** e todos os tratamentos que possa necessitar.
- **Clínicas seleccionadas** que cumprem os máximos standards de Qualidade.
- **Redução dos custo nos tratamentos em mais de 50% do preço privado** (ver tabela completa na página Web).
- **Tratamentos preventivos e mais frequentes SEM CUSTO**.

TRATAMENTOS	PLANO DE SAÚDE EXÉRCITO / DENTALREDE	PREÇOS MÉDIOS EM PRIVADO
CONSULTAS E VISITAS DE ESPECIALIDADE	SEM CUSTO	30,00€
DESTARTARIZAÇÃO (LIMPEZA)	SEM CUSTO	40,00€
RADIOGRAFIAS	SEM CUSTO	10.00€
COROAS E PONTES DE CERÂMICA	240.00€	400.00€
ORTODÔNTIA	255,00€ (POR APARELHO)	500,00€ (POR APARELHO)
EXTRACÇÕES SIMPLES	SEM CUSTO	30,00€

Ver toda a informação
www.Dentalrede.pt/parceiros/exercito português

INSCREVA-SE JÁ!!!

Fale connosco através do

☎ **808 201 665**

EXÉRCITO
RECRUTAMENTO

O FUTURO É AQUI...

www.exercito.pt 800 20 12 74 recrutamento@mail.exercito.pt

Durante dois dias estivemos à volta do rombo sofrido pela "Bonita" durante a erupção vlcânica. Havia meia dúzia de pranchas do costado de estibordo que era preciso substituir ou reforçar. Meste Palminha mais os seus artífices carpinteiros trabalhavam com afã...

Foi uma sorte o cavername não ter sido muito danificado, moços!

Corta-me essas pranchas com jeito, Manel! Quero isso feito à maneira, não esqueças!

Ó Fernandes! Tú aí mais o Lacerda e o Zagalo voltem a encher o barril! Já sabes onde é a fonte!

Olha ali, Fernandes! Aquilo é um dragoeiro! Podiamos apanhar um bom pedaço de resina!

O dragoeiro era uma árvore muito comum nas Ilhas Canárias. Produzia uma resina avermelhada conhecida por "sangue de drago", usada na Antiguidade Clássica como cosmético e na Idade Média como medicamento. Dizia-se que era boa para a cura da lepra e, devido à sua raridade na Europa, valia bastante dinheiro nos mercados do velho continente...

Com uma boa porção de "sangue de drago" nas algibeiras, fazíamos bom dinheiro ao vendê-lo ao Ti Pandorgas, o mestre boticário de Lagos!...

Deixa isso p'ra mais tarde, Lacerda. Agora temos mas é de fazer a aguada, como o mestre Sota nos mandou!...

Chiça, que é uma água bem fresquinha, ó Fernandes!

Toca a encher o barril, rapazes!

Sinto que alguém nos observa...

24

'Tá quase cheio!

Cuidado, Fernandes! Em cima de ti!!

Εστρανγειροσ μαλδιτοσ! Πεστεσ! Ραο–σε!*

!!

*Estrangeiros malditos! Pestes! Vão-se!

ςοχεσσαοινι–μι γοσ! ϖαο–σε ου μορρεμ τοδοσ!*

Fujam daí, rapazes! Eu já ensino esses brutos com uma boa zaragunchada!

*Vocês são inimigos do meu povo! Vão-se ou morrem todos!

Não, Lacerda! Fica quieto, pelo amor de Deus!

'Tás maluco ou quê? Não vês que aqueles brutos querem dar cabo de nós?

Usa a cabeça, homem! Se eles quisessem fazer isso, nós já estavamos espichados que nem cações! Mas se tu ferires um só que seja, então não sairemos vivos daqui!

Vá! Ajuda-nos antes a levar o barril até à praia. Mas mexe-te devagarinho...

'Inda falta muito, mestre Palminha?

'Tá quase, senhor Gil Eanes! Amanhã pela tardinha podemos zarpar!

Só descanso quando me vir de novo no mar, capitão!

Foi uma sorte os nativos não terem dado por nós, mestre Sota...

Olhe! Está enganado, senhor Gil Eanes! Aí estão os guanches! E vêm em força!!

€2.00 (IVA incluído)

Ano LIV – n.º 625
FEVEREIRO DE 2013

jornal do Exército

Exército Português
no apoio à população

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

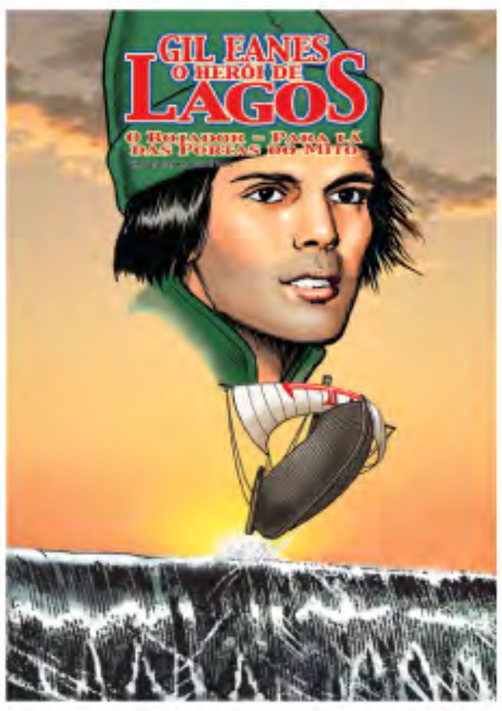
Capa

Monumentos com História Militar
Mosteiro ou Convento de Odivelas – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
Instituto de Odivelas – 16
Uniformes Militares – 40
Cultura, Desporto e Lazer – 43

Foto: Escola Prática de Engenharia (montagem de ponte militar *mabey em Odemira*)

"Para Angola, rapidamente e em força" – 34

Irão (Uma Viagem ao País dos ...)
II Parte – 18



Suplemento Banda Desenhada:
"Gil Eanes – o Herói de Lagos"
Pág: XXIX a XXXII

Um pedaço de terra defendido – 24

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Ass. Téc. Arminda Vitorino; **REDAÇÃO - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatora:** Alferes RC Filipa Domingos; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo;; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; EXECUÇÃO GRÁFICA - Sersilito - Empresa Gráfica Lda. - Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

Mosteiro ou Convento de Odivelas

O Mosteiro de S. Dinis, ou Mosteiro/ Convento de Odivelas como é vulgarmente conhecido, deve as suas origens ao Rei D. Dinis, seu fundador, cuja construção teve início em 1295.

Para além dos nomes, mais do que uma são também as versões que justificam a sua construção. Se por um lado, diz-se que o monarca construiu o Mosteiro, para acolher a sua filha D. Maria Afonso, cuja família materna vivia no Lumiar. Por outro, diz-se que por detrás da sua construção está uma promessa do Rei. Reza a lenda que perante a exposição do monarca a um ataque de um animal de grande porte, no decorrer de uma caçada que, na eminência da morte, terá invocado o poder divino para a sua salvação, os protetores S. Dinis e S. Luís, Bispo de Tolosa.

De enquadramento urbano, o Mosteiro estava a cargo dos arquitetos mestres Antão e Afonso Martins, foi começado a construir em finais do século XIII, tendo a obra ficado terminada em 1305. A partir daí passou a funcionar como um Convento de monjas cistercienses. Aliás, esta foi uma das últimas obras cistercienses realizadas em Portugal.

A primitiva construção do Mosteiro de S. Dinis era, na sua totalidade em estilo gótico.

De arquitetura religiosa, gótica e barroca, o Mosteiro de São Dinis recebeu influências das ordens mendicantes, nomeadamente na disposição da cabeceira, com passagens estreitas estabelecendo comunicação direta com a zona conventual. Devido ao curso do rio, a planta desenvolve-se, contrariamente ao habitual, para norte. Possui igreja de três naves, acompanhando todo o comprimento do claustro novo, com entrada lateral, própria dos conventos femininos. Desta construção inicial da igreja, restam as capelas absidais, dois dos lances do claustro novo, e o claustro da Moura.

Com os sucessivos restauros efetuados, o Mosteiro começa a perder a primitiva pureza de linhas, por volta do século XVI. Identificam-se as portas do claustro em estilo Manuelino, a fonte Renascentista, as capelas quer de mármore, quer de estilo barroco, as alpendradas, o revestimento das paredes a azulejo, já em 1671, que carateriza quer o exterior, quer o interior, nomeadamente os núcleos da antiga cozinha do Convento, do refeitório das freiras (destaca-se a decoração joanina de figura avulsa), da alpendrada, do nártex e da portaria.

No séc. XVIII, depois do terramoto, fizeram-se obras que não respeitaram a traça gótica, utilizando-se o estilo neo-clássico, quer na igreja, quer nos lanços do Claustro.

Desde a sua construção, o Mosteiro foi marcado pela presença de personalidades de indelével significado da História portuguesa, de onde se podem contar, entre as mais marcantes, o seu fundador D. Dinis, a Rainha Santa Isabel, D. Filipa de Lencastre e os infantes, seus filhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, e o Rei D. Afonso VI.

Os túmulos de D. Dinis e de sua filha D. Maria Afonso estão numa arca de grandes dimensões, ambos de forma paralelepipédica, com jacente. Contudo, no primeiro existem seis suportes, enquanto que no segundo, dois suportes.

Embora seja visível a riqueza da decoração, ambos os túmulos se encontram muito degradados.

Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, o Mosteiro deixou de albergar a sua ordem religiosa, e foi integrado no património da Fazenda Nacional.

Dada a necessidade de criar um colégio destinado à educação das filhas órfãs de oficiais do Exército e da Armada, foi fundado o Instituto Infante D. Afonso, a 14 de janeiro de 1900, por D. Maria Pia e pelo Infante D. Afonso. Mais tarde e até hoje, Instituto de Odivelas, devido à sua transferência do Mosteiro D. Dionísio para o Mosteiro de Odivelas, em 1902, e inaugurado pela Rainha D. Amélia.

No plano cultural cabe ainda destacar que o Mosteiro de Odivelas detém um valioso património em azulejaria, com exemplares elaborados desde o século XVI ao século XX, como se pode observar na "Sala do Teto Bonito", que ilustra cenas do Antigo e Novo Testamento.

Desde 16 de junho de 1910 que é Monumento Nacional por Decreto-Lei. Atualmente é pertença do Estado, tutelado pelo Ministério da Defesa.

Alferes RC Filipa Domingos

INFORMAR PARA BEM SERVIR

As Forças Armadas têm relevantes atribuições, em missões de interesse público, que lhe são atribuídas pela constituição, no que concerne ao desenvolvimento sustentado e à melhoria da qualidade de vida dos portugueses. Entre essas missões poderemos apontar o apoio ao Serviço Nacional de Proteção Civil, no sentido de fazer face a situações de catástrofe ou calamidade pública; o apoio à satisfação das necessidades básicas das populações; a proteção do ambiente; a defesa do património natural e a prevenção de incêndios; a pesquisa dos recursos naturais e a investigação nos domínios da geografia, cartografia, hidrografia, oceanografia e ambiente marinho. De acordo com Conceito Estratégico de Defesa Nacional para a execução destas missões deve ser valorizado na máxima extensão possível o princípio do duplo uso.

O Exército Português tem vindo a valorizar, de forma permanente, as missões de interesse público. Colabora, através do Comando das Forças Terrestres e dos Órgãos Centrais de Administração e Direção, no Território Nacional com a estrutura de Proteção Civil a fim de minimizar os efeitos das cheias. Para o efeito ativa o plano Aluvião, que poderá envolver, em termos de prevenção, cerca de três dezenas de unidades, em Portugal Continental e Regiões Autónomas, e várias centenas de militares, variando entre 250 e os 750, dependendo da avaliação da gravidade da situação, e, ainda, diverso material de Engenharia Militar. O mesmo acontece com a prevenção dos incêndios, em que o Exército dispõe de um apoio semelhante, através do plano Lira, em que os níveis de alerta e grau de prontidão adquirem as mesmas diretrizes do plano Aluvião, com o mesmo empenhamento, adequado às situações, onde prestam apoio logístico, desde alimentação, transporte, apoio sanitário de emergência e apoio em material diverso, entre outros. Através da sua Engenharia Militar, o Exército tem orientado as suas intervenções, de acordo com o Plano de Atividade Operacional Civil, beneficiando infraestruturas, abertura e/ou reparação de caminhos florestais, limpeza de aceiros, construção de pontes militares e pontes de apoios fixos. No que diz respeito às respostas de ameaça Nuclear, Biológica, Química e Radiológica, quer esta se faça sentir através da produção de armas de destruição massiva, por parte de um Estado, quer através do terrorismo internacional, o Exército tem vindo a promover a melhoria das capacidades de defesa neste campo, através do Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica, entre outras estruturas, como podemos verificar no artigo, da autoria da redatora deste *Jornal do Exército*, Alferes RC Filipa Domingos, "Um pedaço de Terra defendido".

Os soldados do Exército Português continuam a cumprir as suas missões, com o mesmo espírito de sempre porque, como dizia Mouzinho de Albuquerque na sua célebre carta ao Príncipe Real D. Luís Filipe, em fins de 1898: "Ser soldado é dedicar-se por completo à causa pública, trabalhar sempre para os outros. E para se convencer, olhe Vossa Alteza para o soldado em campanha. Porventura vê-o só a marchar e a combater? Cava trincheiras, levanta parapeitos, barracas e quartéis, atrela-se às viaturas, remenda a farda, cozinha o rancho e o que tem de seu trá-lo às costas, na mochila. Desde os misteres mais humildes até ao mais sublime, avançar de cara alegre direito à morte, tudo faz porque todo o trabalho despido de interesse pessoal entra nos deveres da profissão. Trabalho gratuito, sempre, porque o vencimento do militar, seja pré, soldo ou lista civil, nunca é remuneração do serviço, por não haver dinheiro que pague o sacrifício da vida." Traz-nos este *Jornal do Exército* um breve artigo dedicado ao 113.º Aniversário do Instituto de Odivelas, onde podemos ler "A tradição, cultura, identidade, honra, memória e saudade estão patentes nos corredores do Convento de Odivelas [...]." O Sargento-Ajudante SGE António José Rodrigues brinda-nos com a segunda parte do curioso artigo com intitulado "Irão, Uma Viagem ao País dos Tesouros e dos Mistérios". O Tenente-General Figueiredo Valente oferece-nos um artigo que trata de assuntos vivenciados por si, que reportam ao início da Guerra do Ultramar. A secção dos Uniformes Militares fica a cargo do Dr. Pedro Soares Branco, com "Uniforme de gala de 1933 para Oficiais Generais". A fazer jus a um dos nossos desígnios, que terá que ser um reencontro com o mar continuamos com a história em banda desenhada "Gil Eanes, o herói de Lagos, o Bojador para lá das portas do mito", do nosso colaborador José Pires.

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

Chefe do Estado-Maior do Exército de Espanha visita Exército Português

As vistas institucionais dos Chefes dos Exércitos de Portugal e de Espanha passaram a figurar como prioritárias no âmbito das boas relações existentes entre os dois países.

Desde 2010 que os exércitos de Portugal e Espanha vêm alternando anualmente, a organização das "Jornadas de Trabalho", um fórum onde são discutidos os intercâmbios e a cooperação entre as duas instituições.

Em 05 e 06 de fevereiro, a convite do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, o Exército Português recebeu a visita do *Jefe del Estado Mayor del Ejército* (JEME) de Espanha, General de Ejército D. Jaime Domínguez Buj, naquela que foi a sua primeira visita a um Exército aliado.

O General *del Ejército* D. Jaime Domínguez Buj foi nomeado JEME de Espanha em 27 de julho de 2012. Para além de possuir vários cursos militares tem o grau de mestre em Relações Internacionais pela Universidade Complutense de Madrid. Exerceu vários cargos internacionais em missões realizadas pelo Exército de Espanha em Operações de Apoio à Paz, quer sobre o mandato das Nações Unidas, quer da OTAN. Entre as várias condecorações que possui salienta-se a de *Caballero de la Legión de Honor de la República Francesa, Gran Cruz y siete cruces al Mérito Militar* e a *Gran Cruz, Placa, Encomienda y Cruz de la Real y Militar Orden de San Hermenegildo.*

Na comitiva que acompanhou o General JEME Domínguez Buj, fazia parte o General de Divisão D. José Carrasco Gabaldón, Chefe da Divisão de Planeamento do EME e mais 3 oficiais espanhóis e o Tenente-Coronel de *Infanteria* D. Henrique Panchón, adido militar espanhol em Lisboa.

Do programa da visita de dois dias ao Exército Português, destaca-se a audiência com o General CEME, a que se seguiram, no Auditório da Divisão de Segurança e Cooperação Militar do Estado-Maior do Exército, um brífingue sobre o Exército Português e outro sobre o Processo de Transformação em Curso no Exército espanhol.

Após estas atividades, a Comitiva dirigiu-se para Mafra, onde visitou a Escola Prática de Infantaria, tendo assistido a uma demonstração de Combate em Áreas Edificadas, que decorreu no Centro de Formação e Treino de Combate em Áreas Edificadas.

A concluir a visita ao Exército Português o General JEME deixou o testemunho da sua passagem no Livro de Honra do Exército Português.

Secretários de Estado em visita ao Museu Militar

No dia 24 de janeiro, o Museu Militar de Lisboa recebeu a visita do Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, Dr. Paulo Braga Lino, e do Secretário de Estado da Cultura, Dr. Jorge Barreto Xavier.

A visita dos dois membros do Governo centrou-se na Sala da 1ª Grande Guerra, espaço nobre do Museu Militar de Lisboa, designadamente na observação das telas do Mestre Adriano Sousa Lopes, tendo por objetivo fazer um levantamento, inicial, das ações a realizar para o lançamento dos trabalhos de conservação e restauro das obras expostas.

Recorde-se que o Museu Militar comporta um importante contexto histórico, reunindo uma vasta coleção de armaria, equipamento de guerra e arte, única no nosso país.

A sua coleção de carácter militar é constituída por peças raras que se destacam pelo seu valor artístico de execução, sem nunca deixar o lado funcional para que o objeto é projetado. A sua coleção de peças de artilharia é considerada uma das mais completas a nível mundial.

Entre as cinco majestosas salas que compõem o Museu, a Sala da Grande Guerra é aquela cujas paredes são quase totalmente cobertas com grandes telas do pintor Sousa Lopes, evocando a participação das tropas portuguesas em França. No geral, no Museu Militar podem encontrar-se telas de alguns dos nomes mais representativos da escola portuguesa de pintura como Carlos Reis, Columbano Bordalo Pinheiro, José Malhoa, Veloso Salgado e Condeixa, entre outros.

Visita do Chefe do Estado-Maior-General das Forças de Defesa de Timor-Leste

A convite do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Luís Araújo, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças de Defesa de Timor-Leste (CEMG-FDTL), Major-General Lere Anan Timur, visitou, no período compreendido entre 21 e 25 de janeiro, as Forças Armadas Portuguesas.

Decorrente desta visita, o CEMG-FDTL visitou o Exército Português, designadamente o Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), em 22 de janeiro, e o Centro de Tropas Comandos (CTC), no dia seguinte.

A visita do Major-General Lere Anan Timur a estas duas Unidades, ambas na dependência hierárquica da Brigada de Reação Rápida (BrigRR), foi acompanhada pelo General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, contando também com as presenças do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Jerónimo, do Comandante da BrigRR, Major-General Campos Serafino, e dos respetivos Comandantes das Unidades visitadas.

Do Programa Geral da Visita ao CTOE e ao CTC, salientam-se: a Cerimónia de Homenagem aos Mortos; os Briefings sobre o CTOE e o CTC; a demonstração de atividades das Forças de Operações Especiais e a demonstração tática do Batalhão de Comandos.

A visita terminou com a assinatura dos Livros de Honra das Unidades e a troca de lembranças institucionais.

O Rugir do Leopardo

O Campo Militar de Santa Margarida é o espaço físico mais utilizado para exercícios, seja de treino técnico, seja da componente tática do Sistema de Forças, não só do Exército, mas de todos os ramos das Forças Armadas.

Com uma área total de 6.400 hectares, este teatro de exercícios possibilita o treino dos diversos sistemas de armas, incluindo o de tiro tenso realizado pela máquina de guerra mais sofisticada e poderosa do Exército Português – o carro de combate *Leopard II A6*.

General CEME em visita de trabalho ao RE3

No dia 17 de janeiro, o General Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, efetuou uma visita de trabalho ao Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3) em Espinho. Após as Honras Regulamentares devidas à chegada do General CEME, e na presença de Oficiais, Sargentos, Praças e Civis do RE3, decorreu a apresentação de cumprimentos, no Salão Nobre do Regimento, finda a qual se iniciaram os trabalhos com a apresentação de um brífingue sobre a Unidade.

Após o brífingue, o General CEME passou em revista todo o Encargo Operacional do RE3, inteirando-se dos seus meios materiais e humanos.

General CEME em visita de trabalho ao RC3

Em 31 de janeiro, o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, efetuou uma visita de trabalho ao Regimento de Cavalaria N.º 3 (RC 3) em Estremoz, tendo sido acompanhado pelo Tenente-General Francisco António Correia, Comandante do Comando da Instrução e Doutrina, Tenente-General Carlos Hernandez Jerónimo, Comandante do Comando das Forças Terrestres, Major-General Fernando Serafino, Comandante da Brigada de Reação Rápida (BrigRR) e pelo Major-General Ulisses de Oliveira, Diretor de Formação/CID.

A visita iniciou-se com a receção ao General CEME pelo Comandante do RC 3, Coronel de Cavalaria João Francisco Fé Nabais, à Porta de Armas, seguindo-se a apresentação de cumprimentos na Sala do Capítulo.

De seguida realizou-se o brífingue na Sala de Honra, efetuado pelo Comandante do Regimento, onde estiveram presentes, para além das entidades acima referidas, todo o Estado-Maior do Regimento, bem como uma representação de Oficiais e Sargentos.

No brífingue foram apresentadas as capacidades, possibilidades e limitações do RC3 quer no aprontamento do ERec/BrigRR quer na formação de condutores nas categorias A, B e C para o Exército. Foi ainda efetuada uma visita às Instalações do RC3, onde foram apresentadas no terreno as duas tarefas explícitas na Missão do Regimento: a formação de militares na área da Condução Auto e o aprontamento de um Esquadrão de Reconhecimento. Foram também motivo de visita, as Instalações de Oficiais, Sargentos e Praças, bem como os Blocos Residenciais afetos à unidade.

Posteriormente o General CEME reuniu-se com os Presidentes de Câmara de Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Sousel que manifestaram o apreço das comunidades locais pelo Exército.

Direção de História e Cultura Militar com novo Diretor

A Direção de História e Cultura Militar (DHCM) tem novo diretor desde o dia 21 de janeiro. O Major-General João Manuel Santos de Carvalho tomou posse numa cerimónia que se realizou nas instalações da DHCM, situadas no Palácio do Lavradio.

O programa de tomada de posse incluiu a entrega do Escudo de Armas da DHCM, o discurso de boas-vindas proferido pelo Subdiretor da DHCM, bem como a leitura do despacho da nomeação e da síntese curricular do novo Diretor.

De seguida, o Major-General João Santos de Carvalho dirigiu-se aos militares e civis que prestam serviço nesta unidade, realçando a importância e necessidade das competências atribuídas a esta Direção, com palavras de estímulo e confiança para todos os que ali prestam serviço.

Seminário sobre a internacionalização da BTID nacional

A Associação para as Comunicações, Eletrónica, Informações e Sistemas de Informação para Profissionais - AFCEA Portugal, o Centro de Estudos EuroDefense-Portugal e a Associação Industrial Portuguesa - Câmara de Comércio e Indústria (AIP-CCI), com o apoio da Direção-Geral de Armamento e Infraestruturas de Defesa (DGAIED) do Ministério da Defesa Nacional (MDN), realizaram o Seminário subordinado ao tema "A importância da internacionalização no desenvolvimento da Base Tecnológica e Industrial de Defesa (BTID) Nacional".

Este evento, com cerca de 130 participantes, incluindo elementos de Forças Armadas, Forças e Serviços de Segurança, Instituições Governamentais, Universidades & Centros de Investigação e Indústria, constituiu um fórum de discussão para a coordenação entre estes agentes e o desenvolvimento de estratégias de internacionalização da BTID nacional.

O principal objetivo deste Seminário foi proporcionar um amplo debate sobre a problemática da internacionalização das empresas nacionais relacionadas com segurança e defesa, nomeadamente as Pequenas e Médias Empresas (PME), nas seguintes perspetivas: os apoios e incentivos institucionais, dando especial relevo à diplomacia económica; o papel fundamental das associações industriais e empresariais; as oportunidades de negócio no âmbito da cooperação multinacional, NATO, Europeia e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa; a visão estratégica das empresas nacionais face aos imperativos e desafios da internacionalização.

Brigada Mecanizada apoia treino dos cadetes da Royal Military Academy da Bélgica

No âmbito do intercâmbio entre as Forças Armadas Portuguesas e Belgas, a Brigada Mecanizada recebeu a missão de apoiar a realização do treino da Royal Military Academy (RMA) belga, no período entre 23 de janeiro a 10 de fevereiro.

Dos 153 Militares que constituíram o contingente belga, os 118 cadetes desenvolveram atividades no âmbito da tática de Pelotão e de Companhia, nomeadamente patrulhas apeadas e montadas, ocupação de posições defensivas, reação a emboscadas e ainda várias provas topográficas. As atividades foram acompanhadas e observadas pelo Comandante da RMA, Major-General Harry Vindevogel, que para o efeito, se deslocou a Portugal nos dias 5 e 6 de fevereiro.

Alojados nas instalações da Valeira Alta, contando com o apoio logístico da Unidade de Apoio da Brigada Mecanizada (UnAp/BrigMec), os Cadetes belgas tiveram a oportunidade de desenvolver "treino básico em condições difíceis e ambiente austero, no âmbito da infantaria ligeira".

De relevar que o apoio envolveu todas as Unidades da BrigMec, tendo sido empregues, em permanência, 22 viaturas e respetivos condutores, além do pessoal de apoio às infraestruturas de treino.

No final, a comitiva belga expressou ao Comandante da Brigada Mecanizada, Major-General António Menezes, o reconhecimento pelo apoio prestado pelo Exército Português, em geral, e pela BrigMec em particular, que contribuiu para a formação pessoal e institucional dos futuros oficiais belgas, frisando a qualidade dos quadros e tropas que servem na Brigada Mecanizada.

Cerimónia Comemorativa dos 354 anos da Batalha das Linhas de Elvas

No dia 14 de janeiro, tiveram lugar na cidade de Elvas, as cerimónias comemorativas dos 354 anos do cerco e batalha das Linhas de Elvas, presididas pelo Major-General José Alberto Martins Ferreira, em representação do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro.

Assinalar "uma data marcante para a soberania nacional" foi o principal objetivo deste município alentejano, que organizou um vasto programa no sentido de recordar "uma das mais importantes batalhas da Guerra da Restauração.

Com inicio pelas 10H00 as cerimónias incluíram a homenagem a todos os caídos durante o cerco de 82 dias e na batalha do dia 14 de janeiro de 1659. Na Igreja de S. Francisco deu-se a homenagem ao General André de Albuquerque de Riba Fria, Comandante do Exército de socorro à Praça de Elvas e que tombou no campo da glória, tendo decorrido na Praça da República a parada militar, com a presença de todas as forças vivas do concelho de Elvas e da população em geral.

Por fim, a atuação da Orquestra Ligeira do Exército, presenciada por várias centenas de pessoas, encerrou o programa das comemorações.

Major-General do Exército Português no Comité Militar da NATO

O Major-General José Esperança da Silva, assumiu em 10 de Janeiro de 2013, o cargo de Representante do Supreme Allied Commander Europe (SACEUR), junto do Comité Militar da Aliança, no seu Quartel-General em Bruxelas.

O SACEUREP tem como principal responsabilidade representar os pontos de vista do SACEUR nas reuniões do Comité Militar, nos seus variados formatos, e apoiar os objectivos definidos pelo SACEUR, assegurando que, em todas as circunstâncias, as suas linhas de ação e diretivas são conhecidas pelo "Chairman" e restantes Membros do Comité Militar. Adicionalmente o SACEUREP efectua a ligacão com o Gabinete do Secretario-Geral da NATO, Estado-Maior Internacional, Estado-Maior Militar Internacional e as Delegações Nacionais.

Rohde & Schwarz -
na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Comemoração do 180.º aniversário do RL2

O Regimento de Lanceiros N.º 2 (RL2) comemorou, em 7 de fevereiro, o 180.º aniversário da sua criação.

A cerimónia militar foi presidida pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, estando presentes o Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém, Dr. Ribeiro Rosa, bem como outros dignitários militares e civis.

Do programa das Comemorações constaram uma Guarda de Honra constituída por militares da MPCoy/NRF2013 à Alta Entidade (AE) que presidiu à cerimónia; a continência das Forças em Parada à AE; a Homenagem aos Mortos pela Pátria; a leitura do Código de Honra do Lanceiro; alocução alusiva ao Dia da Unidade, proferida pelo Comandante do RL2, Coronel de Cavalaria Siborro Reis, seguida de uma alocução proferida pelo Comandante das Forças Terrestres e da imposição de condecorações a alguns militares do RL2.

A Cerimónia Militar terminou com o desfile das forças em parada em continência à AE.

jornal do Exército

Pretendo assinar o *Jornal do Exército*

Para encomendar basta fotocopiar o cupão e enviar para *Jornal do Exército*, Largo S. Sebastião da Pedreira – 1069-020 LISBOA

Nome: _____ Profissão: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ Localidade: _____ Telefone: _____

(Só para Militares) Posto: _____ Ramo das FA: _____ NIF: _____

Assinatura Anual – Continente e Ilhas: € 20.00 - Via Aérea: Países Europeus € 45.00 - Restantes Países € 65.00
Para pedido de números atrasados, ou encadernações, contacte-nos para: Largo S. Sebastião da Pedreira - 1069-020 Lisboa,
Tel: 213 567 700 ou via email: jornal.exercito@sapo.pt

PARA PAGAMENTO DA MINHA ASSINATURA

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA: Nacional 0781 0112 0112 0011 6976 9 – D.G.T.

CHEQUE: junto envio o Cheque n.º - _____ s/Banco - _____ à ordem da Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública – IGCP, E. P. E. (Atenção à alteração).

VALE POSTAL Nº _____ no valor de _____

Projeto de Cooperação Técnico Militar N.º 4 - Timor Leste

Decorreu entre 7 de janeiro e 28 de fevereiro o Curso de Formação de Instrutores (CFI) para Sargentos no Centro de Instrução Comandante Nicolau Lobato em Metinaro - Timor-Leste, no âmbito do Projeto 4 da Cooperação Técnico-Militar, da responsabilidade da Escola Prática de Infantaria.

O curso, sob diretoria técnica do Tenente-Coronel de Infantaria Cmd José Afonso, iniciou-se com 17 formandos e visou habilitar os mesmos com a qualificação técnica adequada às competências e níveis de desempenho de formador.

A finalidade dos CFI é a preparação técnica das equipas de instrução para o Curso de Formação Geral para Praças. Note-se que o CFI para Oficiais decorreu nos meses de outubro e novembro de 2012.

A Unidade Móvel de Instrução, constituída por dois Capitães e um Primeiro-Sargento, executou a assessoria ao CFI aplicando o princípio da transição de responsabilidades, para os militares Timorenses, e a técnica de mentoria.

95.º Aniversário do Laboratório Militar

Celebrou-se no dia 19 de fevereiro, o 95.º aniversário do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos (LMPQF). A cerimónia foi presidida pelo General Quartel-Mestre-General, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho, contando com a presença de ilustres convidados civis e militares nomeadamente: o Diretor de Saúde, Major-General Esmeraldo Correia da Silva Alfarroba; Meritíssimo Juiz Conselheiro Doutor António Augusto Santos Carvalho; Diretor da Direção de Material e Transportes, Major-General Alfredo Oliveira Gonçalves Ramos; Diretor da Direção de Infra-Estruturas, Major-General José António Rodrigues Costa; General Adjunto do Quartel-Mestre-General, Major-General Carlos Manuel Veiga Lopes; Diretor da Direção de Aquisições, Major-General José António Henriques Dinis; Assessor do Diretor-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar, Major-General Luís Almeida Duarte; Diretor do Pólo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas, Major-General António Manuel Netas Silva Graça; Vice-Presidente da Ordem dos Farmacêuticos, Doutor José Manuel Vieira Gavino; Diretor dos Serviços de Monitorização e Informação do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, Doutor Mário Castro e o Assessor do Conselho Diretivo da Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, Doutor Óscar Pais de Carvalho.

A sessão solene iniciou-se com um discurso alusivo à efeméride, proferida pelo Diretor do LMPQF, Coronel Farmacêutico Pet Rodney Costa Mazarelo.

O Comandante da Logística, no seu discurso, realçou o desempenho levado a cabo pelo LMPQF nos seus 95 anos de existência e a sua importância nos novos desafios que se avizinham nas Forças Armadas e no Serviço Nacional Saúde.

Seguiu-se a palestra "Medicamentos Estratégicos" proferida pela Capitão Farmacêutica Inês Milheiro Nunes Martins.

Após a imposição de condecorações e medalhas, seguiu-se o tradicional almoço de convívio.

No dia 13 de janeiro, e dando início às comemorações do 113.º aniversário do Instituto de Odivelas (IO) realizou-se o desfile do Batalhão de Alunas e da Banda do Exército pelas ruas da cidade de Odivelas. Ao longo de todo o percurso e no ponto de continência, na parada do Quartel dos Bombeiros, pais, familiares, antigas alunas, população de Odivelas e público em geral, acompanharam as alunas, aplaudindo-as de forma carinhosa e entusiástica.

No dia 14 de janeiro deu-se a celebração do aniversário da fundação do IO, pelo Infante D. Afonso, Duque do Porto e irmão do rei D. Carlos.

De acordo com o programa geral da cerimónia, decorreu na Sala do Fundador, a receção à Alta Entidade e às entidades convidadas. No ginásio foi dada sequência à comemoração, cuja mesa de honra contou com presença do Diretor de Educação, Major-General Fernando Joaquim Cóias Ferreira (em representação do Comandante da Instrução e Doutrina, Tenente-General Francisco António Correia) que presidiu à cerimónia, o Diretor do Instituto dos Pupilos do Exército, Coronel de Infantaria João Augusto de Miranda Soares, o Diretor do IO, Coronel de Infantaria José Paulo Bernardino Serra, o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Odivelas, Vereador Mário Máximo dos Santos, e a Presidente da Assembleia Geral da Associação das Antigas Alunas de Odivelas (AAAIO), Dr.ª Joaquina Maria Seara Marques Cadete.

Estiveram presentes na ocasião: entidades convidadas, militares, corpo docente, funcionários civis, todas as alunas bem como antigas alunas e professoras.

Seguiram-se as alocuções da Comandante de Batalhão do IO, Aluna Sílvia Catarina Carvalho, da Presidente da Assembleia Geral da AAAIO e do Diretor do IO. A Comandante de Batalhão referiu os laços para a vida que ficam ao ser-se aluna do IO, pondo em prática o lema "Ser amiga é ser irmã".

A Presidente da Assembleia Geral da AAAIO salientou a dedicação do Diretor do IO à casa e a divisa *Duc in Altum* – "Cada vez mais Alto", que justifica a tradição e o futuro do IO.

O Diretor deste Estabelecimento Militar de Ensino apresentou o enquadramento histórico secular do IO realçando a identidade muito própria de uma escola, de referência e inovadora, que é uma grande "Família", tendo como sempre o faz, afirmado que "as alunas são a nossa razão de ser". Procedeu com um breve balanço do trabalho efetuado no ano letivo 2011/2012 e apresentou iniciativas e atividades a realizar no futuro.

Foi entregue nesta cerimónia, simbolicamente à Comandante de Batalhão, a medalha de honra, grau ouro, do Município ao IO, atribuída por ocasião do 14.º Aniversário da elevação de Odivelas a concelho, no dia 19 de novembro de 2012.

A cerimónia prosseguiu com a imposição de condecorações a militares e funcionários civis ao serviço do Instituto. Foram ainda entoados o Hino Nacional e o Hino do IO e foi dado, pela Comandante de Batalhão, o Grito do IO "Salve nosso Instituto! Cada vez mais alto!"

De seguida, teve lugar a Celebração Eucarística – Memória e Ação de Graças – presidida pelo Capelão do IO. Após a missa, a Alta Entidade e demais convidados visitaram a exposição de Motivos de Natal composta por trabalhos realizados, no decurso do 1.º período letivo, pelas alunas de todos os anos de escolaridade, no âmbito das disciplinas de Educação Visual e Tecnológica (2.º ciclo), Educação Visual (3.º ciclo) e Oficina das Artes (Ensino Secundário).

Fundado em 1900 pelo Infante D. Afonso de Bragança, o IO é um estabelecimento de ensino dependente do Estado-Maior do Exército que tem por fim a educação de filhas de militares, de elementos da GNR, da PSP, de pessoal militarizado e de civis.

Desde a sua inauguração, este estabelecimento teve a preocupação de lecionar, quer a parte académica, apanágio do ensino oficial que, neste caso, foi inédito, porque o estudo liceal era reservado às crianças do sexo masculino, quer a parte de formação social, vista à época como destinada às mulheres, como a culinária e a puericultura.

No presente, frequentam o Instituto de Odivelas 277 alunas, distribuídas pelos 2 º e 3 º ciclos e Ensino Secundário.

O IO tem por missão fomentar educação moral e cívica que vise desenvolver nas alunas o sentido do dever e da honra e os atributos de caráter, em especial a integridade moral, espírito de disciplina e noção de responsabilidade e sólida formação humanística e científica por forma a desenvolver nas alunas as competências indispensáveis para o ingresso no ensino superior e nos cursos de formação dos quadros permanentes das Forças Armadas; estender a sua ação às ex-alunas que frequentem cursos exteriores ao Instituto, mantendo para isso um lar no Instituto de Odivelas; e integrar nos seus cursos alunas oriundas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, ao abrigo de acordos de cooperação internacionais.

Ministra o 2º Ciclo do Ensino Básico (5º e 6º anos de escolaridade), 3º Ciclo de Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos de escolaridade) e o Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias, de Ciências Socioeconómicas, de Línguas e Humanidades, de Ciências Sociais e Humanas e de Artes Visuais) seguindo as competências e os conteúdos programáticos fixados pelo Ministério da Educação e da Ciência.

O IO oferece, ainda, um conjunto de disciplinas que constituem o seu "currículo interno", como Educação para a Saúde, Puericultura, Culinária, Educação Moral e Religiosa Católica, Francês Prático, Inglês Prático e Informática, de atividades desportivas como Ginástica Rítmica Especial e de Formação, Natação de Aprendizagem e Natação Avançada, Basquetebol, Futsal, Voleibol, Equitação, Instrução Militar e Esgrima. Entre outras atividades, contam-se, também, as atividades de piano, órgão, viola, flauta, coro, clube de matemática e clube de teatro.

Tradição, cultura, identidade, honra, memória e saudade, estão patentes nos corredores do Convento de Odivelas que outrora albergou monjas cistercienses e que, há mais de 100 anos, acompanha a vida, o estudo, o sonho, as motivações, os objetivos, o esforço, as conquistas, alegrias e tristezas de milhares de alunas que tiveram e têm orgulho em envergar farda do Instituto.

São vários os documentos e as obras lançadas que relatam séculos de história desta casa, desde o Capitão Guilherme Gonzaga, no Portugal Militar de março de 1903 que declarou: "O Instituto é um estabelecimento de largo futuro e bem merece a proteção de todos os militares e poderes públicos"; passando pelo Presidente da República Portuguesa, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, aquando da comemoração do 110.º aniversário do IO, que salientou: "que o Instituto de Odivelas é uma instituição de elevada credibilidade, que interessa a Portugal acarinhar e incentivar, e da qual têm saído mulheres que têm prestado relevantes serviços ao País nas diversas áreas da cultura, das artes e das ciências, fazendo votos para que continue a preservar e honrar a sua história, as suas tradições e os seus princípios". ❍

Equipa de Voleibol do IO (1965), no seu campo de jogos descoberto

Sargento-Ajudante SGE António José Rodrigues

IRÃO
Uma Viagem ao País dos Tesouros e dos Mistérios *(Makhzan-ol-Asrâr)* [segunda parte]

Esfahan

Em tempos de que se perdeu a memória, um ramo dos povos indo-europeus deslocou-se para o sul da Rússia e, mais tarde, desceu em latitude e ocupou o planalto do Irão. Desta gente descendiam os medos e os persas, que vieram a notabilizar-se como guerreiros e criadores de um grande e poderoso império. Os persas e demais habitantes do Irão designavam-se a si mesmos de arius, que quer dizer "senhores" ou "nobres". E à região que povoaram chamavam Aryan, "a região dos nobres", donde provém o nome de Irão.

Organizado o território sob a hegemonia dos persas, que acabaram por absorver os medos, os reis Ciro e Cambises lançam-se numa política de expansão, a caminho do Mediterrâneo, e conquistam o Império Assírio-Babilónico e o Egito. Quando Dario sobe ao trono, encontra-se senhor de um império vasto, que procura organizar, administrar e engrandecer culturalmente. As lutas com os gregos provocam a ruína do império persa, que viria a ser conquistado, cerca do ano 331 a.C., por Alexandre da Macedónia. Este terá ficado tão despeitado pela esplendorosa opulência de Persépolis, a capital dos persas, que a mandou destruir. Ruínas que ainda hoje documentam a prosperidade daquelas épocas remotas.

Situado no sudoeste asiático, na zona denominada de Médio Oriente e em concreto no golfo Pérsico – zona tradicionalmente instável, mercê das assimetrias religiosas, dos desdobramentos culturais e demais ruturas do equilíbrio na área do poder político e militar –, entre os paralelos 25 e 40 de latitude norte e os meridianos 45 e 65 de longitude este, o Irão, oficialmente República Islâmica do Irão, em parsi *Jomhury-ye Eslami-ye Iran*, com uma forma retangular, cobre uma superfície terrestre de aproximadamente 1.684.184 quilómetros quadrados, estendendo-se 2.200 quilómetros de noroeste a sudeste e 1.900 quilómetros de noroeste a sudoeste, sendo o total de linha de costa de aproximadamente 2.440 quilómetros.

Um olhar pelo mapa diz-nos que o Irão tem por fronteiras, ao norte, com a Arménia (35 quilómetros), o Azerbaijão (432 quilómetros), o mar Cáspio e o Turquemenistão (992 quilómetros), a este limita com o Afeganistão (936 quilómetros) e o Paquistão (909 quilómetros), a sul o litoral é banhado pelas águas do golfo de Omã, do golfo Pérsico e pelo estreito de Ormuz e, a Oeste, tem

por vizinhos o Iraque (1.458 quilómetros) e a Turquia (499 quilómetros). A menos de 100 quilómetros, o Irão detém ainda fronteiras marítimas com o Reino da Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Kuwait, e a menos de 200 quilómetros com o Bahrain, a Rússia, em concreto a zona da Chechénia e Geórgia e a Síria.

Para além disso, o Irão possui ainda uma série de ilhas no estreito de Ormuz com uma importância estratégica primordial que deriva da sua posição em plena rota do petróleo (Qeshm, Larak, Tomb, Abu Musa, Forur e Queys) e um outro ilhéu, Khark, utilizado como terminal petrolífero.

O Irão ocupa uma meseta, entre 1.000 e 1.500 metros acima do nível do mar, sobre uma zona geológica instável, rodeada por cadeias montanhosas com altura média de 2.000 metros. As únicas terras baixas são as formadas pela estreita franja costeira do golfo Pérsico, pelas margem do mar Cáspio e pela depressão do rio Karun, na fronteira com o Iraque. Rodeando a meseta interior, a norte, encontramos os montes Zagros, estendendo-se no sentido noroeste-sudoeste seguindo a linha de costa do golfo Pérsico, e tomando a direção sudeste até entrar no Paquistão (Balochistão). No quadrilátero montanhoso que rodeia o planalto iraniano, a norte, alongando-se paralelamente à margem sul do mar Cáspio até se unir com os montes Khurasan, na fronteira com o Afeganistão, depara-se-nos o monte Damavand, com 5.604 metros (o mais elevado do Irão) e a cordilheira de Elburz, com uma altura média de 4.000 metros.

O ponto mais baixo do Irão situa-se no mar Cáspio, a 28 metros abaixo do nível do mar. Dois grandes desertos ocupam grande parte do centro do Irão: o Dasht-i-Lut, coberto de areia e rochas e o Dasht-i-Kavir, que inclui o lago Namak, coberto na sua maioria de sal. O deserto de Lut está situado na região centro-oriental do país. Nele existem áreas rochosas, de depósitos salinos e dunas. O deserto de Naomid, que se prolonga pelo Afeganistão, é uma região de estepes. Os principais rios do Irão são o Helleh, o Mand e o Kol (no golfo Pérsico), o Koja (no mar da Arábia), o Araks (fronteira com o Azerbaijão), o Safid Rud, que nasce no Curdistão, o Atrak e o Karun, navegável em cerca de 180 quilómetros e que percorre a parte noroeste do país, fazendo fronteira com o Iraque até desaguar em Jorramshar, no *Shatt al-Arab*.

O território do Irão conta também com múltiplos lagos. O maior é o Urmia, ou "lugar da água", a uma hora de carro da fronteira com a Turquia e o Iraque. De acordo com a estação do ano, a superfície desta que é considerada a segunda maior bacia de água salgada do mundo, pode variar de 4.500 a 6.000 quilómetros quadrados.

No que se refere ao clima, o Irão divide-se em quatro grandes grupos, de acordo com a especificidade de cada uma das regiões incorporadas: a zona virada ao golfo Pérsico e para o golfo de Omã é extremamente seca com temperaturas que chegam a atingir os 55º centígrados; ao centro, nas terras altas, registam-se temperaturas moderadas; nos extremamente frios montes de Elburz as temperaturas em alguns lugares chegam a atingir os - 20º centígrados e, por fim, na região adstrita à margem do mar Cáspio o clima é mais temperado, sem significativas variações climatéricas. O este do Irão está ainda sujeito ao chamado "vento dos cem dias", que se faz sentir sobretudo durante o verão com velocidades superiores aos 160 quilómetros por hora.

O persa é a língua oficial do país, seguida do curdo, turco, azeri, balochi, árabe e arménio. O

Teerão

petróleo é o principal recurso económico do país. As principais jazidas situam-se nos montes Zagros e no golfo Pérsico. As refinarias estão localizadas em Teerão, Masjed Soleyman e Shiraz. Do subsolo são extraídas também grandes quantidades de gás natural, carvão, ferro, chumbo, crómio, zinco, cobre, magnésio, sal e magnetite. O uso de canais subterrâneos, chamados "*qanats*", favorece a irrigação do escasso, mas fértil, solo iraniano dedicado à agricultura. São cultivados trigo, arroz, algodão, tabaco, beterraba açucareira e frutas. A pesca também é importante para a economia do país. No mar Cáspio captura-se o esturjão, de cujas ovas se obtém o caviar, que é considerado um dos melhores do mundo.

Sob o ponto de vista estratégico, o Irão tem um valor vital de charneira na região centro-oeste meridional do continente asiático, por constituir um espaço de comunicação entre o vasto propugnáculo compreendido entre a Europa, Ásia, África, o oceano Índico e o estreito de Ormuz, configurando-se como uma zona de proximidade de entre quatro grandes conjuntos geopolíticos: o subcontinente indiano, o Médio Oriente, o bloco contíguo das ex-repúblicas soviéticas e a China.

Desde 1787 que o Irão tem como capital Teerão (Tehran ou Teheran), metrópole localizada no sopé dos montes Elburz, a 1.220 metros de altitude e a uma distância que pouco ultrapassa os 250 km da orla do mar Cáspio. A moeda oficial iraniana é o Real Iraniano (Iranian Rial; IRR; 10 Reais Iranianos = 1 toman ou toe'man). Os bancos regulam-se pela lei islâmica e, como tal, não praticam o juro, cobrando apenas uma comissão.

A atual divisa nacional do Irão existe desde 1906. O verde, o vermelho e o branco, dispostos horizontalmente, formam o conjunto de cores da bandeira nacional iraniana. Nos primórdios, o seu campo insigniológico mostrava um sol de aurora e um leão empunhando uma espada. Este emblema volveu-se vermelho em 1979, data do regresso do exílio do Ayatollah Ruhollah Musawi Khomeyni. Ao longo das faixas verde e vermelha, fulge bordado o nome "*Allah*" ("Deus"), repetido 22 vezes. Ao centro do campo, na banda branca, reunindo os conceitos de Deus, um atributo escatológico shi'ita, símbolo de perfeição, equilíbrio, unidade, poder e solidariedade, reproduz os cinco deveres emblemáticos ("*ash-sha'a'ir*") do Islamismo: a Profissão de Fé, a Oração, o Jejum, a Esmola e a Peregrinação.

A religião predominante no Irão é a muçulmana, maioritariamente de corrente shi'ita, de "*shi'a*" ou "*shi'atu 'Alí*" ("partido, seguidores, de 'Ali") – o Imam 'Ali, símbolo e herdeiro espiritual da cavalaria muçulmana ("*futuuah*"), assassinado em 641 por um Karadjita, símbolo da cavalaria espiritual muçulmana. Os shi'itas admitem a sucessão de doze imanatos. 'Ali ibn Abu Talib (também chamado al-Murtada) terá sido o primeiro, seguindo-se-lhe, por ordem, Hassan ibn 'Ali (Zakiy), Hussain ibn 'Ali (Sayyid ash--Shuhada), 'Ali ibn Hussain (Zayn al-Abidin), Muhammad ibn 'Ali (al-Baqir), Ja'far ibn Muhammad (as-Sadiq), Musa ibn Ja'far (al-Kazim), 'Ali ibn Musa (ar-Rida), Muhammad ibn 'Ali (al-Jauuad), 'Ali ibn Muhammad (al-Hadi), Hassan ibn 'Ali (ar-'Askari) e Muhammad ibn Hassan (al-Mahdi al-Muntazar, "o bem guiado por Deus", o Messias, enviado dos últimos tempos, que estará prestes a regressar à terra para restabelecer a justiça, combater e aniquilar o anti-Cristo, "*al-massih-ad-dajjal*", isto é, "o impostor" ou "falso messias"). O *shi'ismo* dos doze foi, de resto, a pedra em que assentou o primitivo estado teocrático, o safávida.

Convirá aludir que no Irão existe uma estrutura eclesiástica muito hierarquiza-

da. Genericamente, para os shi'itas, a autoridade religiosa assenta no consenso dos imames, o que constitui o artigo 3.º do seu credo, a seguir a Deus e ao Seu profeta. O crente reconhece o seu guia espiritual de entre seis arquétipos de virtuosos teólogos: o "*villayayt-faqih*", o governo de jurisconsulto religioso, a entidade tutelar da correlação entre a política e o divino; o "*ayatollah-uzma*", culto do direito canónico que tem por missão decidir se a legislação está ou não conforme os preceitos islâmicos; o "ayatollah" propriamente dito, que significa "sinal de Deus" ("*ayat 'Allah*"), por conseguinte paradigma de sabedoria e modelo a seguir. Seguem-se os "*hujja't-ul-islam*", que se ocupam da vida social dos crentes, os "*saghat-ul-islam*", os que deram já provas de maturidade no primeiro degrau da hierarquia e, por fim, os iniciados na carreira eclesiástica, os "*talabah*" ("taliban", no singular). O "*faqih*" é ainda o Comandante Supremo das Forças Armadas (Forças Permanentes; Forças de Mobilização ou "*Baseej*", voluntários) e do corpo da Guarda Revolucionária ("*Pasdaram*").

O atual chefe de Estado iraniano é, desde agosto de 2005, o Presidente Mahmoud Ahmadinejad, enquanto o líder espiritual da Revolução Islâmica é o Ayatollah Seyed Ali Khamenei. Desde a constituição de 1979 que o Irão é uma República Islâmica, na qual o poder político está confiado à suprema autoridade de um líder espiritual (jurista shi'ita), o "*marja-e taqlid*".

Muito além das ideias sobre o que é certo e errado estende-se um campo. Aí nos encontraremos. – Rumi (1207-1273 d.C.)

Num antiquado alfarrabista na parte oriental da capital, contornando uma grande rotunda atravessada de quiosques de vendas de jornais, encontrei casualmente uma versão antiquíssima do livro persa "*Hezar Afsaneh*" ("Mil Histórias"). Na capa, original, lauta em entrelaçados geométricos que adotavam o subtil aspeto estilizado de formas hexagonais estreladas e de gavinhas geométricas abertas, que se repetiam indefinidamente e se atraiam umas às outras, sem nunca realizarem uma combinação ajustada, surgia uma inscrição, em parsi, de um dito do profeta Maomé que eu consegui traduzir para algo como "os meus olhos dormiam, mas o coração jamais dormirá". Nada mais adequado. Desfolhando as suas quase carcomidas cinco centenas de páginas, deparei, a dado passo, com um interessante aforismo relacionado com uma figura "divina",

Fontes: esta imagem: www.globomidia.com.br; imagem da página anterior: facadaleitemoca.files.wordpress.com.

numa espécie de apólogo em cadeia à semelhança dos clássicos contos d' "As Mil e Uma Noites". Desfolhei, com viva curiosidade, esse folhento volume e, num capítulo marcado com traços a lápis de carvão, eram enaltecidos os valores de Mushkil Gusha, um género de santo, a quem eram atribuídas propriedades espirituais incontestáveis.

A história em si era muito longa, aliás nunca terminava. E tinha muitas versões. O nome Mushkil Gusha é uma designação persa para "o Dissipador de Todas as Dificuldades". De grande parte dos iranianos com quem falei, obtive diferentes respostas. Alguns diziam-me que provavelmente seria 'Ali, o genro do profeta Muhammad. Uma iraniana a quem coloquei essa dúvida, respondeu-me objetivamente: "É Deus, não é?!". Outros dizem que Mushkil Gusha é o profeta Khezr "o Verde", santo das confrarias dervixes, o patrono dos sufis, o "Mestre dos Mestres", o "Murshid" dos santos, o ressuscitador das almas, o misterioso "Cavaleiro Verde" que tendo atingido a fonte da "Verdade" e bebido da "Água da Imortalidade" não conhece a velhice nem a morte.

O Alcorão menciona-o, sem citar o nome, como "um dos Nossos servos (...) um servidor dos Nossos Servidores, a quem concedemos uma misericórdia que procede de Nós e a quem Ensinamos uma ciência que procede de Nós" (s.18:65). A figura mais próxima a ele, encontrada na literatura, é Melquisedec, que aparece no Génesis, XIV: 18-20, como o rei de Salém, sumo-sacerdote que abençoa Abraão, e é alegorizado por São Pau-

lo na Epístola aos Hebreus, V: 6, 10 e VII: 1, 10: "(...) ele era sem pai, não teve principio dos dias, nem fim da existência (...)". Quer isso dizer que apareceu misteriosamente e parece ter vivido todo o tempo, embora em Herat haja uma tumba que dizem ser dele. De acordo com a tradição, habitualmente ele não é visível, mas pode aparecer sob a forma de um homem idoso, porém de grande vitalidade, com uma longa barba branca, vestido de verde, quando socorro e guia são desesperadamente necessitados.

Ainda hoje, no Irão, e particularmente entre as mulheres, persiste a tradição de evocar as aventuras de Mushkil Gusha. A lenda é contada todas as semanas, às sextas-feiras, dia santo muçulmano. Para além disso, têm o cuidado de distribuir pelos pobres um prato especial de comida. Esse prato, que não é mais do que uma mistura de ervilhas assadas, passas, tâmaras secas, figos secos, amendoins e pevides, toma a designação de "*aajeel*" ou "*nokhod kishmish*". É por causa de Mushkil Gusha que as histórias sobre si narradas são lembradas por alguém, em algum lugar do mundo, dia e noite, onde quer que exista gente que precise de ajuda...

Planta a árvore da amizade para a paz do teu coração. Arranca o arbusto da inimizade que envenena a vida. Aproveita a noite de diálogo, porque depois de nós o mundo irá girar muito mais ainda. – Hafiz

Vem isto a propósito, em suma, ao ver o cenário lúgubre em que se pode transformar a atual situação no estreito de Ormuz. As ambições nucleares do Irão podem desencadear "uma nova Guerra Fria" mais perigosa que a registada entre os países ocidentais e a União Soviética no passado. Em Bruxelas, no início do mês de fevereiro deste ano, após uma tensa reunião, os 27 representantes diplomáticos de países da União Europeia aprovaram uma imposição de um embargo às importações de petróleo do Irão. Como resposta, o governo de Tehran ameaçou bloquear o estreito de Ormuz, por onde passa 40% do tráfego de exportação do petróleo mundial.

Um recente sinal de "deceção" para com os esforços postos em marcha pela comunidade internacional aconteceu a 21 de fevereiro de 2012, após Teerão ter recusado a entrada de uma missão da Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) na central de Parchin, alegadamente uma base nuclear com fins militares. Naquela que seria considerada uma "última hipótese" para Teerão, o embaixador do Irão junto da AIEA, Ali Asghar Soltanieh, não descartou a possibilidade de as negociações poderem continuar no futuro. E, neste arriscado impasse, uma vez mais a humanidade arrisca uma perigosa clivagem de incontornáveis proporções. Já escrevia Paul Valéry, com abalizado conhecimento, que "nós, civilizações, sabemos agora que somos mortais (...) Sentimos que uma civilização tem a mesma fragilidade que a vida".

Que a figura grandíloqua de Mushkil Gusha, "protetor e guia dos mortais", ora se reinvente, reconstrua e pulse, num desejo explícito de que a paz consiga sempre prevalecer, guardando os seus povos de nova truculência.

Foto de Pedro Padinha.

Alferes RC Filipa Domingos

Um pedaço de terra defendido

Apoio do Exército à Autoridade Nacional de Proteção Civil

Nos termos da Constituição e da Lei, incumbe às Forças Armadas, entre outras ações, colaborar em missões de Proteção Civil e em tarefas relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações, podendo intervir quando se verifique o estado de sítio ou de emergência.

A Lei de Bases da Organização das Forças Armadas regulamenta o exercício de funções de Proteção Civil pelas Forças Armadas, no âmbito das suas missões específicas, definindo as formas de colaboração e apoio, em situações em que é necessário prevenir riscos coletivos inerentes a situações de acidente grave ou catástrofe e proteger e socorrer pessoas e bens.

Assim, a colaboração das Forças Armadas faz-se: no quadro da legislação em vigor; dos programas e planos de envolvimento aprovados e de acordo com solicitações inopinadas da Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC) no Continente, ou dos Serviços Regionais de Proteção Civil (SRPC) nas Regiões Autónomas.

Ao Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) incumbe o planeamento ao nível operacional e a coordenação e acompanhamento do emprego das forças e meios militares do Sistema de Forças Nacional, cabendo aos ramos o planeamento, a preparação e treino, o aprontamento, a execução e o controlo das ações.

No caso específico do Exército Português, este atua mediante o designado apoio programado, de acordo com os planos de emergência já elaborados; o apoio não programado, de acordo com os recursos mobilizáveis identificados, em função das disponibilidades e prioridades de emprego dos meios militares; e ainda naquilo que denominam de formas gerais de colaboração. Estas são concretizadas através de ações previstas na legislação que em termos genéricos englobam diversas atividades enquadradas em Planos de Operações para cada uma das situações.

Foto: EUSA

Da teoria à prática, em que situações, como e quando avançam os militares

Embora a primavera já tenha chegado, São Pedro não tem dados tréguas, pelo que ainda se encontra ativo o Plano de Operações Aluvião 2012/2013, onde é prestado auxílio em situações de cheias.

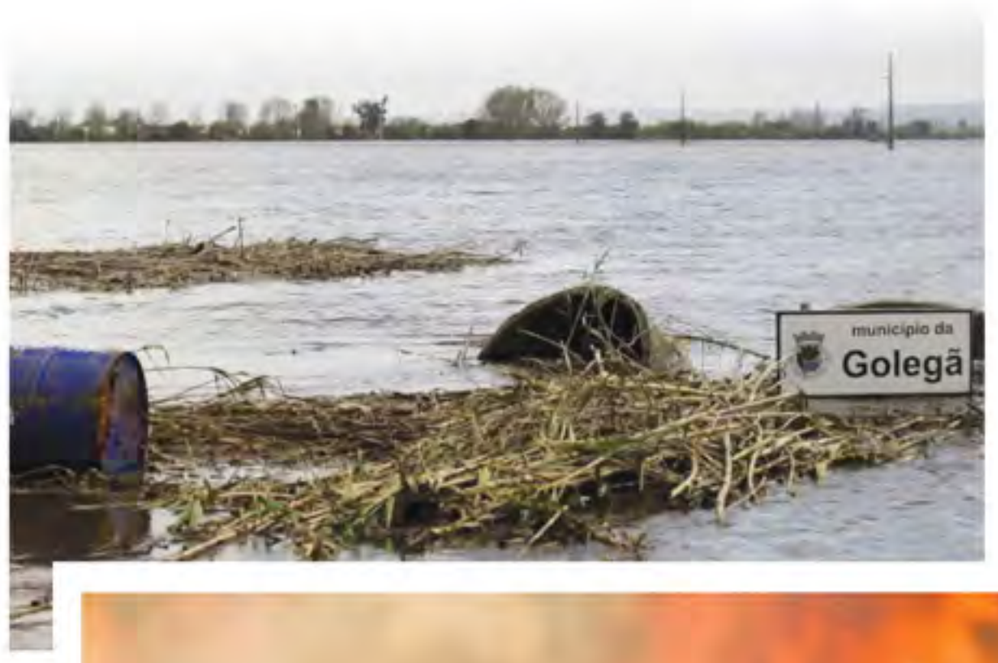
À ordem, o Exército, através do Comando das Forças Terrestres (CFT) e dos seus diferentes Órgãos Centrais de Administração e Direção (OCAD), em coordenação com as entidades competentes, colabora no Território Nacional com a estrutura de Proteção Civil a fim de evitar e/ou minimizar os efeitos das cheias.

No plano Aluvião estão sistematizadas as ações a desenvolver pelas diferentes Unidades, Estabelecimentos e Órgãos da sua componente operacional e dos seus órgãos de base.

Na prática o plano prevê a realização de: ações de busca e salvamento terrestre; disponibilização de meios de transporte; meios de transposição e de escoamento de águas; instalação para alojamento de emergência; distribuição de alimentação e abastecimento de água; apoio em material diverso (tendas de campanha, geradores, depósitos de água, entre outros); reforço do pessoal civil nos campos da salubridade e da saúde; apoio sanitário de emergência (incluindo evacuação de sinistrados); cooperação na manutenção de itinerários essenciais e cooperação na reabilitação de infraestruturas danificadas pelas cheias.

Implementado de acordo com dois Estados de Alerta (Normal e Especial), o plano Aluvião compreende cinco níveis, que vai desde o nível verde (risco baixo) ao vermelho (risco extremo). É a partir desta definição que o Exército determina às Unidades o aprontamento de forças com uma prontidão que pode ir das 72 horas a uma prontidão imediata.

Os meios de prevenção compreendem no total 34 Unidades, de norte a sul do país, todos os distritos e concelhos de Portugal Continental e Regiões Autónomas; 240 militares (em caso de



agravamento pode ir até aos 750) e cinco destacamentos de Engenharia.

Onde andam os militares enquanto o país é devastado por incêndios?

Ano após ano, esta questão é lançada entre a população em geral ou pela opinião pública em particular.

Pergunta quiçá "legitimada" pelo facto de não serem transmitidas imagens de militares num combate direto ao fogo. E tal não acontece porque estes homens avançam depois, através do apoio programado no combate aos Incêndios Florestais, regulado pelo Plano Lira.

Através deste, o Exército colabora com a estrutura de Proteção Civil na defesa da floresta contra incêndios juntamente com as corporações de bombeiros nas operações de rescaldo, na vigilância ativa pós-rescaldo, no apoio logístico às corporações de bombeiros, serviços florestais e outros agentes de Proteção Civil, no emprego de meios de Engenharia Militar (no combate indireto a incêndios e defesa de aglomerados populacionais) e na reabilitação de infraestruturas danificadas pelos fogos.

Prestam ainda apoio logístico desde alimentação; transporte; apoio sanitário de emergência e apoio em material diverso, entre outros.

Quer a coordenação, a distribuição de tarefas, estados e níveis de alerta e grau de prontidão assumem no Lira as mesmas diretrizes do Aluvião.

Nos meios de prevenção para os incêndios, o Exército dispõe de 31 Unidades, 735 militares, cinco destacamentos de Engenharia e três pronto-socorro pesados.

E onde andou o Exército Português neste verão quente de 2012? No total respondeu a 41 solicitações, empenhou 93 pelotões, 2.230 efetivos, 319 viaturas,18 equipamentos de engenharia e percorreu 121.438 quilómetros.

Engenharia Militar em missões de interesse público

A Engenharia Militar tem vindo nos últimos anos a executar trabalhos de beneficiação e abertura de itinerários em regiões consideradas mais carenciadas, ajudando desta forma as autarquias locais.

O emprego da Engenharia Militar em missões de interesse público realiza-se através de um protocolo estabelecido entre o Exército e a Presidência do Conselho de Ministros, o Ministério da Defesa Nacional e o Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional. Celebrado em 2006, está neste momento em vigor para o quinquénio 2011-2015.

Esta atividade desenvolve-se no domínio da rede viária rural e das infraestruturas ligadas ao desenvolvimento económico das regiões de má acessibilidade, assim como no apoio às Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regionais (CCDR), no âmbito das suas ações de fiscalização e vigilância, englobando, entre outros trabalhos: desmatações, trabalhos de terraplanagem, compactações mecânicas, pequenas obras de drenagem e demolições.

Em termos práticos a intervenção do Exército processa-se de acordo com o Plano de Atividade Operacional Civil (PAOC), onde consta todos os anos uma relação de municípios a apoiar e dos trabalhos neles a realizar no ano seguinte. Para 2013, o PAOC contempla 15 intervenções de Engenharia, através da Escola Prática de Engenharia (EPE), do Regimento de Engenharia N.º 1 (RE1 e Regimento de Engenharia N.º 3 (RE3), em municípios como Miranda do Corvo, Marvão, Lagos, Cuba, Espinho e Carrazeda de Ansiães, entre outros. Beneficiação de infraestruturas, abertura e/ou reparação de caminhos florestais, limpeza de aceiros, construção de pontes militares e pontes de apoios fixos, são por norma alguns dos trabalhos solicitados.

Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico - Uma ameaça que convém ter presente

A ameaça Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR), quer esta se revele através da

produção de armas de destruição massivas por parte de um Estado, quer através do terrorismo internacional, veio contribuir para um clima de insegurança que é motivo de preocupação nos países ocidentais.

Esta ameaça, que durante muito tempo esteve afastada, exige atualmente o estabelecimento de sistemas de vigilância e de mecanismos de resposta e constitui-se como uma preocupação específica dos Órgãos de Estado, das Forças Armadas e da Sociedade em geral.

Célula é o nome do plano do Exército Português, que apoia incidentes biológicos e químicos em território nacional, e que sistematiza as ações a desenvolver. Desde 2001 que o Exército participa no Sistema de Alerta Nacional para Incidentes NBQ. Para integrar este apoio, foi criado o Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica (ElDefBQR), que avança com os seus homens, em coordenação com as entidades competentes.

No reforço à atividade da ANPC, neste âmbito, os elementos do ElDefBQR estão aptos a detetar, identificar, monitorizar e descontaminar agentes BQ; recolher e transportar amostras; avisar e relatar/alertar (com destaque para a previsão de áreas contaminadas); gerir perigos pelo emprego de meios que visem: controlar/conter a contaminação; marcar/delimitar a área contaminada; patrulhar as regiões que dão acesso à área contaminada e garantir um perímetro de segurança e de acesso restrito.

A defesa NBQ está longe de estar sozinha, contando para isso com estruturas operacionais, logísticas e de formação nas diversas áreas, desde o Centro NBQ/CFT, o Gabinete de Defesa NBQ/EPE, o laboratório de Defesa Biológica, de Bromatologia, de Produtos Químicos e Farmacêuticos e o Hospital Militar, entre outros.

Em estreita colaboração existe ainda o *Explosive Ordnance Disposal* (EOD), cuja função consiste em operações de inativação de engenhos explosivos (convencionais ou improvisados), e na obtenção de informação técnica sobre engenhos, armas e munições utilizadas por terroristas.

O apoio prestado vai desde a proteção de altas entidades, a segurança de eventos, investigação pós acidente/incidente (capacidade forense), a limpeza e recuperação de instalações físicas. As situações de calamidade estão previstas neste apoio, que de imediato dispõe de militares para situações como: remoção de escombros; realização de outros trabalhos no caso de perigo explosivo; execução de demolições de emergência com uso de explosivos e abertura de acessos por meios explosivos em apoio de equipas de busca e salvamento.

O Exército ao serviço da população

Incidentes Biológicos e Químicos em Território Nacional

Remontamos a 2007, altura em que o Exército disponibilizou os seus meios de defesa biológica, para intervir numa exploração pecuária na localidade do Torrão. A pedido do município de Alcácer do Sal, mais de 30 militares distribuídos por três equipas procederam à incineração de dezenas de suínos e bovinos, mortos à fome e já em decomposição, na herdade alentejana, depois de ter sido abandonada pelo seu proprietário.

Para isso o Exército avançou com meios do laboratório de Defesa Biológica, dois médicos veterinários, militares da Companhia de Defesa NBQ (EPE), constituídos por uma equipa de reconhecimento e uma seção de descontaminação. Do Regimento de Engenharia Nº1 foram disponibilizados meios de transporte e máquinas de rasto. Esta foi a primeira intervenção enquanto empenhamento numa situação real.

Treino com Agentes Químicos Reais

Em de 2011 decorreu na República Checa, o treino com Agentes Químicos Reais de 10 militares do ElDefBQR.

O evento teve como objetivos conferir confiança aos militares na utilização do equipamento de deteção, analítico e de proteção, limitar a insegurança no manejo de agentes químicos reais desenvolver o espírito de equipa em situações de stress, corrigir erros indevidos de ação resultantes do uso de simulantes e adquirir as capacidades e experiência necessárias para operar numa área contaminada por agentes reais.

Os militares desenvolveram ações de deteção, identificação, recolha de amostras e descontaminação de Agentes Neurotóxicos, Sarin (GB) e VX, e Agentes Vesicantes, Gás Mostarda (HD) e Lewisite (LW). Foram utilizados os meios de proteção e equipamentos do Exército Português, testando assim a fiabilidade dos mesmos bem como as técnicas, táticas e procedimentos na sua utilização.

Recentemente, e no âmbito da semana de Proteção Civil do município de Cascais, estes homens juntamente com as equipas EOD realizaram uma demonstração de capacidades na área do reconhecimento, inativação de engenhos explosivos, recolha de amostras e descontaminação BQR.

Cheias na Ilha da Madeira ativam Plano de Operações de Auxílio

Em de fevereiro de 2010, a precipitação foi de tal ordem na Madeira, que provocou diversos des-

lizamentos de terras e fortes caudais nas linhas de água. A intempérie deixou um rasto de destruição de que resultaram mais de 40 mortos e desaparecidos e várias dezenas de feridos, bem como a destruição de infraestruturas e bens.

Foram desencadeados os procedimentos previstos no quadro legal e acionada a colaboração do Exército.

Foi num prazo inferior às 4 horas previstas, que o Exército respondeu às solicitações no terreno através, quer do Plano de Operações Auxilio/Zona Militar da Madeira (colaboração com o Serviço Regional de Proteção Civil – Instituto Público da Região Autónoma da Madeira), quer dos planos e normas relativos à convocação e recolha do pessoal e levantamento dos sistemas de Comando e Controlo.

O comando do Regimento de Guarnição N.º 3 (RG3) assumiu o controlo das operações correntes, recebendo o reforço de outros elementos e meios da Zona Militar, atuando na busca e salvamento; remoção de escombros; apoio e evacuação sanitária; ligação junto dos órgãos coordenadores municipais e dos comandos de operações nas áreas intervencionadas; colocação e operação de geradores elétricos; transporte pessoal e transporte geral.

Pelo RG3 passaram mais de 230 desalojados, foram efetuadas mais de 425 missões de apoio, percorridos cerca de 14.500 quilómetros, servidas mais de 17.000 refeições e realizadas mais de 950 consultas na enfermaria.

A Engenharia Militar também avançou devido à emergente necessidade de montagem de pontes em substituição das destruídas.

Incêndio de grandes proporções desencadeia "OPERAÇÃO JULHO 2012"

Também na Madeira, em 2012, uma série de incêndios assolou quase em simultâneo os concelhos do Funchal, de Santa Cruz, da Calheta e do Porto Moniz provocando a destruição de vastas áreas florestais e de diversas habitações, o que levou o Governo Regional a solicitar o empenhamento de meios humanos e materiais da Zona Militar da Madeira (ZMM) em apoio do SRPC e de outras entidades.

Foram acolhidos no RG3 um total de cerca de 130 desalojados, a quem foi fornecido apoio de alojamento e de alimentação, numa atividade que envolveu diversas entidades coordenadas pelo Instituto da Segurança Social da Madeira.

5CCA
MX-26-16

A Unidade de Apoio da ZMM transportou do aeroporto da Madeira para o RG3, uma componente operacional de reforço chegada do Continente num Lockheed C-130 H da Força Aérea Portuguesa, constituída por um Grupo de Comando da ANPC, uma Força Especial de Bombeiros e um pelotão do Grupo de Intervenção de Proteção e Socorro da GNR, num total de 81 elementos. Foram empenhados cerca de 80 militares e oito viaturas por dia e percorridos 5.200 quilómetros, numa primeira fase. Já na fase posterior, seguiram-se ações de vigilância, rescaldo e limpeza, através de 26 homens, quatro viaturas e 5.650 quilómetros.

Geradores fornecem energia à população

Foi em meados de janeiro do corrente ano, que o Instituto de Meteorologia (IM) colocou sob aviso laranja nove distritos de Portugal Continental e oito a amarelo.

Em quase todos os distritos foram registadas situações de inundações, desabamentos, prejuízos avultados em habitações, queda de estruturas (como postes, andaimes, placards, etc.), estradas cortadas, milhares de árvores arrancadas pela raiz e falta de abastecimento de água e eletricidade.

Em números, este temporal provocou 534 inundações, 279 deslizamentos ou desabamentos, 207 ações de limpezas de vias, e 2.623 ocorrências de pedidos de ajuda à Proteção Civil na zona de Lisboa, 957 em Coimbra, 775 no Porto e 584 em Aveiro.

A EDP ficou com 11 mil quilómetros de linha de rede de alta e média tensão afetados, deixando milhares de habitantes às escuras, sobretudo nos concelhos de Leiria e Pombal.

O Exército entreviu depois da solicitação da ANPC, a pedido da EDP, através de uma operação de apoio de emergência a estas populações, com a disponibilização de 12 geradores elétricos, possibilitando assim a alimentação de aproximadamente 800 habitações, em consumo reduzido.

Estes equipamentos que fazem parte dos meios existentes, em reserva, no Depósito Geral de Material do Exército, foram mobilizados numa ação que envolveu um total de 13 viaturas e 24 militares, do Regimento de Lanceiros N.º 2 (escolta e segurança da coluna), Regimento de Transportes (viaturas de transporte e monta cargas), e Centro Militar de Eletrónica (instalação e operação dos equipamentos). Na segurança do material estiveram 42 homens do Regimento de Artilharia N.º 4.

Engenharia Militar constrói ponte alternativa em Tondela

No decorrer deste temporal, ocorreu o colapso do pavimento rodoviário da estrada ER 228, onde se encontrava uma passagem hidráulica em estrutura metálica, na freguesia de Barreiro de Besteiros, Concelho de Tondela.

A Câmara Municipal de Tondela, solicitou o apoio do Exército, para que, de uma forma célere e provisória, se voltasse a restabelecer a circulação na via, uma vez que, este incidente provocou

grande impacto na vida das populações, dado que esta via possibilitava, além de outros, o acesso ao aterro sanitário do Planalto Beirão, estrutura que serve 14 Municípios e condicionava determinados tipos de transporte, tais como o transporte escolar.

Em resposta, o Exército recorreu aos meios e militares da Companhia de Pontes (EPE) e com o apoio de meios de transporte do RE3, lançou uma ponte militar tipo Mabey, com um comprimento de 33,53 m e classe 60 toneladas, com a finalidade de permitir repor a circulação na via afetada. Nos trabalhos, que decorreram entre fevereiro e março, estiveram envolvidos diversos meios e viaturas e 26 militares.

Em conclusão, apesar da imagem transmitida pelas televisões, do resgate de um naufrago ou de uma vítima, num navio em alto mar, ter um enorme impacto, não podemos deixar de realçar o enorme esforço e o espírito solidário com que os militares do Exército, de uma forma mais discreta, mas não menos empenhada, têm demonstrado, não apenas nas recentes catástrofes que assolaram algumas regiões do país, mas em tarefas que desde já há muitos anos têm vindo a exercer em colaboração com as autoridades civis, no apoio, sempre que solicitado, à população portuguesa.

O JE agradece o precioso contributo do CFT, do RA4 e do RG3 na concretização deste artigo.

Tenente-General Reformado Figueiredo Valente

"Para Angola, rapidamente e em força"

Fontes: esta imagem: www.prof2000.pt; imagem da página seguinte: 1.bp.blogspot.com.

1961. *Annus horribilis* para Portugal. Tudo de mau parecia estar a acontecer ao mesmo tempo: o sequestro do Paquete S^ta. Maria, os terríveis acontecimentos em Angola que desencadearam o morticínio de pretos e brancos, por ação dos terroristas da UPA (União dos Povos de Angola) e finalmente a derrota e queda da Índia com todos os militares, ali destacados, feitos prisioneiros.

A frase do Dr. Oliveira Salazar, título deste episódio, provocou a rápida mobilização de tropas, e a ida de forças militares para Angola começou a processar-se com rapidez. Às Unidades era dado um mínimo de preparação e de meios para poderem enfrentar a situação que ali iriam encontrar.

Tudo isto me levou a querer participar nas ações em que o Exército estava então envolvido, e assim, por volta de junho de 1961, ofereci-me para ir para Angola. Após algum tempo de espera a minha nomeação finalmente concretizou-se e fui integrar os quadros de um Batalhão de Artilharia que seria constituído no final de uma Escola de Recrutas a realizar no último trimestre de 1961 no Regimento de Artilharia da Serra do Pilar, no Porto.

Depois de uma preparação elementar dos Quadros do futuro Batalhão, no Regimento de Infantaria N.º 7, em Leiria, para uma adaptação mínima às formas de atuação da Infantaria, seguimos para V. N. de Gaia e aí, na Serra do Pilar se constituiu o Batalhão, o 346 de Artilharia que deveria marchar para Angola em janeiro de 1962.

Após dez dias de licença, para despedida da família e resolver problemas de ultima hora, regressámos ao Porto para uma viagem de comboio com todo o Batalhão para embarque em Lisboa no Cais da Rocha Conde de Óbidos.

O inverno estava a ser rigoroso e as fortes chuvadas haviam engrossado o caudal dos rios a tal ponto que no norte muitas ligações tinham sido

cortadas e vários elementos do Batalhão tiveram dificuldades em se apresentar a tempo no Regimento. Dois deles não o conseguiram oportunamente e quando, já em Lisboa, o Batalhão embarcava no navio Niassa no Cais da Rocha, chegaram do norte após uma viagem de táxi desde o Porto que bem caro lhes custou mas que não hesitaram em empreender no propósito de embarcarem para cumprimento de uma obrigação que era um dever assumido, a que muitos cobardemente se furtaram, invocando mais tarde razões de ordem ideológica.

Atitude rara de grande nobreza que nos dias de hoje, de profundo egoísmo e absoluto desinteresse, se considera difícil de aceitar e mais ainda de realizar.

Após as cerimónias militares e despedida das famílias sucedeu-se o embarque e, por fim, com todo o pessoal debruçado na amurada ou empoleirado em lugares mais altos, o navio soltou as amarras e ao som da Banda Militar e com a visão de muitos lenços a acenar em terra foi-se afastando rumo ao Atlântico para uma viagem prevista de 10 dias.

O Niassa era um pequeno navio de passageiros e carga que fazia as carreiras para África e não tinha sido concebido para transportar tanta gente. Levava então como passageiros os militares de dois Batalhões, um de Artilharia e outro de Cavalaria, com mais de 1.200 homens, uma Companhia de Polícia Militar, "Os Gatos", muito disciplinada que depois teve um papel importante num incidente que se desenrolou a bordo, e ainda bastantes militares do Exército e Força Aérea, para rendições individuais, que seriam colocados em Unidades já em Angola, perfazendo ao todo cerca de 1.600 a 1.800 homens.

Além disso, segundo soubemos, os porões do navio haviam sido carregados com viaturas militares, munições e combustível, uma carga de bas-

Navio Niassa

tante risco em condições normais tanto mais com tantos passageiros a bordo.

As cobertas da proa e da ré (espaços de carga logo abaixo do convés) tinham sido preparadas para acolher a maior parte dos militares e ali haviam sido montados beliches em madeira com três andares, beliches triplos, numa grande densidade de ocupação.

Apesar de terem procurado preparar o navio para este transporte as cobertas conservavam o cheiro da carga anterior e dos óleos da maquinaria e tinham, não obstante procurar-se a sua ventilação, um ar abafado cheio de odores desagradáveis, tornando a permanência no seu interior, e ainda mais com tanta gente em tão limitado espaço, uma experiência muito dura.

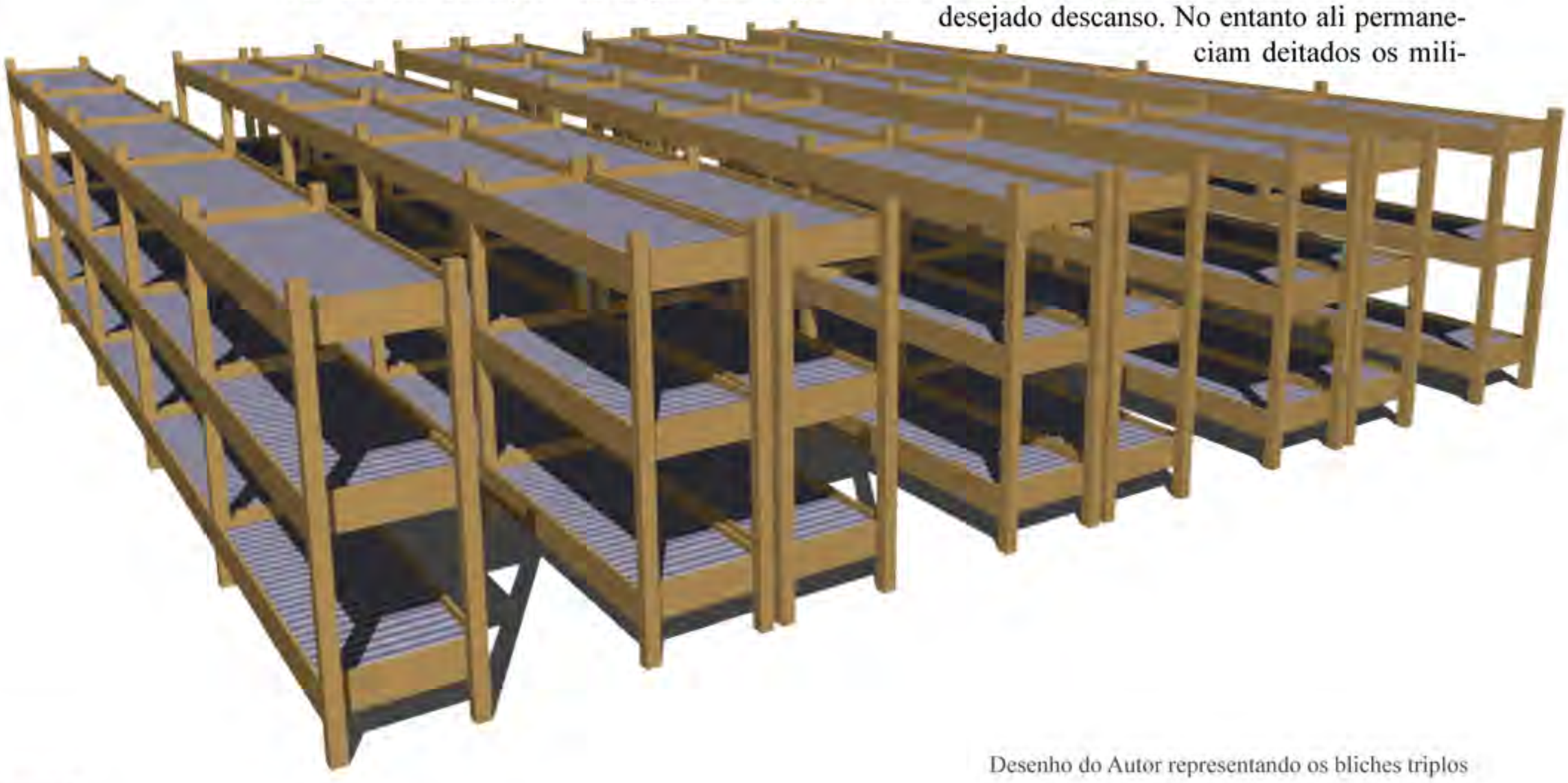
Não havendo instalações adequadas para tão elevado número de pessoas houve que adotar medidas improvisadas e assim, para a maior parte dos homens, a alimentação era distribuída no convés à hora das refeições. Os homens tinham sido agrupados em grupos de 10 e cada grupo tinha recebido as marmitas e talheres para serem usados nas refeições servidas em terrinas distribuídas à hora da refeição a cada grupo. Como se calcula isto originava certa confusão na altura das refeições que deixavam os sinais pouco agradáveis de detritos no convés que tinha por isso que ser a seguir lavado à mangueirada. Para procurar condições para a higiene do pessoal foram erguidas no convés, à proa, barracas de madeira onde foram improvisadas instalações sanitárias e casas de banho para o pessoal.

As difíceis condições de alojamento impunham à grande maioria dos militares um enorme desconforto pois, além das acomodações serem reduzidas e num ambiente abafado e mal cheiroso, ainda tinham que encontrar espaço e forma de manterem junto de si os sacos individuais de bagagem e malas pessoais. A juntar à bagagem de cada um foi ainda acrescentado um colete salva-vidas com flutuadores de cortiça, a todos distribuído e pelo qual cada elemento foi responsabilizado até à sua entrega.

Sendo eu o capitão mais antigo havia sido nomeado Oficial de Ligação entre o Comando do Contingente Militar embarcado e o Capitão de Bandeira, o oficial da Armada que era o Comandante Militar a bordo por o navio ter sido arvorado em transporte de tropas e ter passado por isso a estar sob jurisdição da Armada. O Comandante operacional do navio continuava contudo a ser o Capitão do navio, como normalmente é designado o oficial da Marinha Mercante que dirige a navegação e comanda todas as manobras do navio.

Das minhas funções fazia parte, apesar das deficientes condições de alojamento e de vida dos militares a bordo, procurar assegurar da melhor forma o bem-estar das tropas quanto ao alojamento e alimentação, zelar pela segurança e disciplina dos militares e manter a ligação entre o Comando das tropas e o Capitão de Bandeira.

Tarefa pouco fácil dadas as condições existentes principalmente devido à falta de condições de alojamento pois no apertado espaço onde estavam instalados os incómodos beliches e se amontoavam as bagagens pessoais era difícil encontrar o desejado descanso. No entanto ali permaneciam deitados os mili-



Desenho do Autor representando os bliches triplos

tares que assim procuravam ultrapassar a monotonia das horas em que não havia qualquer atividade ou os que, vencidos pelo enjoo, não tinham forças nem coragem para se levantarem. A estes havia que os tirar em braços daquele local e trazê-los para o convés para recuperarem com o ar fresco que ali fora se respirava.

Apesar de todos os cuidados não foi possível evitar que houvesse uma forte intoxicação alimentar que afetou cerca de 200 homens, devido decerto a alimentos armazenados em deficientes condições ou fora do prazo de validade. Viveram-se então situações difíceis em virtude do superlotado espaço de alojamento, com elevado número de homens doentes com vómitos e diarreia, com insuficiência de meios humanos e de medicamentos para os tratar com a urgência e eficácia desejada, havendo que se trazer para o convés muitos homens sem forças e sem ânimo para reagir.

Finalmente conseguiu-se ultrapassar este mau bocado e para animar as tropas organizou-se uma festa em que os cantores e tocadores e os improvisados apresentadores brilharam e divertiram com as suas graçolas e musicas os militares que a tudo assistiram empoleirados nos locais mais diversos do navio para melhor apreciarem o espetáculo.

A viagem de 10 dias foi assim decorrendo entre uma monótona mas trabalhosa rotina e os incidentes que a acumulação de tanta gente em tão apertados espaços provocava.

Finalmente aproximávamo-nos da costa africana que de quando em quando era assinalada durante a noite pelo brilho das luzes de uma ou outra povoação que todos já viam com entusiasmo e grande satisfação, desejosos de terminar a incómoda viagem e finalmente pôr pé em terra. À aproximação da costa de Angola uma fragata da Armada Portuguesa passou a acompanhar o navio escoltando a sua progressão para o porto de Luanda.

Na véspera do desembarque previsto para a madrugada seguinte todos efetuaram os preparativos necessários para terem a sua bagagem pessoal pronta para ser levada para terra e aprontaram os seus uniformes de modo a estarem prontos para a formatura e desfile pelas ruas de Luanda que iriam seguir-se ao desembarque. Eu próprio me preparei com um camuflado lavado, botas engraxadas e tudo pronto para, após um breve descanso no beliche, estar preparado para de madrugada finalmente desembarcar e pisar terras de África, numa Luanda onde sabíamos que éramos aguardados com interesse e entusiasmo por grande multidão.

Também como preparação para o desembarque todos os homens entregaram o colete salva-vidas que lhes tinham sido distribuídos que foram todos recolhidos e amontoados nas barracas de madeira das improvisadas instalações sanitárias. Esta situação haveria de ser determinante nos acontecimentos que de seguida se sucederam.

Alguns homens tinham preferido não voltar aos seus alojamentos e concentravam-se na proa do navio apreciando o ar quente mas limpo que ali gozavam enquanto ao longe já se avistavam as luzes de terra que cada vez estava mais próxima.

Quando procurava descansar no meu beliche a certa altura da noite ouvi grande alarido e, levantando-me sobressaltado para sair e averiguar o que sucedia, vi através da vigia um enorme clarão refletido na água.

Avenida Marginal, em Luanda

Fontes: esta imagem: 4.bp.blogspot.com; imagem da página seguinte: 1.bp.blogspot.com.

Fogo a bordo! Tinha-se declarado um incêndio na zona do castelo da proa onde ardiam as barracas dos improvisados sanitários onde tinham sido guardados os coletes salva-vidas. Enormes chamas se erguiam no ar projetando fagulhas a arder na direção da ré do navio devido ao efeito da deslocação, precisamente sobre uma grande abertura que para efeito de arejamento se abria na zona dos alojamentos da coberta da proa.

Corri para o local para tomar as medidas adequadas para ajudar a combater o incêndio e com enorme surpresa constatei que não havia a presença de qualquer elemento da tripulação. Alguns militares no meio da confusão procuravam fazer qualquer coisa de útil até que se conseguiu encontrar um dos postos de combate aos incêndios cujo vidro se partiu para desenrolar a mangueira que lá se encontrava. No entanto por falta da chave para abrir a água só passados alguns momentos se conseguiu pôr esse equipamento a funcionar lançando água sobre a fogueira e sobre alguns homens que munidos das mais diversas ferramentas procuravam atacar o incêndio desmantelando as barracas. Um deles, que já se havia evidenciado anteriormente como pouco disciplinado mas que era contudo muito desembaraçado e com grande iniciativa, tinha-se apoderado de um carrinho para transporte de bagagem e manobrava-o empurrando-o com força, à maneira de um aríete, contra as tábuas que constituíam as paredes das barracas, procurando desmantelá-las. O perigo de um incêndio no interior da coberta era enorme pois além dos pertences dos que ali estavam alojados os próprios colchões eram material facilmente inflamável e acima de tudo havia o risco de o incêndio atingir os porões onde eram transportadas as viaturas, combustíveis e munições.

Alguns militares, carregando a sua bagagem, procuravam sair da coberta e vir para a superfície percorrendo o confuso labirinto de corredores e escadas para subir ao convés e, aí chegados, deparavam com as chamas que sopravam na sua direção e, descendo de novo em busca de outra saída, chocavam com os que atrás deles vinham a subir, aumentando assim a confusão já existente. Falei entretanto com o Comandante da Companhia de Polícia Militar para que com os seus homens evitasse a passagem de elementos vindos da ré para a proa o que contribuiu para suster o pânico e limitar a confusão. Pouco a pouco foram aparecendo os elementos da tripulação que puseram outras mangueiras em funcionamento e algum tempo depois conseguiu-se controlar o incêndio e por fim extingui-lo o que só foi possível após o desmantelamento total das barracas cujos destroços incendiados foram sendo lançados ao mar bem como os coletes salva-vidas a arder que se encontravam no seu interior.

Quando, passado o perigo, se procurou averiguar as causas do sucedido apurou-se que o incêndio fora provocado por algumas pontas de cigarro lançadas pelos homens que gozavam o fresco na proa do navio e que haviam sido levadas pelo vento para cima das barracas. A própria deslocação do navio, e a existência no seu interior dos salva-vidas de fácil combustão que em má hora ali tinham sido amontoados, favoreceu a eclosão do fogo. No rescaldo desta situação verificaram-se felizmente apenas queimaduras ligeiras em alguns dos militares que haviam combatido o incêndio. Eu próprio fiquei com o cabelo chamuscado e quase sem pestanas e sobrancelhas e com a farda que já tinha envergado para o desfile toda enfarruscada. Dois dos homens que mais se tinham distingui-

do na luta contra o incêndio foram até louvados pelo Comandante Militar mediante proposta por mim apresentada. Deste modo deu-se por findo um incidente que poderia ter atingido proporções catastróficas. Felizmente que tudo não passou de um tremendo susto e alguns menores estragos e da perda das negregadas instalações sanitárias de madeira e dos incómodos coletes salva-vidas que neste caso acabaram por atraiçoar a sua finalidade! Foi tudo uma prova tremenda e dura para os nossos homens e podemos dizer que foi de facto o nosso "batismo de fogo" antecipado! Finalmente as tropas desembarcaram e o desfile realizou-se com grande garbo de todos os militares perante imensa multidão. E foi assim o início de uma Comissão que soubemos cumprir com brio.

P.S. Como digno de nota relato um caso curioso. Os Batalhões de Artilharia e de Cavalaria que tinham sido transportados no Niassa cumpriram as suas comissões em zonas distintas de Angola e só se voltaram a encontrar por ocasião do seu embarque por a data de regresso ter coincidido. Foi um feliz reencontro onde se viveu a alegria do regresso e se lamentou a perda das baixas sofridas e o seu sacrifício. Partilharam-se experiências e deu-se a conhecer muito do que cada um tinha vivido.

Entre os mais extrovertidos sobressaía um soldado cujos relatos estavam cheios de incidentes e de atividade operacional arriscada mas bem sucedida. Regressava à Metrópole e à sua vida normal um soldado experimentado por emoções fortes que soubera ultrapassar e que lhe traziam alguma fama entre os que ouviam os seus relatos. Ao fim de algum tempo esta fama caiu por terra pois veio a saber-se que o referido militar era um dos cozinheiros de uma Companhia que por isso não tinha participado nas operações da sua Unidade. O seu desejo de finalmente se identificar com tantos dos seus camaradas que se haviam exposto nessas atividades e a sua natureza extrovertida, e também pouco amiga da verdade, tinham criado em si uma personagem ideal que teria querido ser. Estamos certos no entanto que a sua atividade como cozinheiro não permitiu que a sua missão não fosse bem cumprida nas tarefas diferentes mas igualmente importantes que desempenhara.

O importante é que em qualquer situação ou circunstância cada um de nós saiba assumir e cumprir de forma responsável as tarefas que lhe são confiadas contribuindo assim para o sucesso da missão do coletivo a que pertence.

Desfile militar do Batalhão de Artilharia N.º 346, em Luanda

Uniforme de Gala de 1933 para Oficiais Generais

O plano de uniformes de 1933, aprovado por decreto de 18 de março, veio regulamentar um conjunto alargado de alterações que tinham sido introduzidas nos uniformes do pós-guerra, adoptados em 1920. Deste novo plano fazia parte um "uniforme de gala" para oficiais generais, muito semelhante ao chamado "uniforme n° 1" de 1920. Era composto por chapéu armado (ou barrete de gala), casaco com dragonas, banda, calça de gala, bota de polimento com esporas douradas e luvas de pelica branca. Consoante as situações, este uniforme podia ser usado com ou sem espada.

Uniforme com espada e fiador de gala
Grandes solenidades oficiais, nacionais ou estrangeiras, récitas de gala e cumprimentos oficiais a navios nacionais ou estrangeiros, com assistência do Chefe do Estado ou de soberanos ou príncipes estrangeiros.
Comemoração de feitos históricos importantes sem assistência do Chefe do Estado, com uso autorizado, ou ordenado, pelo Ministro da Guerra.
Cumprimentos oficiais ao Chefe do Estado, a soberanos ou príncipes estrangeiros e a embaixadores ou ministros plenipotenciários acreditados junto do Governo Português.
Uniforme sem espada
Receções, jantares e bailes de gala com assistência do Chefe do Estado ou de soberanos ou príncipes estrangeiros.
Receções, jantares e bailes de gala no Ministério dos Negócios Estrangeiros ou na residência de embaixadores ou ministros plenipotenciários acreditados junto do Governo Português.

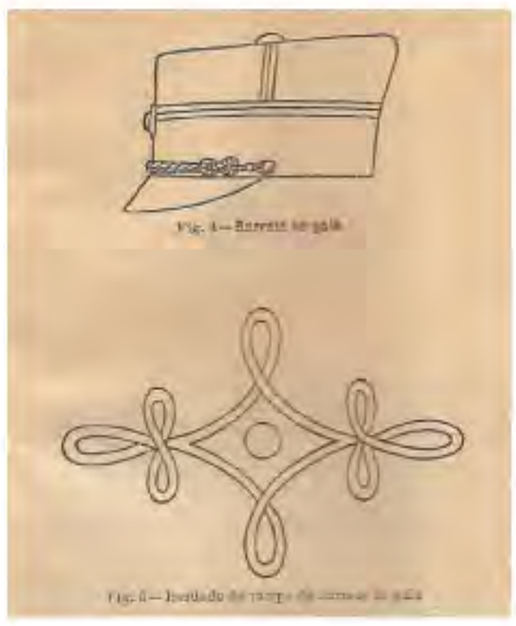
Figura 1: o General Tasso de Miranda Cabral, circa 1940

O uniforme de gala do modelo de 1933 era usado com bandas das ordens, colares, placas, cruzes de pescoço e fourragéres bem como, em certos casos, cordões e agulhetas. À data da realização desta fotografia, o General Tasso de Miranda Cabral desempenhava funções como Chefe do Estado-Maior do Exército.

Figura 2: chapéu armado para oficial general, modelo de 1933

Último descendente dos chapéus bicórnios de 1806, esta cobertura era semelhante aos modelos de 1911 e 1920, com presilha e borlas de fio dourado, debrum de galão dourado e arminhos brancos. A presilha era fixada por meio dum botão do modelo aprovado para os oficiais generais. O laço nacional, em seda encarnada e verde, encontra-se muito desbotado neste exemplar.

Figura 3: modelo para "barrete de gala" do plano de uniformes de 1933



O barrete de gala era exclusivamente destinado a oficiais e variava consoante a patente e a arma ou serviço. Para os oficiais generais, era confeccionado em pano azul ferrete e apresentava quatro trancelins dourados na parte superior e um bordado a ouro na parte inferior. Um destes barretes faz parte do espólio museológico da Guarda Nacional Republicana.

Figura 4: casaco de gala para oficial general, modelo de 1933

O casaco de gala era de pano azul ferrete com a frente, as costas e os quartos laterais feitos duma só peça. Apertava ao meio do peito por meio de oito botões de tamanho grande e tinha, nos ombros, passadeiras de pano encarnado, bordadas a ouro, para as dragonas. A gola e os canhões das mangas eram de pano encarnado, bordado a fio dourado, sendo os últimos guarnecidos por dois botões de tamanho pequeno. A banda era confeccionada em liga de torçal carmesim e dourado, com borlas da mesma cor. Este artigo de uniforme era semelhante ao usado durante o período final da monarquia.

Figura 5: botões para oficial general

Tal como a generalidade dos botões usados pelo exército, os botões para oficial general eram fabricados em dois tamanhos, grande e pequeno. O modelo regulamentar de 1911, conservado nos planos de uniformes de 1920 e 1933, apresentava um fundo liso. No entanto, a partir de 1933, muitos botões começaram a ser produzidos numa versão não regulamentar, com fundo estriado, que permitia uma melhor conservação da douradura. Neste conjunto, que pertenceu ao mesmo oficial general, o botão do chapéu é "liso", ao passo que os botões do casaco são "estriados".

Figura 6: capa para oficial general, modelo de 1933

A capa, que deveria alcançar o nível dos joelhos, era confeccionada em mescla cinzento-azulada, com gola encarnada para os oficiais generais e preta para os restantes oficiais. As duas estrelas de prata colocadas nas presilhas da gola indicam ter pertencido a um brigadeiro.

Figura 7: calça de gala para oficial general, modelo de 1933

A calça de gala, em pano azul ferrete, era decorada com um galão dourado. Este modelo de galão, que aqui se pode apreciar em pormenor, foi originalmente usado durante o período final da monarquia.

Figura 8: dragonas para general, modelo de 1933

As dragonas tinham uma pala de metal dourado em escamas e franja solta de canotilho dourado fosco. Eram forradas de pano encarnado, cor reservada aos oficiais generais e apresentavam a pala decorada com estrelas de prata: três para generais ou duas para brigadeiros.

Figura 9: espada e luvas para general, modelos de 1933

A espada, com o respectivo fiador de gala em fio dourado, é uma versão regulamentar tardia do modelo adoptado em 1911. Outros modelos, não regulamentares, foram também usados. O General Craveiro Lopes, por exemplo, usou uma velha espada do modelo de 1852, que pertencera ao seu avô, durante a chegada a Lisboa de SM a Rainha Isabel II e do Duque de Edimburgo, em 18 de fevereiro de 1957.

Figura 10: o General Carmona em uniforme de gala, 1942

A capa era o único abafo cujo uso era permitido com o uniforme de gala. Isto devia-se, em parte, à impossibilidade de adaptar um sobretudo ao volume das dragonas. No entanto, até mesmo a capa se adaptava mal a este volume, como é por demais evidente nesta fotografia, realizada em 15 de abril de 1942. Como Chefe do Estado, Carmona usava, nas dragonas e nas presilhas da capa, três estrelas douradas.

Fotografia: Jaime Regalado

Bibliografia:

1. Circular n.° 27 da Repartição do Gabinete, de 5 de julho de 1940.
2. Lista Geral de Antiguidades dos Oficiais do Exército Metropolitano, referida a 1 de janeiro de 1940.
3. Nobre, Eduardo: As Armas e os Barões. Quimera Editores, 2004.
4. Ordem do Exército n.° 16, 1.ª série, de 9 de agosto de 1911.
5. Ordem do Exército n.° 1, 1.ª série, de 5 de fevereiro de 1920.
6. Ordem do Exército n.° 4, 1.ª série, de 18 de março de 1933.
7. Ordem do Exército n.° 8, 1.ª série, de 14 de dezembro de 1948.

Pedro Soares Branco

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA • 2,00 **ASSINATURA ANUAL (11 números):** VIA SUPERFÍCIE - **Portugal Cont. Madeira e Açores** • 20,00; VIA AÉREA - **Países europeus** • 45,00; **Restantes Países** • 65,00. NOTA: **As assinaturas devem ser pagas antecipadamente**
NÚMEROS ATRASADOS - 1960 a 1979 • 5,00; **1980 a 1989** • 3,00; **1990 a 2001** • 2,50; **2002** a **2012** • 2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO • 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: **1000/2000** • 4,21; **3000/8000** • 5,79; **Açores** e **Madeira** • 6,56.

Filmes & Jogos

Lincoln

Drama e Biografia – Em exibição

Realizado por Steven Spielberg, Lincoln trata-se de um filme biográfico sobre uma das mais importantes figuras da história americana – Abraham Lincoln – o 16º presidente dos EUA, conhecido por promover a aprovação da 13.ª Emenda à Constituição Americana, pela Câmara dos Representantes.

Adaptado da obra "Team of Rivals: The Political Genius of Abraham Lincoln", escrita em 2005 por Doris Kearns Goodwin, o filme centra-se nos tumultuosos últimos quatro meses de vida do presidente, numa nação fragmentada pela guerra.

Eleito em 1861 mas longe de reunir consenso, Lincoln põe em marcha um plano para terminar com a guerra, unir o país e abolir a escravatura. As suas escolhas, durante o período conturbado da Guerra Civil Americana, levam-no à tragédia do seu assassinato em abril de 1865, mas acabam por marcar determinantemente o destino das gerações vindouras.

O desempenho muito aplaudido pela crítica de Daniel Day-Lewis como protagonista (Lincoln) valeu-lhe o Óscar de Melhor Ator 2013, naquela que foi a 85ª Edição dos Óscares. A película arrecadou ainda o Óscar de Melhor Design de Produção.

Negócios de Armas

Documentário

Atualmente a passar no *National Geographic Channel* uma interessante série intitulada – Negócios de Armas. O fundador da International Military Antiques (IMA) http://www.ima-usa.com e um dos maiores colecionadores e negociante de antiguidades militares, o inglês Christian Crammer, gere em New Jersey (EUA), um negócio de família. Entre um pai, colecionador compulsivo e o seu filho e sócio Alex, também um apaixonado por armas, mas que prefere mais negociar que colecionar, existe uma engraçada disputa familiar. A série dá-nos a conhecer um variado tipo de armas e equipamentos ligeiros militares. Algumas são autênticas raridades. A forma como são restauradas, como são compradas ou vendidas, fazem desta série um documentário muito interessante do ponto de vista histórico, ao mesmo tempo muito engraçado pela cómica disputa entre pai e filho.

Crysis 3

Gênero: First Person Shooter, Playstation3, X Box 360, PC

A produtora alemã Crytek, conhecida pela exímia qualidade gráfica dos seus videojogos apresenta-nos "Crysis 3", um jogo de ação e de tiro em primeira pessoa muito aguardado pelo público.

Sequela direta de "Crysis 2" (2011), "Crysis 3" revela um visual impressionante quer pelos efeitos de luz muitíssimo bem conseguidos, quer pelo hiper-realismo dos elementos naturais como a água, ou ainda, pelos minuciosos detalhes que compõem o cenário.

A história passa-se em 2047, na cidade de Nova Iorque, enclausurada numa Nanodome criada pela corrupta Cell Corporation. O jogador assume o papel de Prophet, o herói que se supunha morto, no capítulo anterior. Recorrendo ao Nanosuit – uma armadura de tecnologia avançada – e a um arco e flecha letal, Prophet prossegue a sua missão de vingança enfrentando a ameaça alienígena e os agentes da Cell.

O ponto forte de "Crysis 3" é a sua opção multiplayer muito completa. Para além da personalização dos equipamentos, o sistema de evolução permite moldar o personagem ao estilo e perícia do jogador.

Livros & Revistas

Novembro

Jaime Nogueira Pinto demonstra a sua mestria enquanto autor de romances. Transportando o leitor para as vésperas do 25 de Abril, "novembro" descreve muitas vezes, autobiograficamente, as diferentes histórias das famílias, dos estratos sociais e do combate ideológico aliado às atividades dos movimentos que se criaram para fazer face à ameaça revolucionária que se viveu nesses tempos.

A figura de Eduardo, vai andar por todo o lado, em especial em Angola, no último ano antes da independência, dando-nos a conhecer um xadrez de traições. Contra os ventos da História, Portugal soube cumprir a sua Missão até onde pôde resistir.

"Novembro" vem mostrar outra perspetiva da História que ainda está por contar.

Pinto, Jaime Nogueira, *Novembro*, Romance Editora, Lisboa, 2012.

Origens da Grande Guerra

É o título da excelente obra de David Martelo, Coronel reformado do Exército Português, no centenário da Grande Guerra 1914-1918, que teve a sessão de lançamento na Sala do Conselho Académico da Academia Militar, em 5 de fevereiro último, pelas Edições Sílabo.

Um trágico e desnecessário conflito, o fim da "aliança" anglo-germânica, a arte da guerra na era pós-napoleónica, a França e a rivalidade com a Alemanha, a concertação militar franco-britânica são alguns dos vários capítulos que retrata *Origens da Grande Guerra*.

Após a leitura desta obra, o leitor ficará, certamente, a saber interpretar melhor os porquês desta Guerra que causou milhões de vítimas.

Martelo, David, *Origens da Grande Guerra*, Edições Sílabo, Lisboa, 2013.

Guerres & Histoire

A famosa publicação francesa Science & Vie resolveu lançar, em 2010, mais uma coleção temática. A *Guerres & Histoire* é para nós, uma das mais interessantes revistas sobre o tema – história militar.

Esta revista traz-nos um dossier sobre a longa batalha de Estalinegrado e desfaz alguns mitos deste gigantesco confronto bélico – a II Guerra Mundial. Tem sempre artigos muito diversificados, desde aqueles que abordam a antiguidade clássica, até aos conflitos mais atuais, para além de curiosidades sobre material bélico, cinematografia, livros e jogos, tudo relacionado com assuntos militares. Com ela colaboram autores como Jean-Dominique Merchet, reconhecido escritor francês em assuntos militares, entre outros especialistas em história bélica.

Clube de Futebol de Lanceiros

Em finais de 1992, após a entrada em vigor da chamada "Lei dos Coronéis" um grupo de JCR (Jovens Coronéis Reformados) de Cavalaria quiseram manter-se em contato e acharam que a melhor forma de o fazer seria através do desporto. Passaram a reunir-se semanalmente no Regimento de Lanceiros 2 para jogarem futebol de salão. Surge entretanto a ideia de se deslocarem às várias Unidades de Cavalaria para assim se manterem as ligações com os Camaradas daquelas Guarnições.

No dia 21 de janeiro de 1993 realizou-se no Regimento de Cavalaria 3 em Estremoz o 1º jogo "oficial". Desta equipa faziam parte os Coronéis Ayala Botto, Moreira Dias, Beato Correia e Fernando Ramos, o Tenente Coronel Caimoto Duarte e os Majores Mário Pinto e António Cruz. A partir desta data e com o apoio da Associação dos Antigos Oficiais de Lanceiros entretanto criada e que passaram a representar, a atividade foi-se estendendo a Unidades e Estabelecimentos Militares de outras Armas, Serviços e Ramos das Forças Armadas, bem como a Unidades das Forças de Seguranças (GNR e PSP), de Vila Real a Faro e ainda com várias idas à Madeira e aos Açores.

Apoiados por Oficiais de Cavalaria que lá prestavam serviço, o Clube de Futebol de Lanceiros jogou em Bruxelas, Paris e Valencia. Nestas deslocações, destaca-se a colaboração do Batalhão de Transportes da Força Aérea e da GNR. A maioria dos oficiais que entretanto deixaram de jogar passou a acompanhar a equipa, entretanto rejuvenescida com novos elementos, inclusive militares de outras Armas e Serviços.

Ao fim de 20 anos a atividade prossegue, com a certeza de que o espírito de camaradagem, e a confraternização – apesar das diferenças de idades cada vez maior entre os elementos da equipa e seus acompanhantes e os Oficiais que atualmente prestam serviço nas várias Unidades – se irão manter. A forma amiga como sempre são recebidos assim o garante. Ao utilizar o desporto como argumento promotor do convívio entre diferentes gerações, o Clube de Futebol de Lanceiro promove o fortalecimento dos laços da Família Militar.

Tertúlia *Fim do Império*

Os presidentes da Câmara Municipal de Oeiras, da Direção Central da Liga dos Combatentes, e do Núcleo de Oeiras e Cascais da Liga dos Combatentes, têm a honra de convidar a participar no 3º encontro do 9.º ciclo da tertúlia *Fim do Império*, a realizar na Livraria-Galeria Municipal Verney/Coleção Neves e Sousa, na Rua Cândido dos Reis, n.º 90, no centro histórico de Oeiras.

Os 1º e 2º encontros, realizados a 19 de março e a 16 de abril, respetivamente, versaram sobre a obra poética *Segredos da Guerra e da Paz*, do Tenente-General Chito Rodrigues, com o autor e com o Coronel José Geraldo, Presidente da Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Poetas e Diretor do Jornal do Exército, no primeiro encontro; e sobre o lançamento da reedição do 1.º caderno, revista e aumentada, sobre bibliografia, e apresentação do livro da Dr.ª Maria José Tíscar Santiago, *O 25 de abril e o Conselho de Estado, a questão das actas*, com a autora e General Almeida Bruno, no segundo encontro.

O 3.º Encontro, a realizar a 21 de maio, pelas 15h00, contemplará o lançamento do 10.º livro da coleção *Fim do Império – Mousse de Manga*, de Helena Pinto Magalhães, e do livro *Moçangola*, de José Castro Figueiredo, em edição geminada e em articulação com a inauguração de uma exposição de pintura dos autores, que se prolongará até 1 de junho. Contará com a presença dos autores e com livros autografados.

Acessibilidades: Estação da CP de Oeiras e de autocarros 106, 111, 112, 115, 122; parque de estacionamento com entrada pela Av. Copacabana (colecaonevesesousa@cm-oeiras.pt, telefone: 214 408 329; telemóvel: 917 519 280).

EXÉRCITO

RECRUTAMENTO

O FUTURO É AQUI...

www.exercito.pt 800 20 12 74 recrutamento@mail.exercito.pt

Um seguro de saúde flexível desde o primeiro momento.

Data de impressão: abril 2013. Publicidade. Escrito segundo o Novo Acordo Ortográfico.
Atividade seguradora supervisionada pelo Instituto de Seguros de Portugal.

4 OPÇÕES

Conte com a confiança AXA na sua saúde.

Vitalplan é um plano de saúde abrangente para as Forças Policiais e Militares que pode funcionar como complemento com o seu subsistema de saúde.

Disponibilizamos-lhe a flexibilidade necessária à proteção da saúde a começar pela idade de subscrição. Pode subscrevê-lo até aos 60 anos.

Conheça em detalhe estas e outras vantagens que **Vitalplan** tem para a sua saúde e a da sua família.

Conte connosco. Contacte-nos:

Linha Vitalplan 808 207 020 dias úteis, das 8h30 às 18h30, e aconselhamento médico todos os dias, 24h

Mediador | Espaço AXA mais próximo

Saiba mais em:

www.axa.pt/vitalplan

2009 · 2010 · 2011 · 2012 N°1 MARCA SEGURADORA MUNDIAL

A AXA é a 1.ª marca seguradora a nível mundial pelo 4.º ano consecutivo Best Global Brands 2012, Interbrand.

As condições apresentadas são válidas até 31/12/2013.
Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida.

AXA Portugal, Companhia de Seguros, S.A.
Sede: Rua Gonçalo Sampaio, 39. Apart. 4076. 4002-001 Porto
Tel. 22 608 1100. Fax 22 608 1136. Matrícula / Pessoa Coletiva N.º 503 454 109
Conservatória de Registo Comercial do Porto. Capital Social 36.670.805 Euros

redefinimos / standards

Diabo! Mande buscar o berço, mestre Sota! E bem depressa!

Mestre Aguiar! Quero todos os homens armados com béstas!

Segurem-se! Segurem-se!

Talvez não seja necessário, senhor Gil Eanes! Repare que se os guanches quisessem atacar-nos, os homens da água já estariam mortos! Acho que eles apenas querem que partamos...

Cumpra as ordens, mestre Sota! Aqui o capitão ainda sou eu!

CARREGAR!

Suplico-lhe, senhor Gil Eanes. Não faça isso, por favor...

Calma, mestre Sota! Não vou fazer nada... mas se formos atacados temos de estar prevenidos, entende?....

27

Parece que estes estrngeiros se assustaram com o nosso número! Acho que se estão a preparar para partirem!... Malditos!

Mesmo assim, vou dar-lhes uma boa razão para que se apressem!

Não vale a pena derramar sangue, Arduno! Estes não vieram para fazer pilhagens!

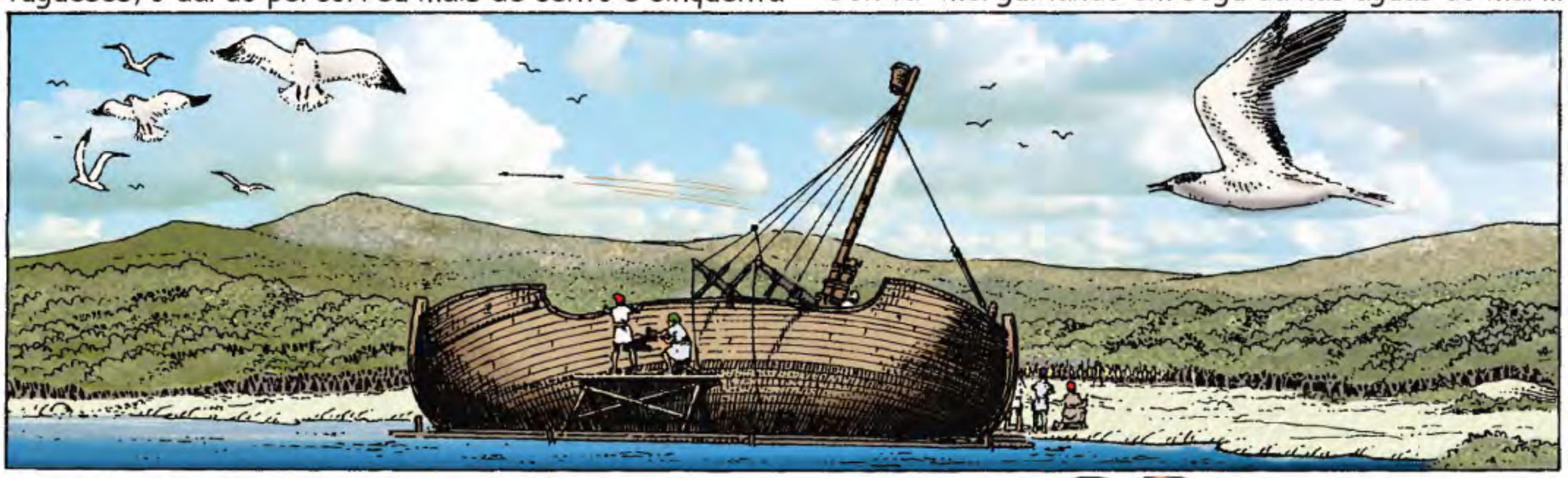
Descansa, Belido! Só vou dar-lhes uma demonstração do que somos capazes!

Os guanches pertenciam a uma raça do tipo cro-magnon, que ainda viviam na Idade da Pedra, usando utensílios e armas do período neolítico. Entre as técnicas que ainda conservavam havia uma há muito esquecida pelos europeus: o propulsor de dardos!...

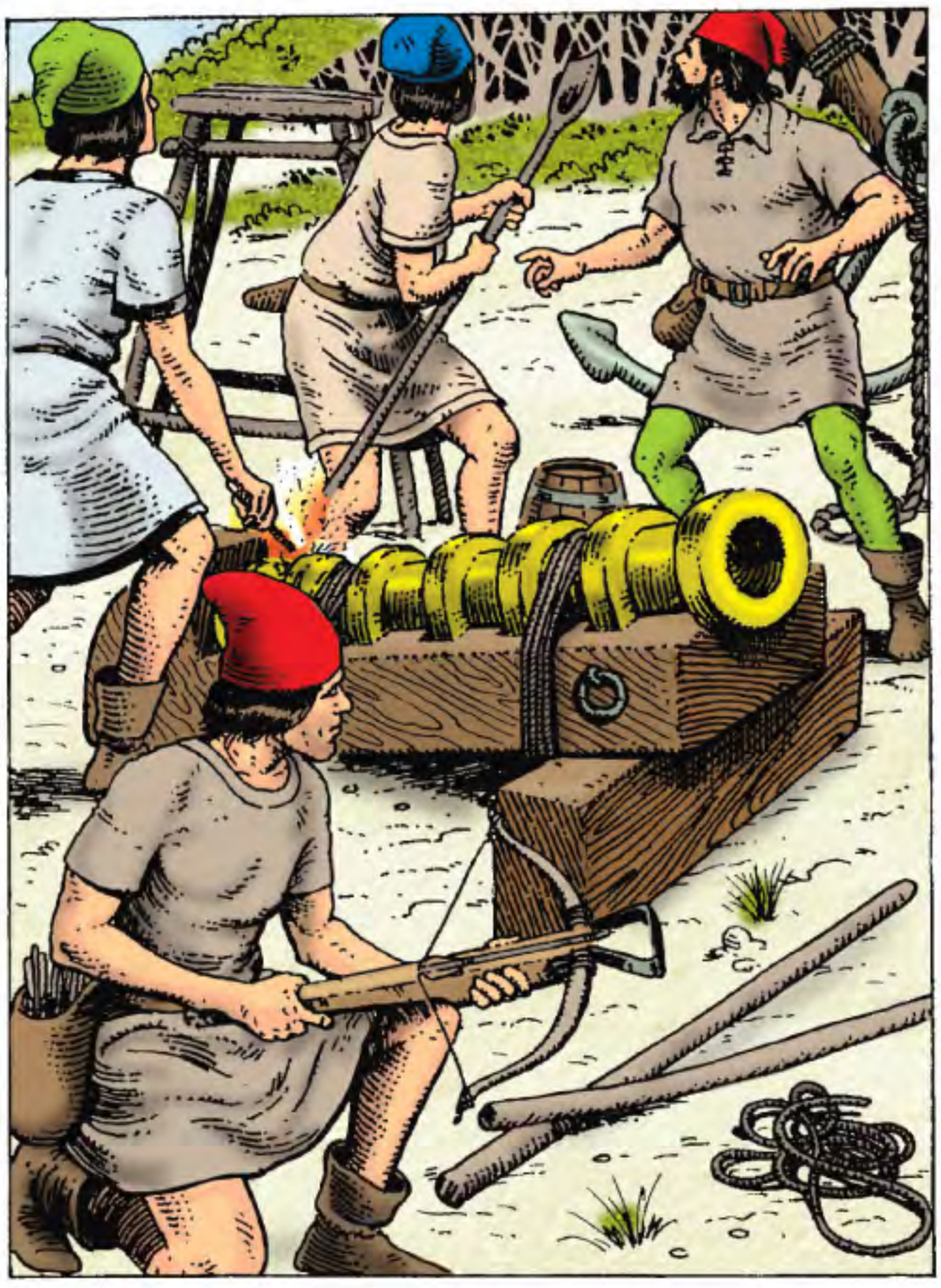
Atenção! Parece que um dos selvagens se prepara para nos arremessar um chuço!

Não há perigo. Àquela distância nem a meio caminho chega!

Perante a atónita incrudelidade dos marinheiros portugueses, o dardo percorreu mais de cento e cinquenta metros, descrevendo uma trajectória curva sobre a "Bonita" mergulhando em seguida nas águas do mar...



Mas dominado pelo pasmo, o artilheiro encostou inadvertidamente o morrão ao rastilho de pólvora da peça, provocando o súbito disparo do berço...



O estrondo da detonação apavorou os guanches, mas o pelouro embateu no arvoredo provocando apenas estardalhaço...

O projéctil despedido pelo berço havia despedaçado apenas a copa de uma árvore. Mas passado o susto, os guanches regiram com grande violência...

*Ματαρ!

*Ματαρ!

*Ματαρ!

*À morte!

Entre as técnicas esquecidas que os guanches conservavam havia a funda, que eles usavam eficazmente.

...e uma furiosa chuva de seixos abateu-se subitamente sobre os desprevenidos portugueses...

... e um dos calhaus atirados abateu-se certeiramente sobre a cabeça de Gil Eanes, derrubando-o.

Depressa! Todos para o abrigo da barca! Tu, aí, Trabucho e tu, Fernandes, ajudem-me a tirar daqui o senhor Gil Eanes!

Uma boa meia dúzia deles foi derrubada pelos virotes, esfriando-lhes os ânimos, mas os guanches não abandonaram a luta...

Não tivemos remédio senão disparar alguns tiros de bésta sobre os selvagens que vinham sobre nós dispostos a tudo...

€2.00 (IVA incluido)

Ano LIV – n.º 626
MARÇO DE 2013

Jornal do Exército

Exercício Pristina 131
Preparação para o Kosovo

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Oferta Exclusiva

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Monumentos com História Militar
Palácio dos Condes de Barbacena – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
Grupo de Fornecedores Nucleares
Uma entidade ao serviço da
contraproliferação nuclear – 18
210 anos de Colégio Militar – 34
A Mina de Granadas – 36
Cultura, Desporto e Lazer – 42

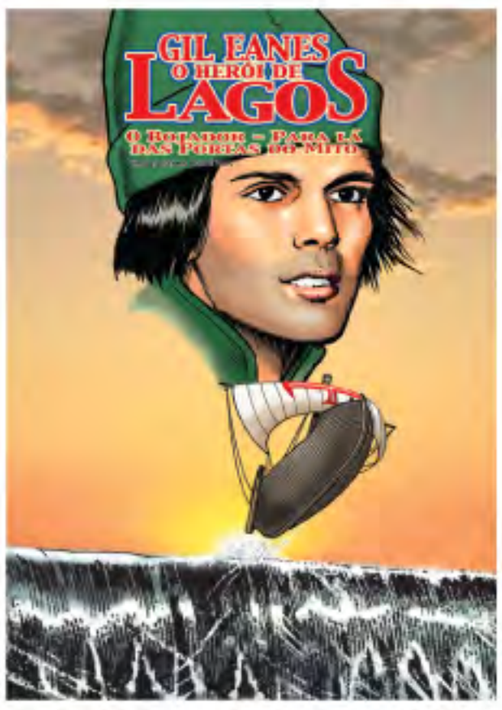
Capa

Foto: BrigRR

Operação Serval
As Forças Armadas Francesas no Mali – 30

Exercício Cobra 13-1 – Cooperação Militar
com Timor Leste – 16

REAL THAW 2013 (RT13) – 24



Suplemento Banda Desenhada:
"Gil Eanes – o Herói de Lagos"
Pág: XXXIII a XXXVI

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Sub-Diretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Ass. Téc. Arminda Vitorino; **REDAÇÃO - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatora:** Alferes RC Filipa Domingos; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo;; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; EXECUÇÃO GRÁFICA - Sersilito - Empresa Gráfica Lda. -Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

Palácio dos Condes de Barbacena

Naquele alto montesino que beija o Tejo, denominado Campo de Santa Clara, por onde D. Afonso Henriques e as suas tropas iniciaram o cerco a Lisboa em 1147 e onde foram sepultados cruzados alemães e flamengos, ergue-se hoje um palácio imponente, riscado pelo grande arquitecto setecentista português Manuel da Costa Negreiros[1] (1702-1750).

De entre os vários trabalhos que Costa Negreiros fez, destacam-se os seguintes: a igreja de Santo Estevão (1734), em Alfama; a capela do Senhor Jesus da Boa-Nova (1735), a capela real do palácio das Necessidades e do palácio da Bemposta (1735). Duas das suas obras-primas de arquitectura civil são, ainda, o palácio do Correio-Mor, em Loures, e, finalmente, o palácio dos Condes de Barbacena.

A história deste palácio não é muito conhecida; supõe-se, contudo, que este terá sido mandado construir provavelmente por D. Luís Xavier Furtado de Mendonça, 4.º Visconde de Barbacena (1692-?). O nome do palácio ficou, no entanto, ligado ao seu neto, D. Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 7.º Visconde e 2.º Conde de Barbacena (1780-1854), por ter sido o último titular desta família a viver no palácio.

O palácio manteve-se na família até ter sido adquirido pelo Cardeal Patriarca D. Manuel Bento Rodrigues da Silva (1800-1869), durante os anos de 1861-65 e cuja documentação que relata a compra se encontra, ainda hoje, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Fundo da Mitra Patriarcal de Lisboa, Livros 20 e 22).

No final do século XIX, o palácio foi transformado em Hospital Militar e permanece na posse do Exército Português presentemente, que teve o cuidado de manter o mais possível a traça original do palácio, incluindo a capela, no 1.º andar, e os magníficos azulejos, para além de alguns trabalhos em estuque.

Devido a este pequeno historial de titulares, este palácio ficou conhecido como palácio dos Condes de Barbacena, palácio da Mitra e, agora, Messe de Oficiais de Santa Clara.

Mas e o que se poderá dizer desta obra magnífica da arte Barroca Portuguesa?

Na fachada principal, virada a sul, destaca-se, ao nível das janelas do 1.º andar, o brasão dos condes de Barbacena, no estilo típico das grandes Casas Senhoriais. A elegância do traçado arquitectónico mantém uma estrutura classicizante, apenas cortada pelos ritmos decorativos das varandas, coroadas de ática, e pelo conjunto magnífico de mansardas, colmatadas com fogaréus típicos da época, que denunciam as características barrocas desta obra.

O seu interior mantém, *in situ*, os magníficos azulejos barrocos (datáveis da década de 30 do século XVIII), com variadas cenas palacianas, galantes, de caça e bucólicas, próprias do ambiente cortesão da época setecentista. Os panos azulejares estão muito bem conservados, dando ambiente às várias salas de lazer da Messe, bem como o átrio e a elegante e imponente escadaria, de onde nos esperam as famosas "figuras de convite" das entradas típicas das casas da Alta Nobreza Portuguesa.

É louvável que tenham sido preservados pelo Exército Português os elementos mais identificativos deste grande palácio barroco, que não foi derrubado com o Terramoto de 1 de novembro de 1755, pese embora tenham sido arrasados muitos palacetes na mesma área. E, nos tempos que correm, em que vemos grande parte do Património ser abandonado ou danificado, só temos que parabenizar a Messe de Santa Clara pelo excelente trabalho de manutenção artística com que nos tem presenteado ao longo dos anos, no tratamento que tem dado a esta linda obra da arquitectura portuguesa.

Aline Gallasch-Hall de Beuvink
Professora Doutora

---

[1] Este arquitecto era filho de um mestre pedreiro conhecido pela mestria no seu trabalho (José da Costa Negreiros) e acabou por seguir a linha de excelência do pai. Nascido em Lisboa, na Freguesia de Nossa Senhora do Socorro, cedo aprendeu a lidar com a pedra aparelhada, devido aos ensinamentos paternos; mas profissionalizou-se com o que aprendeu na denominada grande fábrica de Mafra, ou seja, a Escola que o arquitecto João Frederico Ludovice (1673-1752) deixou com a construção do Convento-Basílica de Mafra, uma das maiores e mais imponentes obras do Barroco Português. Manuel da Costa Negreiros tornou-se mestre pedreiro em 1731 e poderemos dizer que a influência de estilo italianizante que aí adquiriu veio a revelar-se em algumas das obras que deixou. Nos primeiros anos, como mestre pedreiro, trabalha em Mafra e no Aqueduto das Águas Livres; depois, torna-se inspector das obras do palácio das Necessidades e, em 1740, é nomeado arquitecto da Casa do Infantado e do Priorato do Crato. Torna-se habilitado na Irmandade de S. Lucas em 1745 e a sua filha, Teresa Maria de Jesus, casa-se com um outro arquitecto, Eugénio dos Santos (1711-1760), o famoso desenhador da nova Baixa Pombalina.

[2] D. Francisco Furtado segue a vida militar, pertencendo ao regimento de cavalaria da Capitania de Minas Gerais, Brasil, onde o seu pai se instalara. Regressa ao reino em 1797 e, dando baia do exército, alista-se no Regimento de Cavalaria de Meclemburgo, onde chega a capitão em 1801. Aquando da dissolução, feita por Junot, do exército português, fica como responsável pela instrução e organização de alguns regimentos a sul de Portugal, acabando por envolver-se na Guerra Peninsular. Os seus bravos feitos foram suficientes para que o Duque de Wellington conseguisse que voltasse para Portugal, apesar de ter sido feito prisioneiro em Madrid. Regressou ao Brasil com o posto de coronel e foi promovido a general, ocupando grandes cargos honrosos junto à Família Real. Volta a Portugal em 1818 e, por lhe ter sido pedido que combatesse a revolta liberal no Porto, demite-se da vida política, até ao regresso de D. João VI a Lisboa, em 1821, que o nemeia Ministro dos Negócios Estrangeiros. Contudo, torna-se chefe do Estado-Maior do infante D. Miguel em 1823, Ministro da Guerra (1825-1826) e Chefe do Estado-Maior General (1828). Com a derrota de D. Miguel face ao rei D. Pedro IV, o conde de Barbacena, fiel aos seus ideais políticos, retira-se do exército e fica fora da vida activa da corte. A sua faceta caritativa manteve-se, no entanto, bastante preponderante, tendo culminado com o legado testamentário que deixou, aquando a sua morte (1854), para a criação de um asilo de meninas desamparadas em Barbacena.

Foto: Alexandre Pinto

INFORMAR PARA BEM SERVIR

"Só possuímos a paz quando podemos impô-la", disse Rémy Gourmont, poeta e dramaturgo francês [1858-1915]. É também seguindo este raciocínio que nos recordamos de Romain Rolland, que na sua obra concilia o idealismo patriótico com um internacionalismo humanista, e foi prémio nobel da literatura em 1915: Se é preciso na paz preparar a guerra como diz a sabedoria das nações, indispensável também se torna na guerra preparar a paz. Duas frases que não poderiam estar mais atuais, mas que muitas vezes são esquecidas e por isso alguns dos nossos pensadores as vão traduzindo e que se enquadram no espírito das missões das Forças Nacionais Destacadas do Exército Português, no Kosovo e no Afeganistão, como temos vindo a dar conta nas nossas edições.

O embaixador Cutileiro, assessor especial de Durão Barroso, defendeu que é preciso repensar os orçamentos militares e de defesa [...]. Tendo referido também que "Os europeus gastam cada vez menos com defesa [...] deveriam ser mais os políticos nacionais a intervir", sublinhou Cutileiro, concluindo: "O que está em causa já não é o nosso conforto, é a nossa sobrevivência". Com este espírito apreensivo recordamos um artigo intitulado "Brisas de guerra e Forças Armadas", do Professor Doutor Paulo Rangel, eurodeputado, que nos leva a refletir sobre a questão das Forças Armadas portuguesas, neste tempo de perigos e riscos. Diz o autor que "A compreensão de que Portugal acaba de regressar, há cerca de 40 anos, às suas fronteiras europeias e a compreensão de que a geopolítica europeia continua tão volúvel e variável como sempre deveriam fazer-nos pensar. Pensar, em primeira via, que as Forças Armadas são das poucas instituições que têm memória. E que a memória é indispensável para saber lidar com as movimentações tectónicas que estão em curso."

A Mestre Ana Rita Carvalho apresenta-nos um artigo com o título "Grupo de Fornecedores Nucleares, Uma entidade ao serviço da contraproliferação nuclear", que nos diz que Portugal ratificou o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, em 1970, que regulamenta três questões fundamentais: a não-proliferação de armas nucleares, o desarmamento e a utilização civil da energia nuclear. O artigo a cargo da Brigada de Reação Rápida esclarece-nos sobre o exercício REAL THAW 2013 (RT13), onde a participação de forças do Exército Português permitiu realizar o treino operacional de unidades da componente operacional pertencentes à Brigada de Reação Rápida e Brigada Mecanizada, em conjunto com a Força Aérea Portuguesa.

O Tenente-Coronel Marcos de Andrade fala-nos da "Operação Serval - As Forças Armadas Francesas no Mali", um tema muito atual sobre a intervenção francesa no Mali a pedido do governo de Bamako, decidida por François Hollande e que "foi bem-vinda por Nações Unidas, União Europeia, Estados Unidos, Rússia e China" [o que nos tempos que vão correndo é de se lhe tirar o chapéu], como refere o Embaixador Cutileiro. O Engenheiro Eduardo Zúquete traz-nos mais uma das suas crónicas bem-humoradas, dos tempos em que era capitão em Moçambique. Como já nos habituou. José Pires continua a surpreender-nos com a história em banda desenhada "Gil Eanes, o herói de Lagos, o Bojador para lá das portas do mito".

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

Dia do Regimento de Infantaria N.º19 e final do aprontamento do 6CN/ISAF

O Regimento de Infantaria N.º 19 (RI 19) comemorou no dia 27 de março o seu dia festivo. Este ano a comemoração foi adiada, relativamente ao dia festivo da Unidade (25 de março) a fim de coincidir com a fase final do aprontamento do 6.º Contingente Nacional para a ISAF (6CN/ISAF) que desde novembro, tem realizado a sua preparação nesta Unidade.

A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, estando também presente o Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Hernandez Jerónimo e o Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Aguiar Santos; esteve igualmente presente o Comandante do Corpo de Fuzileiros, Contra-almirante Luís Cortes Picciochi. Marcaram ainda presença os Presidentes da Câmara Municipal de Chaves, Dr. João Batista e da Câmara Municipal de Boticas, Eng.º Fernando Campos, além do representante do Presidente da Câmara Municipal de Vinhais.

As cerimónias do Dia da Unidade iniciaram-se com a alvorada festiva, tendo-se seguido uma rápida e intensa sessão de treinos. À sua chegada, a Alta Entidade foi recebida com as honras militares regulamentares, tendo a Guarda de Honra sido realizada pela Companhia de "Force Protection/Kaia" na Avenida Nuno Álvares, frente à Porta de Armas do Regimento. Esta cerimónia foi presenciada igualmente pela população flaviense aí presente. Após a entrada no RI 19, o General CEME prestou homenagem aos militares da Unidade, caídos em defesa da Pária.

As Forças em Parada, sob o comando do Tenente-Coronel João Leal, segundo-comandante do RI 19, integraram os efetivos do 6CN/ISAF e a cerimónia militar decorreu de acordo com a sequência habitual, tendo constituído momento de particular emoção a leitura do Louvor e Imposição de uma Medalha Militar de Cruz de Guerra a um antigo militar, pelo seu desempenho durante as campanhas de África.

De seguida e constituindo um dos momentos mais aliciantes da cerimónia, o 6CN/ISAF efetuou uma demonstração de capacidades, no corolário do treino e da preparação efetuada, onde foram demonstrados os treinos, tácticas e procedimentos (TTP), em reação às ameaças identificadas como mais prováveis no Teatro de Operações do Afeganistão.

Esta demonstração terminou com a formatura geral, em Ordem de Batalha, de todo o contingente que, após a apresentação ao General CEME, foram os militares cumprimentados na pessoa do Comandante do 6CN/ISAF - Coronel de Cavalaria Paulo Geada - e receberam uma exortação e os votos do maior sucesso pela difícil e exigente Missão que vão cumprir, nos próximos seis meses.

CEME visita Regimento de Artilharia N.º 4

No dia 21 de fevereiro, o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, realizou uma visita de trabalho ao Regimento de Artilharia N.º 4 (RA4), em Leiria, no âmbito do "Plano Geral de Visitas do General CEME, às U/E/O do Exército de 2013".

A visita contou com a presença de outras entidades civis e militares, nomeadamente do Presidente da Câmara Municipal de Leiria, Doutor Raúl Castro, do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Jerónimo, e do Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Fernando Serafino.

Do programa da visita merecem destaque o briefing apresentado sobre as atividades levadas a efeito pelo RA4 em 2012 e as previstas para 2013, bem como a visita da comitiva às instalações do Regimento, onde o General CEME teve contacto pessoal com o encargo operacional.

Engenharia militar com trabalho em Aljustrel

No dia 27 de fevereiro, o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME)), General Artur Pina Monteiro, visitou a Frente de Trabalho do Regimento de Engenharia Nº 1 (RE1) em Aljustrel, a convite do Presidente da Câmara Municipal de Aljustrel, Dr. Nelson Brito.

O General CEME foi recebido nos Paços do Concelho pelo edil, onde recebeu um briefing sobre os trabalhos desenvolvidos pelo Exército, através do RE1, em prol deste município.

Após o briefing, o Comandante do Exército visitou algumas das obras já concluídas bem como outras que ainda se encontram em fase de execução naquele concelho, as quais contribuem, de forma notória, para a melhoria da qualidade de vida e para o bem-estar da população, conforme foi salientado pelo Presidente da autarquia.

Um esmerilhão em...

40º 35.858'N
07º 35.719'W

Elementos da 2ª Companhia de Comandos apressam-se a embarcar num helicóptero EH-101 – Merlin, da Força Aérea Portuguesa, que poucos segundos antes tinha aterrado no algures em Arcozelo – Seia.

O exercício *Real Thaw – 13*, da Força Aérea Portuguesa, realizou-se num ambiente operacional combinado (multinacional) e conjunto (Marinha, Exército e Força Aérea), num cenário muito semelhante ao que se pode encontrar em várias operações militares por esse mundo fora. Pretendeu-se, no contexto do cenário estabelecido, que forças do Exército Português realizassem o treino operacional, de unidades pertencentes à Brigada de Reação Rápida e da Brigada Mecanizada, até ao escalão companhia, majorando a utilização de aeronaves da Força Aérea.

Inauguração do Centro de Estudos e Investigação de Segurança e Defesa de Trás-os-Montes e Alto Douro

Nasceu em Sabrosa, no dia 4 de março, o Centro de Estudos e Investigação de Segurança e Defesa de Trás-os-Montes e Alto Douro (CEISDTAD). O centro resulta de um desafio lançado pelo General Loureiro dos Santos ao qual o Município de Sabrosa, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e o Exército Português se aliaram com o objetivo primeiro de fomentar o estudo de conflitos armados e oferecer pós-graduações, numa fase inicial e, posteriormente, mestrados e doutoramentos.

A cerimónia de assinatura do Protocolo, que decorreu no Auditório da Câmara Municipal de Sabrosa, contou com a presença dos representantes das três entidades fundadoras do CEISDTAD bem como dos seus membros constituintes e comunidade civil. Nos discursos de abertura focaram-se temas como a pertinência da criação do centro; de que forma a realidade mundial põe em causa os atuais mecanismos de defesa e segurança vigentes; as novas ameaças e como podemos combate-las e, principalmente, quais serão os contributos desta parceria para a sociedade civil. Assim, o CEISDTAD constitui-se precisamente como um centro de investigação inter e transdisciplinar que terá como principais temas de estudo os eventos e fenómenos relacionados com as alterações decorrentes das implicações do desenvolvimento científico e tecnológico em conflitos de diversos tipos, nomeadamente nos conflitos em que se verifica a intervenção direta ou indireta de forças militares.

Nesse mesmo dia realizou-se, também no campus da UTAD em Vila Real, o primeiro seminário público promovido pelo CEISDTAD, subordinado ao tema "A Guerra Irregular em ambiente tecnológico avançado" onde palestraram o General Loureiro dos Santos, o Tenente-Coronel Proença Garcia e o Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, Dr. Paulo Braga Lino.

Estudar em Trás-os-Montes os conflitos armados, e em particular a chamada guerra irregular em ambiente tecnológico avançado, é de todo pertinente porque do ponto de vista histórico e geográfico a região foi berço de guerrilhas desde os alvores da nacionalidade e, por outro lado, é também na região que se encontra o Regimento de Infantaria N.º 13 e Centro de Tropas de Operações Especiais, com formação em contra-subversão, ao mesmo tempo que existe uma Universidade, com áreas de Humanidades, Ciência Política, Ciências da Comunicação e Engenharia.

O seminário terminou com a apresentação da obra "Da História Militar e da Estratégia – Estudos de homenagem ao General Loureiro dos Santos", uma surpresa para o próprio General.

Em suma, desenvolver novos produtos e novas técnicas, nova tecnologia para colocar ao serviço do Exército Português, bem como assegurar as atividades de arquivo e consulta do mesmo, são os principais compromissos do CEISDTAD.

Espera-se que futuramente possa vir a ser referência nacional na área da investigação em segurança e defesa.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA • 2,00 **ASSINATURA ANUAL (11 números):** VIA SUPERFÍCIE - **Portugal Cont. Madeira e Açores** • 20,00; VIA AÉREA - **Países europeus** • 45,00; **Restantes Países** • 65,00. NOTA: **As assinaturas devem ser pagas antecipadamente**
NÚMEROS ATRASADOS - 1960 a 1969 • 4,50; **1970 a 1979** • 4,00; **1980 a 1989** • 3,00; **1990 a 2001** • 2,50; **2002 a 2012** • 2,00.
Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO • 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: **1000/2000** • 4,21; **3000/8000** • 5,79; **Açores** e **Madeira** • 6,56.

Briefing Anual do Exército aos Adidos Acreditados em Portugal

Decorreu no dia 27 de fevereiro o Briefing Anual do Exército ao Grupo de Adidos Acreditados em Portugal no Estado-Maior do Exército (EME).

A atividade iniciou-se com uma breve receção nas instalações da Divisão de Segurança e Cooperação Militar tendo seguido para o Auditório onde o Diretor Coordenador do EME, Major-General Frederico José Rovisco Duarte proferiu as palavras de boas vindas.

No Auditório os Adidos receberam o Briefing sobre o Exército Português ministrado pelo Chefe da Divisão de Planeamento de Forças, Coronel Tirocinado Augusto Teixeira Pires da Silva, focado na organização, atividades e principais projetos em curso no Exército, sucedendo-se um período de debate com a presença do Vice-Chefe de Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil.

O evento permitiu promover potenciais ações de cooperação bilateral e estreitar os laços de amizade entre o Exército Português e os Países representados em Portugal pelos seus Adidos Militares.

CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL

Novos cursos início em Janeiro

Educação: o seu melhor investimento.
Investir em educação é a melhor forma de atingir objectivos pessoais e profissionais, alargar oportunidades e construir um futuro melhor.

Lisboa - Av. Liberdade
Av. da Liberdade, 173
1250-141 Lisboa
Tel 21 312 46 00
av.liberdade@cambridge.pt

Lisboa - Guerra Junqueiro
Av. Guerra Junqueiro, 8 - 1º dto
1000-167 Lisboa
Tel 21 848 45 44
g.junqueiro@cambridge.pt

Lisboa - Benfica
Av. do Uruguai, 6 - 1º
1500-613 Lisboa
Tel 21 714 18 24
benfica@cambridge.pt

Lisboa - Campo Grande
R. F. Curado Ribeiro, 4E
1600-449 Lisboa
Tel 21 757 76 22
c.grande@cambridge.pt

Lisboa - Parque das Nações
Al. dos Oceanos, Lt 2.11.01 Ac
1990-225 Lisboa
Tel 21 898 82 10
p.nacoes@cambridge.pt

Porto
R. Duque da Terceira, 381 - 1º
4000-537 Porto
Tel 22 536 03 80
porto@cambridge.pt

Coimbra
Pç. da República, 15
3000-343 Coimbra
tel 239 834 969
coimbra@cambridge.pt

Almada
Pç. do MFA, 12 - 1º
2800-171 Almada
Tel 21 276 02 34
almada@cambridge.pt

Funchal
R. da Carreira, 240 - 1º
9000-042 Funchal
Tel 291 743 718
funchal@cambridge.pt

info@cambridge.pt
www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

General CEME visita Regimento de Infantaria N.º 15

Em 13 de março, o Regimento de Infantaria Nº 15 (RI15) recebeu em visita de trabalho, o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, no âmbito do "Plano Geral de Visitas do General CEME, às U/E/O do Exército de 2013".

A visita contou com a presença de outras entidades militares, nomeadamente do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Jerónimo, e do Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Fernando Serafino.

Após prestadas as honras militares regulamentares pela Guarda de Polícia, o Comandante do Exército recebeu, na Sala de Honra, a apresentação de cumprimentos de uma delegação de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem no Regimento.

Do programa da visita merece destaque o briefing apresentado sobre as atividades levadas a efeito pelo RI15 em 2012 e as previstas para 2013, a apresentação do 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista, armado e equipado para combate, na Parada Nun'Álvares Pereira, aproveitada pelo General CEME para tomar contato pessoal com o encargo operacional. Houve ainda a oportunidade de visitar o Núcleo Museológico da Unidade onde foi assinado o "Livro de Honra".

Estiveram também presentes, como convidados, o Presidente da Câmara Municipal de Tomar, Carlos Carrão, e o Presidente do Instituto Politécnico de Tomar, Doutor Eugénio Pina de Almeida, tendo sido salientada a forma excelsa como o Regimento pratica dois objetivos estruturais do Exército, que se traduzem na imagem de abertura e transparência junto da comunidade civil, e na inequívoca capacidade operacional, materializados pelo desempenho das Tropas Paraquedistas e demais elementos da Brigada de Reação Rápida.

Dia do Regimento de Infantaria N.º 10 e entrega do Estandarte Nacional ao 2BIPARA/FND/KFOR

No dia 15 de março comemorou-se o dia festivo do Regimento de Infantaria N.º 10, em Aveiro.

A comemoração foi este ano antecipada em relação à sua data oficial (1 de abril, que está intimamente relacionada com a chegada em 1917, à Península de S. Jacinto, dos hidroaviões que fariam parte da base aeronaval francesa, cujo objetivo era combater a ação submarina do Exército Alemão ao longo da costa portuguesa), de forma a coincidir com a cerimónia de entrega do Estandarte Nacional ao 2.º Batalhão de Infantaria Paraquedista da Brigada de Reação Rápida (2BIPara/BrigRR) que se constitui como Força Nacional Destacada (FND) no Teatro de Operações do Kosovo.

O programa das comemorações incluiu diversas atividades ao longo da semana antecedente, culminando com a realização da cerimónia militar, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, e que contou também com a presença do Comandante das Forças Terrestres (CFT), Tenente-General Carlos Jerónimo, e do Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Fernando Serafino.

O ponto alto da cerimónia militar ocorreu com a entrega do Estandarte Nacional ao 2BIPara/FND/KFOR, realizada pelo Tenente-General CFT ao Comandante do 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista, Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista Paulo Cordeiro, materializando assim a entrega à guarda da Força Nacional Destacada.

Exercício *PRISTINA 131*

No período de 25 de fevereiro a 1 de março, o Exército Português, através da Brigada de Reação Rápida (BrigRR), realizou o Exercício Militar PRISTINA 131, na região de Leiria, apoiado pelo Regimento de Artilharia N.º4, sedeado naquela cidade.

O Exercício PRISTINA 131 correspondeu ao Exercício Final do Aprontamento do 2.º Batalhão de Infantaria Paraquedista/FND/KFOR (2BIPara/FND/KFOR) e visou maximizar a realização do treino orientado desta unidade de escalão batalhão, contributo nacional como Força Nacional Destacada (FND), para a missão da Operação da NATO no Teatro de Operações (TO) do KOSOVO.

A finalidade do Exercício pressupôs a consecução de vários objetivos principais na execução de tarefas essenciais e num espectro de missões, o mais completo e realista possível, com características semelhantes às do ambiente operacional que atualmente se vive no TO do KOSOVO.

Para além da participação das forças do 2BIPara/FND/KFOR, sedeado no Regimento de Infantaria N.º10, em São Jacinto, participaram neste exercício, o Comando e Estado-Maior da BrigRR e forças das diversas unidades territoriais e do encargo operacional desta Brigada, num total de cerca de 400 militares.

Dia do Ex-Batalhão de Sapadores dos Caminho-de-ferro

No dia 15 de março comemorou-se no Regimento de Engenharia N.º 1 (RE1), o dia do ex-Batalhão de Sapadores de Caminho-de-ferro (ex-BSCF). O RE1, legítimo herdeiro das tradições desta antiga Unidade do Exército, recebeu muitos dos seus ex-militares para a sua já habitual reunião anual, presidida, este ano, pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército (VCEME), Tenente-General Campos Gil.

Depois de prestadas as honras militares protocolares, o VCEME prestou homenagem aos militares da Unidade mortos em defesa da Pátria.

Após a sentida cerimónia de Homenagem aos Mortos, decorreu, na biblioteca do RE1, a evocação histórica do ex-BSCF que, ao longo da sua existência, realizou feitos notáveis que muito dignificam a Engenharia Militar, o Exército e Portugal.

Ainda no decurso da cerimónia, realizou-se a sessão de encerramento das comemorações do Bicentenário do RE1 e o lançamento do livro alusivo a estas mesmas comemorações. O programa terminou com a inauguração de um trabalho artístico alusivo ao Militar de Engenharia.

Este ano, as comemorações contaram com a presença de 45 militares que serviram no ex-BSCF.

jornal do Exército

Pretendo assinar o *Jornal do Exército*

Para encomendar basta fotocopiar o cupão e enviar para *Jornal do Exército*, Largo S. Sebastião da Pedreira – 1069-020 LISBOA

Nome: _____ Profissão: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ Localidade: _____ Telefone: _____

(Só para Militares) Posto: _____ Ramo das FA: _____ NIF: _____

Assinatura Anual – Continente e Ilhas: € 20.00 - Via Aérea: Países Europeus € 45.00 - Restantes Países € 65.00

Para pedido de números atrasados, ou encadernações, contacte-nos para: Largo S. Sebastião da Pedreira - 1069-020 Lisboa, Tel: 213 567 700 ou via email: jornal.exercito@sapo.pt

PARA PAGAMENTO DA MINHA ASSINATURA

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA: Nacional 0781 0112 0112 0011 6976 9 – D.G.T.

CHEQUE: junto envio o Cheque n.º - _____ s/Banco - _____ à ordem da Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública – IGCP, E. P. E. (Atenção à alteração).

VALE POSTAL Nº _____ no valor de _____

Dia do Estado-Maior do Exército

Comemorou-se em 20 de março o dia festivo do Estado-Maior do Exército (EME). Este ano as comemorações incluíram a realização de uma prova desportiva na modalidade de Corta-mato, que decorreu no dia 19 na Unidade de Apoio da Área Militar Amadora-Sintra e contou com a presença de 57 participantes divididos em 4 Escalões Masculinos e um Escalão Feminino.

A Cerimónia Solene foi presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil e incluiu uma alocução pelo Diretor-Coordenador do EME, Major-General Frederico José Rovisco Duarte, a atribuição de insígnias do Curso de Estado-Maior Conjunto e a condecoração de militares e civis, terminando com uma breve intervenção pelo Tenente-General Campos Gil, o qual abordou alguns assuntos da atualidade em repercussão na atividade e funcionamento das Forças Armadas, em geral, e do Exército, em particular.

O programa das comemorações terminou com um almoço convívio servido no refeitório do Aquartelamento do Comando do Exército, o qual contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército e durante o qual foram distribuídos os prémios relativos à prova desportiva que decorreu no dia anterior.

Major Infantaria Rui Rodrigues

Exercício Cobra 13-1
Cooperação Militar com Timor Leste

No âmbito do Projecto 5 de Cooperação Militar com a República Democrática de Timor-Leste, realizou-se, no início deste ano, na Costa-Sul do território de Timor-Leste, especificamente no distrito de Manufahi um exercício, com um tema táctico sobre Operações de Guerrilha e Contra-Ggerrilha.

Situação geral:

"A região de TIBOR, que se baseia em dois países: Haksolok e Nakroma. Talisman é um enclave de Haksolok.

A região centro de Nakroma é rica em recursos naturais: petróleo, gás natural e ouro.

Haksolok é uma ditadura governada pelo General Ddasmas Shenyus que ordenou a invasão de Nakroma, com o apoio de Talisman.

O Presidente de Nakroma, sentindo falta de capacidade de defender o seu Pais, pediu ajuda internacional.

As Nações Unidas decidiram constituir uma Força que desembarcou no território e colocou-se ao longo da Fronteira entre os dois Países para restabelecer as fronteiras e garantir a soberania de Nakroma.

Face ao estabilizar da situação pelas forças das NU e não podendo manter uma operação militar, Haksolok decidiu efetuar operações irregulares na região Sul de Nakroma.

As F-FDTL (Forças Armadas de Nakroma) posicionaram-se na região Sul do Pais para des-

truir forças irregulares infiltradas por Haksolok com a finalidade de garantir segurança das populações no território."

Este foi, resumidamente, o cenário construído para a realização do exercício COBRA 13-1 das FALINTIL-Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL).

O Exercício teve três fases: planeamento, execução e avaliação. A fase de Planeamento decorreu no Quartel-General das F-FDTL, em Díli. A fase de execução, iniciada com uma cerimónia oficial, contou a presença do Secretário de Estado da Defesa, seguida da projeção das forças para o terreno onde decorreu o exercício. A fase de avaliação decorreu na semana imediatamente a seguir ao final do exercício com a apresentação do relatório final e o relatório de avaliação.

Os três militares que constituem o Projeto N.º5 de Cooperação Técnico Militar (CTM) da Brigada Mecanizada; Major Inf Rui Rodrigues, Capitão Inf Ricardo Estrela e Sargento-Ajudante Inf António Gonçalves, têm por missão apoiar a organização e treino operacional da Componente Terrestre das F-FDTL, participaram em todas as fases do exercício, desde o planeamento do escalão operacional até ao planeamento do escalão tático, tendo ainda sido da sua responsabilidade o controlo e avaliação no terreno.

O exercício teve como finalidade proporcionar aos militares das F-FDTL a oportunidade para treinar o seu empenhamento num cenário de guerrilha exigente e próximo da realidade. Ao mesmo tempo, promoveu a divulgação das capacidades das F-FDTL junto da Sociedade Civil, como forma de a sensibilizar para os assuntos da Defesa Nacional.

Como objetivos foram definidos os seguintes: exercitar e testar o processo de decisão militar; exercitar e testar a capacidade de coordenação, controlo e conduta de operações táticas; testar a estrutura de comando e controlo das comunicações e sistemas de informação; exercitar o processo planeamento operacional e praticar procedimentos com órgãos de comunicação social.

Foi constituída uma Força Tarefa Conjunta (FTC), com um Comando Operacional e um Comando Tático, que contou com a participação de todas as Forças Armadas de Timor-Leste; o Estado Maior das F-FDTL; a Componente Terrestre (CT); os Fuzileiros da Componente Naval (CN); a Componente Formação e Treino (CFT); e ainda a Componente Apoio Serviços (CAS) e a Policia Militar (PM).

O exercício constituiu uma oportunidade para aperfeiçoamento e validação do treino operacional efetuado ao longo dos últimos meses, no âmbito das Operações de Guerrilha e Contraguerrilha e colocar em prática ao nível do planeamento tático todas as tarefas treinadas: Ocupar e operar uma Base de Patrulhas, Reconhecimentos (itinerários, áreas/zona, área edificada), Operar e montar Posto de Observação (PO/PE), Patrulhas de Segurança, Patrulhas de Presença, Missão de Vigilância, Defesa de um Ponto Sensível, Estabelecer Postos de Controlo (Check Point), Operações montadas (planeamento e execução de uma coluna viaturas), Rotura de Combate (com e sem pressão), Reação (emboscada, tiro direto e indireto, atirador especial), Executar uma Emboscada, Executar uma Operação de Cerco e Busca e Golpe de Mão.

Participaram neste exercício 282 militares de todas as Componente e do Comando das F-FDTL.

Para os militares do Projeto N.º5 de CTM com Timor-Leste, esta foi uma excelente oportunidade para testar e capacitar os militares das F-FDTL, nomeadamente na fase do processo de planeamento com a aplicação do PDM e posteriormente na validação e acompanhamento no terreno durante 24 dias, em condições, o mais aproximadas possíveis á realidade deste tipo de operações que tanta experiencia histórica é reconhecida a este povo.

Mestre Ana Rita Carvalho

Fontes: esta imagem: www.oindesmentivel.com; imagem da página seguinte: gerarddirect.com

Grupo de Fornecedores Nucleares
Uma entidade ao serviço da contraproliferação nuclear

Desde os primórdios da utilização da energia atómica que os países produtores e utilizadores reconheceram os potenciais perigos a ela associados, pelo que têm vindo a assumir, a nível internacional, a sua responsabilidade na utilização deste tipo de energia, para fins pacíficos, procurando mecanismos de cooperação e assegurando que a mesma contribua para a não-proliferação de armas de destruição maciça. Por outro lado, necessário se tornava garantir que a investigação científica, a exploração da energia nuclear para fins pacíficos e o comércio internacional não fossem afetados, pelo que houve necessidade de criar mecanismos legais de controlo das exportações de materiais e tecnologia nucleares ou de uso duplo, bem como a cooperação e a troca de informação entre Estados, neste domínio.

Em 1970 entrou em vigor o Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), que é o principal instrumento jurídico de regulação no domínio do armamento nuclear. Este tratado multilateral, aberto para assinatura em 1968 e ratificado por Portugal em 1970, regulamenta três questões fundamentais: a não-proliferação de armas nucleares, o desarmamento e a utilização civil da energia nuclear.

Desde a entrada em vigor do TNP, os procedimentos de consulta multilaterais, no âmbito da exportação de produtos nucleares, conduziram à criação de dois mecanismos de controlo de exportação de bens e tecnologias nucleares o Comité Zangger, em 1971, e o *Nuclear Suppliers Group* (NSG) – Grupo de Fornecedores Nucleares, em 1975.

O NSG surgiu no propósito de assegurar a cooperação entre Estados, no sentido de evitar o risco de proliferação de armas nucleares e outros engenhos explosivos, bem como de combustíveis com essa origem. Por outro lado, é seu objetivo facilitar o comércio internacional de tecnologia nuclear para fins pacíficos e assegurar que este se processa segundo as normas internacionais relativas à segurança nuclear, pelo que o NSG constitui um dos principais agentes internacionais de não-proliferação nuclear.

Integram o NSG 46 países, entre os quais todos os Estados-Membros da União Europeia, tendo ainda como observadores a Comissão Europeia e o Comité Zangger[1]. São membros do NSG: Argentina, Austrália, Áustria, Bielorrússia, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, China, Croácia, Chipre, República Checa, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Ir-

landa, Itália, Japão, Cazaquistão, Coreia do Sul, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Nova Zelândia, Noruega, Polónia, Portugal, Roménia, Rússia, Eslováquia, Eslovénia, África do Sul, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia, Ucrânia, EUA e o Reino Unido.

O NSG acordou num conjunto de linhas orientadoras, *guidelines*, que integram uma *trigger list*, as quais foram publicadas pela primeira vez em 1978, sob a forma do Documento INFCIRC/254, da Agência Internacional da Energia Atómica, tendo sido posteriormente objeto de revisão.

São condições de adesão ao NSG: ter um acordo de salvaguardas com a Agência Internacional de Energia Atómica; possuir capacidade e fornecer os itens (incluindo os itens em trânsito) abrangidos pelos anexos para as partes 1 e 2 das *guidelines*; aderir às *guidelines* e atuar em conformidade; a execução de um sistema de controlo legal de base nacional, confirmando o princípio de ação, de acordo com as guidelines; a adesão ao TNP e/ou a outros tratados relacionados com a questão da não-proliferação (Pelindaba, Rarotonga, Tlatelolco, Banguecoque) e o apoio aos esforços internacionais para a não-proliferação de armas de destruição massivas e dos seus vetores de lançamento.

As *guidelines* do NSG abrangem não apenas o material a exportar mas também a tecnologia para o desenvolvimento, produção e uso dos itens constantes da *trigger list*. Estas linhas de ação estruturam-se, em coerência com os objetivos do NSG, em dois conjuntos: o primeiro regula a exportação de bens especialmente concebidos ou preparados para o uso nuclear. Estes incluem: material nuclear; reatores nucleares e respetivo equipamento; material não nuclear utilizado em reatores; instalações e equipamentos para o enriquecimento, o reprocessamento e a conversão de material nuclear e para o fabrico de combustível e de água pesada; tecnologia relacionada com cada um dos itens mencionados. Um segundo conjunto de orientações é dirigido à exportação de bens, *software* e tecnologia de uso duplo.

Estas linhas de orientação vieram imprimir uma certa homogeneidade na comercialização de material nuclear, evitando que a mesma possa conduzir à proliferação de armas nucleares. Este mecanismo de controlo é implementado voluntariamente pelos Estados participantes do NSG, de acordo com as suas leis nacionais e práticas internas.

As *guidelines* aplicam-se às transferências, para fins pacíficos, para todos os Estados não produtores de armas nucleares, mas também

ao controlo em caso de reexportação para qualquer Estado. Um dos princípios que informam as *guidelines* é o da não-proliferação, mediante o qual um Estado fornecedor só está autorizado a efetuar a transferência quando se certificar de que a mesma não irá contribuir para a proliferação de armas nucleares. A implementação de medidas de proteção física é outro dos pontos cruciais na prevenção do tráfego ilícito de material nuclear, pelo que o NSG prevê medidas de controlo da transferência de bens sensíveis.

O NSG reúne periodicamente em Plenário, sendo também composto por outros dois organismos o *Consultative Group* (CG) e o Information *Exchange Meeting* (IEM) cujas presidências são rotativas. O CG reúne, pelo menos, duas vezes por ano e dedica-se a consultas sobre assuntos relacionados com as *guidelines* que norteiam a atividade dos fornecedores nucleares bem como com os anexos de caráter técnico. O IEM precede a reunião plenária do NSG, constituindo uma oportunidade para a partilha de informação e atualização dos desenvolvimentos, por parte dos seus participantes, no que concerne aos objetivos e conteúdos das guidelines do NSG. Ainda no tocante à troca de informação, o *Licensing and Enforcement Experts Meeting* (LEEM) debate questões relativas aos processos de licenciamento. As guidelines são também revistas periodicamente com vista à sua atualização e a acompanhar a evolução dos mecanismos de proliferação nuclear, havendo lugar a emendas ou adendas aos documentos originais,

bem como das suas listas associadas e anexos, dos quais a AIEA é notificada. Por último a Missão Permanente do Japão em Viena funciona como ponto de contacto, prestando apoio técnico de suporte.

Em 1990 teve lugar a Conferência de Revisão do TNP, da qual resultaram diversas recomendações, com impacto sobre o NSG, entre as quais: que os membros do TNP implementassem medidas de prevenção quanto ao risco de diversão de tecnologia nuclear aplicável a armamento nuclear; que os Estados se envolvessem em mecanismos de consulta, no sentido de assegurar um maior controlo das exportações de itens relacionados com a produção de armas nucleares; e que os Estados fornecedores respeitassem as salvaguardas estabelecidas pela AIEA, nas transferências de material nuclear para outros Estados não produtores de armamento nuclear.

Mais tarde, em 1992, o NSG estabeleceu novas *guidelines* relativas a transferências de bens e tecnologias nucleares ou de uso duplo, que pudessem integrar o ciclo de produção ilícita de combustível ou estar associados ao fabrico de explosivos, as quais viriam a estar consignadas na Parte II do INFCIRC/254. Foram igualmente estabelecidas as *guidelines* para as consultas de bens de uso duplo, tendo em vista a troca de informação sobre a implementação das mesmas bem como sobre os processos de aquisição e de potencial proliferação de material nuclear. As medidas então implementadas, quer a nível das *guidelines*, quer do próprio

Fontes: esta imagem: upload.wikimedia.org; imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: searchandhra.com

processo de consultas, traduziram-se em procedimentos de notificação em resultado das decisões nacionais relativas às recusas de transferência de equipamento e tecnologia de uso duplo, estatuindo-se que cada Estado participante do NSG não aprovasse a transferência de bens de uso duplo sem consultar previamente o Estado emissor da notificação. Finalmente, foi estabelecido um acordo amplo de salvaguardas com a Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA), como condição para o fornecimento futuro de bens constantes da *trigger list* a Estados não produtores de energia nuclear.

As medidas adotadas em 1992 foram reforçadas nas Conferências de Revisão de 1995 e 2000, confirmando-se o apoio concedido pela comunidade internacional à política de salvaguardas instituída pelo NSG, garantindo que todas as transferências de material nuclear ou de bens de uso duplo estavam em conformidade com o TNP e que os Estados participantes se asseguravam de que as suas exportações de bens e tecnologias nucleares ou de uso duplo para Estados não-parte do Tratado de Não Proliferação não iriam servir programas de produção de armas nucleares. Por outro lado, as orientações dimanadas do NSG e que recobrem os bens e tecnologias de uso duplo traduzem-se num alargamento do espectro de controlo desses mesmos bens, relativamente a outros regimes, contribuindo significativamente para uma política de não-proliferação.

Já mais recentemente, em 2010, a conferência de revisão do TNP veio encorajar os Estados participantes a fazerem uso das negociações multilaterais, em concordância com as linhas de orientação e os entendimentos havidos, quanto ao controlo das suas próprias exportações nacionais.

Os princípios e práticas promovidos pelas *guidelines* do NSG vieram, deste modo, regular e uniformizar a atividade dos fornecedores nucleares e, nesse sentido, facilitá-la e torná-la mais transparente, melhorando o comércio e a cooperação internacional. Sendo cada Estado o decisor do processo de licenciamento das exportações de bens e tecnologias de natureza nuclear, é também o responsável pela licitude das mesmas. A partilha regular de informação, através das reuniões plenárias do NSG, propicia a divulgação do conhecimento das melhores práticas no âmbito da contraproliferação, permitindo também aferir do impacto das políticas nacionais de exportação. Por outro lado, no plano do controlo da aplicação de medidas, a Agência Internacional de Energia Atómica detém o papel de entidade reguladora, ao constituir-se como entidade internacional à qual cabe a verificação da implementação das salva-

guardas aplicáveis a todas as atividades ligadas à energia nuclear.

A existência de salvaguardas aplicáveis a todos os produtos constantes da *trigger list*, mesmo quando estão em causa exportações para países não produtores de bens nucleares, constitui um elemento basilar de controlo no processo de exportações, exigindo-se ao país de destino o respeito por essas salvaguardas, em linha com os princípios da AIEA.

Desde a criação do NSG que a participação dos Estados tem vindo a aumentar, estreitando-se os laços de cooperação e reforçando-se os níveis de segurança na transferência e comércio de bens e tecnologias de uso duplo, o que se repercute na segurança interna dos Estados bem como na segurança internacional.

O controlo das transferências de bens constantes da *trigger list* é, pois, essencial, na implementação dos tratados relacionados com as questões nucleares bem como no desenvolvimento do conhecimento e da utilização da energia nuclear para fins pacíficos, igualmente pelos países em desenvolvimento, dado ser aplicável a Estados participantes e não participantes do regime.

Em suma, o NSG tem contribuído significativamente para reforçar a solidariedade entre os Estados, em matéria de segurança e energia nuclear, favorecendo a sua utilização para fins pacíficos (inclusive através de atividades de sensibilização). Certamente que, no futuro, o NSG continuará a prosseguir os objetivos que têm norteado a filosofia do Grupo e a sua atuação, harmonizando as políticas nacionais de controlo das exportações de bens nucleares, de que relevam os critérios da transparência, da cooperação e da competitividade comercial genuína.

O NSG está comprometido com a abertura e a transparência, nas suas políticas e estratégias, permanecendo aberto à admissão de novos países, por forma a fortalecer os esforços internacionais de não-proliferação de armamento nuclear, como tem sido cabalmente demonstrado através da sua intervenção em todas as regiões do mundo.

[1] Este comité, sobre o qual não nos cabe discorrer neste momento, é constituido por 37 Estados, incluindo Portugal, e tem essencialmente por objetivo manter atualizada uma *trigger list* de fontes e materiais cindíveis, bem como de equipamentos e materiais especialmente construídos ou preparados para o processamento, uso ou controlo de materiais cindíveis.

Fontes: esta imagem: 2.bp.blogspot.com; imagem da página anterior: www.prwatch.org.

REAL THAW 2013 (RT13)

16706

O exercício RT13, exercício Tático da Força Aérea Portuguesa, planeado e conduzido pelo Comando Aéreo, foi realizado na modalidade LIVEX e decorreu no período de 11 a 22 de fevereiro. A coordenação deste exercício foi materializada a partir da Base Aérea N.º 5 (BA5), em Monte Real e, complementarmente, no Aeródromo Municipal de Seia que funcionou como "Base Aérea Tática", designadamente no apoio às operações aéreas e terrestres que se desenrolaram na região centro do país.

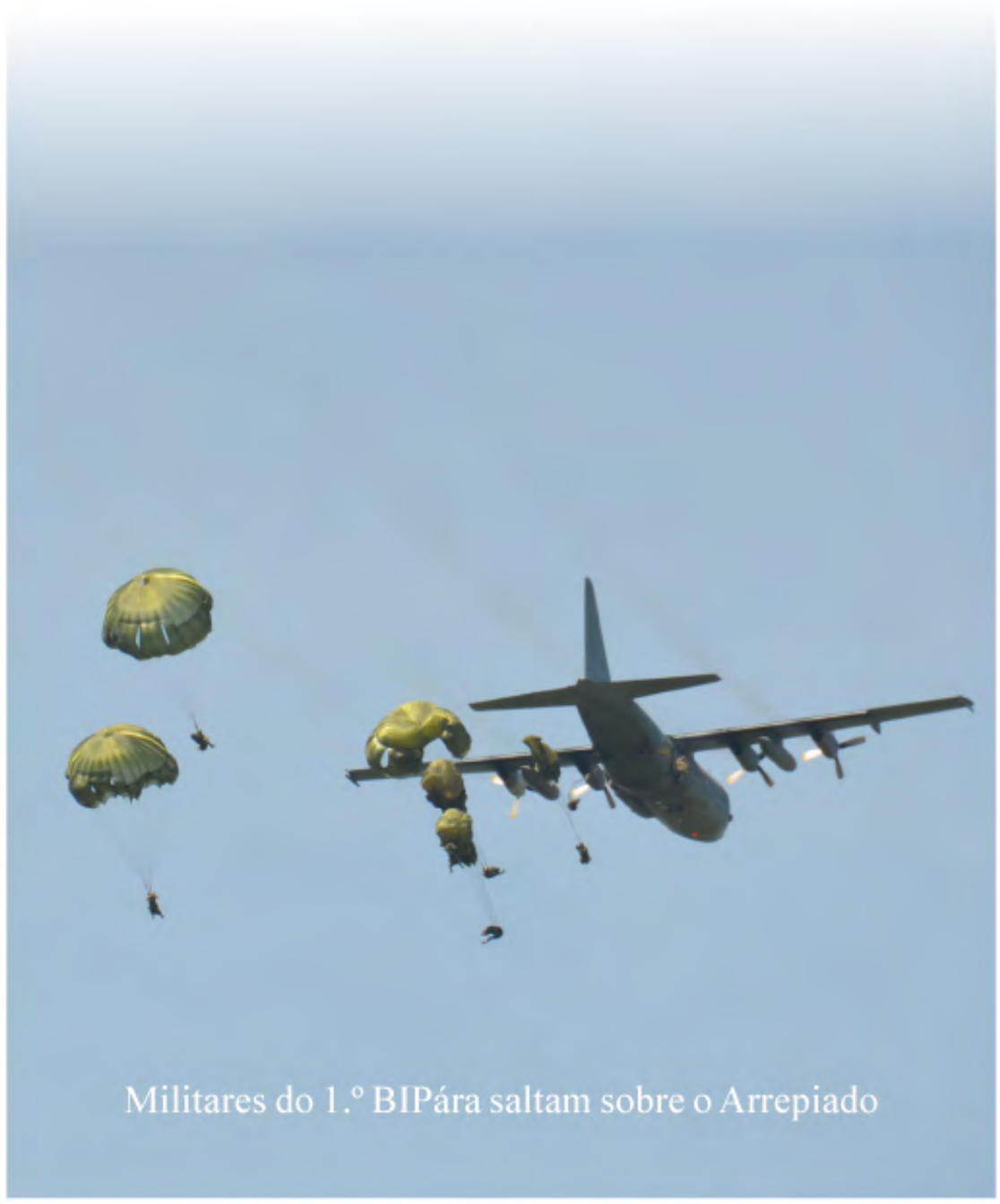
O cenário base deste exercício procurou recriar um conjunto de situações realistas e complexas que se caracterizassem pelo emprego e projeção do "vetor militar" através do recurso ao meio aéreo, proporcionando um adequado treino às forças participantes tendo em conta a atual realidade dos Teatros de Operações internacionais onde as Forças Nacionais Destacadas portuguesas cumprem missões.

No sentido de treinar, qualificar e aprontar as forças participantes para as exigências que se apresentam hoje a Portugal, no contexto das alianças que integra, pretendeu-se que estas fossem exercitadas num ambiente operacional combinado (multinacional) e conjunto (Marinha, Exército e Força Aérea) semelhante ao que enquadra as atuais operações militares. Assim, para além de forças nacionais dos três ramos, foram convidados a participar no RT13 forças de diversos países, sendo de destacar a Holanda, EUA e Reino Unido, num total de cerca de 4.000 militares e 40 aeronaves.

No contexto do cenário estabelecido, a participação de forças do Exército Português no RT13 permitiu realizar o treino operacional de unidades da componente operacional pertencentes à Brigada de Reacção Rápida (BrigRR) e Brigada Mecanizada (BrigMec), até ao escalão companhia, maximizando a realização de ações que permitissem exercitar Táticas, Técnicas e Procedimentos específicos à realização das suas missões primárias e em ambiente conjunto e combinado, majorando a utilização da "plataforma aérea" – procurando assim maximizar os meios disponibilizados – através do cumprimento de uma vasta gama de missões em ambiente diurno e noturno.

Pelas forças do Exército foram conduzidos, entre outros, diferentes tipos de Operações: Aerotransportadas – entre as quais se realça o emprego do Núcleo Inicial da Componente Terrestre da FRI no âmbito de uma operação de evacuação de cidadãos não-combatentes (NEO); emprego

Militares da 1.ª Companhia de Comandos



Militares do 1.º BIPára saltam sobre o Arrepiado

de meios de Artilharia de Campanha e de Defesa Antiaérea; emprego de Percursores Aeroterrestres; emprego de forças Comandos; emprego de Elementos de Operações Especiais e missões de Reabastecimento Aéreo.

Com efeito, a realidade operacional materializada garantiu a possibilidade de executar um vasto tipo de missões das quais se destaca a realização de Ações Diretas para a captura de *High Value Targets* (HVT), de Aterragens de Assalto, de Tiro *Sniper* a partir de plataforma aérea, de inserção de equipas através de Corda Rápida, de coordenação e integração de missões de Apoio Aéreo Próximo, de "saltos para a água" – pelo recurso ao meio aquático como vetor de infiltração em território hostil – de Saltos de Queda Livre Operacional a Altitude não-fisiológica (com recurso a oxigénio) e de Lançamento de Cargas *Heavy* utilizando o lançamento em páraquedas.

A possibilidade de confeção e lançamento de cargas aéreas, capacidade residente na Companhia de Abastecimento Aéreo (CAA) do Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT), assume particular significado por ser a única em Portugal, pela importância de assegurar a chegada em condições de utilização dos materiais essenciais ao apoio das tropas no terreno, designadamente de veículos ou peças de artilharia e pela possibilidade de reabastecer forças militares isoladas no campo de batalha – para além de possuir um potencial acrescido no apoio à Proteção Civil em situações de Catástrofe ou Calamidade.

Neste âmbito e no computo geral, o Exército participou com um efetivo total de aproximadamente 1.000 militares e 150 viaturas, projetando forças para as Regiões de Leiria, Lamego, Peso da Régua, Meixedo, Monfortinho, Pinhel, Aguiar da Beira, Seia, Viseu, Tancos e Campo Militar de Santa Margarida.

A realização de exercícios com forças estrangeiras em Portugal, tendo por base a realidade recriada no RT 13, tem vindo a ganhar importância, contando com o reforço da participação de países aliados. Estas oportunidades de cooperação, para além de constituirem um fator motivacional acrescido para os militares do Exército, promovem o treino de procedimentos e a atualização e experimentação de conhecimentos, alavancando a sua capacidade operacional. Para além do referido e igualmente importante, o exercício RT13 permitiu o reforço do "fator confiança" entre forças participantes, com ganhos de eficiência e eficácia na sua possibilidade de emprego no contexto do moderno ambiente operacional.

Tenente-Coronel Cavalaria António Marcos de Andrade

Fontes: esta imagem: www.aereo.jor.br; imagem do canto superior direito das páginas impares deste artigo: clipartist.info.

Operação Serval – As Forças Armadas Francesas no Mali

A revolta dos povos nómadas tuaregues que habitam no norte do Mali não é de hoje. Estes conflitos étnicos remontam às primeiras décadas do sec XX. O Movimento Nacional de Libertação do Azauade (MNLA) é, no entanto, uma organização recentemente criada pelos rebeldes tuaregues e protagonista da rebelião que reivindica a independência do norte do Mali, a região conhecida como *Azawad* (Azauade).

A atividade do MNLA no norte do território do Mali, apoiada pelo grupo Islâmico Ansar Dine e por ex-combatentes do conflito líbio que se refugiaram naquela região, potenciou o golpe de estado que, em 22 de março de 2012, derrubou o presidente eleito, Amadou Toumani Touré. O golpe executado por apoiantes do Comité Nacional para a Restauração da Democracia e do Estado (CNRDE), que estavam descontentes com a passividade do governo estabelecido, para além de não ter conseguido trazer qualquer estabilidade politica ao país, revelou-se totalmente contraproducente, já que as forças rebeldes tuaregues aproveitaram para conquistar algumas das cidades do norte Kidal, o Gao e Timbuktu e, mais tarde, Douentza, que levou o MNLA a afirmar, a 5 de abril, que tinha atingido os seus objetivos e a declarar a independência da região de Azauade.

Tudo se complicou quando os revoltosos, de etnia tuaregue, começaram a deparar com as ações do grupo Ansar Dine no sentido de impor a lei islâmica (*sharia*), agravada pela presença de outros grupos islâmicos, como o Movimento para a Unidade e Jihade em Africa (MUJOA), grupo este dissidente da *Al Qaeda* e o AQMI[1]. Em poucos meses, o MNLA perdeu o controlo das cidades do norte do Mali para os grupos islâmicos. No meio de todo este confuso cenário, abriu portas para a atuação de outros grupos ligados à grande criminalidade, como o tráfico de armas e terrorismo. A 26 de junho de 2012, a tensão entre os grupos revoltosos era tão elevada que chegaram ao

combate direto em Gao e o MNLA, tuaregue, foi expulso da cidade. Em outubro dá-se dissidência no MNLA, tendo uma das fações defendido que o objetivo já não era a independência do norte do Mali, mas sim o combate contra os islamitas.

Entretanto, na capital do país, Bamako, foi alcançado um acordo entre a Junta Governativa e os negociadores da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). Aos amotinados foi concedida uma amnistia, e o poder passou para o porta-voz da Assembleia Nacional do Mali, Dioncounda Traoré, que considerou como prioritário o combate contras os rebeldes instalados no norte do país.

Em novembro de 2012, novos e violentos confrontos entre as fações tuaregues e islamitas, na cidade de Menaka, provocaram dezenas de mortos e feridos.

O volte-face deste conflito deu-se, quando, em dezembro do ano passado, o acossado MNLA iniciou conversações com o governo do Mali e abandonou o seu anterior objetivo de independência da região do Azawad, em detrimento de uma autonomia alargada dentro do Mali, transformando-se, assim, de antigo adversário a aliado das forças governamentais.

A 10 de janeiro, o Conselho de Segurança da ONU reuniu-se, de urgência, em Nova Iorque, para avaliar a situação do Mali e recomendou o envio urgente de uma força internacional para ajudar o governo do Mali, perante a grave ameaça de forças rebeldes no norte do país. As Nações Unidas solicitaram ainda aos países membros que "ajudem as forças de segurança do Mali a reduzir a ameaça que representam as organizações terroristas". A AFISMA[2], organização que abarca alguns países de África, prontificou-se em colaborar nesta missão tendo-se juntado às forças franceses um contingente de forças de alguns países africanos, nomeadamente, do Togo, do Niger, do Benin, da Nigéria e do Chade.

Na mesma data, as forças islâmicas capturam a cidade de Konna, a 600 quilómetros da capital, e poucos dias depois ameaçam a cidade de Mopti. Esta região é servida pelo aeroporto de Sevaré, considerado um importante ponto estratégico. A sua possível conquista pelas forças islamitas levou os franceses a decidirem antecipar o início da operação "Serval".

Assim, no dia 11 de janeiro de 2013, o governo francês, de François Hollande, respondendo ao pedido de apoio das autoridades do Mali, lança a Operação Serval.

No terreno já se encontravam forças de operações especiais do exército francês – *Commandement des Opérations Spéciales* (COS).

A França continua a ter um significativo contingente militar, projetado nas suas antigas províncias ultramarinas e, também, em países aliados na região de África, nomeadamente, no Chade, no Senegal, no Gabão e na Costa do Marfim. Isto permitiu à França uma ação militar muito rápida e significativa naquela área do continente africano. A França organizou o seu exército expedicionário com dois GTIA[3], um GTIA-Para[4] e um GAM[5] para poderem operar no Mali (ver quadro). O comandante operacional da força é o general Saint-Quétin (em Dakar) e o comandante tático é o general Bernard Barrera (em Bamako). A primeira unidade a pisar território do Mali, logo a seguir às operações especiais, foi uma companhia do 21.º RIMa (Regimento de Infantaria de Marinha) equipado com VAB (*Véhicules de L'Avant Blindés*) e VBL (*Véhicules Blindés Légers* – M11) e que foi aerotransportada a partir do Chade para a capital do Mali, Bamako.

Os raides aéreos efetuados pela Força Aérea Francesa abriram as hostilidades. Quatro *Rafale* deslocaram-se da base aérea Saint-Dizier, em França, para fazerem uma operação sobre as ci-

[1] AQMI reivindica ser o braço da Al-Qaeda, no Magrebe, e descendente do Grupo Islâmico Armado (GIA). Tem o seu Quartel-General na Argélia.

[2] AFISMA – *African-led International Support Mission to Mali*.

[3] GTIA – *Groupment Tactique Interarmes*.

[4] GTIA-Para – *Groupement Parachutiste*.

[5] GAM – *Groupement Aéromobile*.

Fonte: upload.wikimedia.org.

dades malianas de Goa e Toussun. Os aviões voaram extremamente carregados, com três tanques de 2.000 litros, seis bombas teleguiadas e ainda outro armento ar-superfície. Foi necessário efetuar cinco reabastecimentos, já que não foi dada autorização para sobrevoar a Argélia.

Uma das primeiras ações foi executada por helicópteros Gazelle do *4.º Régiment d'Hélicoptères des Forces Spéciales* (4.º RHFS) que retardou o avanço das forças islamitas, que se dirigiam para Mopti. Este confronto ditou a primeira baixa das forças francesas. O tenente Damien Boiteux, piloto de um dos Gazelle, foi atingido por tiros de armas ligeiras e, apesar do helicóptero ter conseguido regressar à base, não resistiu aos ferimentos, tendo vindo a falecer. Esta intervenção possibilitou que a Força Aérea Francesa, com quatro Mirages 200-D, voando a partir de N'Djamena (Chade), pudessem intervir em tempo, causando baixas significativas na coluna das forças islamitas, impedindo assim o seu avanço em direção a Mopti.

Ainda a 11 de janeiro, o exército do Mali, já com o apoio de forças especiais francesas, avançaram sobre a cidade de Konna, infligindo pesadas baixas aos islamitas e impedindo quaisquer veleidades dos insurgentes, sobre a cidade de Mopti e aeroporto de Savaré.

A partir desta data, a ponte aérea para a capital do Mali, Bamako, foi uma constante. Aeronaves Transall (C-160) e Hercules (C-130) franceses e C-17 britânicos e canadianos apoiam o exército francês que, em poucos dias, projetou uma força de 2.000 militares e 150 viaturas. O subagrupamento blindado do 21.º RIMa, com viaturas AMX 10, estacionado na Costa do Marfim, estava pronto para ser também projetado, assim como o 2.º REP (*Régiment Étranger de Parachutistes*) estava nos "tacos", pronto para entrar em ação. Os ataques aéreos às cidades de Léré, Douentza e Gao são intensificados. Houve relatos de civis, sobre as forças islâmicas estacionadas em Gao, revelando que estas se apressaram a deixar a cidade, abandonando muitos dos seus mortos e feridos. No entanto, logo a 14 de janeiro, forças jihadistas que se tinham refugiado na Mauritânia, atacam a cidade de Diabaly apenas a 400 quilómetros da capital Bamako.

Mas a 19 de janeiro, as forças franco-malianas estão na região de Konna e controlam todas as localidades importantes, desta região.

O avanço para norte continua.

Os próximos objetivos são as cidades de Gao e Tombouctou e os respetivos aeródromos adjacentes.

"Os Páras saltam sobre Tombouctou"

A 28 de janeiro, uma ação concertada entre forças motorizadas do 21º RIMa, paraquedistas do *2.º Régiment Étranger de Parachutistes* (2.º REP), pertencente à Legião Estrangeira, e uma companhia do *1º Régiment de Chasseurs Parachutistes* (1.º RCP), tomam de assalto o aeroporto da cidade de Tombouctou. As unidades do 21.º RIMa tinham progredido cerca de 1.000 quilómetros, que separam Tombouctou da capital Bamako, em cerca de 15 horas, e são os primeiros a entrar na cidade. Os paraquedistas do 2.º REP são largados a norte da cidade, de forma a cortar uma eventual retirada de forças islamitas. Uma companhia paraquedista do 1.º RCP salta sobre o aeroporto. A operação foi obviamente apoiada por helicópteros do 4.º RHFS e foram utilizados três *Transall* e dois *Hercules*. Os danos da pista de aviação impediram que se efetuasse uma operação aerotransportada e forças de engenharia do *17.º Régiment du Génie Parachutiste* (17º RGP) foram as responsáveis por efetuar os melhoramentos necessários na pista. Desde *Diên Biên Phu*, em 1954, que os paraquedistas franceses não saltavam em ambiente de combate. A oportunidade não foi desperdiçada e o êxito foi total.

No fim do mês de janeiro, as Forças Armadas Francesas tinham mobilizado 4.300 militares, dos quais 3.500 se encontravam no Mali, apoiados por 450 veículos militares, sendo que 250 eram viaturas blindadas. As importantes cidades de Tombouctou e Gao estavam de novo nas mãos do governo do Mali. As operações continuaram, agora para controlar a inóspita região de Adrar, dos Ifaghas.

Os helicópteros Gazelle são aeronaves já com alguns anos de atividade e por isso algo vulneráveis nos atuais campos de batalha; no entanto, devido ao facto se serem muito ligeiros, são de fácil projeção nos teatros de operações e o *Armée de Terre* continua a contar com este modelo.

O parlamento dinamarquês decidiu contribuir com um avião de transporte C-130 e o governo belga tomou a decisão de enviar dois aviões C-130, juntamente com um helicóptero de evacuação médica Agusta A109 Medevac da Componente Médica do Exército Belga.

Fontes: esta imagem: www.forte.jor.br; imagem da página anterior: revista Raids, n.º 323, de abril de 2013 – página 40.

Alferes RC Filipa Domingos

Fonte da imagem do canto superior direito da página seguinte: profile.ak.fbcdn.net.pt.

210 anos de Colégio Militar

As comemorações do Ducentésimo Décimo Aniversário do Colégio Militar (CM) tiveram início no dia 2 de março com uma cerimónia relativa à sua fundação na Feitoria, em Oeiras, pelo então Coronel António Teixeira Rebello.

A "Chama Colegial", depois de acesa, foi transportada para as atuais instalações na Luz, onde o Presidente da Associação dos Antigos Alunos, Dr. António de Reffóios, após leitura de uma mensagem ao Batalhão Colegial, acompanhou o Aluno "Batalhãozinho" e o Aluno Comandante de Batalhão na transferência do "símbolo vivo e eloquente do espírito colegial".

Nos claustros, foi a vez do Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil, presidir à cerimónia que incluiu uma alocução alusiva à efeméride proferida pelo Diretor do CM, Major-General Fernando Joaquim Alves Coias Ferreira.

No domingo, 3 de março, teve lugar o tradicional desfile na Avenida da Liberdade, desde o Marquês de Pombal até ao Rossio, ao que se seguiu a celebração litúrgica na Igreja de São Domingos, em memória de todos os Servidores deste Estabelecimento Militar de Ensino que já partiram e em ação de graças por mais um aniversário.

O "significado deste património imaterial que remanesce nas diferentes gerações de alunos e que provém de uma forma diferente de estar e fazer, de uma educação diferente que se repercute numa atitude distinta", foi sublinhado pelo Diretor do CM que enfatizou o facto do CM ser "a segunda escola mais antiga do nosso país que desde sempre baseou o seu projeto educativo no ensino diferenciado masculino, com uma formação de matriz militar assente no internato obrigatório – este foi o seu referencial educativo durante 210 anos".

Enquanto estabelecimento militar de ensino, o CM tem como desígnio facultar aos seus alunos uma sólida formação intelectual, ética, física e militar, tendo como referência a divisa "UM POR TODOS E TODOS POR UM", a qual resume os saudáveis conceitos dos valores colegiais impressos no Código de Honra do Aluno.

Nas palavras do Major-General Fernando Joaquim Alves Coias Ferreira, "o CM conta com todos, mas particularmente com os que aqui continuarem a servir e a estudar no sentido de procurarem sempre fazer melhor na senda de um ensino de excelência, enquadrado pelos valores castrenses, procurando formar cidadãos responsáveis com capacidade de liderança e iniciativa nas diferentes áreas de atividade da nossa sociedade, com a qual temos de ser mais exigentes, não apenas nos direitos mas especialmente nos deveres inerentes aos homens verdadeiramente livres".

Para o tradicional desfile na Avenida da Liberdade, o Diretor citou no seu discurso, Ramalho Ortigão, que em 1882 proferiu as seguintes

palavras: "... Quando ... se abriu uma clareira na enorme multidão compacta que coalhava toda a superfície do rossio e que no quadrilátero descoberto sobre o macadame o batalhão colegial apareceu, uma sensação nova percorreu os nervos do grande público lisbonense ... os alunos militares eram soldados voluntários e livres. Para eles a honra de vestir o uniforme é a mais brilhante do mundo".

Enquanto instituição de Portugal que entrou no seu terceiro século de relevantes serviços educativos à comunidade, o CM prossegue a sua missão assente em princípios, valores e tradições e na consolidação de fortes laços de solidariedade que unem os antigos e os atuais alunos.

O CM teve berço em Oeiras, com o nome de Colégio de Educação do Regimento de Artilharia da Corte, no quartel da Feitoria, no ano de 1803, pela mão do então Coronel Teixeira Rebelo, comandante daquela unidade militar sediada nas proximidades da fortaleza de São Julião.

Criado numa conturbada época da vida nacional, o CM surgiu não por força de qualquer decreto friamente concebido numa secretaria, mas por iniciativa de um homem cuja vida constitui aliciante exemplo de dádiva total ao serviço da Pátria, desde o dia em que, com 14 anos incompletos, saiu da sua aldeia transmontana para se alistar voluntariamente nas fileiras do Exército: O Marechal António Teixeira Rebello (1750 - 1825).

Evocá-lo é trazer à lembrança o perfil moral de uma grande figura de soldado e educador. Filho de modestos lavradores, nasceu em 17 de dezembro de 1750, em Cumieira, humilde aldeia transmontana. Foi sua coroa de glória incontestável a fundação do Colégio Militar.

Deu-lhe ensejo para isso o ser nomeado em 1802, comandante do Regimento de Artilharia da Corte, unidade militar aquartelada no Forte da Feitoria, a par de São Julião da Barra.

Era então Coronel. Preocupado com a ocupação e educação das crianças e jovens familiares da sua guarnição e de civis da região, cria, na Feitoria anexa, uma escola cujos agentes de ensino seriam os próprios militares do seu Regimento. Nasce assim, o Colégio da Feitoria em data que se consagrou ser o dia 3 de março de 1803.

Os primeiros alunos ali educados distinguem-se pelos seus conhecimentos militares, pelo seu comportamento e bravura nas campanhas contra as tropas invasoras de Napoleão.

Desde o seu nascimento o Colégio esteve instalado em diversos locais ao longo de toda a sua vida. Inicialmente foi seu berço a Feitoria, de 1803 a 1813. Por portaria de 1814 o Colégio é transferido para o edifício do Hospital de Nossa Senhora dos Prazeres, na Luz, com a designação de Real Colégio Militar, onde permanece até 1835. Depois passa para a extinta Congregação dos Missionários, denominada de Rilhafóles (o efetivo havia sofrido um aumento substancial, nesta altura), onde esteve de 1835 a 1848. Em 1848 é transferido para Mafra onde fica até 1859. Novamente na Luz até 1870, volta a Mafra até 1873, ano em que regressa para a Luz, onde se tem mantido até aos nossos dias.

Como resultado da sua função educativa, o Colégio devolveu ao País cerca de 15.000 cidadãos, destacando-se alguns deles em diferentes atividades, de que são exemplos os Presidentes da República, Marechais Gomes da Costa, Óscar Carmona, Craveiro Lopes, António de Spínola e Costa Gomes, insignes militares como Opero Alexandrino da Cunha, Eduardo Galhardo, Sanches de Miranda, Teixeira Pinto, Pereira D'Eça, Campos Rodrigues, Tenente Valadim, Morais Sarmento, Garcia Rosado, Ferreira Martins, Passos e Sousa, Viriato de Lacerda, Ribeiro de Carvalho, Barros Rodrigues, Sarmento Beires e Oscar Monteiro Torres, vultos das letras, como Andrade Corvo, Latino Coelho, Manuel Pinheiro Chagas, Abel Botelho, Júlio Dantas, Carlos Selvagem, Ramiro Guedes de Campos e Gustavo de Matos Sequeira, matemáticos, pedagogos e historiadores como Pina Vedal, Mota Pegado, Couceiro da Costa, Morais Sarmento, Teixeira Botelho e António Sérgio de Sousa.

Numa altura, cujo futuro se assume com novos desafios para a instituição, esta história já ninguém poderá apagar, assim como as palavras que ao longo de mais de 200 anos têm caracterizado o CM: "Família Colegial", "sentido do dever", "competência", "garbo", "orgulho", "identidade", "camaradagem", "honra", "lealdade" e "responsabilidade".

Engenheiro Eduardo Zúquete

Fontes: esta imagem: 1.bp.blogspot.com; imagem do canto superior das páginas ímpares deste artigo: bimg2.mlstatic.com.

A Mina de Granadas

— Capitão, em Nova Freixo há uma mina de granadas!

– Há, com certeza, está a cargo do Batalhão de Caçadores mas não se chama mina, chama-se paiol. Você já tinha obrigação de saber isso!

– Não é dessas que estou a falar, capitão. É das outras, das pedras preciosas. Há lá uma mina e há um tipo que explora a mina e vende peixe e que está farto de ganhar dinheiro com elas!

– Roque, você não me venha com histórias da carochinha que eu tenho mais que fazer. Conte-me mas é como vai a obra.

– O capitão nunca me leva a sério – amuou o Roque.

– Levo, sim senhor. E a prova é que ainda não fui lá dar uma vista de olhos, porque acredito que a obra está a andar bem.

– Está, sim senhor! E até sucedeu uma coisa engraçada...

E o Roque entusiasmou-se e a conversa da mina e das granadas passou para segundo plano e entrou no esquecimento. O Roque era alferes engenheiro técnico, era competente, dedicado e tinha um feitio invariavelmente bem-disposto. Comandava o destacamento de Nova Freixo e tinha uma obra complicada para executar, que ia avançando com a possível rapidez. Por aquele lado não tinha muitas preocupações; de resto, se as tivesse, era fácil tirá-las a limpo porque Nova Freixo e Nampula estavam ambas sobre a via férrea do Niassa e era fácil lá dar um salto.

Naturalmente, eu sabia como a obra estava a correr porque lia os relatórios semanais e acompanhava o desempenho de todos os destacamentos. Mas, de vez em quando, o Roque, como aliás todos os comandantes de destacamento, vinha a Nampula acertar a papelada da obra com o "escritório" do Noro, que já funcionava a todo o vapor, e eu aproveitava a visita para trocar impressões, porque os códigos de situação de obra não diziam tudo e era importante saber como ia o moral das tropas e outros aspetos correlativos.

Esqueci-me completamente da história das granadas até que uma bela manhã entrei no gabinete, vindo do despacho com o Comandante, e vi uma caixa cilíndrica de cartão, daquelas usadas para cereais, em cima da mesa. Com curiosidade abri-a e estava cheia de granadas até cima – mais de um litro delas, todas de pequenas dimensões. Entretanto o Noro aproximara-se:

– O Roque chegou ontem à noite de Nova Freixo e quer falar consigo. Deixou esta caixa para si... que diabo é isso, capitão?

– São granadas, as tais granadas de Nova Freixo que o Roque andava a falar à malta toda. Pronto, aqui está um balde delas.

O Noro assobiou baixinho quando eu derramei um bocado do conteúdo da caixa por cima da secretária.

– Mas... isto não são pedras preciosas?

– Bom, creio que a tanto não chegam, serão apenas semipreciosas. E para estarem aqui assim, neste preparo, à matroca, não devem valer grande coisa.

– E o que é que o senhor vai fazer disto?

– Sei lá! Penso que deste tamanho não servem mesmo para nada.

De facto, como o próprio Roque confirmou minutos depois, não valiam mesmo nada, não serviam para coisíssima nenhuma e eram apenas resíduos da exploração que iriam para o lixo e que o tal homem que detinha a concessão da mina lhe oferecera para levar para Nampula e convencer o cabeçudo do capitão, que o não levava a sério, de que em Nova Freixo havia granadas – além das outras que toda a gente imaginava que existissem.

Fiquei convencido, dei a mão à palmatória. Havia granadas em Nova Freixo, podia certificar. E tinham-me oferecido mais de um litro de "estilhaços" de granadas – que nada valiam, para nada serviam. E tudo aquilo vinha de uma mina, algures em Nova Freixo, mina que eu não conhecia e que ficava numa terra perto da outra onde o Diabo deixou as botas! Era mais uma história de África, daquelas que ninguém acredita, para contar aos netos – se lá chegasse e viesse a ter netos!

A caixa de cartão ficou uns tempos em cima da estante, mudou de poiso várias vezes e um dia desapareceu. Ninguém deu pela falta.

Pelo fim do ano letivo de 1968, aí por junho ou julho, os professores do Liceu de Nampula tinham de ir fazer exames aos alunos de escolas existentes noutras cidades do norte da colónia. Por força deste preceito, a minha mulher foi destacada para fazer exames em Nova Freixo e Vila Cabral, com mais um professor e uma professora do Liceu. Eu tinha uns dias de licença disponíveis, o serviço na

Catedral de Nossa Senhora da Conceição
Nampula

altura não apresentava nenhum caso bicudo e resolvi acompanhá-la.

Na primeira escala, em Nova Freixo, tínhamos uma pequena comissão de receção à nossa espera – a mulher do administrador e duas outras senhoras. Em regra, eram professores que faziam essas diligências e levavam consigo as respetivas mulheres e dentro do espírito muito ultramarino de cortesia e boas maneiras, as senhoras da localidade vinham ao aeroporto receber as visitas.

Os três professores seguiram imediatamente para o seu destino e eu, que era o único consorte, fiquei especado na pista, sem saber bem o que fazer perante este quadro que não esperava. Se o administrador estivesse presente, ainda poderia ter rumado para a sede da circunscrição mas ele fora a Vila Cabral e só iria chegar ao fim da tarde, como passageiro de um T6 – um diabo de um avião onde o eventual passageiro tinha de levar para-quedas porque o assento já estava a contar com esse volume e ficava enterrado no fundo da carlinga. O meu embaraço era grande e quando D. Esmeralda, a mulher do administrador, que capitaneava o pequeno grupo, me perguntou, com o seu melhor sorriso, se eu tinha algum sítio que quisesse visitar eu propus com um ar semitriunfante, para ver se salvava a situação:

– Gostaria de visitar a mina de granadas!

Estava convencidíssimo que a mina de granadas em Nova Freixo devia ser assim uma coisa parecida, em popularidade, com o Bom Jesus de Braga ou o Convento de Cristo, em Tomar, e daí o meu ar glorioso de turista informado mas, com enorme surpresa minha, as senhoras entreolharam-se sem perceber a que é que eu me referia. Expliquei, com minúcia, de que granadas se tratavam e da história da mina, tal como o Roque me contara. Continuaram sem nada entender, nunca tinham ouvido falar em tal coisa, granadas conheciam-nas, claro, pedras lindas, maravilhosas, uma cor soberba, mas... em Nova Freixo? Não seria engano? Não, não era, insistia eu com a maior das cortesias. Não fosse eu ter visto o cilindro de cartão cheio de detritos de granadas e iria jurar que fora enganado mas não, não fora enganado. Onde diabo teria o Roque desencantado aquela história? Infelizmente, o destacamento já fora extinto, o Roque terminara a comissão e já voltara para a metrópole. Só o Roque, minha vida, descobriria uma coisa assim! A minha única testemunha estava longe, muito longe. Nada a fazer, impasse completo, o melhor era esquecer e mudar de assunto. E assim aconteceu: uma tarde complicada, como se adivinha.

Fomos convidados para o serão em casa do administrador. Além do nosso grupo, estavam ainda algumas pessoas da terra, num convívio simpático muito ao gosto do tempo e das coló-

Avião T6 utilizado pela Força Aérea Portuguesa nas Campanhas Ultramarinas

Fontes: esta imagem: www.emfa.pt; imagem da página anterior: 1.bp.blogspot.com.

Fontes: 3.bp.blogspot.com; imagem da página seguinte: companhiacacadores2759.planetachix.pt.

nias. A casa era espaçosa, com boa traça, agradável e a ausência de televisão permitia a conversa – lenta, apreciada, sem interrupções. E como os temas não eram muito abundantes, visitada a casa, saboreada a bebida e comentadas as notícias do momento, que não eram muitas nem importantes, veio à baila a história da mina. Foram as senhoras que trouxeram o assunto à conversa, estranhando o seu desconhecimento – talvez mais exatamente, o meu conhecimento – de semelhante facto. Mas o administrador, esse estava ao corrente e apontou para um dos convidados:

– Ele pode explicar essa história melhor que eu.

"Ele" era, nem mais nem menos, o negociante de peixe que o Roque referira e que explorava, julgo que em regime de concessão, a mina. Era um homem de poucas palavras, julgo que seria um dos notáveis do burgo e, melhor que arriscar uma descrição que não parecia ser o seu forte, achou melhor convidar todo o grupo para uma visita ao local.

A ideia pareceu agradar a toda a gente, uma vez que estávamos todos intrigados e curiosos de ver uma coisa que nunca tínhamos visto, mas levantava-se uma enorme dificuldade: o termo "mina" inquietava as pessoas, evocava subterrâneos, escuridão, equipamento especial, águas a correr, bichos peçonhentos.

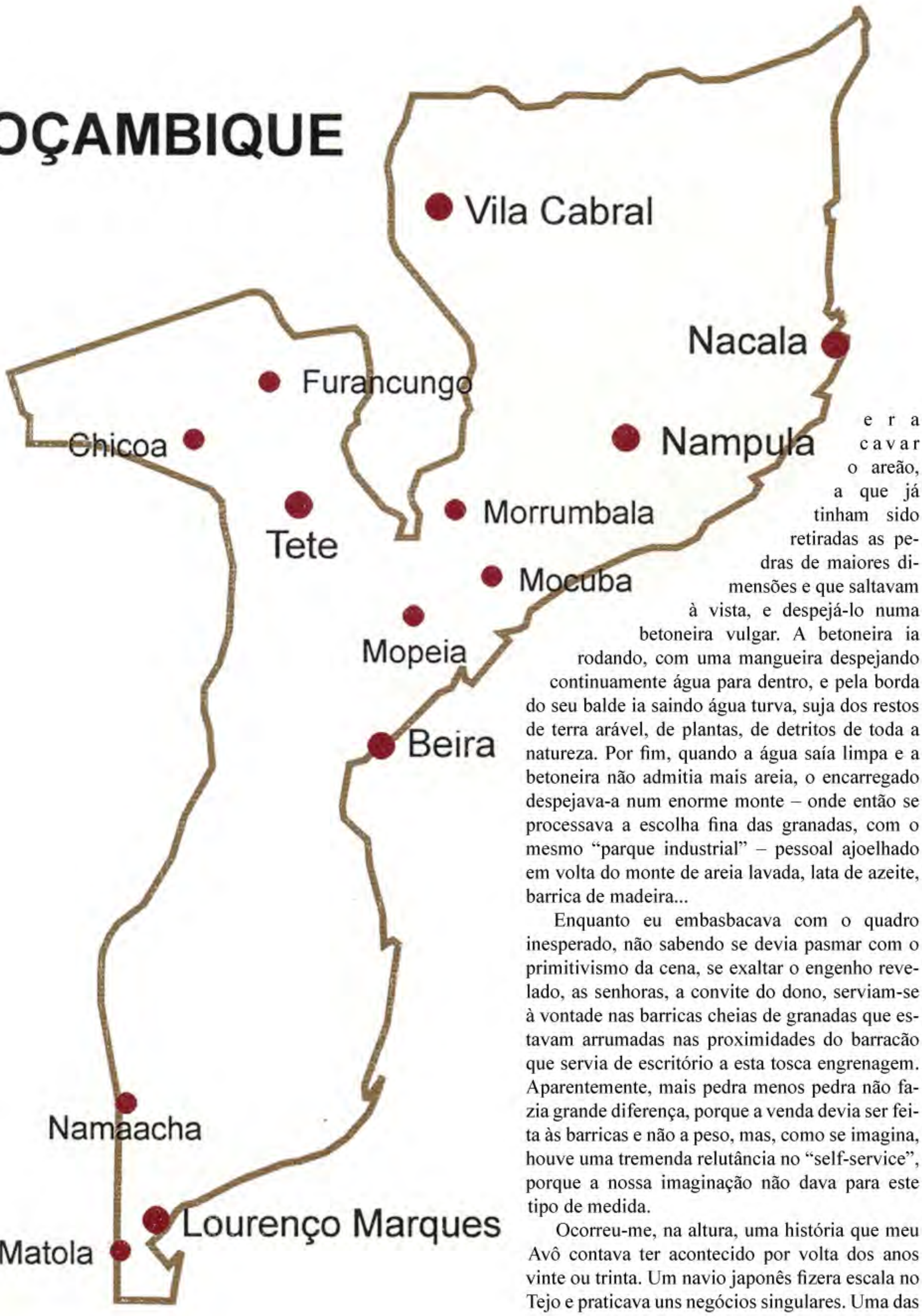
– Nada disso! – riu o sujeito, bem disposto. Fica tudo ao ar livre, estejam descansados! Não sei quem inventou essa história da mina mas fica tudo a céu aberto como se fosse uma praia!

Eu sabia onde nascera a história da mina mas calei-me muito bem calado e combinou-se a visita para o dia seguinte. O avião para Vila Cabral só passava no outro dia e após as últimas orais e o almoço, todos estávamos disponíveis – e, em boa verdade, sem nada para fazer. Com um ar de expedição arqueológica e uns contornos de banda desenhada, avançámos, mortinhos de curiosidade, para a "mina".

Como se está mesmo a ver, a deceção foi enorme. A "mina" era um terreno plano, liso como um tampo de mesa, de areão grosso revestido por uma delgada camada de solo arável, de poucos centímetros. Numa frente de uma dúzia de metros, uma equipa de dois ou três homens desmatava, limpava o capim ralo e removia a terra arável, deixando à vista a "praia" de areão.

Uma segunda equipa, pouco mais numerosa, vinha atrás, avançando de gatas e catando, de vez em quando, umas pedrinhas do chão – pedrinhas essas que eram deitadas para latas vazias de azeite, seu único equipamento. Quando as latas estavam cheias – e elas enchiam-se com surpreendente rapidez – eram despejadas numa barrica de madeira, igual às que normalmente transportavam peixe seco para venda no interior e que estava próxima.

Terceira equipa vinha a seguir: a sua missão



era cavar o areão, a que já tinham sido retiradas as pedras de maiores dimensões e que saltavam à vista, e despejá-lo numa betoneira vulgar. A betoneira ia rodando, com uma mangueira despejando continuamente água para dentro, e pela borda do seu balde ia saindo água turva, suja dos restos de terra arável, de plantas, de detritos de toda a natureza. Por fim, quando a água saía limpa e a betoneira não admitia mais areia, o encarregado despejava-a num enorme monte – onde então se processava a escolha fina das granadas, com o mesmo "parque industrial" – pessoal ajoelhado em volta do monte de areia lavada, lata de azeite, barrica de madeira...

Enquanto eu embasbacava com o quadro inesperado, não sabendo se devia pasmar com o primitivismo da cena, se exaltar o engenho revelado, as senhoras, a convite do dono, serviam-se à vontade nas barricas cheias de granadas que estavam arrumadas nas proximidades do barracão que servia de escritório a esta tosca engrenagem. Aparentemente, mais pedra menos pedra não fazia grande diferença, porque a venda devia ser feita às barricas e não a peso, mas, como se imagina, houve uma tremenda relutância no "self-service", porque a nossa imaginação não dava para este tipo de medida.

Ocorreu-me, na altura, uma história que meu Avô contava ter acontecido por volta dos anos vinte ou trinta. Um navio japonês fizera escala no Tejo e praticava uns negócios singulares. Uma das

coisas que os japoneses vendiam era relógios – a 20 escudos o quilo, imagine-se – e houve que pôr os nipónicos a andar porque o comércio de porta aberta sentiu-se lesado e escandalizado. Vender relógios baratos, muito baratos mesmo era uma coisa – mas vendê-los ao quilo ultrapassava a imaginação mais audaciosa, infringia todas as regras comerciais que se podem conceber!

A mina estava vista. Dava para pensar no tipo de exploração das riquezas das colónias que o Português exerceu e nos textos dos livros de Geografia do tempo onde, penso eu, por ingenuidade, ainda se classificavam as nações pelo inventário das suas riquezas e não pelo uso que delas sabiam – ou podiam – fazer.

À noite, e novamente em casa do administrador, a conversa girou necessariamente em torno da "mina" e das granadas. Então o dono explicou o que tinha ficado por dizer na altura e que respeitava ao seguimento das pedras. Como é que elas seguiam para o mercado, dali, da "praia" de Nova Freixo?

– Bem, explicou o homem, vou com frequência à Rodésia vender peixe e quando tenho duas barricas cheias de pedras levo-as também, no meio da carga, e vendo-as lá. Tratar do assunto em Moçambique era uma complicação e eu não estou para chatices.

Era uma boa razão, mas, sem dúvida nenhuma, nós perdíamos de toda a maneira, os outros é que tiravam o benefício. Mas eu ainda tinha uma dúvida, um nadinha mais elaborada. Era manifesto que aqueles areões eram aluvião de algum rio perdido cuja trajetória uma carta geológica indicaria com certeza, mesmo de forma incompleta. Por força disso, as pedras eram calhaus rolados, muito fraturados e desgastados e que tinham perdido muito peso e valor na sua viagem fluvial de outras eras. Se fossem apanhadas na origem, a conversa seria outra e poderiam ser obtidos exemplares mesmo sensacionais.

O homem olhou para mim de esguelha e arrependi-me de ter feito a pergunta. Respondeu-me um pouco contrafeito.

– Sim, é verdade, o senhor tem razão. E eu até sei onde fica a rocha-mãe, tive a mesma curiosidade, já lá fui. Mas não estou para chatices. Quero ir fazendo pela vida com algum trabalho, sim, mas sem chatices. O senhor compreende?

Eu acenei, num gesto mudo de compreensão, e ele mudou de conversa, rapidamente.

– E agora, se me permitem, trouxe comigo quatro pedras para lembrança – uma para cada um dos professores e outra, a maior, para ser tirada à sorte.

Eram bonitas, excecionalmente grandes, e foi uma cortesia inesperada, a juntar a tantas outras que guardei dessa viagem a Nova Freixo. E, para mais ajuda, o sorteio quis que a pedra maior calhasse justamente à minha mulher – pedra que, depois de cuidadosamente lapidada, por um alemão radicado em Portugal, veio pôr um lindíssimo ponto final na estranha história da mina de Nova Freixo.

Só ficou uma ponta por atar: o Roque entretanto emigrou para a Venezuela e nunca mais o vi. E, por isso, nunca lhe pude contar como acabara a história da mina. Mas tenho a certeza que ele, quando a soubesse, iria exclamar, com o seu ar garotão, jovial apesar dos muitos anos passados:

– Vê, capitão, como eu tinha razão? O senhor nunca acreditava em mim!

Governo do Niassa em Vila Cabral

Fonte: 3.bp.blogspot.com.

Filmes & Jogos

Santos e Soldados – Missão Berlim

Guerra – DVD, Blu-Ray

Volvidos quase dez anos desde o primeiro "Saints and Soldiers" o realizador Ryan Little leva aos ecrãs o seu mais recente filme de guerra "Santos e Soldados - Missão Berlim" que, embora não tenha uma ligação direta com as personagens do primeiro filme, os enredos de ambos os filmes se situam no universo da Segunda Guerra Mundial.

Apesar de não ter estreado nas salas de exibição nacionais, este filme, que foi produzido com um baixo orçamento mas ainda assim alcançou uma estética realística considerável, pode ser visto em DVD ou em Blu-ray.

A ação desenrola-se no sul de França durante a Operação Dragão, quando o 517º Regimento de Paraquedistas, incumbido de proteger as tropas aliadas que marchavam rumo a Berlim, salta debaixo de fogo inimigo. Três soldados acabam por se perder. É então que se cruzam com Émile, uma *partisant* que lhes pede ajuda na libertação dos seus companheiros da Resistência Francesa presos. Os homens arriscam as suas vidas ao fazê-lo, ficando conhecidos por santos e soldados.

Humanidade – A História de Todos Nós

Documentário

O canal História, já nos habituou a uma excelente qualidade das suas séries.

Recentemente trouxe-nos, em 12 episódios, a "História de Todos Nós", desde o surgimento da humanidade até aos nossos dias. O palco é o nosso planeta e os protagonistas somos todos nós. Admiráveis recriações cinematográficas transportam-nos através dos séculos. No episódio 7 – Novo Mundo, há uma significativa referência ao navegador português Bartolomeu Dias e a sua épica viagem, que o levou ao extremo sul do continente africano "dobrando" o Cabo das Tormentas que ficou para a história como o Cabo da Boa Esperança.

World of Tanks

Gênero: Jogo *online*

Desenvolvido pela empresa bielorussa Wargaming.net, *World of Tanks* é um jogo *online multiplayer* que gira em torno de veículos de combate, de meados do séc. XX, e em que o jogador controla um tanque ou um veículo de combate contra outro jogador *online*, numa lógica de duelo.

O jogo assenta num modelo de negócios *freemium*, em que o produto ou serviço é fornecido gratuitamente, embora possa ser cobrado um valor a usuários *premium* por funcionalidades extra. A palavra *freemium* resulta da junção dos conceitos *free* e *premium*. No caso do jogo *World of Tanks*, os jogadores podem optar por pagar uma pequena taxa, o que lhes permitirá avançar no jogo com maior celeridade.

World of Tanks apresenta mais de 240 veículos blindados da ex-União Soviética, Alemanha, Inglaterra, França, China e dos EUA, cuidadosamente detalhados em termos de aspeto e dotados de realismo histórico. Estima-se que o jogo contenha cerca de 500 modelos.

Livros & Revistas

General Silva Freire

Brilhante Estratega da Reocupação do Norte de Angola em 1961

Ao autor, o Tenente-Coronel de Artilharia (Res) António L. Pires Nunes, os parabéns por ter recuperado a vida e a obra de um dos mais brilhantes oficiais do Exército Português, o General Carlos Miguel Lopes da Silva Freire, que morreu, prematuramente, num acidente de aviação, a 10 de novembro de 1961, quando sobrevoava em vista de trabalho, a região do Cunene, no sul de Angola.

Diz o autor que a experiência legada pelo General Silva Freire foi-se apurando à medida que o tempo passava e estamos certos que a matriz sobre a forma de atuar foi traçada por ele e depois adaptada à Guiné e Moçambique.

Nunes, António Lopes Pires, *General Silva Freire*, Caleidoscópio Editora, Casal de Cambra, 2011.

A Prevenção e a Resolução de Conflitos em Africa

Reconhecida a importância de África como um dos espaços de afirmação de Portugal no Mundo, torna-se imperativo promover iniciativas que impulsionem o debate e a reflexão sobre os mais variados aspetos da resolução de conflitos.

Coordenado por Augusto Nascimento e Carlos Coutinho Rodrigues, este livro é o resultado das contribuições apresentadas na Conferência Internacional subordinada ao tema "A Prevenção e a Resolução de Conflitos em África", promovida pelo Instituto da Defesa Nacional em parceria com o Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, a 10 e 11 de outubro de 2011.

AAVV, *A Prevenção e a Resolução de Conflitos em África*, Imprensa Nacional, Lisboa, 2012.

Tranchées

Mais uma revista francesa de história militar. Esta revista de publicação trimestral, dedicada apenas à Grande Guerra, fez sair este número especial de abril com o tema – A Batalha de La Lys (9 de abril de 1918). Para nós, com especial interesse, pois são publicados dois interessantes artigos sobre a participação do Exército Português na Grande Guerra, com particular atenção à 2ª Divisão Portuguesa, no seu setor. Por último, há ainda um terceiro artigo sobre o cemitério português em Richebourg, revelando toda a dignidade e respeito que merecem todos aqueles que morreram em combate pela Pátria.

Academia Militar na Meia Maratona de Lisboa

No dia 24 de março de 2013, a 3ª Companhia de Alunos do 1º Batalhão de Alunos da Academia Militar participou na Meia Maratona de Lisboa, sob o mote "CORREMOS JUNTOS, POR TODOS", firmando uma etapa essencial para a promoção da ação de solidariedade que culminará com a oferta de donativos e bens a Instituições.

Esta participação coletiva (101 cadetes-alunos e 4 oficiais) foi planeada e desenvolvida pela Comissão de Solidariedade constituída por cadetes que projetou, como apadrinhamento à participação num evento de significado ímpar no plano desportivo nacional, a recolha de patrocínios.

Esta é, mais uma iniciativa, desenvolvida no âmbito da solidariedade com enfoque para a comunhão dos valores morais e de cidadania presentes na formação do Cadete da Academia Militar, que se traduzem no planeamento, organização e execução voluntária de uma atividade, que patenteia o significado do ato coletivo, o caráter voluntário e altruísta bem presente no espírito de Serviço a Portugal, apreendido pelos nossos cadetes durante a formação na Academia Militar e vivido durante toda a sua vida.

Campeonato Desportivo Militar de Orientação

Por despacho do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, coube à Brigada de Intervenção, através do Regimento de Artilharia N.º 4, realizar o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de Orientação Fase III – Exército, que decorreu no período de 19 a 21 de março, na zona de Quiaios e de Pedrogão, com a participação de seis delegações dos Comandos Funcionais e Brigadas.

Participaram 117 atletas, divididos da seguinte forma: 27 no primeiro escalão masculino, 28 no segundo escalão masculino, 26 no terceiro escalão masculino e 30 no escalão feminino. O Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Fernando Celso Vicente de Campos Serafino, presidiu à Cerimónia de Encerramento.

Escalão	Class.	Militar/Equipa
1º Escalão Masculino	1º	2Cab Nelson Graça/BrigRR
	2º	Sold António Ferreira/BrigInt
	3º	Cad André Ramos/CFT
2º Escalão Masculino	1º	SAj Alexandre Reis/CID
	2º	1Sarg João Santos/BrigRR
	3º	1Sarg Custódio António/CID
3º Escalão Masculino	1º	SCh Armando Sousa/CID
	2º	SCh João Santos/BrigInt
	3º	SAj Frederico Bessa/BrigInt
Escalão Feminino	1º	1Sarg Adelina Lopes/BrigRR
	2º	1Sarg Maria Sá/BrigMec
	3º	2Sarg Anabela Correia/BrigMec
A delegação do CID foi a equipa vencedora do CDM		

Campeonato de Tiro Desportivo fase II - CID 2013

Por despacho de 10 de janeiro de 2013, do Comandante da Instrução e Doutrina (CID), Tenente-General Francisco António Correia, coube à Escola Prática de Infantaria (EPI), sediada em Mafra, a organização do Campeonato Militar de Tiro Desportivo fase II – CID 2013, que decorreu na EPI, no período de 19 a 21 de março 2013.

O campeonato contou com a participação de dez unidades do CID, com um total de 77 atiradores, 23 femininos e 27 masculinos na modalidade de espingarda e 6 femininos e 21 masculinos na modalidade de pistola.

O Campeonato Militar de Tiro Desportivo (CDT) – CID 2013 teve como vencedor absoluto o Centro Militar de Educação Física e Desportos.

Modalidade	Class.	Militar/Equipa
Espingarda Masculino	1º	2Sarg Martins/RC3
	2º	SMor Miranda/CMEFD
	3º	2Sarg Lopes/ESE
Espingarda Feminino	1º	Sold Araújo/CMEFD
	2º	Sold Lourenço/CMEFD
	3º	2Cb Teixeira/EPS
Pistola Masculino	1º	1Sarg Ferreira/EPS
	2º	SCh Lourenço/CID
	3º	Cap Santos/EPI
Pistola Feminino	1º	Ten Coelho/IPE
	2º	Alf Cardoso/EPA
	3º	2Sarg Rodrigues/RC3
A deledação do CMEFD foi a equipa vencedora do CTD		

PLANO DE SAÚDE DENTÁRIO EXCLUSIVO

PARA OS MILITARES E CIVIS DO **EXÉRCITO PORTUGUÊS,** INCLUINDO AS SUAS FAMÍLIAS

Já não custa ter um sorriso bonito e uma boca saudável

Preço: 30€ pessoa/ano - (Preço família, especial de lançamento 75€/ano incluíndo cônjuge e descendentes)

VANTAGENS:

- Mais de **3000 médicos dentistas** à sua disposição em todo o território nacional e ilhas.
- **Todas as especialidades cobertas** e todos os tratamentos que possa necessitar.
- **Clínicas seleccionadas** que cumprem os máximos standards de Qualidade.
- **Redução dos custo nos tratamentos em mais de 50% do preço privado** (ver tabela completa na página Web).
- **Tratamentos preventivos e mais frequentes SEM CUSTO**.

TRATAMENTOS	PLANO DE SAÚDE EXÉRCITO / DENTALREDE	PREÇOS MÉDIOS EM PRIVADO
CONSULTAS E VISITAS DE ESPECIALIDADE	SEM CUSTO	30,00€
DESTARTARIZAÇÃO (LIMPEZA)	SEM CUSTO	40,00€
RADIOGRAFIAS	SEM CUSTO	10.00€
COROAS E PONTES DE CERÂMICA	240.00€	400.00€
ORTODÔNTIA	255,00€ (POR APARELHO)	500,00€ (POR APARELHO)
EXTRACÇÕES SIMPLES	SEM CUSTO	30,00€

Ver toda a informação
www.Dentalrede.pt/parceiros/exercito português

INSCREVA-SE JÁ!!!

Fale connosco através do

☎ **808 201 665**

EXÉRCITO

RECRUTAMENTO

UM DESAFIO

UMA OPORTUNIDADE!

Durante toda a noite, de corações opressos, mantivemo-nos de atalaia aos movimentos dos guanches, que continuavam muito agitados. Tinhamos de estar atentos às pedradas que de vez em quando caíam sobre nós...

À luz dos archotes, os homens de Mestre Palminha acabavam a toda a pressa as obras no casco da "Bonita"...

Não é possível trazer para bordo nem o berço nem uma das âncoras! Paciencia Vamos zarpar pela manhã!

Antes o berço e a âncora do que corpos e almas. Mestre Sota!

Cortem-me esses cabos, rapazes! Vamos sair daqui com a maré!

Subitamente solta, a "Bonita" oscilou nas águas da maré que subia...

Lancem o bote à água, rapazes!

Em breve nos afastavamos da praia, perseguidos pelos chuços, pelas pedras e pelos gritos furiosos dos guanches...

JOSE PIRES

31

Horas mais tarde a "Bonita" metia proa sudoeste, no rumo da costa africana e da missão que nos levava àquelas paragens: a passagem do cabo Bojador...

Como está a passar o senhor Gil Eanes, mestre Gaspar?

Nada bem, mestre Sota! O calhau apanhou-o mesmo na fonte, aqui, salvo seja! E vomecê sabe bem como isso é perigoso!

'Tou muito ralado com isso, mestre Gaspar... a vida do capitão está nas mãos de Deus!

Deitado sobre o seu catre, Gil Eanes continuava inanimado. Sofrera uma forte concussão com a pedrada dos guanches. Perdera o conhecimento mas, no seu subconsciente, os seus velhos fantasmas e pavores permaneciam bem despertos...

O Bojador! É o Bojador mesmo à nossa frente!

Jesus, Maria, José! Valei-me nesta hora! Salta-me o coração fora do peito!

Eia, moços! Icem-me até à gávea!

Pelas chagas de Cristo! O que é aquilo?...

?!

Mudar de rumo! Tudo a bombordo! Tudo!

Força!

Raios partam! Partiu-se o raio do timão!

Deus nos acuda! É o fim do mar! Salvai-nos, Senhor!

Senhor Jesus de misericórdia! Salvai-nos!

...LOAS, GIL
LOAS... MENTIRAS

...LOAS, GIL
LOAS... MENTIRAS

Capitão! Senhor Gil Eanes!

A horrenda visão do pesadêlo teve como efeito arrancar Gil Eanes do estado de coma em que se encontrava há várias horas...

Onde estou?...

Mas, capitão, a bordo da "Bonita", claro! Levou uma pedrada na cabeça nas Canárias, lembra-se?

Deixai-vos ficar em repouso, senhor Gil Eanes. A pancada foi muito forte. Graças a Deus está vivo! Foi um verdadeiro milagre.

O capitão recuperou a consciência, mestre Sota!

Milagre de Nossa Senhora!...

Mas de súbito, sem que nada o fizesse prever, um violento golpe de mar sacudiu o casco da "Bonita"...

Homem ao mar!!

€2.00 (IVA incluído)

Ano LIV – n.º 627
ABRIL DE 2013

jornal do Exército

D. Nuno Álvares Pereira

O Santo Condestável

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

Jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

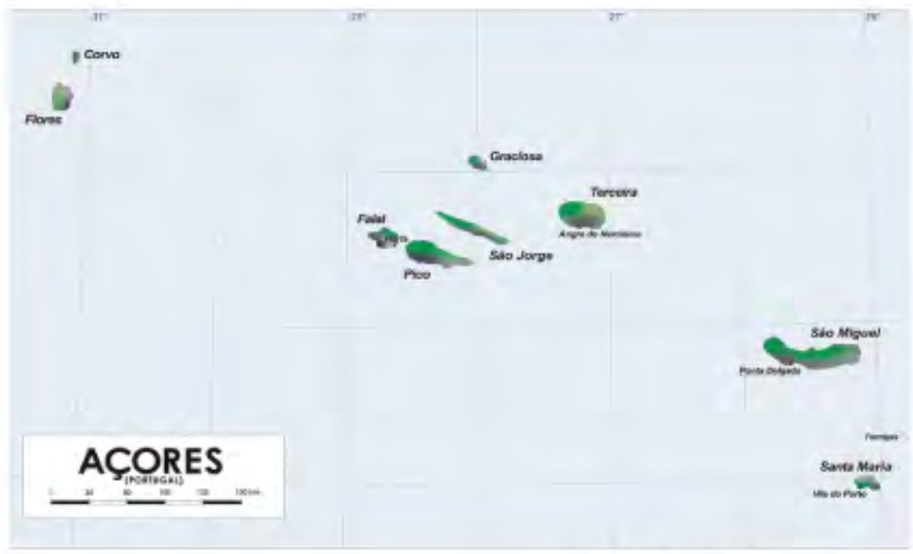
Monumentos com História Militar
Capela de São Lourenço – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
D. Nuno Álvares Pereira
O Santo Condestável – 16
Cultura, Desporto e Lazer – 44

Incidente no Cuango - Paixão quase trágica (versão Angolana, 1962) – 18

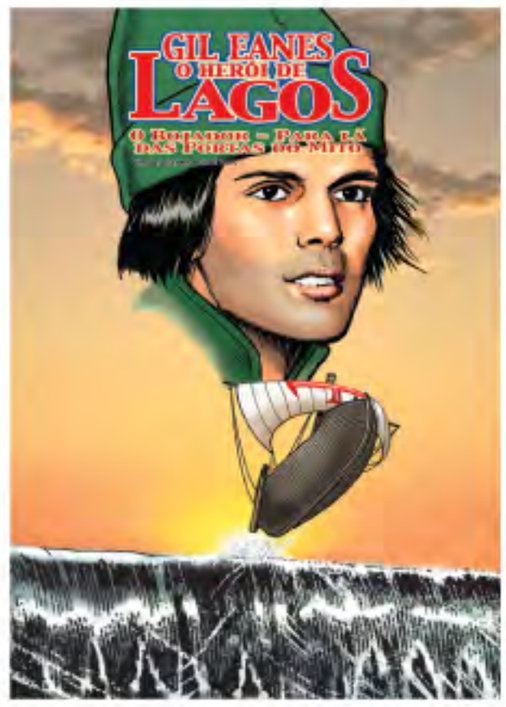
A Liderança Militar Estratégica:
Experiências e Reflexões – 24

Capa

Foto: Do Soldado Braga da EPI



A Fortificação
do Arquipélago dos Açores – 34



Suplemento Banda Desenhada:
"Gil Eanes – o Herói de Lagos"
Pág: XXXVII a XL

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Ass. Téc. Arminda Vitorino; **REDAÇÃO - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatora:** Alferes RC Filipa Domingos; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo;; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; EXECUÇÃO GRÁFICA - Sersilito - Empresa Gráfica Lda. -Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

Capela de São Lourenço

Na designação do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, a Capela de São Lourenço e Padrão de D. João I, surge como um monumento comemorativo da passagem das tropas portuguesas para a Batalha de Aljubarrota.

Fundada no primeiro quartel de Quinhentos, em meados do séc. XVI, por Aires de Quental, feitor-mor de D. Manuel I, o padroado da capela foi atribuído a São Lourenço porque as tropas de D. João I e de Nuno Álvares Pereira se reuniram a 10 de Agosto de 1385, dia em que a Igreja comemora o martírio do santo, no terreiro onde está edificado o templo, seguindo depois para Aljubarrota.

A capela é um pequeno templo de planta retangular antecedido por um alpendre e galilé, cujo interior coberto por teto de madeira possui um altar decorado com um conjunto de azulejos hispano-árabes.

Numa das fachadas laterais foi colocado em 1948 um painel de azulejos evocativo da presença das tropas do Condestável em Tomar.

Junto ao templo foi edificado no reinado de D. João III um padrão comemorativo (Padrão de D. João I ou Padrão Redondo), do encontro das tropas portuguesas a caminho de Aljubarrota, sendo o mesmo constituído por uma coluna lisa que assenta sobre base toscana com capitel adornado por relevos de anjos com asas abertas e o escudo português. O conjunto é rematado por pináculo.

A Aires de Quental coube também a tarefa de ali construir uma fábrica de armas por D. Manuel I, da qual apenas resta o açude localizado a jusante.

A Fonte de São Lourenço, construída em 1746 pelo Juiz de Fora, Dr. Manuel Jacinto Leitão, ostenta o Brasão do Reino que foi encimado pela coroa real.

A fonte remonta ao reinado de D. João V. É certo que o monarca visitou Tomar em 1714, referindo a tradição que teria então mandado construir a fonte. No entanto, e de acordo com a lápide presente no frontão, esta suposta diretiva apenas se concretizou em 1746.

Apesar da data da sua construção, situada em pleno barroco, a fonte revela, na generalidade, características maneiristas.

O tanque retangular e a bica que jorra a partir do espaldar liso sob um escudo português, são protegidos por um alpendre assente em pilares nas extremidades exteriores. Possui colunas dóricas embebidas a delimitar o espaldar, prolongadas por pináculos, já sobre o entablamento. À frente, delimitado pelos pináculos, um frontão de volutas coroado por cruz exibe a inscrição alusiva à construção da fonte. O espaldar inscreve-se num muro que se prolonga lateralmente, e onde se apoiam os bancos corridos.

A capela classificada como Monumento Nacional em 1921 encontra-se à entrada de Tomar, na Freguesia de Santa Maria dos Olivais.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Frei Nuno de Santa Maria morreu num domingo de Páscoa, a 1 de abril de 1431. Logo após a sua morte o povo embevecido pela gratidão das suas graças começou a chamar-lhe "Santo Condestável". A força das palavras e a razão do povo fez com que o destino se orientasse nesse sentido, mas com o processo de canonização a sofrer algumas contrariedades de natureza exterior. O processo de beatificação só foi concluído em 23 de dezembro de 1918, com o decreto Clementissimus Deus do Papa Bento XV. Foi o padre Anastacio Ronci, Postulador Geral dos Carmelitas, que em 1894 conseguiu introduzir o processo do culto do Beato Nuno, que viria a dar os bons resultados já descritos. Faltava consumar o desejo espontâneo do povo português, apoiado pelos soberanos portugueses e pela Ordem do Carmo, que foi amadurecendo ao longo dos séculos, de ver proclamado o Beato Nuno em Santo da Igreja. O Postulador Geral da Ordem do Carmo, P. Felipe M. Amenós y Bonet, conseguiu que a causa fosse reaberta, validada por um eventual milagre que ocorreu em 2000. Após as respetivas investigações o Papa Bento XVI dispõe a 3 de Julho de 2008 a promulgação do decreto acerca do milagre em ordem à canonização, e no Consistório de 21 de Fevereiro de 2009 determinou que o Beato Nuno fosse inscrito no álbum dos Santos, no memorável dia 26 de abril de 2009, como São Nuno de Santa Maria Álvares Pereira.

Um santo português, que foi um homem extraordinário, Condestável do Reino, e a sua vida um exemplo de princípios e valores, para todos nós, militares e civis, onde se destacam o patriotismo e a humanidade. No célebre livro As Figuras Históricas de Portugal, da autoria de Bourbon e Menezes e Gustavo de Matos Sequeira podemos ler "Quando não pastaram os bens confiscados aos contrários - escreve nas suas Épocas de Portugal Económico o investigador histórico sr. J. Lúcio de Azevedo - desmembraram-se terras dos concelhos, para galardoar os do partido. Nenhum prestou tantos serviços, nenhum foi tão largamente compensado como o Condestável." E mais adiante "De tudo ele, porém, se despojou: de prazeres e de bens… A sua caridade tinha qualquer coisa de sobrenatural. Restituira quanto recebera. Não vendia trigo, dava-o. Num ano de fome, a sua misericórdia não distinguira amigos e inimigos, estendera-se para além da fronteira. E a mão que empunhara o montante heroico das batalhas, pedia, em súplica humilde, pelas portas…

Para si?

Não! Para os pobres."

A chama que D. Duarte mandou colocar sobre o túmulo do Condestável, a seguir à sua morte, para que estivesse perpetuamente acesa, não a apagaram os séculos, continua sagrada a velar, hoje como ontem, o sentimento português. Sobre este grande português escreve também o Dr. Victor Raquel, nas páginas deste jornal a relembrar-nos alguns episódios históricos da sua fascinante vida.

O Tenente-General Figueiredo Valente traz-nos mais um artigo, Incidente no Cuango - Paixão quase trágica, em que aborda mais uma das suas ricas experiências militares em África neste caso, em Angola. Com a cortesia do Sr. Miguel Severo da *Military Review* publicamos, neste número do *Jornal do Exército*, um interessante artigo da autoria do General Brasileiro, na Reserva, Paulo César de Castro intitulado A Liderança Militar Estratégica: Experiências e Reflexões, em que é referido "Nas minhas palestras, invariavelmente, recorro […] às palavras: "trabalho+talento=sucesso" e, não por acaso o trabalho vem antes do talento. Em termos militares, significam que se deve exigir muito - e sempre - na instrução e no treino de homens [e mulheres] com vocação e talento para o combate. Suor poupa sangue." A Fortificação do Arquipélago dos Açores: Do Povoamento à Extinção da Capitania-Geral é o título do artigo que o Tenente-Coronel Manuel Augusto Faria nos oferece e onde nos fala da importância que tiveram as fortificações e como se encontra o seu estado de conservação. José Pires continua a brindar-nos com mais algumas páginas da história em banda desenhada "Gil Eanes, o herói de Lagos, o Bojador para lá das portas do mito".

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

General CEME visita o Exército Alemão

Nos passados dias 29 e 30 de abril de 2013, o General Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) efetuou uma visita oficial à Alemanha e ao Exército Alemão, a convite do Chefe do Estado-Maior do Exército Alemão, o Tenente-General Bruno Kasdorf.

O General CEME foi recebido pelo seu homólogo nas instalações do Ministério Federal da Defesa, em Berlim, num clima de elevado sentido institucional e extrema cordialidade. Após as honras militares protocolares e a apresentação das respetivas delegações, teve lugar uma cerimónia de homenagem aos militares alemães mortos em combate, no *Bundeswehr Memorial*, onde foi depositada uma coroa de flores do Exército Português, num ato de profundo significado e simbolismo.

Depois do cerimonial protocolar inerente a uma receção oficial ao mais alto nível, a visita prosseguiu com uma proveitosa troca de ideias e experiências sobre assuntos de interesse comum, no âmbito da organização, das operações, do pessoal, da formação e treino e do reequipamento.

Para tal muito contribuiu, numa primeira fase, o encontro pessoal que o General Pina Monteiro manteve com o Tenente-General Bruno Kasdorf, mas também as interessantes apresentações, a cargo do Estado-Maior do Exército Alemão, subordinadas aos temas "Design and Development of the German Army" e "The German Army on Missions Abroad (focus on ISAF)", que permitiram tomar contacto com a nova estrutura do Exército Alemão "Heer 2011", o racional em que se baseou e as principais alterações previstas no respetivo plano de implementação, mas também com a atual participação do Exército Alemão em missões fora do território nacional, principalmente na ISAF, KFOR e EUTM MALI.

Deste conjunto de intervenções, é de realçar a relevância que o Exército Alemão tem dado ao desenvolvimento de parcerias com outros exércitos, a efetiva profundidade da transformação em curso nas Forças Armadas Alemãs, decorrente da suspensão do Serviço Militar Obrigatório, a particular atenção com que a Alemanha vem seguindo a situação em Portugal e a disponibilidade demonstrada pelo Comando do Exército Alemão quanto a um apoio logístico mais eficaz, em termos do sistema de armas LEOPARD.

Ainda no dia 29 de abril, o General CEME teve a oportunidade de trocar algumas impressões com o Embaixador de Portugal em Berlim, Embaixador Luís de Almeida Sampaio, sobre a importância e o contexto da visita e alguns dos assuntos que dominam as relações entre Portugal e a Alemanha, e os seus Exércitos.

O segundo dia do programa da visita foi proveitosamente preenchido por uma visita à Brigada Mecanizada 41, em Torgelow, que incluiu uma breve apresentação sobre a Brigada e a sua metodologia de treino, a visita ao seu Centro de Simulação e uma demonstração tática, com execução de fogos reais, em que ficou bem patente a relevância que o Exército Alemão continua a dedicar às Forças Blindadas e Mecanizadas, no quadro da nova tipologia de conflitos, sendo disso exemplo o Batalhão desta Brigada que acabara de regressar do Afeganistão.

Dia da Arma de Transmissões e da Escola Prática de Transmissões

Em 22 de março, decorreu na Escola Prática de Transmissões (EPT), no Porto, as cerimónias comemorativas do Dia da Arma de Transmissões e do 42º aniversário da criação da sua Escola Prática.

Nesta cerimónia militar, presidida pelo Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, Dr. Paulo Braga Lino, estiveram presentes altas individualidades civis e militares, tais como o Chefe de Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro e o General Garcia dos Santos, ex-CEME.

Do evento realça-se as alocuções do General CEME e do Comandante da EPT. Do programa fez parte também a imposição de condecorações a militares da Arma de Transmissões e da EPT, o desfile das Forças em Parada e a atuação da Banda Militar do Porto.

As cerimónias terminaram com uma visita às "Capacidades de Comunicação e Sistemas de Informação" (Área da Formação e Sistemas Táticos) da Direção de Formação da EPT, onde ficaram patentes a alta qualidade das infraestruturas e dos equipamentos, agora à disposição da EPT e dos seus formandos.

Exercício VULCANO 13

Decorreu no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), entre 2 e 7 de abril, o Exercício VULCANO 13, sob a forma LFX (exercício de fogos reais), que contou com a participação de algumas Unidades da Estrutura Operacional da Brigada de Intervenção (BrigInt) que integram a Força-Tarefa 1200, designadamente, do Grupo de Autometralhadoras, do Esquadrão de Reconhecimento (em fase de aprontamento nacional para a NRF2014) e dos 1º e 2º Batalhão de Infantaria (guarnições das Secções Canhão e PelMortPes do 2BI). Estas Unidades puderam treinar procedimentos técnicos e movimentos táticos, aproveitando para o efeito as excelentes condições existentes no CMSM.

Durante o Exercício, assumiu particular destaque a realização de fogos reais, pela primeira vez, das VBR Pandur IFV (Infantry Fighting Vehicle), equipadas com o sistema Canhão Mauser MK 30-2 de calibre 30 mm, bem como das ICV RWS (Infantry Carrier Vehicle - Remote Weapon Station), equipada com uma estação de tiro operável em 360°, a partir do interior da viatura, dotada de um sistema de controlo da Kongsberg armado com uma metralhadora pesada Browning 12,7 mm (modelo M2HB).

Durante a manhã de 5 de abril, o evento foi visitado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro e pelo Vice-CEME, Tenente-General António Carlos Sá Campos Gil, bem como pelos Comandantes da Brigada Mecanizada e da Brigada de Reação Rápida, que se associaram ao Comandante da BrigInt no acompanhamento das atividades em curso, em particular, na observação das novas capacidades da BrigInt.

O Exercício serviu ainda para atestar a elevada motivação dos quadros e tropas desta Brigada.

Transposição da Paliçada

A força e a agilidade de um cadete aluno a transpor o primeiro obstáculo, da famosa Pista de Obstáculos da Academia Militar, na Amadora.

Todo o dinamismo da juventude está bem patente nesta fotografia. É o primeiro de uma série de 12 obstáculos que o cadete vai ter de ultrapassar com a maior eficácia e no menor tempo possível.

A Academia Militar sendo um Estabelecimento de Ensino Superior Militar, prepara os futuros oficiais, desenvolvendo não só as suas capacidades intelectuais e humanas mas também físicas.

(Foto: cadete aluno nº 631, Miguel Silva Mendes, da 1ª Companhia, do 1º Batalhão de Alunos).

SEADN visita Unidades Militares

Regimento de Artilharia Nº 5

No passado dia 22 de março, o Regimento de Artilharia Nº 5 (RA5) recebeu a visita do Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional (SEADN), Dr. Paulo Braga Lino.

Da visita constou a apresentação de cumprimentos de uma Delegação de Oficiais, Sargentos, Praças e de Civis que prestam serviço no Regimento, no Salão Nobre da Unidade.

Seguiu-se a apresentação de um briefing pelo Comandante da RA5, sobre a situação do Regimento, destacando-se a polivalência desta infraestrutura militar, com capacidade para a execução de diversas atividades, nomeadamente: Centro de Formação Geral Comum de Praças do Exército; Aprontamento de um GAC 155 mm; Centro de Divulgação do Dia da Defesa Nacional e apoio ao Gabinete de Classificação e Seleção do Porto.

Posteriormente, o SEADN teve a oportunidade de visitar as instalações da Unidade, a exposição de material dedicado ao Dia da Defesa Nacional, assistindo ainda a uma formatura do Encargo Operacional.

A finalizar os convidados tiveram a oportunidade de visitar as instalações do Mosteiro e Claustro da Serra do Pilar, imóvel classificado pela UNESCO como Património da Humanidade.

Regimento de Infantaria N.º 13

No dia 26 de março o SEADN, deslocou-se ao Regimento de Infantaria N.º 13 (RI13), juntamente com o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, com o Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Jerónimo, e com o Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Aguiar Santos.

Após as cerimónias protocolares de receção e apresentação de cumprimentos, o programa da visita, que muito honrou os Infantes do Marão, constou de um brífingue sobre as atividades desenvolvidas pelo RI13 e da apresentação do 1º Batalhão Infantaria, na Parada "La Lys", onde o SEADN pôde contatar com os militares desta Força assim como com os principais equipamentos que a guarnecem.

A visita às instalações do Regimento terminou com a passagem pelo Centro de Instrução e Treino Operacional da Fraga da Almotolia, onde as Altas Entidades tiveram a oportunidade de observar as possibilidades oferecidas pelas viaturas VBR Pandur II 8x8.

Centro de Tropas de Operações Especiais

No mesmo dia o SEADN, efetuou uma visita ao Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE).

Acompanharam esta visita o CEME o Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Jerónimo, bem como outros Oficiais do Gabinete do CEME, do Comando das Forças Terrestres e da Brigada de Reação Rápida. Não faltou também o Presidente da Câmara Municipal e diversas entidades da cidade de Lamego.

Após a Cerimónia de Homenagem aos Mortos, e receção pelo Comando do CTOE, o SEADN assistiu a um brífingue sobre a Unidade, a que se seguiu uma visita ao Aquartelamento de Penude.

O SEADN teve ainda a oportunidade de visitar uma exposição estática de material e de observar as Forças de Operações Especiais armadas e equipadas para combate, seguindo-se uma visita ao Aquartelamento da Cruz Alta.

Dia do Combatente elogia patriotismo do passado e do presente

No dia 6 de abril decorreram as comemorações do Dia do Combatente, junto ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha. Cumpriu-se, desta forma, uma tradição que dura há duas décadas e que se assinala a 9 de abril (Dia Nacional do Combatente).

À semelhança de anos anteriores, há homenagens que se mantêm, como o caso da evocação da 77.ª Romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido e o 95.º aniversário da Batalha de La Lys.

A presidir esta cerimónia, esteve o Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), General Luís Evangelista Esteves Araújo, acompanhado pelo Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional (SEADN), Dr. Braga Lino e pelos Chefes do Estado-Maior da Armada, Exército e da Força Aérea. Presentes estiveram também os presidentes das Câmaras Municipais da Batalha e Leiria, para além de numerosos oficiais generais, Diretores-gerais e Adidos de Defesa, bem como presidentes de Associações de Combatentes, presidente da Associação de Profissionais das Forças Armadas, Núcleos da Liga dos Combatentes e suas famílias.

Do programa fez parte uma Missa de Sufrágio pelos Combatentes falecidos, presidida pelo Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Januário Torgal Ferreira. O Mosteiro repleto de gente, engalanado com os Guiões da Liga dos Combatentes e Associações de Combatentes ouviu durante a eucaristia os cânticos alegóricos feitos pelo coro da Cruz Vermelha Portuguesa. Terminada a missa, as Forças em parada, colocadas em frente ao Mosteiro prestaram Guarda de Honra ao General CEMGFA, acompanhado pelo SEADN e pelo Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues.

Aquando do momento das alocuções, destaque para as palavras do General CEMGFA que frisou "o empenho das Forças Armadas que continuam a gerar segurança e a contribuir, ativamente, para a paz e para a estabilidade internacional", em vários cantos do globo, seja por mar, por terra ou por ar. Os difíceis teatros de operações onde as Forças Nacionais Destacadas se encontram a prestar serviço foram lembrados pelo CEMGFA que, não esqueceu também, "a relevância da ação dos militares portugueses em todo o território nacional, vigiando e controlando, dia e noite, os espaços de soberania, executando missões de busca e salvamento e evacuações, participando nas necessidades básicas e na melhoria da qualidade de vida das populações".

O Tenente-General Chito Rodrigues citou Sua Santidade, o Papa Francisco, sublinhado que "sem Cristo a igreja transformar-se-ia numa ONG Benfeitora". Motivo pelo qual, continuou, "inspiramo-nos nesse pensamento e diremos que sem o culto dos valores e sem a prática da solidariedade a Liga dos Combatentes transformar-se-ia numa ONG sem benfeitores".

As entidades seguiram depois para o Museu das Oferendas onde o CEMGFA deixou uma significativa mensagem no Livro de Ouro da Liga dos Combatentes, tendo-se seguidamente descoberto duas fotografias do capitão Santiago de Carvalho e do 1.º Tenente Oliveira e Carmo, que se mantiveram no Museu junto às suas condecorações, entre elas a Torre e Espada. Após cumprimentar todos os Guiões ao longo do claustro, o General CEMGFA e o SEADN, bem como todas as entidades dirigiram-se para a Sala do Capítulo, onde o General Luís Evangelista Esteves Araújo, efetuou a sua oração junto ao Túmulo do Soldado Desconhecido. Seguiu-se a deposição de coroas de flores e o Hino Nacional.

As cerimónias decorreram com o apoio das Forças Armadas, que fez deslocar para a Batalha uma Força dos três Ramos das Forças Armadas para as Honras Militares e outro apoio logístico fundamental.

CEME visita Centro Militar de Eletrónica

No dia 8 de abril o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, realizou uma visita de trabalho ao Centro Militar de Eletrónica (CME).

Nesta visita o General CEME recebeu um briefing sobre a Unidade e as suas atividades, apresentado pelo Comandante do Centro, Coronel de Transmissões Alexandre Laço Jeca.

Após o briefing, o Comandante do Exército teve a oportunidade de visitar as instalações do CME, acompanhado pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General Campos Gil e pelo Comandante da Logística, Tenente-General António Agostinho.

CEME no dia da Brigada Mecanizada

No dia 9 de abril decorreu em Santa Margarida a cerimónia militar comemorativa do 35.º aniversário da Brigada Mecanizada (BrigMec), presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro.

A data do aniversário desta grande Unidade do Exército Português está associada ao aniversário da Batalha de Atoleiros (6 de abril de 1384), onde se destacou a ação de D. Nun'Álvares Pereira, tendo sido adotada em homenagem ao seu Santo padroeiro.

As Forças em Parada foram constituídas por uma representação de todas as Unidades da BrigMec, destacando-se do programa das comemorações a cerimónia militar realizada na pista de aviação do Campo Militar de Santa Margarida, onde usaram da palavra o Comandante da BrigMec, Major-General António Menezes, assim como o General CEME, do qual se destacam algumas passagens:

.../...

É com especial satisfação que o Chefe do Estado-Maior do Exército se associa às comemorações do dia festivo da Brigada Mecanizada, prestando justo reconhecimento à competência, dedicação e espírito de missão demonstrados pelas sucessivas gerações de militares e civis que prestaram serviço ao longo de 35 anos nesta Brigada.

.../...

São exemplo deste empenho, os esforços desenvolvidos para garantir a atividade de manutenção sustentada dos "Leopard 2 A6", permitindo assumir compromissos no âmbito da Aliança e preservar a capacidade mínima deste sistema de armas que dá coerência e credibilidade à componente operacional de Forças do Exército.

Sendo o treino operacional uma das principais atividades de qualquer Exército, com o objetivo de formar e qualificar os seus quadros e tropas, merece elevado destaque a atividade desenvolvida, durante o último ano, pela Brigada Mecanizada, nomeadamente, a participação em exercícios conjuntos e combinados, em exercícios de nível Exército e de Brigada, e a preparação e aprontamento de Forças Nacionais Destacadas.

.../...

Após as referidas alocuções seguiu-se o desfile das forças apeadas, tendo a cerimónia militar terminado com o desfile das forças motorizadas.

O aniversário da Brigada Mecanizada fica também marcado pela presença de altas individualidades, civis e militares, que dignificaram o evento.

Comemorações do Dia da Cavalaria

No dia 17 de abril, comemoraram-se no Quartel de São Lourenço em Abrantes, o Dia da Cavalaria e o 123º aniversário da sua Escola Prática. A Escola Prática de Cavalaria (EPC) foi criada pelo Decreto de 17 de abril de 1980, data que ficou consignada ao Dia da Unidade. Ao longo dos seus 123 anos de existência esteve localizada sucessivamente em Vila Viçosa, Torres Novas e Santarém, ocupando atualmente as instalações do Quartel de São Lourenço em Abrantes.

A cerimónia comemorativa foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, tendo contado com a presença de altas individualidades militares e civis, e constou genericamente de uma cerimónia de homenagem aos mortos em combate, seguido das alocuções das seguintes entidades: Comandante da EPC; Tenente-General Diretor Honorário da Arma de Cavalaria e General CEME.

Do programa fez ainda parte a imposição de condecorações e desfile das Forças em Parada (forças apeadas, a cavalo e motorizadas).

Para além da cerimónia militar destacou-se a atuação da Banda do Exército, a inauguração, no interior da EPC, da "Rua Coronel de Cavalaria Vasco Ramires" e a exibição do "Carrossel a Cavalo" da EPC.

54º Aniversário da DHCM

No dia 27 de março, realizou-se no Palácio dos Marqueses do Lavradio a Cerimónia Comemorativa do 54.º Aniversário da criação da Direção de História e Cultura Militar (DHCM), presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Campos Gil, e presenciada por diversas entidades militares e civis.

Para além do ritual militar inerente a este tipo de comemorações, foi proferida a conferência subordinada ao tema "Evocação do 1.º Centenário da Grande Guerra - uma efeméride de âmbito local, regional, nacional e internacional", pela Professora Drª Maria Fernanda Rollo, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a qual teve uma elevada recetividade pela distinta assembleia. Outro momento significativo foi a assinatura do protocolo de adesão da Biblioteca do Exército à ProBase/Biblioteca Nacional, bem como a cerimónia de imposição de condecorações a vários militares que prestaram serviços relevantes na DHCM.

Por fim, realce-se o momento musical executado pelo "Grupo de Metais da Banda de Música do Exército", a inauguração da exposição "A Heráldica do Exército Português" e o visionamento do filme relacionado com a DHCM e Órgãos dependentes e suas atividades.

Exercício "FALCÃO - VERIFEX 2013"

Decorreu no Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), no dia 9 de abril, o Exercício "FALCÃO - PT-ES VERIFEX 2013".

O referido Exercício está integrado no treino das Equipas de Avaliação (EA) e das Equipas de Acompanhamento Nacional (EAN) dos países signatários do Documento de Viena 2011, documento este relativo à informação partilhada por cada país acerca das suas Forças Armadas e da planificação da aquisição e entrada ao serviço de novos sistemas de armas.

O RC6 recebeu uma EA da "Unidade Nacional de Avaliações" (UNAVE), composta por cinco avaliadores, militares do Reino de Espanha, e uma EAN, composta por seis militares em formação, portugueses e espanhóis, com a finalidade de aferir e testar os conhecimentos teóricos da referida EAN, através da sua aplicação em contexto real, bem como treinar procedimentos operacionais relativos à implementação do Documento de Viena 2011, em ambiente internacional.

A atividade contribuiu também para o acréscimo da prontidão do RC6 para a receção deste tipo de missões e, também, para a sua familiarização com o ambiente de controlo internacional de armamentos, a cujas ações se encontra sujeito enquanto Unidade operacional do Exército Português.

No dia seguinte, 10 de abril, teve lugar a 2ª parte deste Exercício, desta vez no Regimento de Artilharia Nº 5. Nesta fase, a missão de verificação, constituída por 8 militares da delegação espanhola e 10 militares da delegação portuguesa, contou ainda com a presença dos Comandantes das respetivas unidades de verificação.

O Exercício consistiu numa inspeção ao Regimento, no âmbito do Tratado sobre Forças Armadas Convencionais na Europa (Tratado CFE) e visou treinar os inspetores (recém formados) dos dois países na execução de missões no âmbito do controlo internacional de armamento, nomeadamente no respetivo Protocolo de Inspeção, assim como, contribuir para a preparação do Regimento na receção de missões no âmbito do Tratado CFE.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA • 2,00 **ASSINATURA ANUAL (11 números):** VIA SUPERFÍCIE - **Portugal Cont. Madeira e Açores** • 20,00; VIA AÉREA - **Países europeus** • 45,00; **Restantes Países** • 65,00. NOTA: **As assinaturas devem ser pagas antecipadamente**
NÚMEROS ATRASADOS - **1960 a 1969** • 4,50; **1970 a 1979** • 4,00; **1980 a 1989** • 3,00; **1990 a 2001** • 2,50; **2002** a **2012** • 2,00.
Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO • 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: **1000/2000** • 4,21; **3000/8000** • 5,79; **Açores** e **Madeira** • 6,56.

53.º Aniversário do Centro de Tropas de Operações Especiais

No dia 16 de abril decorreram, em Lamego, as comemorações do 53.º aniversário do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE).

Do programa das comemorações destaca-se a Cerimónia Militar Comemorativa, que foi presidida pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Hernandez Jerónimo.

Estiveram presentes várias altas entidades, civis e militares, como o General José Loureiro dos Santos, o Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Fernando Serafino, o Presidente da Câmara Municipal de Lamego, Engenheiro Francisco Lopes e demais autoridades locais e regionais.

Depois da imposição de condecorações, foi concedido o título de membro honorário das Tropas de Operações Especiais ao Professor Orlando da Costa Lourenço pelo inexcedível apoio prestado ao CTOE ao longo de mais de vinte anos, e pela forma exemplar como tem cultivado os valores pelos quais os militares de Operações Especiais regem a sua conduta.

Após o desfile das Forças em Parada, seguiu-se uma atuação musical da Banda Militar do Porto e uma exposição de armamento e equipamento mais significativo em uso, bem como uma demonstração de capacidades das Forças de Operações Especiais.

A comunidade escolar lamecense teve oportunidade de se associar ao evento, nomeadamente pela visita à exposição e pela participação em atividades na Torre Móvel Multiatividades, como exemplo da simbiose existente entre esta Unidade do Exército Português e a população da região onde está inserida.

Rohde & Schwarz -
na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Dr. Victor Raquel

D. Nuno Álvares Pereira
O Santo Condestável

Como oportunamente me recordou um amigo brasileiro, Maurício B. Reis, faz hoje dia 26 de abril, 4 anos que o Papa Bento XVI canonizou D. Nuno Álvares Pereira. Foi de facto um homem de exceção em todos os sentidos. É melhor conhecida a sua faceta de militar e homem de guerra. Mas D. Nuno não se esgota a este nível. Como homem de armas bateu-se pela causa em que acreditava, pela fação que entendia mais justa, e obviamente aquela que melhor respondia às suas aspirações e lealdades. Ganhou com isso poder e dinheiro? Claro que sim. Mas não nos podemos esquecer que arriscou tudo, inclusivamente a vida, por uma causa, que à partida, parecia perdida. Estou a falar da

crise de 1383-85 ou Guerra da Independência, em que D. Nuno alinhou pelo lado mais fraco, ou seja, pelos partidários de D. João de Portugal, futuro D. João I. As probabilidades estavam contra esta fação. D. João I de Castela dispunha de recursos muito superiores, humanos e materiais, e acima de tudo contava com o apoio da esmagadora maioria das elites do reino: a saber, a alta nobreza e o clero. D. Nuno declarou-se fiel a D. João de Portugal e muito francamente a ele se ficou a dever o seu triunfo. Obviamente que contou com o apoio inglês, mas se não fosse o seu génio militar, provavelmente a história teria sido diferente. Era preciso um líder que enquadrasse e motivasse as forças em combate... que pelo exemplo motivasse e liderasse os homens nos sacrifícios. Comandou as hostes nas grandes batalhas, como em Atoleiros, Aljubarrota, e Valverde, esta última pouco conhecida travada em território castelhano e das mais duras da campanha. Comandou cercos a castelos para os submeter à fidelidade ao seu rei, e preparou emboscadas. Uma vez perante um castelo sitiado, e grassando a fome pelos seus ocupantes, D. Nuno simulou uma retirada e mandou soltar umas vacas em frente das portas do castelo sitiado. Os seus defensores, com fome, abriram as portas para recolher as vacas... apenas para D. Nuno e os seus homens lhes caírem em cima com toda a força. Tomaram o castelo usando a deceção... estratagema não muito frequente na Idade Média, porque violava o formalismo ritualista de um cerco. D. Nuno foi de facto para alguns, um dos maiores, senão o maior «general» português de todos os tempos... na linha do génio de D. Afonso Henriques ou de Afonso de Albuquerque, a que alguns chamam «O César do Oriente». Foi um homem do seu tempo, com todos os defeitos e virtudes, também do seu tempo. Distinguiu-se pela sua capacidade de ver longe, onde a vista não alcança, afinal aquilo que distingue a mediania da excelência. Inteligente, astuto, pouco convencional na abordagem da tática militar, capaz de fazer raciocínios estratégicos, aprendia depressa e foi muito eficaz na gestão do conflito. Como militar excedeu-se e conquistou a imortalidade, mas como homem conquistou o coração do seu povo, porque abdicou da sua riqueza pessoal e tudo deu em vida aos mais pobres, nunca virando as costas ao auxílio dos paupere-res. Reconhecia nos pobres «o Rosto de Deus»! Devemos-lhe os fundamentos de tudo aquilo que fez Portugal grande... honra, lealdade, inteligência e fé... incontornável para a história e para o mundo. Quando soube que Ceuta estava em perigo, e já com vetusta idade, logo se aprontou para servir o seu rei, o seu reino, e a sua fé! Quando o tentaram dissuadir pela idade, trabalhos e canseiras sofridos, pegou numa lança... arremessou-a da varanda do Convento e disse: *Em África a poderei meter, se tanto for mister!* Morreu com 71 anos no ano da graça de 1431 no Convento do Carmo em Lisboa, sem usufruir do poder e do dinheiro que de facto possuía. Um exemplo inspirador para Portugal e para os portugueses. Um exemplo de como a coragem, a inteligência, e a determinação vencem as crises. De como podemos transformar as vulnerabilidades em potencialidades. Para não esquecer, e acima de tudo, para nos inspirar.

Fontes: esta imagem e imagem do canto superior direito: 4.bp.blogspot.com; imagem da página anterior: openphoto.net.

Tenente-General Reformado Figueiredo Valente

Incidente no Cuango
Paixão quase trágica (versão angolana, 1962)

Fontes: esta imagem: upload.wikimedia.org; imagem do canto superior direito das páginas imapres deste artigo: carlosoutinho.terraweb.biz.

O Rio Cuango corre no sentido geral Sul-Norte, desaguando a Norte de Angola, num dos afluentes do Rio Zaire (Congo), um dos grandes rios africanos, e numa parte do seu curso constitui fronteira entre Angola e o antigo Congo Leopoldville, atual Republica Democrática do Congo.

Naquela região, o seu leito separa os territórios de duas nações distintas que são, contudo, ocupados por povos de uma única etnia, os congoleses, que têm familiares de um e outro lado do rio.

O seu curso está cheio de pequenas ilhas e bancos de areia onde preguiçam ao sol os crocodilos e, no seu trajeto em Angola, passa junto a duas povoações que foram ocupadas por guarnições de Subunidades do meu primeiro Batalhão, o Batalhão de Artilharia 346.

Essas povoações, Massau mais a Sul e Cuango mais para jusante, eram dois postos fronteiriços, outrora de importância no controle da fronteira, que justificavam a presença nesses locais de agentes fiscais e órgãos administrativos e que, dessa forma, eram também uma afirmação da nossa soberania nessas terras do interior.

Nas margens arenosas do rio, perto da povoação do Cuango, podiam ainda ver-se os restos do que parecia ter sido uma caldeira que, segundo diziam, teria pertencido a uma das pequenas canhoneiras a vapor em que, nos finais do século XIX e inícios do século XX, os exploradores e militares penetravam no interior do território através dessas extensas vias fluviais, e que ali fora acabar os seus dias.

Facto verdadeiro ou lenda, o certo é que aquela insólita presença poderia ser motivo para uma interessante história.

As subunidades que ocupavam essas povoações, a distâncias das sedes das respetivas Companhias da ordem dos 100 a 150km e ainda mais distantes do Comando do Batalhão, continuavam a afirmar ali a nossa soberania e realizavam ainda, de acordo com as respetivas missões operacionais, um conjunto de ações no sentido de detetar e atuar contra grupos de guerrilha infiltrados nas suas Zonas de Ação vindos de território congolês, embora num âmbito muito limitado e com pequena eficácia devido aos reduzidos meios de que dispunham em pessoal e viaturas.

A Zona de Ação (ZA) do meu Batalhão abrangia a região NE do Distrito do Uíge e o Rio Cuan-

go constituía o seu limite Leste, pois a sua margem direita era já território congolês.

Eu desempenhava as funções de Oficial de Operações e Informações e de Ação Psicológica do Batalhão e, no âmbito das minhas missões, além dos contactos e frequentes ações junto das populações, competia-me também obter informações para o planeamento e execução de operações com o fim de neutralizar os grupos de guerrilha que atuavam no interior da nossa ZA e que nela se infiltravam atravessando o Rio Cuango.

Por todas estas razões eram importantes os contactos que mantinha com as nossas guarnições fronteiriças e era com frequência que ali me deslocava, em particular à povoação do Cuango, onde estava destacado um Pelotão da Companhia sedeada em Quimbele, e onde, através de contactos e de notícias recebidas de elementos do outro lado da fronteira, obtínhamos informações importantes e com alguma oportunidade.

As viagens até essas posições, por vezes realizadas no meu jeep integrado numa coluna militar, eram normalmente feitas a bordo de um Dornier, notável avião de asa alta, vulgarmente designado por DO 27, dotado de grande versatilidade, um autêntico jeep do ar, utilizado para missões operacionais de reconhecimento e de comando de ações em terra (Comando Aéreo), que realizava também missões de natureza logística e de transporte de pessoal e cargas ligeiras, e frequentemente, do tão desejado correio.

Era um avião de grande capacidade de manobra do qual, muitas vezes em missões de risco, os pilotos, alguns do Quadro de Complemento, contudo tão bons como os do Quadro Permanente, sabiam tirar pleno rendimento.

Nas extensas viagens que fazia nas minhas idas aquela afastada região fronteiriça do Cuango, percorríamos uma região planaltica que tinha particulares condições de clima que originavam que, a partir do meio da tarde, o teto baixasse muito obrigando a que o voo se fizesse muito perto do solo, criando assim um ambiente de sobrepressão onde com frequência se desenvolviam violentas trovoadas secas, com repetidos relâmpagos e raios que caíam à nossa volta num espetáculo de inegável beleza mas que inspirava o temor pelo receio de que uma dessas descargas de eletricidade pudesse atingir o avião. Os pilotos queriam realizar esses voos o mais cedo possível por esse motivo mas também para que pudessem terminar a missão, quanto antes, pois nenhum deles desejaria ter que passar a noite fora da sua Base.

Nesses voos percorríamos distâncias da ordem dos 300km pois o voo não era direto e muitas vezes sobrevoávamos o Rio Cuango voando baixo, procurando descobrir sinais de presença ou de passagem de grupos inimigos (IN).

Por diversas vezes, ao sobrevoarmos uma das pequenas ilhas onde havia vestígios de presença desses grupos, no final de um voo picado sobre a ilha e antes de uma abrupta subida, lançávamos granadas de mão ofensivas e efetuávamos rajadas da nossa arma automática sobre as manchas de vegetação onde poderiam abrigar-se os elementos IN que ali estivessem. É evidente que estes eram procedimentos não autorizados e só possíveis por anuência de alguns pilotos mais "desenrascados" aos quais solicitávamos que efetuassem aqueles sobrevoos.

As viagens de avião àquela guarnição eram relativamente frequentes pois as informações que lá procurávamos, obtidas através de diversas fontes, por vezes autoridades administrativas e guardas fronteiriços congoleses, eram importantes e até certo ponto credíveis.

O nosso bacalhau seco, recebido em caixas de madeira no interior de um recipiente de folha devidamente selado, era um presente muito apreciado pelos informadores que lhes abria a boca, não só com o apetite mas também para falar, e que despertava neles a vontade de outros encontros para nova troca de informações por bacalhau. Tínhamos a noção de que muitas notícias eram vagas, por vezes até originadas a partir de meras suposições, e é evidente que havia sempre necessidade de as avaliar quanto à sua origem, verosimilhança e enquadramento no quadro geral das

Avião DO 27 – Dornier

informações, mas era importante manter a ligação com essas fontes de notícias pois davam-nos algum avanço no planeamento de ações a realizar.

O posto fronteiriço do Cuango fora estabelecido desde há muitos anos num pequeno planalto com um ligeiro declive pendendo sobre a margem esquerda do rio do mesmo nome, e estava situado no interior, numa região isolada muito afastada da povoação mais próxima, Quimbele, sede de uma Circunscrição que, salvo as respetivas proporções territoriais, era equivalente a um Concelho.

À época da ocupação do dispositivo territorial pelo meu Batalhão, Cuango era sede de um Posto Administrativo, com um Administrador de Posto (Chefe de Posto, como anteriormente era designado), que ali representava a Autoridade Administrativa da região e exercia as funções correspondentes, muitas vezes de uma forma algo exorbitante. Ali estava também instalado um Posto da Guarda Fiscal, com um graduado e reduzido numero de guardas e auxiliares, com a missão (na circunstância, unicamente teórica) de vigilância da fronteira e controle aduaneiro.

Das únicas quatro casas existentes destacava-se em posição central, o Posto Administrativo onde residiam o Administrador e os elementos da Guarda-fiscal.

Numa casa muito degradada, à entrada da povoação, situava-se uma pequena loja, propriedade de um velho cantineiro, ali perdido no espaço e no tempo, que pouco mais tinha para vender que algum tabaco e bebidas e cujo reabastecimento só era assegurado através das infrequentes colunas das viaturas militares a Quimbele.

Povoação de Cuango

À entrada da povoação existia ainda o que restava das paredes de uma escola quase totalmente destruída logo no início dos acontecimentos em Angola.

Mais perto do rio, numa casa inicialmente destinada a residência do Administrador e num conjunto de abrigos improvisados, estavam instalados os militares do Pelotão ali destacado.

As condições de vida eram extremamente precárias e, também, no que respeitava aos abastecimentos, em particular frescos, trazidos nas espaçadas colunas à sede da Companhia. Felizmente que um administrador com visão, decerto há uns bons anos atrás, plantara duas fiadas de laranjeiras formando como que uma pequena alameda ao longo da povoação que, com as suas laranjas, proporcionavam aos militares um suplemento alimentar fresco e cheio de vitaminas de que eles tanto necessitavam.

Toda a povoação estava cercada de arame farpado e rodeada no exterior por um mal definido trilho que permitia que fosse percorrido o seu perímetro.

Na povoação viviam também, numa pequena sanzala, algumas famílias de naturais de etnia "maiaca", que ali tinha uma reduzida representação, e que entendiam melhor o francês que o português. Tinham-se ali refugiado depois do início dos acontecimentos procurando a proteção que no exterior não encontravam. Viviam miseravelmente, pois apenas cultivavam umas pequenas lavras e quase não tinham meios de subsistência, sendo também ajudados pelos militares.

Junto desta sanzala viviam ainda, em casas de construção tradicional, os auxiliares nativos da pequena guarnição da Guarda-fiscal e os cipaios (Polícia Administrativa) da Administração do Posto.

O dia a dia dos militares era pois ali vivido na precariedade em todos os aspetos, sem meios de distração, só cortado por uma visita ocasional e pelas idas à sede da Companhia, em Quimbele, a mais de centena e meia de quilómetros, percorrendo uma picada intransitável, através de áreas povoadas de grandes e densas matas.

Essas deslocações realizadas por uma coluna que teria no máximo duas viaturas, e não nas melhores condições, eram viagens tormentosas, demoradas, sujeitas a avarias e outros riscos e ainda a um encontro com um grupo de guerrilheiros infiltrado na região.

Eram pois muito espaçadas as idas à "civilização" dos homens da guarnição do Cuango e qualquer acontecimento que viesse quebrar o seu isolamento era bem recebido.

E assim sucedia sempre que eu ali ia em mis-

são procurando, com o Alferes Comandante do Pelotão, avaliar e classificar as notícias recebidas ou contactar elementos vindos do Congo, que atravessavam o rio em pequenas canoas.

Quando o avião em que normalmente ali me deslocava sobrevoava a povoação, não era já necessário estabelecer contacto rádio, pois víamos logo em baixo uma grande azáfama, enquanto elementos da guarnição corriam a aprontar a viatura que me iria buscar à pista onde o avião aterraria a poucos quilómetros de distância.

Ali eram descarregados os passageiros que o avião transportara, elementos do Pelotão que regressavam do hospital ou de licença, qualquer outra carga ligeira e o tão ansiado correio e, após receber o que houvesse para transportar para o Comando do Batalhão ou para Luanda, o avião levantava voo sem demora pois os pilotos queriam escapar às adversas condições de tempo que com o cair da tarde normalmente surgiam.

Numa das minhas deslocações aquela povoação, após termos sobrevoado uma das ilhas do rio e, com a conivência do piloto, lançado umas granadas de mão para a vegetação que a cobria e disparado com a arma automática algumas rajadas destinadas a quaisquer elementos IN que na ocasião ali pudessem estar, tomámos o rumo do Cuango, onde eu iria permanecer uns dias procurando os contactos que me trariam informações e notícias que me pudessem orientar no planeamento de futuras ações operacionais.

À aproximação do Cuango e ao sobrevoá-lo, esperávamos como era habitual, ver os preparativos da viatura que me iria buscar, mas desta vez nem vimos essa movimentação nem se conseguiu estabelecer contacto rádio.

O facto causou estranheza, mas como o piloto tinha urgência em regressar à Base do Negage, sugeri-lhe que nos fizéssemos à pista e que me deixasse desembarcar mesmo sem parar o motor, não perdendo tempo para descolar, certo que eu aguardaria por pouco tempo que a viatura me viesse buscar.

O avião descolou e ali fiquei com a minha arma e o saco de bagagem, não muito tranquilo perante a perspetiva de um mau encontro, aguardando a viatura que entretanto já tardava. Achando a demora excessiva e não querendo mais ali ficar sozinho com o cair do entardecer e a chegada da noite, pus-me a caminho para percorrer os poucos quilómetros de picada até à povoação. À aproximação estranhei ainda não ver o militar de serviço ao "cavalo de frisa" (obstáculo móvel em arame farpado) que fechava a entrada da vedação de arame farpado.

Na ausência de toda a movimentação habitual à chegada do avião, temi que algo de extraordinário tivesse acontecido para justificar aquela situação fora do comum.

Transpus a entrada e ao aproximar-me mais do centro da povoação deparei com um espetáculo de facto extraordinário: no meio de grande algazarra,

Autoridade Congolesa

um grupo de militares da guarnição, armados, sem obedecer às ordens dos furriéis e do próprio Alferes Comandante do Pelotão, preparava-se para assaltar as casas dos cipaios da Administração.

Tomei de imediato medidas drásticas para pôr cobro à situação e, à bofetada, pontapé e empurrão, gritando ordens por cima da vozearia, levei os militares a reunirem-se no que, daí a algum tempo depois, se tornou numa formatura militar minimamente ordenada e alinhada.

Chamando o Alferes e os Furriéis quis que me informassem sobre o que estava a acontecer e foi-me então revelada a causa de toda aquela agitação: alguns dias antes, o Administrador do Posto tinha mandado vir do Congo duas mulheres congolesas para o seu "serviço" pessoal.

Bonitas, vestidas com panos vistosos e adornos tradicionais, aquelas mulheres contrastavam de forma chocante com as condições de miséria e privação das mulheres da sanzala da povoação. O Administrador dispunha dos seus "serviços" e suponho que, para o efeito, elas partilhavam dos alojamentos disponíveis na sua casa. A situação de privação em que se encontravam e a presença daquelas "belezas", logo despertou nos militares o ardor de paixões há muito contidas e por certo as tentativas de namoro e as ofertas de "serviços" não se fizeram esperar. O Administrador, quando se apercebeu do que se passava, resolveu colocar as mulheres à guarda dos cipaios da Administração.

Os militares não gostaram de se ver privados das suas "namoradas" e quando procuravam de novo os seus favores foram impedidos pelos cipaios que assim cumpriam ordens rigorosas do Administrador. Foi aí que a paixão incendiou de facto os ânimos e levou os apaixonados "Romeus" a procurar resolver a situação nem que fosse à custa da força das armas.

A minha chegada ao Cuango ocorrera pois precisamente quando a tomada das mulheres pela força já havia sido decidida e, em consequência, iria por certo seguir-se uma disputa violenta, talvez com tiros, pois ambas as partes tinham as suas armas e mesmo que os cipaios se intimidassem iriam por certo oferecer alguma resistência, real ou simulada, para não deixar facilmente de cumprir as ordens do Administrador por medo das suas represálias.

A forma como então intervim foi eminentemente oportuna e eficaz, e fez suspender aquela tremenda confusão, pois consegui impor a ordem e a disciplina que entretanto haviam deixado de existir, restando-me depois resolver e pôr fim à aberrante situação, não só eliminando as suas causas como procurando evitar os seus efeitos.

Dei ordem ao Alferes Comandante do Pelotão para mandar recolher os militares aos seus alojamentos e procurei falar com o Administrador, que cobardemente assistira a toda a cena fechado no Posto Administrativo.

Confirmei as informações recebidas do Alferes que colocavam na origem do problema a presen-

ça das mulheres congolesas e a primeira ação que logo tomei foi mandar as mulheres de imediato recambiadas para o Congo. Retirado o "material combustível", as paixões perderiam o seu ardor e deixaria de haver razões para o ambiente permanecer incendiável. E assim de facto sucedeu logo que, sem demora, as duas "Julietas" foram postas numa canoa e transportadas para a sua terra.

Falei então com o Administrador e comuniquei-lhe que iria participar o caso superiormente pois o seu procedimento irresponsável era inadmissível e poderia ter dado lugar a um grave incidente.

Acalmados os ânimos e trazidos os intervenientes à razão, a situação entrou de novo na rotina do cumprimento das tarefas e obrigações que a cada um competiam.

Quando acabei a missão que ali me levara regressei ao Comando do Batalhão onde comuniquei a ocorrência e fiz seguir participação do sucedido e das medidas tomadas para o Governador do Distrito, o então Coronel Rebocho Vaz.

Soube depois que o Administrador de Posto que causara todo aquele reboliço havia sido substituído e transferido para bem longe dali.

A guarnição do Cuango foi entretanto rendida, dentro do sistema normal de rotação dos destacamentos e não tive conhecimento de mais incidentes dessa natureza naquela ou noutra guarnição.

O certo porém é que o lume ao pé da palha pega fogo, e situações como a que se verificou naquelas circunstâncias eram possíveis de acontecer e deveria haver o cuidado de não as proporcionar.

À noção de responsabilidade das funções desempenhadas e das missões assumidas há sempre que adicionar adequada porção de bom senso e sentido de disciplina.

E foi o que ali faltou. E isto não só em África!

PS – Solução de circunstância – Enquanto permaneci no Cuango observei com curiosidade e alguma surpresa o comportamento dos elementos da guarnição da Guarda-Fiscal no que dizia respeito ao cumprimento das suas tarefas no âmbito da missão que tinham atribuída.

Não havendo na região condições de segurança devido às circunstâncias então vividas e não dispondo dos meios adequados para assegurar as missões de controlo da fronteira e cumprimento das normas aduaneiras, os elementos da Guarda Fiscal mantinham contudo uma rotina adaptada de serviço de escala que, sem qualquer eficácia real, os obrigava a umas rondas e serviços que, no mínimo, lhes asseguravam dessa forma os emolumentos ou gratificados que a sua prática lhes garantia.

Quanto ao serviço interno, mantinham um homem de permanência à entrada do Posto, e o serviço de vigilância e controle exterior era cumprido percorrendo a rudimentar picada que acompanhava o arame farpado que rodeava a povoação.

E assim a missão não deixava de ser cumprida!

Picada para o Cuango

General Res Paulo César de Castro (Exército Brasileiro)

Fontes: esta imagem: www.forte.jor.br; imagem do canto superior direito das páginas imapres deste artigo: www.revistahistorien.com.

A Liderança Militar Estratégica: Experiências e Reflexões*

A experiência e a doutrina, a História Militar e a literatura civil têm sido fontes inspiradoras para sucessivas palestras e debates com os coronéis alunos do Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx)[1].

O curso é desenvolvido na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), durante um ano. Liderança Militar, uma de suas disciplinas curriculares, visa, dentre outros, aos seguintes objetivos[2]:

- Caracterizar liderança estratégica;

- Identificar as analogias e as diferenças entre as lideranças civil e militar;

- Estabelecer princípios de liderança estratégica adotados na área civil que possam ser aplicados na área militar.

- Caracterizar as principais analogias e diferenças relativas ao exercício da liderança em função do grau hierárquico e das situações vividas pelo militar: tempo de paz, operações de combate, operações logísticas, trato com autoridades civis e com o público em geral ou outras situações;

- Propor estratégias, técnicas e procedimentos que estimulem o desenvolvimento de atributos que caracterizam a liderança militar estratégica.

O propósito deste artigo é compartilhar experiências e reflexões, a par de contribuir para a evolução da doutrina no Exército Brasileiro (EB), cujas armas se silenciaram em 8 de maio de 1945, vitorioso na Segunda Guerra Mundial. Desde então, o seu emprego tem sido frequente, mas restrito a: operações de garantia da lei e da ordem; ações subsidiárias, como as de defesa civil;

e operações de manutenção da paz, com unidades e observadores militares.

O Nível Estratégico Militar em Tempos de Paz

O Manual de Campanha C 20-10, *Liderança Militar*, identifica três níveis de comando e exercício de liderança: pequenos escalões, organizacional e estratégico[3]. Essa publicação doutrinária afirma que "A liderança, no nível de comando estratégico, é exercida pelos responsáveis por conduzir os grandes rumos da instituição EB"[4].

O desafio surge quando se tenta contextualizar o nível estratégico no Exército Brasileiro, que vive tempos de paz e de normalidade por sucessivas décadas. Ao examinar a estrutura, a distribuição geográfica das forças e as práticas em curso, concluo ser arriscado vincular o nível estratégico a um só parâmetro, a hierarquia militar. Os generais de exército (Gen Ex) conduzem os grandes rumos do EB e, portanto, exercem liderança no nível estratégico. Contudo, esse nível não lhes é exclusivo.

Como general de divisão, tive a felicidade de comandar a então 4ª Região Militar e 4ª Divisão de Exército (4ª RM e 4ª DE)[5], um grande comando operacional e administrativo, com jurisdição sobre o Estado de Minas Gerais (MG)[6].

Com território aproximadamente igual ao da França, Minas Gerais é uma unidade geopolítica isolada dos Estados vizinhos pelas serras do Mar e da Mantiqueira, integrada no sertão nordestino e junto ao planalto central. As manifestações culturais de sua gente evidenciam uma idiossincrasia própria. O meu superior imediato, o Comandante Militar do Leste (CML), era um Gen Ex com quartel-general (QG) no Rio de Janeiro, outra realidade geopolítica, cujos complexos problemas absorviam sua atenção, total e diariamente. Em consequência, a minha liberdade de ação era quase absoluta, o que implicava ligação permanente

Fonte: ccouto.files.wordpress.com.

[1] Coronéis do Exército, selecionados pelo mérito, capitães de mar e guerra da Marinha do Brasil e coronéis da Aeronáutica, todos alunos do CPEAEx.

[2] Brasil, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, CPEAEx, *Documento de Currículo*. Aprovado pelo Boletim interno da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento nº 081, de 25 de outubro de 2007, p. 6 e 7.

[3] Brasil, Estado-Maior do Exército, Liderança Militar. Portaria nº 102¬EME, de 24 de agosto de 2011, Capítulo 6, Artigo iii, parágrafo 6-7.

[4] Id. parágrafo 6-8.

[5] Abril de 2003 a junho de 2005.

[6] Exceto a região conhecida como Triângulo Mineiro.

com o governo estadual, instituições públicas e privadas, autoridades federais, estaduais e municipais da minha área de responsabilidade. Implicava, também, os planeamentos decorrentes das hipóteses de emprego em vigor, notadamente as de operações de garantia da lei e da ordem (GLO) e de ações subsidiárias.

Outros grandes comandos (G Cmdo) apresentam características similares: a 5ªRM /5ª DE e a 8ª RM/8ª DE, assim como as 6ª e 10ª RM. Em todos esses comandos de generais de divisão, seus comandantes exercem liderança que flutua, segundo a situação, do nível organizacional para o estratégico, muito mais integrada a este último nível.

Essa característica ficou-me bem clara quando, em junho de 2004, a Polícia Militar, a Polícia Civil, o Corpo de Bombeiros Militar e os agentes penitenciários paralisaram suas atividades, o que configurou uma das hipóteses de emprego das minhas unidades militares. O Plano de Operações da 4ª RM/4ª DE estava pronto, os reconhecimentos tinham sido realizados ao longo dos dois últimos anos e os planos dos comandos subordinados estavam atualizados. Com liberdade de ação e apoio integral do Cmt CML, em permanente ligação com o governador do Estado, desencadeou-se a Operação Minas Gerais, concluída com êxito absoluto. O Cmt CML, Gen Ex Manuel Luiz Valdevez Castro, encontrou-se comigo em Belo Horizonte e conversamos com o governador. O Gen Castro visitou todas as unidades em operações. A ele minha gratidão pela confiança, solidariedade e apoio ilimitado. Não me resta dúvida de que, naquela operação, continuava a exercer o comando no nível estratégico, o que viria a repetir-se durante a "Operação Ouro Preto"[7], quando as minhas unidades foram empregues para garantir a segurança da reunião dos chefes de Estado do MERCOSUL e de países associados. Foi desafiador cumprir a missão não apenas comandando forças do Exército, mas coordenando suas ações com as de outras agências policiais e governamentais com culturas e valores bem distintos dos que praticamos.

Pergunto-me, pelos generais brasileiros que comandaram forças de paz na República Dominicana, em Angola, Moçambique e no Equador: em que nível exerceram sua liderança? E os que comandaram e ainda comandam no Haiti? Nos casos em apreço tratava-se de exercer liderança estratégica militar sobre forças brasileiras e de diferentes países, em cumprimento a mandatos da ONU e da OEA, em íntima ligação com autoridades internacionais e dos países hospedeiros. Reafirmo, pois, que a liderança no nível estratégico militar não está vinculada apenas ao grau hierárquico.

A Essência da Liderança

Aos meus irmãos de armas apelo, com veemência, que se dediquem à liderança especificamente militar. Sua essência é idêntica à da liderança civil, mas suas características são próprias e sem semelhança nos ramos profissionais externos à caserna. Apenas aos líderes militares é exigida preparação, em casos extremos, para ordenar o uso da força letal.

Preciosa literatura sobre liderança inunda livrarias e atrai, cada vez mais, líderes empresariais e religiosos, desportivos e políticos, comunitários e... militares (sim, nós também, por que não?). Algumas obras destacam-se por apresentarem a essência da liderança, em seus três domínios: o do ser (domínio afetivo), o do saber (domínio cognitivo) e o do fazer (domínio psicomotor).

Bernardo Rocha de Rezende, o Bernardinho, é o mais vitorioso treinador brasileiro de voleibol, tendo acumulado mais de trinta títulos importantes em sua carreira como líder de seleções nacionais masculinas e femininas[8]. Sua obra "Transformando Suor em Ouro"[9] é um valioso manual de liderança.

Nas minhas palestras, invariavelmente, recorro às suas palavras: "trabalho + talento = sucesso" e, *não por acaso, o trabalho vem antes do talento*. Em termos militares, significam que se deve exigir muito — e sempre — na instrução e no treino de homens com vocação e talento para o combate. Suor poupa sangue.

Recorro, também, a James C. Hunter, autor de "O Monge e o Executivo"[10] e de "Como se tornar um líder servidor"[11]. De sua primeira obra, lembro aos coronéis que "Você gerencia coisas e lidera pessoas"[12]. Ao aplicar esse princípio, qualquer que seja o nível em que esteja exercendo o seu comando, o líder militar será o defensor e amigo de seus liderados, sensível às suas aspirações, limitações e emoções. Será, ainda, leal e justo, exigente e imparcial, educador e paciente, disciplinador e respeitoso, e exemplo de militar e cidadão. Em sua segunda obra, o autor afirma que "a liderança servidora é um estilo de vida — ela não é conquistada, mas construída com serviço e sacrifício"[13]. Observe o leitor que Bernardinho e James C. Hunter chegam ao mesmo fundamento. Em termos castrenses, afirmo que o líder estratégico se prepara desde tenente e líder de pequenas unidades, "dedicando-se integralmente ao serviço da Pátria, respeitando os superiores hierárquicos, tratando com afeição os irmãos de armas e com bondade os subordinados", palavras que todos pronunciamos cerimoniosamente à frente da Bandeira do Brasil. É imperioso executá-las em plenitude para se tornar um líder militar.

A essência da liderança pode ser resumida por duas palavras sinónimas: princípios e valores. Isto não é uma reflexão; é uma certeza absoluta. A obra de Michael Jordan "Nunca deixe de tentar"

[7] Segurança de chefes de Estado do MERCOSUL, rececionados e hospedados em Belo Horizonte e que se reuniram em Ouro Preto. A hipótese de emprego configurada foi "segurança de grandes eventos", para a qual se contava com forças policiais federais e estaduais.

[8] Disponível em: http://www.wikipedia.org/wiki/.

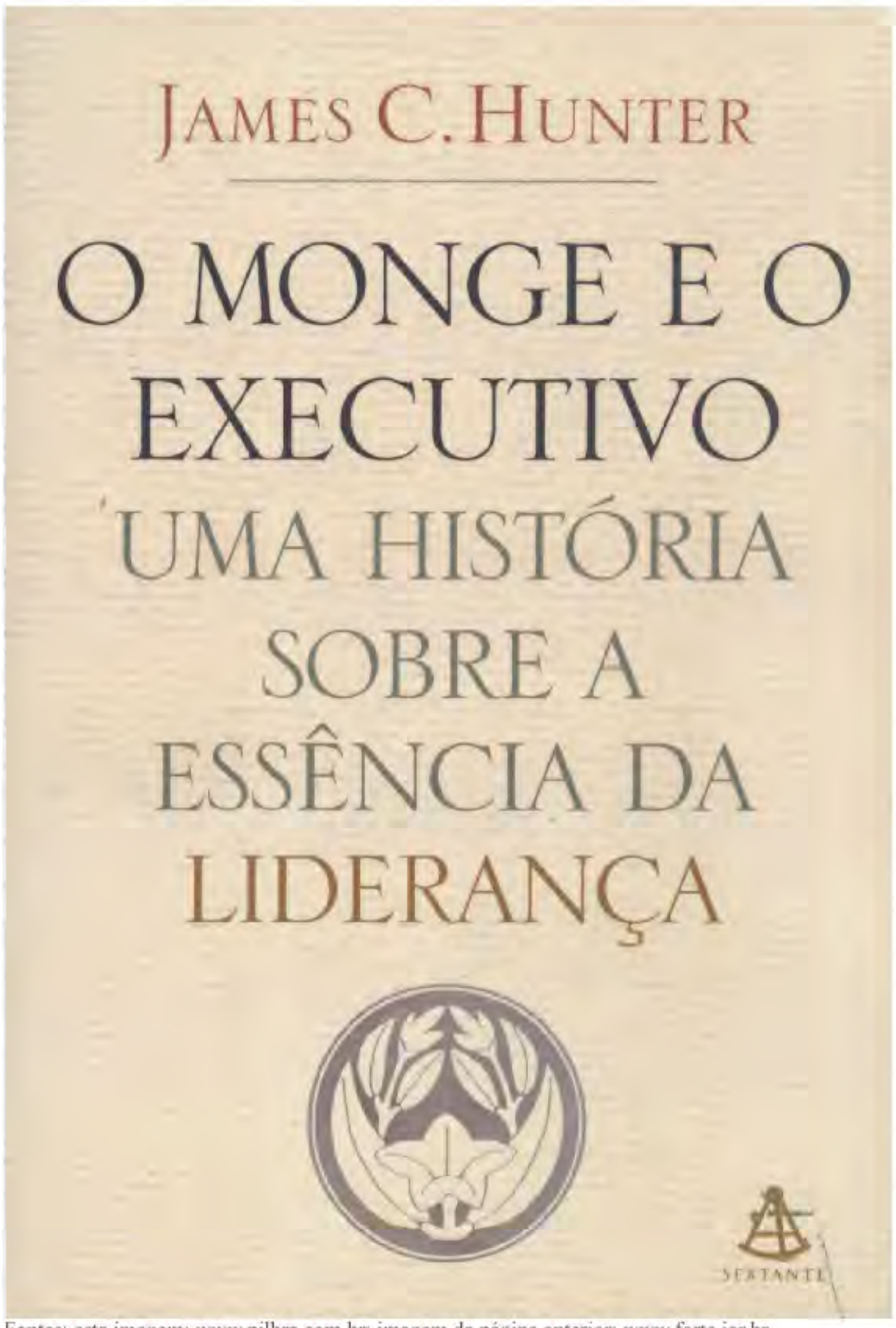
[9] REZENDE, Bernardo Rocha de (Bernardinho). *Transformando suor em ouro/Bernardinho*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

[10] HUNTER, James C. *O monge e o executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

[11] HUNTER, James C. *Como se tornar um líder servidor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

[12] Ob. cit. página 25.

[13] Ob. cit. segunda capa.



Fontes: esta imagem: www.pilbra.com.br; imagem da página anterior: www.forte.jor.br.

Fontes: esta imagem: kentuckyguard.files.wordpress.com; imagem da página seguinte: forodobrasil.info.

foi publicada no Brasil com comentários de Bernardinho[14], muito feliz ao sintetizar o pensamento do autor e citar o de um empresário: "Os grandes líderes têm uma enorme capacidade de realização, mas o que realmente os diferencia são os princípios e valores que trazem consigo. O empresário Marcel Telles usa a seguinte definição: 'Líder é o guardião de princípios'..."[15]

A essência da liderança militar, em qualquer nível de comando, orienta-se pelo mesmo postulado. Não me canso de lembrar aos ouvintes a destinação constitucional do Exército[16], de cujo enunciado destaco, como valores, a Pátria, a hierarquia, a disciplina, a lei e a ordem. A esse "núcleo duro", reflexões e experiências certamente acrescentam outros tantos valores necessários ao exercício da liderança militar, dentre os quais: o exemplo e o comprometimento; a prática da verdade e a honestidade; a retidão e a coragem moral; a coragem física, a dedicação e a responsabilidade. Por certo esta é uma relação incompleta, mas seu resumo diz tudo: "o líder militar é exemplo de caráter e dignidade".

O Comandante é o *Líder* Militar

O C 20-10 definiu que "A liderança militar consiste em um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da organização militar em uma dada situação"[17]. Acrescenta que a liderança é uma ferramenta do comandante[18] para mover homens e mulheres por meio de sua qualificação profissional, de seu desempenho pessoal, além de leis e regulamentos.

Ao refletir sobre a doutrina e conjugá-la com experiências de quarenta e seis anos de serviço ativo, julgo ser indispensável que o comandante lidere os meus militares, seja uma simples esquadra, seja um grande comando e seja, até mesmo, o

> Apenas dos líderes militares é exigida preparação, em casos extremos, para ordenar o uso da força letal.

Exército Brasileiro. Se tal não ocorrer, o comandante não estará cumprindo sua missão. Todos são preparados e têm o dever de se aperfeiçoar ao longo da carreira no exercício da liderança militar. Não havendo liderança, não há exercício do comando, mas ilusória rotina burocrática, resumida aos sinais exteriores de respeito e produção de documentos de eficácia duvidosa. Portanto, o exercício da liderança militar constitui dever inalienável do comandante. Só será comandante quem liderar.

Experiências e suas Lições

O sucessivo desempenho dos cargos de Comandante da 4ª RM/4ª DE, de Secretário de Economia e Finanças (SEF) e de Chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército[19] (DECEx) proporcionou-me experiências e lições, algumas das quais passo a compartilhar com meus irmãos de armas.

A primeira lição é ouvir. Esforcei-me por praticá-la com os oficiais de meu estado-maior. Recém chegado à 4ª RM/4ª DE, fui procurado pelo oficial de operações, Tenente-Coronel de Cavalaria Al-

---

[14] Jordan, Michael. *Nunca deixe de tentar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

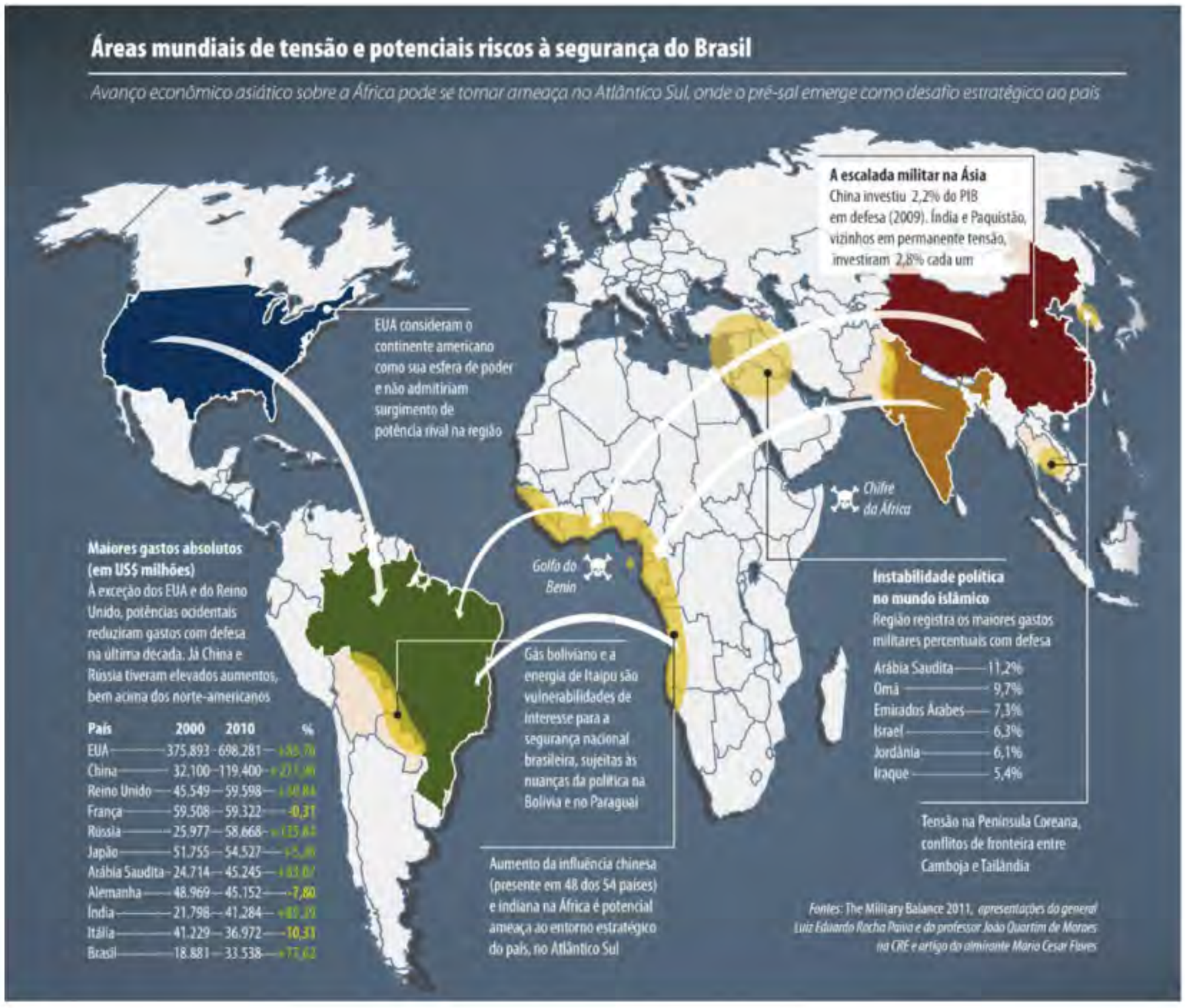
[15] Ob. cit., p. 78.

[16] República Federativa do Brasil, Constituição, 1988, Art. 142.

[17] Brasil, Estado-Maior do Exército, Liderança Militar. Portaria nº 102-EME, de 24 de agosto de 2011., pag. 3-3.

[18] Comandante, chefe ou diretor, em todos os escalões de comando, chefia e direção.

[19] O autor foi o último Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) e o primeiro do Departamento de Educação e Cultura do Exército, denominação por ele proposta ao Comandante do Exército em substituição à de DEP.



> Para ser comandante com letras maiúsculas é necessário querer liderar sua tropa, o que implica ser exemplar soldado (...) e fazer o que tem de ser feito, vinte e quatro horas por dia.

vorcem, objetivo e conciso. Apresentou-me o plano de operações para a hipótese de paralisação da Polícia Militar e disse-me: "General, precisamos realizar os reconhecimentos". Em consequência, ainda em 2003, todos os comandantes envolvidos e seus estados-maiores deslocaram-se para Belo Horizonte, capital de Minas Gerais e, à paisana, discretamente, em viaturas civis, reconheceram itinerários, pontos de acolhimento, acantonamentos, zonas de ação e limites. Testamos o sistema de comando e controle, reajustamos medidas de coordenação e nivelamos os conhecimentos de inteligência. Idênticas ações foram repetidas no início de 2004, em razão da substituição anual de comandantes e da chegada à área de novos oficiais de estado-maior. Assim foi possível, em 3 de junho de 2004, desencadear a Operação Minas Gerais, concluída em 10 do mesmo mês, com a missão plenamente cumprida.

Na SEF fui procurado pelo Coronel Campos,

meu assistente, com quem passei a discutir as visitas de orientação técnica (VOT), realizadas pelo Secretário, seus generais de Intendência e oficiais de estado-maior, às regiões militares. Das sugestões do Assistente e de convicções que formei, moldou-se rotina inovadora para as VOT: duração de uma jornada completa; testes de conhecimentos aplicados a cada agente da administração, os comandantes inclusive; oficinas sobre temas específicos e, naturalmente, devolução dos resultados pela cadeia de comando. Os resultados foram estimulantes, tendo envolvido comandantes em todos os escalões, com o consequente aprimoramento na capacitação técnica geral. Foi recompensador ter ouvido o Assistente.

A segunda lição refere-se à relevância da insubstituível presença do comandante em todas as unidades subordinadas. Diretrizes e ordens escritas, contatos telefônicos e videoconferências têm reconhecido valor. Julgo-os valiosos instrumentos complementares, inclusive no nível estratégico, mas que não substituem frequentes visitas às unidades. Inspeções, exercícios no terreno, cerimónias internas e olimpíada militar são algumas das oportunidades que o líder militar não pode desperdiçar. São momentos preciosos que se oferecem ao líder para conversar e compartilhar refeições com oficiais e praças, transmitir-lhes, pessoalmente, a orientação de comando, e estimulá-los a expressarem seus pontos de vista, aspirações e realizações, inclusive pessoais. São, enfim e sobretudo, ocasiões que permitem fortalecer os laços de confiança e camaradagem recíprocas entre líder e liderados. É pela presença pessoal que a liderança é fortalecida. Nesses encontros o líder agrega e orienta seu grande comando rumo à missão que lhe está confiada.

Uma terceira lição é a de que o líder militar estratégico é um planeador por excelência. Seu estado-maior é seu aliado nesta tarefa e deve ser

Fontes: esta imagem: www.forte.jor.br; imagem da página anterior: www.defesaaeronaval.com.br; imagem da página seguinte: bimg1.mlstatic.com.

estimulado ao máximo a contribuir com ideias inovadoras. Em Minas Gerais, por exemplo, a missão era dupla, a de região militar e a de divisão de exército. Sintetizávamo-la em duas palavras: "combater e apoiar". Conciliar todas as atividades militares com a representação do Exército em Minas Gerais parecia dificílimo, mas não resistiu a um bom planeamento. Vali-me da experiência das escolas do Exército que, no ano anterior, já tinham prontos seus respetivos "Planos Gerais de Ensino" (PGE), detalhando dia a dia as atividades do ano seguinte. Encarreguei meu chefe de estado-maior de preparar documento similar, a que chamamos "Plano Geral de Atividades" (PGA). Seu trabalho foi primoroso e, com base nele, ficou exequível realizar todas as atividades previstas e, ainda, desencadear operações e atender a situações inopinadas. Experiências sucessivas na SEF e no DECEx confirmaram-me de que é pelo planeamento que o líder militar estratégico revela sua arte em aplicar o poder de que dispõe.

A quarta lição refere-se à intenção do comandante, que deve ser divulgada e estar na mente de todos os liderados. Como exemplo, transcrevo a intenção que expressei na Operação Minas Gerais:

"A minha intenção é:

- cumprir a missão com o máximo de apoio da população e com o mínimo de desgaste para a imagem do Exército;

- manter ou restabelecer a ordem pública no mais curto prazo;

- empregar o Exército com o máximo de segurança, evitando-se, dentro do possível, danos ao pessoal militar e civil, assim como ao património público;

- evitar o confronto direto com as forças policiais paralisadas;

- atuar com o Exército que se apresente muito bem perante a população local, demonstrando sua capacidade de agir e fazer-se presente na área". A intenção do comandante não está entranhada na cultura do Exército em tempo de paz. Sustento que todo líder militar, em qualquer escalão de comando, deve transmitir sua intenção em todas as missões de tempo de paz. Isso quer dizer, por exemplo, que não deveria haver ordem de instrução ou de serviço sem a intenção do respectivo comandante. É ela que estimula e permite aos comandados tomar iniciativas e decidir com oportunidade. A intenção não deve limitar-se às operações, mas estar interiorizada na cultura da

Força, como qualquer outro princípio básico de comando.

Reflexões sobre Liderança e Comando

A preparação integral do líder inclui, necessariamente, os três domínios: o do ser, o do saber e o do fazer. Tenho apresentado um quarto verbo aos que me ouvem: querer. De pouco adianta ser nomeado comandante, dominar os assuntos técnico-profissionais que lhe estão afetos e fazer apenas o que está previsto nas leis e regulamentos em vigor. Para ser comandante com letras maiúsculas é necessário querer liderar os seus militares, o que implica ser exemplar soldado, modelo de cidadão e fazer o que tem de ser feito, vinte e quatro horas por dia. Aos líderes militares estratégicos apresento as afirmativas que se seguem e com as quais concordo plenamente[20]:

"Se o general permanece em silêncio enquanto o governante leva a nação à guerra com meios insuficientes, assumirá a responsabilidade pelos riscos".

"O general que fala bem alto sobre a preparação para a guerra, enquanto a nação está em paz, coloca em risco sua posição e o seu *status*. Entretanto, o general que fala muito baixo coloca em risco a segurança de sua nação".

Experiências e reflexões permitem-me concluir que a essência da liderança é independente do nível de comando. Militar ou civil, estratégico, organizacional ou tático, na paz ou na guerra, o líder é, em sua verdadeira grandeza, um guardião de valores". Afastado dos campos de batalha desde a Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro tem participado de operações de manutenção da paz e de garantia da lei e da ordem. Seus líderes dedicam-se primordialmente à preparação da Força. Nesse contexto é arriscado vincular a liderança estratégica, exclusivamente, ao posto de máximo da hierarquia. Ao contrário, há generais de divisão e de brigada que cumprem suas missões em nível claramente estratégico.

No nível estratégico importa saber ouvir, planear, deixar clara sua intenção e fazer-se presente junto à tropa. A presença do comandante e líder é insubstituível. Ela faz a diferença. Conheça seus liderados, faça-se conhecer, estimule-os, exija-os ao máximo, elogie-os, puna-os se necessário e torne-se defensor e amigo dos seus militares.

Importa, também, estar preparado para enfrentar e superar desafios inéditos que as escolas nem sequer visualizam, hoje. A par da rica preparação institucional que o Exército proporciona, acompanhar os cenários externos e internos, auto aperfeiçoar-se e preparar os comandados-liderados são armas poderosas para decidir com vigor, oportunidade e acerto em qualquer situação.

Eis as vias de acesso que tenho apresentado para que o líder militar construa e fortaleça os vínculos afetivos que conduzem ao cumprimento da missão. E cumprir a missão é, sem discussão, conquistar a vitória na guerra, nas operações de manutenção da paz, de GLO e subsidiárias.

Finalmente, lembro que, em qualquer situação e escalão, o comandante deve estar obcecado em ser o líder militar, sob pena de se arrastar pelas casernas em enfadonhas tarefas burocráticas e de não comandar. Não permitir jamais vácuos de poder por tibieza e falta de liderança. Lembra ao irmão de armas, que tu és o exemplo de soldado total para teus comandados-liderados. Ao combate!

[20] YinGLinG, Ten Cel Paul. "Uma falha no generalato". Armed Forces Journal, maio de 2007.

* Este artigo foi amavelmente cedido pelo Editor-Chefe das Publicações em língua estrangeira da Military Review, Sr. Miguel Severo. Foi publicado na revista de maio/junho de 2012 em língua portuguesa e agora adaptado para o *Jornal do Exército*.

O General de Exército Paulo Cesar de Castro é graduado pela Academia Militar das Agulhas Negras, na arma de Artilharia. É pós-graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior, pela Escola de Guerra Naval (EGN) e pela Escola Superior de Guerra, do Exército Argentino. Atuou nas operações Rio-92, Rio, Minas Gerais e Ouro Preto, todas de garantia da lei e da ordem. É doutor em Ciências Navais pela EGN.

Tenente-Coronel Manuel Augusto Faria

Fontes: esta imagem: upload.wikimedia.org; imagem do canto superior direito das páginas imapres destes artigo: imageshack.us.

A FORTIFICAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

DO POVOAMENTO À EXTINÇÃO DA CAPITANIA-GERAL

Com as suas nove ilhas espalhadas de Este a Oeste ao longo de aproximadamente 600 quilómetros, em pleno Atlântico Norte, o Arquipélago dos Açores dista cerca de 2.000 km do continente europeu, e 2.300 km do continente americano.

As ilhas são de origem vulcânica, crescendo da Plataforma dos Açores, formada na confluência de três importantes placas litosféricas – americana, euro-asiática e africana.

Batidas pelas tempestades atlânticas, sujeitas a continuada e profunda erosão, as costas das ilhas, em especial as viradas a norte, mais batidas pelo mar, são, na maior parte da sua extensão, escarpadas e rochosas, de difícil ou impossível acesso. Na costa sul abrem-se, porém, algumas baías, como as da Horta, Angra e Ponta Delgada, abrigadas dos ventos dominantes, com boas condições portuárias, não batendo o mar do quadrante sul, ou pequenas enseadas servindo modestos portos.

Ficam na rota da corrente marítima do Golfo, e os ventos, soprando predominantemente de Oeste, são condicionados pelo Anticiclone dos Açores.

As primeiras sete ilhas dos Açores – Santa Maria, São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial – foram descobertas em 1427, pelo navegador Diogo de Silves ao serviço do Rei de Portugal que as doou ao Infante D. Henrique, duque de Viseu. Para as colonizar, enviou o Infante os seus capitães – capitães do donatário – atribuindo a cada um deles uma capitania. Só em 1452 – a colonização das restantes ilhas já seguia a ritmo firme –, foram descobertas as ilhas do Corvo e das Flores, o grupo Ocidental, onde foi instituído um novo senhorio.

Cedo foram criados os primeiros concelhos dos Açores, ainda durante o senhorio dos duques de Viseu, nomeadamente, nos lugares sede de capitania e nos principais povoados de cada ilha. Mas o grande surto da criação dos concelhos no Arquipélago dá-se com a subida do duque de Viseu ao trono de Portugal – D. Manuel I –, e a consequente titularização da donataria dos Açores pela coroa portuguesa. Com a criação do concelho da Praia da Graciosa, em 1546, ficou praticamente definido o quadro autárquico vigente nos Açores

durante o espaço temporal em análise, apenas alterado pela criação do concelho da Madalena, em 1723. Vinte e um concelhos, ao todo.

Em 1503, foi criada a corregedoria dos Açores, com sede em Angra, a partir de então, a mais alta instância administrativa nas Ilhas, diretamente dependente da Coroa.

A defesa do território foi missão dos primeiros capitães do donatário que, para além daquelas obrigações plasmadas nas cartas de doação, decorria, necessariamente, das funções inerentes ao título. Uma defesa por certo informal, casuística e de fraca pertinência face a um inimigo remoto.

A atividade do corso determinou, porém, a instituição de um serviço militar obrigatório, gratuito e geral nos Açores, logo no início da segunda metade de quinhentos, antecipando aqui a organização militar do Reino operada pelo Regimento dos Capitães-Mores de 10 de dezembro de 1570, também conhecido por Regimento das Ordenanças. Desde então, o Regimento das Ordenanças passou a ser o quadro de referência da organização das forças defensivas no Arquipélago, com zonas de ação por concelhos, cada um destes constituindo uma capitania-mor[1].

Após a conquista da Ilha Terçeira pelo marquês de Santa Cruz, em 1583, o comandante de terço espanhol em Angra, e depois, construída ela, os governadores espanhóis e o primeiro governador português da fortaleza de São Filipe do Monte Brasil, passaram a ter o comando militar de todo o Arquipélago. Uma tutela, porém, pouco mais que nominal, pela dispersão das ilhas, e por falta de recursos humanos e materiais, indispensáveis para a exercer. Eram as Ordenanças que garantiam, de fato, a defesa do arquipélago[2].

Na sequência do movimento restaurador de 1640, são criados para a guarnição da rebatizada Fortaleza de São João Batista e para o forte de São Sebastião, na Terceira, e para o forte de Santa Cruz, na Horta, e já em finais do século, para o forte de São Brás, em Ponta Delgada, corpos permanentes de tropa paga, ou pés de castelo. Mas na generalidade, a defesa das Ilhas continua encargo dos soldados de Ordenanças.

Este quadro primordial da administração mantém-se, na forma, até 1766, quando é criada a Capitania-Geral dos Açores, e são extintas as capitanias herdadas do período do povoamento e o senhorio das Flores e Corvo. Competia ao capitão-general os governos político, civil e militar de todas as ilhas do Arquipélago, pelos quais respondia perante o rei através da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos.

Perante a dificuldade de coordenar defensivamente as diversas capitanias-mores, foi ordenado ao primeiro capitão-general dos Açores que organizasse e sobre eles tivesse comando, corpos de segunda linha, isto é, terços-auxiliares, mais tarde denominados regimentos de milícias, no Faial, em São Jorge, na Terceira e em São Miguel. Só nos últimos anos do século XVIII, a Capitania-Geral dos Açores tem um corpo de tropa de 1.ª linha, o Batalhão de Infantaria com exercício de artilharia do Castelo de São João Batista, a curto prazo passado a Batalhão de Artilharia do Castelo, incorporando os últimos pés de castelo artilheiros da anterior guarnição de Angra.

Em 1818, são criados batalhões de infantaria na Terceira, no Faial e em São Miguel, ficando, finalmente, extintos os pés de castelo dos fortes de Santa Cruz e de São Brás destas últimas ilhas.

Em 1823, vem para a Capitania-Geral, em missão de pacificação, o Batalhão de Caçadores N.º 5, do Exército de Portugal. A Caçadores 5 se deve o golpe militar de 1828, que permitiu a organização nos Açores das forças militares de apoio ao regime liberal. O Batalhão de Artilharia

[1] Cfr. Faria, M. A. "As Companhias de Ordenanças no Arquipélago dos Açores", *Jornal do Exército*, Ano LII, N.º 602

[2] Sobre a presença de tropas espanholas no Faial e em São Miguel, vd. Faria, M. A. (2007), "Relatório do Capitão Francisco de La Rua sobre a incursão do Conde de Essex na Horta, em 1597". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 16: 175-195. *Idem*, "As Companhias de Ordenanças no Arquipélago dos Açores", *Jornal do Exército*, Ano LII, N.º 602. Episodica foi a estada de tropas espanholas nas Flores, para evitar o desembarque de corsários que, naquela altura do Atlântico, aguardavam os navios comerciais de torna-viagem.

Regimento de Guarnição N.º 1

de Angra, com os artilheiros de carreira dos fortes de Santa Cruz da Horta e de São Brás de Ponta Delgada, bem como os artilheiros de costa, vindos do velhinho Regimento dos Ordenanças de D. Sebastião, formaram o corpo de Artilharia do Exército Libertador; e os soldados dos regimentos de Infantaria e de Milícias e da valência de infantaria das companhias de Ordenanças deram forma aos seus corpos de Infantaria. De facto, a esmagadora maioria dos soldados do Exército Libertador que desembarcou em Pampelido, saiu dos efetivos militares da Capitania-Geral dos Açores.

Em 1831, a Regência de D. Pedro IV extinguiu a Capitania-Geral, o Arquipélago passou definitivamente a província do Reino e entrou na orgânica do Exército de Portugal.

Estas são generalidades mais ou menos conhecidas, aqui trazidas porque essenciais à montagem do cenário de referência geográfica, histórica e administrativa, na contextualização do tema deste trabalho.

Com o povoamento do arquipélago dos Açores pelos portugueses, e quando as viagens de descoberta prosseguiam pela costa africana rumo ao Sul, acentuou-se a concorrência castelhana pelo domínio dos novos mares e territórios. Foi neste quadro de conflitualidade ibérica, que teria por epílogo o tratado de Tordesilhas, que surgiram as primeiras ameaças à segurança dos povoadores das Ilhas. Pelos anos setenta do século XV, apareceram nos mares dos Açores alguns navios castelhanos, provavelmente em viagem de retorno do Golfo da Guiné, que entraram em confronto com os primeiros povoadores do Arquipélago.

Planta da cidade de Angra do Heroísmo

Na sequência deste episódio, a Infanta D. Beatriz, curadora e tutora do Infante D. Diogo, herdeiro do senhorio da Ilha Terceira, tomou a iniciativa de ordenar ao capitão da capitania da Praia, Álvaro Martins Homem, que procedesse à fortificação daquela vila, e enviou para os Açores como provedor da fortificação Pedro Anes Rebelo que, para além de coadjuvar Álvaro Martins Homem, orientou, também, a construção do Castelo dos Moinhos, na capitania de Angra.

Pouco conhecemos hoje da estrutura desta primeira fortificação. Da muralha da Praia, pouco ou nada restará. Documentação do século XVII, diz-nos que nunca chegou, de facto, a envolver todo o burgo. Parte da sua pedra foi, entretanto, levada pelo mar na frente marítima; a restante terá sido usada na reconstrução da vila, ao longo destes séculos pelo menos três vezes arrasada por terramotos.

O Castelo dos Moinhos foi levantado num outeiro sobranceiro a Angra, com amplo domínio sobre a paisagem circundante, inclusive do mar, mas a distância tal do porto, que não lhe podia servir de defesa.

Estas primeiras construções defensivas, até pela época em que foram levantadas, eram de conceção medieval. Pontos fortificados com domínio sobre a paisagem, estruturas desenvolvidas em altura, típicas no domínio do armamento neurobalístico, às quais acorriam e nelas se abrigariam populações próximas, na eminência de um desembarque hostil. Traduzem, sobretudo, um modelo estratégico senhorial que não atendeu à natureza de pequenas e dispersas ilhas, nascidas no meio do Atlântico, que tem por fronteiras o mar sem fim.

A abertura das rotas marítimas intercontinentais pela chegada de Colombo à América e de Vasco da Gama à Índia, atraiu o corso internacional aos mares açorianos. Cedo, quer Espanha, quer Portugal enviaram para os mares a oeste das Ilhas, esquadras para comboiarem até Lisboa ou Sevilha os seus navios de transporte em viagem de retorno da Índia e das Índias Ocidentais. Obviamente que a segurança das frotas sempre esteve prioritariamente no mar. A escala dos Açores, com destaque para o porto de Angra, se fundamental para apoio aos navios frequentemente em dificuldades técnicas e logísticas, ou fugindo de corsários, ou para base das esquadras que, a partir daqui, deviam comboiar os navios mercantes até à Península, era de facto, um recurso a evitar: pelos perigos de denúncia ao corso, por potenciar o contrabando e a fuga ao fisco.

Pero Anes do Canto, um povoador de "segunda vaga", ido para a Terceira em inícios do sécu-

Fonte: esta imagem upload.wikimedia.org: imagem da página anterior 3.bp blogspot.com

lo XVI, que viria a ser o primeiro Provedor das Armadas nos Açores, adquiriu, naquela ilha, por baixo preço, entre muitas outras propriedades, o terreno de biscoito, ou de pequeno calhau vulcânico que daria o nome à localidade, e plantou-o com vinhas, donde veio a tirar elevado proveito. Ficando os Biscoitos na parte norte da Terceira, ou seja, exatamente na costa oposta a Angra, o transporte dos produtos agrícolas para esta vila e em breve cidade, fazia-se por via marítima. Para defender o seu porto privativo dos Biscoitos, Pero Anes do Canto, construiu sobre ele "um reparo de pedra e cal e outros de pedra insonsa, com três ou quatro peças de artilharia para sua defesa". Provavelmente Angra – e, eventualmente, outras localidades dos Açores – já disporia de igual defesa, mas na falta de mais informação documental, o reparo de Pero Anes do Canto marca o início dum ciclo distinto do sistema fortificado das Ilhas. Vindo o inimigo necessariamente do mar, dispondo-se já de artilharia pirobalística, interessava, sobretudo, barrar-lhe o desembarque.

Mas se o corso de há muito se fazia sentir nos mares dos Açores, só a partir de meados do século XVI começa a haver indícios preocupantes de também poder atacar os principais portos de apoio à navegação atlântica – Horta, Angra e Ponta Delgada – e as populações em geral.

No início dos anos 50 do dito século, chega a São Miguel Isidoro de Almeida para dar começo à fortificação da ilha, e em particular levantar o forte de São Brás, em Ponta Delgada. As instruções eram para que *a praça de cada uma das ditas estâncias será chã e calçada como convém, de maneira que possam as peças facilmente correr para onde for necessário* [...] *As quais estâncias serão reparadas o melhor que puder ser para que a artilharia do mar lhes não faça dano, e fá-las-ão de maneira que se possam fechar*... Ficava, assim, definida a tipologia da generalidade da futura fortificação marítima dos Açores.

Mas, as obras de engenharia militar moderna só têm verdadeira expressão com a ida ao Arquipélago dos engenheiros italianos Pompeo Arditi e Tomasso Benedetto, em 1567. Tomasso Benedetto terá reformulado a planta do forte de São Brás, de Ponta Delgada, traçou as plantas de São Sebastião em Angra e de Santa Cruz na Horta, e provavelmente, do forte de Santa Cruz das Velas, na ilha de São Jorge.

Atente-se que, neste tempo, Portugal não estava em guerra contra qualquer nação europeia. Não era, por isso, necessário investir de raiz na fortificação do território continental. A única ameaça vinha da guerra nos territórios africanos ou orientais, ou do corso que se travava no meio do Atlântico. É assim que nos Açores temos o primeiro abaluartado português nascido de raiz, que tem expressão nos ditos fortes de Santa Cruz, São Sebastião e São Brás, cujas obras tiveram, então, início.

Toda a costa norte e oeste, e parte da costa sul da Ilha Terceira é formada de rocha alta e inacessível, salvo no já fortificado porto dos Biscoitos. Mas a sul, sucedem-se pequenas baías e enseadas com algumas condições portuárias e para desembarque, terminando com o extenso areal da Praia, já a leste. Porque na Terceira ficava o principal porto de apoio à navegação transatlântica, Tomasso Benedetto concebeu para ela o mais extraordinário sistema defensivo levantado nos Açores, propondo barrar todos os portos e pontos suscetíveis de desembarque na Ilha, com pequenos fortes ou outras estruturas defensivas, cruzando fogos entre si sempre que possível ou necessário, transformando-a numa imensa fortaleza.

Após a morte do rei cardeal D. Henrique, a Ilha Terceira, tal como Lisboa e Santarém, aclamaram seu rei D. António, Prior do Crato. E enquanto, no Continente, as tropas de D. Filipe II de Espanha desbaratavam as tropas de D. António na batalha de Alcântara, e criavam as condições para que ele fosse jurado rei de Portugal nas cortes de Tomar, a Ilha Terceira, sob a administração do corregedor Ciprião de Figueiredo, incondicional adepto de D. António, manteve-se fiel ao seu primeiro juramento.

Em 1581, cerca de 400 soldados espanhóis, de uma frota enviada aos Açores, sob o comando de

D. Pedro de Valdez, para comboiar os navios de transporte em viagem de regresso da América, desembarcaram na baía da Salga, para fazer aclamar na Ilha Terceira o seu rei D. Filipe. Foram literalmente aniquilados pela milícia local. Era, porém, evidente, que D. Filipe não tardaria a enviar força suficiente para levar a Ilha à rendição. O governador militar, corregedor Ciprião de Figueiredo, fez, então levantar o plano defensivo concebido por Tomasso Benedeto.

A juntar a dois ou três fortes construídos na sequência da vinda aos Açores daquele engenheiro, foram construídos cerca de 40 pequenos fortes, para além de outras pequenas barreiras ou trincheiras em toda a costa suscetível de desembarque, guarnecidos por soldados das Ordenanças. Foi graças à vitória na batalha da Salga e a este sistema defensivo da Ilha Terceira, que D. António conseguiu apoio para a sua causa junto da coroa inglesa e, principalmente, em França. A propaganda dos opositores de Espanha proclamava que a Terceira era inconquistável. Em 1582, uma armada luso-francesa, comandada por Fippo Strozzi, um dos mais ativos soldados que alguma vez a França teve, rumava para a Terceira com tropas para a guarnecer. A esperá-la nos mares dos Açores, enviou D. Filipe uma armada, sob o comando de D. Álvaro de Bassan, marquês de Santa Cruz. O confronto das armadas deu-se frente a Vila Franca do Campo, em São Miguel. Após demorada batalha, em que Strozzi ficou mortalmente ferido, saiu vitorioso D. Álvaro Bassan; porém, com os navios em tal estado de ruína que não se atreveu a atacar a Terceira, ilha onde se refugiou D. António com algumas centenas de mercenários franceses.

Só em 1583 nova e poderosa esquadra, uma vez mais sob o comando do marquês de Santa Cruz, conseguiu atacar eficazmente a Terceira, e submetê-la à soberania de D. Filipe, expulsando da Ilha os mercenários franceses, comandados pelo Comendador Aymar de Chastes, futuro vice-rei da Nova França. Esta conquista ecoou por todo o império filipino, com festividades e *tedeos*, merecendo figurar num mural do palácio do Escorial. Cresceu de tal forma o prestígio do marquês de Santa Cruz que lhe permitirá aconselhar o seu rei a invadir Inglaterra. De facto, foi ele o organizador da Invencível Armada, que só não capitaneou por ter morrido pouco antes da expedição.

Após a sua conquista, na Terceira ficaram cerca de 2.000 soldados espanhóis, que assumiram a defesa, nomeadamente a guarnição dos fortes marítimos, em substituição das derrotadas Ordenanças locais. Ora, esta situação levantava graves e complexos problemas de logística, nomeadamente de alimentação e alojamento, e de enquadramento e disciplina forense, numa pequena ilha de fracos recursos económicos e difíceis comunicações internas. Além disso, Espanha, pacificada a Ilha, precisava dos seus soldados para outras partes do Império.

É neste contexto que, em 1592, começa a ser construída a fortaleza de São Filipe, historicamente designada por *o Castelo*, no Monte Brasil, sobranceiro à cidade de Angra. Para a guarnecer, ficou na Terceira um contingente a rondar os 500 soldados espanhóis, os mais velhos e menos válidos, voltando toda a guarnição da fortificação costeira a ser encargo das revitalizadas tropas de Ordenança.

Basicamente, o conceito de defesa que informa o castelo de São Filipe, regride à primeira fortificação, àquela de há cem anos atrás, quando se estava na fase do Povoamento: defesa de um ponto fortificado para refúgio e paradigma de soberania em caso de invasão da Ilha. E resulta, quiçá,

do mesmo pressuposto: incapacidade para, com os recursos humanos existentes, neste caso, soldados espanhóis, guarnecer toda a costa violável. Agora acrescido da necessidade de dar quartel seguro a uma força militar profissional estrangeira, que, por vontade política, Madrid queria manter no ponto mais nevrálgico da navegação intercontinental.

A principal obra espanhola do Castelo é a muralha que corta todo o istmo do Monte Brasil, isolando-o do resto da Ilha, em que se destacam três baluartes e dois meios baluartes. Porque a costa sul do Monte Brasil é escarpada, garantindo inacessibilidade, ligada esta muralha aos pequenos fortes já existentes construídos nas suas extremidades sudeste e sudoeste, ficou um recinto fortificado com um perímetro muralhado de cerca de cinco mil metros, e com uma área de aproximadamente três quilómetros quadrados. Para uma mais fácil visualização, o espaço defendido é superior ao principado de Mónaco. Com planta dos conhecidos arquitetos Tiburcio Spanochi e Vicensio Casal, é, certamente, a mais extensa fortaleza construída no seu tempo, e quiçá o maior espaço histórico defendido, desde sempre levantado para uso exclusivamente militar. No seu interior, terrenos com aptidão agrícola podiam garantir longa sobrevivência alimentar às forças aquarteladas, e várias cisternas, a maior com capacidade para três mil pipas, davam relativa autonomia no consumo de água.

Se bem que ficando na costa, o Castelo de São Filipe do Monte Brasil, não cai na classificação de fortificação costeira, ou no rol dos fortes marítimos; salvo os pequenos fortes já existentes conforme plano de Tomasso Benedeto, agora integrados no seu perímetro. Aliás, essa vocação de domínio territorial foi a única consistente quando, após o movimento restaurador de 1640, durante mais de um ano a guarnição espanhola resistiu cercada pelas Ordenanças vindas de todas as ilhas do Arquipélago, acabando por se render faminta, descurado que fora o cultivo do Monte Brasil, e principalmente dizimada por doença, provavelmente causada pela falta de higiene da água. A rendição do castelo de São Filipe do Monte Brasil é lembrada em lugar de destaque no monumento aos Restauradores, em Lisboa. A fortaleza passou a chamar-se Castelo de São João Batista, em homenagem ao rei restaurador.

O domínio filipino concitou contra Portugal os inimigos do reino vizinho, nomeadamente dos ingleses, com destaque para as incursões nos mares açorianos dos condes de Cumberland e Essex em finais de quinhentos. Na primeira metade do século XVII, são, sobretudo, os argelinos a ameaçar a segurança das Ilhas. Já para a segunda metade de seiscentos, até os primeiros anos da segunda metade de setecentos (guerra dos Sete Anos), a ameaça é variável consoante a conjuntura política instável na Europa. Assim, a estrutura fortificada dos Açores foi sendo reforçada, quer durante o domínio filipino, quer durante os reinados bragantinos, com particular incidência em períodos de crise. Datará mesmo já de finais do século XVII, a fortificação de algumas ilhas, nomeadamente, Flores e Graciosa. De um modo geral, as características destas construções não traduzem qualquer evolução arquitetónica, sendo modestas e principalmente determinadas pela morfologia dos pontos de implantação. O forte do Bom Jesus, na Horta, talvez seja o único que indicia um projeto mais elaborado.

Fazendo o balanço da fortificação açoriana neste período, a relação elaborada pelo General António do Couto Castelo-Branco, inserta nas suas Memórias Militares e referente a 1710, inventaria mais de uma centena de fortes no arquipélago, com destaque para as ilhas Terceira, Faial e São Miguel.

O primeiro capitão-general dos Açores iniciou o seu governo, em 1767, dedicando particular atenção à fortificação do Arquipélago. Mandou inspecionar estruturas e promoveu a reparação de algumas. Reflexo, sobretudo, da burocracia centralizadora, pois, na prática, nenhuma artilharia nova foi obtida, e as velhas e já poucas peças existentes, salvo as do Castelo de Angra, eram praticamente todas de ferro e vindas ainda do domínio filipino. Aliás, a centralização da administração militar no capitão-general, levou não só as

Castelo de S. Filipe do Monte Brasil

Fontes: esta imagem: 4.bp.blogspot.com; imagem da página anterior: 1.bp.blogspot.com.

câmaras a descurar as responsabilidades militares que até aí tutelavam, segundo a legislação sebástica das capitanias-mores, como à captação pela Capitania-Geral dos recursos financeiros de que para isso dispunham, fazendo-os convergir para o sustento do governo e da guarnição militar de Angra.

Os últimos anos do século XVIII são dominados pela ameaça de invasão dos Açores por tropas francesas. Sucedem-se as instruções do governo à Capitania-Geral e desta às câmaras, não só para o treino militar, nomeadamente das tropas auxiliares e das Ordenanças, mas ainda para o reforço da fortificação; porém sem grande efeito prático: o governo exigia obras, mas não as subsidiava, nem promovia o fornecimento de artilharia, salvo algum reforço para o Castelo de São João Batista, onde se formava um batalhão de tropa de linha. Tomando como exemplo o pequeno concelho da Calheta, na ilha de São Jorge, um violentíssimo terramoto destruíra parcialmente a vila e, concomitantemente, a sua fortificação, em 1757; nos anos seguintes, parte da pedra e dos travejamentos dos fortes fora roubada, certamente, para a reconstrução de moradias particulares; agora em situação de emergência, a câmara concelhia, pretextando a sua fidelidade à coroa e manifestando a disponibilidade da população para lutar contra o eventual invasor, relativamente à fortificação – nomeadamente, quatro fortes –, limita-se a informar que não tem dinheiro para lhe acudir. O armamento disponível no concelho era, por essa altura, 71 espingardas de pederneira, 10 espingardas de morrão e 342 *fundas para manejar pedra ao inimigo*. Nem uma peça de artilharia em estado de utilização.

Já no século XIX registam-se as campanhas de fortificação da ilha de São Miguel, a mais rica e populosa dos Açores, entre 1811 e 1814; de diversas ilhas dos Açores, com destaque para a dita ilha de São Miguel e para a Terceira, na sequência da crise político-militar entre os reinos ibéricos desencadeada pela ocupação portuguesa de Montevideu; e o reforço dos sistemas fortificados da Horta, Terceira e São Miguel, no cenário da guerra civil de 1828 a 1831; campanhas, todas elas, principalmente traduzidas em obras de reconstrução e adequação de anteriores construções. Terminada a guerra civil nos Açores, finda a atividade do corso no Atlântico Norte, numa ordem político-militar em que se não perfilavam ameaças à integridade ilhoa, a fortificação açoriana entrou em decadência, passando à História.

O coronel Tovar, penúltimo capitão-general dos Açores, em correspondência para Lisboa, dizia, em atitude crítica contra elevadíssimos custos da estrutura militar que condicionavam gravemente o desenvolvimento económico do Arquipélago, que as ilhas eram o território mais fortificado do mundo; nem Malta se lhe comparava!

De facto, embora o inventário da fortificação açoriana ainda esteja por fazer, com alguma faci-

Fortaleza de S. Miguel

Fontes: esta imagem: fortalezas.org; imagem da página seguinte: upload.wikimedia.org.

lidade identificamos, ao longo de quatro séculos, centena e meia de fortes espalhados pelas nove ilhas dos Açores. Tome-se o exemplo da baía da Praia, na Ilha Terceira, com 12 fortes numa extensão de pouco mais de 3 quilómetros e meio. Mas qual o seu real valor militar?

Citando um parecer da Arma de Artilharia de meados do século XIX sobre a fortificação dos Açores, "não é possível defender uma longa costa com fortificações de pequena força, disseminadas por uma vasta extensão, a ponto que se possa conter com inalterável segurança, porquanto a força de qualquer esquadra é em geral, superior àquela que lhe podem opor as fortificações marítimas, mormente quando [...] são pequenos fortes".

Pelo seu relevo, apenas a Ilha Terceira teve importância militar. Um conhecido homem de cultura norte-americano, Walter Colton, descreve assim a sua aproximação à Ilha Terceira, quando, em 1831, viajava com destino ao Mediterrâneo: "Uma brisa leve e fresca levou-nos rapidamente à vista dos rochedos agrestes e elevados que muralham a costa da Terceira, dando defesa aos pacatos habitantes... Protegidos pelos altos parapeitos que a natureza colocou ao longo da costa cheia de ressaca desta ilha, mil armadas hostis poderiam gastar a sua malícia em vão; a tempestade de ferro das suas baterias causaria tanta impressão como o borbulhar de uma onda murmurante". Levantado o plano de defesa em linha de Tomasso Benedeto, a ilha tornou-se, de facto, uma enorme fortaleza, com destaque para a baía de Angra, e nesta, para o forte de São Sebastião, e para o areal da Praia. Em Angra, da artilharia da fortificação costeira, fugiram os corsários condes de Cumberland e de Essex, em finais do século XVI, e de Monsenheur du Guay-Trouin, em 1708, bem como as armadas do marquês de Santa Cruz, em 1582 e 1583 e de D. Miguel, em 1829. Ainda no superfortificado areal da Praia, fracassou o desembarque das tropas absolutistas em 1829. Embora já poucos dos seus fortes estivessem, então, artilhados, eles desempenharam, na primeira fase do combate, um papel retardador do desembarque, e atingiram alguns vasos de guerra, permitindo o posicionamento das forças terrestres de infantaria, e da artilharia de campanha. Mas os pequenos fortes da baía das Mós, foram impotentes para travar o assalto das tropas de marquês de Santa Cruz, no dito ano de 1583.

Para além destes episódios históricos, com ressonância nacional e internacional, o sistema fortificado da Ilha Terceira foi, certamente, razão dissuasora suficiente para evitar outras ações ofensivas.

Walter Colton

Das restantes ilhas, apenas o Faial e São Miguel têm algum valor, estratégico as duas no apoio à navegação, a segunda nas vertentes económica e social. Sobre São Miguel, um relatório do Corpo de Engenharia nos Açores sobre os fortes desguarnecidos no Arquipélago, datado de 1869, quando ainda se equacionava a fortificação das ilhas a partir dos modelos centenários e da sua estrutura em ruínas, e das suas virtualidades para responder a eventuais novos desafios, se bem que nebulosos e nunca explicitados em termos de uma política nacional de defesa, diz: "Esta Ilha é a mais importante deste Arquipélago, pelo seu território, riqueza e comércio, conviria muito que as suas costas se pudessem fortificar [...] porém sendo o seu litoral muito extenso, e apresentando em quase todos pontos lugares acessíveis, o sistema das suas fortificações não preenche cabalmente o fim a que se destina [...] As fortificações, além do seu grande estado de ruína, são de um traçado tão defeituoso e acanhado, e as suas posições relativas, pela maior parte tão mal escolhidas, que não se podem considerar aproveitáveis..." E sobre a ilha do Faial: " É muito aberta apresentando em todo o seu períme-

tro muitos pontos acessíveis para desembarque, e por isso dificilmente se poderá fortificar [...] por isso as defesas permanentes que se devem conservar reduzem-se àquelas que batem o ancoradouro principal em frente da cidade de Horta..."

Apenas a cidade de Ponta Delgada dispôs de um sistema defensivo coerente, ou, pelo menos, dissuasoriamente eficaz, na perspetiva da sua defesa imediata. Mas São Miguel foi entrado por corsários em partes mais remotas, e as forças liberais apossaram-se da ilha desembarcando longe dos fogos dos fortes da cidade de Ponta Delgada.

A fortificação da Horta, em finais do século XVI praticamente reduzida ao forte de Santa Cruz, foi incapaz de se opor ao corso inglês; desenvolvida posteriormente, com diversos fortes cruzando fogos entre si em ambas as baías que o Monte da Guia separa, certamente terá evitado novas investidas de corsários; não conseguiu, porém, por circunstâncias alheias ao seu poder estrutural, evitar episódios de corso entre navios estrangeiros em águas que era pressuposto defender, nem, obviamente, à tomada da ilha pelas tropas filipinas e, séculos mais tarde, liberais, desembarcadas fora do alcance da sua artilharia.

A fortificação dos Açores deve, na generalidade, ser entendida, no quadro da organização militar das capitanias-mores das Ordenanças. Cada concelho era responsável pela sua própria defesa. E nela, de facto se empenhou a gente da governança concelhia, por iniciativa própria ou por instância do poder central, com a vigia permanente dos mares, o treino dos soldados das Ordenanças, a construção e manutenção da fortificação. Nestas atividades se exercitava o prestígio das elites locais, detentoras dos postos de comando: pela organização militar, se exercia o controlo social. Faltava-lhes, porém, a formação técnica militar e de engenharia necessária para levantar ou sustentar um sistema de forças credível. Muito menos um plano de defesa a nível do Arquipélago, à partida inviabilizado, primeiro por falta de comando centralizado, sempre por falta de recursos financeiros e humanos, e pela dispersão das ilhas e as insuperáveis dificuldades de comunicação entre elas.

Tenha-se presente, que os fortes açorianos foram construídos, não para resistir a uma ocupação territorial – exceção para o Castelo de São Filipe do Monte Brasil –, mas para servir a defesa contra o ataque esporádico de corsários. Mas atente-se, igualmente, que o que atraía o corso aos mares açorianos, eram os navios do tráfego comercial intercontinental; não a prosperidade ou a real falta de prosperidade ilhoa. Aos corsários, o que interessava nas ilhas era, sobretudo, o reabastecimen-

to de frescos. Ora, chegada a *hora da verdade*, para os açorianos, principalmente daquelas ilhas mais isoladas, importava muito mais com eles fazer negócios ou ceder-lhes gratuitamente provisões, do que sacrificar vidas em nome de um rei distante e sujeitar-se a saque.

O que me seduz na fortificação dos Açores é, precisamente, a sua fragilidade. Não pela fragilidade em si, mas pelo empirismo que a inspirou, ou melhor, pela realidade social e económica que lhe esteve subjacente: pequenas comunidades isoladas, dispersas por modestas ilhas no meio do Atlântico, buscando alimento no basalto negro dos vulcões, lutando contra vendavais e esse tremer constante da terra, isoladas do reino pela imensidade do mar, entregues, por isso, ao seu próprio destino e à fé no Espírito Santo, sem qualquer hipótese de pedir ou receber apoio atempado em situação de perigo, recebendo hospitaleiramente gentes das quatro partidas do Mundo ou em alerta constante contra os salteadores emergindo das brumas do anticiclone, e durante séculos no centro da História da Humanidade graças à sua posição estratégica na confluência das principais rotas do comércio marítimo intercontinental.

Presentemente, só o Castelo Monte Brasil e o forte de São Brás, mantêm a sua valência militar. As muralhas do forte de Santa Cruz da Horta enquadram uma unidade hoteleira; o mesmo acontece com o forte de São Sebastião, em Angra do Heroísmo; a plataforma do forte de Nossa Senhora da Conceição, nas Velas, encheu-se-a com um auditório municipal, salvando-se a muralha como suporte e defesa contra o mar. E situações idênticas multiplicam-se. Apenas algumas estruturas mais modestas resistem, por enquanto, a esta voragem urbanística, preservando a sua identidade arquitetónica e funcional, nomeadamente, os fortes de São Sebastião e do Porto Pim, na Horta, fortes do Negrito, da Prainha de São Mateus e de Santa Catarina do Cabo da Praia, na Terceira, fortes de Santa Clara e de São Francisco Xavier, e algumas estruturas da defesa de Vila Franca do Campo, em São Miguel, forte das Manadas, em São Jorge e mais algumas pequenas obras. As ruínas que de outros restam, ano a ano devora-as o mar, o grande inimigo de sempre. Assim se esvaem os testemunhos vivos de um tempo que moldou a identidade de um povo, identidade a que Vitorino Nemésio chamou *açorianidade*.

Filmes & Jogos

Esquecido

Ficção Científica – Em exibição

Depois do sucesso de "Tron: O Legado 3D", de 2010, o realizador Joseph Kosinski leva ao grande ecrã o seu mais recente filme de ficção científica. "Esquecido" passa-se no ano 2073, após um ataque alienígena que obrigou à evacuação de toda a população terrestre.

Sob o mote – há que lutar pela memória da terra – o enredo apresenta-nos Jack Harper (Tom Cruise) que é enviado à Terra para extrair os últimos recursos do planeta, essenciais à sobrevivência da humanidade. No decorrer da sua missão, o protagonista salva Julia, uma jovem que pensa reconhecer do passado, e conhece Malcolm Beech (Morgan Freeman), um sobrevivente que se recusa a partir. Este encontro desencadeia uma série de eventos que irão fazer Harper questionar-se sobre o que terá arruinado realmente o planeta.

Filmado em diversos locais nos EUA e na Islândia, numa deslumbrante resolução digital 4K, o filme revela uma componente visual forte para a qual muito contribui o contraste entre tecnologia e natureza.

Gigantes da Industria

Documentário

Na Guerra Civil Americana (1861-1865) o número de mortos foi maior do que a soma de americanos mortos durante todos os outros conflitos da história militar dos Estados Unidos, desde a Revolução Americana, até à atualidade. Após este conflito o tecido social do país estava destruído. O Sul esclavagista desapareceu e a economia dos estados sulistas ficou completamente arruinada. Por sua vez, o Norte industrializado, ficou com os seus recursos exauridos. No entanto ao contrário do que seria de esperar este conflito lançou a América no que viria a ser um dos períodos mais prósperos da sua história. As dificuldades provocadas pela guerra levaram as pessoas a migrarem em direção a oeste e zonas centrais do vastíssimo continente americano. O desenvolvimento do caminho de ferro que acompanhou esta marcha para o ocidente, levou a um crescimento da indústria metalúrgica, do desenvolvimento urbano, da indústria de guerra e da alta finança. Por trás deste grande revolução industrial estiveram homens como Rockefeller, Vanderbilt, Carnegie, Astor, Ford e Morgan, sinónimos do chamado "sonho americano".

Wargame

PC – DVD-Rom

Sequela de "Wargame – European Escalation", este jogo foi criado pela produtora francesa de jogos Eugen Systems, famosa por desenvolver jogos para computadores (PC e MAC).

À semelhança do jogo anterior, "Wargame – Airland Battle" decorre no período da guerra fria, entre 1975 e 1985, opondo as forças da NATO às forças dos países do Pacto de Varsóvia. A sua jogabilidade dinâmica e tensa exige do jogador uma visão astuciosa. O realismo minucioso de um arsenal considerável posto à disposição do jogador é agora, nesta edição, fortalecido por um total de 150 aviões, desde caças e bombardeiros a aviões de guerra eletrónica.

Uma melhor manipulação de efeitos de fogo, uma nova Interface de Combate Urbano que possibilita batalhas dentro de cidades, e um novo sistema de armas vêm revolucionar o género *Estratégia em Tempo Real* (RTS, do inglês *Real – time strategy*) assim como elevar a série a um nível superior.

Livros & Revistas

A Posição de Angola...

A obra, recentemente editada, dá-nos um válido contributo para melhor entendermos como surgiram as Forças Armadas Angolanas e qual a sua intervenção na História recente de Angola, o que representam atualmente na sociedade e no Estado Angolano e quais são as tendências evolutivas para o futuro próximo.

O livro contem um vasto e significativo acervo documental inédito e muito relevante para se perceber o processo de formação das Forças Armadas Angolanas e da História de Angola, bem como da participação de Portugal no âmbito dos Acordos de Bicesse e constitui, segundo o autor, um contributo para que se possam iniciar outros trabalhos no intuito de preservar as memórias para as gerações futuras.

Bernardino, Luís Manuel Brás, *A Posição de Angola na Arquitetura de Paz e Segurança Africana*, Edições Almedina, Coimbra, 2013.

Cores na Cidade

Editado em 2012, esta publicação resulta de um desafio lançado à Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém, pelo Prof. Doutor Augusto. Borges, reputado especialista na área da azulejaria, no âmbito da edição de um livro sobre aquela temática, de uma das freguesias mais turísticas de Lisboa.

Esta obra propõe um roteiro em torno da azulejaria existente na freguesia, apresentando uma seleção de grande qualidade artística. Entre outros locais públicos, alguns bonitos exemplares situam-se no antigo Regimento de Cavalaria N.º 7 (atual Corpo de Intervenção da PSP) e no Regimento de Lanceiros N.º 2.

Borges, Augusto Moutinho, *Cores na Cidade – Azulejaria de Santa Maria de Belém*, Edições Especiais, Lisboa, 2012.

Weider History Group

Desta vez, propomos um grupo editorial, neste caso americano, que é um dos maiores especialistas em revistas de história militar.

O Weider History Group publica 11 revistas, com temáticas naturalmente ligadas à história da América, mas também muitas outras, com outras matérias, como por exemplo a famosa Military History ou Armecher General e ainda a WW II.

O grupo editorial é também responsável pelo site *HistoryNet.com*, proporcionando informação diária sempre renovada, e que nos permite o acesso a mais de 5.000 artigos sobre história e história militar, com um arquivo, de procura temática, e com acesso a centenas de material iconográfico, como fotos e mapas.

Pode ser consultado em: http://www.historynet.com/magazines/military_history.

Duatlo BTT CMEFD 2013

No período de 11 a 12 de abril, decorreu, em Mafra, o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de Duatlo BTT, Fase II – CID, organizado pelo Centro Militar de Educação Física e Desportos (CMEFD).

Em simultâneo com o CDM do CID, decorreu o CDM do Comando das Forças Terrestres (CFT), o que fez aumentar o número de atletas e a competitividade entre si, pese embora o caráter independente das provas.

No total participaram, nove delegações (61 atletas) de Unidades do CID e duas delegações (12 atletas) das Unidades do CFT.

O campeonato decorreu de acordo com o Regulamento Desportivo do CID e contou com o precioso apoio da Federação de Triatlo de Portugal (FTP) e da Câmara Municipal de Mafra (CMM).

A Cerimónia de Encerramento, que incluiu no seu programa a entrega de prémios às equipas vencedoras e do troféu CID, realizou-se em 12 de abril, pelas 14h30, nas instalações do CMEFD, tendo sido presidida pelo Coronel de Cavalaria Simões de Melo, Comandante do Centro.

A delegação vencedora foi a EPC, seguida do RA5 e do CMEFD.

No final da cerimónia de encerramento, o comandante do CMEFD proferiu algumas palavras alusivas ao evento, através das quais expressou o seu agrado e satisfação pela forma como o campeonato decorreu e pela sã camaradagem e ambiente de salutar competição e de convívio entre os atletas.

No seu discurso, o Coronel de Cavalaria Simões de Melo, realçou a forma profissional, competente, e empenhada como a Unidade se envolveu na organização do campeonato e em nome do Comandante da Instrução e Doutrina, Tenente-General António Correia, agradeceu a prestimosa colaboração da FTP e da CMM no CDM de Duatlo BTT 2013 – Fase CID.

XXII Torneio Internacional de Tiro de Tavira

Realizou-se, no fim-de-semana de 13 e 14 de abril, o XXII Torneio Internacional de Tiro de Tavira, que decorreu na carreira de tiro do Regimento de Infantaria N.º1 (RI1).

A prova teve a participação de cerca de meia centena de atiradores portugueses e espanhóis.

O vencedor do trofeu da cidade de Tavira foi o Tenente-Coronel ADMil António Godinho dos Santos, da Equipa de Tiro do Exército, por ter obtido o primeiro lugar em pistola a 25 metros, e dois segundos lugares nas modalidades de pistola de ar a 10 metros e em pistola de grosso calibre.

Na cerimónia de encerramentos, que decorreu na Sociedade de Tiro de Tavira, estiveram presentes os representantes da Câmara Municipal de Tavira, da PSP de Faro, da Federação Portuguesa de Tiro e o Comandante do RI1.

Escolas seculares ao serviço da educação

COLÉGIO MILITAR

1º Ciclo Misto/Externato (Novo)
Ensino Básico e Secundário
Masculino/Internato e Externato
Feminino/Externato
Contatos: Tel. 217 104 035 Tel. Militar 425 436
candidaturas@colegiomilitar.pt

INSTITUTO dos PUPILOS do EXÉRCITO

Ensino Básico e Profissional
Masculino/Internato e Externato
Feminino/Externato
Contatos: Tel. 217 713 843
Móvel 918 211 197 Tel. Militar 413 543
Impe.candidaturas@mail.exercito.pt

INSTITUTO de ODIVELAS

Ensino Básico e Secundário
Feminino/Internato e Externato
Contatos: Tel. 219 335 842 Tel. Militar 426 245
io.secrescolar@mail.exercito.pt

EXCELÊNCIA PRESTÍGIO VALORES

EXÉRCITO

RECRUTAMENTO

O FUTURO É AQUI...

www.exercito.pt 800 20 12 74 recrutamento@mail.exercito.pt

O repentino golpe de mar apanhara desprevenido o jovem Zagalo, que se viu atirado pela borda fora, caíndo num mar revolto...

É o Zagalo, coitado! Temos de o recolher depressa!

Cassem a vela! Vamos bolinar!

Mas a brisa soprava rija e não era possível deter a marcha da barca. Mestre Sota fez a "Bonita" descrever uma larga curva, procurando navegar à bolina*...

Ó do navio! Aqui!

Sob a manobra de Mestre Sota, "Bonita" colocou-se na posição para recolher o pobre náufrago...

Fernandes! Prepara uma corda! Vamos apanhá-lo na passagem!

?!

Céus!

Ó do navio! Por aqui!...

*Navegar à bolina - avançar contra o vento.

AAHH!

Valha-nos Deus! Foi abocanhado pelo tubarão!

ACUDAM!...

AGARRA!

O que fiz a seguir foi uma insensatez. Mas não fui capaz de fazer outra coisa...

PUXEM DEPRESSA, RAPAZES!

Felizmente para mim, o Lacerda e a sua bésta estam atentos à situação...

Um virotão certeiro foi cravar-se no tubarão, afugentando-o e salvando-me a vida...

Foi um bom esforço, Fernandes. Mas foi inútil. O pobre do Zagalo já está morto! Foi melhor para ele assim...

Sepultámos o pobre Zagalo nas profundezas do Grande Oceano, acompanhado das nossas preces. Mas a inquietação alastrara no espírito da marinhagem...

Acho que já chega de sofrimento, rapazes! Temos de mudar de rumo e regressar a Lagos antes que seja tarde demais!

Pois sim, mestre Gaspar. Mas como é que pensa convencer o capitão Gil Eanes?

Se calhar nem vai ser preciso!

Com a pedrada que ele apanhou nas Canárias não está em condições de comandar coisa nenhuma!

Assim, basta apertar o mestre Sota, o piloto. Ele é um homem cordato. Vai ouvir-nos de certeza!

Cá por mim, 'tou d'acordo! Já deito esta história do Bojador pelos olhos!

Na manhã seguinte...

Mestre Sota! A companha decidiu que está na hora de regressarmos a Lagos! Antes que esta malfadada história do Bojador acabe em desgraça, mete proa a norte!

Para lá com essas parvoeiras, Gaspar! Sabes tão bem como eu que a nossa missão é dobrar o cabo Bojador!

Sota! Vê se metes juizo nessa cabeçorra, homem! Que poderes julgas tu que tens para nos obrigares a continuar com esta maluqueira, anh?

Eu sou apenas o piloto! E como piloto só recebo ordens do capitão! E as ordens dele são para manter o rumo!

Mas o capitão 'tá incapacitado, poça! Não 'tá em estado de comandar a "Bonita"! A maioria da companha que regressar! Muda de rumo!

Apoiado!

Só recebo ordens do capitão, já disse! E o capitão é o senhor Gil Eanes, não és tu!

Mas agora não há aqui capitão nem coisa nenhuma, poça!!

Está enganado, mestre Gaspar! O capitão está aqui!

€2.00 (IVA incluído)

Ano LIV – n.º 628
MAIO/JUNHO DE 2013

jornal do Exército

Reprise da Escola de Mafra

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Oferta Exclusiva

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Capa

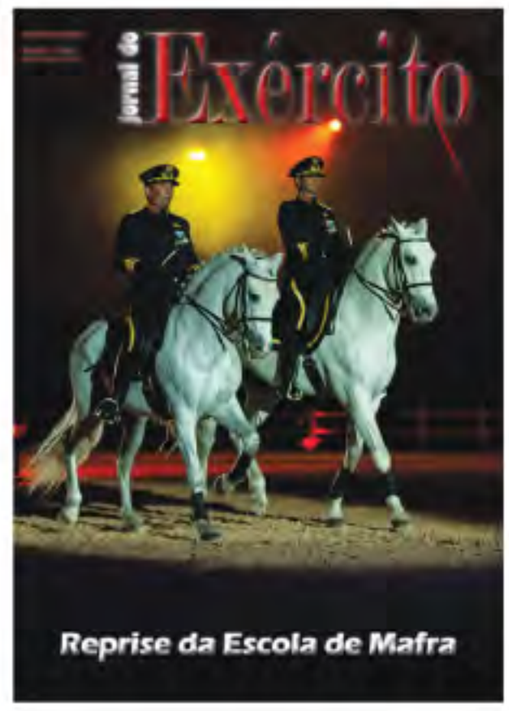


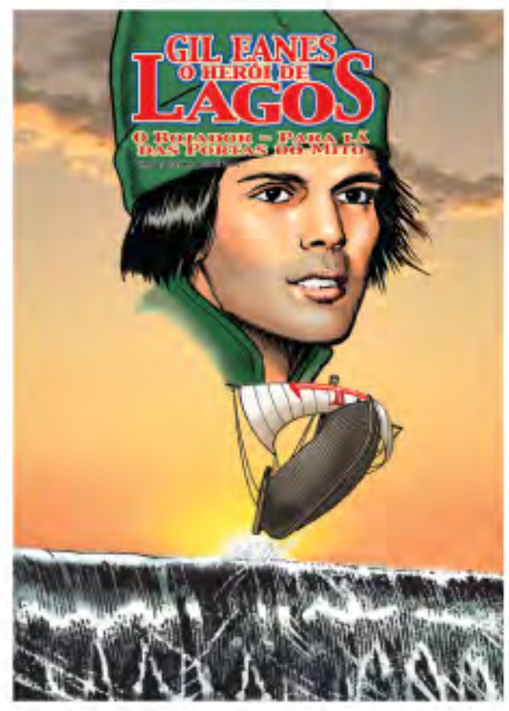
Foto: CMEFD

Monumento com História Militar Quartel do Regimento de Lanceiros Nº 2 – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
60 anos de Finabel – 16
Exercício "RELÂMPAGO 13" – 36
Procissão de Nossa Senhora da Saúde – 37
Um dia no Projeto 8 Cooperação Militar Portugal–Moçambique – 40
Cultura, Desporto e Lazer – 43

A "Reprise da Escola de Mafra" em "El Jadida", no Reino de Marrocos/2012 – 18

Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional em visita à BrigMec – 38

Operação Overlord – O Dia D – 24

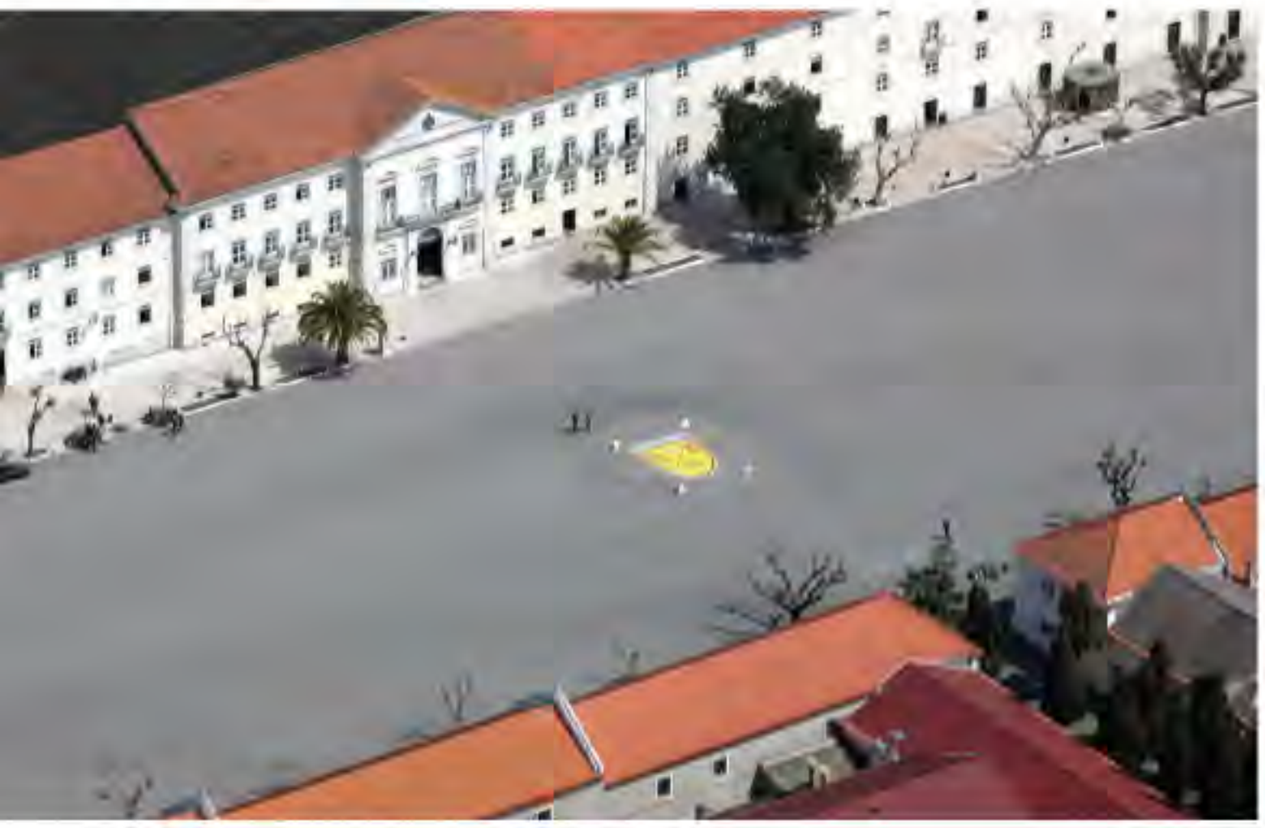


Suplemento Banda Desenhada: "Gil Eanes – o Herói de Lagos"
Pág: XLI a XLIV

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Ass. Téc. Arminda Vitorino; **REDAÇÃO - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatora:** Alferes RC Filipa Domingos; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; EXECUÇÃO GRÁFICA - Sersilito - Empresa Gráfica Lda. -Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

Quartel do Regimento de Lanceiros Nº 2



Quem passa na velha Calçada da Ajuda, na freguesia de Belém, em Lisboa, dá facilmente conta do enorme edifício no interior de um quartel do Exército. No entanto poucas pessoas conhecerão em pormenor o seu interior, e a história de uma unidade que há quase 180 anos se encontra aí alojada.

O Regimento de Lanceiros Nº 2 ocupa o seu atual quartel desde 1834, ano em que pela restruturação do Exército por D. Pedro IV, lhe foi atribuído estas instalações e a designação de Regimento de Cavalaria Nº 2. Apesar de estar armado de lança desde a data da sua organização, só com o decreto de 26 de novembro de 1844 é que passaria a ter a denominação de Regimento de Cavalaria Nº 2 - Lanceiros da Rainha.

Segundo Christovam Ayres, o edifício onde se encontra aquartelado o Regimento, tinha sido mandado erigir pelo Marquês de Pombal para alojar uma Guarda de Corpo a Cavalo. A sua edificação nesta zona de Belém fazia todo o sentido, devido à proximidade dos palácios de Belém, e das Necessidades e da quinta da Ajuda, residência de verão da Casa Real.

O projeto, da autoria do engenheiro militar Coronel Oliveira Rego, terá sido iniciado no fim da década de oitenta do séc. XVIII, porque, num relatório datado de 21 de maio de 1791, elaborado pelo arquiteto responsável pelo projeto, é referido que Sua Majestade (Príncipe Regente D. João VI) tinha dado ordens para que fossem interrompidas as obras do futuro edifício do Quartel da Guarda de Corpo. Uma série de questões, muito pertinentes, são formuladas por José Manuel de Carvalho Negreiros e vão desde o número de soldados que se querem aquartelar, passando pelo número de cavalos a colocar em cavalariças e que estas têm de estar construídas separadas do alojamento dos soldados.

Este aquartelamento foi o primeiro quartel construído em Portugal, destinado a uma unidade de cavalaria, em que os alojamentos para os militares, estavam fisicamente separados dos alojamentos dos solípedes.

Entrando hoje pela Porta de Armas, do lado esquerdo, deparamo-nos com um majestoso edifício de forma retangular, de três andares com 117 janelas e 18 portas, tendo ao centro uma imponente entrada e que dá acesso à zona nobre do edifício. Do lado esquerdo podemos ver dois longos edifícios de um só piso e que hoje se encontram separados a meio por um arruamento. Estes edifícios eram as cavalariças da unidade.

Detenhamo-nos no edifício principal, que apesar de algumas alterações, pouco mudou do seu traçado inicial. A sala dos Comandantes, assim como a biblioteca apresentam interessantes silhares de azulejos, do séc XVIII, contemporâneos da construção inicial do edifício. O gabinete do comandante decorado com secretárias Luís XVI e sofás de pele estilo inglês.

Também o gabinete do comandante do Grupo de Policia do Exército (encargo operacional da unidade), tem as paredes revestidas a meia altura em "boiserie" e o restante com um discreto mas muito bonito papel de parede.

Ainda no edifico principal, está a messe e sala de refeições dos oficiais. Alojada no que foram as antigas cozinhas regimentais, é uma sala com um enorme "pé alto" e onde ainda hoje se podem ver parte das antigas chaminés. Decorada com mobiliário D. José, tem pendurado nas suas paredes duas lindíssimas mantas de Portalegre com motivos militares.

A primeira planta conhecida da área edificada do Regimento, é do Atlas Topográfico de Filipe Folque de 1856.

Felizmente até à presente data, podemos constatar pelas plantas e fotografias existentes, que o edifício principal não sofreu grandes alterações estruturais na sua fisionomia externa, tendo sido apenas retiradas os corta fogos existentes no telhado, quando se fez a placa em betão que separa o último andar do sótão. Quanto aos edifícios à volta da parada, as antigas cavalariças, também mantêm a sua traça original no que diz respeito ao seu aspeto exterior tendo, como já foi referido anteriormente, desparecido uma parte central, para dar lugar a um arruamento que levava a um segundo portão de entrada para o Regimento. No lado direito e esquerdo desse arruamento foram construídos dois picadeiros e que estão hoje transformados em ginásio e refeitório geral da unidade (refeitório das legendas).

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Quando lerem este editorial, parte dos nossos leitores estarão de férias, outros já as terão gozado e outros haverá que anseiam por esse momento, para estarem junto das suas famílias e amigos. Para todos desejamos boas férias! Os militares ilustram bem este paradigma: enquanto uns cumprem as suas missões, nos variados Teatros de Operações, outros preparam-se, em instrução, para o fazer; entretanto, outros gozam o merecido descanso, o designado "descanso do guerreiro". O Exército nunca tem férias, há sempre o render da sentinela, para que o alerta seja permanente e a proteção da nossa soberania seja contínua, noite e dia, todos os dias da semana, durante os 365 dias do ano.

Muitas vezes se põem em causa as missões que cabem às Forças Armadas, mas de vez em quando assistimos a reflexões positivas dos mais altos responsáveis nacionais e estrangeiros, quanto à Segurança e Defesa da soberania dos Estados. Antonio Tajani, vice-presidente da Comissão Europeia, e Michel Barnier, comissário europeu, trazem a público as suas preocupações: "Os 11 anos de presença militar no Afeganistão, as intervenções na Líbia e no Mali e a mobilização das nossas Forças Armadas para fazer face às catástrofes naturais mostram que as questões de segurança e defesa estão longe de ser teóricas. As lacunas ao nível das capacidades nas últimas intervenções ilustram veementemente a urgência de restabelecer as ferramentas da preservação da nossa autonomia estratégica, face a novas ameaças. Será que podemos afirmar que, atualmente, a coordenação entre os países europeus, a nossa capacidade de planeamento e de antecipação e a mutualização dos meios de que dispomos são suficientes? Naturalmente que não." Mais adiante acrescentam "O nível dos orçamentos nacionais de defesa corre o risco de descer abaixo de um limiar crítico para a manutenção das capacidades militares e industriais. Uma política de defesa mais integrada deverá permitir-nos preservar estes instrumentos da nossa eficiência e da nossa autonomia estratégica [...] Chegou, pois, o momento de agir [...] É esse o desafio do Conselho Europeu, de dezembro próximo, que os chefes de Estado e de Governo decidiram dedicar à Defesa."

É neste espírito que foi criada a FINABEL, um forúm multinacional que visa promover e desenvolver a interoperabilidade das capacidades das forças terrestres europeias, com vista a optimizar a eficiência operacional das mesmas, conforme consta no artigo, publicado neste jornal, da responsabilidade da Direção de Doutrina do Comando de Instrução e Doutrina do Exército, por ocasião dos "60 anos de FINABEL".

Oferecemos também aos nossos leitores um artigo sobre a "Reprise da Escola de Mafra", da autoria do Sargento-Ajudante de Infantaria Luís Filipe de Sousa Matos, que constitui um verdadeiro tributo à arte equestre militar, aos cavaleiros e aos cavalos, com destaque para os cavalos puro-sangue lusitano, conforme ilustra a frase do Coronel de Cavalaria Miguel Cabedo, que foi nosso instrutor de equitação na Academia Militar: "Está, portanto, garantida a continuidade da Reprise da Escola de Mafra, ainda com maior prestígio e projecção, por se apresentar com cavalos de produção nacional, que desde a antiguidade foram escolhidos para, dado o seu valor estético, celebrar, em estátuas, vários chefes militares". Alexandre Correia Gonçalves, *designer* gráfico, ilustrador e escritor, relembra-nos a "Operação Overlord - O Dia D", ou, como ficou conhecido para a História, O Dia mais longo da II Guerra Mundial - 6 de junho de 1944, ilustrado com fotografias e documentos da época.

Destacamos, ainda, a visita à Brigada Mecanizada, no passado 16 de maio, da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Dra. Berta Cabral, por ocasião do *Live Fire Exercise* (LFX), do Exercício "ROSA BRAVA 13". Continuamos com mais quatro páginas do extraordinário trabalho de José Pires, "Gil Eanes - o Herói de Lagos".

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

Cerimónia do Juramento de Bandeira dos Alunos do 1º Ano da Academia Militar

Inserido no planeamento anual de atividades, a Academia Militar (AM) levou a efeito, em 31 de maio, na parada "Coronel Gentil Bessa", no Aquartelamento da Academia Militar na Amadora (AAMA) a cerimónia de imposição da Insígnia de Membro Honorário da Ordem da Instrução Pública ao Estandarte Nacional e a cerimónia do Juramento de Bandeira dos Alunos do 1º Ano do Curso "General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva".

Acontecimento repleto de simbolismo e relevância na tradição castrense, momento inolvidável e do mais profundo significado na vida dos jovens que, um dia, decididamente, optaram por servir Portugal como Oficiais dos Quadros Permanentes do Exército e da Guarda Nacional Republicana.

Presidiu à cerimónia o Ministro da Defesa Nacional (MDN), Dr. José Pedro Aguiar-Branco que recebeu, à sua chegada às instalações do AAMA, as honras militares regulamentares.

A cerimónia militar iniciou com a continência ao MDN pelas Forças em Parada, comandadas pelo Coronel de Infantaria Paulo Emanuel Maia Pereira, Comandante do Corpo de Alunos.

De seguida, foi integrado na Formatura Geral, o Estandarte Nacional à guarda da AM.

Seguidamente o Comandante da AM, em regime de substituição, Major-General António José Pacheco Dias Coimbra, proferiu algumas palavras alusivas à cerimónia.

Terminada a alocução, todos os presentes assistiram à

Imposição da Insígnia de Membro Honorário da Ordem da Instrução Pública do Estandarte Nacional da Academia Militar, pelo MDN.

Após uma alocução do Comandante do 1º Batalhão de Alunos, Tenente-Coronel de Infantaria Antunes, e a leitura dos Deveres Militares, decorreu o ato solene do Juramento de Bandeira dos Alunos do 1º Ano.

De seguida, as forças em parada desfilaram perante o Ministro e os ilustres convidados presentes, após o que se realizou a atuação da Banda do Exército, que abrilhantou o evento. O programa da cerimónia terminou com a demonstração de atividades Gímnico-desportivas.

Ministro da Defesa Nacional em visita à EPI e CMEFD

A Escola Prática de Infantaria (EPI) recebeu a visita do Ministro da Defesa Nacional (MDN), Doutor José Pedro Aguiar-Branco, em 9 de maio. Contou ainda, com a presença do Chefe de Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro e restantes elementos da estrutura de comando do Exército.

Do programa desta visita salienta-se a cerimónia de Homenagem aos Mortos pela Pátria, onde o MDN depositou uma coroa de flores junto à placa evocativa dos mortos em combate; o *briefing* sobre a implementação da Escola das Armas em Mafra e a visita às instalações da Escola e do Centro Militar e Educação Física e Desportos onde serão implementadas as diferentes unidades e departamentos da Escola da Armas.

Após a reunião na EPI, o programa incluiu ainda uma visita à Tapada de Mafra, local de treino privilegiado desta escola.

Em 1887 foi criada a Escola Prática de Infantaria e Cavalaria em Mafra, tendo em 1890 passado a funcionar autonomamente, as duas Escolas. Desde a sua criação a EPI está sediada no Convento de Mafra, cuja presença militar data de 1809, ao tempo da terceira Invasão Francesa.

Comemorações do Dia da Cavalaria

No dia 17 de abril, comemoraram-se no Quartel de São Lourenço em Abrantes, o Dia da Cavalaria e o 123º aniversário da sua Escola Prática. A Escola Prática de Cavalaria (EPC) foi criada pelo Decreto de 17 de abril de 1980, data que ficou consignada ao Dia da Unidade. Ao longo dos seus 123 anos de existência esteve localizada sucessivamente em Vila Viçosa, Torres Novas e Santarém, ocupando atualmente as instalações do Quartel de São Lourenço em Abrantes.

A cerimónia comemorativa foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, tendo contado com a presença de altas individualidades militares e civis, e constou genericamente de uma cerimónia de homenagem aos mortos em combate, seguido das alocuções das seguintes entidades: Comandante da EPC; Tenente-General Diretor Honorário da Arma de Cavalaria e General CEME.

Do programa fez ainda parte a imposição de condecorações e desfile das Forças em Parada (forças apeadas, a cavalo e motorizadas).

Para além da cerimónia militar destacou-se a atuação da Banda do Exército, a inauguração, no interior da EPC, da "Rua Coronel de Cavalaria Vasco Ramires" e a exibição do "Carrossel a Cavalo" da EPC.

Qytetarë Ky Kalim Është I Ndaluar

Narode Ovaj Prolaz Je Zabranjen

Estas expressões, em albanês e sérvio respetivamente, para nós impronunciáveis, significam em português "cidadãos esta passagem está interdita".

Um militar da 23ª Companhia, do 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista, grita através do megafone, em língua inglesa, frases pré-definidas pelas equipas de Operações Psicológicas. Com o precioso auxílio dos intérpretes elas são de imediato traduzidas para a população que se encontra a manifestar no local.

Esta foto foi tirada durante o exercício Pristina 131, na fase final da preparação da força para a Kosovo, realizado ainda em Portugal e em que a força treinava uma típica operação de controlo de tumultos (vulgo CRC – *Crowd and Riot Control*).

177º Aniversário do Dia da Zona Militar da Madeira

Realizou-se em 7 de maio, na Parada "Brigadeiro Aires Martins", da Unidade de Apoio do Comando da Zona Militar da Madeira (ZMM), a cerimónia militar alusiva à comemoração do 177º aniversário da ZMM, presidida pelo representante da República para a Região Autónoma da Madeira, Juiz Conselheiro Irineu Cabral Barreto. A cerimónia contou também com a presença do Presidente do Governo Regional da Madeira, Dr. Alberto João Jardim e do Chefe do Estado- Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro.

Inserido nas comemorações, decorreu ainda, no dia 6 de maio, no Centro de Congressos do Casino da Madeira, o concerto comemorativo do Dia do Comando da ZMM, com a participação da Banda Militar daquele arquipélago, chefiada pelo Sargento-Chefe Emídio Costa, em parceria com o Conservatório – Escola das Artes – Engenheiro Luiz Peter Clode, Grupo Coral da Casa do Povo da Camacha e os artistas Professor Filipe Teixeira e Joana Ferreira (I Parte), e da Orquestra Ligeira do Exército, chefiada pelo Major João Basílio (II Parte).

37 º Aniversário do Regimento de Engenharia Nº 3

No dia 13 de maio, decorreram, em Espinho, as cerimónias comemorativas do 37º aniversário do Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3), presididas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro.

O programa das comemorações iniciou-se com a prestação das honras regulamentares à chegada do Comandante do Exército, após o que se seguiu a cerimónia militar.

Seguidamente, e integrado no programa, decorreu a exposição do livro "O Real Archivo Militar – Vol II", da autoria do Coronel de Engenharia José Eduardo Caixaria, antigo Comandante do RE3.

Uma vez mais, as cerimónias contaram com a presença de outras altas individualidades militares e dos representantes das instituições civis da região de Espinho, emprestando assim o merecido brilho e solenidade à efeméride.

Comemoração do Aniversário do Comando de Instrução e Doutrina

Decorreram no dia 15 de maio, no Quartel dos Castelos em Évora, as cerimónias comemorativas do 7º aniversário do Comando da Instrução e Doutrina, presididas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro.

Marcaram também presença os representantes das principais instituições da cidade de Évora, nomeadamente da Câmara Municipal, da Diocese de Évora e da Universidade.

Do programa destacam-se a celebração da Missa, a tradicional e sentida Homenagem aos Mortos em Combate, tendo terminado o programa com a sessão solene evocativa da efeméride.

Comemorações do Dia da Escola de Tropas Paraquedistas

Festejou-se no dia 23 de maio mais um aniversário da Escola de Tropas Paraquedistas (ETP).

O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, associou-se às comemorações, presidindo à cerimónia militar evocativa da fundação da "casa-mãe" dos Paraquedistas portugueses.

Num dia que marca, tradicionalmente, a reunião de muitos, dos mais de 45000 militares e ex-militares, que orgulhosamente ostentam o Brevet de paraquedista-militar e a correspondente Boina Verde, o General CEME foi recebido com as honras militares regulamentares, após o que presidiu ao programa das comemorações. Do referido programa destacam-se, para além da cerimónia militar, a tradicional apresentação das Associações de Antigos Militares Paraquedistas, a cerimónia de imposição dos "Grifos de Honra" e as demonstrações de atividades aeroterrestres e cinotécnicas.

Após a cerimónia, o General CEME teve a oportunidade de visitar a exposição estática guarnecida com os principais equipamentos aos dispor da ETP, terminando o programa com o descerramento da placa de homenagem à Engenharia Militar, colocada na Porta de Armas do antigo Quartel do Batalhão de Pontoneiros, que foi cedido para a criação do Aquartelamento do Batalhão de Caçadores Paraquedistas, inaugurado a 23 de maio de 1956, que se constituiu como a primeira Unidade Paraquedista portuguesa.

Pupilos do Exército comemoram 102 anos de existência

O Instituto dos Pupilos do Exército (IPE) comemorou no passado dia 25 de maio o seu 102.º aniversário. As cerimónias decorreram nas instalações da primeira secção e prolongaram-se pelo dia 26 com o tradicional desfile dos Restauradores até à Praça da Figueira, terminando com a celebração eucarística de ação de graças na Igreja de S. Domingos (Rossio), transmitida em direto pela TVI.

Muito honrou o Instituto a presença de uma delegação do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), cujos alunos marcharam ao lado dos seus camaradas do outro lado do Atlântico, perfeitamente integrados no Batalhão do IPE. Os laços entre as duas instituições têm vindo a consolidar-se ao longo dos anos. Tais laços visam o intercâmbio de experiências, a aprendizagem mútua e a partilha de formas de vida institucional que muito enriquecem ambas as instituições.

É de salientar a alocução do diretor do IPE, Coronel João Augusto de Miranda Soares, durante a cerimónia de 25 de maio, presidida pelo Comandante da Instrução e Doutrina, Tenente-General Francisco António Correia. Sustentou o diretor do IPE, a necessidade de o Instituto permanecer uma escola de elevada qualidade, com um projeto educativo vincadamente distinto. Através do ensino técnico-profissional, o Instituto pretende assegurar a mobilidade social vertical e desenvolver valores de cidadania que promovam uma educação aberta às diferenças e tolerante em relação aos outros, bem como a aprendizagem mútua. Sublinhou igualmente, como fator positivo, o incremento muito significativo do número de candidatos e de alunos admitidos no ano letivo de 2012-2013. Tal resultado, que se espera tenha continuidade nos próximos anos, imprime uma promissora dinâmica à Instituição.

A cerimónia prosseguiu com a entrega da Barretina de Honra a alguns antigos alunos bem como ao CMPA. Tal distinção visa galardoar todos aqueles que prestaram altos serviços à comunidade, elevando assim o conceito da divisa "Querer é Poder". Ao IPE foi imposta a medalha de comemoração do centésimo aniversário do CMPA, por forma a "perenizar a identidade de objetivos e de fazeres educacionais, bem como os intensos laços de amizade que unem as [duas] instituições".

"Liderança, Segurança e Defesa na sociedade em rede"

Decorreu no dia 29 de maio, no Aquartelamento da Academia Militar da Amadora, o 7º Simpósio Internacional subordinado ao tema "Ciberespaço: Liderança, Segurança e Defesa na Sociedade em rede".

O evento, que resultou da colaboração entre o Centro de Investigação, Desenvolvimento e Investigação da Academia Militar (CINAMIL), o Gabinete Nacional de Segurança (GNS) e o *Competitive Intelligence and Information Warfare Association* (CIIWA), teve como tema principal a Estratégia de Informação Nacional (EIN) e contou com a intervenção de reputados especialistas, nacionais e estrangeiros, ligados a esta área.

A sessão de abertura, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, contou com a intervenção do General Loureiro dos Santos que abordou o tema "Ciberespaço: Um novo domínio Estratégico, Mediático e Global".

Durante o dia, os trabalhos decorreram em três painéis, subordinados aos temas "Informação, Decisão e Liderança na Sociedade em Rede"; "Informação e Gestão das Perceções" e "Estratégia Nacional de Cibersegurança e Ciberdefesa", tendo decorrido ainda duas sessões paralelas que tiveram como temas o "Desenvolvimento de Capacidades: Projetos e Iniciativas" e "Empreendedorismo de Base Tecnológica".

A Sessão de Encerramento foi presidida pela Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Doutora Berta Cabral.

Abertura do "Espaço Memória" do Supremo Tribunal Militar, no Palácio "Marquês do Lavradio"

Realizou-se no dia 29 de maio, na Direção de Infra Estruturas, no Palácio "Marquês do Lavradio", a cerimónia militar de abertura do "Espaço Memória" do Supremo Tribunal Militar (STM), espaço criado com a intenção de evocar a importância do antigo STM na administração da justiça no seio das Forças Armadas e de preservar a sua memória, uma vez que o STM, criado pela reforma judicial de 1875, foi extinto pela Lei nº 100/2003 de 15 de novembro, que aprovou um novo Código de Justiça Militar e que levou ao seu encerramento.

A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, contando com a presença do Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General Campos Gil, bem como de antigos Presidentes, Juízes e outras entidades ligadas ao extinto STM.

No final da sessão solene, os convidados visitaram antigas instalações do STM, a Sala dos Passos Perdidos e a Sala de Audiências dos Tribunais Territoriais, desfrutando do prazer de recordarem momentos em que, nesses espaços, serviram a justiça militar.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA • 2,00 **ASSINATURA ANUAL (11 números):** VIA SUPERFÍCIE - **Portugal Cont. Madeira e Açores** • 20,00; VIA AÉREA - **Países europeus** • 45,00; **Restantes Países** • 65,00. NOTA: **As assinaturas devem ser pagas antecipadamente**
NÚMEROS ATRASADOS - 1960 a 1969 • 4,50; **1970 a 1979** • 4,00; **1980 a 1989** • 3,00; **1990 a 2001** • 2,50; **2002** a **2012** • 2,00.
Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO • 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: **1000/2000** • 4,21; **3000/8000** • 5,79; **Açores** e **Madeira** • 6,56.

Zona Militar dos Açores nas Festividades do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Realizaram-se entre os dias 4 e 9 de maio, na ilha de São Miguel, nos Açores, as festas em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Pela sua dimensão e centralidade, assumem-se como as maiores e mais importantes festas religiosas deste arquipélago e constituem uma das maiores e mais antigas devoções que se realizam no nosso País.

Um dos momentos mais marcantes é a Procissão da Mudança da Imagem do "Ecce Homo", que sai do coro baixo do Convento da Esperança para a igreja anexa, num trajeto à volta do Campo de São Francisco, onde centenas de devotos do Santo Cristo percorrem de joelhos o empedrado do campo, em pagamento de promessas.

A Zona Militar dos Açores (ZMA), à semelhança de anos anteriores, participou nas referidas comemorações, efetuando uma Guarda de Honra com uma Companhia a dois Pelotões do Regimento de Guarnição Nº 2 e Banda Militar dos Açores, tendo prestado honras militares à passagem da imagem em frente ao Forte de S. Brás. Paralelamente, a Polícia do Exército executou uma formatura de Alas no Átrio da Igreja da Nossa Senhora da Esperança.

As festividades culminaram no dia 9 de maio com um concerto de encerramento, realizado pela Banda da ZMA no Campo de S. Francisco, em Ponta Delgada.

Rohde & Schwarz -
na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Colégio Militar tem novo Diretor

Em 29 de abril, decorreu no Colégio Militar a cerimónia de tomada de posse do seu novo Diretor, o Coronel Tirocinado de Artilharia José António de Figueiredo Feliciano, de 51 anos de idade, com 33 anos de serviço.

Do programa constou a receção, na Biblioteca, por uma representação de Oficiais, Professores, Sargentos, Praças e Funcionários Civis e de seguida, nos Claustros, foi lido o Despacho de Nomeação e o currículo vitae do novo Diretor perante a formatura do Batalhão Colegial.

Ao longo da sua carreira serviu em diversas Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército. Antes de assumir as funções de Diretor do CM, o Coronel Tirocinado José António de Figueiredo Feliciano, desempenhava funções como Chefe do Departamento de Estudos Pós-Graduados da Academia Militar.

Atualmente doutorando em História, Defesa e Relações Internacionais, está habilitado com os cursos curriculares de carreira e cursos de qualificação militar, como é o caso do Curso de Promoção a Oficial General e de Auditor de Defesa Nacional.

Exercício CRATOS 13

No período de 7 a 9 de maio, decorreu no Regimento de Infantaria Nº 10 o Exercício "CRATOS 13", Exercício Final de Aprontamento da Unidade de Controlo de Tumultos (*Crowd and Riot Control* – CRC) da Brigada de Reação Rápida (BrigRR). Esta força de tarefa foi constituída, tendo por base a 21ª Companhia de Infantaria Paraquedista, pertencente ao 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista.

O Exercício teve como finalidade a certificação da Força, nos termos das diretivas e objetivos definidos superiormente. A audiência de treino participou num cenário o mais completo e realista possível e com características idênticas às atualmente verificadas, quando do emprego de uma Unidade de Escalão Companhia (UEC) em operações de CRC na missão KFOR do KOSOVO.

Colaboração entre o Instituto Geográfico do Exército e o Centro Geográfico *del Ejército de Tierra Espanhol*

Os trabalhos de manutenção da fronteira luso-espanhola, executados conjuntamente por uma equipa do Instituto Geográfico do Exército português e outra do Centro Geográfico *del Ejército de Tierra Espanhol*, tiveram início no dia 13 de maio.

Os trabalhos planeados para este ano serão realizados em duas fases, de 13 de maio a 21 de junho e, previsivelmente, de 9 a 20 de setembro, sendo verificado o troço compreendido entre o marco W1 (foz do rio Minho) e o marco 121 (no concelho de Montalegre), perfazendo a verificação de aproximadamente 741 marcos geodésicos.

O referido troço da fronteira revela-se de grande dureza, em virtude da orografia montanhosa da região (Serra da Peneda, Serra Amarela e Serra do Gerês) e da falta de acessos junto à linha de fronteira, tendo esta que ser percorrida a pé em grande parte da sua extensão.

Nos dias 17 e 18 de maio, as condições atmosféricas foram bastante adversas, o que não era previsível face à altura do ano em que se realizaram mas, apesar das adversidades, foi cabalmente cumprido o plano de trabalhos já delineado.

Observadores da Argélia e da Tunísia em Santa Margarida

No âmbito do Plano de Cooperação Bilateral 2013/2014 entre Portugal, a República Democrática e Popular da Argélia e a República da Tunísia, a Brigada Mecanizada (BrigMec) recebeu, entre os dias 7 e 12 de maio, uma delegação de oficiais dos dois países com a finalidade de observarem o "EXERCICIO ROSA BRAVA 13", cujo cenário se desenvolveu num conflito de alta intensidade no quadro evolutivo da escalada da violência numa operação de manutenção de paz.

Durante a sua permanência na BrigMec, para além da organização da Brigada e contacto com os principais sistemas de armas, os oficiais visitantes tiveram a oportunidade de observar a consecução de várias tarefas desenvolvidas pelas unidades da BrigMec, designadamente, planeamento e execução de tarefas primárias no quadro das operações ofensivas, num ambiente operacional caracterizador dos conflitos de alta intensidade.

No domínio cultural, as duas delegações visitaram os principais locais históricos e turísticos da região, atividade cultural que contou com o prestimoso apoio das autoridades e organismos locais.

No final, a comitiva de observadores teve oportunidade de expressar ao Comandante da BrigMec, Major-General António Menezes, o seu reconhecimento pelo modo como foram recebidos, sublinhando a proficiência e prontidão das tropas que servem o Exército Português na Brigada e que elevam o nome de Portugal.

Exército Português presente no salão internacional de Proteção e Segurança SEGUREX 2013

Decorreu durante o período de 7 a 11 de maio na Feira Internacional de Lisboa, o Salão Internacional de Proteção e Segurança SEGUREX 2013, em que o Exército Português marcou presença no expositor atribuído ao Ministério da Defesa Nacional.

O certame abrangia os sectores da segurança de pessoas e bens, segurança no trabalho, proteção e combate a incêndios, socorro e salvamento, segurança na circulação e nos transportes, informática e comunicações, tendo o Exército participado com o Instituto Geográfico do Exército (IGeoE), Brigada de Intervenção (BrigInt), Centro de Tropas Comando (CTC) e Centro de Recrutamento de Lisboa.

O IGeoE divulgou os seus produtos cartográficos, bem como o seu mais recente projeto – o Sistema de Informação Geográfica para Operações Militares (SOGOpMil), aplicação que se reveste de fundamental interesse para o Exército, com a finalidade de preparar e conduzir operações militares, podendo igualmente ser um fator determinante na operacionalização de meios de proteção e segurança, como são exemplos o planeamento e conduta de apoio a catástrofes, preparação das várias ações no âmbito da prevenção e treino, planeamento de deslocamentos, avaliação da extensão ou previsão da área de danos causados por intempéries, entre outros. Quer a BrigInt quer o CTC apresentaram as viaturas que atualmente as equipam, respetivamente a viatura PANDUR 8X8 VCB e a viatura Land Rover DEFENDER 130 4X4 SOV.

60 anos de Finabel

Nota introdutória

A Finabel constitui-se num fórum multinacional que visa promover e desenvolver a interoperabilidade das capacidades das forças terrestres Europeias, com vista a otimizar a eficiência operacional e cuja missão consiste em:

"*Promover a interoperabilidade das forças terrestres em todo o espetro das operações, tendo por base a harmonização de conceitos, doutrinas e procedimentos, bem como o ambiente conjunto e as lições aprendidas*".

O seu 60.º aniversário foi celebrado no passado dia 16 de abril, data em que os Chefes de Estado-Maior (CEM) do Exército das nações Europeias participantes se reuniram em Bucareste, capital da Roménia. No evento esteve presente o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, acompanhado pelo Diretor de Doutrina do Exército (e Perito Militar Principal do Exército na Finabel), Major-General José Alberto Martins Ferreira.

A organização foi fundada em 1953 por cinco nações (França, Itália, Holanda, Bélgica e Luxemburgo), cujas letras iniciais deram origem à designação FINBEL (posteriormente FINABEL com a adesão da Alemanha em 1956 – à época a língua de trabalho era o francês, donde ser usada a versão francesa do nome, *Allemagne*). Posteriormente com a entrada de novos membros, a organização optou por manter a mesma designação mas apenas com a inicial em maiuscula.

Inicialmente vocacionada para cooperação em programas de armamento, a Finabel derivou para a harmonização de doutrina da componente terrestre com base na premissa de ser necessária uma visão comum do emprego de forças terrestres antes da partilha de capacidades.

Os estatutos da Finabel estão inscritos na sua Carta – Carta da Finabel – que enquadra e regula todos os aspetos relativos à política, estrutura e âmbito da atividade. Este documento foi já revisto por diversas ocasiões, a última das quais no ano de 2011, em Roma, durante a reunião anual do Comité de CEM.

DESIGNAÇÃO	ACRÓNIMO	ÁREA DE ESTUDO
FORCE DEVELOPMENT	SWG FDE	• Visão Prospetiva/Longo Prazo
KNOWLEDGE	SWG KNO	• Comunicações e Sistemas de Informação • Informações
ENGAGEMENT	SWG ENG	• Combate • Proteção • Treino
MANOEUVRE	SWG MAN	• Sustentação Logística • Projeção de Forças

Quadro 1

Em cada revisão da Carta, a Finabel aperfeiçoa a sua estrutura com vista a preparar desafios futuros, o que para além de contemplar aspetos organizacionais, tem por base a análise prospetiva relativamente ao contexto estratégico internacional, regional europeu e global, no quadro do emprego das forças terrestres europeias em operações conjuntas e combinadas.

São 17 as nações[1] europeias que já se associaram, encontrando-se ainda aberta a adesão aos restantes países que integram a União Europeia. A adesão de Portugal ocorreu em 1996, a par com a da Grécia.

Estrutura funcional e atividade

Os diversos representantes nacionais participam regularmente em reuniões aos diferentes níveis internos da Finabel:

Comité de Chefes de Estado-Maior – órgão de mais elevado nível que define objetivos e lidera a organização em regime de presidência anual por sistema de rotatividade;

Comité de Peritos Militares – órgão de assessoria aos CEM traduzindo as suas orientações em ações concretas a desenvolver, ao qual preside em permanência um Major-General do Exército da Bélgica;

Grupos de Trabalho – elaboram os estudos/recomendações.

Esta estrutura de três níveis é apoiada por um Secretariado Permanente sediado em Bruxelas, guarnecido por 4 elementos cedidos pelo Exército da Bélgica sob chefia de um coronel francês.

No quadro da atividade recente, destaca-se o funcionamento de quatro grupos de trabalho permanentes (*Standing Working Groups* – SWG), de acordo com o Quadro 1.

Complementarmente, assiste ainda ao Comité de CEM a possibilidade de ativar outros grupos de trabalho eventuais designados de *Expert Task Groups* – ETG, compostos por especialistas para tratar assuntos específicos.

A atividade da Finabel é assim traduzida sob a forma de estudos, orientações e recomendações relativamente aos quais a Finabel não pretende duplicar esforços ou competir com a NATO nem com as estruturas militares da UE, por quem é reconhecida e com quem pretende manter uma estreita relação de cooperação, conforme é referido na Carta, Ao longo dos seus 60 anos de existência os diferentes grupos constituídos elaboraram mais de 500 trabalhos cujas recomendações podem ser aplicadas diretamente nas doutrinas nacionais.

Nota final

Embora desenvolvendo um trabalho assinalável, existe ainda a consciência generalizada de que a Finabel carece de maior visibilidade externa, atribuindo-se a este facto as dificuldades que tem tido em conseguir atrair os restantes países membro da UE.

Efetivamente, a organização apenas poderá garantir a sua relevância com a produção de trabalhos de reconhecida qualidade e que decorram de uma base de participação tão alargada quanto possível. Mas este não é o único desafio que presentemente enfrenta. Também o quadro de restrições de natureza orçamental partilhado de uma forma geral por todos os países membros constitui matéria corrente de discussão, designadamente a questão dos custos de funcionamento da própria Finabel, pelo que se perspetiva no futuro próximo a transição do esforço assente num sistema de Grupos de Trabalho Permanentes (SWG), para um sistema de Grupos de Trabalho *ad-hoc* (ETG).

Em Portugal, a difusão dos dados sobre a estrutura, delegados e produtos Finabel é feita em permanência através do Portal da Doutrina, na intranet do Exército.

Pode ainda ser consultada informação adicional acerca dos estudos desenvolvidos pela Finabel no website: www.finabel.org.

[1] A partir de 2004 a Finabel decidiu aceitar a integração de qualquer país da União Europeia (UE), uma vez que até essa data apenas os membros da União da Europa Ocidental (UEO) poderiam ser admitidos (Carta Finabel 2011).

Sargento-Ajudante Infantaria Luis Filipe de Sousa Matos*

A "Reprise da Escola de Mafra" A mais antiga escola de equitação portuguesa

Fazendo jus á fama conseguida através de 64 anos de idade e glória, a mais antiga Escola de Equitação em Portugal difundiu, novamente além-fronteiras, a sua doutrina de forma singular e artística.

O Exército Português, Portugal e, por consequência, a Equitação Clássica europeia foram, por várias noites, aplaudidos por milhares de espectadores que, num ambiente próprio de um "Povo de Cavalos", delirou com a coreografia da "Reprise da Escola de Mafra", quer representada a oito, quer a dois pelo já tradicional "Pas de Deux", que novamente reportou a nossa Reprise para o nível das escolas congéneres, evoluindo nos exercícios de "Alta Escola", com a beleza impar dos Puro-sangue Lusitanos.

Pela primeira vez fora do Continente Europeu, deslocou-se desta feita ao Reino de Marrocos, mais concretamente a El-Jadida (antiga Mazagão), para participar na 5ª Edição do "Salon du Cheval d'El Jadida", a qual decorreu no período de 16 a 21 de outubro de 2012, no Hipódromo "SAR Lalla Malika". Com a participação de artistas de vários países, para além dos Marroquinos, este certame contou com inúmeros expositores de coudelarias Marroquinas, "ateliers" interativos, atividades lúdicas, um Concurso Internacional do Puro-Sangue Árabe, venda de cavalos, conferências, um Campeonato Nacional do cavalo Berbere, vários espetáculos de "seleção de números equestres internacionais", onde se incluíram "Soirèes Equestres", um Concurso de Saltos Internacional "3 Estrelas", para além da tradicional e empolgante "Tbourida" que tão bem nos liga aos povos do norte de África, quer na utilização do Cavalo Berbere, e seus similares irmãos de raça (Bético, Andaluz, Ibérico, Peninsular, Pura Raça Espanhola ou Puro Sangue Lusitano), quer na Equitação de Gineta. E daí trouxemos recordações coroadas

de êxito e amigos no coração com "mil e uma noites de magia" dos desertos berberes…aquela que só os povos equestres tão bem conseguem sentir!

O convite para a participação neste certame partiu do principal organizador, o Sr. Maurice Galle. Francês, conhecedor e desde 2007 profundo admirador da "Reprise da Escola de Mafra" – ano em que entendeu convidar o Exército Português a apresentar-se em Avignon – e responsável pela organização de vários espetáculos equestres reconhecidos internacionalmente, tanto na Europa como em África.

Esta apresentação consubstancia um empenho de 64 anos a esta "Causa", o qual se poderá descrever em quatro fases:

I ª FASE: Nascer (Os Pioneiros)

Na década de quarenta, desde a formação do Esquadrão de Equitação em Mafra, na Cerimónia de Encerramento dos Cursos de Equitação, era apresentado um pequeno carrossel, o qual contemplava uma pequena "reprise" de equitação académica, com a transposição de alguns obstáculos, decorrente das medidas de fundo que se entenderam tomar, no sentido de consolidar e uniformizar a doutrina equestre. Entre elas salientam-se a vinda para Mafra de um cavaleiro e militar do Exército Francês, o então Capitão Saint André, o qual, oriundo da École Militaire d`Equitacion de Saumur, trouxe consigo um conjunto de conhecimentos e práticas, bem como a sistematização do seu ensino que, no seu todo, constituía a espinha dorsal da equitação militar francesa.

Este mestre de equitação manteve-se em Mafra durante quatro anos letivos consecutivos, orientando toda a instrução equestre aos cursos de mestres, instrutores e monitores de equitação e tendo merecido de D. Diogo de Bragança - Lafões (in Arte Equestre/Picaria Antiga Equitação Moderna) o seguinte comentário: "Um grande impulso foi realmente dado à equitação superior com a vinda do comandante Saint André … lecionando até 1952, aqui deixou muitos bons alunos, conseguindo com eles formar um carrousel de doze (…) tivemos cavaleiros de altíssima categoria que, além das classificações nas provas, mostravam a sua classe e sabedoria na maneira de conduzir os seus cavalos e muitas vezes exibindo uma «monte» perfeita.".

Em 1949, os então Capitães Fernando Paes e Reymão Nogueira, são enviados a Fontainebleau e Saumur para a frequência de um estágio de cerca de 9 meses. Durante este período, integraram o verdadeiro "ex libris" da Escola Francesa, o "Cadre Noir", em várias apresentações públicas. No final do estágio conquistaram o bastão e as esporas de ouro, deferência que esta escola atribuía aos seus melhores alunos. Mais tarde, com o seu regresso a Portugal, pela vontade férrea do Capitão Fernando Paes e com a orientação do capitão

Saint André, o ensino da Equitação em Portugal assumiu o caráter de verdadeira Escola, a "Escola de Mafra", que passou a ser reconhecida quer a nível nacional quer internacional e desta surgiu, um pouco à imagem do "Cadre Noir", a "Reprise da Escola de Mafra". Em outubro deste mesmo ano deu-se a primeira apresentação pública da Reprise para o Generalíssimo Franco, aquando da sua visita a Portugal e, logo de seguida, em novembro, uma outra no decorrer do concurso Hípico Internacional de Lisboa, no dia do Santo Condestável.

Em 1950 o Depósito de Remonta passou a Escola Militar de Equitação, com a missão de continuar a uniformização do ensino da Equitação em Portugal, onde as apresentações da "Reprise da Escola de Mafra" materializam a expressão máxima de uma doutrina impar no nosso País.

De 1951 a 1961, muitas foram as apresentações e, uma vez mais, uma revista da especialidade (l`Information Hipique/l`Eperon) escreveu o seguinte: "...à imagem do "Cadre Noir" de Saumur, a "Reprise da Escola de Mafra"... foi apreciada e muito elogiada por todos os Chefes de Estado e altos dignatários estrangeiros que visitaram o país durante essa década. Personalidades como a Rainha de Inglaterra, o Xá da Pérsia, o Generalíssimo Franco, por exemplo, deslocaram-se a Mafra a fim de assistirem à exibição da Reprise".

Com a guerra no Ultramar, de 1961 a 1975 a Reprise sofreu um interregno de 14 anos, sendo revitalizada pelo Coronel e Mestre de Equitação, Jorge Mathias.

IIª FASE: Renascer (Coronel Jorge Mathias)

Em 1975, o Comandante do então designado Centro Militar de Educação Física Equitação e Desportos (designação de 1957), Coronel de Cavalaria Jorge Mathias, acompanhado por um grupo de Oficiais e Sargentos com o dinamismo próprio daqueles que vivem épocas de crise, decidiram fazer renascer a "Reprise da Escola de Mafra". No seu livro "Portugal e os seus cavalos", este Oficial referiu: "...é exatamente a "Reprise" de ensino, conhecida pela " Escola de Mafra ", a que maior prestígio tem trazido como manifestação de arte, onde toda uma doutrina é exuberantemente exemplificada através de um conjunto de exercícios da mais pura equitação académica". E, desde aí, nunca mais se interrompeu a preparação, o trabalho e as apresentações daquela que passou a ser a verdadeira a expressão da Equitação Militar, com algumas alterações que vieram dar ainda mais lustre a esta "Causa" e que a seguir se apresentam.

IIIª FASE: Consolidar (Os Cavalos de Puro-sangue Lusitano)

Em 1999, já com a designação de Centro Militar de Educação Física e Desportos (CMEFD,

desde 30 de junho de 1993), o Serviço Nacional Coudélico e o Exército Português assinaram um protocolo com a finalidade de potenciar o Cavalo Lusitano, na conjugação de esforços de projeção da equina cultura portuguesa, dotando exclusivamente a "Reprise da Escola de Mafra" com cavalos desta raça e produzidos por este Serviço. Desta forma, a Reprise torna-se num dos palcos de excelência para a seleção dos cavalos puro-sangue lusitano (PSL) para posterior aprovação como garanhões e coloca-se a par de algumas das suas congéneres Europeias, pela utilização do cavalo do tipo "Barroco".

Foi a partir de 2002 que este protocolo começou a dar os seus frutos, em que numa primeira etapa se utiliza nas apresentações um misto de cavalos com pelagem lazã e ruça (lazã dos cavalos cruzados e ruça dos PSL), a "Reprise Mista" e numa segunda fase apenas cavalos PSL, vulgarmente denominada de "Reprise dos Lusitanos".

Esta nova "plástica da Reprise" surpreendeu muito positivamente o público, que não foi indiferente a este "Ballet" de mais cores, o qual muito aplaudiu, tendo inclusivamente o Coronel de Cavalaria Miguel Cabedo, num seu artigo publicado na Revista "Equitação" referido: "…Está, portanto, garantida a continuidade da "Reprise da Escola de Mafra ", ainda com maior prestígio e projeção, por se apresentar com cavalos de produção nacional, que desde a antiguidade foram escolhidos para, dado o seu valor estético, celebrar em estátuas vários chefes militares".

Foi também a partir deste momento que se assistiu a uma viragem no modelo tradicional das apresentações. Os Tenentes-Coronéis de Cavalaria, Ricardo Portela Ribeiro e Pedro Carmo Costa, o primeiro como 2º Comandante e o segundo como Diretor de Ensino de Equitação do CMEFD, mostraram-se recetivos à ideia de evoluir os cavalos da Reprise também em trabalhos de "Ares Altos" e "Pas de Deux", com a finalidade de complementarem e enriquecerem as respetivas exibições. De imediato foi autorizada e incentivada pelo então Comandante, Coronel de Cavalaria Teles Grilo, o qual de imediato os estimulou a prosseguir.

IVª FASE: Evolução (A Alta Escola)

Passando o "testemunho" ao Diretor de Ensino de Equitação seguinte, Tenente-Coronel de Cavalaria Aníbal Marianito, todo este trabalho produziu excelentes resultados. Com a formula-

ção de inúmeros convites, solicitando que as exibições da Reprise observassem este novo modelo, iniciou-se assim uma série de apresentações, que o público militar e civil muito aplaudiu, como, por exemplo, no ano de 2006, durante uma exibição na Escola Prática de Cavalaria, em que dois elementos da Reprise da Escola de Mafra apresentaram um "Pas de Deux" com vários exercícios de Alta Escola; como a "Passage", o "Piáffé", o "Passo Espanhol", entre outros, ou o profícuo ano de 2007 em que, nas exibições que ocorreram em Beja e em Salvaterra de Magos, se chegaram a apresentar vários conjuntos em trabalhos individuais, demonstrativo do empenho e do afinco dos militares integrantes desta "Escola".

Foi exatamente em 2007, com o sucesso conseguido em Avignon, França; no espetáculo "Les Crinières d`Or" em que, com a partilha com outos cavaleiros, organização e público, se concluiu que a "plástica da Reprise", o esquema, a música, toda a coreografia, teria que sofrer constante evolução, a bem da espetacularidade e da qualidade das apresentações.

Fruto do sucesso em França, reuniram-se todas as condições para a realização de um "velho sonho" iniciado pelo saudoso Coronel Jorge Mathias: a apresentação da "Reprise" em plena Vila de Mafra, em frente ao seu Palácio Nacional. Neste mesmo ano, três décadas depois do "velho sonho", com o apoio da Câmara Municipal de Mafra conquistaram-se três memoráveis e históricas noites de glória, para o Exército em geral e para a Equitação Militar em particular.

Pela qualidade das apresentações surgiu um convite muito especial: uma grandiosa Gala Equestre, apresentada nas instalações do CMEFD e em parceria com o reconhecidíssimo Mestre de Equitação Luís Valença Rodrigues e a não menos reconhecida Escola do Centro Equestre da Lezíria Grande. O sucesso foi tal que as bancadas do "Campo Brigadeiro Henrique Callado" não foram suficientes para acolher tantos espectadores. Foi uma noite mágica e inesquecível para a Equitação e para todos quanto a presenciaram.

O reflexo deste êxito conduziu a Reprise a Évora, para mais uma Gala Equestre, agora na praça de touros desta cidade e presidida pelo Excelentíssimo Tenente General Vaz Antunes. Com

a responsabilidade única na sua preparação e apresentação, uma vez mais a Reprise se suplantou e alcançou outro estrondoso sucesso.

Desde então, tem vindo a difundir-se esta doutrina com o que de mais contemporâneo se observa nas escolas congéneres, o que tem despertado o interesse de conceituados fotógrafos, nacionais e internacionais e verdadeiros "apaixonados" pelo Cavalo Lusitano, que pretenderam enriquecer os seus trabalhos utilizando a "Escola de Mafra", como é exemplo Pedro Yglésias d`Oliveira, fotógrafo equestre e de Artes Plásticas (e também da congénere e reconhecidíssima Escola Portuguesa de Arte Equestre) que elabora um extraordinário trabalho para um livro de sua autoria ("ArteLusitano"), utilizando elementos da Reprise, os quais evoluíram numa sucessão de vários exercícios de Equitação Superior.

Nem sempre compreendido, o trabalho desenvolvido durante estes 64 anos de existência permitiu e vem garantindo ao Exército Português um autêntico "cartão de visita", nacional e internacionalmente, não só no domínio equestre mas também no protocolar e institucional. Sem nunca comprometer o serviço, jamais os militares que constituíram e constituem a "Reprise da Escola de Mafra", sejam eles cavaleiros, veterinários, desbastadores, tratadores, ferradores ou condutores, esmoreceram na consecução deste desiderato, que é o de "fazer bem" e "fazer cada vez melhor", em prol da Equitação Militar. E disso têm orgulho! O orgulho e a honra de poder representar o Exército e Portugal, a Cavalo! Por isto, não poderei terminar sem relembrar novamente o saudoso Coronel Jorge Mathias, que no seu livro "Portugal e os seus cavalos", refere:

"… a Escola de Mafra é frequentemente solicitada para apresentações a Altas Entidades estrangeiras que visitam Portugal…", "…seu livro de ouro é um precioso documento do alto conceito em que é tido por quantos tiveram a felicidade de ver as suas maravilhosas exibições…", "…sem exacerbados patriotismos, queremos deixar bem vincado que a "Escola de Mafra" é motivo de orgulho para quantos têm intensamente vivido a equitação em Portugal.".

---

* O Sargento Ajudante de Infantaria, Luis Filipe de Sousa Matos, foi incorporado no ano de 1987 como Praça na Escola Prática de Infantaria. Frequentou o 19º Curso de Formação de Sargentos. Esteve Colocado na Escola de Tropas Para-quedistas,de 1992 a 1994 onde frequentou e concluiu o Curso de Paraquedismo Militar. No âmbito da Equitação, tem o Curso de Monitores de Equitação e Curso de Juiz Nacional de Ensino.

Está colocado no Centro Militar de Educação Fisica e Desportos desde 1996 e é cavaleiro da "Reprise da Escola de Mafra" desde 2002.

Alexandre Correia Gonçalves*

Operação Overlord – O Dia D

Fontes: esta imagem: www.writeonnewjersey.com; imagem da esquerda: jcoutinhomaimai.com.br.

"Soldados, Marinheiros e Aviadores da Força Expedicionária Aliada!

Estão prestes a embarcar na Grande Cruzada, para a qual nos esforçámos todos estes longos meses. Os olhos do mundo estão sobre vós. As esperanças e orações dos povos que amam a liberdade marcham convosco. Na companhia dos nossos bravos Aliados e irmãos-de-armas noutras Frentes, tornarão possível a destruição da máquina de guerra alemã, a eliminação da tirania Nazi sobre os povos oprimidos da Europa, bem como a nossa própria segurança num mundo livre.

A vossa tarefa não será fácil. O vosso inimigo está bem treinado, equipado e endurecido pela batalha. Lutará de forma selvagem.

Mas este é o ano de 1944! Muito aconteceu desde os triunfos Nazis de 1940-41. As Nações Unidas infligiram grandes derrotas aos alemães, em batalhas abertas, homem a homem. A nossa ofensiva aérea reduziu seriamente a sua força nos ares e a sua capacidade de conduzir a guerra no terreno. As nossas Frentes Internas deram-nos uma esmagadora superioridade em armas e munições de guerra, e colocaram à nossa disposição grandes reservas de combatentes treinados. A maré mudou! Os homens livres do mundo estão a marchar juntos para a Vitória!

Tenho plena confiança na vossa coragem, devoção ao dever e capacidade na batalha. Não aceitaremos nada menos do que uma Vitória total!

Boa sorte! E procuremos todos a benção de Deus Todo-poderoso para este grandioso e nobre feito"

Assim falou Eisenhower aos homens da Força Expedicionária Aliada.

O Dia mais longo

Naquela manhã cinzenta de 6 de junho de 1944, muitos soldados alemães preparavam-se para a rotina diária, outros tantos tentavam descansar depois de uma noite sem dormir à custa de repetidos sinais de alarme e do som de tiros um pouco por todo o lado. Aqueles que estavam de serviço em postos de observação, bunkers e baterias junto à praia ou no topo das falésias olhavam as águas escuras e agitadas da Mancha enquanto recebiam relatórios confusos e entrecortados por quebras de

ligação. Para quase todos, tratava-se de mais um ataque sem consequências sérias – uns quantos pára-quedistas aqui e ali não eram motivo para grandes preocupações... alem disso, os Aliados não se atreveriam a desembarcar com este tempo. Cerca das 05.30h da manhã, com a primeira claridade do dia a despontar no horizonte, a incerteza das últimas horas dissipava-se também. Uma última espreitadela pelos binóculos antes de dormir. Nada... o mar estava vazio. Subitamente, o ar vibrou, numa fracção de segundo, quase imperceptível, um silvo, um estrondo terrível, logo a seguir outro, e outro, e outro, e mais outro. Começara o bombardeamento preliminar. Terra, betão, aço e carne erguiam-se no ar e caíam desfeitos no chão. Os homens gritavam ordens e gritavam de dor; entre o fumo e a poeira, os olhos colavam-se às lentes de todos os binóculos – não queriam acreditar no que viam. Como aparições, milhares de vultos surgiam na linha do horizonte, dissimulados na bruma matinal, embarcações de todas as formas e tamanhos enchiam a costa a perder de vista. Não era possível, os Aliados não podiam ter tantos navios. Mas tinham.

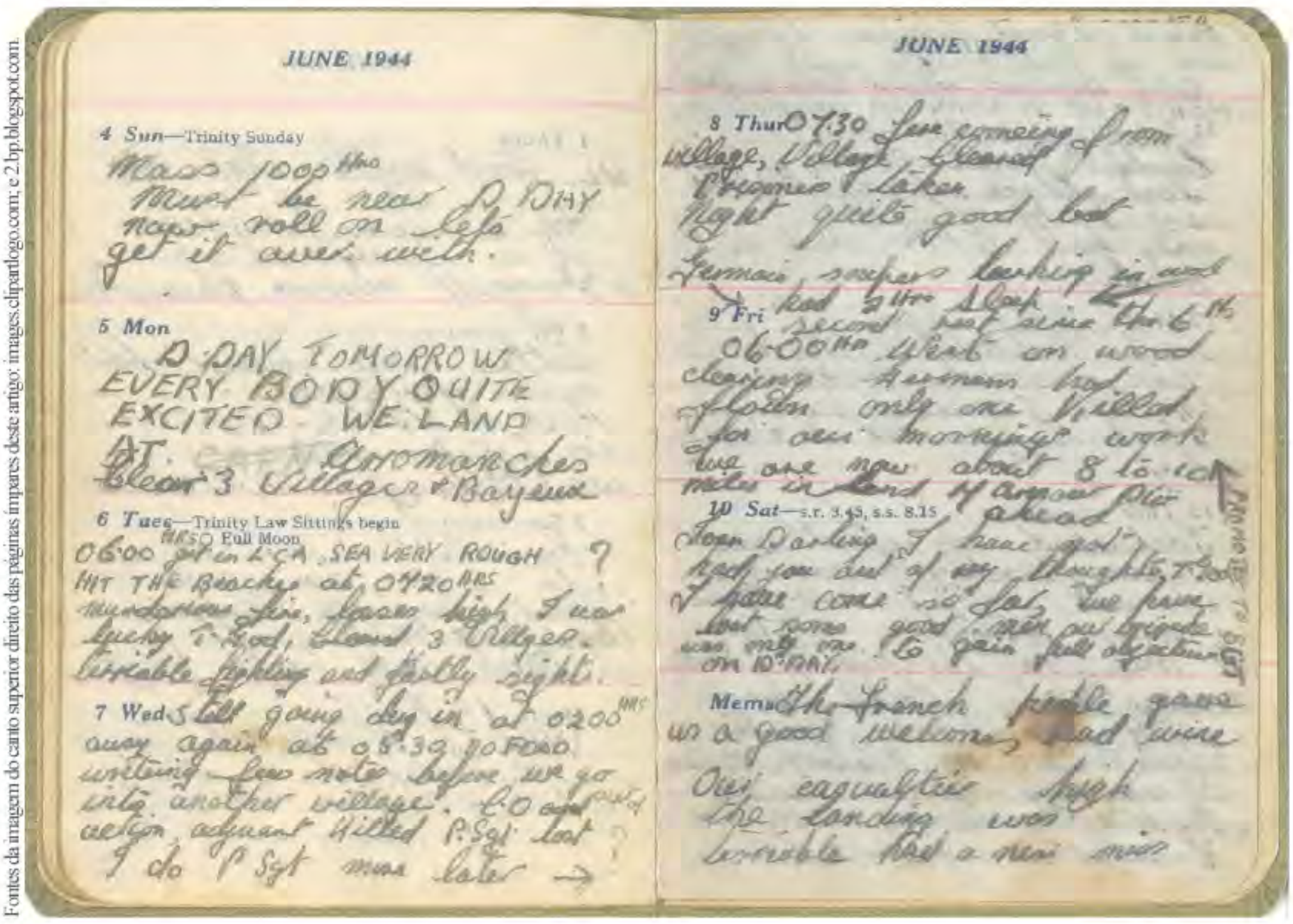
A maior Armada jamais reunida estava ali, ao largo. Cinco mil navios!

Os bombardeiros também vieram. Durante uma hora, o litoral Normando foi castigado impiedosamente por bombas e obuses. Enquanto decorria este bombardeamento, a primeira vaga de assalto aproximava-se das praias. As escassas centenas de metros do areal, os canhões dos navios calaram-se. Um estranho silêncio pairava no ar, nada se via para lá da rebentação das ondas; um espesso manto de fumo cobria toda a costa. Para os soldados apinhados nas lanchas, enjoados e encharcados, esta visão foi tranquilizante, parecia impossível alguma coisa ter sobrevivido aquele dilúvio de fogo.

A longa noite dos Paraquedistas

Nessa inesquecível noite, os céus da Normandia encheram-se de corolas brancas que desciam sobre a terra. Pára-quedistas! O grito ecoou por campos e ruas, no meio do ruído ensurdecedor de centenas de aviões que não cessavam de passar.

Das três Divisões aerotransportadas que saltaram sobre a Normandia, duas eram americanas e desceriam sobre o flanco oeste da zona de invasão no departamento da Mancha – A veterana 82ª *All Americans*, que tivera o seu baptismo de fogo no Norte de África em 1943, e mais tarde em Itália, era comandada pelo General Matthew Ridgway e seria largada no interior da Península de Cherbourg (Península do Cotentin), à volta de Sainte Mère Église, uma pequena vila de grande importância estratégica, pois por ela, passava a estrada nacional nº 13 que ligava Paris a Cherbourg. Esta povoação teria de ser capturada e mantida a qualquer custo;



JUNE 1944

4 Sun—Trinity Sunday
Mass 1000 hrs
Must be near D Day
Roll on Let's
get it over with.

5 Mon
D-DAY TOMORROW
EVERY BODY QUITE
EXCITED WE LAND
AT Ouistreham
Clear 3 Villages & Bayeux

6 Tues—Trinity Law Sittings begin
HRSO Full Moon
0600 hrs in L.C.A. SEA VERY ROUGH
HIT THE Beach at 0720 hrs
Murderous fire, bullets high I was
lucky I God, Cleared 3 Villages.
Terrible fighting and ghastly sights.

7 Wed Still going dug in at 0200 hrs
away again at 0830 to FORD
writing few notes before we go
into another village. Lots of
action, advance Killed P.Sgt last
I do P Sgt man later →

JUNE 1944

8 Thur 0730 Just crossing from
village, Village Cleared
Prisoners taken
Night quite good but
Germans snipers barking in and

9 Fri had 2 hrs sleep
Second night since the 6th
0600 hrs Work on wood
clearing Germans had
Fallen only one Killed
for our morning work
We are now about 8 to 10
miles in land 4 armour Pier
ahead

10 Sat—s.r. 3.43, s.s. 8.15
Hope Darling I have got
back you out of my thoughts, God
I gave come so far, We have
lost some good men our brigade
was my car To gain full objectives
on 10 mile.

Menu The French people gave
us a good welcome, Read wine
Our casualties high
the landing was
terrible had a near miss

Fontes da imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: images.clipartlogo.com; e 2.bp.blogspot.com.

Senhor Gil Eanes! Graças a Deus!

Mantenha o rumo, mestre Sota! Homens, atenção à manobra! Voltem às vossas tarefas! A missão continua!

Peço-vos que oiçais as angústias da marinhagem, senhor Gil Eanes. Já perdemos dois companheiros nesta jornada insensata e vós mesmo estivesteis à beira da morte! Imploro-vos o nosso regresso a Lagos!

Prometo que os levarei a todos de volta a Lagos! Mas só depois de passarmos além do Bojador! Essa é a vontade do senhor Infante D. Henrique e a sua vontade, aqui, é a vontade de Deus!

Em frente, marujos de Lagos! Em frente pela maior glória de Deus e de Portugal!

Espera-nos a glória, a fortuna, a honra suprema de sermos os primeiros a passar o temido Bojador! Ao trabalho, meus valentes!

Orçar a estibordo!

Três dias mais tarde...

O Bojador!! E o Bojador mesmo à nossa frente!!

Pelas chagas de Cristo! Salta-me o coração fora do peito!

Mantenha o rumo, mestre Sota!

Eia, moços! Içem-me até à gávea!

Vejamos, senhor Infante de que massa são feitos os marinheiros portugueses...

Meu Deus! O mar!... O mesmo mar que vi nos meus pesadêlos! Há ali qualquer coisa sinistra, não há dúvida!... Dai-me a coragem que se me esvai agora, Senhora dos Navegantes... Valei-me, doce Jesus...

O abismo!! Deus meu, o abismo!...

O fim do mar! É o fim do mar!

Lutando contra o horror inimaginável que lhe esmagava o coração, Gil Eanes, à beira do desfalecimento, resistiu a dar a ordem de mudar de rumo que se impunha...

Avé Maria, cheia de graça, ...o Senhor é convosco... Bendita sois vós...

Horrorizado pelas visões que o seu cérebro produziam, Gil Eanes via a "Bonita" aproximar-se do pavoroso abismo, mas resistiu a dar a ordem fatal de mudança de rumo...

Com a visão já toldada pelas lágrimas, julgou ver a barca vogando em pleno espaço em lugar de cair no abismo medonho...

...LOAS, GIL
LOAS... MENTIRAS

...voando qual ave fantástica sobre o horrendo vazio. Sobre a sua cabeça ensandecida erguiam-se os pilares monstruosos de uma porta imensa. Então recordou as palavras do Infante D. Henrique - As Portas do Mito!...

...LOAS, GIL
LOAS... MENTIRAS

Por fim, no seu delírio, Gil Eanes sentiu que a "Bonita" tocava no *"outro lado do mar"*...

Mestre Sota! O capitão está prestes a tombar da gávea!

Valha-nos Deus! Corre a acudir-lhe, Fernandes!

O capitão está inanimado, mestre Sota! Vou descê-lo até ao tombadilho!...

Tomem atenção, rapazes! Mantenham-me esse cabo bem esticado! O capitão está desacordado!...

Pousem-no com cuidado, rapazes!

...senhor Gil Eanes!... Senhor Gil Eanes!...

Mestre Sota... Onde estamos?...

A bordo da "Bonita", claro! E passámos, senhor Gil Eanes! Vencemos o Bojador! Afinal até foi fácil!!

42

Banbury
Wolverton
Aylesbury
OXFORD
SWINDON
Newbury
Basingstoke
SOUTHAMPTON
PORTSMOUTH
BRIGHTON
CASTBOURNE
HASTINGS
Hampshire Div.
West Sussex Div.
Garde
LONDON
Essex Div.
SOUTHEND ON SEA
Sheerness
Margate
Ramsgate
Canterbury
Folkestone
Dover
Tonbridge
Maidstone
Colchester
Harwich
Ipswich
Bury St Edmunds
Cambridge
Bedford
Luton
Hertford
St Albans
Watford
Reading
Windsor
Slough
Aldershot
Guildford
Horsham
Chichester
Worthing
Bognor
Newport
Wight
Gosport
Basingstoke
Clacton on Sea
Chelmsford
Braintree
Southend on Sea
Gravesend
Rochester
Chatham
Maidstone
Tunbridge Wells
Ashford
Folkestone
Dover
Hastings
Eastbourne
Brighton
Portsmouth
Southampton
Aldershot
Reading
Maidenhead
High Wycombe
Aylesbury
Wolverton
Northampton
Bedford
Cambridge
Luton
Hertford
St Albans
Watford
Oxford
Swindon
Banbury
Basingstoke
Newbury
Windsor
Slough
Maidenhead
Reading
Aldershot
Guildford
Horsham
Chichester
Worthing
Bognor
Portsmouth
Southampton
Gosport
Newport
Wight
Brighton
Eastbourne
Hastings
Folkestone
Dover
Canterbury
Ramsgate
Margate
Sheerness
Chatham
Rochester
Maidstone
Tunbridge Wells
Ashford
Tonbridge
Gravesend
Tilbury
Southend on Sea
Clacton on Sea
Harwich
Ipswich
Colchester
Braintree
Chelmsford
Bury St Edmunds
Cambridge
Bedford
Luton
Hertford
St Albans
Watford
Oxford
Aylesbury
Wolverton
Northampton
LONDON
Essex Div.
Hampshire Div.
West Sussex Div.
Garde
1.
2.
3.
5.
6.
7.
9.
11.
12.
21.
30.
35.
49.
53.
55.
59.
61.
63.
78.
79.
84.
85.
326. ID
331. ID
346. ID
348.
49.
I. XII. XXX.
VII. VIII. XIX.
LXXXI.
LXXXIV.
LXXXVII.
LXXXVIII.
LXXXXVII.
LXXXXVIII.
LXVII.
LXXIV.
LXXXIV.
LXXXVI.
LXXXVII.
LXXXVIII.
LXXXXVII.
LXXXXVIII.
LXXIV.
LXXXIV.
LXXXVI.
LXXXVII.
LXXXVIII.
LXXXXVII.
LXXXXVIII.
LXV

também por homens para quem a Normandia seria a primeira experiência de combate. O seu comandante era o General Richard Gale, cuja missão consistia em capturar duas pontes, uma sobre o rio Orne em Ranville, a outra sobre o canal de Caen em Bénouville, estas pontes distavam entre si cerca de 400m e teriam de ser tomadas intactas para permitir o rápido avanço até Caen por parte das tropas que iriam desembarcar na praia Sword. Seria em Bénouville, que os páraquedistas do Major Howard e os comandos de Lord Lovat, vindos da praia, fariam a junção das suas forças. Outra das tarefas a cumprir, era a destruição das pontes sobre o rio Dives entre Caen e o mar, para evitar a chegada de reforços e qualquer contra-ataque alemão; teria também de manter todo o terreno entre o rio Orne e o Dives na sua posse e, finalmente, destruir a mortífera bateria de Merville para que os homens da 3ª Divisão pudessem atravessar a praia com um mínimo de baixas.

Se a descida dos Ingleses foi efectuada dentro do perímetro pré-definido, o mesmo não se pode dizer dos americanos; a sua largada foi dispersa por todo a Península devido à formação de um banco de nuvens que fez com que os pilotos quebrassem a formação para evitar colisões em pleno ar. O fogo antiaéreo contribuiu igualmente para a confusão. Para muitos pilotos, este era o primeiro voo de combate após um treino insuficiente, e em muitas situações o pânico levou-os a acelerar e baixar demasiado os aviões. Estas manobras de evasão revelaram-se perigosas e por vezes fatais para os homens, que, desta forma, eram brutalmente atirados para trás pela força do vento e da rotação das hélices e saltavam demasiado perto do solo causando fracturas e lesões antes mesmo de entrarem em acção. Esta dispersão, provou no entanto ser benéfica, pois criou a sensação aos alemães de que os Páraquedistas eram mais numerosos do que eram na realidade; por outro lado, ao receberem relatórios de pontos de queda espalhados por uma grande área, obrigou-os "a correr de um lado para o outro" dispersando assim as suas próprias forças.

Em jeito de resumo, pode-se afirmar que as acções das forças aerotransportadas foram um sucesso notável; quase todos os objectivos atribuídos aos Páraquedistas foram atingidos, certo é, com baixas consideráveis e muitas tragédias pessoais ao longo da noite, mas igualmente com acções militares decisivas e actos de coragem extraordinários. No meio da escuridão e do inimigo, muitas vezes sozinhos, perdidos e isolados das suas unidades, por vezes, a muitos quilómetros de distância do sítio onde deveriam ter pousado, estes homens de valor estenderam uma passadeira de segurança até às areias e calhaus da praia para receber os camaradas o melhor possível. Esta passadeira vermelha, mas vermelha do seu sangue, foi desenrolada a muito custo do interior de uma terra crivada de minas, arame farpado, pântanos, terrenos inundados e soldados alemães que conheciam a região como a palma da mão e sem grande ou nenhuma vontade de fazer prisioneiros. Que, em cerca de seis horas e nestas circunstâncias tenham conseguido tudo isto, traduz bem a qualidade e o espirito destas unidades de elite.

Fontes: esta imagem: chicomiranda.files.wordpress.com, imagem da página anterior: HOLMES, Richard, *Le Débarquement*, Gründ, Paris, 2008.

Fonte: chicomiranda.files.wordpress.com.

Utah Beach

A 4ª Divisão de Infantaria, *Ivy Division* como era conhecida, desembarcou na praia *Utah*, sob o comando do General Raymond Barton. A sua progressão terra-dentro decorreu com apenas duas centenas de baixas devido à "ajuda" inesperada de uma peculiar corrente vinda da costa este da península, e que se forma com a subida da maré, empurrando as lanchas de desembarque cerca de mil e oitocentos metros mais para sul do local designado. Desta forma, em vez de tocarem terra em Varreville, os homens desembarcaram em La Madeleine, uma zona da praia menos defendida, designada pelos Alemães com o nome de Wn5, mesmo em frente da saída nº 2 – a estrada que dava acesso a St. Marie du Mont.

Este "erro de navegação" foi providencial, pois afastou os homens do fogo directo das baterias de Azeville e Saint-Marcouf. A juntar a este facto, a eficácia do bombardeamento preliminar neste sector desmoralizou bastante os alemães, principalmente os muitos Georgianos que defendiam esta área. No fim da manhã, elementos da 4ª Divisão e Páraquedistas da 101ª Divisão apertavam as mãos em Sainte Marie du Mont e Saint Germain de Varreville. Uma firme testa-de-ponte tinha sido estabelecida entre estas vilas e a praia.

O Comandante Adjunto desta Divisão, General Theodore Roosevelt, filho de um Presidente e primo do actual, desembarcou, após insistentes pedidos, na primeira vaga de assalto. Com 57 anos e uma saúde frágil, "molhou os pés" junto dos seus homens, e armado apenas com uma pistola e a sua bengala, liderou com grande coragem a saída da praia. A sua decisão de não redireccionar as tropas seguintes para Varreville, ficou famosa com a frase que proferiu – " Ok, we'll start the war from here".

O General Roosevelt morreria seis semanas mais tarde, no pátio de uma escola em Méautis no dia 12 de julho, vítima de ataque cardíaco. Tinha-lhe sido confiado o comando da 90ª Divisão de Infantaria. Foi-lhe atribuída a Medalha de Honra a título póstumo pelo heroísmo demonstrado na praia Utah.

Omaha Beach

Entre as vilas de Vierville e Colleville desembarcariam a 1ª e a 29ª Divisões de Infantaria, a 1ª Divisão, a famosa "Big Red One" tinha no currículo desta guerra o Norte de África e a Itália; era comandada pelo General Clarence Huebner. A 29ª Divisão conhecida por "Blue and Gray", tinha também larga história, mas nenhuma experiência de combate neste conflito. O seu chefe era o General Charles Gerhardt.

Nesta praia as coisas foram bem diferentes, os homens que desembarcaram aqui, pagaram um pesado tributo pela sua conquista. Nessa manhã, as águas e os areais ficaram vermelhos de sangue, e a praia ganhou o tristemente célebre cognome de "Omaha a Sangrenta". As duas primeiras vagas de assalto foram dizimadas mal puseram pé em terra, pelo fogo avassalador de centenas de metralhadoras e morteiros posicionados no topo das pequenas falésias que separavam a praia do interior das terras. Os soldados abrigavam-se o melhor que podiam

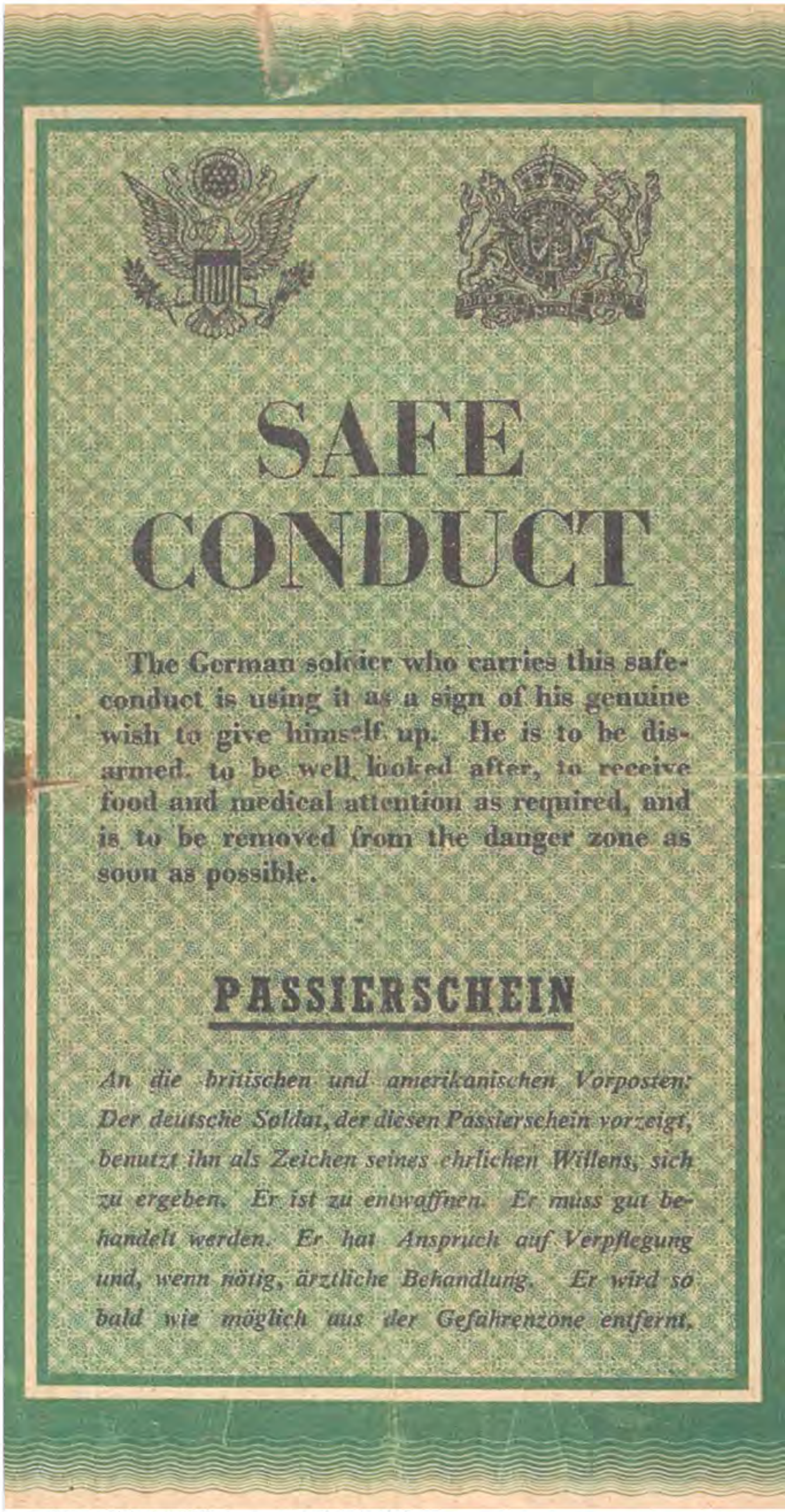
atrás das vigas de ferro espalhadas pela praia, e dos corpos dos camaradas mortos. As lanchas saltavam nas minas colocadas abaixo da linha de água, obliterando trinta ou quarenta corpos de uma só vez, e as que iam chegando, manobravam desesperadamente para não embater nos destroços ardentes que congestionavam a berma entre mar e terra. Corpos e pedaços de corpos flutuavam na água e espalhavam-se pela areia, os homens colavam-se ao chão, os que se levantavam para avançar, tombavam de seguida. Imobilizados pelas balas e pelo terror, assim ficaram durante a interminável hora e meia em que o inferno reinou em Omaha.

Então, lentamente começou a acontecer – um tenente aqui, um capitão ali, um simples praça acolá, movidos por raiva e coragem ergueram-se e ergueram outros, formando pequenos grupos se iam aproximando da base da falésia, o único lugar que oferecia segurança.

Outro Comandante Adjunto de Divisão ilustrou-se nessa manhã. O General Norman Cota que de pistola em punho e debaixo de fogo, percorria a praia, incitando os seus homens a avançar. Seria também ele, a liderar uma das penetrações para sair da praia.

Quatro factores contribuíram largamente para este massacre – Um terreno que favorecia os defensores, os soldados que não tiveram a protecção dos tanques anfíbios porque estes se afundaram quase todos devido às fortes correntes e ondulação, a ausência de crateras na areia provocadas pelo bombardeamento preliminar, bem como a não destruição das posições alemãs pelo mesmo e, finalmente, ao desconhecimento por parte dos aliados, da chegada na semana anterior de uma nova divisão alemã – a 352ª Divisão de Infantaria, que ocupou este sector do desembarque. No total, cerca de 2000 homens defendiam esta área. A praia de Omaha foi a única em que o sucesso da invasão esteve em dúvida, levando mesmo o General Bradley a considerar a hipótese de transferir os homens para a praia de Utah e Gold. O desastre total só foi evitado graças ao heroísmo de alguns homens e ao facto de os alemães não terem sido reabastecidos durante todo o dia. Esgotadas as munições e sem reforços a chegar, as ultimas bolsas de resistência caíram uma após outra. No fim do dia, as baixas eram aterradoras – a 1ª Divisão perdera 1744homens, a 29ª Divisão 2440 homens, 79 tanques Sherman foram destruídos, não contando com outros veículos. Por outro lado, 34250 homens e 2870 veículos tinham já sido desembarcados nesta praia.

O General Bradley afirmou mais tarde que todos os homens que puseram um pé em Omaha foram heróis.



Fonte: Holmes, Richard, *Le Débarquement*, Gründ, Paris, 2008.

Pointe du Hoc

Entre as praias de Utah e Omaha, a falésia entra no mar como a proa de um navio. Neste promontório rochoso cujo topo se eleva a 30m do nível do mar, os Alemães construíram uma das mais poderosas baterias de toda a costa Normanda, os seus canhões de 155mm podiam cobrir toda a praia de Utah e de Omaha, bem como visar qualquer navio ancorado ao largo. Este era o objectivo principal dos "Rangers" do Coronel James Rudder. Teriam igualmente de capturar a estação de radar situada na Pointe de la Percée, no extremo oeste da praia Omaha. O que Rudder e os seus homens não sabiam, é que os alemães haviam retirado os canhões das suas bases, escondendo-os numa pequena estrada de terra duzentos metros atrás da posição – os cinco canhões estavam colocados em bases descobertas, e devido aos bombardeamentos dos últimos meses, casamatas de betão estavam a ser construídas. No dia 6, apenas duas tinham sido terminadas, e as peças aguardavam nova instalação, estando no entanto prontas a fazer fogo. Esta missão de alto risco começou mal – os homens embarcaram em dez lanchas e quatro DUKW (camiões anfíbios) a 20 Km da costa, ainda perto dos navios de transporte, uma onda enorme virou uma delas e dos trinta soldados a bordo, apenas um foi salvo. Durante a travessia, o barco-guia desorientou-se e conduziu as restantes embarcações em direcção a Pointe de la Percée, quando o erro foi detectado, a flotilha estava já ao alcance das armas desta posição, um DUKW e uma lancha foram afundados por um canhão de 20mm, tendo as restantes feito a aproximação a Pointe du Hoc paralelamente à costa e debaixo do fogo vindo das falésias. Tudo isto, custou aos rangers 40 minutos de atraso em relação à sua hora H que era ás 06.0h – também a hora em que o bombardeamento preliminar terminara; assim, quando chegaram à base do penhasco, os alemães que se tinham abrigado nos bunkers enquanto as bombas caíam, simplesmente saíram e esperaram nas bermas pêlos americanos. Com grande heroísmo, os Rangers escalaram a ravina debaixo do fogo de metralhadoras e granadas, tomaram a posição e neutralizaram os canhões. Permaneceram isolados durante dois dias, resistindo a vários ataques até serem finalmente reforçados no dia 8, mas o preço do seu sacrifício foi alto – dos 225 homens que participaram no assalto, 77 morreram.

Gold Beach

Esta praia faria a ligação entre os americanos de Omaha e os Canadianos de Juno; era o centro da zona de invasão e seria vital para o estabelecimento de uma cabeça-de-ponte contínua entre o sector americano e o inglês, garantindo assim o controle de toda a área de desembarque. Nos cinco quilómetros de areal entre Asnelles e Ver-sur-Mer, desembarcaria a 50ª Divisão de Infantaria Britânica do General Douglas Graham. Esta Divisão entrava

Fonte: 3.bp.blogspot.com.

em França com experiência de combate ganha no Norte de África em Gazala e El Alamein. O seu objectivo geral era, juntamente com as duas outras Divisões que a seguiriam, (a 7ª e a 49ª) capturar a cidade de Bayeux, as vilas de Port en Bessin e Arromanches e avançar sobre Tilly-sur-Seulles a sul de Bayeux onde fariam a junção com os Canadianos na Estrada Nacional 13.

A progressão para o interior das terras foi conseguida com moderadas baixas, e, à parte da resistência de alguns pontos defensivos foi um êxito. A 7 de junho, os tanques da 8ª Brigada Blindada dos *Dragoons Guards* entravam em Bayeux miraculosamente poupada pelas bombas, tornando-se na primeira cidade Francesa libertada. No dia 8, depois da difícil captura de Port-en-Bessin pelos Comandos, os GI's da 29.ª Divisão e os Royal Marines da 47ª RMC ligam as praias de Omaha e Gold – a frente Alemã neste sector deixa de existir.

Os ingleses avançam para sul, na direcção de Villers Bocage/Tilly-sur-Seulles e perto de Ellon, chocam de frente com a Panzer-Lehr, uma divisão blindada de elite que se dirigia para a costa, dando início à batalha de Tilly-sur-Seulles que duraria até 18 de junho.

Juno Beach

A 3ª Divisão de Infantaria Canadiana sob as ordens do General Rod Keller foi escolhida para desembarcar nesta praia, que se estendia desde La Rivière até St. Aubin-sur-Mer.

Esta poderosa unidade voltava a França dois anos depois da amarga experiência de Dieppe, e desta vez não seriam empurrados de volta ao mar. A sua missão consistia em capturar a vila de Courseulles-sur-Mer com o seu pequeno mas fortemente defendido porto, a vila de Graye-sur-Mer, situada a cerca de 1600m da costa, e as vilas de St. Croix e Creully onde fariam a junção com a 50ª Divisão britânica em Gold, ligando assim as duas praias a oeste.

Fonte destas duas imagens: HOLMES, Richard, *Le Débarquement*, Gründ, Paris, 2008.

Fonte: agaudi.files.wordpress.com

A leste, teriam de capturar Bernières e St. Aubin para atingir Langrune-sur-Mer e aí, fazer a ligação com a 3ª Divisão inglesa na praia de Sword tornando o sector britânico numa única e contínua testa-de-ponte. Para o interior, a sul, tinham de alcançar Tailleville e destruir a estação de Radar de Douvres la Délivrande protegida por um fortíssimo dispositivo de defesa, finalmente, ocupar Bény-sur-Mer, para desta posição, lançar uma ofensiva concentrada sobre o aeroporto de Carpiquet e, juntamente com a 3ª Divisão britânica, iniciar o avanço sobre a cidade de Caen – objectivo principal de todas as forças Britânicas no Dia-D. Os dias 7, 8 e 9 de junho, foram particularmente sangrentos para os canadianos, que ao atravessarem a estrada nacional 13 nas vilas de Putot, Norrey e Breteville l'Orgueilleuse, travaram duros combates contra um poderoso grupo de combate da 12ª Divisão Panzer SS, cujo posto de comando estava instalado na Abadia de Ardenne. Um episódio trágico ocorreu num dos jardins deste edifício, quando 27 prisioneiros de guerra canadianos foram executados a sangue frio por soldados desta unidade.

A resistência alemã intensificou-se em toda esta área, e uma terrível batalha de desgaste prolongou-se durante um mês à volta destas vilas e do aeroporto de Carpiquet.

Sword Beach

A 3ª Divisão de Infantaria do General Tom Rennie desembarcou numa estreita área de praia entre Langrune-sur-Mer e Ouistreham. O seu objectivo, juntamente com a 3ª Divisão canadiana, era a cidade de Caen. A 1ª Brigada do Serviço Especial comandada por Lord Lovat, tinha por missão capturar Ouistreham, e depois fazer a ligação com os Páraquedistas em Bénouville enquanto o resto da divisão seguiria directamente para Caen. Para lá chegar, tinham no entanto de ultrapassar quatro posições defensivas situadas no interior das terras – Sole, Daimler, Morris e Hillman. Esta última, não fora tocada pelo bombardeamento preliminar e manteria os Ingleses ocupados durante todo o dia sendo capturada apenas ás 22.00h.

Em Ouistreham os comandos de Lovat também não tiveram a vida facilitada porque os alemães transformaram esta vila numa verdadeira praça-forte. Como aconteceu com os Canadianos, também a frente Britânica ficou imobilizada nos arredores de Caen, e assim ficaria durante um mês inteiro devido à chegada de outra Divisão Blindada – a 21ª Divisão Panzer juntou-se à 12ª que combatia já os canadianos. Assim sendo, duas Divisões alemãs enfrentaram os anglo-canadianos numa mortífera batalha de desgaste que se prolongou por trinta dias, para capturar uma cidade que Montgomery tinha planeado tomar no Dia-D ou, na pior das hipóteses, no dia seguinte. Como consequência, perderam-se milhares de vidas, e a velha Capital da Normandia ficou reduzida a escombros.

As forças alemãs atrás da muralha

O Comandante-em-Chefe da Frente Oeste, que incluia a França a Bélgica e a Holanda, era desde Maio de 1942, o Marechal Gerd Von Rundstedt, que tinha sob o seu comando quatro exércitos divididos em dois Grupos de Exércitos – o Grupo de Exércitos G, constituído pelo 1º e 19º exércitos que defendiam o sul de França, e o Grupo de Exércitos B, do qual faziam parte o 7º e o 15º, e que tinham a responsabilidade de defender o norte de França, Bélgica e Holanda. No total, umas impressionantes 58 Divisões estavam estacionadas em França. Deste numero, fazia parte o 5º Exército Blindado, também chamado Grupo Panzer Oeste sob o comando do General Geyr Von Schweppenburg, e que estava estacionado como reserva perto de Paris. Este poderoso Exército estava no entanto sob o comando directo do OKW – Oberkommando der Wehrmacht e só podia ser deslocado com a autorização formal de Hitler. Em Março de 1944, Rommel conseguiu que três Divisões Blindadas deste Exército fossem colocadas sob o seu comando operacional. O Grupo de Exércitos B estava sob o comando do Marechal Erwin Rommel desde Novembro de 1943. O 7º Exército do General Friederich Dollmann possuía 16 Divisões, e controlava a costa da Bretanha e da Normandia entre Nantes e Caen, o que significa que a Baixa Normandia, onde se deu o desembarque era da sua responsabilidade. O sector da Baixa Normandia, era por sua vez, controlado pelo 84º Corpo do General Erich Marcks, que na manhã 6 de junho, com apenas seis Divisões e um Regimento à

Major Artilharia João Belo

Exercício "RELÂMPAGO 13"

As unidades de Artilharia Antiaérea do Sistema de Forças do Exército participaram entre 15 e 19 de abril, em Vieira de Leiria, no exercício «Relâmpago 13» com fogos reais, onde foram empregues, todos os tipos de meios de Artilharia Antiaérea em serviço no Exército Português.

Este exercício de fogos reais, conduzido pelo Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1, contou com a presença de militares das Batarias de Artilharia Antiaérea das Forças de Apoio Geral, da Brigada de Intervenção, da Brigada de Reação Rápida, da Brigada Mecanizada, da Zona Militar da Madeira e da Zona Militar dos Açores.

No exercício, onde participaram 259 militares das diversas subunidades de Artilharia Antiaérea, bem como de diversas entidades militares e civis, nomeadamente a Marinha, Força Aérea, PSP, GNR, Bombeiros Voluntários de Vieira de Leiria e Marinha Grande, e o Departamento da Conservação da Natureza e Florestas do Centro, foram utilizadas igualmente 43 viaturas de diversos tipos.

As sessões de tiro tiveram duas grandes etapas. A sessão de tiro noturno em que foram efetuados 4 disparos de Sistema Míssil Ligeiro Chaparral contra alvos aéreos do tipo BATS, todos com impacto direto, e tiro de Sistema Canhão Bitubo 20mm contra alvos fixos no terreno. Na sessão de tiro diurno, em que foram efetuados 7 tiros de míssil Chaparral e 3 Stinger contra os dois tipos de alvos aéreos, o alvo aéreo BATS e o alvo aéreo MQM-170A Outlaw, foi de grande eficácia, tendo-se conseguido com o Chaparral 7 impactos diretos e com o míssil Stinger dois derrubes (impacto técnico) e um impacto direto, todos sobre o Alvo Outlaw, facto conseguido pela primeira vez em Portugal.

Não menos eficaz foi o Sistema Canhão Bitubo 20mm, encargo das Baterias de Artilharia Antiaérea das Zonas Militares da Madeira e dos Açores, que apesar de não terem efetuado tiro sobre alvos aéreos não deixaram de demonstrar o seu empenho, profissionalismo e capacidade operacional durante a sessão de fogos, tanto noturnos como diurnos.

O exercício "Relâmpago 13" recebeu a visita de diversas entidades militares do Exército e da Força Aérea, tendo-se destacado a presença de Suas Excelências o General Chefe de Estado-Maior do Exército e o Tenente-General Comandante das Forças Terrestres.

sua disposição, aguentou o peso inicial da invasão, sendo que, até poucas semanas antes do Dia-D, tinha somente quatro Divisões sob o seu comando. O 15º Exército do General Hans Von Salmuth, forte de 25 Divisões controlava toda a costa norte a partir de Caen até Antuérpia, o que significa que o Pas-de-Calais, onde era esperada a invasão, estava sob o seu controlo. Este facto justifica a superioridade de efectivos colocados à sua disposição por comparação aos do 7º Exército. A defender a Holanda, estava o 88º Corpo de Exército que fazia parte do Grupo de Exércitos B.

A defesa da costa da Normandia, estava na sua maioria a cargo de Divisões de Infantaria estática – trinta e quatro destas unidades estavam posicionadas desde Biarritz até Le Havre sendo que, em 1944, a cada vez maior necessidade de reforçar a frente leste, provocava uma sangria constante de efectivos a oeste; os soldados mais aptos e os veteranos deixavam assim o paraíso Francês para morrerem no inferno Russo. Como consequência, uma grande parte das unidades estacionadas em França eram de fraca qualidade – os soldados mais jovens estavam inadequadamente treinados por falta de tempo e de instrutores veteranos, os mais velhos eram demasiado velhos. Não era raro os regimentos terem apenas dois batalhões e não três como era suposto e havia mesmo uma Divisão inteira – a 70ª, formada apenas por homens com problemas de estômago e que tinham direito a rações de dieta! Se juntarmos a este quadro, alguns milhares de soldados de leste capturados e obrigados a lutar ao lado dos alemães, podemos ter uma noção das dificuldades que o exército alemão enfrentava neste quinto ano de guerra.

Outra situação comum era a dos militares mutilados; era frequente ver-se oficiais e soldados sem um olho, um braço ou uma perna. Estes homens eram enviados para França em consequência de ferimentos recebidos na Frente Oriental e não podiam combater, no entanto estavam aptos para as tarefas mais leves da ocupação e a sua experiência era preciosa no treino de jovens recrutas, por outro lado, sob o ponto de vista psicológico, o seu estatuto de veteranos "fazia maravilhas" junto daqueles que nunca tinham experimentado combate. Eram normalmente homens condecorados por bravura e muito respeitados pêlos camaradas. Haviam ainda dois problemas adicionais – a falta de meios de transporte motorizados era generalizada, e à excepção de algumas unidades, o movimento era hipomóvel e a pé. O segundo problema era ainda mais grave – a Luftwaffe (força aérea) tinha sido erradicada dos céus e os Aliados gozavam de total superioridade aérea, um dos dois factores determinantes da derrota alemã. Mas não nos deixemos enganar; o exército alemão era ainda uma temível máquina de guerra, o valor individual do soldado da Werhmacht, quando bem treinado e equipado, era regra geral superior ao dos seus congéneres anglo-americanos. Ao nível das unidades regulares do exército, a disciplina e o "espirito de corpo" eram notáveis, e se falarmos das unidades de elite das SS ou de pára-quedistas, a fasquia era ainda mais alta. Em termos tácticos, eram brilhantes, ofensiva e defensivamente. O seu material bélico era claramente superior a tudo o que os Aliados ocidentais possuíam. Por fim, e não menos importante, o moral do simples soldado alemão que desconhecia a verdadeira realidade era elevado, porque acreditava que a guerra que travava era justa, e que a sua Pátria sairia vencedora.

Fonte: Holmes, Richard, *Le Débarquement*, Grund, Paris, 2008.

Fonte: joaquimnery.files.wordpress.com.

No fim do dia

No fim do dia mais longo, havia no entanto uma certeza – os Aliados não seriam empurrados de volta ao mar. Uma sólida testa-de-ponte tinha sido estabelecida no continente Europeu. As cinco praias eram agora uma só. Duzentos e cinquenta mil homens e milhares de toneladas de material tinham sido depositados em solo francês, numa língua de areia e pedra com noventa quilómetros de extensão e cerca de duzentos a trezentos metros de profundidade entre o mar e as dunas ou vilas costeiras.

Apesar de alguns objectivos não terem sido atingidos, na sua generalidade, o Dia-D foi um sucesso notável. O total das baixas foi consideravelmente menor do que havia sido antecipado, e se os Páraquedistas e os Infantes de Omaha trocaram terra por sangue, nas outras praias morreram muito menos soldados do que estava previsto.

No fim desse épico dia, três milhões de homens iniciavam uma penosa caminhada através de uma Europa ainda ocupada por um exército temível. Desta vez, no entanto, marchavam todos na mesma direcção – o coração do Reich.

No fim desse épico dia, os generais alemães sabiam que a guerra estava perdida, e muitos quiseram pôr-lhe termo nesse momento, mas a demência de Hitler sacrificaria durante todo o ano seguinte, mais 12 milhões de vidas. Terríveis batalhas aguardavam ainda os Aliados, a começar pela própria Batalha da Normandia, mas nessa

Mestre Ana Rita Carvalho

Fonte: www.presidencia.pt

Procissão de Nossa Senhora da Saúde

Cumprindo uma tradição religiosa com mais de 500 anos, a Procissão de Nossa Senhora da Saúde saiu às ruas do bairro histórico da Mouraria, em Lisboa, no dia 5 de maio, acompanhada por milhares de devotos e integrada pelos três Ramos das Forças Armadas e pelas Forças de Segurança. Esta Procissão em louvor de Nossa Senhora, aqui invocada sob o epíteto "da Saúde", é uma das mais antigas e magnificentes do País, estando desde o início fortemente ligada à cultura castrense, muito especialmente ao Exército e aos militares artilheiros.

Esta procissão realiza-se desde o ano de 1579, em agradecimento à Virgem pela proteção dada à cidade de Lisboa, aquando da epidemia de peste que assolou a capital no ano de 1569. Hoje, como outrora, a imagem da Senhora da Saúde percorre algumas ruas de Lisboa, em solene procissão, com uma forte componente militar, integrada que foi por elementos das Forças Armadas, pela Polícia de Segurança Pública e pela Guarda Nacional Republicana, por corporações de Bombeiros, e respetivas bandas sinfónicas, que emprestaram particular brilho e dignidade à cerimónia, pontuando, com os seus trechos musicais, os vários passos deste percurso. Também, como habitualmente, o Exército esteve fortemente representado, com a presença de um elevado número de oficiais, sargentos e praças das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos da Região de Lisboa, para além de uma delegação da Escola Prática de Artilharia, de Vendas Novas, da Banda Sinfónica do Exército, de elementos ligados à Saúde militar e da Polícia do Exército, que garantiu a segurança no local.

Também, como é de tradição, integraram a Procissão de Nossa Senhora da Saúde altas entidades da vida pública, designadamente a primeira-dama, Dra. Maria Cavaco Silva, e o presidente de Câmara Municipal de Lisboa, Dr. António Costa, além de vereadores da Câmara Municipal e elementos da Junta de Freguesia do Socorro.

No culminar desta cerimónia de grande significado religioso, mas também cultural e patriótico, teve lugar a prestação de continência por S. Jorge a Nossa Senhora, após o que o bispo D. Nuno Brás dirigiu uma bênção à cidade de Lisboa, com o Santo Lenho. A Banda Sinfónica da GNR executou, então, o hino de Nossa Senhora da Saúde e o Hino Nacional, a que se associaram as vozes dos milhares de presentes e que antecedeu o recolher da Imagem de Nossa Senhora, imagem da Mãe – no dia em que se celebrava o dia de todas as mães – no seu rosto sereno e sorridente, no seu olhar terno e quase humano, à sua capela no n.º 1 da Rua da Mouraria.

manhã, tinha-se escrito com o sangue dos bravos o princípio do fim do Terceiro Reich.

Todos deram muito, muitos deram tudo

O cenário para a última grande e decisiva batalha da 2ª Guerra Mundial estava montado num gigantesco palco chamado Europa. Do resultado, dependia a sorte do mundo. O Ocidente unir-se-ia ao Oriente, algures a meio do percurso, numa Alemanha devastada pelas bombas. Em Berlim cairia o pano – um trágico e grandioso Crepúsculo dos Deuses. Dada a ordem final, cabia ao homem comum, ao cidadão-soldado, desferir o derradeiro golpe na máquina de guerra Germânica, e, em última análise, rescrever com o seu sangue as páginas da história. Três longos meses passariam até os Aliados libertarem Paris a 25 de agosto. Terminava assim a Batalha da Normandia. A França era de novo livre. O resto do mundo esperaria mais um ano, mas a promessa feita por Churchill seria cumprida.

---

* Alexandre Correia Gonçalves é Designer Gráfico e Ilustrador. Paralelamente, desenvolve trabalho nas áreas da banda desenhada, música e escrita literária.

Como investigador independente e interessado por História Militar, é colaborador do Quartel da Cavalaria, da Revista da Cavalaria, dos Cadernos Militares Lanceiro e do sítio de *Internet* 'Operacional'.

Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional em visita à Brigada Mecanizada

Decorreu na Brigada Mecanizada (BrigMec), no período entre 6 e 16 de maio, o exercício "ROSA BRAVA 13" (RB13), com a finalidade de treinar, avaliar e certificar a Força Mecanizada 13, no planeamento e condução de tarefas primárias no quadro das operações ofensivas, num ambiente operacional típico de um conflito de alta intensidade.

O exercício assumiu a forma de Live Fire Exercise (LFX), tendo contado com a participação de todas as unidades da estrutura operacional da BrigMec, bem como de outras unidades exteriores à mesma. No decorrer do exercício assumiu particular importância a obtenção da Initial Operational Capability (IOC) de um Esquadrão de Carros de Combate Leopard 2A6, composto por 10 Carros de Combate, inserido na edificação da Capacidade Blindada do Exército.

Como corolário do RB13, decorreu no dia 16 de maio o LFX, envolvendo 277 militares da Brigada, 17 viaturas de rodas, 47 viaturas blindadas de lagartas e 2 aeronaves da Força Aérea Portuguesa Lockheed Martin F-16 M.

O LFX foi presenciado por altas entidades civis e militares, nacionais e estrangeiras, destacando-se a presença da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional (SEADN), Dr.ª Berta Cabral, bem como dos Chefes do Estado-Maior dos três Ramos das Forças Armadas, do Conselho Superior do Exército, Adidos de Defesa Militares acreditados em Portugal, auditores do Curso de

Promoção a Oficial General, alunos do Curso de Estado-Maior Conjunto, alunos do Colégio Militar e, ainda, a delegação da Brigada Mecanizada XI do Exército Espanhol.

As atividades no âmbito do exercício RB13 terminaram com a assinatura do Livro de Honra do Exército pela SEADN, no Comando da Brigada.

Berta Cabral, antiga presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e ex-líder regional do PSD-Açores, tomou posse no dia 22 de abril, substituindo assim o Dr. Paulo Braga Lino no cargo, sendo a primeira mulher a assumir uma pasta no Ministério da Defesa.

Natural de Ponta Delgada, Açores, licenciada em Finanças pelo Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa em 1975, Berta Cabral iniciou a sua atividade profissional como Técnica Superior da Junta Nacional de Produtos Pecuários, no Ministério da Agricultura, em Lisboa, cidade onde permaneceu até 1980. Assumiu as funções de Diretora Regional do Tesouro (na Secretaria Regional das Finanças do Governo Regional) dos Açores, em 1984, cargo que ocupou durante quatro anos. Em 1988 foi nomeada Diretora Regional dos Transportes e Comunicações (na Secretaria Regional da Economia do Governo Regional) dos Açores e em 1991 assumiu as funções de Administradora da Empresa de Eletricidade dos Açores. Em junho de 1994, assumiu a presidência do Conselho de Administração da SATA Air Açores, cargo que ocupou até 1995. Integrou o Governo Regional dos Açores, ocupando a pasta de Secretária Regional das Finanças e Administração Pública. Em 2001 foi eleita Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, tendo sido reeleita em 2005.

Capitão Cavalaria José Barradas*

Um dia no Projeto 8 Cooperação Militar Portugal–Moçambique

Fonteda imagem do canto superior direito da página seguinte: www.blogdacomunicacao.com.br.

São 06h30 da manhã em Maputo, o sol já vai alto, e o despertador toca no quarto 10 da residência n.º 1 da Cooperação Técnico Militar (CTM). Apresenta-se pela frente mais um dia de trabalho para o projeto 8 (P8), na Escola de Sargentos das Forças Armadas de Moçambique. A rotina diária faz com que as portas dos quartos se abram praticamente em sintonia, fazendo-me cruzar no corredor com o Tenente Simões e o Sargento-ajudante Gomes, ambos assessores da Força Aérea para o P8. Após uma noite de chuva intensa, o calor já percorre o corredor, prevendo mais um dia bastante quente, podendo atingir novamente os 35.ºC, provocando a conversa meteorológica matutina habitual. Por volta das 07h30 encontramo-nos à porta da residência, onde já se encontra o Sargento-chefe Afonso, também assessor da Força Aérea ao P8, e aguardamos pelo último elemento do projeto, que terá que se deslocar de carro desde a residência n.º 2, a dois quarteirões de distância, para nos vir buscar e darmos início à viagem de 42Km até ao local de trabalho.

A viatura da CTM vira a esquina e surge o Major Paz Lopes, o Diretor do P8, fazendo com que cada um de nós se dirija ao local de "embarque", assumindo eficazmente a posição de costume que nos permite ocupar o lugar certo na viatura. A viagem irá durar cerca de uma hora, sendo metade desse tempo ocupado para sair da cidade de Maputo. A esta hora o trânsito já está caótico, as pessoas que se deslocam apeadas apressam-se para os locais de trabalho, descurando muitas vezes as regras de segurança ao atravessar as ruas. Os "chapas" (viatura de transporte público), atendendo às filas intermináveis de espera nas várias paragens, apressam-se e executam as manobras mais artísticas das estradas de Maputo, e para dificultar um pouco a tarefa há que desviar das poças, desconhecendo a profundidade de tal obstáculo. A confusão faz com que todos nós tenhamos uma participação ativa na condução, alertando para os vários perigos iminentes que possam surgir nos 360 graus que circundam a viatura.

A Escola situa-se numa pequena vila chamada Boane, a 42km de Maputo, sede do distrito do mesmo nome, em que o abastecimento de água é feito através de furos construídos pelo programa de desenvolvimento rural, mas que algumas populações têm que percorrer distâncias de 14km até

à fonte de água mais próxima, sendo a rede de abastecimento insuficiente e desigual e o estado de conservação e manutenção baixo. A agricultura é a base da economia distrital, tendo como principais culturas, o milho, a mandioca, o feijão, bananas e citrinos. As espécies de gado predominantes são os bovinos, ovinos e aves, destinadas para consumo familiar e comercialização. A taxa de analfabetismo é acentuada e o tipo de habitação predominante é a palhota com pavimento de terra batida, teto de chapa de zinco e paredes de caniço ou paus. O padrão dominante é o de famílias que vivem com rádio, sem eletricidade, dispondo de uma bicicleta em cada 10 famílias e vivendo em palhotas com latrinas e água proveniente de fontanários.

Ao chegarmos a Boane, a paragem para um café é obrigatória. Estas paragens diárias vão alternando entre a bomba de combustível da Galp e o café restaurante Ovilu, que nos permitem esticar as pernas e recuperar o fôlego dos inúmeros sustos que fomos apanhando pelo caminho. Ao chegar à ESFA, dirigimo-nos ao gabinete do P8 onde são definidas as tarefas diárias, seguindo-se os cumprimentos habituais aos militares da casa e o início de trabalhos.

A ESFA é um estabelecimento militar de ensino médio das Forças Armadas de Defesa de Moçambique que ministra cursos de nível médio técnico profissional, tendo como missão formar Sargentos para os quadros permanentes, nas várias especialidades dos Ramos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique. O P8 surge com a criação da Escola em 2007, tendo inicialmente como assessor um Tenente-Coronel do Exército Português, sendo reestruturado posteriormente para um efetivo de três militares, um Diretor de Projeto e dois assessores, como consequência da dimensão e dinâmica incrementada na ESFA. Atualmente decorrem os 4.º, 5.º e 6.º Cursos de Formação de Sargentos com um efetivo total de 1454 alunos, tendo sido até à data formados 379 Sargentos dos Quadros Permanentes.

Eu sigo para a sala de aulas e dou início à formação, no âmbito do Curso de Formação Pedagógica Inicial de Formadores aos novos Oficiais e Sargentos colocados na ESFA. Os assessores da Força Aérea dividem-se pelas aulas das respetivas áreas, onde supervisam e ministram, se necessário, as aulas das especialidades de Mecânico de Material Aéreo, Mecânico de Material Eletrónico e Controlo de Tráfego Aéreo. O Diretor do P8, segue com os trabalhos de coordenação e apoio ao nível do comando da Escola e Direção Pedagógica. Nos dias que não há aulas, a dinâmica é criada pelo apoio à elaboração de documentos de trabalho que têm vindo a ser desenvolvidos ou pelas dificuldades casuais apresentadas, sendo constantemente solicitada a presença dos militares do P8 nas várias áreas da Direção Pedagógica, seja para produzir alterações nos programas curriculares dos cursos, para detalhes de planeamento, manuais de apoio ou mesmo problemas a nível informático. Pela intensidade, dinâmica e motivação da equipa do P8, as manhãs de trabalho na ESFA passam num ápice, razão pela qual muitas vezes se perde a noção do tempo. A hora de nos retirarmos, coincide com a hora de almoço interna, sendo que por volta das 12h00 rumamos novamente para Maputo.

A próxima aventura caracteriza-se pelas paragens nas bancas de fruta que se espalham ao longo da rua principal da vila de Boane, onde conseguimos preços mais acessíveis, muitas vezes para abastecer as fruteiras dos nossos camaradas da CTM, que conhecedores dos preços praticados e qualidade da fruta, nos delegam mais esta tarefa, sendo praticamente mais uma missão do P8. Uma

vez que algumas das poças secaram, desta feita o obstáculo principal são os camiões carregados de pedra e brita, provenientes das várias pedreiras da região, que vão largando carga ao longo da estrada, obrigando-nos a executar um deslocamento em "zig zag", praticamente até à cidade, para nos desviarmos das pedras que ao bater no asfalto se elevam até aos 2m de altura.

Já em Maputo e após o almoço, momento em que podemos colocar a conversa em dia com os restantes camaradas da CTM, o P8 retoma os trabalhos, em que cada um agora tem tempo para consolidar ou continuar o seu trabalho, preparar as aulas para o dia seguinte ou quando necessário o P8 reúne para coordenar aspetos de carácter geral. O dia de trabalho prolonga-se normalmente até às 17h00, sendo que após esta hora a CTM assume a sua nova função. Agora é a hora desta família, que se encontra a 8000km e dez horas de distância de casa, minimizar as saudades e de tentar aproximar-se ao máximo à realidade que vivemos quando estamos em casa e junto das nossas famílias. Juntam-se os grupos para a caminhada ou corrida, as infraestruturas da CTM permitem a uns usufruir de um pequeno ginásio numa das residências enquanto outros optam pelo *snooker* ou atualizarem-se através dos canais internacionais de televisão. Após o jantar, ainda há tempo para um café enquanto se aguarda pelo momento mais precioso do dia.

Para quem se encontra ausente e longe de casa, a oportunidade de poder ver e falar com a família é uma verdadeira dádiva. Através da rede de Internet, conseguimos chegar até 50cm de distância das nossas famílias, permitindo-nos inclusivamente sentarmo-nos todos à mesa enquanto se janta no outro lado do mundo. As conversas, a boa disposição, as birras dos mais pequenos, e por vezes as lágrimas de saudade, são índices que nos permitem confirmar que está tudo bem e nos dão força e motivação para continuarmos a bem cumprir a nossa missão. O P8 é um projeto no âmbito da CTM que se orgulha dos resultados obtidos associados à instituição que representa, podendo contribuir para a construção e crescimento de uma Escola, que é observável ano após ano. O reconhecimento do nosso esforço e dedicação, neste país irmão e na ESFA, é o fator mais gratificante, traduzindo-se muitas vezes em pequenos gestos que representam a maior estima e consideração por nós, quer seja um simples agradecimento quer seja um frequente abraço de "até mundzuko" que na língua de Camões significa "até amanhã".

---

* CTM Portugal – Moçambique Projeto 8

LVII Semana Equestre Militar

Decorreu, no Centro Militar de Educação Física e Desportos, de 23 a 28 de abril de 2013, a "LVII Semana Equestre Militar".

A Semana Equestre Militar (SEM) é um evento que se realiza anualmente desde 1955, sendo atualmente o maior acontecimento desportivo castrense. Realizada tradicionalmente no CMEFD, tem como objetivos, entre outros, a apreciação e a classificação dos conjuntos militares, tendo em vista a sua participação nos vários níveis de competições desta modalidade, sendo obrigatória a presença de todos os militares com Montadas de Trabalho e/ou Montadas de Desporto atribuídas.

O Programa da LVII SEM incluiu 28 provas, de Ensino e de Obstáculos. Também inserida na SEM, o Coronel de Infantaria Henriques proferiu uma palestra subordinada ao tema "O Cavalo na Guerra", seguida de uma singela homenagem póstuma ao Coronel de Cavalaria Netto de Almeida, a qual contou com a presença dos respetivos familiares, que muito os sensibilizou.

Participaram neste evento 18 alunos do CM e do IO, 83 militares do Exército, onde se incluem 29 alunos da Academia Militar, 49 militares da Guarda Nacional Republicana e 9 cavaleiros civis, num total de 150 cavalos.

A LVII SEM contou ainda com a apresentação do "Carrocel da Escola Prática de Cavalaria", culminando com a tradicional "Cerimónia de Encerramento", onde se incluiu uma apresentação da "Reprise da Escola de Mafra".

Duatlo BTT CMEFD 2013 – Fase III

No período de 6 a 7 de junho de 2013, decorreu, em Mafra, o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de Duatlo BTT, Fase III – Exército, organizado pelo Centro Militar Educação Física Desportos (CMEFD).

No total participaram, 6 delegações com 58 atletas sendo 40 atletas masculinos e 18 atletas femininos e contou com o precioso apoio da Federação de Triatlo de Portugal (FTP), da Câmara Municipal de Mafra (CMM) e da Camara Municipal de Torres Vedras (CMTV).

A Cerimónia de Encerramento, que incluiu no seu programa a entrega de prémios às equipas vencedoras e do troféu CID, realizou-se em 7 de junho, nas instalações do CMEFD, tendo sido presidida pelo Coronel de Cavalaria Simões de Melo, Comandante do Centro.

No seu discurso, o Coronel de Cavalaria Simões de Melo, realçou a forma profissional, competente, e empenhada como a Unidade se envolveu na organização do campeonato e em nome do Comandante da Instrução e Doutrina, Tenente-General António Correia, agradeceu a prestimosa colaboração da FTP, da CMM e da CMTV no CDM de Duatlo BTT 2013 – Fase Exército.

A delegação vencedora foi o CID, seguido da BrigMec e da BrigInt.

Filmes & Jogos

WWZ - Guerra Mundial

Drama e ação – Em exibição

Baseado na obra literária de ficção científica de Max Brooks (filho do realizador Mel Brooks), o filme "WWZ: Guerra Mundial" é realizado por Marc Forster, realizador de "007 – Quantum of Solace".

A história centra-se em Gerry Lane (Brad Pitt), um ex-funcionário das Nações Unidas que, numa corrida contra o tempo, percorre o mundo procurando perceber como um vírus desconhecido prolifera e transforma pessoas em zombies. Ameaçada a sobrevivência da Humanidade, entidades governamentais enviam o protagonista e um grupo de cientistas para as zonas de conflitos, numa tentativa desesperada de resolver a catástrofe. A missão de Gerry consiste em entrevistar os raros sobreviventes dispersos pelo mundo.

A qualidade técnica dos efeitos visuais, a direção de fotografia e as cenas de ação repletas de zombies são os aspetos mais significativos que seguram o ritmo elevado do suspense. A densidade psicológica é alcançada; o espectador fica preso até ao momento final.

The last of us

Gênero: Jogo de ação, exclusivo para a Playsation3

The last of us" tem lugar num cenário pós-apocalíptico, onde o planeta é atingido por uma praga que ameaça dizimar a humanidade. Os únicos lugares seguros são as zonas de quarentena controladas por um exército cruel e autoritário.

Joel, um sobrevivente sem escrúpulos, e Ellie, uma adolescente destemida têm de trabalhar em conjunto para sobreviver a uma jornada épica através dos Estados Unidos em ruínas, fugindo dos militares que os perseguem, de grupos de sobreviventes desesperados por comida, armas e poder e também de humanos infetados. Imune à praga que assolou o planeta, Ellie é a última esperança da humanidade. Contrariado, Joel é incumbido de a escoltar até a um grupo de rebeldes que continuam à procura de uma cura. Desenvolvido pela Naughty Dog, Inc., este jogo consegue através da narrativa e do visual fora do comum prender a atenção do jogador. A banda-sonora é da autoria do premiado Gustavo Santaolalla. Cereja no topo do bolo: o desfecho surpreendente.

Fanáticos por Armas

Terceira temporada no Discovery Channel – sábados às 22h00, domingos às 13h55 e segundas às 14h50

Will Hayden é o dono de uma das lojas mais invulgares, mas também das mais conhecidas da América: a "Red Jacket". Esta loja tem o mais diverso tipo de armamento, desde canhões a facas, passando por pistolas, espadas e espingardas. Will, vende, troca, compra e fabrica e personaliza o mais diverso tipo de armamento. "Quando Will não está a arranjar uma velha espingarda da Guerra do Vietname ou a mudar o cordame de um arco usado para caçar crocodilos do pântano, podemos encontrá-lo na sua loja em pleno 'Bayou', no Louisiana, a conversar com os seus clientes, que vão desde donas-de-casa a membros da força especial SWAT".

Livros & Revistas

Uma História de Lisboa

Martz Inura é o pseudónimo de Emídio Ferreira de Aguiar, nome que podia ser incluído no âmbito de *Os Militares e as Artes*, secção que o *Jornal do Exército* dava à estampa, isto porque o autor de *Uma História de Lisboa* é Tenente-Coronel do Exército, aposentado.

Com sensibilidade de poeta, tem vários livros de poesia publicados, são as suas "Sinfonias". Publica agora a sua quarta obra em prosa, *Uma História de Lisboa*, que foi apresentado pelo Coronel José Geraldo na recente sessão de lançamento promovida pela *Âncora editora*.

Uma História de Lisboa é um livro de estrutura bipolar, alterna entre a ficção, utilizada como recurso para historiar o presente, e a história, voltada para o passado, que nos é descrita oralmente, através de um diálogo em que não está ausente a pergunta, a dúvida, a emoção, tentando com este efeito amplificar a realidade. Ao incidir em dois focos perderá em unidade formal, mas ganhará em complexidade e diversidade.

A parte romanesca centra-se à volta dos meses de abril e junho de 2011, como para dar um flash da cidade de Lisboa naquele período; e toda a sua história como que vai sendo servida gradualmente em fatias, incidindo mais em pormenor sobre os seus pontos fortes. É uma história sintética, mas abrangente quanto possível: não ignora a política, a economia e a cultura, contém crítica social, desce até ao etnográfico.

Embora escrita com preocupações de rigor científico, pressente-se na sua elaboração uma consciência moral, uma atitude crítica. É uma narrativa que se pretende dinâmica, contada perto dos locais onde os factos ocorreram, aproximando-os do leitor, como que para serem vistos em alto-relevo. O livro procura desviar-se de modelos já seguidos, é uma polifonia de vozes: da sua leitura não se desfruta de uma só, mas de muitas Lisboas.

De realçar neste livro, os seus três índices específicos, aliás muito úteis: onomástico, geográfico e ideográfico. *MF*

Inura, Martz, *Uma História de Lisboa*, Âncora editora, Lisboa, 2013.

Emprego dos Helicópteros no Exército

Foi aprovada a Publicação Doutrinária do Exército PDE 3-61-00 Emprego dos Helicópteros no Exército. A PDE 3-61-00 foi coordenada pela Direção de Doutrina e elaborada por um grupo de trabalho com delegados da Unidade de Aviação Ligeira do Exército, que se constituiu Centro de Conhecimento, também responsável pela nomeação do custódio que acompanhou a referida publicação doutrinária. A presente publicação do Exército visa proporcionar a doutrina de emprego dos Helicópteros no Exército mediante a constituição de grupos de helicópteros de composição variável ou modular – Agrupamento Tático de Helicópteros – concebidos para o cumprimento da missão do Exército.

PDE-3-61-00 Emprego dos Helicópteros no Exército, Exército Português, Lisboa, 2013.

"Aqueles de quem admiramos nunca morrem, apenas partem antes de nós"*

Distinto oficial e excepcional camarada. A lei incontornável da vida levou um Comandante amigo e solidário. A sua abnegação, seriedade e permanente disponibilidade para com os seus subordinados fizeram dele um exemplo de seriedade irrepreensível. Um Militar de excepção.

Oficial de Operações e 2º Comandante interino do BCaç (Batalhão de Caçadores) 2888 (Abrantes RI12) em Angola "ZALA" de 01/11/1969 a 11/2/1971, conhecido pelo "Major Rosarinho". Acumulou funções de 2º Comandante daquele Batalhão sempre que as circunstâncias assim o exigiam; Desempenhou funções no Quartel-General da Região Militar de Tomar de 22/12/1071 a 31/3/1974; Foi Director dos Serviços de Transportes; Foi CMDT do RIAH de Angra do Heroísmo (actual RGNº 2), no período 16/10/78 a 22/09/81, onde desempenhou, activa e preponderante a capacidade de organização no socorro às vitimas do sismo, nos Açores, em l de Janeiro de 1980, acto que foi enaltecido e a Unidade (RAH15) agraciada pelo então Presidente da Republica, General Ramalho Eanes.

Um Oficial com estatura e cintilância da grandeza de Humanidade, através de actos de nobreza irmanado de uma genuína estima e carinho nutrido do Coronel Pedro Pereira Rosário Santos.

Sentimento de total admiração pelo perfume exalado de uma vida modelar e diversificada onde, o exército, como bem sabem todos os militares que lhe pertencem por vinculação de serviço prestado à causa.

Sempre inequívoca prontidão e disponibilidade para ajudar e desbravar os caminhos íngremes da vida que, na nossa comiseração, não nos esqueçamos do homem e do Militar. Era um Militar de referência.

Coronel de Infantaria
Pedro Pereira Rosário Santos
Nascido a 24 de março de 1930
Falecido a 19 de junho de 1985

Os ex-combatentes que com ele estiveram em Angola e outros militares pretendem dedicar esta singela mas justa homenagem ao Militar de excepção, de mais um exemplo maior de valor militar de comando,

Faleceu no Hospital Militar, em Lisboa, de doença súbita, quando estava no activo, junto de um dos filhos.

Encontra-se sepultado no Ossário da Cripta dos Combatentes, no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

Tinha averbado diversos louvores e outras condecorações.

Escrito pelo ex-combatente Manuel D. Machado.

* Dos ex-combatentes do Batalhão de Caçadores (CCaç) 2888, chegou-nos o pedido, para publicação do seguinte texto, que foi lido por um dos militares do Batalhão aquando do último almoço de confraternização, realizado em Pombal, no passado dia 10 de junho.

Comissão Portuguesa de História Militar

"Portugal na Guerra Peninsular" (1812-1815)
Do Cerco de Ciudad Rodrigo ao Congresso de Viena.
O caminho para a derrocada do Império napoleónico.

XXII Colóquio de História Militar
12, 13, 14 e 15 de novembro de 2013

Informações gerais:

- A entrega da proposta de comunicação (até 20 de setembro) deverá ser acompanhada de um *Curriculum Vitae* resumido (máximo uma página A4) e de um resumo/*abstract* do trabalho (máximo uma página A4);
- A exposição oral do trabalho não deverá exceder os 20 (vinte) minutos;
- Caso sejam necessários meios auxiliares para apoio da exposição, estes deverão ser solicitados aquando da inscrição;
- Os trabalhos escritos deverão ser entregues, em suporte digital, até ao dia da respectiva comunicação. Em caso de não cumprimento dos prazos, a CPHM não se responsabiliza pela não inclusão do trabalho nas actas do Colóquio;
- O texto das comunicações para publicação em actas deverá ser elaborado em Microsoft Office – Word; Times New Roman tamanho 12; espaçamento entre linhas 1,5; Margens 2,5 cm (quatro lados).

PLANO DE SAÚDE DENTÁRIO EXCLUSIVO

PARA OS MILITARES E CIVIS DO **EXÉRCITO PORTUGUÊS,** INCLUINDO AS SUAS FAMÍLIAS

Já não custa ter um sorriso bonito e uma boca saudável

Preço: 30€ pessoa/ano - (Preço família, especial de lançamento 75€/ano incluíndo cônjuge e descendentes)

VANTAGENS:

- Mais de **3000 médicos dentistas** à sua disposição em todo o território nacional e ilhas.
- **Todas as especialidades cobertas** e todos os tratamentos que possa necessitar.
- **Clínicas seleccionadas** que cumprem os máximos standards de Qualidade.
- **Redução dos custo nos tratamentos em mais de 50% do preço privado** (ver tabela completa na página Web).
- **Tratamentos preventivos e mais frequentes SEM CUSTO**.

TRATAMENTOS	PLANO DE SAÚDE EXÉRCITO / DENTALREDE	PREÇOS MÉDIOS EM PRIVADO
CONSULTAS E VISITAS DE ESPECIALIDADE	SEM CUSTO	30,00€
DESTARTARIZAÇÃO (LIMPEZA)	SEM CUSTO	40,00€
RADIOGRAFIAS	SEM CUSTO	10.00€
COROAS E PONTES DE CERÂMICA	240.00€	400.00€
ORTODÔNTIA	255,00€ (POR APARELHO)	500,00€ (POR APARELHO)
EXTRACÇÕES SIMPLES	SEM CUSTO	30,00€

Ver toda a informação
www.Dentalrede.pt/parceiros/exercito português

INSCREVA-SE JÁ!!!

Fale connosco através do

☎ **808 201 665**

EXÉRCITO

RECRUTAMENTO

UM DESAFIO

UMA OPORTUNIDADE!

€2.00 (IVA incluído)

Ano LIV – n.º 629
JULHO DE 2013

jornal do Exército

10 de Junho – Dia de Portugal

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

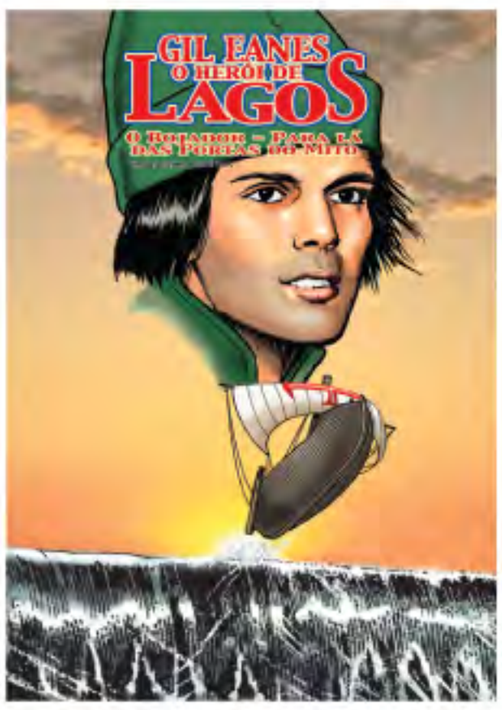
O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Monumento com História Militar
O Forte de Sacavém – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
Armas em Confronto na Batalha da Normandia – 14
Filipe II e a Batalha de Alcácer Quibir – 20
"Macte Animo" no Ataque – 28
5º Contingente Nacional faz balanço positivo no Afeganistão – 32
Evocações do Centenário da Grande Guerra – 36
Homenagem aos Torrienses mortos na Guerra do Ultramar – 38
Cultura, Desporto e Lazer – 44
"Um Projeto para a Biblioteca do Exército" – 40
10 de Junho - Dia de Portugal – 24
Suplemento Banda Desenhada: "Gil Eanes – o Herói de Lagos" Pág: XLV ao FIM

Capa

Foto: Luis Filipe Catarino, (Presidência da República)



Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **REDAÇÃO - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatores:** Alferes RC Filipa Domingos, Alferes RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe**: Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA;-Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; EXECUÇÃO GRÁFICA - Sersilito - Empresa Gráfica Lda. - Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

O Forte de Sacavém

Com as diversas invasões e intervenções militares externas a que Portugal se viu sujeito ao longo da sua história, tomou-se necessário desde muito cedo fortificar Lisboa e criar linhas de defesa. Durantes as invasões francesas já se encontrava montado um dispositivo de fortificações, mais conhecidas por Linhas deTorres, que compunham quatro linhas de defesa. Em 1833, no final da Guerra Civil, reativou-se um sistema de fortificações defensivas em volta da capital, seguindo o modelo das Linhas de Torres, tendo sido criadas nessa altura três linhas de defesa. Mais tarde, em 1876, o plano de aproveitamento das linhas antigas é definitivamente abandonado, tendo sido implementado um novo plano. Após a I Guerra Mundial, este conceito de defesa fica obsoleto e o Recinto de Segurança do Sector Norte do Campo Entrincheirado de Lisboa acabou por ficar constituído por seis fortalezas principais, instaladas em Sacavém, Caxias, Ameixoeira, Monsanto, Alto do Duque e Bom Sucesso, estando estes fortes ligados por uma designada estrada militar.

Nos próximos meses iremos falar nestas fortalezas, trazendo-vos nesta edição do Jornal do Exército o Reduto do Monte-Cintra, conhecido como Forte de Sacavém.

Forte de Sacavém, guardião discreto

Com um espólio documental de arquitetura e engenharia nacional composto por 500 mil peças desenhadas de plantas e fachadas, sete quilómetros de prateleiras de processos administrativos e 300 mil fotografias de edifícios, o Reduto do Monte-Cintra, vulgarmente conhecido como Forte de Sacavém, é atualmente o edifício que guarda o maior inventário arquitetónico do país. Localizado na freguesia de Sacavém, na margem direita do rio Trancão, no chamado Monte Sintra donde lhe advém o nome, é um forte de arquitetura militar oitocentista com planta pentagonal irregular, rodeado por fosso, estando parcialmente enterrado no solo, o que o torna muito discreto e pouco percetível quando visto de uma altitude inferior. O projeto do reduto baseia-se no traçado dos fortes que na época eram construídos na Europa, em que todas as instalações do pessoal, material e galerias de comunicação têm cobertura com vigas de aço de carris de caminho-de-ferro interligadas com material de enchimento, composto por pedra miúda, areia e cal gorda, cobertas por espessas massas de terra, que absorviam o impacto dos projéteis de artilharia. A sua posição permitia controlar as principais vias de acesso à cidade, a estrada para o norte e o caminho-de-ferro, bem como o rio Tejo.

A sua construção remonta ao início do século XIX, devendo-se a decisão da edificação ao então ministro da guerra, Marquês de Sá da Bandeira. Contudo, os estudos só se iniciaram em 1872 e a construção teve início apenas no dia 17 de agosto de 1875. O forte foi idealizado pelo engenheiro Sanches de Castro, tendo a construção da obra sido coordenada pelo Capitão do Exército Eugénio de Azevedo.

Em 1935 alojou-se no forte o Regimento de Artilharia Pesada de Lisboa n.º 1 (RAP 1), servindo também de paiol de munições de artilharia e de aviação. Mais tarde, em 1939, o Forte de Sacavém foi desocupado pelos militares, mas mantendo as funções de paiol de munições.

Em 1998, passou por diversas obras, tendo sido reafectado ao Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, e aí instalada o arquivo e demais inventário da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Atualmente, o forte encontra-se circundado pela intensa malha urbana da cidade de Sacavém, que tem crescido nos últimos anos. Contudo, o Forte de Sacavém contínua resoluto no alto do monte e escondido pela vegetação, como um guardião silencioso da cidade.

Alferes RC Eder Sousa

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Anualmente o Presidente da República escolhe uma cidade para ser sede das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Este ano foi Elvas o palco destas comemorações que englobaram cerimónias militares, exposições, cortejos, concertos e desfiles e, ainda, uma cerimónia de condecorações. Como referiu o Comandante Supremo das Forças Armadas no seu discurso: "Fazemo-lo em Elvas, cidade-quartel, cidade de longa presença e tradições militares, palco de batalhas, e onde se escreveram das mais belas páginas da nossa História. Aqui se travou uma das decisivas batalhas da Restauração, nas Linhas de Elvas, onde, movidas pelo querer e coragem, as tropas portuguesas e a população obtiveram uma vitória de enorme importância política, militar e simbólica." Foi oportuna e patriótica esta decisão de ser celebrada ali uma data tão importante para todos os portugueses d'aquém e d'além mar, o 10 de junho, o dia da morte de Luís Vaz de Camões, que terá dito, pouco antes de morrer: "Morro, mas morro com a Pátria!". O período entre 1578 e 1580 ficou conhecido para a História como o período da perda da independência de Portugal, cujo desfecho foi a aclamação de Filipe II de Espanha, nas Cortes de Tomar, em 1581, como rei, Filipe I de Portugal. A Dinastia filipina governaria Portugal até 1640. A Restauração da Independência deu-se no primeiro de dezembro daquele ano, mas a Guerra da Restauração havia de continuar durante cerca de 28 anos. A Batalha das Linhas de Elvas verificou-se a 14 de janeiro de 1659, depois dos sitiados portugueses terem resistido desde outubro ao exército espanhol comandado por D. Luis de Haro. O exército de socorro, sob as ordens de D. António Luís de Meneses, Marquês de Marialva, pôs fim ao cerco de Elvas e desbaratou os sitiantes. D. Sancho Manuel, comandante das forças sitiadas, fez uma investida e contribuiu para o sucesso das forças portuguesas. Até que a paz fosse assinada em 1668, outras batalhas se travaram a favor dos portugueses [Ameixial em 1663 e Montes Claros em 1665]. Foi neste espaço, onde as vitórias passadas se escreveram com o sangue derramado dos militares e o suor dos sacrifícios dos portugueses, que o Presidente da República fez o seguinte apelo:

"Perante vós, como Comandante Supremo, quero expressar a todos os militares o meu apreço e a minha confiança pela forma responsável como têm interpretado a dimensão e o sentir de ser Soldado de Portugal, manifestando um comportamento e um sentido de dever exemplares. Lembrando a coragem dos que nos antecederam, vamos transformar um tempo de incerteza em tempo de esperança e de mudança, de vontade autêntica em construir um destino comum que, juntos, conseguiremos alcançar: o destino de sermos Portugal."

Neste número do *Jornal do Exército* podemos ler mais um interessante artigo sobre a temática da II Guerra Mundial, da autoria de Alexandre Correia Gonçalves, intitulado "Armas em Confronto na Batalha da Normandia". O Dr. Mário António de Mello Saraiva oferece-nos uma versão muito curiosa sobre a Batalha de Alcácer Quibir, travada em 4 de agosto de 1578. "Macte Animo no Ataque" é o título de um exercício que nos relata o corolário da instrução dos militares do 2.º Esquadrão de Carros de Combate Leopard 2A6. A Alferes Filipa Domingos testemunha-nos: "o 5.º Contingente faz balanço positivo no Afeganistão"; e o Alferes Eder Sousa apresenta-nos o artigo acerca do Programa das "Evocações do Centenário da Grande Guerra". O Professor Doutor Rocha Machado, com palavras sentidas, presta "Homenagem aos Torrienses mortos na Guerra do Ultramar". Felicitamos, por último, o nosso assíduo colaborador José Pires, por nos ter brindado com a bela história ilustrada "Gil Eanes - o Herói de Lagos", que chegou ao fim!

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

SEADN visita Polo Cultural do Exército

"Honrar a nossa história [militar] é uma obrigação, que deve ser partilhada com toda a sociedade" foram estas as palavras da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional (SEADN), Dr.ª Berta Maria Correia de Almeida de Melo Cabral, aquando da visita ao Polo Cultural do Exército no dia 26 de junho. Ainda na audiência composta pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, pelo responsável da Direção de História e Cultura Militar (DHCM), Major-General João Manuel Santos de Carvalho, e por outros oficiais do Ramo com ligações a esta área, a Dr.ª Berta Cabral referiu ainda que a partilha da história militar "deve ser orientada para o culto do orgulho nacional".

A visita começou na zona oriental de Lisboa, no Convento de Chelas, onde está instalado o Arquivo Geral do Exército, o arquivo intermédio dentro do Sistema de Arquivos do Exército, para onde são remetidos os documentos de acordo com o Regulamento de Conservação Arquivística do Exército. A sua missão consiste na gestão dos documentos existentes e dos que vão sendo recebidos, passando por um conjunto de operações e procedimentos técnicos que visam a recolha, seleção, classificação, codificação, guarda, conservação, consulta e eliminação dos documentos. Depois de avaliados pela Comissão de Classificação de Documentos, alguns desses documentos passam para o Arquivo Histórico Militar.

A visita prosseguiu em direção ao Campo de Santa Clara, onde se encontra a DHCM, mais concretamente no Palácio dos Marqueses do Lavradio, um edifício cujas raízes remontam a 1745. Aqui foi comprovado o apoio da DHCM à investigação, recolha e divulgação dos valores culturais militares, a par da pesquisa, preservação e estudo do património e dos documentos históricos militares. Esta ação estende-se tanto aos que constituem espólio dos arquivos, bibliotecas e museus na dependência direta da DHCM como aos que dependem de Unidades, Estabelecimentos e outros Órgãos do Exército.

Seguiu-se para a Biblioteca do Exército que se constitui como biblioteca pública especializada, vocacionada para a área histórico-militar, que recebe, armazena, conserva e controla os livros e outras publicações de interesse para o Exército. Por fim, seria a vez do Arquivo Histórico Militar e o Museu Militar.

É de realçar que a SEADN recebeu informação sobre os planos de constituição de Polo Cultural do Exército no eixo Campo de Santa Clara-Santa Apolónia, onde está instalado o Arquivo Histórico Militar – que preserva todos os documentos de valor histórico relativos ao Exército – e o Museu Militar em Lisboa, onde está exposto um conjunto de armaria, pintura, escultura e painéis de azulejos que ilustram acontecimentos relevantes da História de Portugal, em 34 espaços e salas.

Do Polo Cultural do Exército farão parte, além da própria DHCM, a Biblioteca do Exército, o Museu Militar de Lisboa, o Arquivo Histórico Militar e o Arquivo Geral do Exército, cuja transferência de instalações está em projeto.

Chefe do Estado-Maior do Exército Francês visita Exército Português

O Chefe do Estado-Maior do Exército Francês (CEMAT), General Bertrand Ract-Madoux efetuou, em 3 de junho de 2013, uma visita de trabalho ao Estado-Maior do Exército onde foi recebido com honras regulamentares, às quais se seguiu um encontro com o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, antes de receber uma apresentação sobre o Exército Português e a cooperação bilateral Portugal-França.

Seguiu-se uma visita à Brigada de Reação Rápida (BrigRR) em que foi acompanhado pelo General CEME. Após a receção e respetivas honras militares realizou-se um briefing, no salão nobre, sobre as atividades das unidades desta Brigada. O CEMAT francês assistiu de seguida a um desfile de forças da BrigRR equipadas para combate e ao lançamento de paraquedistas. A finalizar visitou uma exposição, patente no hangar sul, sobre meios e capacidades da BrigRR .

Aniversário da Brigada de Intervenção

Decorreu no dia 4 de junho, a cerimónia comemorativa do 7º aniversário da criação da Brigada de Intervenção (BrigInt). A cerimónia, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, teve lugar no Aquartelamento de Santana, em Coimbra, onde se encontra sedeado o Comando da BrigInt.

Da cerimónia militar destacaram-se a Guarda de Honra ao Comandante do Exército e as alocuções proferidas pelo Comandante da BrigInt, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, e do General CEME. No final, após o desfile das forças em parada, decorreu ainda a atuação da Banda do Exército.

Marcaram também presença neste dia festivo, os representantes das principais instituições da cidade de Coimbra, nomeadamente o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. João Paulo Lima Barbosa de Melo, o Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra, Juiz Desembargador António Isaías Pádua, bem como o Reitor Honorário da Universidade de Coimbra, Professor Dr. Rui Alarcão.

Dia dos Comandos e do Centro de Tropas Comandos

No dia 29 de junho realizou-se no Centro de Tropas Comandos (CTC), no Quartel da Carregueira, comandado pelo Coronel de Infantaria CMD Pedro Miguel Alves Gonçalves Soares, a cerimónia militar comemorativa do seu dia festivo.

Do programa oficial evidenciou-se a cerimónia de condecoração do Estandarte Nacional do CTC com a Ordem Militar de Cristo, o descerrar da Placa da Parada com o nome do Major-General "Comando" Jaime Neves, em sua homenagem, e a imposição das insígnias "Comando" aos militares que terminaram o 121º Curso.

Estiveram presentes diversas entidades civis e militares, que muito dignificaram o evento, destacando-se o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, que presidiu às cerimónias, e o Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Fernando Jorge Loureiro de Roboredo Seara.

Fogos de Artilharia

A preparação da componente operacional dos militares de artilharia implica um conjunto de atividades, das quais se destacam os exercícios de 'fogos reais'.

Normalmente, este tipo de treino é realizado no Campo Militar de Santa Margarida, onde existem condições favoráveis para a sua execução.

A imagem escolhida para a nossa rúbrica ilustra, precisamente, a parte de um exercício 'fogos reais' de Artilharia, em particular, a realização do treino de 'tiro direto'. Não sendo uma atividade comum para este tipo de armamento, no seu enquadramento tático convencional, é uma valência proporcionada pelo próprio material em questão (Obus 105mm M119 Light Gun/30/m98), que possibilita o seu emprego como uma 'solução de último recurso' em situações de ataque massivo a uma posição ocupada por uma Bateria de Artilharia.

Dia da Direção de Finanças

No dia 1 de julho decorreram em Lisboa as comemorações do 35º Aniversário da Direção de Finanças.

Do programa oficial da cerimónia, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro destacou-se uma sessão solene, com uma alocução proferida pelo Major-General José de Jesus da Silva, Diretor da unidade aniversariante.

Seguiu-se a cerimónia de Imposição de Condecorações, terminando com uma visita às Instalações.

Estiveram presentes neste dia festivo, várias altas individualidades civis e militares, que dignificaram o acontecimento, entre eles o Comandante da Logística, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho.

Deputados visitam futura Escola das Armas

No dia 2 de julho os deputados da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República, chefiada pelo deputado José de Matos Correia, realizaram uma visita de trabalho às instalações da Escola Prática de Infantaria e ao Centro Militar de Educação Física e Desportos.

A visita serviu para os deputados ficarem a conhecer as futuras instalações da nova Escola das Armas, bem como o projeto a implementar no corrente ano.

Para o efeito foi-lhes apresentado um briefing e uma visita guiada a ambas as unidades militares, bem como ao Convento de Mafra, seguindo-se na Tapada Militar uma demonstração de capacidades e meios na "Aldeia de Camões".

Várias altas entidades militares estiveram presentes, realçando-se a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro.

Adidos Militares Acreditados em Portugal visitam ZMA

No dia 19 de junho, o Comando da Zona Militar dos Açores (ZMA) recebeu a comitiva dos Adidos Militares acreditados em Portugal que, no âmbito do seu planeamento anual, visitaram a Região Autónoma dos Açores.

Após a receção e apresentação de cumprimentos, os Adidos Militares tiveram a oportunidade de assinar o Livro de Honra do Comando da ZMA seguindo-se a apresentação de um briefing pelo Comandante da ZMA, Major-General José Manuel Cardoso Lourenço, onde foram caracterizadas a natureza e as principais atividades desenvolvidas na ZMA.

A visita continuou com a apresentação de uma mostra de capacidades, na vertente de proteção civil, a que se seguiu uma breve atuação da Banda Militar da ZMA, terminando com um "pico" de honra confecionado pelos militares que se encontram a frequentar o II Curso de Cozinha e Pastelaria da Escola de Formação Turística e Hoteleira de Ponta Delgada.

Novo Portal online da Repartição de Lições Aprendidas

Obter informação e lições que contribuam para a melhoria contínua do Exército, tornando-o mais capaz e eficiente, são os objetivos principais da Repartição de Lições Aprendidas. Trata-se de um processo que segue três etapas genéricas da base de aprendizagem, que são a "Identificação", que ocorre durante a fase de análise do processo de transformação da observação em lição aprendida, e a "Ação" e a "Institucionalização" que ocorrem durante a fase do processo que transforma a lição identificada em lição aprendida.

Já se encontra online o Portal desta repartição da Direção de Doutrina/Comando de Instrução e Doutrina, que irá permitir a partilha de informação, interação com os militares e assegurar a disponibilidade de dados, sobretudo os produtos decorrentes do processo de lições aprendidas. A Base de Dados encontra-se em fase de testes e estará disponível a partir de 31 de julho.

Na Intranet do Exército - Link do portal: http://la-portal/default.aspx

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Teleconsulta médica militar no CSMC

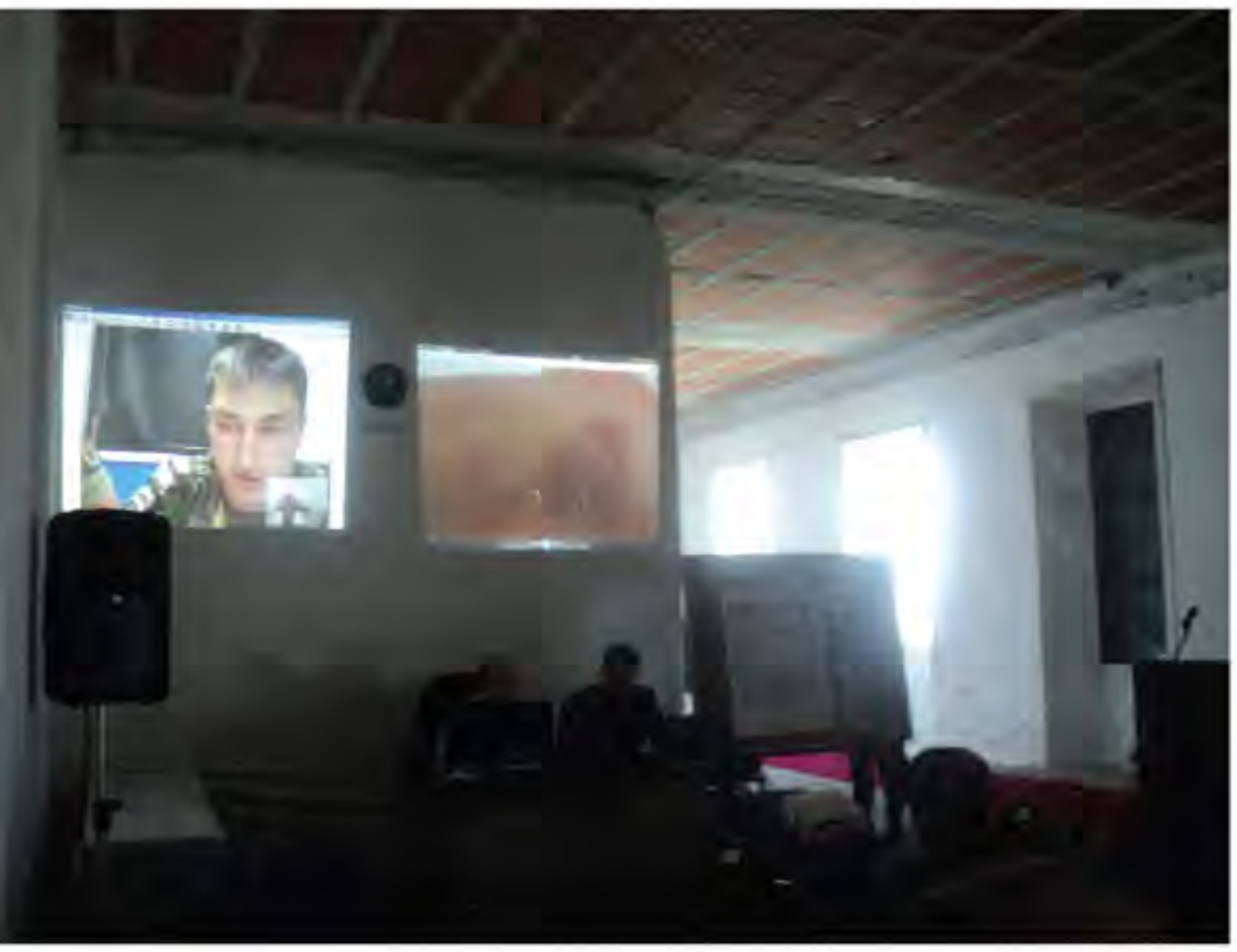
Assinalou-se no dia 31 de maio, o 102º aniversário do Centro de Saúde Militar de Coimbra (CSMC), com uma Teleconsulta médica militar. Como tem sido prática nos últimos anos, este estabelecimento de saúde aproveita esta data festiva para divulgar novas ideias ou procedimentos de saúde operacional.

Desta feita, este ano, o tema escolhido foi a Telemedicina militar, tendo sido organizado um Workshop teórico-prático sobre o assunto onde foram abordados os seguintes temas: "Telemedicina militar - O estado da arte " e "Teledermatologia em ambiente militar ".

A reunião clínica culminou com uma sessão de Teleconsulta em tempo real com a Força Nacional Destacada (FND) no Kosovo. Assim, após devido consentimento dos intervenientes (militares consultados e médicos participantes), e respeitando os standards da NATO e guidelines de Teledermatologia publicados, procedeu-se à Teleconsulta em tempo real de 3 militares em missão no teatro de operações do Kosovo, portadores de problemas de saúde do foro dermatológico identificados pelo médico da missão. Com recurso a esta ferramenta foi possível diagnosticar e proceder à orientação terapêutica destes militares, pelo médico dermatologista militar, a partir do CSMC.

Este evento, que contou com o apoio técnico da Direção de Comunicações e Sistemas de Informação, na área das telecomunicações militares serviu também para assinalar o início regular desta prática de Teleconsulta, desde já com as FND e a curto prazo com algumas Unidades Militares Territoriais.

Assistiram a este evento, não só os profissionais do CSMC mas também convidados externos com destaque para o Diretor do Serviço de Saúde, Major-General Esmeraldo Correia da SilvaAlfarroba e o Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, Comandante da Brigada de Intervenção.



Academia Militar com novo Comandante

Teve lugar em 28 de junho na Parada Capitão Simões de Sousa, a cerimónia de tomada de posse do comandante da Academia Militar (AM), Tenente-General José António Carneiro Rodrigues da Costa.

Após a chegada do Comandante da AM, foram prestadas as Honras Militares regulamentares pela Guarda de Honra.

Seguiu-se a apresentação de cumprimentos no Salão Nobre, por parte dos Oficiais, Docentes, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que prestam serviço na AM.

Realizou-se posteriormente a cerimónia militar do Corpo de Alunos na Parada Capitão Simões de Sousa, comandada pelo Coronel de Infantaria Maia Pereira.

Durante a cerimónia, e após a integração do Estandarte Nacional na formatura de alunos, foi feita a leitura do Despacho de nomeação do novo Comandante da AM e uma síntese biográfica do Tenente-General Rodrigues da Costa. De seguida procedeu-se à formalidade da entrega do Estandarte Nacional da AM, pelo 2º Comandante Major-General Dias Coimbra, ao novo Comandante.

Após revista às forças em Parada, o Tenente-General Rodrigues da Costa proferiu uma alocução alusiva à efeméride, terminando a Cerimónia Militar com o desfile das Forças em Parada.

Durante a tarde foi ainda apresentada pelo Coronel Tirocinado de Artilharia Vieira Borges, no Auditório 9, uma exposição sobre a história, missão, organização, atividades, situação atual e perspetivas do Estabelecimento de Ensino Superior Público Universitário Militar.

Tomada de Posse do MGEN Diretor de Infraestruturas

A Ex-Sala de Audiências do antigo Tribunal Militar de Lisboa no Palácio do Marquês do Lavradio, foi o palco escolhido para a Cerimónia de Apresentação e Tomada de Posse do Diretor de Infraestruturas, Major-General António José Fernandes Marques Tavares, que teve lugar no dia 8 de julho.

De seguida o Subdiretor de Infraestruturas, Tenente-Coronel João Pires, efetuou uma apresentação genérica da atual situação da Direção. Ainda durante o briefing, houve tempo para uma apresentação dos aspetos funcionais e áreas de intervenção no cumprimento da missão da Direção de Infraestruturas do Exército (DIE), de cada uma das Repartições e Gabinetes, a cargo dos respetivos Chefes.

A cerimónia da tomada de posse culminou com uma visita às Repartições e Gabinetes da DIE.

IGeoE distinguido com prémio IDC- "CIO AWARDS 2013"

O Instituto Geográfico do Exército (IGeoE) submeteu à 3ª edição do Prémio "CIO Awards 2013 (Chief Information Officer)", promovido pela IDC Portugal, o seu projeto SIGOpMil, que consiste num Visualizador de Informação Geográfica para Operações Militares.

O referido projeto mereceu a distinção de estar entre os 10 projetos que mais se destacaram no âmbito das tecnologias de informação e comunicações, gerando valor acrescentado e um forte impacto nos processos internos das suas organizações.

Os "CIO Awards" foram criados para demonstrar que em momentos de dificuldades económicas, financeiras e sociais, algumas organizações souberam apostar na dinamização e inovação das suas atividades, com o suporte das tecnologias de informação, contribuindo quer para a melhoria e otimização de processos de negócio da organização, quer também para a inovação e criação de novos produtos/serviços, como ainda para a melhoria da produtividade e efetividade dos colaboradores, para a atração e retenção de clientes e para a melhoria do processo de decisão.

Nesta 3ª edição do prémio, a IDC Portugal recebeu mais de 200 propostas de candidatura, das quais apenas selecionou 47 para apreciação. A avaliação destes projetos incidiu primordialmente sobre a inovação tecnológica, o retorno do investimento tangível e o impacto de negócio.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA • 2,00 **ASSINATURA ANUAL (11 números):** VIA SUPERFÍCIE - **Portugal Cont. Madeira e Açores** • 20,00; VIA AÉREA - **Países europeus** • 45,00; **Restantes Países** • 65,00. NOTA: **As assinaturas devem ser pagas antecipadamente**
NÚMEROS ATRASADOS - **1960 a 1969** • 4,50; **1970 a 1979** • 4,00; **1980 a 1989** • 3,00; **1990 a 2001** • 2,50; **2002** o **2012** • 2,00.
Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO • 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: **1000/2000** • 4,21; **3000/8000** • 5,79; **Açores** e **Madeira** • 6,56.

Alexandre Correia Gonçalves

Panzer VI-Tiger II (King Tiger)

ARMAS EM CONFRONTO NA BATALHA DA NORMANDIA

A Batalha da Normandia foi ganha pelos Aliados devido a três fatores decisivos: uma avassaladora superioridade numérica em homens e material, uma superioridade aérea e muita coragem. O Alto Comando Alemão, ou por outras palavras, Hitler em pessoa, deu uma preciosa ajuda ao não libertar a tempo a única força que poderia ter posto em causa o sucesso da Campanha nas suas primeiras horas – as temíveis Divisões Panzer.

Por motivos óbvios, irei mencionar apenas as armas que mais se destacaram no campo de batalha. Neste capítulo, dos três exércitos em contenda, um era o claro vencedor, paradoxalmente foi aquele que perdeu. A Batalha da Normandia foi um claro exemplo de quantidade versus qualidade, e a prova irrefutável de que, quem tem recursos humanos e materiais ilimitados sai vitorioso. Na guerra terrestre, os Alemães dispunham das mais avançadas armas do mundo em termos de qualidade e tecnologia, só os Soviéticos possuíam armamento comparável, e como sabemos, o Exército Vermelho não lutou em França.

O armamento Alemão

Apesar do carro de combate Alemão mais usado na Normandia ter sido o Panzer IV, e em termos comparativos ser equivalente a um Sherman ou Cromwell, Carros de Combate como o Tiger I, o King Tiger ou o Panther, não tinham rival no campo de batalha. A simples menção do seu nome provocava ondas de pânico nas fileiras aliadas! Diga-se de passagem, plenamente justificadas. Os seus canhões de 88 e 75mm respetivamente, podiam destruir qualquer tanque aliado a dois quilómetros de distância, sem que o contrário fosse possível, mesmo a 500m! (exceção feita ao Sherman Firefly equipado com o excelente canhão de 17 libras britânico).

Imaginemos o terror da tripulação de um Sherman ao ver surgir à sua frente um Tiger! Muitas tripulações morriam sem sequer os ver, simplesmente porque estavam demasiado longe. Os Aliados chegaram à amarga conclusão de que necessitavam em média, cerca de 5 Shermans para derrotar um Tiger! Isto, quando conseguiam apa-

nhar a "besta" relativamente isolada... O processo era arrasador para os nervos – um cerco muito cuidadoso, na tentativa de flanquear o carro, e, com muita sorte, despejar o maior número possível de projécteis à "queima-roupa" nas laterais ou na traseira, mais vulneráveis. Quando a torre não girava mais, podia-se respirar de alívio, até lá, tudo podia acontecer... A capacidade de um Tiger aguentar castigo era inacreditável. Mas, como nada é perfeito, estes colossos tinham alguns defeitos, especialmente os Tigers, que devoravam combustível na mesma proporção que devoravam as presas, e eram demasiado pesados, grandes, e pouco manobráveis para muitos dos locais em que operavam. A sua construção era tão complexa e dispendiosa que necessitavam de uma manutenção rigorosa e constante, sendo um verdadeiro pesadelo para os mecânicos. A título de exemplo, eram necessários três tratores pesados de 18 t. para rebocar um Tiger I, e o seu custo final de produção permitia construir dez Messerschmidt 109! Por seu lado, o Panther corrigiu essas falhas, mas manteve a mesma letalidade. Foi de longe o melhor blindado usado na Normandia e na opinião de muitos, em toda a guerra. Felizmente para os Aliados, não existiam em número suficiente para poderem alterar o desfecho da batalha. A par do Panzer IV, houve outro blindado, construído em grande número, e que foi responsável pela morte súbita de muitos Shermans; refiro-me ao Stug 40 "Sturmkanone" ou "Sturmgeschutz". Este caça-carros sem torre, e de perfil baixíssimo, não era mais do que uma casamata montada sobre a infra-estrutura do obsoleto Panzer III, á qual juntaram o canhão de 75mm do Panzer IV. Pouco dispendioso, fácil de produzir e extremamente eficaz, era um predador especialista a emboscar as vítimas. Outra arma lendária do arsenal Germânico era o mortífero canhão de 88mm Flak 36/37. Fabricado pela Krupps, e concebido inicialmente para abater aviões, ficou no entanto tristemente célebre como caçador de blindados. Foi Rommel que descobriu a sua potencialidade antitanque nos desertos do Norte de África. A polivalência desta arma, permitia-lhe ser utilizada em todas as situações de combate, mesmo contra Infantaria, se usasse munição adequada. No entanto, contra a infantaria, nenhuma outra arma suplantou a MG 34 e MG 42. Estas metralhadoras ceifaram mais vidas do que todas as armas ligeiras Alemãs juntas. Com uma cadência de tiro de 1200 balas por minuto, a MG 42 só deixava de disparar quando o cano ficava incandescente e derretia! Cada uma destas metralhadoras era sempre entregue com um cano suplementar. Os soldados Americanos apelidaram-na de "máquina de costura"! Outra fabulosa arma foi a espingarda de assalto MP 44, a primeira arma ligeira totalmente automática do mundo; podia ser usada como espingarda de grande alcance e precisão ou como metralhadora graças ao seu carregador de grande capacidade. Também esta arma chegou tardiamente e em pouca quantidade à Normandia, tendo sido muito utilizada mais tarde, na Holanda, na Bélgica e em Berlim. Como curiosidade, A MP 44 foi a "mãe" da mítica AK-47 soviética. Por último, destaca-se outra arma, talvez menos conhecida do grande público, mas que ganhou uma terrível reputação; refiro-me ao Nebelwerfer, um lança-rockets com 8 tubos dispostos em círculo e que faziam um silvo aterrador ao atravessar o ar. Batizado pelos Aliados com o sugestivo nome de "*screaming memmies*", causavam enormes estragos onde caíssem, especialmente entre grupos de infantaria inadequadamente abrigados.

Os alemães possuiam uma excelente força aérea, mas o seu papel foi praticamente inexistente durante a batalha, porque a Luftwaffe simplesmente não tinha aviões. Para termos uma ideia da penúria em que viviam os "Cavaleiros do Céu" do Marechal Goring, durante todo o Dia-D, apenas dois Focke-Wulf 190 surgiram no céu sobre a praia de Sword, despejando umas contidas rajadas, e não causando mais do que um susto ás tropas Inglesas.

Espingarda de assalto MP 44

O armamento Aliado

Os anglo-americanos tinham um conceito bélico bastante próximo, tendo produzido ao longo da guerra, material com características semelhantes, e que variava entre o muito bom e o muito mau. Em termos de forças terrestres, os dois carros de combate mais usados foram o Sherman Americano e o Cromwell Britânico. Ambos com cerca de 30 toneladas e equipados com uma peça de 75mm, eram carros rápidos, manobráveis e fiáveis, mas com blindagens muito vulneráveis e um canhão que apenas fazia "cócegas" aos oponentes germânicos mais pesados. O Sherman tinha mais dois defeitos: o seu perfil muito alto, que o tornava visível a milhas, e a fatal tendência para se incendiar quando atingido. O seu motor a gasolina em muito contribuiu, tendo ganho a pouco lisonjeira alcunha de "Ronson"! (o isqueiro) Este problema foi parcialmente resolvido mais tarde, com a utilização das chamadas "munições molhadas". A sua grande vantagem consistia nos números – por cada Sherman que os Alemães destruíam, o exército do "Tio Sam" lançava mais cinco, sendo que cada Tiger ou Panther destruído era menos um. Havia no entanto, e como já foi referido, uma honrosa exceção - o excelente e letal canhão de 17 libras inglês, a única arma do arsenal Aliado capaz de abater os grandes Felinos. Este canhão, quando instalado no Sherman, tornou-se de imediato no "salvador da Pátria", e pena foi, terem sido distribuídos em quantidade insuficiente aos Regimentos de Cavalaria. Esta máquina era tão valiosa em combate que o seu canhão teve honras de uma camuflagem exclusiva com o objetivo de "mascarar" o cumprimento do cano, (bastante mais comprido do que o cano de 75mm) por serem a "presa" mais desejada dos artilheiros Alemães. O Sherman "Firefly" foi um brilhante exemplo da também já referida complementaridade entre Ingleses e Americanos – Juntar a melhor arma com a melhor plataforma (disponível) para a transportar. Outro exemplo, ainda mais famoso, aconteceu nos céus: o Mustang P 51, uma aeronave com uma excelente estrutura, mas com um fraco motor. O que fazer? Nada mais fácil: juntou-se o fabuloso motor Rolls Royce Merlin que equipava o Spitfire e o resultado foi talvez o melhor avião de caça de toda a guerra antes do aparecimento do temível Messerschmidt 262 com motor de reação. O outro caça aliado que não necessita apresentações era obviamente o Spitfire. Dois outros aviões merecem destaque – O Americano P-47 Thunderbolt e o Britânico

Sherman Firefly

Carro de Combate Churchill

Hawker Typhoon. Equipados com oito rockets nas asas, eram o pesadelo das colunas motorizadas Alemãs que se aventuravam durante a luz do dia, obrigando os soldados a olhar constantemente para cima e a gritar frequentemente uma frase que se tornou batida: "Achtung Jabos!" A Wehrmacht viu-se assim irremediavelmente obrigada a viajar de noite, perdendo preciosas horas. Os Aliados eram claramente melhores no domínio das máquinas voadoras do que nas congéneres terrestres, no entanto, dispunham de uma magnífica artilharia – O poderoso canhão Americano de 155mm M-59 "Long Tom", e o célebre "howitzer" Inglês de 25 libras, considerado o canhão de campanha mais preciso do mundo. Também ele foi montado no chassis de um Sherman cuja superestrutura foi modificada, passando a chamar-se Sexton. Outras duas máquinas Aliadas desempenharam um papel ativo na batalha – O britânico Churchill, um blindado pesado de 40 ton, com uma conceção em termos de design, reminiscente dos blindados da 1ª Guerra, mas cuja blindagem aguentava facilmente o impacto da munição de 75mm do Panzer IV. Este monstro de forma romboide, tinha no entanto dois graves defeitos; era penosamente lento, e a sua peça de 75mm era a mesma que equipava o Cromwell. Os americanos, por seu lado, improvisaram um caça-carros de torre giratória com base no Sherman, a que deram o nome de M-10 "Wolferine". Este carro beneficiou de uma blindagem angular, ao jeito do Panther, e do canhão mais longo de 76mm, que por comparação ao de 75, tinha uma ligeira vantagem em termos de penetração, mas não podia utilizar munição explosiva, o que se revelou uma distinta desvantagem no confronto de proximidade a que o "Bocage" normando obrigava. Este canhão foi colocado mais tarde em alguns Shermans, mas, pelo mesmo motivo, não foi apreciado pelos utilizadores. Tinha igualmente uma particularidade pouco apreciada pela tripulação – a sua torre não tinha teto! A redução do peso e consequente aumento de velocidade assim o ditou… mas, quem de nós, gostaria de avançar numa destas máquinas, ao longo de uma sebe, não sabendo que do outro lado, poderia estar um soldado Alemão pronto a atirar-nos uma granada em cima da cabeça, ou mesmo um obus de morteiro bem assestado a escassos cinquenta metros de distância?!!!...

Os "Especiais"

A mentalidade técnica e inventiva dos ingleses ficou bem ilustrada na figura de um homem, o

Sherman Flail

General Percy Hobart, comandante da 79ª Divisão Blindada e responsável pela conceção de mais de uma dúzia de carros de combate especialmente construídos para o Dia-D. Estes prodígios mecânicos ficaram para a história como "Hobart's Funnies" (brinquedos de Hobart) e o seu papel fundamental no desembarque valeu a Hobart o título de Cavaleiro de Sua Majestade. O mais conhecido de todos foi o Sherman anfíbio ou Tanque DD, cujas iniciais significavam Duplex Drive, e que se movia na água por intermédio de duas hélices e flutuava com uma "saia" de lona insuflável que o rodeava; chegado a terreno firme, "baixava a saia", e um seletor transferia a tração das hélices para as rodas. Outros exemplos foram o Sherman Flail ou Crab, (caranguejo) equipado com um cilindro rotativo montado na frente do blindado, de onde pendiam pesadas correntes, e que, ao baterem no solo, detonavam minas, o Churchill Crocodile equipado com um poderoso lança-chamas que cuspia fogo a uma distância de 150m, o Churchill AVRE (Armored Vehicle Royal Engineers) que viu o seu canhão substituído por um morteiro de 290mm, cujo único propósito era arrasar bunkers e casamatas. Os projécteis que disparava ganharam o nome de "Flying Dustbins" (caixotes do lixo voadores) pelo seu tamanho e forma. Havia também o Churchill "Bobbin", que desenrolava à sua frente um tapete de "coir", um material feito com as cascas e os pelos dos côcos! Esta "carpete" rugosa e fortalecida por canas de bambu, permitia a passagem de veículos com rodados por areia ou lama profundas.

Outros famosos "funnies" foram os ARK, (Armored Ramp Carrier) que não eram mais do que pontes autopropulsionadas – um Churchill sem torre, onde eram montadas duas passadeiras com extensões na frente e na traseira, possibilitando que outros veículos lhe passassem por cima quando fosse necessário transpor obstáculos. Quando estes eram demasiado largos ou profundos, havia ainda outra solução – um Churchill AVRE equipado com uma ponte longa, que era baixada por meio de cabos e deixada no local a atravessar. Estas pontes suportavam um peso de 40 t. Termino a lista com o Churchill ARV, (Armored Recovery Vehicle) um blindado de pronto-socorro munido de duas gruas e ganchos de reboque que recuperava veículos danificados ou avariados no campo de batalha. Talvez o exemplo mais marcante e colossal desta predisposição técnica Britânica, tenha sido a construção dos Portos artificiais "Mulber-

ry". Estas gigantescas estruturas foram pré-fabricadas em Inglaterra, rebocadas em blocos através do tempestuoso Canal da Mancha, e montadas "in situ" ao largo de duas das praias do Desembarque! Cerca de 150 rebocadores foram utilizados para a tarefa. Para se ter uma pequena ideia da magnitude desta obra, cada bloco de cimento usado como suporte das estruturas metálicas, pesava qualquer coisa como seis mil toneladas! Mesmo pelos padrões tecnológicos de hoje, a construção destes portos continua a ser um feito de engenharia notável.

A contribuição Americana foi menos engenhosa e inventiva, mas essencial na vitória aliada; no caso dos norte-americanos, falamos de quantidade. Como já foi referido, a capacidade industrial dos Estados Unidos permitiu ganhar batalhas apenas pelo peso esmagador dos números. Este facto, não significa que não tenham igualmente desenvolvido máquinas engenhosas, a começar pelo insubstituível e ubíquo Jeep Willy's, continuando com os famosos DUKW, camiões anfíbios com grande capacidade de carga e versatilidade, ou os blindados anfíbios LVT "Alligator" e mesmo as essenciais lanchas de desembarque "Higgins", sem as quais, o próprio desembarque não teria sido possível. Esta lista não ficaria completa sem mencionar dois míticos e icónicos objetos, que à sua maneira, ajudaram a ganhar a guerra – Os óculos Ray Ban e o isqueiro Zippo!

Verdadeiramente importante, foi o facto de terem produzido material que se contava em dezenas de milhar; facto que por si só, permitiu uma Infantaria totalmente mecanizada, uma rede de transporte logístico totalmente motorizada, e um soberbo equipamento individual para cada soldado. Não esqueçamos que este poder produtivo aplicou-se nos três ramos das forças armadas, e ainda chegou para equipar Britânicos e Soviéticos!

O que teria acontecido se os números tivessem sido equilibrados? Certamente, os Alemães teriam ganho a Batalha da Normandia, com consequências dificilmente imagináveis em termos estratégicos para os Aliados. Havia outro possível, e ainda mais terrível cenário – Não ter acontecido a própria batalha, caso os Alemães tivessem conseguido empurrar os Aliados de volta ao mar nas primeiras horas do desembarque…

A repetição de Dieppe, a esta escala, e nesta altura do "campeonato", seria demasiado catastrófica para contemplar…

Willys MB Light

Dr. Mário António de Mello Saraiva*

Filipe II e a Batalha de Alcácer-Quibir

Através de uma pessoa de família, chegou-nos à mão este interessantíssimo texto do Dr. Mário António de Mello Saraiva – intitulado A Traição de Filipe II. O texto foi retirado de uma obra do autor com o título, Apontamentos – História, Literatura e Política, publicado pela Universitária Editora em 1997 e que foi distinguida com o prémio literário da Sociedade Histórica para a Independência de Portugal desse mesmo ano.

O interesse do artigo está, em ter trazido ao conhecimento do público em geral, um aspeto muito pouco abordado sobre a batalha de Alcácer Quibir e o verdadeiro interesse de Filipe II de Espanha em apoiar os planos militares do nosso Rei D. Sebastião no norte de África. Posição, que ficou de certa forma esclarecida, quando em 1576, os dois monarcas se reuniram no mosteiro de Guadalupe onde os argumentos dúplices de Filipe II, demonstravam que efetivamente não pretendia apoiar o seu sobrinho naquela guerra em África.

Para este trabalho foi muito importante as leituras, feitas pelo autor, dos documentos existentes, num dos melhores arquivos de Espanha, mais exatamente o arquivo de Sanlucar de Barrameda dos Duques de Medina Sidónia e publicados em colaboração com a Universidade Compultense de Madrid.

Os europeus e europeistas atuais provavelmente não reconhecem, mas devem muito a Portugal. Quando o turco Mahomet II, no comando das forças invasoras da Hungria, ameaça a Europa inteira, eis que de repente sente a própria Asia invadida pelo extremo oposto dos seus domínios desguarnecidos. Vasco da Gama chegava por mar ao Oriente, os nossos expedicionários pisavam triunfalmente a terra mahometana.

Utilizo palavras de Ramalho Ortigão. A espada de Afonso de Albuquerque, imprevista e temerosa, lampejava nas costas do Mar Roxo e nas margens do Nilo.

Os romeiros de Meca fugiam atónitos e espavoridos.

Mahomet então recuou e, fazendo refluir à pressa o seu exército para o interior do seu territó-

rio, abandonou a conquista da Europa. Comentário de Ramalho, hoje muito oportuno: "Ao braço português coube nesse momento a defesa e guarda da paz e da civilização europeia."

Sustida a ofensiva conquistadora não se deteve, porém, o desígnio otomano de se virar para o ocidente. O jovem rei D. Sebastião ouvia apreensivo as informações de que chegados ao Atlântico já as costas portuguesas, principalmente as algarvias, eram assaltadas pelos piratas turcos. Renova-se o perigo da invasão turca da Europa, então por caminho favorecido, avançando pelos países mahometanos do norte de África. E o mais grave derivava das entabuladas negociações de aliança entre o grão-turco Selin II e o rei de Fez Mulei Moluco.

Instalados os Turcos inimigos no litoral marroquino criariam um embaraço muito sério para as nossas comunicações marítimas, ameaça que se afigura difícil de evitar sem uma intervenção armada em Marrocos. D. Sebastião só por cobardia ou abjurando a sua missão poderia negar-se ao desafio feito à sua responsabilidade de rei dos portugueses. Tinha de aceitar o confronto onde o inimigo estava, e seria pela segunda vez Portugal só por si, a salvar a Europa da temível invasão turca. O Prof. Veríssimo Serrão – que não morre de amores por D. Sebastião – diz na sua história: "O afastamento do perigo constitui assim uma das razões da expedição a Alcacer Quibir." E a ocasião era propícia, aproveitando a questão dinástica que dividia as forças marroquinas.

Mulei Mahomet pedia o auxílio gratificado de Portugal contra o seu tio Mulei Moluco, previsto aliado dos turcos. Demais, Filipe II prometia, a seu sobrinho, um valioso apoio para a expedição em homens e em navios.

E era de contar com essa colaborante ajuda, que tinha precedentes a justificá-la. Para a conquista de Tunis, o poderoso Carlos V[1], pediu e obteve o apoio do rei de Portugal, com um corpo de tropas sob o comando significativo do infante D. Luís[2].

D. Sebastião dispunha de vinte e cinco mil infantes, de três mil cavaleiros e de quarenta peças de artilharia, além de contar como certos os anunciados contingentes espanhóis. E é neste particular que começa a desenhar a tragédia.

A ansiosa e desesperante espera da prometida infantaria espanhola, que faltou, assim como das galés, que nunca chegaram, obrigou D. Sebastião a um atraso fatal em Arzila e a uma alteração prejudicial do itinerário que transtornaram os planos estratégicos.

Muito se tem escrito e discutido sobre D. Se-

D. Sebastião

bastião e Alcacer Quibir, mas não se disse tudo nem, provavelmente, alguma vez se dirá. Todavia a investigação nos arquivos disponíveis não está esgotada e, por vezes, descobrem-se, no obscuro silêncio da História, segredos que revelam casos insuspeitados. Exatamente, isso acontece com a publicação *Alcazer Quibir*, da Universidade Complutense, em colaboração com a Casa Medina Sidónia, depositória da segunda maior reserva arquivista da Península.

Traduzo do Prefácio: "Aguardando os 2000 infantes que seu tio lhe prometeu e viu com os seus olhos em Puerto de Santa Maria, se deteve D. Sebastião em Arzila. Não chegaram. Nem as

Filipe II

Galeras de Santa Cruz, fundeadas em Gilbraltar, para o ajudarem segundo palavra do rei.

Desviar o Português do seu caminho, metê-Io na ratoeira do vale de Al Makhasan, foi simples. Demasiado jovem, demasiado inexperiente e, desesperado – porque soube da traição – O Avis não teve a coragem difícil de retirar, evitando o armadilhado encontro."

No conjunto de circunstâncias estranhas e equívocas em que D. Sebastião se viu enredado avulta o caso do Capitão Francisco Aldana que Felipe II enviara, especialmente recomendado, para ajuda (?) das tropas portuguesas.

Muito suspeito, este Capitão Aldana que, assumindo autoridade, "lançava ordens variadas de ataque que ninguém sabia de onde provinham, provocando confusão no arraial" (V. Serrão). Exatamente suspeito – primeiro por incitar D. Sebastião ao ataque quando se sabia estar Mulei Moluco moribundo e que, aguardando o falecimento iminente, a contenda seria ganha sem combate; segundo por – militar experimentado que era – fazer penetrar numa bolsa os 600 cavaleiros de seu comando, não obedecer às ordens de Ter! Ter![3], e deixar-se aprisionar – o que no princípio da batalha foi desmoralizador.

Não teria sido o preponderante Capitão Aldana um agente secreto espanhol apostado na derrota de D. Sebastião?

A pergunta fica de pé.

Traição é o termo que não se inibe de empregar, a Duquesa autora do Prefácio referido, e que se ajusta perfeitamente à infamante duplicidade de Felipe II, simulando, por um lado, ajuda a seu sobrinho rei de Portugal contra Mulei Moluco e, por outro lado, ter na corte do marroquino inimigo dois embaixadores e assessores – Estevão Gaspar Corso e Diogo Marin.

Alguns dados curiosos podem colher-se da publicação que vimos referindo e um deles o da carta de Pedro Salinas informando que, marchando D. Sebastião pela via de Alcaçar que para ir a Larache[4] era o melhor caminho, "*un espia al rey le lixo que en una puente por donde se avia de pasar un rio que es ondo y corriente avia minas y barriles de polvora que desbiase de alli.*

Su alteza le mando dar dozientos escudos y encamino sobre la mano derecha a pasar por un bado adonde le salierion siete mil moros y trabaron escaramuça com los nuestros y estando em ella salieron tres exercitos formados y tomaron, em medio al nuestro y le rindieron sin que dei quedasen mas que catorce de a caballo que llegaron heridos y maltratados a Arzila que todo esto se começo y acabo en ora y media que aunque

los alemanes y castelhanos y portugueses estubieron cerrados un rato com mucho esfuerço y buena orden hizieronsela perder nuestros caballeros que biniendose a beler haziam abrir las yleras y asi a la yla de acabo todo."

Uma apertada rede de perdição, de pérfidas ciladas envolvia o confiante e puro rei português. A sua formação moral impedia-o de supor deslealdades e perjúrio da parte do tio, a quem esperava chamar pai, desposando a sua filha Isabel Clara Eugénia.

Incrível imaginar, para a integridade espiritual de D. Sebastião, estar o católico Felipe II feito com o infiel Moluco, aliado dos turcos, contra si, sobrinho e católico.

Observadores dos acontecimentos, na dura realidade dos factos conhecidos, não nos podemos alhear da comoção profunda, do atordoamento desesperante que o nosso jovem rei sofreu ao descobrir as traições inadmissíveis ao seu pensamento, e numa situação irremediável.

Tudo perdido, uma vida destroçada, sem esperança e sem futuro, arrastando na desgraça o seu povo, e tudo causado pela inconcebível malvadez de quem julgava um familiar amigo, e a quem, credulamente, pedia conselhos.

Acabrunhante desilusão, desoladora certeza da adversidade é nesse estado de consciência que – honestamente – tem de ser julgado D. Sebastião, na manhã trágica de 4 de agosto de 1578.

Lê em Alcacer Quibir. "D. Sebastião era, na opinião do Austria, o único obstáculo que o separava do trono português." Portanto, obstáculo a abater.

Decerto não foi outro, senão este, o móbil da política sem escrúpulos praticada por Felipe II.

Estamos na altura de compreender o recôndito motivo das delongas de Felipe II em dar por esposa sua filha, Isabel Clara Eugénia, a D. Sebastião.

Delineada e prevista a morte do sobrinho na batalha de Alcacer Quibir, convinha ao tio, a fim de herdar o trono português, que ele morresse sem deixar descendência – o que provavelmente não sucederia com o seu casamento. No engenho de toda a sua dimensão e na malícia da astúcia, era diabólica a trama que por todos os lados cercava o desventurado D. Sebastião e abria caminho a Felipe II. Com razão lhe chamaram "demónio do Meio Dia".

Os portugueses não acreditavam que D. Sebastião tivesse morrido na batalha como, decerto, Felipe II também não acreditou, mas deu-o por morto e simulou o seu funeral, direito aos Jerónimos. Assim lhe convinha para a posse do reino de Portugal.

Ahmed al Mansur

A falsa história fazem-na sempre os vencedores.

A verdadeira história fazem-na, mais tarde, porque não a podem fazer os vencidos.

Assim, à luz dos documentos que o tempo vai revelando, aclaram-se as circunstâncias ignoradas que conduziram D. Sebastião à inesperada derrota militar.

A "traição" de seu tio Felipe II, em quem confiava e de quem esperava o auxílio prometido, explica o acontecido. ❑

---

[1] Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, tinha também o título de Carlos I, Rei de Espanha. Pai de Filipe II, abdicou, a favor do seu filho, em 1556 (nota da redação).

[2] Infante D Luís, Duque de Beja, filho de El Rei D Manuel I (nota da redação).

[3] "Ter! Ter!": era uma expressão (grito) utilizada nos exércitos, na época, para que a força militar parasse a investida que estava a executar. Significava "deter" o ataque (nota da redação).

[4] Larache é uma cidade da costa atlântica noroeste de Marrocos, situada na margem esquerda do estuário do rio Lucus. Esta cidade teve na antiguidade a designação latina Lixus (nota da redação).

---

* O Dr. Mário António Caldas de Mello Saraiva (1910 – 1998), foi médico, emérito escritor, pintor e desportista, pertenceu ao quadro de médicos civis da Força Aérea.

Alferes RC Eder Alberto Sousa

Fontes: esta imagem e a seguinte: CAVE; imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: www.emgfa.pt.

10 de Junho – Dia de Portugal

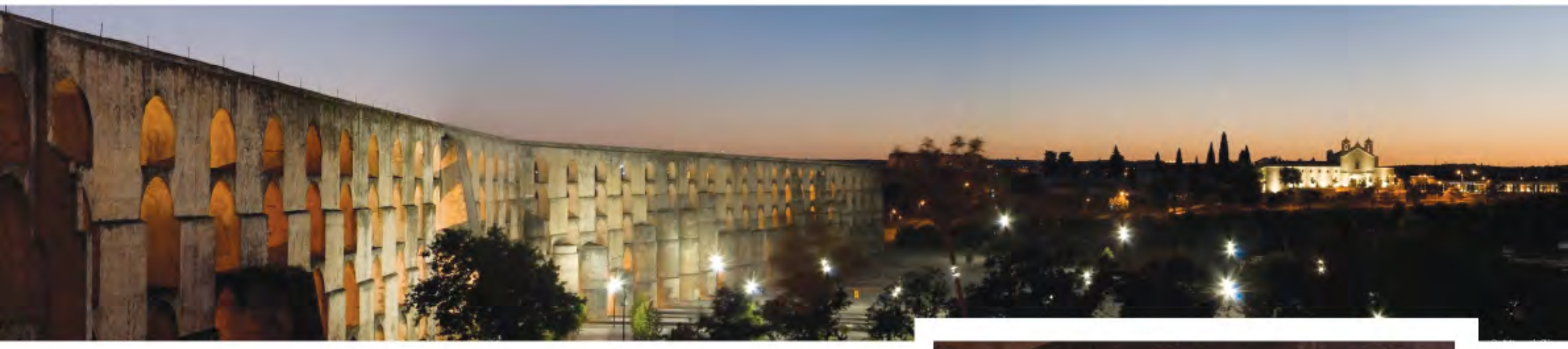
A cidade de Elvas foi, este ano, o palco escolhido para acolher as comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Com efeito, Elvas foi a mais importante praça-forte da fronteira portuguesa, com o maior conjunto de fortificações abaluartadas do mundo, que lhe granjearam a fama de ser a cidade mais fortificada da Europa, onde, a 14 de janeiro de 1659, as suas linhas de muralhas e os fortes de Santa Luzia e da Graça tiveram um papel defensivo importante no desfecho da Guerra da Restauração, na Batalha das Linhas de Elvas. Este património histórico indiscutível fez desta cidade uma escolha lógica para a celebração, somado ainda ao facto de ter sido atribuído o título de Património Mundial da Humanidade pela Unesco em 2012.

Num ano marcado pela crise que se faz sentir por toda a Europa e em Portugal, o Presidente da República (PR) e Comandante Supremo das Forças Armadas, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, na sua mensagem realizada no Rossio de São Francisco, junto ao Aqueduto da Amoreira, não deixou passar em claro "o comportamento exemplar das Forças Armadas (FA)". Acrescentou ainda que as FA "têm sido um referencial de estabilidade, coesão e disciplina, cumprindo as suas tarefas com grande competência, dedicação e profissionalismo". Dirigindo-se aos Portugueses, o PR saudou a operacionalidade das FA e descreveu as missões executadas dentro e fora do território nacional, apresentando estatísticas relevantes: "No plano interno, para além das missões estritamente militares, as Forças Armadas atuam em apoio às populações e ao desenvolvimento nacional. Na última década, foram empregues mais de 36 mil militares e percorridos mais de 3 milhões de quilómetros em defesa da floresta e na abertura de estradas, voaram-se mais de 28 mil horas e efetuaram-se 230 mil horas de navegação, envolvendo mais de 70 mil militares, em missões como a busca e salvamento no mar, a vigilância dos espaços marítimos sob jurisdição nacional, as operações de emergência na área da saúde. As capacidades e os recursos das Forças Armadas são postos, no dia a dia, ao serviço de Portugal e dos portugueses. No plano externo, Portugal tem cerca de 700 militares destacados em cinco Teatros de Operações – Afeganistão, Kosovo, Mediterrâneo, Somália e Mali – continuando também

a assumir importantes compromissos, no âmbito da Cooperação Técnico-Militar, com os Países de Língua Oficial Portuguesa". O PR reforçou ainda a atuação das FA afirmando: "Destaco o sucesso no combate à pirataria marítima, onde Portugal comanda presentemente a Operação Atalanta no âmbito da União Europeia. Também no Afeganistão, como parte da estratégia de saída da coligação internacional, as Forças Armadas Portuguesas estão a implementar uma nova configuração do dispositivo, com ênfase na formação dos militares locais, de modo a assegurar uma transferência progressiva das responsabilidades de segurança dos próprios afegãos". Contudo, no seu discurso também deixou claro que se aproximam grandes reformas nas FA, sobretudo na área da saúde, do pessoal e do ensino. O PR concluiu apelando ao espírito de união e positivismo: "Os tempos que vivemos são tempos de riscos, incertezas, e desafios. Mas, perante as dificuldades, não podemos perder a coesão e o sentido de comunidade e solidariedade. Não se pode esquecer quem mais precisa, tal como não podemos enveredar por um caminho de negativismo, resignação ou indiferença".

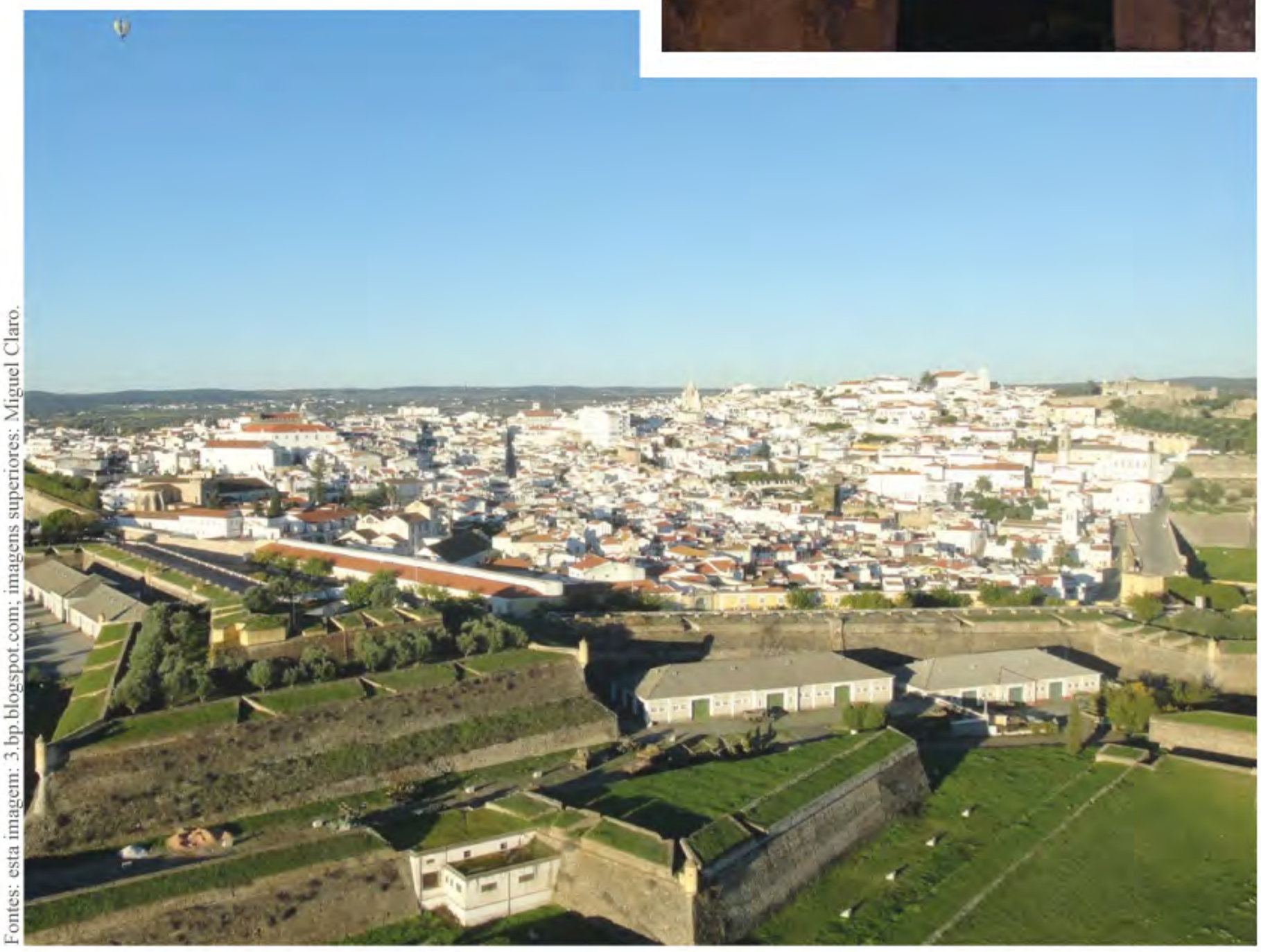
Forças em Parada

Após a alocação do PR desfilaram as forças em parada, que se dividiam em dois blocos, sendo o primeiro constituído por: Banda e Fanfarra da Marinha; Bloco de Estandartes; Formatura de antigos combatentes (referidos e destacados elogiosamente no discurso do PR); Grupo de Comando – da Marinha – ; uma unidade escalão batalhão (UEB), constituída pelos três estabelecimentos militares de ensino; uma UEB da Escola Naval, Academia Militar e Academia da Força Aérea; uma UEB das Escolas de Sargentos; uma UEB da Marinha, duas do Exército e uma da Força Aérea. O segundo bloco era formado por forças equipadas para combate dos três ramos: a Marinha fez-se representar pelos Fuzileiros, a Força Aérea pela Unidade de Proteção da Força (UPF) e Policia Aérea, e o Exército com militares das Operações Especiais, Comandos e Paraquedistas (acompanhados por cães de guerra).



Elvas, cidade abaluartada

A fortificação abaluartada é um tipo de construção de origem italiana, que teve o seu início no final do século XV. Foi construida para fazer frente ao desenvolvimento da artilharia, que na época já possuía capacidade de destruir facilmente as altas muralhas dos antigos castelos medievais. Para além de ser uma das cidade mais fortificadas da Europa, Elvas possui igualmente o maior conjunto de fortificações abaluartadas do mundo, dai ser considerada Património Mundial da Humanidade, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.



Fontes: esta imagem: 3.bp.blogspot.com; imagens superiores: Miguel Claro.

Fontes: imagens desta página: CAVE.

Outras atividades

Simultaneamente, no período de 7 a 10 de junho decorreu, nas áreas adjacentes ao Jardim Municipal das Laranjeiras, uma exposição de Atividades Militares Complementares que compreendeu *stands* de divulgação e recrutamento, demonstrações estáticas e de capacidades, e concertos das Bandas dos diversos Ramos. Um dos pontos de destaque destas atividades foi a inauguração da exposição cartográfica "A Fortificação do Território – A Segurança e Defesa de Portugal do Século XVII ao Século XIX". A exposição, completamente delineada e preparada pela Direção de Infraestruturas encontra-se articulada em três núcleos principais – "A fortificação abaluartada face à evolução da artilharia", "A fortificação da fronteira" e "A fortificação marítima para a proteção da costa" – profusamente documentados pela utilização de cartas, plantas de fortificações e planos-relevo à guarda ou produzidos no Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, enriquecidos com objetos provenientes do Museu Militar de Lisboa e do Instituto Geográfico do Exército. A exposição foi inaugurada no dia 9 de junho pelo Presidente da República, Professor Aníbal Cavaco Silva, e estará patente ao público no Paiol da Conceição, até ao final do próximo mês de setembro.

"Macte Animo" no Ataque

Agora era a sério! Tinham sido intensos os meses de preparação ao longo dos quais os militares do 2º Esquadrão de Carros de Combate (CC) Leopard 2A6 efetuaram os seus cursos de chefe de carro (Ch CC), apontador, municiador e condutor, e em seguida o seu treino operacional. O ciclo de treino foi iniciado com um nivelamento de técnica individual de combate precedido pelo treino de instrução coletiva nos crescentes patamares – de Guarnição a Esquadrão – culminando com os exercícios RINO e LINCE. Treinámos muitas horas nos alvos de seguimento, tentando adquirir a destreza necessária para fazer alvos, com os movimentos dos pulsos no caso do apontador, ou com deslizamento do polegar no caso do ChCC; potenciámos a torre de instrução, mecanizando procedimentos, realizando inúmeros disparos, com estabilização, em modo degradado e em ambiente NBQ; não nos podemos esquecer do *Vídeo Training Equipment*, que nos permitiu trabalhar a técnica de tiro de uma forma realista, podendo no final de cada sessão de treino, visualizar e analisar num monitor os erros cometidos. Estávamos conscientes de que para potenciar o sistema de armas CC LEOPARD 2A6 deveríamos saber operar com confiança e para isso acontecer, tínhamos que ter a vontade e o empenho para sermos os melhores.

O dia ainda mal amanhecera, quando já se fazia sentir uma azáfama junto às placas de lavagem. Há muito que nas mesmas não se vislumbravam tantas viaturas prontas para combate – dez Carros de Combate, dois M113, dois UNIMOG e um Jeep Toyota – Viaturas que iriam ser articuladas nos dois Subagrupamentos[1] (SubAgr) da Força Mecanizada.

Às 5h30m foi dada a ordem para ligar motores. O som dos 1500 cavalos rompeu com o sossego matutino, habitual do Campo Militar, mas não com o bater mais acelerado do coração dos carristas. Iniciava-se assim o movimento rumo à Zona de Reunião (ZRn) ÁGUIA.

Depois de um dia de intenso treino operacional, onde todas as subunidades cumpriram as mais diversas tarefas, sabíamos que um período de algum descanso estava próximo. Acabara de cair a noite… Estava instalado o Plano Alerta repouso na ZRn do Agrupamento (Agr) onde os 49 militares do SubAgr B descansavam, pelo menos os que podiam – havia que patrulhar e garantir a segurança. O cansaço já se começava a fazer sentir, a alvorada tinha sido às 04h00 e os trabalhos intensos da preparação da ZRn pesavam no corpo.

A Ordem de Operações para a próxima missão tinha sido transmitida um pouco aos soluços, pois fora interrompida pela deteção de um UXO (*Unexploded Ordnance*) no setor do Pelotão CC, o que despoletou a intervenção da Equipa EOD (*Exploded Ordnance Disposal*).

A nossa missão consistia em sermos Guarda da Retaguarda do Agr durante a marcha para o con-

tacto. O Comandante do Agr contava com o poder de choque e o poder de fogo dos seis CC LEOPARD 2A6, bem como com a flexibilidade que quatro M113 do Pelotão de Atiradores Mecanizado BRAVOS proporcionavam, mitigando com a sua atuação as vulnerabilidades do sistema Carro de Combate.

O silêncio da noite foi rasgado pelo som daquilo que mais tarde saberíamos terem sido flagelações no sector do SubAgr A, onde os nossos camaradas "carristas" do 2.º Pelotão garantiam segurança. Resultado (simulado): um militar com ferimentos no toráx que acabaria mais tarde por falecer no campo de batalha devido à resposta tardia do Apoio Sanitário.

A marcha para o contacto já se iniciara a algumas horas. O exíguo espaço a que cada um dos elementos da guarnição estava confinado transformava um minuto numa eternidade. O calor que se sentia dentro do carro era superior ao do exterior, o que exigia de cada "carrista" um maior esforço, quer ao nível psicológico, quer a nível físico. Não era só o homem que se ressentia das sete horas que já haviam passado, algumas das peças pareceram ganhar vontade própria e não reagiam aos comandos dos "carristas". Era como se máquina de 60 toneladas começasse a protestar perante as elevadas temperaturas que se faziam sentir.

Apesar de nos encontrarmos na retaguarda, estávamos atentos às comunicações rádio. "Papa-três-Charlie" (P3C), "Tango-zero-Zulo" (T0Z), "Bravo-cinco-Óscar" (B5O), eram os indicativos que mais se faziam ouvir. Apercebemo-nos que a

intensidade do combate do grosso da força obrigava a uma exigente ação de comando.

Após o longo período de deslocamento, foi dada a ordem para ocupação da ZRn. A rotina adquirida (proporcionada pelo intenso treino) e as condições naturais do terreno permitiram uma rápida e eficiente ocupação da mesma. Era tempo de descanso e de planeamento.

"Trac, trac, trac… Trac, trac, trac…"; desta vez não era a cegonha que se encontrava a nidificar no alto do Delta mesmo atrás do Posto de Comando, era o TA-1/PT[2]. Do outro lado da linha ouviu-se: "Temos um homem ferido que caiu de cima do carro devido a movimentos descontrolados da peça". De imediato se acionaram os meios disponíveis. O facto de um dos elementos da guarnição ter a formação de socorrista, permitiu uma rápida intervenção, estabilizando o ferido até à sua evacuação para o Posto de Socorros do Agrupamento. Ao contrário das viaturas M113 (não tão limitados no seu espaço interior), os CC não permitem levar um socorrista, nem transportar um ferido. E quando se perde um elemento de uma guarnição num CC, este deixa de funcionar com todas as suas valências. Como se não bastasse a falta de um elemento, a posterior perda do Comandante de Pelotão, devido a uma indisposição, levou ao reajustamento da cadeia de comando. Mesmo com a perda de um elemento na guarnição, o treino trouxe-nos flexibilidade para conseguirmos operar o carro em "modo degradado". A missão não podia ser comprometida.

O Posto de Comando do SubAgr B multiplicava-se na preparação e planeamento da missão seguinte. Foi construída uma caixa de areia no exterior do PC, enquanto no seu interior se desenhavam transparentes. Iríamos ser operação de moldagem do Agr, ocupando uma posição de apoiar pelo fogo no Objetivo (Obj) LUA, para permitir ao SubAgr A, a operação decisiva do Agr, a conquista do Obj SOL.

Dada a ordem de Operações aos Comandantes de Pelotão, e quando estes se preparavam para a transmitir, o SubAgr foi flagelado pelo inimigo. Prontamente se acionaram as medidas estipuladas em Norma de Execução Permanente (NEP). Intensificaram-se as patrulhas, guarneceram-se as armas e foram ligados os parelhos de visão noturna. Este CC está equipado com um periscópio de visão de 360º (com câmara térmica), o que possibilita ao ChCC uma maior autonomia, visualizando não só as imagens do aparelho de pontaria do Apontador, como também as do periscópio de 360º, que está sob o seu controlo. Podíamos agora adquirir alvos diferentes daqueles que o Apontador está a observar.

Apesar da dificuldade de se "levantar" uma ZRn à noite (retirar redes de camuflagem, "levantar": Postos de Observação [PO], redes filares, Posto de Comando [PC], etc.), à hora estipulada, estávamos prontos a iniciar a missão. Responsabilidade acrescida: éramos a testa do Agr. Os quatro quilómetros que distanciavam o Ponto Inicial do Ponto de Irradiação, a noite escura e a dificuldade em navegar com a vegetação cerrada, aguçou-nos os sentidos. Estávamos confiantes, mas a falta de uma viatura de recuperação assombrava-nos o espírito. Anteriormente, num outro exercício, os pelotões já tinham sentido na pele a dificuldade que é "desatascar" dois Leopard sem a ajuda do 'Búfalo'[3].

"Se há possibilidade de alguma coisa correr mal, então vai mesmo correr mal"[4], e acabou mesmo por acontecer – no deslocamento fomos batidos pela artilharia inimiga e tivemos que "abandonar" um CC, por não ter meios para a sua recuperação.

O Obj SOL e o Obj LUA eram duas elevações em terreno contiguo, separadas pelo Vale da Linguiça, sendo este terreno restritivo aos CC. No Vale existiam duas casas – Ruínas de Sanguinheira. A ocupação da posição de apoiar pelo fogo, no Obj LUA, foi antecedida pelo estrondo da artilharia que com fumos efetuou o cegamento do inimigo.

- "Apontador, KE, CC, fogo quando pronto!".
- "Aí Vai!".
- "Alvo!".

Após o pó assentar, vislumbrou-se o casco de um CC M-60 A3 TTS das forças opositoras ainda incandescente.

- "AGUIA 1 aqui BRAVOS 10, contacto um M113,

cinco atiradores na região Sanguinheira a desenvolver linha, respondi ao fogo, vou esclarecer situação".

Os "Bravos" atiradores atenuavam as vulnerabilidades do CC, no combate próximo, dando ênfase à importância do binómio infantaria-carros.

No final do FTX[5] tínhamos uma certeza: ainda nos falta um longo percurso para atingir a proficiência técnica e o desembaraço tático necessário "para o que der e vier", mas, simultaneamente, tínhamos também uma convicção: estávamos melhores, mais bem preparados e mais confiantes... Dominávamos melhor a máquina.

Após o Rosa Brava seguiu-se o LFX[6]. Apesar do cansaço que nos assolava estávamos motivados pois iríamos realizar tiro real. Os procedimentos mecanizados nos meios de simulação já tinham sido postos à prova em sessões de fogo real, logo a sequência do LFX já não era novidade para alguns de nós, bem como o nervoso miudinho que se instalava.

Chegava então a nossa vez de entrar em cena – ao rádio ouviu-se a Comandante do SubAgr:

-"A toda a rede Águia, aqui Águia 1, manobra a Este do SubAgr A, assalto montado ao Objectivo Raio!".

A adrenalina disparou a pique, o rosnar do Leopard aumentava à medida que nos dirigíamos para a posição. Agora nada podia falhar. Eram seis carros a fazer fogo em simultâneo. Uma enorme nuvem de pó ergueu-se com brutal violência com os disparos, fazendo ao mesmo tempo tremer toda a bancada da tribuna na posição do delta D. Pedro. Os corações ainda não tinham recuperado do primeiro disparo, era tempo de fazer um segundo, agora em movimento. Avançávamos em direcção ao Objectivo, a tensão estava alta, foram poucos segundos até ser feito o disparo em movimento.

Estava assim materializado o treino intensivo e árduo de longos meses, em que militares e máquinas foram levados ao limite das suas capacidades.

Crescemos todos "pelo menos mais um palmo", restava-nos agora relaxar fazendo a última cavalgada a alta velocidade até à tribuna, onde iríamos formar e dar por terminado o LFX.

Um inebriante período cuja ilação máxima é a importância da consciência íntima de grupo em detrimento do indivíduo, da "negação do próprio ser". Estar preparado para o sacrifício em prol dos outros e o sentimento de que no terreno o que acontecia a cada um, acontecia a todos.

---

[1] Unidade Tática de escalão Companhia composta por Pelotões de Infantaria e Cavalaria.

[2] TA-1/PT – Telefone de campanha operado por rede filar.

[3] Viatura blindada de recuperação.

[4] Lei de Murphy.

[5] *Field Training Exercise* (exercício de treino no terreno).

[6] *Live Fire Exercise* (exercício de fogos reais).

Alferes RC Filipa Domingos

5º Contingente Nacional faz balanço positivo no Afeganistão

Já decorreu a passagem de testemunho para o novo e 6º Contingente das Forças Nacionais Destacadas da International Security Assistance Force (6CN/FND/ISAF) que presta serviço num dos mais complicados palcos de guerra dos últimos 10 anos, Afeganistão.

Desde maio que se encontram em território nacional os mais de 200 militares que compuseram o 5º CN/FND/ISAF em terras do Afeganistão.

Foram seis meses, desde outubro de 2012 a maio de 2013, de muito trabalho, numa missão de alto risco, devido à transição para as forças nacionais do Afeganistão, que a partir de 2014 deverão ser elas próprias, aos poucos, a tomarem as rédeas do seu território.

Na partida, o Comandante do 5º CN, Coronel Sepúlveda Velloso, afirmava ao *Jornal do Exército* (JE) que se tratava de uma "missão essencialmente e profundamente militar". Confiante no elevado grau de prontidão dos seus homens, o Coronel Velloso deixava palavras de confiança para familiares e amigos dos que partiam e mostrava-se sobretudo preparado para o cumprimento da missão.

Agora regressado a solo luso, em declarações ao JE, fez um "balanço positivo" desta missão. "Tivemos uma missão de assessoria, sendo que, para além desta que já estava prevista, tivemos um acréscimo de missões devido a uma restruturação do campo de operações. Mesmo assim conseguimos atingir todos os objetivos dentro dos timings decididos e a mudança foi apenas do dispositivo no teatro de operações (TO)", referiu.

Em resultado do processo de *downsizing* da ISAF, que tem a sua completa retirada do Afeganistão prevista para finais de 2014, e o consequente encerramento de vários Campos na Área de Operações, o 5º CN retirou-se de Camp Warehouse em abril. Continua agora a sua missão com o atual Contingente, localizado maioritariamente em Kabul Afghanistan International Airport (KAIA) e Camp Phoenix.

Na opinião do Comandante do 5º CN, embora a mudança tivesse obrigado os militares a cingirem-se às novas infraestruturas, o que dificulta um pouco a vida (nas anteriores instalações tinham mais espaço e estavam mais confortáveis), "certamente que o 6º CN está a adaptar-se sem problemas e a estruturar a sua maneira de trabalhar no sentido de operacionalizar todo o apoio à missão", frisou.

Segundo acrescentou, "não existiram situações inopinadas e foram desempenhadas tarefas essencialmente militares". Contudo, frisou "os riscos mantiveram-se bastante elevados. Até na altura do inverno em que era suposto existir menos, tivemos uma série de ocorrências pouco normais, pelo que o padrão de segurança manteve-se elevadíssimo".

Em seis meses muita coisa aconteceu e muitos foram os momentos de altos e baixos de mais de duas centenas de militares que tiveram de lidar com algumas situações complicadas, uma cultura de "extremos" e sobretudo com a saudade de familiares. Ainda assim, a moral das tropas sempre elevada, surpreendeu o Comandante que elogiou o facto "de nunca ter visto ninguém baixar os braços, nem perder a determinação nas tarefas para as quais estavam empenhados".

O JE falou com os responsáveis por cada célula que constituiu o 5º CN/FND/ISAF, nesta missão composta por várias e diversificadas tarefas: contribuir para a defesa interna das instalações do KAIA; ministrar instrução básica e complementar, formar formadores e assessorar as ações de formação nos Centros de Formação das Afghan National Security Forces (ANSF); aconselhar, assistir e assessorar as unidades das ANSF e Afghan National Police (ANP), com vista ao seu emprego operacional; garantir a gestão e controlo dos materiais, equipamentos e munições à disposição do CN no teatro de operações do Afeganistão; garantir a sustentação e proteção da própria Força e apoiar outros militares nacionais em missão quando necessário.

Este TO foi uma experiência marcante para quem pisou terreno afegão pela primeira vez, mas também para "repetentes" em missões anteriores. Se para os primeiros, o encontro com uma cultura totalmente oposta à portuguesa foi uma "oportunidade, um choque e enriquecimento pessoal", para os segundos, a realidade deste país inóspito não trouxesse grandes revelações. Ainda assim, muitos ficaram surpreendidos com as alterações que o Afeganistão sofreu nos últimos anos, em termos de infraestruturas, de segurança e de relacionamento entre os diferentes Contingentes dos vários países.

Os Contigentes Nacionais têm a particularidade de serem conjuntos, formados por militares dos três Ramos das Forças Armadas e elementos da GNR, pelo que quisemos ouvir a opinião de alguns militares de outros Ramos. O TCor Campos, da Força Aérea que já tinha estado no Afeganistão em 2005/2006 diz ter sentido uma "enorme diferença" em vários níveis. "As infraestruturas que existiam foram abandonadas e destruídas e o ambiente era diferente. Na altura eramos 1500 homens, agora cerca de 5 mil. Só aqui a diferença é imensa, juntamente com o fato de agora existirem americanos, o que não era o caso quando lá estive anteriormente. E isso muda tudo. Na altura parecia-me que havia mais hipóteses de con-

viver com outras nacionalidades, o ambiente era propício a isso. Agora nem por isso. Senti várias dificuldades da parte da cultura afegã. Na tarefa diária que competia ao meu grupo, na área da formação, deparámo-nos muitas vezes com situações complicadas, de falta de disciplina. Chegávamos às aulas e ficávamos de braços cruzados porque ninguém aparecia. Para eles (afegãos) é normalíssimo faltarem 2, 3 ou 4 dias às aulas. Tentávamos motivá-los para estudarem, convence-los que são eles que têm que tomar conta do próprio país, porque nós não vamos estar lá sempre", sublinhou.

Para o Major Cristóvão da Força Aérea, militar que pisou terreno afegão pela primeira vez, a imagem que trás é bem diferente. "Trago a imagem de que o trabalho que desenvolvemos é um pouco inglório porque somos colocados à priori com uma função de assessoria bem definida, que contrasta com a realidade com a qual nos deparamos e que é difícil de nos acostumarmos. Cada vez que precisamos de implementar um sistema qualquer em termos de organização, definirmos as coisas com ordem, no sentido de saber quem faz o quê, onde e quando, eles são contra tudo o que é regulamentação, normalização e imposição de qualquer coisa. Só aceitam as decisões se vierem assinadas pelo Ministério da Defesa".

A enfermeira da Força Aérea, Primeiro-Sargento Tânia Garcia que prestou declarações ao JE aquando da fase de aprontamento, agora, no regresso, fez um saldo positivo da missão para a qual partiu já com saudades do filho pequeno. Ainda assim, e embora tenha confirmado que as saudades da família foram alguns dos momentos mais complicados, em termos futuros é uma experiência que gostaria de repetir. Tal como afirmou na altura, felizmente, correu tudo conforme o previsto. Apenas algumas situações de gastroenterites e gripes.

Por sua vez, para os militares da Policia do Exército, a sua rotina diária foi bem enfatizada pela Furriel Elina Eugénio, que no comando de oito militares relatou os serviços efetuados desde o portão principal, passando pelos serviços de patrulhas apeadas e parelhas montadas, entre muitos outros, terminando nas escoltas e serviços inopinados, para os quais eram solicitados durante 24 horas por dia. Como uma "experiência avas-

saladora dado o leque de conhecimentos a nível pessoal e profissional que uma missão destas proporciona", foi a forma como a Furriel descreveu os seis meses passados no Afeganistão. "Conhecemos coisas completamente novas e diferentes. É além-fronteiras que sentimos a nossa grandeza. Todos falam dos militares, sobretudo de nós, portugueses. Os afegãos gostam de nós, assim como quem trabalha connosco", garantiu.

Esta Furriel ainda referiu que, em Portugal, pouco se sabe sobre o verdadeiro trabalho desenvolvido pelos militares portugueses no difícil território afegão.

A milhares de quilómetros de casa, e sobretudo numa altura que coincidiu com o Natal e Ano Novo, período destinado à família, na sua maioria, os militares utilizaram as redes sociais como forma de contatar amigos e familiares sempre que podiam.

À pergunta sobre do que mais sentiram falta, as respostas apenas coincidiram na família, tendo-se seguido um leque de pequenos/grandes pormenores que no dia a dia e fora daquele ambiente ninguém se lembraria, tais como, falta da comida, de água doce, porque até a água do banho era salgada e do verde das árvores em vez de pó e pedras.

No geral, todos revelaram o orgulho por participar nesta missão, pela forma como a mesma decorreu e sobretudo pelo saber do dever cumprido. Um a um relataram ao JE, as tarefas pelas quais estiveram responsáveis, na véspera do dia da cerimónia de desmobilização, que teve lugar no dia 21 de maio na Unidade de Aviação Ligeira da Brigada de Reação Rápida, em Tancos.

Para além de pretender materializar o encerramento da missão do 5º CN/ISAF como FND no TO do Afeganistão, esta cerimónia visou, pela última vez, conferir uma oportunidade de reunião e convívio entre todos os militares das Forças Armadas Portuguesas e da Guarda Nacional Republicana que integraram o Contingente, bem como os respetivos familiares.

A cerimónia incluiu no seu programa uma *Medal Parade*, um jantar de convívio e uma cerimónia religiosa que englobou uma Missa de Ação de Graças, Batismo e Crisma, tendo para isso contado com a presença do Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Januário Torgal Ferreira.

Alferes RC Eder Alberto Sousa

Fontes: imagens deste artigo: António Lopes/MDN.

Evocações do Centenário da Grande Guerra

"O inverno era difícil de suportar. Permanecer numa trincheira enlameada ou alagada e muitas vezes coberta de neve ou gelo de dia e de noite em permanente alerta (…), agarrado a uma arma com temperaturas negativas como acontece na Flandres, não é fácil de aguentar. Só quem lá esteve é que sabe". Este foi o testemunho de José Maria Hermano Baptista (Geraldo, José [2006], José Maria Hermano Batista: Um herói na Grande Guerra – 1917-1919, Lisboa, editora Prefácio), um dos militares que esteve na Grande Guerra e que na Batalha de La Lys, foi ferido em combate e prisioneiro de guerra. Um entre os 160 000 efetivos portugueses distribuídos pelos teatros de operações africano e europeu na I Guerra Mundial, que lutaram pela pátria e sofreram as agruras da guerra.

Como olhando para o passado, aprende-se a viver para o futuro, a 21 de maio de 2013 teve lugar uma cerimónia para a apresentação das Evocações do Centenário da Grande Guerra, que irão contemplar um vasto programa que decorrerá entre 2014 e 2018, para assinalar a passagem do centenário dos traumáticos acontecimentos que afetaram Portugal e o Mundo. A cerimónia foi presidida pelo Ministro-Adjunto e do Desenvolvimento Regional, Miguel Poiares Maduro e que contou, ainda, com a presença da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional e dos Chefes do Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas, altas patentes militares e muitos investigadores.

O que deu início à Grande Guerra?

Apesar de existir uma multiplicidade de fatores que deram origem à Grande Guerra, poder-se-á atribuir o ponto de partida ao assassinato do arquiduque do Império Austro-Húngaro e sua esposa Sofia, Duquesa de Hohenberg, em Sarajevo, no dia 28 de junho de 1914. O responsável do assassinato foi Gravilo Princip, um estudante Sérvio da Bósnia, ligado à organização conhecida como Mão Negra. Este acontecimento ocasionou o Ultimato de julho, contendo a lista de exigências do Império Austro-Húngaro ao governo da Sérvia que levaria, em algumas semanas, à declaração de guerra e invasão da Sérvia.

A Rússia acabou por se envolver naturalmente neste conflito, mobilizando tropas para defender a Sérvia da Áustria, pois não queria que a Áustria ficasse com o domínio dos Balcãs. Por sua vez, a Alemanha, a 01 de agosto desse mesmo ano de 1914, declarou guerra à Rússia. Não tardou muito a que outros países se envolvessem igualmente no

conflito, como a França e a Inglaterra, esta última aquando da invasão da Alemanha à Bélgica. Durante a guerra, a Inglaterra, a França e a Rússia ficaram conhecidos como os Aliados ou Potências Aliadas. A Alemanha, Itália e a Áustria-Hungria constituíam a Tripla Aliança. Frentes de batalha adicionais abriram-se depois que o Império Otomano entrou na guerra em 1914, Itália e Bulgária em 1915 e a Romênia em 1916. O Império Russo entrou em colapso em março de 1917 e a Rússia deixou a guerra após a Revolução de outubro, mais tarde, naquele ano.

Quanto a Portugal, fiel à aliança com a Grã-Bretanha que remonta ao séc. XVI, declarou-se a 7 de agosto ao lado dos britânicos e, mais tarde, em 10 de outubro de 1914, o governo Português foi convidado formalmente a participar de forma ativa na guerra. O embate de Portugal com a Alemanha deu-se primeiro nas colónias portuguesas (Angola e Moçambique), com cerca de 50 000 homens. A 9 de março de 1916, a Alemanha declarou finalmente guerra a Portugal. O governo Português acabou por destacar inicialmente um Corpo Expedicionário (CEP) sob o Comando do General Tamagnini para a Flandres com cerca de 40 000 homens. Portugal interveio em África, no Atlântico e na Europa, o que custou 7 760 vidas e mais de 30 000 baixas portuguesas.

Depois de uma ofensiva alemã em 1918 ao longo da Frente Ocidental, os Aliados forçaram o recuo dos exércitos alemães numa série de ofensivas de sucesso, já com as forças dos Estados Unidos a combaterem ao seu lado. A Alemanha, viu-se obrigada a assinar um cessar-fogo em 11 de novembro de 1918, episódio, mais tarde, conhecido como Dia do Armistício. A guerra terminou com a vitória dos Aliados.

Programa das evocações

As iniciativas do programa apresentado irão abranger as mais diversas áreas, passando por congressos e colóquios, evocações militares e exposições nos três ramos, apoios à investigação, seminários, participação em eventos internacionais, havendo ainda a intenção de produzir uma série televisiva que aborda as origens do conflito e a participação das Forças Armadas Portuguesas.

O programa das Evocações do Centenário irá envolver ainda as escolas militares e as universidades, com o objetivo de divulgar junto dos jovens. Durante estes quatro anos, 2014 a 2018, o Dia da Defesa Nacional incluirá atividades evocativas da Grande Guerra. Com estas iniciativas, Portugal junta-se assim aos cerca de 30 países que estão a preparar eventos para marcar este centenário e homenagear as famílias afetadas pela guerra.

Concurso para projetos de investigação

Quanto aos projetos de investigação, o Ministro da Defesa Nacional criou uma verba dedicada a esta área, que se aplicará exclusivamente à criação de novos saberes. O concurso está aberto desde as 08h00 do dia 22 de maio de 2013 até às 18h00 do dia 15 de outubro de 2013. Os objetivos dos projetos devem estar relacionados com o tema "Portugal na Grande Guerra", mas que se debrucem sobre uma temática geral ligada à Grande Guerra e não especificamente sobre Portugal, na medida em que se considera que uma melhor compreensão sobre este conflito ajuda a entender melhor o papel desempenhado por Portugal. Os trabalhos deverão estar deste modo ligados às áreas científicas cobertas pela atividade do Ministério da Defesa Nacional e utilizadas pela arte militar, seja na sua vertente terrestre, naval ou aérea.

A I Guerra Mundial resultou em oito milhões e meio de vidas perdidas e num profundo impacto económico e social em todos os países envolvidos. As Evocações do Centenário da Grande Guerra têm como objetivo homenagear o sacrifício pedido aos povos e não deixar em branco este momento marcante da história. Para mais informações sobre a Comissão das Evocações, os eventos a decorrer e os projetos de investigação, consultar o endereço eletrónico: http://www.portugalgrandeguerra.defesa.pt/Paginas/default.aspx.

Professor Doutor Rocha Machado*

Homenagem aos Torrienses mortos na Guerra do Ultramar

Fonte: 3.bp.blogspot.com.

O Núcleo da Liga dos Combatentes de Torres Vedras realizou no dia 2 de junho de 2013, data de comemoração do 11º aniversário da inauguração do Monumento aos Torrienses Mortos na Guerra do Ultramar (na Várzea, frente ao Tribunal), uma singela mas sentida homenagem aos torrienses falecidos. Foi uma evocação emocionada para todos os presentes, pois viveram as mesmas dificuldades e riscos e, por isso, não deixaram de recordar, mesmo à distância temporal, os que infelizmente partiram. Ao sinalizar esta efeméride não poderia deixar de lembrar a passagem do livro "A Condição Humana", de André Malraux, quando refere uma vida não vale nada, mas nada vale uma vida. Ela é um bem sem preço e tem um valor incalculável. É por isso que nos reunimos em torno da memória dos que tombaram em combate. Já não falamos com eles. Falamos deles. E é por isso que esta é a única homenagem que lhes podemos prestar.

O Núcleo da Liga dos Combatentes de Tor-

res Vedras, cuja recente instalação na cidade não pôde senão contar com o apoio da Câmara da Lourinhã e com as quotizações dos seus sócios para arrendar as instalações onde se encontra sediada, orgulha-se dos serviços que presta aos seus sócios e familiares, num gesto de verdadeira solidariedade e humanismo. Sublinha-se, que sabemos bem como as dificuldades unem os homens. E que foram elas que moldaram e consolidaram a relação de amizade de velhos camaradas de armas que circunstancialmente se conheceram como militares e se transformaram em amigos. Por isso, a solidariedade, a estima, o respeito, o valor institucional, sobrevivem na história de vida e na memória de cada um de nós. É por isso que surpreende o desrespeito que sucessivos governos e demais políticos têm revelado por quem foi compelido e sacrificado na sua juventude a servir a Pátria, como aconteceu com a geração a que pertenço (a década de 1960/70) que se sente frustrada com tal insensibilidade e indignidade com que é tratada.

A homenagem prestada tem como pano de fundo a Instituição Militar. Foi por tê-la servido que comungamos os mesmos valores, cumprimos as mesmas regras, defendemos os mesmos princípios e que, em muitos casos, nos conhecemos diretamente. As instituições sociais são faróis orientadores para qualquer sociedade, devendo por isso merecer o respeito que lhes cabe, mesmo quando isso não aconteça com quem as representa, o que entre nós é infelizmente a regra. Não servem as instituições públicas. Servem-se despudoradamente delas.

Nesta efeméride e por uma questão de grandeza moral coletiva, não se poderia deixar de referir que a história de um povo é o próprio povo. Por isso, honrar a memória dos seus, não é um ritual. É um dever cívico de qualquer povo que respeite a sua história, preze a sua existência e tenha orgulho nos feitos dos seus antepassados. Portugal e a Instituição Militar têm sido mal tratados e até desprezados pelas sucessivas hordas (elites) políticas que se apoderaram e exerceram o poder depois do 25 de Abril de 1974. Quando olhamos para o que se passa noutros países europeus e observamos o respeito que devotam à Instituição Militar, faz corar de vergonha qualquer cidadão responsável que preze as suas instituições. Isso, infelizmente, afasta-nos do que se passa noutros países. E a propósito, não pode deixar de se transcrever aqui o discurso de Barack Obama, Presidente Obama dos Estados Unidos, proferido no Memorial Day "...É graças aos soldados, e não aos sacerdotes, que podemos ter a religião que desejamos. É graças aos soldados, e não aos jornalistas, que temos liberdade de imprensa. É graças aos soldados, e não aos poetas, que podemos falar em público. É graças aos soldados, e não aos professores, que existe liberdade de ensino. É graças aos soldados, e não aos advogados, que existe o direito a um julgamento justo. É graças aos soldados, e não aos políticos, que podemos votar..." Eis a razão pela qual deve haver sensibilidade e conhecimento da realidade para lidar com a Instituição militar. Ela foi e deve continuar a ser uma referência para a sociedade civil.

Aproveita-se para sublinhar que uma sociedade que não tem memória e não preza a sua história (o seu passado e os seus valores), demonstra claramente que entrou em decadência. Que caminha celeremente para o estado animalesco donde partira há milénios. Retrocesso necessariamente indesejado e chocante para os que prezam os valores e estimam a dignidade da vida humana.

---

* Rocha Machado (Prof. do ISLA Campus Lisboa/ *Laureate International Universities* e ISCPSI).

Coronel Infantaria Mário Jorge Freire da Silva
Alferes RC António Armando Figueiredo Rodrigues

"Um Projeto para a Biblioteca do Exército"

Introdução

A Biblioteca do Exército é uma biblioteca pública especializada, com uma temática vocacionada para a vertente histórico-militar.

No entanto, sua coleção integra publicações que abrangem temas tão diversos como a geografia, a religião, a agricultura e a literatura, entre outras.

Alberga um acervo documental constituído por cerca de 180 mil publicações, algumas das quais constituindo um fundo de "livro antigo", num quantitativo que ronda os seis milhares de livros. Os mais antigos foram publicados em meados do séc. XVI.

A coleção atual engloba as obras provenientes da Biblioteca do Estado-Maior do Exército, da antiga Biblioteca do Ministério da Guerra (antes localizada no Convento de São Paulo, designada como núcleo dos Paulistas), da Direção de História e Cultura Militar, da antiga Direção da Arma de Infantaria, do antigo Supremo Tribunal Militar, da antiga Direção Geral do Serviço de Saúde e parte da coleção do Regimento de Cavalaria n.º 3.

Em 2012, recebeu ainda o acervo da antiga Direção da Arma de Artilharia, composto por cerca de 40 mil publicações, e que, devido à sua importância e dimensão, mantem a sua integridade física no depósito da Biblioteca do Exército, o que, aliás, também acontece com as publicações provenientes do núcleo dos Paulistas.

A integração dos diversos fundos, no acervo principal da biblioteca, está a ser feita de forma faseada, para que esteja disponível o mais rapidamente possível, decorrendo atualmente a revisão da descrição bibliográfica dos registos das publicações.

A Biblioteca do Exército prossegue uma estratégia assente na realização de projetos em curso

e de projetos a curto prazo, com uma perspetiva de afirmação no panorama bibliotecário nacional e internacional, conforme apresentamos em seguida.

Projetos em Curso

Alguns destes projetos encontram-se já em desenvolvimento, como acontece com a recente criação do Catálogo Coletivo das Bibliotecas do Exército (CCBE) disponível em: http://biblioteca.exercito.pt, que agregará todas as bibliotecas das U/E/O do Exército, por forma a desenvolver, promover e facultar aos utilizadores o acesso aos recursos bibliográficos e documentos contribuindo para uma mais vasta transferência de conhecimento e de informação, de forma eficaz, prática, descentralizada e possibilitando a pesquisa simultânea em todas as bibliotecas do Exército.

Através do CCBE a Biblioteca do Exército disponibliza todos os fundos da biblioteca, nomeadamente o fundo geral que engloba a antiga Biblioteca do Ministério da Guerra, do Estado-Maior do Exército, da Direção de História e Cultura Militar e da antiga Direção da Arma de Artilharia entre outros fundos de menor dimensão. Destaca-se também a coleção correspondente à hemeroteca, regulamentos e anuários militares.

As bibliotecas da Academia Militar e do Museu Militar do Porto, integram o CCBE desde o início, com cerca de 18 mil registos de diversas áreas, com especial enfoque para a História Militar.

A breve prazo poderão também ficar disponíveis online, em texto integral, algumas das teses de mestrado apresentadas na Academia Militar e em simultâneo promover a sua integração no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), onde estão agregados os repositórios institucionais das entidades nacionais de ensino superior e dos centros de investigação e de desenvolvimento.

Para além, da integração de todas as bibliotecas das U/E/O, o CCBE em linha permite a apresentação de exposições temáticas, estando neste momento disponíveis duas exposições bibliográficas relativas à I Guerra Mundial, uma de monografias e a outra de atlas. Estará brevemente em exposição a bibliografia disponível relacionada com o armamento usado na I Guerra Mundial.

Recentemente a Biblioteca do Exército aderiu à PORBASE, a maior base de dados bibliográficos nacional coordenada pela Biblioteca Nacional de Portugal, que integra mais de 180 bibliotecas de todo o país. Esta iniciativa constitui-se como um passo importante para a divulgação e o conhecimento do património documental do Exército.

A adesão visa reforçar o processo de colaboração interbibliotecas através da construção de um catálogo coletivo em linha, que atualmente inclui cerca de 2.500.000 registos bibliográficos, sendo essencial para a partilha de informação, competências e recursos em rede.

Paralelamente a estas atividades iniciou-se em setembro de 2012, com a colocação na biblioteca de um técnico especializado, um processo de conservação e restauro das publicações que apresentam sinais de degradação e instabilidade orgânica, restituindo-lhes a sua integridade física e contribuindo para a salvaguarda do Património Cultural do Exército.

Projetos a Curto Prazo

A criação da biblioteca digital da Biblioteca do Exército tem por objetivo agregar conteúdos digitais e digitalizados, que integre o vastíssimo património documental constituído por publicações raras, manuscritos, regulamentos, legislação militar e outras publicações de variada tipologia.

Facilita-se assim o acesso dos leitores e investigadores aos documentos de coleções relevantes do Exército, atualmente de consulta reservada, pela sua fragilidade, evitando-se assim a sua deterioração.

A produção de informação digitalizada obedecerá aos requisitos técnicos definidos pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) através do Repositório Nacional de Objetos Digitais (RNOD), possibilitando simultaneamente a sua integração na Europeana (portal europeu da cultura).

À semelhança do que já acontece com a BNP, a Biblioteca do Exército pretende criar um serviço de digitalização a pedido, através do qual é fornecido ao leitor a digitalização de uma publicação num único ficheiro .pdf ou .tiff, que permitirá o reconhecimento do

texto, sendo depois possível a pesquisa por palavra, copiar e colar o texto integral eletrónico ou as ilustrações. Este serviço visa disponibilizar aos utilizadores acesso às publicações existentes na Biblioteca do Exército que abrangem o período de 1550 a 1850.

A agregação num ponto de acesso único de todas as publicações periódicas militares, que estejam disponíveis em formato digital será outra funcionalidade que a Biblioteca do Exército pretende disponibilizar na página web.

Divulgação da atividade e de informação bibliográfica

A criação e divulgação de duas newsletters mensais, "Aquisições do Mês" , que compreende uma listagem de publicações que deram entrada no acervo da biblioteca no mês anterior e o "Destaque Bibliográfico", onde se realça uma publicação da listagem elaborada para as Aquisições do Mês, tem por objetivo aproximar o leitor da Biblioteca fornecendo-lhe informação bibliográfica atual.

A "aquisição de publicações" resulta de operações de permuta com outras instituições, oferta das U/E/O e ainda através de acordos com editoras nacionais, o que permite à Biblioteca ter acesso a livros mais recentes e manter o acervo atualizado.

A Cooperação

O estabelecimento de contactos com outras bibliotecas na área do Ministério da Defesa Nacional é tida como fulcral para uma maior homogeneização e facilidade de acesso aos serviços biblioteconómicos, participando a Biblioteca num projeto para a criação de uma biblioteca online, que integre os catálogos das bibliotecas dos três ramos das Forças Armadas, do Instituto da Defesa Nacional e do Instituto de Estudos Superiores Militares.

A Biblioteca do Exército pretende alargar esta cooperação, também, às bibliotecas dos Exércitos dos Países de Língua Oficial Portuguesa, para que seja possível a criação de uma rede integrada de bibliotecas dos Exércitos de Língua Portuguesa, além de outras atividades como sejam a permuta, digitalização, divulgação de publicações de interesse comum, ou ainda a integração do fundo documental.

Na área da cooperação institucional realça-se o protocolo celebrado com o Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com a Direção de História e Cultura Militar, da qual a Biblioteca do Exército depende, que permite aos alunos daquela faculdade fazerem trabalho de voluntariado na biblioteca e ainda possibilita a grupos de investigação formas de acesso privilegiado a publicações reservadas.

Os alunos que fazem voluntariado tomam contacto com o trabalho que é desenvolvido na Biblioteca, designadamente daquele que é feito nos gabinetes técnicos, onde se desenvolve a catalogação, indexação, classificação, conservação, restauro, divulgação e criação de conteúdos *Web*.

O "Depósito Legal" do Exército

A Biblioteca do Exército constitui depósito obrigatório de dois exemplares de todas as publicações produzidas pelo Exército, seja qual for a sua natureza e o seu sistema de reprodução. Tem, portanto, a obrigatoriedade de receber em depósito exemplares de todas as novas publicações editadas pelas U/E/O do Exército Português, em formato papel ou eletrónico.

A preservação das publicações editadas em formato eletrónico é um desafio atual que se coloca à Biblioteca do Exército e que será feito em coordenação com a Direção de Comunicações e Sistemas de Informação.

Esta iniciativa permitirá criar as condições para assegurar o arquivo e armazenamento da informação em formato digital, que permita a sua consulta num futuro longínquo, tal como hoje acontece com as valiosas publicações editadas em meados do séc. XVI e que integram o acervo da Biblioteca do Exército.

O Objetivo da Biblioteca do Exército

O objetivo da Biblioteca do Exército é constituir-se como uma biblioteca de referência no domínio do património bibliográfico militar, de excelência na prestação de serviços ao público, que disponibiliza serviços e recursos de elevada qualidade e contribui para a preservação da língua portuguesa.

Atuais instalações da Biblioteca do Exército, no PM50

Dispõe, para além dos gabinetes de direção e secretaria, de dois gabinetes técnicos responsáveis pela catalogação, indexação, classificação, divulgação e edição de conteúdos Web; um gabinete de conservação e restauro, onde se procede à recuperação de publicações cujo estado de conservação não seja o melhor; uma sala de leitura onde estão disponíveis dois computadores para pesquisa no catálogo bibliográfico e publicações de caráter geral, em regime de acesso livre; a sala do acervo (depósito) onde estão acondicionadas todas as publicações da biblioteca em condições de conservação e preservação adequadas com controlo de temperatura e humidade (20º C e 55%, respetivamente).

A integração de todos os núcleos da Biblioteca do Exército num único permitiu uma maior centralização dos serviços e consequentemente uma maior comodidade para os utilizadores, no entanto, os leitores têm apresentado algumas objeções quanto à localização da Biblioteca e à falta de transportes públicos que facilitem o acesso.

A consulta dos fundos da Biblioteca do Exército, é feita essencialmente por investigadores e alunos de pós graduação, tanto das Academias e Institutos Militares como de Universidades civis. ❑

Contactos
Biblioteca do Exército
Largo do Outeirinho da Amendoeira 1100-386 Lisboa.
Horário de funcionamento:
2ª a 6ª das 09h30 ao 12h30 e das 14h00 ás17h00 (A biblioteca poderá permanecer aberta durante o periodo de almoço caso o leitor faça o pedido de consulta no dia anterior).
Telf: 218 842 456
bibex@mail.exercito.pt

Filmes & Jogos

Imperador

Drama, história

Imperador passa-se no Japão, logo após o final da II Guerra Mundial, aquando da ocupação norte americana. Os Generais Douglas MacArthur e Bonner Fellers (Tommy Lee Jones e Matthew Fox) decidem sobre um acontecimento que se viria a tornar determinante para o futuro do Japão: levar, ou não, o Imperador Hirohito ao banco dos réus como criminoso de guerra. Contrariando a sede de vingança do povo americano, o General MacArthur segue um caminho que permitirá, a longo prazo, recuperar e reabilitar o Japão. O país veio a tornar-se numa potência económica relevante e num grande aliado dos EUA. Neste drama histórico, podemos assistir ao romance entre o General Bonner Fellers e uma mulher japonesa, que não é totalmente ficcionado já que se baseia em cartas reais.

A realização de Peter Webber imprime um ritmo marcadamente lento no filme, influência do cinema nipónico de Yasujirô Ozu ou da cinematografia de Andrei Tarkovski, por exemplo, de que o realizador não esconde ser admirador.

Army of Two – The Devil's Cartel

Jogo de ação, Playsation3, X-BOX 360

Army of two – The Devil's Cartel é o terceiro jogo da série de sucesso *Army of Two*. A ação passa-se no México onde os protagonistas Alpha e Bravo, mercenários ao serviço da Tactical Worldwide Operations, se veem apanhados no meio de uma guerra entre perigosos cartéis de droga.

Os jogadores mais críticos lamentam sobretudo o facto da editora do jogo – Electronic Arts – ter apostado em dois personagens novos em vez dos carismáticos e já conhecidos do público, Rios e Salem, vedetas do primeiro *Army of Two* (2008), e do que lhe sucedeu, *Army of Two – the 40th Day* (2010).

O jogo tenta apostar na fórmula de sucesso dos anteriores lançamentos: uma experiência co-op (modo cooperativo), com um toque de humor. O jogador pode usufruir de uma grande variedade, no arsenal disponível, sendo o equipamento, armamento e fardamento altamente customizáveis. Os mapas têm um visual apelativo e a constante ação assegura uma boa dose de adrenalina.

Bastidores: Resgates em tempo de Guerra

No National Geographic Channel

Todas as quartas-feiras do mês de setembro, com início no dia 4, será exibido no canal de televisão NGC, a série intitulada *Bastidores: Resgates em Tempo de Guerra*. Uma equipa de filmagem irá acompanhar uma equipa de Resgate de Combate da Força Aérea dos Estados Unidos, formada por paramédicos de para-quedas ou vulgarmente chamados PJ's, sendo exibido através de seis episódios.

Sob a chancela dos mesmos produtores do filme *Restrepo*, tão aclamado pela crítica internacional, associado a quatro meses de filmagens, efetuadas durante ações de resgate em Kandahar, Afeganistão, são a receita para um documentário de qualidade.

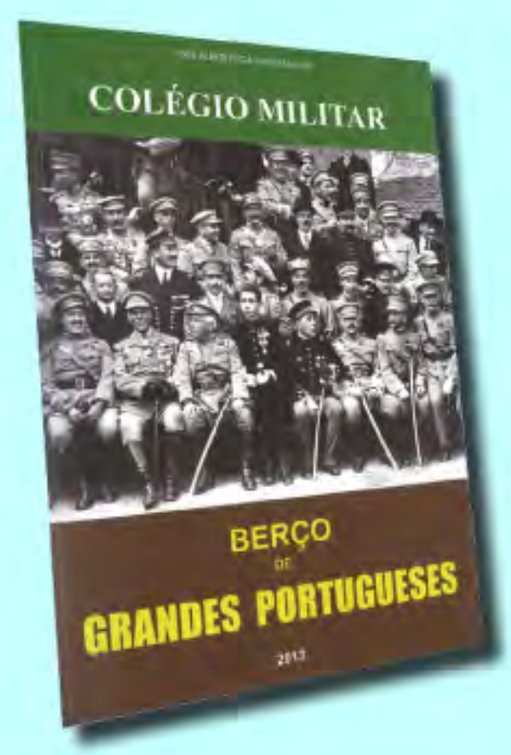
Livros & Revistas

Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação

Realizou-se a 30 de maio, na Sala do Conselho Académico da Sede da Academia Militar (AM), em Lisboa, a sessão de lançamento da obra "Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação", promovida pela Editora "Tribuna da História". Esta obra foi apresentada pelo Comandante da AM, Major-General Dias Coimbra, pelos autores do livro, assim como pelo representante da Editora Tribuna da História, Doutor Pedro de Avillez.

Refira-se que este "estudo examina a mudança da arte militar desde a Guerra Fria, com a emergência de um novo tipo de conflitos – as guerras do caos – muito diferentes das guerras insurrecionais do passado".

Pires, Lemos e Telo, António José, *Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação*, Edições Tribuna da História, Lisboa, 2013.



Colégio Militar

Do prefácio desta obra, escrito pelo General Loureiro dos Santos, retiramos estas expressivas palavras: "Neste livro o autor, Coronel de Artilharia (Reserva) Costa Matos, num minucioso e difícil trabalho de investigação, apresenta-nos a síntese das biografias de 100 ex-alunos do Colégio Militar nascidos até ao fim do primeiro quartel do séc. XX. O resultado é verdadeiramente impressionante. Não apenas pelas qualidades militares demonstradas pela sua maioria, mas também pelo que revelam sobre o nível de excelência que alcançaram em atividades diferentes da sua carreira, quando militares, ou nas mais variadas profissões de outra natureza para aqueles que não seguiram a carreira das armas."

Matos, José Alberto da Costa, *Colégio Militar – Berço de Grandes Portugueses*, Edições – Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, Lisboa, 2013.

As Ausências de Deus

Este livro não é um relato histórico baseado em relatórios militares ou declarações prestadas, mas sim o relato de um homem que experienciou realmente a Guerra Colonial, mais concretamente na Guiné. António Loja, aquando da sua estada no hospital em 2001, resolveu narrar alguns acontecimentos que marcaram a sua vida, numa vívida homenagem a todos os que morreram na guerra colonial, quer europeus, quer africanos. Os locais, bem como as personagens não são fruto da imaginação do autor, mas factos que aconteceram na 1ª pessoa. A narrativa destaca-se ainda pela intensidade das emoções transmitidas, onde o medo e a coragem partilham o mesmo destaque e estão divididos por uma linha ténue.

Loja, António, *As Ausências de Deus no Labirinto da Guerra Colonial*, Âncora Editora, Lisboa, 2013.

12.º Passeio Motociclista da Academia Militar

Realizou-se no dia 22 de junho (sábado) de 2013, a 12ª edição do Passeio Motociclista, organizado pela Academia Militar (AM), no qual estiveram presentes cerca de 65 motociclistas e respetivas/os "penduras".

Este encontro teve como finalidade reunir antigos alunos da AM e famílias, amantes das duas rodas, e promover um convívio entre os presentes.

A concentração dos motociclistas iniciou-se pelas 09h00 com a chegada à Parada "Simões de Sousa" na Sede da Academia Militar.

Após as inscrições efetuadas, a organização do Passeio apresentou um briefing onde foram focados entre outros aspetos, as medidas de segurança na viagem em grupo e o itinerário do passeio com destino final a Vila da Lourinhã.

Os motociclistas iniciaram o passeio pelas 10h30, e efetuaram uma pequena paragem na Foz do Arelho.

Pelas 13h30, o grupo entrou no Município da Lourinhã, na qual os participantes terminaram o seu Passeio na Praia da Areia Branca e onde usufruíram do almoço convívio num restaurante típico da região.

Para finalizar o 12º Passeio Motociclista da AM, foi partido o bolo comemorativo, pelo Tenente-General Xavier Matias, Major-General (Ref) Artur Mateus e Coronel Cav (Ref) Conde Falcão.

Pelas 16h30 terminou o evento com a partida dos motociclistas de regresso a casa.

XV Grande Prémio de Orientação do RA4

Integrado nas Comemorações do 86º Aniversário do Regimento de Artilharia N.º4, decorreu no dia 22 de junho o XV Grande Prémio de Orientação do RA4 na região de Pedreanes – Marinha Grande e na cidade de Leiria, que contou com a parceria do Clube de Orientação do Centro.

Do Grande Prémio constaram duas provas uma nas Dunas da Rainha e outra na parte histórica da cidade de Leiria, com partidas em massa, que se inseriram no calendário Regional da modalidade, e no Campeonato Nacional Universitário. Participaram na prova 220 atletas de várias universidades e vários clubes. Houve também circuitos de orientação em família com participação de diversas crianças e seus familiares.

TechNet International 2013

Go Connected + Go Smart = Zero Distance

23-24 October 2013
Lisbon, Portugal

Event in cooperation with

O TechNet Internacional 2013 é o maior acontecimento da AFCEA na Europa, que vai ser realizado em Portugal, com o alto patrocínio do Ministro da Defesa Nacional e em cooperação com a Agência NATO NCIAgency e a AFCEA Portugal, no Cento de Congressos de Lisboa, nos dias 23 e 24 de outubro de 2013.

Este evento compreende um Simpósio e Exposição de tecnologias na área das comunicações e sistemas de informação ligados à defesa e segurança, onde estará patente a presença das Forças Armadas, apresentando os equipamentos e sistemas desenvolvidos em Portugal e com parcerias internacionais.

Para consulta do programa poderá aceder ao site www.afceaportugal.pt. Para conhecer as condições especiais de inscrição para militares e identidades governamentais deverá contatar a AFCEA Portugal através do email: afceaportugal@aip.pt.

Instituto geográfico do Exército

Desenhamos os caminhos do futuro

...com qualidade, rigor e inovação

- mdt
- vector
- raster
- fotografia
- ortofotocartas
- imagem de satélite
- mapadventure
- cartografia impressa
- igeoe-sig
- servir
- cartas topográficas
- mapas de estradas

cartografia clássica
desporto e lazer
serviços web
imagem

informação geográfica

Av. Dr. Alfredo Bensaúde – 1849-014 LISBOA • Tel. – 21 850 53 00 • Fax – 21 853 21 19 • E-mail – igeoe@igeoe.pt • Web – www.igeoe.pt

ACOMPANHAMOS OS NOSSOS CLIENTES E CONSTRUÍMOS RELAÇÕES DE CONFIANÇA.

O nosso maior compromisso é consigo.

Publicidade. Data de atualização: abril de 2013.
Escrito segundo o Novo Acordo Ortográfico.
Atividade seguradora supervisionada pelo ISP.

2009 . 2010 . 2011 . 2012
N°1
MARCA SEGURADORA MUNDIAL

A AXA É A 1.ª MARCA SEGURADORA A NÍVEL MUNDIAL PELO 4.º ANO CONSECUTIVO. BEST GLOBAL BRANDS 2012, INTERBRAND

Na AXA redefinimos standards, por isso assumimos um compromisso consigo: estar cada vez mais próximos, disponíveis e dedicados. Por si, fazemos sempre mais.

Para conhecer as vantagens em ser nosso Cliente, contacte-nos:

Mediador ou **Espaço AXA** mais próximo

707 281 281
nos dias úteis, das 8h30 às 19h00

Ou consulte:

www.axa.pt

AXA Portugal, Companhia de Seguros de Vida, S.A.
Sede: Edifício AXA, Av. do Mediterrâneo, Lt. 1.01.1.2, Parque das Nações, Apart. 1953, 1058-801 Lisboa
Tel. 21 350 6100. Fax 21 350 6136. Matrícula / Pessoa Coletiva N.º 502 220 473
Conservatória de Registo Comercial de Lisboa. Capital Social 10.000.000 Euros

AXA Portugal, Companhia de Seguros, S.A.
Sede: Rua Gonçalo Sampaio, 39, Apart. 4076, 4002-001 Porto. Tel. 22 608 1100. Fax 22 608 1136
Matrícula / Pessoa Coletiva N.º 503 454 109. Conservatória de Registo Comercial do Porto. Capital Social 36.670.805 Euros

redefinimos / standards

AXA

O senhor Gil Eanes insistiu em desembarcar nas terras que ficavam para lá do temível cabo Bojador. Levando todos os intrumentos de que dispunhamos, carregámos o batel e remámos até à praia...

O mestre cartógrafo tratou logo ali de medir a altura do sol e fazer os cálculos que queria apresentar para poder elaborar novas cartas de marear que os futuros navegantes usessem e melhor se pudessem orientar...

Vinde ver, senhor Gil Eanes! Descobrimos umas bem exóticas flores!

Depressa, Fernandes! Vai até à "Bonita" e traz-me qualquer coisa que nos possa servir de vaso!...

...Quero levar estar extraordinárias flores ao senhor Infante... as rosas... de Santa Maria!....

No final desse mesmo dia metemos proa a norte, de regresso a Lagos. O Bojador lá ficava, mas os medos e os mitos que ele nos inspirava tinham sido varridos para sempre da nossa memória. O senhor Infante tinha razão e nada se opunha agora ao avanço dos portugueses.

43

SAGRES!
Sagres à vista!

Rosinha!
Eis-me de volta!

Foi com os corações transbordantes de alegria que avistámos de novo as praias do nosso Algarve...

Cá estamos de volta, com a graça de Deus, senhor Gil Eanes!

Obrigado, mestre Sota! Graças a Deus que o tive como piloto!

A razão estava convosco, senhor Infante! Eram tudo loas e mentiras! Passámos o Bojador, como vê!

Obrigado, Gil! Como te prometi, doravante serás Cavaleiro! Mas o serviço que prestaste à nação não tem preço!

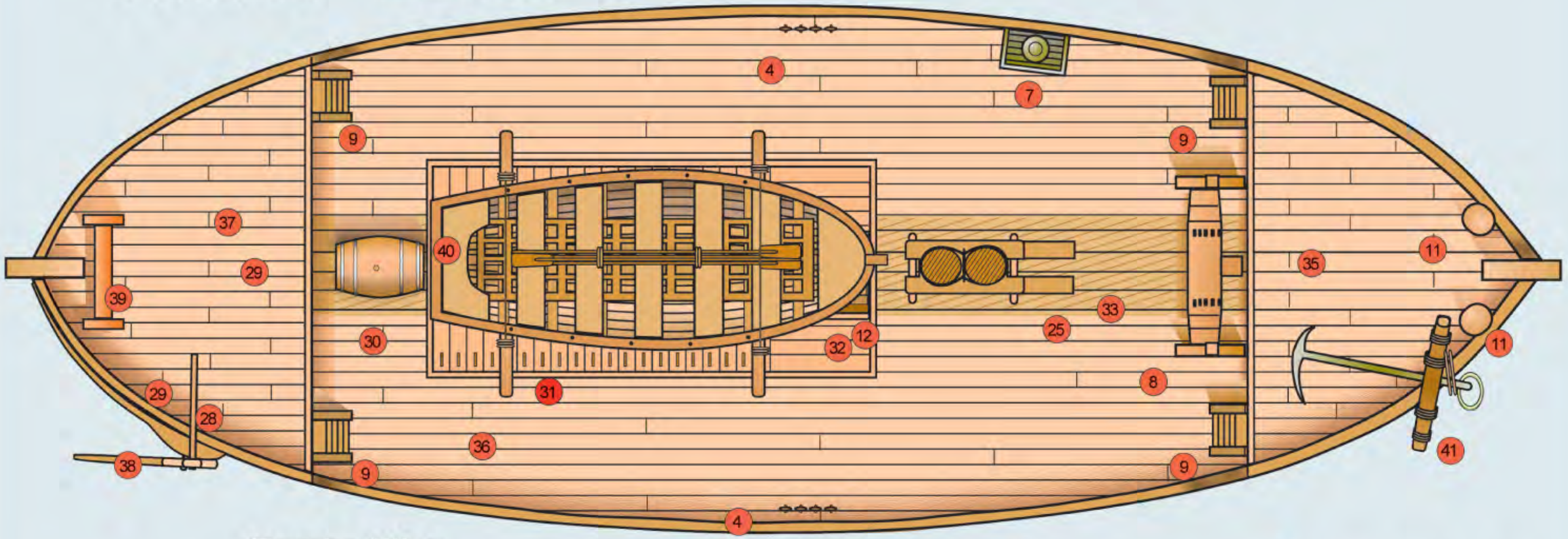
Esta foi a odisseia da nossa viagem. Derrubámos a última barreira que se opunha aos destinos de Portugal. Nunca mais voltei ao mar. Nunca mais me afastei da Rosinha nem voltei a saír de Lagos,a minha querida terra natal.

FIM

JOSÉ PIRES/09

44

A barca *"Bonita"* II



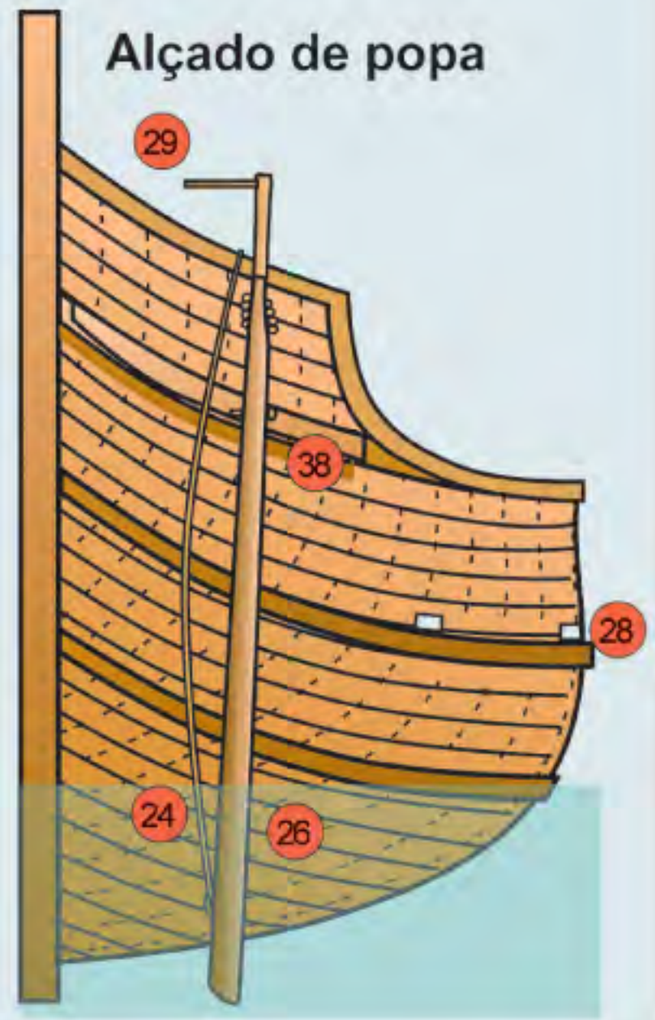
Tombadilho

Legendas

1 - Castelo de popa
2 - Convés
3 - Escotilha do porão
4 - Brandais
5 - Mastro
6 - Apoio do mastro
7 - Cozinha
8 - Molinete
9 - Escadas de acesso
10 - Castelo de proa
11 - Amarração da âncora
12 - Escada de acesso do porão
13 - Porão
14 - Depósito de víveres
15 - Beliche de Gil Eanes
16 - Armeiro
17 - Alojamentos da tripulação
18 - Compartimentos de lastro
19 - Base de apoios do mastro
20 - Quilha
21 - Roda de proa
22 - Roda de popa
23 - Escada de acesso à câmara do Capitão
24 - Corda de segurança do leme
25 - Base de apoio do mastro
26 - Leme
27 - Cordas de apoio do leme
28 - Embornais
29 - Timão
30 - Barril da reserva de água
31 - Cobertura da caixa do porão
32 - Escotilha do porão
33 - Alma do convés
34 - Tambor do molinete
35 - Tolda do castelo de proa
36 - Coberta
37 - Tolda do castelo de popa
38 - Encosto do leme
39 - Amarração dos cabos de manobra
40 - Escaler
41 - Âncora
42 - Cesto de gávea

Alçado de proa

Alçado de popa



GIL EANES O HERÓI DE LAGOS

O BOJADOR – PARA LÁ DAS PORTAS DO MITO

Natural de Elvas, onde nasceu em 1935, José Pires está hoje reformado da sua profissão de publicitário, embora continue a fazer aquilo de que sempre gostou: Banda Desenhada.
O presente álbum é um trabalho seu anterior que recuperou, utilizando agora meios digitais, que domina com algum à-vontade para alterar as vinhetas e dar-lhes um outro fulgor cromático.
Trabalhou para a mítica revista belga *Tintin* fazendo parceria com aquele que viria a ser um dos maiores argumentistas europeus, o belga Jean Dufaux, na personagem *Irigo*.
Com o argumentista Benoit Despas, publicou várias séries nas revistas *Tintin, Kuifje* e *Hello BD*, e um álbum, *Le Sang et la Gloire*, versando a saga dos Templários.
Com o mesmo argumentista acaba de publicar um outro álbum em França, pelas Éditions Orphie, *Alexandre Dumas - Le Diable Noir* - o pai do mundialmente famoso escritor.
Em Portugal trabalhou para as revistas *Cavaleiro Andante*, *Mundo de Aventuras* e *Selecções BD*. É igualmente autor de vários álbuns publicados pelo Grupo de Trabalho das Comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos Portugueses, do Ministério da Educação, Edições Terramar e Âncora Editora.

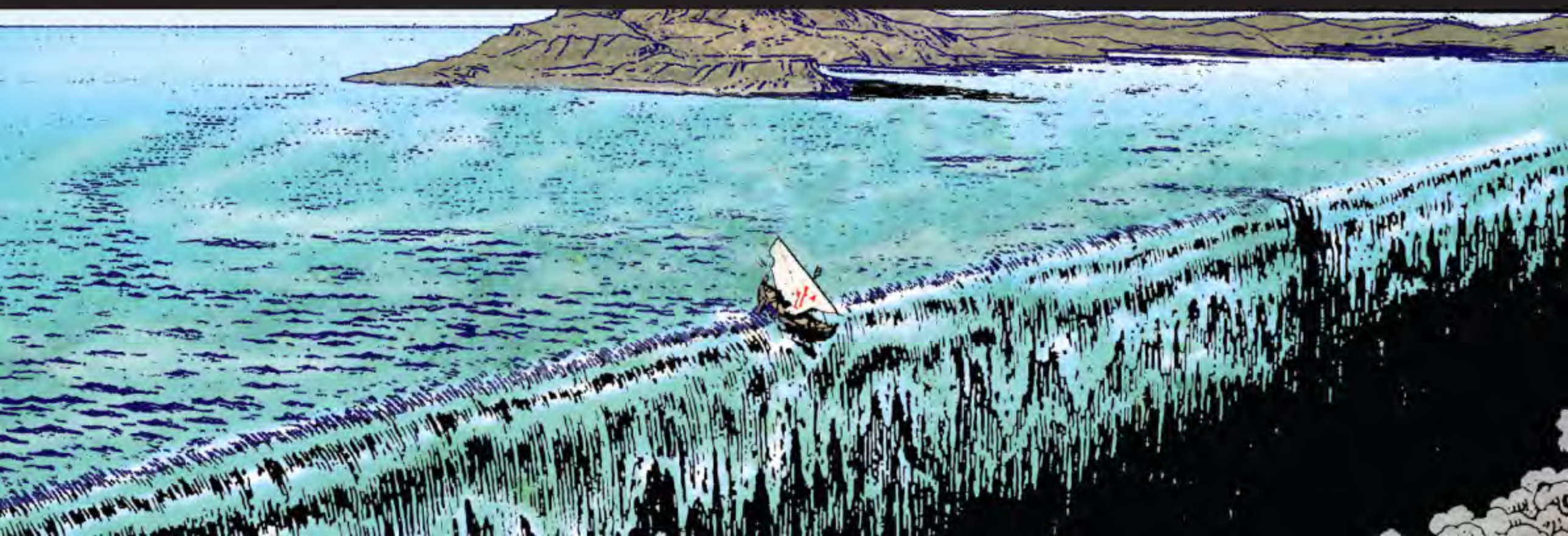
A História não revela muito sobre quem foi verdadeiramente o navegador Gil Eanes. Por este motivo torna-se difícil vislumbrar o seu trajecto até ser escolhido pelo Infante D. Henrique para comandar a expedição marítima que logrou passar o temido cabo Bojador. É Gomes de Azurara nas suas ***Crónicas da Guiné*** quem melhor nos conta quem foi realmente Gil Eanes - *"...Como Gil Eanes, natural de Lagos, foi o primeiro que passou o cabo Bojador, e como lá tornou outra vez, e com ele Afonso Gonçalves de Baldaia"*...

Das várias tentativas que Henrique, o Navegador ordenou, todas elas se saldaram por descoroçoantes fracassos. Naqueles tempos acreditava-se que o oceano acabava num abismo sem fundo, arras-tando para a perda irremediável as embarcações que ali se aventurassem. Por isso os marinheiros receavam abeirar-se da *borda do mundo*. Corriam lendas sobre monstros diabólicos e serpentes ma-rinhas gigantescas que povoavam aqueles mares ignorados, capazes de tragarem homens e navios. Acreditava-se também que ao se aproximarem do ponto onde o sol desaparecia, tais zonas seriam tão quentes que a vida ali era impossível. Em certas zonas da costa, a pouca profundidade do mar provocava uma agitação nas ondas, fazendo crer a quem observava de longe que ali eram mesmo as águas que fervilhavam. A Terra apresentava-se crestada e desértica, não se avistado vegetação alguma, e a desolada paisagem sahariana que se observava do mar parecia confirmar estes receios.Os ventos dominantes de sul dificultavam a navegação para norte para embarcações que não estavam concebidas para bem navegar com ventos contrários.

Estes eram os receios que aterrorizavam os marinheiros daqueles tempos. Para eles, estas histórias eram verdades insofismáveis. Como a única forma de confirmarem os seus receios era confron-tarem-se com eles, era necessária serem dotados uma coragem desmesurada para ousarem enfrentar os perigos terríveis que acreditavam ali se ocultarem.

É por tudo isto que o feito de Gil Eanes e dos seus homens teve uma importância tão fundamental no movimento das descobertas portuguesas e do mundo seu contemporâneo. Sem a passagem do Bojador, para os europeus, os limites do mundo ficavam confinados entre as suas costas e as do norte de África. Para oeste, ficava o
mar sem fim. Para sul, a orla da Terra onde tudo terminava.

Esta narrativa é imaginada. Provavelmente a realidade teria sido ainda mais extraordinária. Mas para isso necessário seria que nos socorressemos dos registos históricos e estes ou são escassos ou não existem.



€2.00 (IVA incluído)

Ano LIV – n.º 630
AGOSTO/SETEMBRO DE 2013

jornal do Exército

Dia da Arma de Infantaria

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

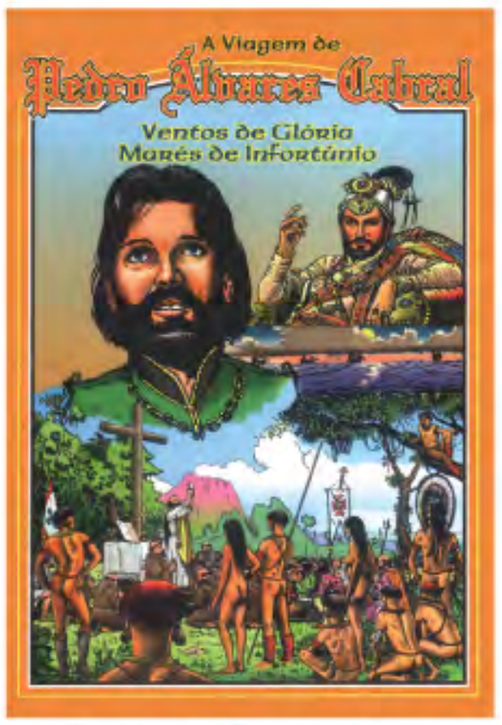
Capa

Foto: EPI

Monumento com História Militar
O Forte de D. Carlos I – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
Reviver o passado na Normandia – 14
O Inverno Egipcio – 20
Cooperação Militar
Encerramento do 8º CEOP – 28
2BIPara/FND/KFOR
"Um dia em Operações no Kosovo" – 32
Exchange Training 3013 – 34
126º aniversário
da Escola Prática de Infantaria– 36
Museu Militar dos Açores – 40
Cultura, Desporto e Lazer – 42
In Memorian – 46

Laboratório Militar produz medicamentos em falta no mercado – 38

JALLC – Joint Analysis and Lessons Learned Centre – 24



Suplemento Banda Desenhada: "Pedro Álvares Cabral – Ventos de Glória Marés de Infortúnio" Pág: I a IV

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; Secretária: Ass. Téc. Arminda Vitorino; **REDAÇÃO - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatores:** Alferes RC Filipa Domingos; Alferes RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo;; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares:** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA -** Lusa - Agência de Noticias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA -** Sersilito - Empresa Gráfica Lda. - Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

O Forte de D. Carlos I

Na senda das fortificações que constituíam o perímetro do Campo Entrincheirado de Lisboa, desta vez passamos pelo Forte de D. Carlos I, mais conhecido por Forte da Ameixoeira, uma fortificação que ocupa atualmente uma área com aproximadamente 49000 m2 e que alberga a sede do Serviço de Informações de Segurança (SIS). Encontra-se localizado sobre uma colina na antiga freguesia da Ameixoeira (daí a vulgarização deste nome), atualmente denominada freguesia de Santa Clara, concelho de Lisboa.

Apesar do seu projeto datar de 1875, apenas em 1901 ficou concluído, tendo sido acrescentada a necessária iluminação das instalações até 1906. Foi ocupado inicialmente por soldados do Regimento de Artilharia Nº 5 e mais tarde por militares da 2.ª Bateria do Grupo de Artilharia de Guarnição Nº1. Em 1924, mais concretamente a 13 de agosto, dar-se-ia uma tentativa de ocupação por parte do Partido Radical e aliados, com o objetivo de levar a cabo um golpe militar, mas que não se concretizou.

Mais tarde, tal como a maior parte dos fortes da época, deixou de fazer sentido a sua guarnição e passou, em 1941, a servir de depósito de munições com nada menos que 88 paióis. Contudo, às 6 horas da manhã de 28 de setembro de 1943, houve uma explosão num dos paióis, o que provocou a morte a seis soldados e destruiu toda a ala Sul do edifício, nunca tendo sido apuradas as causas do incidente. Apenas 7 anos mais tarde foram iniciados os trabalhos de reconstrução, que iriam manter o aspeto exterior, mas o traçado interior seria todo alterado, com o objetivo primordial de assegurar as funções de paiol de munições de artilharia. Aproveitou-se igualmente a intervenção para efetuar alguns melhoramentos e introduzir infraestruturas básicas como esgotos, canalizações e eletricidade.

Em 1989 os paióis viriam a ser desativados e em 2006 passou a ser a sede do SIS, que se mantém até à atualidade.

Os tempos mudam e o Forte de D. Carlos I, que antes era vizinho da antiga Estrada Militar de Defesa de Lisboa que interligava as fortificações e outros dispositivos de defesa integrados, tem agora ao seu lado o movimentado Eixo Norte-Sul e aloja, em modernas e eficientes instalações, o SIS.

Alferes RC Eder Sousa

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Só a instituição durável fez subsistir o que há de melhor em nós.
Charles Maurras

Uma instituição secular é apontada, quase sempre, como uma referência, onde os valores, os princípios e as tradições foram passando de geração em geração. Ao completar o seu 126.º aniversário, a Escola Prática de Infantaria [EPI], cuja comemoração teve lugar no passado dia 14 de agosto defronte do vetusto e imponente Monumento de Mafra, contou com a presença de muitas gerações de infantes e elevado número de convidados. A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, que referiu no seu discurso o seguinte: "126 anos em que a EPI contribuiu com o seu papel central para a Infantaria portuguesa, essencial para a missão do Exército e referencial para milhares de cidadãos que serviram o país na guerra, na paz, ou em situações de crise nacional." Podemos dizer que a Infantaria esteve onde foi preciso defender os interesses superiores da Pátria!

Desde a sua criação em 1887, no tempo da monarquia: "Dom Luiz, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos súbditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1º É creada na villa de Mafra uma escola que se denominará «Escola prática de infanteria e cavallaria».[…]".

Três anos depois da sua fundação, 1890, separaram-se as Escolas de Infantaria e de Cavalaria, continuando a primeira com a sua sede em Mafra, no Convento de Mafra onde sempre permaneceu, e a segunda foi para Vila Viçosa, ficando cada uma delas individualizada.

É longo o historial da EPI e dos infantes que nela serviram ao longo de todos estes anos. Com a divisa *Ad Unun* [até ao último] e o seu dia festivo, evocativo da Batalha de Aljubarrota, a 14 de agosto de 1385, tentou guiar-se sempre pelos nobres feitos do seu Patrono D. Nuno Álvares Pereira, um dos mais notáveis portugueses de sempre. Feitos épicos ligam a EPI à História de Portugal. Foi ali que se concentraram e dali partiram as primeiras forças expedicionárias para África, desde os finais do século XIX. Foi o que aconteceu com o capitão Mouzinho de Albuquerque, que ali aquartelou em 3 de fevereiro de 1895, para depois ir notabilizar-se num conjunto de ações contra os vátuas cujo corolário foi o episódio de Chaimite, com a prisão do régulo Gungunhana, em 28 de dezembro, do mesmo ano. Também ali se aquartelaram e aprontaram as forças destinadas ao sul de Angola. Em 1906, sob o comando de Alves Roçadas, cerca de sete centenas de soldados de Infantaria foram combater os Cuamatos, na região do Cunene. Também dali partiram militares que constituíram o Corpo Expedicionário Português para participarem nos combates na Flandres, na Primeira Guerra Mundial, que teve como corolário a Batalha de La Lys. Segundo o Tenente-Coronel de Infantaria Lousada morreram na Grande Guerra, em França, Angola e Moçambique 3573 militares da Arma de Infantaria. Durante a Segunda Guerra Mundial Portugal conseguiu manter-se neutral, no entanto durante a mesma, a EPI continuou a preparação de Oficiais, Sargentos e Praças procurando sempre adaptar-se aos novos paradigmas da guerra, no sentido de melhor defender os interesses superiores do País. Foi ali que se formou o Batalhão Vasco da Gama que foi enviado para a Índia Portuguesa, em 1954, tendo regressado três anos depois. Ali perderam a vida sete militares. O ponto alto da EPI na formação de Oficiais, Sargentos e Praças foi no tempo da Guerra do Ultramar. Também neste período se destacou na elaboração de novos manuais, entre os quais se refere "O Exército na Guerra Subversiva", em cinco volumes, que foram a base da formação dos militares que passaram pela Escola até 1975. Com o fim da Guerra do Ultramar e as alterações geopolíticas após a queda do muro de Berlim, as mudanças tinham que acontecer também na Escola. A EPI adaptou-se aos novos tempos como é seu timbre, procurando sempre manter-se na vanguarda do saber e do saber fazer. Assim tem atuado, com engenho e arte, nas Operações de Apoio à Paz e na Cooperação Técnico-Militar colaborando com as Organizações Internacionais de que Portugal faz parte e com países amigos. Podemos concluir que a EPI cumpriu Portugal!

Neste *Jornal do Exército* podemos ler mais um artigo sobre a temática da II Guerra Mundial, em que o autor Alexandre Correia Gonçalves escreve de forma sentida "Reviver o passado na Normandia". A Professora Doutora Maria Sousa Galito fala-nos no "Inverno Egípcio". O Tenente-Coronel de Infantaria Filipe Vieira esclarece a missão do *Joint Analysis and Lessons Learned Centre* [JALLC], um centro da NATO situado em Portugal. Também aqui se aborda a Cooperação Militar, da responsabilidade da Repartição de Cooperação Militar e Alianças. O Tenente de Infantaria "Para" Gil Rocha fala-nos de "Um dia em Operações no Kosovo". O Tenente-Coronel de Infantaria "OE" Delfim Fonseca relata-nos o "*Exchange Training 2013*", um exercício combinado e conjunto que juntou forças dos três ramos das Forças Armadas Portuguesas e uma força de operações especiais do Exército dos EUA. O Tenente-Coronel de TMANTM "CMD" Girão Lima apresenta-nos o Museu Militar dos Açores. O Alferes RC Eder Sousa apresenta-nos dois artigos: "Laboratório Militar produz medicamentos em falta no mercado" e "126.º aniversário da Escola Prática de Infantaria". Felicitamos o nosso amigo José Pires, por mais uma história de banda desenhada, que nos une ao Brasil e ao Oriente: "A Viagem de Pedro Álvares Cabral: Ventos de Glória, Marés de Infortúnio".

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

Presidente da República visita Exercício "DRAGÃO/PRISTINA"

No período de 22 a 31 de julho decorreram nos concelhos de Murça, Vila Real e Vila Pouca de Aguiar, os exercícios "DRAGÃO 13" e "PRISTINA 132", da Brigada de Intervenção (BrigInt).

O exercício "DRAGÃO 13" teve como finalidade treinar e testar a capacidade de planeamento, comando e controlo da BrigInt enquanto Grande Unidade da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército, destinando-se o exercício "PRISTINA 132" ao aprontamento final do 2º Batalhão de Infantaria (2BI/KFOR), unidade que se irá constituir como Força Nacional Destacada a ser projetada para o Teatro de Operações (TO) do Kosovo, a partir de setembro do presente ano.

No último dia dos referidos exercícios, a Brigada de Intervenção recebeu, na Vila de Murça, a visita do Presidente da República, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva.

À sua chegada a Murça, e acompanhado pelo Ministro da Defesa Nacional, Dr. José Pedro Aguiar-Branco e pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Luís Araújo, o Presidente da República foi recebido no Parque Desportivo de Murça pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro.

Após a receção, o Presidente da República recebeu um briefing inicial sobre os objetivos, cenário e meios envolvidos em ambos os exercícios, briefing realizado pelo Major-General Comandante da BrigInt, Major-General Aguiar Santos.

Após o briefing, o Presidente da República teve oportunidade de assistir a uma demonstração tática executada por forças do 2BI/KFOR, onde poder ver em ação as viaturas PANDUR 8X8, que equipam a BrigInt, e a Companhia de Controlo de Tumultos, numa operação de remoção de um bloqueio de estrada e de controlo de tumultos, de forma a garantir a liberdade de movimentos.

O ponto alto da visita ocorreu com a entrega do Estandarte Nacional ao 2BI/KFOR, que ficará à sua guarda durante o cumprimento da missão no TO do Kosovo, numa cerimónia militar presidida pelo Presidente da República e que decorreu no Parque Urbano de Murça, como forma de reconhecimento pela forma como os militares foram recebidos e acarinhados pela população daquela Vila transmontana.

Regimento de Infantaria Nº19 condecorado pelo Município de Boticas

Por deliberação da Assembleia Municipal de Boticas, na sequência de proposta da Câmara Municipal, foi atribuída ao Regimento de Infantaria Nº 19 (RI19) a Medalha de Mérito Municipal – grau Prata Dourada, "pelo papel relevante e os serviços prestados à população do Alto Tâmega, de Trás-os-Montes e do país…" conforme consta do respetivo Diploma de atribuição.

A entrega desta distinção ocorreu por ocasião da visita da Presidente da Assembleia da República, Dr.ª Assunção

Esteves, ao concelho de Boticas, de onde é natural.

Mantendo a permanente interação e as excelentes relações pessoais e institucionais com o Município, o RI19 "respondeu" oferecendo, nessa mesma noite, à população de Boticas, um concerto executado pela Banda Militar do Porto.

XXXII Peregrinação Militar Nacional a Fátima

À semelhança de anos anteriores, realizou-se em junho a XXXII Peregrinação Militar Nacional a Fátima, onde participaram várias unidades, de onde se destaca a presença dos três Estabelecimentos Militares de Ensino. Vários foram os militares que se deslocaram a pé até ao Santuário, como os demais peregrinos, de forma sóbria, disciplinada e imbuída de sentimento religioso.

O ponto alto da peregrinação foi no dia 21 de junho com a Homilia do Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Januário Torgal Mendes Ferreira, cuja assistência contou com os chefes dos três ramos das Forças Armadas, e com o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Luís Evangelista Esteves de Araújo.

Da Homilia destacamos o seguinte excerto dedicado aos militares: "às mulheres e homens das Forças Armadas e das Forças de Segurança formulo votos do prosseguimento feliz do serviço ao bem comum; votos de condições justas para o exercício da sua escolha profissional; votos de um tempo, onde situações específicas do seu ser e agir sejam postas em prática; votos de deveres cumpridos com o mesmo fervor com que desejamos direitos; votos de um futuro onde as perspetivas legais não desordenem a justiça de regras do passado; votos de projetos educativos, culturais, estratégicos e religiosos onde não se dilua o viço da razão nem os direitos do desempenho; votos do diálogo e da racionalidade onde a verdade e a humanidade não sejam tradições mas valores; votos de reformas, enquanto expressões de investigação e saber e onde as relações humanas sejam muito mais prioritárias que o protocolo. Ter a coragem de pensar! Ter a inteligência para mudar a vida desumana de tanta gente! Por isso viemos a Fátima!".

Black Hawk em Camp Slim Lines

O *loadmaster* da tripulação de um Sikorsky UH-60 "Black Hawk", auxilia o embarque de elementos de uma companhia do 2BIPara/KFOR, durante um exercício de treino operacional, no âmbito das missões CRC (*crowd riots control*) ou seja, missões de controlo de tumultos.

Os militares portugueses embarcam em Camp Slim Lines, com destino a Camp Vrelo.

Estes *cross-trainings*, normalmente efetuados com outras forças CRC da KFOR, permitem coordenar procedimentos e ações e realizam-se, habitualmente, em Camp Vrelo, uma antiga base aérea jugoslava, junto do aeroporto de Pristina.

Comemorações centenárias da Arma de Engenharia e da EPE

Celebrou-se na Escola Prática de Engenharia (EPE), no dia 12 de julho, os 366 anos de existência da Arma de Engenharia e os 133 anos da Escola, cuja cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro.

Após a cerimónia militar, foi efetuada a apresentação do livro "As linhas de defesa de Lisboa construídas durante a Guerra Peninsular – Memórias de engenheiros militares coligidas por ocasião do 2º Centenário", editado pela Direção de Infraestruturas do Exército. As comemorações encerraram com uma exposição multimédia sobre "Atividades da Engenharia Militar no último ano".

Comandante de Operações Terrestres do Exército Brasileiro visita Exército Português

Decorreu, entre os dias 10 e 16 de julho, a visita do Comandante de Operações Terrestres (COTER) do Exército Brasileiro, General João Carlos Vilela Morgero, ao Exército Português. No dia 11 de julho o COTER foi recebido no Estado-Maior do Exército (EME) pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro. No âmbito desta visita ao EME, decorreu também a condecoração do Adido do Exército e Aeronáutica do Brasil que recentemente cessou funções, Coronel Aviador Roberto Ferreira Pitrez, com a Medalha de D. Afonso Henriques – 1ª Classe, e a apresentação de cumprimentos do novo titular do cargo, Coronel de Infantaria Cláudio Tavares Casali.

O COTER passou também, no dia 16, pela Brigada Mecanizada, onde foi recebido pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Hernandez Jerónimo. Foi uma oportunidade para assistir à demonstração realizada pelo Esquadrão de Reconhecimento com o plano de carregamento de Pelotão e a observação das instalações do simulador do Leopard 2 A6, que representa a capacidade blindada do Exército. Houve tempo ainda para visitar o polo museológico do Quartel da Cavalaria e observar uma exposição estática com a representação dos principais sistemas de armas que equipam a Brigada Mecanizada.

EPC condecorada com Medalha de Honra da Cidade de Abrantes

No passado dia 9 de agosto, realizou-se no Castelo de Abrantes a Cerimónia Militar do Juramento de Bandeira do 1º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército 2013 e a Cerimónia de Condecoração da Escola Pratica de Cavalaria (EPC) com a Medalha de Honra da Cidade de Abrantes.

A cerimónia foi presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil, contando ainda com a presença de diversas entidades civis e militares, destacando-se a Presidente da Câmara Municipal da Abrantes, Dr.ª Maria do Céu Albuquerque, o Presidente da Assembleia Municipal de Abrantes, Dr. Manuel Duarte dos Santos, e o Comandante da Instrução e Doutrina, Tenente-General Francisco António Correia.

Integrado na Cerimónia Militar do Juramento de Bandeira, e tendo como cenário o emblemático interior do Castelo de Abrantes, a Presidente da Câmara Municipal de Abrantes entregou ao Comandante da EPC, em exercício de funções, Tenente-Coronel de Cavalaria Paulo de Jesus Pereira Zagalo, a Medalha de Honra da Cidade de Abrantes.

No seu discurso, a edil local agradeceu reconhecidamente a forma ímpar, briosa e muito digna como a EPC fomentou

excelentes relações de cooperação e parceria com a Câmara Municipal de Abrantes ao longo dos cerca de sete anos da sua permanência naquela cidade.

Exercícios Finais da Academia Militar

Realizou-se entre os dias 30 de junho a 09 de Julho, no Campo Militar de Santa Margarida, os Exercícios Finais da Academia Militar (AM) referentes ao ano letivo 2012/2013, designados de Exercício Leão.

Os Exercícios Finais empenharam todo o Corpo de Alunos (CAl), e compreenderam um Bloco de Formação Militar do âmbito do CAl e um Exercício Tático Integrado do âmbito da Direção de Ensino.

O Exercício tem como finalidade permitir que os alunos do Exército e da Guarda Nacional Republicana desenvolvam e consolidem os conhecimentos adquiridos na área da Formação Geral Militar e as Técnicas Táticas e Procedimentos próprios de cada Arma e Serviço, considerados essenciais para o cumprimento da situação tática definida.

No âmbito do Exercício Leão, no dia 5 de junho os alunos tiveram a oportunidade de receber a visita do Comandante da AM, Tenente-General José António Carneiro Rodrigues da Costa.

A visita teve início pelas 10h00 com a apresentação de cumprimentos do Comandante da Brigada Mecanizada e englobou a visita à Pucariça e a alguns exercícios e actividades dos alunos.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA € 2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): VIA SUPERFÍCIE - Portugal Cont. Madeira e Açores € 20,00; VIA AÉREA - Paises Europeus € 45,00; Restantes Paises € 65,00. NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente
NÚMEROS ATRASADOS - 1960 a 1969 € 4,50; 1970 a 1979 € 4,00; 1980 a 1989 € 3,00; 1990 a 2001 € 2,50; 2002 a 2012 € 2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO € 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 € 4,21; 3000/8000 € 5,79; Açores e Madeira € 6,56.

350º Aniversário da Batalha do Ameixial

No dia 8 de junho celebraram-se as comemorações do 350º Aniversário da Batalha do Ameixial, inserida no contexto das Batalhas da Restauração da Independência de 1640/1668. As cerimónias foram presididas pelo Diretor de História e Cultura Militar, Major-General João Santos de Carvalho, em representação do Chefe do Estado-Maior do Exército.

Do programa das comemorações constou a romagem ao Padrão de Santa Vitória do Ameixial, onde se realizou a cerimónia de Homenagem aos Mortos em Combate, caídos no campo da vitória, com deposição de coroas de flores e oração por parte do Capelão-Adjunto do Serviço de Assistência Religiosa, Coronel Jorge Matos.

Posteriormente realizou-se a parada militar na praça do município de Estremoz, tendo esta decorrido com o simbolismo e o brilho próprios e dignos do evento. As forças militares foram constituídas pela Banda do Exército, um Esquadrão apeado e parte de um Pelotão de Reconhecimento equipado com viaturas blindadas de rodas PANHARD M11, do Regimento de Cavalaria Nº 3. À cerimónia assistiram todas as autoridades municipais locais, elementos da Sociedade Histórica para Independência de Portugal, Comissão Portuguesa de Historia Militar e a população Estremocense.

Após o desfile das forças em parada, na Igreja dos Congregados, o Coronel Américo Henriques proferiu uma brilhante palestra sobre a Batalha do Ameixial e o contexto histórico em que se desenrolou a Guerra da Restauração.

O resultado desta Batalha teve importante significado e consequências para Portugal. Esta foi a mais importante vitória militar da Restauração, pois resolveu a ofensiva mais perigosa que Portugal enfrentou durante o período de 1640 a 1668. A Batalha do Ameixial passou à história como uma das mais violentas e esforçadas mas também das mais gloriosas nas Guerras da Restauração.

Cerimónia Militar de homenagem ao Patrono da Arma de Cavalaria e entrega da Chave da Vila

No passado dia 21 de julho as Unidades de Cavalaria realizaram, junto ao Mosteiro da Batalha, a Cerimónia Militar de homenagem ao Patrono da Arma de Cavalaria, Joaquim Mouzinho de Albuquerque. O evento contou com uma Força a Cavalo comandada pelo Comandante da Escola Prática de Cavalaria (EPC) em exercício de funções, e composta por uma delegação de todas as Unidades de Cavalaria, do CMEFD e ainda da GNR, num total de 30 conjuntos.

A cerimónia foi presidida pelo Diretor Honorário da Arma de Cavalaria, Tenente-General Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros, contando com a presença de diversas entidades civis e militares, destacando-se o Presidente da Câmara Municipal da Batalha, António José Lucas, e o vereador Eng.º Carlos Henriques.

Integrado nas Comemorações, o Presidente da Câmara Municipal da Batalha entregou ao Comandante da EPC a Chave da Vila da Batalha. No seu discurso, o edil local agradeceu a forma ímpar, briosa e muito digna como a EPC tem cooperado com a Câmara Municipal da Batalha, principalmente na evocação e homenagem realizada ao longo de quase 40 anos, ao Batalhense e Patrono da Arma de Cavalaria, Joaquim Mouzinho de Albuquerque. Esta é a terceira vez que a Chave da Vila foi entregue, tendo sido as duas anteriores ao Dr. Mário Soares e o Dr. Jorge Sampaio, durante os respetivos mandatos como Presidentes da República Portuguesa.

Ex-Combatentes promovem encontro e monumento

Realizou-se em Loriga, Serra da Estrela, no dia 27 de julho, o 1º Encontro entre antigos combatentes do Ultramar naturais desta localidade.

Loriga, entre meados do século XIX e até aos anos sessenta do século XX, foi uma das principais vilas do Concelho de Seia, Distrito da Guarda, que chegou a ter uma população ativa de mais de três mil pessoas, cuja ocupação variava entre operários na indústria têxtil, metalúrgicos e uma agricultura de subsistência, pastorício de gado ovino e caprino.

Nasciam em média, mais de cem crianças por ano e por isso, quando eclodiram as guerras nas ex-colónias portuguesas, Loriga foi uma das terras do Distrito que mais contribuiu com a sua juventude para a defesa do Ultramar Português. Mais de trezentos homens Loriguenses foram mobilizados para todas as Províncias Ultramarinas.

Um grupo de amigos (ex-combatentes) resolveu organizar um encontro de confraternização para recordar os bons e maus momentos, e pensou em erigir um monumento que perpetuasse esse encontro.

Consultadas as autarquias (Junta de Freguesia e Câmara Municipal de Seia), foi possível inaugurar solenemente o respetivo monumento no dia 27 de julho.

Do programa de inauguração fez parte um desfile pelas principais ruas da vila em direção à Igreja Matriz, onde foi

celebrada uma missa, seguida de um almoço de confraternização com a presença de cerca de 200 pessoas, entre ex-combatentes e seus familiares .

Estiveram presentes diversas individualidades, entre elas, o presidente do Município de Seia, o presidente da Junta de Freguesia de Loriga e ainda o Pároco da Paróquia, juntamente com o autor do projeto, Vítor Amaral.

Casa de Repouso
O Jardim de Eden®
Lar para Idosos

Estrada Principal de Chiqueda, n.º 8,
PONTE JARDIM 2460-617 ALCOBAÇA
Tel.: 262 582 792 Fax: 262 182 212
Telems.: 968 929 611 / 968 929 612
mail@casadoeden.com
www.casadoeden.com

Instalações:

. 27 Quartos (individuais, duplos)
. 32 wc
. Salas de Convivio
. Sala de Refeições
. Sala de Reuniões
. Consultório Médico
. Gabinete de Director Técnico
. Cabeleireiro / Manicure / Pedicure
. Ginásio e Fisioterapia
. Cozinha
. Lavandaria
. Capela

Serviços:

. Higiene Pessoal
. 6 Refeições ao dia
. Tratamento de Roupas
. Enfermagem todos os dias
. Consulta de Medicina (1 vez por semana)
. Fisioterapia (2 vezes por semana)
. Animação Socio Cultural (2 vezes por semana)

Ao abrigo dos protocolos com o Exército e Força Aérea, todos militares, trabalhadores e respectivos familiares têm um desconto imediato na mensalidade.

Todos estes serviços desde 700 euros mensais

Alexandre Correia Gonçalves

Reviver o passado na Normandia

Fonte das imagens deste artigo: imagens cedidas por Alexandre Correia Gonçalves.

Todos os anos, são já sessenta e nove, os Franceses agradecem aos seus libertadores. A cada 6 de junho, a Normandia veste-se a rigor para celebrar e honrar o sacrifício dos homens que lutaram e morreram nas suas praias, campos, vilas e cidades. As ruas enchem-se de turistas, e de todas as janelas saem bandeiras Inglesas, Americanas, Canadianas e Francesas. Da grande cidade de Caen até à mais pequena das aldeias, há comemorações, grandes e pequenas, umas mais espetaculares, outras mais solenes. A emoção, essa é sempre enorme.

Durante uma semana, os automóveis modernos e as roupas modernas, misturam-se com Carros de Combate Sherman e uniformes militares dos anos 40. A população local e os visitantes confundem-se nos cafés e nas bermas dos passeios, para verem passar as colunas de veículos e de soldados de outro tempo. Se nos abstrairmos dos sinais de "evolução", voltamos a 1944! É verdadeiramente impressionante. A única diferença – que faz toda a diferença – é que ninguém morre.

Há espetáculos que atraem milhares de pessoas, como o salto dos Para-quedistas sobre os campos de La Fiére e Ranville, largados de verdadeiros C-47, ou as cerimónias em Sainte Mère Église, Sainte Marie du Mont, Arromanches e Bénouville. Novos museus e memoriais são inaugurados, novas histórias são conhecidas, e por vezes, velhos mistérios são desvendados.

Todos os anos, os países que participaram na Batalha, enviam, em seu nome, os soldados de hoje. Estes jovens guerreiros pertencem às mesmas unidades que aqui combateram quando o mundo estava em guerra, e as insígnias que usam nos ombros, assumem um significado muito especial por estes dias. Mas, acima de tudo, toda esta gente vem com um objetivo – prestar homenagem aos Veteranos, os heróis da Segunda Guerra Mundial.

Nos anos "redondos", Reis, Rainhas e Presi-

dentes descem do pedestal e juntam-se à festa.

Os Veteranos voltam sempre, até não puderem mais. Muitos voltam todos os anos, desde 1945. Sem falhas. Bengala em vez de espingarda, cadeira de rodas em vez de Jeep, mas de boina preta, verde ou vermelha na cabeça e filas de medalhas orgulhosas ao peito. Contemplam em silêncio as águas do mar, ajoelham-se na frente de uma cruz branca onde repousa o amigo que ficou para sempre com 20 anos, e deixam-se abraçar por pessoas que nunca viram e que apenas querem dizer obrigado. Sobretudo, veem velhos amigos, recordam velhos tempos e voltam aos sítios onde se tornaram homens cedo demais. Riem e choram. Voltam de novo a ser jovens. Hoje, a idade pesa, mas até poucos anos atrás, muitos deles saltavam ainda de Para-quedas!

Os Normandos não os esquecem. As suas casas são as deles, a sua terra é Inglesa, Americana, Canadiana, Polaca... Na Normandia não há Americanos prepotentes, Ingleses arrogantes ou Polacos comunistas, os velhos veteranos são todos heróis. As querelas e as inimizades centenárias entre nações, desvanecem-se aqui, como que por magia.

Mas não é só no dia 6 de junho que a Normandia vive em festa; durante todo o ano se sente esta atmosfera especial. Alguns Veteranos vivem na Normandia há muitos anos, e muitos outros voltam regularmente nos meses mais "calmos" para percorrerem os caminhos da memória sem os banhos de multidão.

Para todos os turistas que, como eu, não querem deixar morrer a História e a memória de um tempo que felizmente não viveram, mas do qual são fruto, ter a honra de apertar a mão a um desses homens, é um momento inesquecível; faz-nos sentir muito humildes e muito gratos. Eu tive essa honra e o meu obrigado tentou sempre sair firme. Tenho bem gravada na minha memória a imagem do primeiro Veterano que vi e conheci na Normandia. Um cavalheiro Inglês a atravessar a rua principal de Sainte Mére Eglise, boina preta na cabeça, andar direito, e um sorriso largo para todos os passantes que o olhavam e saudavam com alegria e um respeito como nunca vi. Lembro-me de pensar que aquele homem era tão simplesmente, a História viva. Foi o primeiro Veterano a quem apertei a mão. A emoção roubou-me algumas palavras, mas jamais esquecerei as dele quando lhe disse que tinha vindo de Portugal – "*From Portugal?!... What a surprise! Thank you for coming son, from so far... glad your Grandfather wasn't here, because if he was, there's a good chance you could not come today... I was very lucky you know... and, let me tell you son... so was he*"...

Fonte da imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: 3.bp.blogspot.com.

(De Portugal?!... que surpresa! obrigado por teres vindo de tão longe filho... ainda bem que o teu avô não esteve aqui, porque se estivesse estado, talvez tu não pudesses ter vindo... eu tive muita sorte, sabes... e deixa-me dizer-te filho... ele também...)

Se o meu avô tivesse morrido na Normandia, eu não estaria lá nesse dia, mas se aquele senhor não tivesse lá estado, talvez eu também não pudesse lá estar nesse dia.

Será que isto faz dele o meu avô? Com certeza que faz. De sangue? Com certeza que sim.

Tenho a honra de ter conhecido, e o privilégio de me manter em contacto com alguns destes homens grandes, mas também a grande tristeza de não poder conhecer outros tantos.

Todos os anos voltam menos Veteranos; as últimas lendas vivas do século vinte estão a morrer em paz – na paz que ajudaram a criar. O nosso mundo fica muito mais pobre e vazio com a morte de cada um destes homens e mulheres, por isso, apressemo-nos a saudá-los. Todos nós temos uma enorme divida de gratidão para com eles. Sejamos agradecidos. Um simples obrigado, se não puder ser mais. No próximo ano, 2014, celebram-se os setenta anos do Dia-D; será porventura a última oportunidade de ver estes preciosos velhinhos, vivos e reunidos em número "considerável"! Porque não, aproveitar as férias e ir à Normandia dar-lhes um abraço? Razões históricas à parte e para quem nunca lá foi, é um dos locais na Europa mais bonitos para se visitar.

Na Normandia de hoje, respira-se a verdadeira essência da França: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Na minha opinião, a única região do país a mantê-la. Os Veteranos Alemães do Exército Regular são bem vindos e tratados – trocam memórias e experiências com os inimigos de ontem e são recebidos nas casas dos civis que em tempos ocuparam. Muitos, tornaram-se bons amigos. Acima de tudo, vive-se a memória.

As cicatrizes dos violentos combates que aqui se travaram são ainda bem visíveis em muitos locais, e se, há cidades e vilas que foram reconstruídas das cinzas, outras há, em que passear nas ruas é recuar num tempo já longínquo, mas que ali, parece tão perto.

Visitem a aldeia de Oradur-sur-Glane, deixada até hoje como ficou no dia 10 de junho de 1944, depois da passagem da 2º Divisão Panzer "Das Reich" das SS. Visitem os pequenos e grandes cemitérios, os pequenos e grandes museus, as pequenas e grandes quintas, os monumentos, os memoriais, os bunkers. Percorram a pé os caminhos onde se fez História, durmam numa casa

famosa, tomem o pequeno-almoço num café famoso, almocem num hotel famoso. A Normandia é reconhecida pelo bem receber e pelo bem comer! Entrem nas dezenas de lojas de artigos históricos, que são o sonho de qualquer colecionador de "Militaria". Vejam veículos militares da época, imaculadamente restaurados, circularem habitualmente pelas ruas das encantadoras vilas e aldeias. Assistam às recriações históricas das inúmeras associações, que regularmente nos levam de volta aos anos 40.

A Normandia é um gigantesco museu ao ar livre, onde cada rua, casa, recanto, cada pedra tem uma história para contar. Um belo Memorial a céu aberto. É para mim, e felizmente para muitos outros, uma espécie de solo sagrado.

Ao percorrer a paisagem lunar de Pointe du Hoc, cravada de gigantescas crateras e bunkers esventrados, sentem-se os fantasmas a correr. Os milhares de cruzes e pedras tumulares que se erguem da relva aparada dos cemitérios obrigam-nos ao silêncio. É difícil pôr em palavras a sensação de tocar a areia e as águas cinzentas da praia de Omaha hoje, e imaginá-las vermelhas de sangue há 69 anos. Percorrer exatamente a mesma estrada que guiou os soldados da praia Utah até Sainte Marie du Mont. Passear na maré baixa da praia Gold, em Arromanches e tocar os restos do porto artificial Mulberry. Atravessar a Ponte Pegasus e conseguir escutar a gaita de foles de Bill Millin, gaiteiro de Lord Lovat. Olhar o céu noturno no largo de Sainte Mére Eglise e imaginar centenas de aviões a passar e para-quedas a descer. Entrar na pequena Igreja de Angoville e saber que as manchas mais escuras na madeira dos bancos, são manchas de sangue que nunca mais saiu. Esgravatar a terra numa qualquer quinta e encontrar uma bala perdida, um capacete ou mesmo um Carro de Combate! Ficar hospedado numa casa particular e saber que essa casa serviu de enfermaria, de posto de comando ou apenas de local de descanso onde homens exaustos foram recebidos com um copo de "Calvados" ou de leite e puderam descansar umas horas. Ver os buracos das balas que ninguém quis nem quer tapar, nas paredes de uma sala de jantar ou de um edifício.

Entrar numa casamata de aço e betão, escura e húmida e olhar o mar, hoje tão tranquilo, através de uma estreita portinhola enferrujada, exatamente como fizeram os defensores alemães que ali viveram durante quatro anos, dá-nos uma ínfima noção do que era estar do outro lado da muralha a ver vaga após vaga de homens a correr na nossa direção.

Podemos também, apenas e simplesmente, escutar o "silêncio do mar".

©Antoinette NL

Para terminar, quero falar dos meus outros heróis, os civis que viveram, morreram e sobreviveram à Batalha da Normandia. Tenho a igual honra e privilégio de ter merecido a amizade de alguns. Hoje com setenta, oitenta, noventa anos, receberam, ainda crianças e adolescentes, nas bermas das estradas e nas suas casas – muitas vezes pouco mais do que paredes sem teto – os seus libertadores. Nunca esqueçamos o pesado tributo em vidas e propriedade que todos eles pagaram pela libertação. São estas pessoas, que sem nunca me terem visto antes, me abrem a porta das suas casas, me recebem também com um copo de "Calvados" e me dão lições de história, e de vida – "sabe, saí desta casa na noite do dia 6 com uma mala na mão, vivi nos campos durante um mês... ia buscar água ao poço, e leite ás vacas de vizinhos que não conhecia, lavava-me num riacho... quando voltei, não tinha casa... apenas estas três paredes estavam de pé... todos os animais estavam mortos, não tinha mais roupa... depois, bem... depois veio o inverno... começámos tudo outra vez".... "Está a ver aquele canto? A minha mãe estava ali sentada com o meu irmão mais novo, de repente caiu uma bomba... eu estava deste lado, exatamente onde estamos a falar... tive muita sorte"...

De junho de 1940 a maio de 1945, a França suportou o peso de quase 600.000 toneladas de bombas que provocaram 67.078 mortos. Só no ano de 1944, 35.317 civis perderam a vida nos bombardeamentos.

A maioria destes homens e mulheres eram e são ainda hoje, agricultores. Menciono este facto por um só motivo – alguns têm um piano em casa. Em França, os homens da terra tocam piano, e até falam francês... Dá que pensar. Tocam-nos com o sorriso de quem já nada teve. De quem já nada teme.

Sessenta e nove anos depois do fim da batalha, esta mesma terra continua a devolver os restos mortais dos soldados que ali tombaram.

Para sentir tudo isto, os livros e as fotografias não chegam. É necessário lá ir, e, mais do que necessário, é um dever de todos nós, prestar homenagem a todos aqueles que deram o seu amanhã pelo nosso hoje. Vivos e mortos.

O painel na autoestrada que indica a entrada na Normandia diz assim: Normandie, pays de la liberté. (Normandia, terra da liberdade) Sejam bem-vindos à terra da liberdade!

Professora Doutora Maria Sousa Galito*

O Inverno Egípcio

Fontes: cdn1.electronicintifada.net.

Quadro de Referência

Hosni Mubarak foi Presidente do Egito durante três décadas até renunciar ao poder em 2011 (governou de 14/10/1981 até 11/02/2011). O movimento popular expandia assim a chamada *Primavera Árabe* (iniciada na Tunísia) à potência moderadora do conflito israelo-palestiniano, ao aliado-chave dos EUA na região (para além da Arábia Saudita) e a uma das principais economias africanas. Derrubava-se um ditador em prol do ideal democrático. A intenção parecia boa. Mas a realidade profanou o idealismo e a *Primavera* deu lugar ao *Inverno Árabe*, que alastrou a instabilidade no Egito, e a destabilização um pouco por todo o Norte de África e o Médio Oriente.

Mohamed Morsi, apoiado pela Irmandade Muçulmana (IM), foi eleito após a queda de Mubarak e manteve-se no poder durante um ano. A população considerou o seu governo uma desilusão e protestou para que abdicasse. Morsi foi deposto por militares a 3 de julho, acusado de concentrar na presidência poderes excessivos, de aplicar violência contra a população, de perseguir os opositores e de tentar islamizar o Egito através da aprovação de uma nova Constituição (referendada em dezembro de 2012, com referência a princípios da *sharia* – lei islâmica – como principal fonte legislativa, embora não única).

O ex-presidente considerou-se alvo de um golpe militar e a sua família ameaçou processar por rapto o general Abdel Fatah al-Sissi. Entretanto, o Chefe das Forças Armadas nomeou o juiz Adly al-Mansour (então Presidente do Tribunal Constitucional) como Chefe de Estado Interino e um grupo de tecnocratas foram incumbidos de apresentar propostas de emenda da Carta Constitucional que possam depois ser referendadas por voto popular. O secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, tornou publica a necessidade de libertar Morsi e os seus aliados, para que a situação fosse analisada com celeridade e de forma transparente.

O descontentamento dos adversários do ex-presidente continuou a manifestar-se sobretudo na Praça Tahrir, cenário dos protestos que conduziram à queda de Mubarak em 2011. No Cairo, os islamitas tendiam a concentrar-se nas Praças de Nahda e de Rabea al-Adauiya. A 27 de julho de 2013 houve confrontos entre partidários de Morsi e a polícia, com mortos e feridos a lamentar. A IM considerava ilegítimas as novas autoridades governamentais e exigia a libertação do ex-presidente. Desde que os milhares saíram às ruas a pedir a demissão de Morsi, entre junho/julho de 2013, pereceram cerca de 150 pessoas.

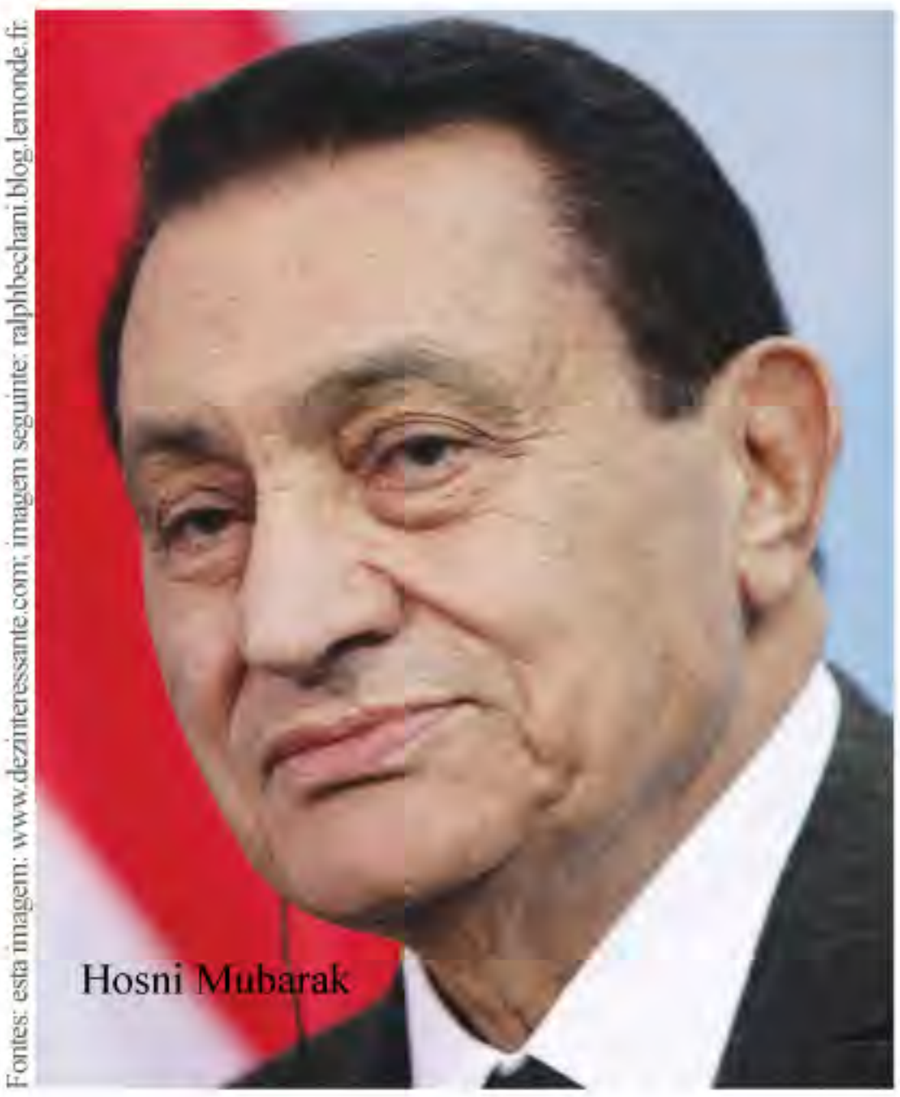
Este contexto inclui dois momentos revolu-

cionários: primeiro, a 11 de fevereiro de 2011; segundo, a 3 de julho de 2013. As duas quedas de regime dimanaram de golpes militares, depois de massivas manifestações populares no Egito, sobretudo na sua capital Cairo. O confronto mais recente entre militares e islamitas poderá ser consequência do estilo de liderança de Morsi, que se imiscuiu talvez demasiado no âmbito da política de segurança e defesa nacional, também ao nomear novos líderes militares da sua confiança para o exército egípcio; ao manifestar apoio à oposição na Síria; e ao admitir o diálogo com as autoridades etíopes que ambicionam construir uma grande barragem hidroeléctrica no Nilo, quando grande parte dos políticos egípcios nem quer ouvir falar no tema, recordando os poderes conferidos ao Egito com base nos Acordos de 1929 (com o Reino Unido) e de 1959 (com o Sudão) – sendo que nem o Egito nem o Sudão aprovaram o Acordo Quadro de Cooperação (AQC) assinado em maio de 2010 pela Etiópia, Quénia, Ruanda e Uganda, e pelo Burundi em 2011.

Por um lado, o mais recente golpe militar almeja evitar conflitos externos desnecessários, contrariar alianças com grupos islamitas estrangeiros e impedir islamização do Egito através da Constituição. Importa saber se o Exército, que é a instituição mais poderosa do país, não está a usar a influência que usufrui para defender primeiramente os seus interesses enquanto grupo. Recorda-se o historial de golpes militares no Egito, padrão repetido que se mantém desde 1952 (queda do rei Farouk) Como diriam os romanos: *quis custodiet ipsos custodes*? (quem vigia os vigilantes?)

Mohamed Morsi

Por outro lado, a grave crise política continua a ameaçar as receitas do turismo internacional e a economia no seu todo, razão pela qual a situação actual já foi considerada *uma bomba socio-económica* pelo ex-Ministro das Finanças Samir Radwan. O aumento do custo de vida, em parte pela subida dos preços dos bens da alimentação e dos combustíveis contribui para a subida dos preços de certos bens e serviços, e para a diminuição do nível de vida das famílias. A elevada taxa de desemprego e o aumento da pobreza, que em parte justificaram as revoltas populares, continuam preocupantes. O grau de violência contra as mulheres e o crime organizado assustam a população.



Fontes: esta imagem: www.dezinteressante.com; imagem seguinte: ralphbechani.blog.lemonde.fr

Hosni Mubarak

Futuro Próximo

Qual é o problema desta situação ocorrer no Egito? Trata-se de um país que foi durante décadas, se não mesmo séculos, a mais carismática das potências árabes. Preponderava sobre a região em nome da sua história, cultura, localização geográfica e estabilidade de fronteiras, também por ter uma população numerosa e pela pujança da sua economia. Como contra-poderes na área, tem a Arábia Saudita, o Irão e a Turquia, sendo que, em 2012, chegaram a constituir o *grupo dos quatro* para tentar resolver a crise síria. Mais do que a Tunísia, onde a *Primavera Árabe* começou, o destino do Egito vai definir o equilíbrio ou desequilíbrio das tensões na sua área de influência.

Um regime eleito foi substituído por um governo interino apoiado por militares, mas também por forças do regime do ex-presidente Mubarak que assim regressaram ao poder. Posto isto, colocam-se algumas questões pertinentes. Até que ponto se pode recorrer ao golpe militar para derrubar um regime democraticamente eleito? Será que Morsi estava de facto a colocar o Egito em perigo, do ponto de vista interno e externo? Será que a IM no Egito, que apoiava Morsi, desejava a aplicação de um modelo do tipo Hamas, pelo que teria de ser travada a tempo? O Egito pode sobreviver a um sistema de ditadura militar, mesmo que temporário?

O Egito pode ainda seguir um de dois exemplos: o turco e o argelino. Na Turquia, o modelo democrático baseia-se na eleição de um governo civil mas em que os militares puxam os cordelinhos, em função do poder que mantêm. Na Argélia, a intervenção militar acabou em tragédia, quando em 1991 a Frente Islâmica de Salvação (FIS) venceu a primeira ronda das eleições e os resultados foram anulados, seguindo-se uma guerra civil que durou dez anos (1992/2002) e custou a vida a 200/250 mil pessoas.

O xadrez interno está a ser jogado por diferentes peças de tabuleiro. Por agora, o poder está entregue ao Presidente Adly al-Mansour, ao Primeiro-Ministro Hazem el-Beblawi, ao Vice-Presidente Mohamed El-Baradei (também chefe da diplomacia) e ao Chefe das Forças Armadas Abdel Fatah al-Sissi. No geral, o poder está a ser disputado pela IM e pelos militares. O Ministério Público ordenou a prisão de centenas de membros da IM e do seu líder, Mohammed Badie, por *incitamento à violência*. Os liberais pro-ocidentais e outros representantes da classe média urbana, possuem pouco voto na matéria, ou dividem as suas forças, ou apoiam os próprios militares. Para a população, a principal preocupação é quem vai ocupar-se (e como) dos dossiers sociais, ou seja, se o nível de vida dos cidadãos em geral vai melhorar. Assim sendo, não serão tanto as divergências sobre o modelo político-religioso mas o hipotético sucesso das políticas económicas, que poderão garantir o poder no Egito.

Entretanto, já foram anunciados apoios generosos de agentes externos interessados na matéria. Por exemplo, do Xeque Abdullah Bin Zayed, chefe da diplomacia dos Emiratos Árabes Unidos, que propôs um pacote de ajudas ao governo interino na ordem dos três mil milhões de dólares. O Rei da Arábia Saudita, Abdullah Bin Abdul Aziz, declarou auxílios de cinco mil milhões de dólares para uma linha de financiamento directo, para depósitos no banco central egípcio e para adquirir produtos energéticos. Atenção, que não há almoços grátis.

O Presidente Barack Obama garantiu em público que não tomaria partido na crise egípcia, mas o governo federal dos EUA é acusado de apoiar activistas e políticos que protestaram contra Morsi, com fundos do programa de ajuda não-humanitária para promover a democracia no Norte de África e Médio Oriente. Por agora, os EUA suspenderam o envio de aviões caça F-16, que faziam parte do programa de assistência mili-

Fonte: imagens4.publico.pt.

Fontes: esta imagem: download.ultradownloads.com.br; imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: download.ultradownloads.com.br

tar ao Egito na ordem dos 1.3 milhões de dólares.

A União Europeia (UE) mostra-se cautelosa em relação ao Egito (depois de uma primeira fase de entusiasmo pela expansão do ideal democrático). É sobretudo para os países do sul da UE (em especial, Portugal, Espanha, Itália e Grécia, mas também a França) que o futuro do norte de África e do Próximo Oriente constitui um interesse estratégico, em função da proximidade geográfica e da vulnerabilidade económico-social que atravessam, com menos recursos para investir na sua própria defesa e segurança. Mas a UE precisa desenvolver mais uma posição integrada sobre esta matéria, até para agir em conjunto e proactivamente em caso de necessidade.

Portanto, o *Inverno Egípcio* representa um factor de incerteza ou até de ameaça para todo o Mediterrâneo (pois o país agia como moderador nos conflitos regionais e agora ele próprio é factor de instabilidade), em conjunto com as guerras na Líbia e na Síria, para além de todos os problemas que se acumulam a sul na região do Sahel; e da vulnerabilidade da Jordânia e do Líbano, junto ao conflito israelo-palestiniano, cuja tranquilidade futura não está garantida. Urge dar atenção ao drama dos refugiados e às tensões junto às fronteiras dos países vizinhos. A Turquia, a Arábia Saudita e o Irão, tanto quanto a Rússia e os EUA, estão a gerir influências na área, e têm-no feito mais do que a UE no seu conjunto. O futuro do Egito poderá representar um novo efeito dominó, resta saber para que lado pende.

---

*A Professora Doutora Maria Sousa Galito, doutorada em Ciência Política e Relações Internacionais, cuja tese de doutoramento foi subordinada ao tema 'A Diplomacia Económica Portuguesa no Atlântico', é Investigadora Doutorada do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento, do Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade Técnica de Lisboa, além de ser, ainda, membro do Seminário Permanente de Jovens Cientistas da Academia das Ciências de Lisboa, membro do Círculo de Reflexão Lusófona e Diretora do Centro de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais.

Tenente-Coronel Infantaria Filipe Ferreira Vieira*

JALLC – Joint Analysis and Lessons Learned Centre

O JALLC é o centro da NATO com a missão de realizar análise conjunta de operações, de treino, de exercicios e de experimentação. A sua missão é transversal em todo o espectro de operações, exercicios e atividades. É também responsável por manter a base de dados interativa de lições aprendidas da NATO e de a disponiblizar para o universo de utilizadores registados, dentro e fora da Aliança. Tem ainda a responsabilidade pelo desenvolvimento e análise do processo NATO de Lições Aprendidas. O JALLC está localizado em Monsanto, dentro do perimetro do Comando Aéreo e conta com um *staff* permanente de 50 militares e civis de 18 países da Aliança, sob o comando de um Oficial-General de uma estrela (Brigadeiro-General).

Origem

A unidade percusora do JALLC foi o *Permanent Maritime Analysis Team* (PAT) com base

em Northwood, UK. O PAT foi criado em 1978 e teve a responsabilidade de conduzir análise operacional dos exercícios maritimos da NATO socorrendo-se de um *staff* predominantemente composto, na altura, por oficiais de Marinha. Este PAT, depois de suficientemente reforçado, formou o núcleo da equipa encarregue de analisar as missões NATO IFOR e SFOR na antiga Republica da Jugoslávia. O relatório final da *IFOR Joint Analysis Team* (JAT) concluiu que havia uma lacuna na capacidade permanente de análise conjunta dentro da NATO, o que levou à formação de um *NATO Working Group* cuja missão foi desenvolver o conceito de um centro permanente de análise e lições aprendidas, que deu origem ao JALLC. O requisito operacional para o JALLC foi aprovado pelo *NATO Military Committee* (MC), em junho de 1997.

O conceito de implementação detalhado, que também recomendou a sua localização em Portugal, foi submetido à aprovação do *International Military Staff* (IMS), em janeiro de 2000, e aprovado pelo NATO MC, conjuntamente com o repectivo *capability package*, aprovado pelo *North Atlantic Council* (NAC), a 7 de dezembro de 2001. Finalmente, o NAC aprovou, a 2 de setembro de 2002, a ativação do JALLC e a consequente desativação do PAT.

A abertura formal do JALLC ocorreu a 6 de dezembro de 2002 e a *full operational capability* (FOC) foi declarada a 28 de março de 2006.

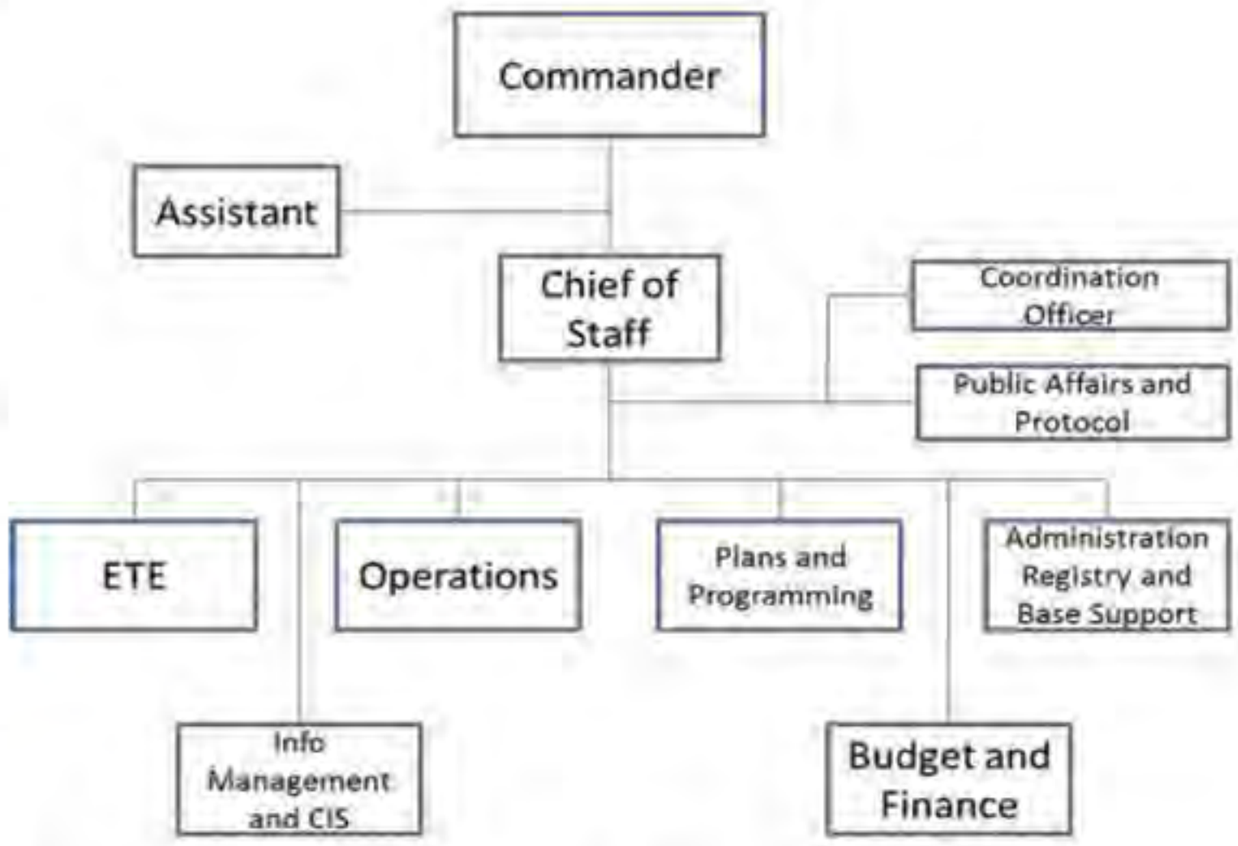
O JALLC na NATO

O JALLC encontra-se integrado na estrutura do *Allied Command Transformation* (ACT) e trabalha em coordenação com outras unidades do ACT como sejam o *Joint Warfare Centre* (JWC) em Stavanger, Noruega, o *Joint Force Training Centre* (JFTC), em Bydgoszcz, Polónia.

O JALLC também trabalha em estreita colaboração e coordenação com outros comandos NATO (NATO HQ, ACO, *Joint Forces Commands* e *Component Commands*) e com as diversas Nações e Parceiros da NATO (como os diversos Centros de Excelência existentes).

Organização interna

O quadro orgânico aprovado determina uma estrutura de 50 lugares, entre lugares de Chefia e Direção, Analistas militares, *Staff Officers*, *Operational Research Analysts* (ORA) e diverso pessoal de apoio à analise (*Contractors*), apoio de serviços e apoio de comunicações. Atualmente, o



Exército Português tem quatro lugares para Oficiais, sendo três para analistas militares (com o posto de Tenente-Coronel) e um Oficial na posição de Chefe do Estado-Maior (com o posto de Coronel).

As divisões de Operações e de Exercicios e Treino (*Operations Division e Exercises and Training Division*) supervisam a análise de projetos dentro das respetivas àreas funcionais, providenciado os analistas militares e os gestores de projeto.

O papel da Divisão de Planos e Programação (*Plans and Programming Division*) é o de providenciar apoio operacional analítico e científico aos projetos, administrar a base de dados de lições aprendidas (*Lessons Learned Database* [LLDb]) e providenciar apoio editorial a todas as atividades. A experiência tem demonstrado que a utilização de equipas multifuncionais que contem com a credibilidade dos analistas militares, a continuidade dos analistas civis e a flexibilidade dos analistas contratados, proporcionam um desejável equilibrio e mantêm uma elevada fasquia de qualidade nos produtos elaborados pelo JALLC.

Em 2010, o JALLC criou a *JALLC Advisory and Training Team* (JATT): uma pequena equipe cuja missão principal é levar a capacidade de aconselhamento e treino do sistema de lições aprendidas da NATO aos Comandos e QG bem como às Nações e Parceiros que o solicitem, para auxiliar no desenvolvimento das suas próprias capacidades de lições aprendidas. Esta equipa, conjuntamente com outros analistas militares do JALLC, prestou apoio solicitado pelo Exército na realização do 1º Curso *Staff Officer* de Lições Aprendidas do Exército Português e irá prestar apoio semelhante para a realização do segundo curso previsto para o final do corrente ano.

Projetos do JALLC

O JALLC tem vindo a publicar uma série de relatórios, resultado da finalização de projetos que lhe vêm sendo cometidos desde a sua ativação em setembro de 2002. Apesar de, na sua génese, o JALLC ter sido concebido para preparar relatórios acerca de exercícios, a mudança do paradigma da NATO, a formação de outro Comando Estratégico (ACT), o desenvolvimento das *NATO Response Force* (NRF) e o crescente envolvimento da NATO em operações resultaram numa necessidade de rápida adaptação do JALLC para cobrir um vasto leque de tarefas. A título de exemplo, o JALLC elaborou análises e relatórios sobre uma série de diversas atividades praticadas pela NATO nos ultimos anos:

a. Operações NATO (todas as rotações da ISAF, NTM-I, KFOR, ATIVE ENDEAVOUR, DISTINGUISHED GAMES, NATO DISASTER RELIEF TO PAKISTAN, AMIS, OCEAN SHIELD, UNIFIED PROTECTOR);

b. Todos os eventos de treino de missão para o HQ ISAF;

c. Todos os exercícios das NRF ao nivel operacional;

d. Multinational Experiments (MNE) 3, 4 e 5;

e. Experiências JOINT ENABLER.

Processo de análise do JALLC

Quando o JALLC recebe um requisito para análise (*analysis requirement*), um processo de análise tem início, seguindo o *JALLC Project Approach* (JPA), modelo de análise de projetos desenvolvido no JALLC com base no método PRINCE2 (*PRojects IN Controlled Environments2*).

É de imediato identificado um cliente (*principal customer*) para o projeto e todo o trabalho é desenvolvido em estreita colaboração com aquele e com os diversos *stakeholders* identificados, no sentido de determinar corretamente o que se quer obter com a análise para cumprir as necessidades do cliente. O JALLC conduz então um intenso período de coleção de dados e de planemento de projeto que culminam com a projeção de toda ou parte da equipa de projeto para diversas localizações de eventos ou para locais de entrevista de modo a recolher observações e dados reais em tempo real. Estes dados recolhidos são depois analisados pela equipa de projeto e interpretados com a ajuda de outros analistas e peritos nas diversas áreas (*subject matter experts* [SME]).

Durante todo o ciclo de análise e interpretação do projeto, o cliente e os *stakeholders* são informados acerca das principais descobertas ou factos levantados e consultados acerca da necessidade/veracidade dos mesmos. No final, o JALLC produz um relatório adaptado às necessidades do cliente que inclui recomendações práticas no sentido de melhorar a NATO e seus processos. Estas recomendações são depois introduzidas na base de dados de lições aprendidas (LLDb) como lições identificadas, se tal for apropriado.

Outras atividades do JALLC

O JALLC produziu e publicou o *Joint Analysis Handbook* e o *NATO Lessons Learned Handbook* e organiza anualmente a *NATO Lessons Learned Conference*, desde 2003.

Pode ser visitado, no Youtube, em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=DCgDTWryXvI.

A titulo de exemplo, o JALLC organizou, em 2012, a conferência subordinada ao tema *Learning from the Past – Preparing for the Future*, que teve cerca de 220 assistentes, de 32 nações e parceiros da NATO. Este evento anual permite reforçar os laços profissionais dentro da comunidade de lições aprendidas e partilhar experiências vividas pelos diferentes países, comandos e agências NATO.

Em 2013, a *NATO Lessons Learned Conference* terá lugar de 21 a 24 de outubro, nas instalções da Academia Militar, Destacamento da Amadora, como vem sendo habitual e será subordinada ao tema *Consolidating Lessons, Sharing and Learning*.

Desde junho de 2011, o JALLC abraçou também a responsabilidade pela direção e coordenação do *NATO Lessons Learned Staff Officer Course*. Este curso tem o apoio das Forças Armadas Suecas e é ministrado no *Swedish Armed Forces International Centre* (SWEDINT), em Kungsängen, perto de Estocolmo.

---

* O Tenente-Coronel de Infantaria Filipe Ferreira Vieira está colocado no JALLC, em comissão de serviço, desde março de 2011. Foi Gestor de Projeto (*Project Manager*) das equipas que produziram relatórios acerca da Operação UNIFIED PROTECTOR (Libia), *Deployable Forces HQ Model*, *Cultural Property Protection in the Operations Planning Process* e atualmente lidera a equipa de análise acerca de CIVCAS, no Afeganistão. Integrou ainda a equipa de projeto sobre *NATO's Targeting Capabilities and Policy* e de análise do exercicio STEADFAST JOIST 2012. Foi autor de uma ferramenta de avaliação da capacidade de projeção de QG e coautor de três publicações em utilização no JALLC (*Interviewing, A Guide for Preparing, Conducting and Managing Interviews*; *The Role of the Team Leader in Project Management, The Art and the Science*; *Planning for Data Collection & Analysis*). Foi instrutor convidado no 1º Curso *Staff Officer* de Lições Aprendidas, do Exército Português. Cumpriu uma missão no Afeganistão como representante permanente do JALLC, na ISAF, entre fevereiro e maio de 2013.

Encerramento do 8º Curso Elementar de Operações de Paz (8º CEOP)

No período de 10 de abril a 10 de maio de 2013, decorreu nas instalações do 197º Regimento de Defesa Antiaérea da Força Aérea Nacional, o 8º Curso Avançado de Operações de Paz. A condução deste curso foi da responsabilidade do Centro de Instrução de Operações de Paz (CIOP) assessorado por Portugal no âmbito do projeto 5 da cooperação bilateral entre Portugal e Angola, cuja Entidade Tecnicamente Responsável é a Escola Prática de Infantaria.

O presente curso teve um caráter conjunto, tendo contado com a participação de 16 oficiais superiores dos três ramos das Forças Armadas Angolanas, com o objetivo de os habilitar a desempenhar as funções de formador, de Comandante de Batalhão e Companhia e Oficial de Estado-Maior, nas tarefas de formação e conduta de Operações de Paz, integrando uma Força Nacional ou Multinacional.

Os principais módulos de formação permitiram abordar diferentes temáticas teóricas e práticas designadamente:

- A caracterização das organizações internacionais, regionais e sub-regionais no âmbito das operações de paz;
- O processo de decisão e de planeamento de operações de paz;
- Técnicas e procedimentos operacionais;
- A instrução e aprontamento de forças.

O processo formativo incluiu ainda um exercício num figurino de MAPEX onde o processo de decisão militar e as demais matérias teóricas anteriormente abordadas foram aplicadas. Houve ainda tempo para palestras no âmbito da relação com os OCS em Operações de Paz e da experiência em forças militares destacadas em ambiente multinacional no cumprimento de Operações Paz.

Em 10 de maio de 2013 decorreu a cerimónia de encerramento do 8º Curso Elementar de Operações de Paz (8º CEOP) que contou com a presença do General Salvador Nenda Catata, 1º Vice-Chefe do Comando do Exército, do Coronel Sebastião Cabuço, Comandante do Centro de Instrução de Operações de Paz, dos diversos formadores angolanos nomeados para ministrar o curso e dos elementos da assessoria portuguesa.

Este curso teve início em 15 de abril, tendo sido ministrado em duas fases, a primeira – de cariz teórico –, decorreu nas instalações da Escola de Armamento, Técnica e Eletromecânica do Exército Angolano. A segunda ocorreu na área militar do Grafanil e incluiu a realização de exercícios práticos e um exercício final.

Especificamente para este exercício, foi preparado um cenário fictício enquadrante para o lançamento de uma operação de apoio à paz (OAP), num quadro de emprego de uma força angolana, no âmbito dos compromissos regionais assumidos por Angola, e, simultaneamente colocar em prática os saberes e as táticas, técnicas e procedimentos aprendidos durante o curso.

Iniciaram esta ação formativa, caracterizada pelo caráter conjunto, vinte e nove formandos angolanos (oficiais e sargentos), tendo completado o curso com aproveitamento, vinte e sete. Estes elementos passaram a estar habilitados para exercer funções como formadores e de comandantes de secção/pelotão no âmbito das OAP.

Em simultâneo com a cerimónia de encerramento do 8º Curso Elementar de Operações de Paz, em 10 de maio de 2013, decorreu a transferência formal da direção do Projeto 5 – Centro de Instrução de Operações de Paz – da cooperação técnico militar entre Portugal e Angola, tendo o Tenente-Coronel de Infantaria João Carlos Carvalho e Cunha Godinho assumido a direção em substituição do Tenente-Coronel de Infantaria Manuel Joaquim Moreno Ratão, que exerceu funções desde 13 de maio de 2012 a 12 de maio de 2013.

O Projeto 5 teve início em junho de 2003 tendo sido individualizado e formalizado pelo programa-quadro 2004/2006 no âmbito da cooperação técnico militar luso-angolana. Este projeto visava a criação em Angola do agora denominado Centro de Instrução de Operações de Paz (CIOP) com a missão de ministrar instrução de operações de paz a unidades militares constituídas, a militares das forças armadas e a forças de segurança para cumprirem missões sob égide das Nações Unidas (NU), União Africana (UA), Comunidade para o Desenvolvimento dos Países da África Austral (SADC), da Comunidade Económica de Estados da África Central (CEEAC) ou outros no âmbito dos compromissos assumidos por Angola.

Atualmente, tal como prescrito no programa-quadro 2011/2014, o objetivo do projeto 5 consiste em "apoiar o CIOP no desenvolvimento de um centro de excelência de formação de formadores, com o objetivo de garantir o controlo, gestão e execução integradas do processo de formação, otimizando recursos e facilitando a harmonização de princípios, conceitos e doutrina".

Curso Elementar de Combate em Áreas Edificadas para Oficiais de 2013

De 08 de abril a 10 de maio de 2013 realizou-se no Centro de Instrução Comandante Nicolau Lobato em Metinaro, Timor-Leste, o Curso Elementar de Combate em Áreas Edificadas para Oficiais de 2013 ministrado pela Assessoria Portuguesa do Projeto de Cooperação Técnico-Militar n.º 4 (projeto da responsabilidade técnica da Escola Prática de Infantaria) e por formadores Timorenses do mesmo Centro de Instrução.

Este curso, com a duração de 119 tempos escolares tem como finalidade preparar os formandos para desempenharem as funções de formador de Combate em Áreas Edificadas e foi frequentado por 10 oficiais do Exército da República Democrática de Timor-Leste.

A relevância deste curso não pode deixar de ser assinalada, na medida que cada vez mais a ameaça deixa de se nos apresentar sob a sua forma convencional tão conhecida de todos nós, assumindo agora novas dimensões, nomeadamente o combate assimétrico e tridimensional, onde não existe um Inimigo ou Adversário claramente definido e onde deixamos de realizar operações de combate em terreno natural e temos de passar a fazê-lo em teatros urbanizados, tendo de ter em consideração também a implicação com a população civil e outros fatores de risco inerentes ao combate em áreas edificadas.

Durante as cinco semanas em que decorreu o curso, existiram vários blocos de matéria que foram ministrados, desde o treino físico diário aplicado ao Combate em Áreas Edificadas (CAE), a execução de Técnicas de Rappel Aplicadas ao CAE, a Técnica Individual de Combate aplicada ao CAE, Tática e Técnica de uma Secção e Pelotão de Atiradores em CAE e culminando com os vários pontos altos, no final de cada bloco de matéria, destacando-se as cinco sessões de tiro instintivo de Espingarda Automática M16-A2, onde os formandos desenvolveram novas técnicas de rápida aquisição de alvos e reação instantânea a ameaças imediatas e próximas e ganharam novas memórias musculares que lhes permitirão ter uma maior rentabilidade no campo de batalha, caso eventualmente se venha a revelar necessário.

Como outros exemplos de pontos altos temos também um exercício de escalão Secção na freguesia de Hera, no dia 30 de abril e um exercício de escalão Pelotão na capital, em Díli, no dia 08 de maio, onde os formandos constituíram exclusivamente a Secção de Assalto, fazendo a limpeza de um edifício, eliminando e capturando insurgentes que se lhes opusessem. Depararam-se com as mais variadas situações que podem encontrar no moderno campo de batalha, sendo sempre apoiados pelos restantes elementos do Centro de Instrução, que serviram quer como Inimigo, quer como Força de Apoio e Reserva.

Estes exercícios foram realizados sempre sob os olhares atentos da população civil que existia em redor. Este facto também é de ter em relevância, pois demonstra presença das Falintil – Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL) junto da população civil, bem como evidencia a estreita cooperação entre Portugal e Timor-Leste.

Como não poderia deixar de ser, a Comunicação Social esteve sempre presente em todos os exercícios e no decorrer das sessões de tiro instintivo, dando assim a conhecer que os oficiais de Timor-Leste estavam a ficar aptos para executar e ensinar. De ter em consideração também que estes exercícios contaram sempre com a presença do Chefe do Estado-Maior das F-FDTL, Coronel Falur Rate Laek e do Comandante da Componente de Formação e Treino, Major Renilde Corte-Real.

Apesar de todas as dificuldades sentidas em termos de materiais, de infraestruturas de treino para o correto ministrar da formação, das condições climatéricas adversas e da barreira linguística, o curso terminou com uma pequena cerimónia no Centro de Instrução em Metinaro na data prevista e anteriormente mencionada, contando com a presença de todos os intervenientes no curso, que registaram um bom aproveitamento, tendo sido as críticas relativas à utilidade do curso construtivas e demonstrativas do apreço e consideração por parte dos formandos, que claramente terminaram o curso satisfeitos por saberem um pouco mais desta forma de combater.

Tenente Infantaria 'Pára' Gil Rocha*

2BIPara/FND/KFOR
"Um dia em Operações no Kosovo"

Posto de Observação na Igreja de S. Dimitri, em Pristina

Ouvem-se vozes e o ruído de motores a trabalhar no parque de viaturas da *Bravo Coy* (BCoy). São 07h30, a formatura é apenas às 08h30, mas esta secção não irá à parada hoje. Está a preparar-se para sair em patrulha para a Área de Interesse (AOI) do *KFOR Tactical Reserve Manoeuvre Battalion* (KTM) em Mitrovica, tal como o fazem há já seis dias consecutivos."*Nest, nest: this is..., we're leaving home, Over...*" – a patrulha acaba de sair. As comunicações rádio em inglês são uma rotina a que os militares portugueses tiveram que se habituar fruto do ambiente multinacional – "*...crossing CP1, over...*" – a patrulha levará aproximadamente uma hora a entrar na AOI.

Pelas 08h30, o dia começa em pleno. No parque de viaturas o 2º Pelotão põe em prática o plano de carregamento e todos os chefes de viatura verificam e testam ao pormenor todos os equipamentos. Tudo pronto. O 2º Pelotão, hoje, é a *Quick Reaction Force* (QRF) do KTM. O ambiente no Teatro é calmo, mas imprevisível, e os homens do 2º Pelotão estão prontos para lidar com qualquer situação imprevista. Viaturas e homens manter-se-ão com um *Notice to Move* (NTM) ainda mais baixo nas próximas vinte e quatro horas.

A patrulha acaba de entrar na AOI da KTM em Mitrovica, pela parte sul, área de etnia exclusivamente albanesa. Dirige-se para a parte norte, pela ponte de Tancarville, mas, e conforme planeado, cada uma das viaturas imobiliza nos topos da ponte – a mensagem é clara: estamos aqui e sabemos que a ponte é importante. Tancarville é uma das três pontes importantes que permitem a travessia do Rio Ibar, que ainda se constitui como uma barreira, uma fronteira oficiosa entre as duas etnias, Kosovar-Sérvia e Kosovar-Albanesa. A patrulha está de novo em movimento, entrou na parte norte e dirige-se às zonas mais sensíveis, as zonas multiétnicas e as de maioria sérvia, situadas na parte norte de Mitrovica, a cidade dividida.

Às 09h00, o 1º pelotão, que conduziu três patrulhas no dia anterior, está a assumir a segurança ao campo, onde cada Secção cumpre, rotativamente, as tarefas de guarda ao *Main Gate*, patrulhas ao campo e de *Immediate Reaction Force* (IRF) com um NTM muito baixo. As tarefas não são, aparentemente, de difícil execução, mas a rotina e o cansaço acumulado do dia anterior em

muito dificultam a tarefa. A entrada principal no campo, conhecida por *Main Gate*, é o espelho da disciplina e do rigor dos profissionais aquartelados em *Camp Slim Lines*, e os militares do 1º Pelotão sabem-no e demonstram-no.

Em Mitrovica Norte, a patrulha encontra-se no centro da cidade, passa junto da Ponte de Austerlitz, que ainda se encontra bloqueada, e dirige-se mais para norte. A cidade está bastante movimentada e as viaturas portuguesas não passam despercebidas. Na maior parte das vezes as pessoas, sobretudo as crianças, saúdam e acenam à nossa passagem.

A meio da manhã o Pelotão de QRF toma parte num treino conjunto com militares da Charlie Coy (CCoy), a companhia de manobra húngara. Os objetivos do treino conjunto, para além da troca de conhecimentos e experiências de ambas as forças, visam igualmente aproximar os militares das duas nacionalidades. A BCoy e a CCoy são as duas companhias de manobra da KTM e têm grande probabilidade de atuar lado a lado, portanto é fundamental estreitar relações pessoais e harmonizar procedimentos para aumentar a confiança e interdependência entre ambas.

Em Mitrovica, a patrulha dirige-se agora para Este, para Kroi-I-Vitakut, uma zona multiétnica onde quase se consegue sentir a volatilidade da tensão, camuflada na aparente tranquilidade. Esta região, despovoada durante a guerra, tem vindo a ser reocupada por elementos das duas etnias, que reclamam terrenos e habitações sem que hajam registos objetivos da propriedade dos mesmos. A possibilidade de alteração da mancha demográfica, na também conhecida primeira linha de resistência" sérvia, pode alterar o rumo dos acontecimentos do Norte do Kosovo, e esta volatilidade exige uma observação constante pela KFOR, concretamente pela KTM.

Esta é zona sobre a qual a patrulha reserva especial atenção. A presença de empresas de construção, da Polícia do Kosovo ou de grupos criminosos podem rapidamente alterar as condições de segurança na área, e os olhos dos militares portugueses procuram atentamente por estes indícios... Hoje, nada parece haver de significativo a relatar. Assim sendo, a patrulha dedica-se a trabalhar a base de dados relativa aos locais de aterragem de helicópteros (HLS). O meio aéreo maximiza a prontidão da KTM sendo um dos meios de projeção numa situação de conflito. As características do terreno num local em desenvolvimento urbano mudam constantemente e, por conseguinte, a patrulha trabalha para atualizar a informação disponível sobre as HLS existentes, chegando inclusive a sugerir locais para novas HLS.

São quase 12h00, a patrulha inicia o deslocamento de regresso a Pristina e o Comandante da patrulha resume a informação obtida para passar ao Comandante da patrulha da tarde que entretanto está a ultimar preparativos no parque de viaturas, em Slim Lines.

Pelas 13h00, a segunda patrulha do dia acaba de sair e a última sairá de madrugada. Será a última neste período de patrulhas ininterruptas, depois será a vez da CCoy. Tal não significa que se entre num período de descanso, bem pelo contrário, o NTM será encurtado e, aproveitando o facto de se ter a totalidade do efetivo da companhia disponível, o objetivo dos próximos dias, em simultâneo com as tarefas de manutenção, será o treino operacional.

Nos meses de missão, a rotina dos militares do 2BIPara/FND/KFOR é esta, intercalando ciclos de períodos de treino com períodos de empenhamento operacional. Estes sabem, contudo, que a qualquer momento a rotina pode ser quebrada exigindo o seu emprego imediato. Se esse for o caso, os militares portugueses responderão prontamente, tal como já o fizeram no passado, pois sabem que essa é a única forma de manter a reputação das forças nacionais no Kosovo, de quem já ninguém dúvida no seio da KFOR, levantando bem alto o nome de Portugal.

---

* 2º Comandante da 23ª CPara/BCoy/KTM.

Posto de Controlo, à entrada do *Camp Slim Lines*

Tenente-Coronel Infantaria 'OE' Delfim Fonseca

Entre 28 de maio e 24 junho de 2013 realizou-se, em Território Nacional, o exercício combinado e conjunto "*Joint Combined Exchange Training 2013*" (JCET13), que juntou forças dos três ramos das Forças Armadas Portuguesas e uma força de operações especiais do Exército dos Estados Unidos da América.

As forças de operações especiais que participaram no exercício foram, nomeadamente, o Grupo de Operações Especiais Alfa (GOE Alfa) do Exército, o Destacamento de Ações Especiais (DAE) da Marinha e um *Operational Detchament Alpha 0213* (ODA 0213) do "10th Special Operations Forces Group" do Exército dos Estados Unidos da América. O Quartel-General de Operações Especiais do Estado-Maior-General das Forças Armadas (QGOE/EMGFA) assumiu-se como "facilitador" do Exercício.

O JCET é um exercício que tem como objetivo a troca de experiencias entre as diferentes forças participantes, tendo como especial enfoque, a partilha de experiencias relativamente às Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTPs) empregues por este tipo de forças militares.

O exercício realizou-se em duas fases distintas. A primeira, a ser efetuada na região de Lamego entre 28 de maio e 14 de junho, e cuja organização foi da responsabilidade do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE). Durante esta fase, deu-se enfase ao treino de Técnicas de Tiro, nomeadamente de pistola, espingarda e de metralhadora ligeira e a Técnicas de "Socorrismo de Combate". Foram ainda trocadas experiências na área do treino de deslocamentos em viaturas táticas, tática de pequenas unidades e das técnicas de planeamento. Neste último campo, considerado de relevante interesse, foram abordadas as metodologias atualmente em uso pela ISAF SOF, nomeadamente no que diz respeito à elaboração do "Conceito de Operação" (CONOPS), o processo de *Targeting/INTEL* e técnicas de "Site Exploitation". Foi extremamente útil para o CTOE poder trocar esta informação com os militares das FOE

dos EUA. Esta fase terminou com a realização de uma ação tática de Reconhecimento Especial e Vigilância (RE) executada pelo DAE, seguida de uma Ação Direta (AD) executada com viaturas táticas para potenciar a capacidade de fogo sobre o alvo, levada a efeito em conjunto pelo GOE ALFA e pelo ODA 0213.

A fase seguinte do exercício que decorreu na região de Lisboa, de 14 a 24 de junho, a Marinha de Guerra Portuguesa foi responsável pela sua organização e conduta. Para esta fase do exercício, foi determinante a participação da Força Aérea Portuguesa, nomeadamente com as aeronaves da Base Aérea N.º 6. Naturalmente, o treino das TTPs em ambiente anfíbio ganhou preponderância, tendo ainda sido treinadas técnicas de *Close Quarter Battle* (CQB) e de operações com meios aéreos, nomeadamente a execução de técnicas de inserção e extração de forças, com o apoio de helicópteros EH-101. Esta fase do exercício terminou com a execução de uma Ação Direta, envolvendo meios anfíbios e aéreos (EH-101 e P3-ORION), e com a execução de fogo real sobre o alvo.

Importa ainda referir que do ponto de vista logístico, o Exército e a Força Área, foram determinantes para o sucesso deste exercício combinado. O movimento de entrada e saída do Território Nacional do ODA 0213, envolveu uma aeronave americana C-130 que voou desde Estugarda (Alemanha) até à Base Aérea N.º 6, no Montijo, tendo o Regimento de Transportes do Exército, sido responsável pelo movimento terreste, em território nacional, de algum material.

Alferes RC Eder Alberto Sousa

126º aniversário da Escola Prática de Infantaria

No Terreiro D. João V, frente ao imponente Palácio Nacional de Mafra, com o seu estilo barroco e imponente fachada, composta pelas enormes torres que albergam um conjunto de carrilhões único no mundo pelas suas dimensões (92 sinos mandados fabricar em Antuérpia, que pesam mais de 200 toneladas), teve lugar, no dia 14 de agosto, o dia festivo da Arma da Infantaria e o 126º aniversário da Escola Prática de Infantaria (EPI).

Estas comemorações evocam e homenageiam o seu patrono, Dom Nuno Álvares Pereira e todos os Soldados que desde Aljubarrota têm defendido Portugal, mantendo-a uma nação livre e independente. A Cerimónia Militar foi presidida pelo Chefe do Estado Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro e contou com a presença do presidente da Câmara Municipal de Mafra, Eng.º José Maria Ministro dos Santos, e da autarquia do Cadaval, Aristides Lourenço Sécio, do deputado da Assembleia da República, Hélder Sousa Silva, de altas entidades da Estrutura Superior do Exército, das Forças Armadas, das Forças de Segurança, bem como de representações das Unidades de Infantaria.

O programa de comemorações teve início com uma missa de ação de graças e sufrágio na Basílica do Palácio Nacional de Mafra. A seguir, as forças em parada, formadas pela Banda e Fanfarra do Exército, a escolta de honra do Estandarte Nacional (formada por um pelotão de Oficiais alunos do Tirocínio para Oficial de Infantaria, de 2012/2013), e Unidades de Escalão Batalhão da EPI e das Brigadas de Reação Rápida, Brigada de Intervenção e Brigada Mecanizada, ocuparam o terreiro D. João V para a cerimónia militar, tendo culminado com um desfile.

Nova Escola das Armas

Numa altura em que se avizinham mudanças

profundas, com a criação da nova Escola das Armas em Mafra, os discursos na cerimónia centraram-se, como não poderia deixar de ser, precisamente neste tópico.

O Coronel João Oliveira Ribeiro, comandante da EPI, disse com serenidade: "Deixo ao futuro comandante uma escola diferente da que recebi, porque a escola é sempre diferente, com novas capacidades, novas pessoas e novas missões. Deixo ao futuro comandante a mesma escola de sempre, porque a escola é sempre igual, com os mesmos valores e o mesmo espírito de entrega de missão".

Por sua vez, o Diretor Honorário da Arma de Infantaria, Tenente-General João Nuno Jorge Vaz Antunes, focou a história da Infantaria e referiu que, apesar de todas as dificuldades, o trabalho desempenhado pelo comandante da EPI foi cumprido: "Afirmo com a solenidade que esta cerimónia impõe, que o ilustre comandante da EPI pode partir com a satisfação de dever cumprido, e que, no meu entender, desempenhou mais um serviço extraordinário à Infantaria e ao Exército". Terminou com efusividade: "A infantaria foi, é, e será sempre necessária" e saudou os infantes dizendo: "Viva D. Nuno Alvares Pereira, viva a infantaria".

Quanto ao Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, começou por realçar a estreita colaboração entre a EPI e a Câmara Municipal de Mafra: "Sr. Presidente da Câmara Municipal de Mafra, agradeço a presença de Vossa Excelência nesta cerimónia e interpreto como sinal do continuado bom relacionamento que sempre existiu entre a EPI e a Câmara Municipal de Mafra, que V. Ex.ª preside. Estou certo, que esse capital de boa cooperação irá continuar com a instalação da Escola das Armas em Mafra". Depois, relembrou os "126 anos em que a EPI contribuiu com o seu papel central para a Infantaria portuguesa, essencial para a missão do Exército e referencial para milhares de cidadãos que serviram o país na guerra, na paz, ou em situações de crise nacional". Acreditando na mudança, o General CEME disse que "a nova escola irá ainda permitir a centralização do conhecimento e do saber associado a cada arma. Criação de massa crítica, maximização do rácio formadores/formandos, maximização da formação comum das armas, otimização dos recursos disponíveis…", acrescentando ainda: "na Escola das Armas vão estar reunidas as capacidades formativas, permitindo congregar conhecimentos e capacidades" e será num futuro próximo, pois "a Escola das Armas é um projeto que prevejo, atinja a sua maturação funcional em dois anos". No fim da sua alocução, depositou a sua confiança no trabalho efetuado até agora e no que virá a ser feito: "É conhecida a gloriosa herança histórica da Infantaria. Reforço a minha confiança perante os desafios que temos de vencer, na certeza que posso poder contar com a determinação, competência técnica e toda a dedicação dos militares que servem a arma da Infantaria, na sua escola prática, que demonstrou ser capaz de cumprir todas as missões, incluindo a mudança para a Escola das Armas…"

Após a cerimónia militar, o Comandante do Exército inaugurou um novo espaço nas instalações da EPI, que se constituiu como a Sala de Mérito Desportivo, onde ficarão expostos os troféus conquistados pelos militares da EPI nos diversos campeonatos desportivos militares.

Alferes RC Eder Alberto Sousa

Laboratório Militar produz medicamentos em falta no mercado

No dia 19 de junho de 2013, o Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos (LMPQF) recebeu a visita do ministro da Saúde, Dr. Paulo Macedo, e a Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Dr.ª Berta Cabral. Também estiveram presentes o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, e o Quartel-Mestre-General, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho. Para além de ficar a conhecer as instalações e o funcionamento do laboratório através de um briefing do Diretor do LMPQF, Coronel Pet Rodney Costa Mazarelo, a visita teve igualmente como objetivo a procura

de soluções para minorar a escassez de medicamentos do foro pediátrico no mercado nacional. O LMPQF está a fabricar oito remédios para uso pediátrico em meio hospitalar, uma vez que a indústria não tem interesse comercial em produzi-los. Esta intervenção do LMQF ocorreu porque alguns medicamentos não estavam a chegar aos hospitais, pois as quantidades solicitadas eram insuficientes para haver interesse da indústria ou o preço era demasiado baixo e não compensava às farmacêuticas. Segundo o ministro da Saúde, "O Serviço Nacional de Saúde (SNS) também beneficia em termos de preço cada vez que se recorre a este tipo de alternativa. Uma das soluções orais que há cerca de um ano era fornecida aos hospitais a 20 euros por embalagem, o Laboratório Militar fornece agora por três euros, menos 80% do preço", exemplificou o ministro da Saúde.

O LMPQF, também conhecido apenas como "Laboratório Militar", é um órgão do Exército Português destinado à execução dos serviços farmacêuticos. Está sedeado nos Olivais em Lisboa e mantém sucursais junto aos diversos hospitais e centros de saúde do Exército. Criado em 1918, foi sempre um elemento importante do Exército, como prova a grande atividade no abastecimento de medicamentos durante a Guerra do Ultramar às Forças Armadas Portuguesas. Dedica-se a várias atividades, tais como o apoio logístico à aquisição, produção e distribuição de medicamentos e outro material de consumo sanitário, constituição de reservas estratégicas para situações de emergência, prestação de serviços analíticos e de sanitarismo, realização de investigação e desenvolvimento, entre outras ligadas à área farmacêutica.

DCI	Dosagem	Patologia
Biotina	2 mg/ml	Défice em biotinidase
Citrato de cafeína	10 mg/ml	Depressão respiratória
Cloreto de potássio	20%	Tubulopatias.Situações de hipocaliémia.
Cloreto de potássio	5%	Tubulopatias.Situações de hipocaliémia.
Hidrato de cloral	100 mg/ml	Sedação para diversos procedimentos invasivos.
Isoniazida	100 mg/ml	Tuberculose
Trimetoprim	10 mg/ml	Profilaxia da infeção urinária em lactentes.
Captopril	1 mg/ml	Hipertensão. Insuficiência cardíaca
Cloreto de sódio	20% (3,4 mEq/ml)	Tubulopatias.Situações de hiponatrémia
Dexametasona	2 mg/5 ml	Laringite. Edema cerebral.
Benzoato de sódio	100 mg/ml	Doenças do ciclo da ureia
Carbonato de cálcio	100 mg/ml	Insuficiência renal crónica. Hiperparatiroidismo.
Sulfato de zinco	10 mg/ml	Doença de Wilson. Sìndrome de má absorção.

Medicamentos produzidos no LMPQF

Tenente-Coronel TManTM "CMD" Res Girão Lima

Museu Militar dos Açores

Forte de S. Brás, em Ponta Delgada

O Museu Militar dos Açores (MMA), uma estrutura com 2000 m2 de exposição permanente e que recebe, em média, cerca de 12000 visitantes por ano, comemorou no passado dia 28 de junho, e pela primeira vez em vinte anos, o seu Dia Festivo. A cerimónia teve início com a inauguração da exposição "Pedaços" do Arquivo do Museu Militar dos Açores: mostra documental, onde foram exibidos alguns documentos relevantes da atividade militar nos Açores. Após a inauguração, teve lugar na sala da Bateria Príncipe Regente a alocução do diretor do MMA, Tenente-Coronel José Manuel Girão Lima, seguida de uma palestra sobre a Guerra Civil 1828-1834: O combate da Ladeira da Velha e o Liberalismo em Portugal, proferida pelo Coronel de Artilharia José Manuel Salgado Martins. De seguida, foi solenemente assinado um protocolo de cooperação entre a Câmara Municipal dos Açores e o Museu Militar dos Açores, no âmbito do Arquivo Documental do MMA, tendo, no final, tomado a palavra o Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Dr. José Manuel Bolieiro e por ultimo o Diretor da Direção de História e Cultura Militar (DHCM), Major-General João Manuel Santos de Carvalho.

Relativamente às presenças, para além dos responsáveis pelas alocuções mencionadas acima, dos vários Oficiais Generais na reserva e na reforma, bem como os comandantes, diretores e chefes de unidades, estabelecimentos e órgãos sediados em São Miguel, destacam-se ainda várias entidades civis e militares, o Comandante Operacional dos Açores, o Comandante da Zona Marítima dos Açores, o Comandante da Zona Militar dos Açores (ZMA), o Pró-reitor da Universidade dos Açores, o Diretor Regional da Cultura e os diretores de várias instituições culturais de São Miguel.

Um pouco da história do recentemente criado Museu Militar dos Açores

O MMA surgiu na sequência da reestruturação do Exército em 1993 (Decreto-Lei n.º 50/93, de 26 de fevereiro), todavia, nesta altura, não estavam criadas as condições necessárias para a sua implementação por indefinição da ilha em que ficaria instalado, infraestrutura de funcionamento, falta de pessoal, material e coleções. O assunto só volta a ser falado em 1995 por iniciativa dos órgãos de comunicação social da Terceira, que defendiam a instalação do MMA naquela ilha, argumentando,

entre outras razões, com a necessidade de expor o riquíssimo acervo militar existente no Museu (civil) de Angra do Heroísmo. Este facto deu origem a diversificada troca de correspondência, pareceres e solicitações entre o Comando da ZMA, Estado-Maior do Exército (EME), Governo Regional dos Açores, etc., que se arrastou até 1999. Neste ano, o Comando da ZMA avançou com uma proposta concreta de instalação do MMA no forte de S. Brás, ilha de São Miguel, em coabitação com o Comando e Estado-Maior da ZMA e a indicação de um oficial para seu diretor, que prontamente foram deferidas pelo EME.

Esta proposta visava essencialmente quatro fatores: de acordo com o citado despacho, o MMA deveria estar junto do Comando da ZMA; estar localizado na ilha com maior número de habitantes e visitantes da Região Autónoma dos Açores; a procura de um certo equilíbrio entre ambas as ilhas, uma vez que a ilha Terceira já possuía um museu civil com coleções militares; por fim, fatores de natureza humana e de infraestruturas que possibilitavam o seu arranque na ilha micaelense, reabilitando a fortaleza quinhentista de São Brás às suas novas funções de casa-museu.

As peças museológicas iniciais foram obtidas recorrendo ao material abatido das Unidades da ZMA, doações particulares e fornecidas por alguns depósitos centrais do Exército.

Primeiros visitantes

O MMA começou a receber os primeiros visitantes, embora em regime condicionado, em 2002 e abriu ao público em geral em 2006, com uma tipologia mista: generalista, procurando retratar a história militar dos Açores na sua globalidade, desde o povoamento em meados do século XV até à contemporaneidade e, temático, destacando aspetos específicos das atividades militares, como por exemplo: a Engenharia, o Serviço de Saúde, as Comunicações, a Artilharia de Costa, etc.

Com a reestruturação determinada pelo Decreto-Lei n.º 61, de 21 de março de 2006, passou o MMA para o comando completo da DHCM.

MMA na atualidade

Em 2009 foi incorporado no MMA o arquivo da ZMA, detentor de um espólio documental dos finais do século XIX e século XX em fase de organização e tratamento arquivístico. Neste mesmo ano, deu-se, também, início à transferência da biblioteca no Comando e Estado-Maior da Zona Militar dos Açores para o Museu Militar dos Açores.

As temáticas museológicas do MMA são atualmente:

- Os Açores no contexto da expansão Portuguesa;
- História Militar dos Açores;
- Fortificações e infraestruturas militares nos Açores.

Como referido anteriormente, os cerca de 2000 m2 de exposição permanente, distribuídos pelos vários espaços do museu, recebem em média cerca de 12000 visitantes por ano, de que se destacam 30% de público escolar. Para este volume de visitantes, significativo para um pequeno museu de uma cidade ultraperiférica, contribui certamente a sua excelente localização e o atrativo monumento onde está instalado. O Museu Militar dos Açores dispõe das seguintes exposições permanentes:

- Guerra Ultramarina 1961/1975;
- Interpretação do Forte de São Brás;
- Fardamento e armamento do século XX;
- Seis salas temáticas: Artilharia de Costa 15 cm; Comunicações militares; Engenharia militar; Armamento Anticarro; Saúde militar e Logística.
- Armamento antiaéreo e algumas viaturas distribuídos pelos espaços exteriores (dentro do Forte).

À semelhança dos anos anteriores, o ano de 2013, tem sido marcado de forma significativa pelas atividades expositiva, de consultoria e apoio prestado a diversas entidades civis e militares, a participação em alguns eventos culturais e a disponibilidade das suas instalações para cerimónias militares, atividades culturais e eventos organizacionais.

Este museu pode ser visitado de 3ª à 6ª feira, das 10h00 às 18h00 e ao sábado e domingo, das 14h00 às 18h00.

Multimédia

Elysium

Ficção Científica, Acão, Drama

Elysium passa-se em 2159, numa sociedade totalmente dividida em duas classes sociais contrastantes; os ricos e os pobres. Os primeiros vivem uma existência de conforto numa nave espacial (Elysium), por seu turno, os pobres sobrevivem na miséria num planeta Terra hostil e sobrepovoado.

À medida que a situação se complica para os habitantes da Terra, começam a surgir grupos de rebeldes que se unem na luta contra a injustiça estabelecida. Um habitante da Terra gravemente doente e ferido, Max de Costa (Matt Damon), decide aceitar uma missão arriscada que poderá salvar a sua própria vida e a de milhões de outros seres humanos. Já Delacourt (Jodie Foster), governante de Elysium, cabe-lhe o papel de assegurar que tudo se mantenha rigorosamente como está.

O filme conta com a realização do sul-africano Neill Blomkamp, realizador de *Distrito 9*, de 2010, muito bem recebido pela crítica.

Brain Games: teste o seu cérebro

Documentário do National Geographic Channel

A partir de setembro, no National Geographic Channel, iniciou-se uma extraordinária série de 12 episódios sobre um dos órgãos mais fascinantes do Homem – o cérebro humano. Uma massa com pouco mais de um quilo controla todos os pensamentos, memórias, movimentos e emoções, um supercomputador incrivelmente poderoso e eficiente que nos ajuda a ver o mundo como algo com sentido. E chegou o momento de perguntar ao computador, "Queres jogar um jogo?". Com duração de meia hora, em cada um dos episódios são abordados tópicos como a perceção visual e auditiva, a criatividade, as ilusões de ótica e a persuasão. Esta temporada explora as capacidades incríveis do seu cérebro bem como as suas limitações e expetativas.

BRAIN GAMES

NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL

Planet Ocean

Exposição de Fotografia no Oceanário de Lisboa

Com o objetivo de alertar o público para a importância dos oceanos na vida de todo o planeta, o Oceanário de Lisboa e a conhecida marca de relógios Ómega apresentam a exposição de fotografias de Yann Arthus-Bertrand e de Brian Skerry, patente até 6 de janeiro de 2014.

Explorando os mistérios dos oceanos, 35 extraordinárias imagens de grande formato mostram a força e a beleza dos oceanos, que para além de serem maravilhosas reservas de biodiversidade desempenham um papel fundamental na regulação do clima, na produção de oxigénio, no fornecimento de alimentos essenciais, entre outros aspetos.

A entrada é gratuita.

Livros & Revistas

Conceito Estratégico de Defesa Nacional

O Governo de Portugal, tendo como reconhecido que na última década, a situação estratégica internacional se alteraram profundamente, com o surgimento de novas condicionantes, entendeu elaborar um novo Conceito Estratégico Nacional (CEDN), em substituição do aprovado em 2003.

O conceito estratégico de defesa nacional pressupõe uma estratégia nacional, cuja credibilidade seja reconhecida e capaz de mobilizar os portugueses. Parte do princípio de que para a realização dos objetivos da segurança e da defesa nacional concorrem todas as instâncias do Estado e da sociedade.

Nesse sentido, o conceito estratégico de defesa nacional define os aspetos fundamentais da estratégia global a adotar pelo Estado para a consecução dos objetivos da política de segurança e defesa nacional.

O novo CEDN pode ser consultar em:
http://www.defesa.pt/Paginas/cednpublicadoemdr.aspx

Governo de Portugal, *Conceito Estratégico de Defesa Nacional*, Edições Governo de Portugal, Lisboa, 2013.

PDE 00-25-00

A presente publicação – PDE 00-25-00 Instruções de Segurança Militar do Exército Português, destina-se ao uso e orientação do pessoal do Exército no que respeita ao estudo e aplicação das medidas de Segurança Militar e servirão de base para a instrução de Segurança Militar e para a elaboração de diretivas, Normas de Execução Permanente (NEP) e outras ordens relativas à Segurança Militar.

PDE 00-25-00 – Instruções de Segurança Militar do Exército Português, Exército Português, Lisboa, 2013.

VISÃO – História

Desde 2008 que o grupo editorial Impresa, publica com regularidade a revista VISÃO História. Os temas abordados são, normalmente, relacionados com a história de Portugal, havendo, no entanto, algumas revistas sobre assuntos da história mundial. Foram já publicados 20 números, sendo o mais recente, sobre um tema praticamente desconhecido da maioria das pessoas – *Os Portugueses na frente Leste durante a 2ª Guerra Mundial*. A revista tem por base um excelente trabalho de investigação histórica, feita pelo mestre Ricardo Silva, da Universidade Nova de Lisboa, e narra as experiencia e os dramas pessoais de portugueses que se voluntariaram para a Divisão Azul, enviada pelo Generalíssimo Franco, para a Rússia, para combater na "cruzada antibolchevique".

Campeonatos Nacionais Absolutos de Tiro

Decorreu no Estádio Nacional do Jamor, no mês de junho, as Provas dos Campeonatos Nacionais Absolutos de Tiro nas modalidades de pistola e de carabina Homens Seniores 1.ª Divisão/2013.

A Equipa de Tiro do Exército (ETE) obteve os seguintes resultados:

Equipas:

-Campeã Nacional Absoluta na modalidade de Pistola de Grosso Calibre – 25 metros e Pentacampeã Nacional por ter conquistado, por cinco anos consecutivos, este título nacional;

- Campeã Nacional Absoluta na modalidade de Pistola *Standard* – 25metros;

- Campeã Nacional Absoluta na modalidade Pistola de Velocidade Olímpica;

- Vice-campeã Nacional Absoluta na modalidade de Pistola a 50 metros;

- Vice-campeã Nacional Absoluta em Carabina 3 Posições – 50m;

- Vice-campeã Nacional Absoluta em Carabina 3 Posições – 300 metros;

-3.ª lugar na modalidade de Carabina Deitado 300 metros.

A título individual destacam-se os seguintes resultados:

- Tenente-Coronel Godinho Santos: Campeão Nacional em Pistola de Grosso Calibre – 25 metros; Vice-Campeão Nacional em Pistola Standard – 25metros; Terceiro classificado na modalidade de Pistola – 50 metros;

- Sargento-Ajudante Filipe Neves: Vice-Campeão Nacional na modalidade de Pistola de velocidade; Terceiro classificado na modalidade Pistola de Grosso Calibre – 25 metros;

- 1º Sargento Nelson Freitas: Terceiro classificado nas modalidades de Carabina a 300 metros.

Destacam-se, ainda, as boas prestações dos restantes elementos da equipa que contribuem, decisivamente, para a elevação da imagem e prestígio da representação desportiva do Exército em provas civis.

A ETE é constituída por 15 militares selecionados na fase III dos Campeonatos Desportivos Militares – Exército, que disputam aos fins de semana as provas do calendário nacional, fazendo desta uma das equipas mais conceituadas das competições da Federação Portuguesa de Tiro.

Campeonato Desportivo Militar de BTT – Fase Exército

No período de 27 e 28 de junho de 2013, decorreu, em Vila Real, o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de BTT, Fase III – Exército, organizado pelo Regimento de Infantaria Nº13 (RI13).

Neste CDM BTT, Fase III – Exército participaram as equipas das seguintes delegações: Comando de Instrução e Doutrina (CID), Comando das Forças Terrestres, Brigada Mecanizada (BrigMec), Brigada de Intervenção (BrigInt) e Brigada de Reação Rápida.

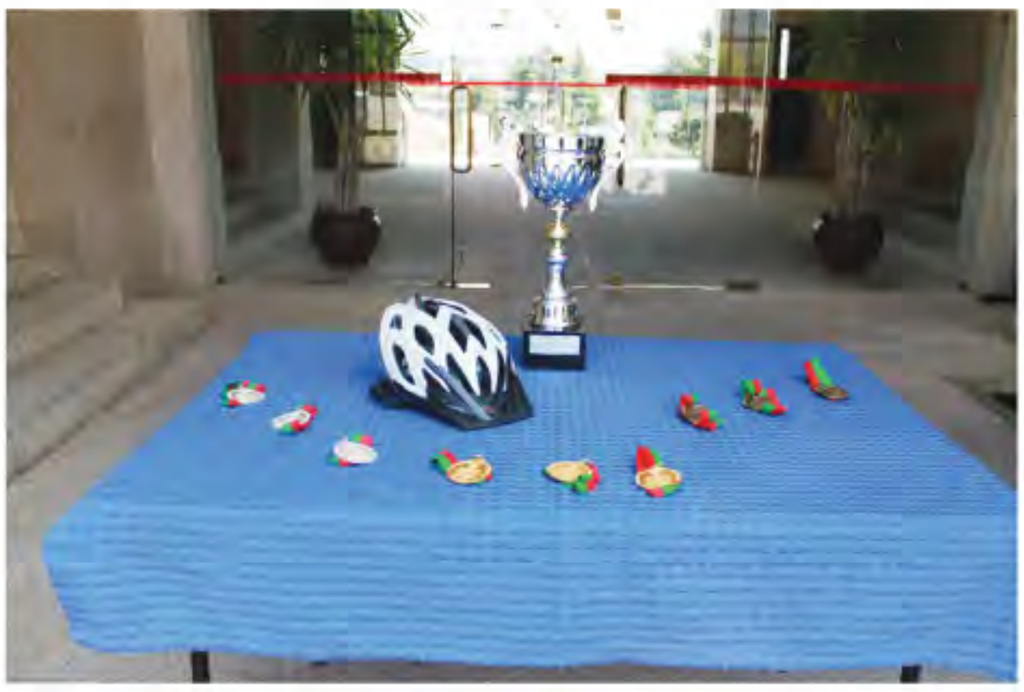
O campeonato decorreu de acordo com o Regulamento Desportivo do Exército e contou com o precioso apoio da Câmara Municipal de Vila Real, da PSP, da Associação Regional de Ciclismo de Vila Real, da BilaBiker´s, da Casa de Dolores e da Dibinorte.

A cerimónia de encerramento, que incluiu no seu programa a entrega de prémios às equipas vencedoras e do troféu Mérito Desportivo, realizou-se a 28 de junho, pelas 15h30, na Parada de La Lys (RI13), tendo sido presidida pelo Coronel de Infantaria José António Coelho Rebelo, 2º Comandante da BrigInt.

A delegação vencedora foi o CID, seguido da BrigInt e da BrigMec, respetivamente.

No final da cerimónia de encerramento, o 2º Comandante da BrigInt proferiu algumas palavras alusivas ao evento, através das quais expressou o seu agrado e satisfação pela forma como o campeonato decorreu, pela sã camaradagem, ambiente de salutar competição e de convívio entre os atletas.

No seu discurso, o Coronel Rebelo realçou a forma profissional, competente, e empenhada como aquela unidade se envolveu na organização do campeonato e em nome do Comandante da Instrução e Doutrina, Tenente-General António Correia, agradeceu a prestimosa colaboração da Câmara Municipal de Vila Real, da PSP, da Associação Regional de Ciclismo de Vila Real, da BilaBiker´s, da Casa de Dolores e da Dibinorte, no CDM de BTT 2013 – Fase Exército.



No passado dia 19 de setembro faleceu com 84 anos e após doença prolongada, o Tenente-general Guilherme de Sousa Belchior Vieira.

Entrou para a Escola do Exército no ano de 1948 e conclui o Curso Geral de Artilharia como primeiro classificado do seu curso. Foi colocado na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, onde ficaria a prestar serviço nos nove anos subsequentes. Em 1960, ainda como capitão, oferece-se para uma comissão de serviço na Região Militar de Angola.

Em 1962 vai frequentar o Curso de Promoção a Oficial Superior, no Instituto de Altos Estudos Militares. No mesmo instituto, conclui o Curso de Estado-Maior, em 1965, já no posto de Major, com a classificação de Distinto.

Em 1974, o Tenente-Coronel Belchior Vieira é chamado a colaborar com a Junta de Salvação Nacional e, entretanto, é promovido ao posto de Coronel em setembro de 1974.

Promovido a Brigadeiro, em dezembro de 1977, desempenhou as funções de 2º Comandante da Academia Militar, onde dinamizou o estudo e a investigação sobre o comando e liderança e esteve fortemente envolvido na criação da Escola de Sargentos do Exército, nas Caldas da Rainha, a qual substitui a Escola de Formação de Sargentos, que funcionava em Lamego.

Promovido a General em agosto de 1980, assume as funções de Diretor do Instituto de Altos Estudos Militares, de Adjunto Coordenador no EMGFA, de Diretor do Serviço Nacional de Proteção Civil e de Diretor do Serviço Histórico Militar do Exército, situação em que passa à situação de Reserva, por limite de idade, em 1991.

Distinguido, ao longo da sua carreira, com várias condecorações é de destacar a Medalha de Serviços Distintos (Grau Ouro), a Ordem Militar de Avis, as Medalhas Comemorativas das Campanhas das Forças Armadas Portuguesas, com as Legendas Angola e Guiné e a Grã Cruz do Mérito Militar de Espanha.

À família enlutada, quer o Jornal do Exército apresentar, as sentidas condolências.

COMISSÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA MILITAR

XXII

COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR

12 – 15 de Novembro 2013

PORTUGAL NA GUERRA PENINSULAR

(1812 – 1815)

DO CERCO DE CIUDAD RODRIGO AO CONGRESSO DE VIENA

O CAMINHO PARA A DERROCADA DO IMPÉRIO NAPOLEÓNICO

Informação adicional em WWW.CPHM.PT

Travessia do Bidassoa (PT-AHM-FE-10-A7-PQ- 31.D) * Design Jorge Silva Rocha - CPHM

Sentir no Exército a
Pátria que sempre fomos

LAMEGO

16 outubro
21h30 - Concerto Orquesta Ligeira do Exército
Teatro Ribeiro Conceição

18 outubro a 3 novembro
Exposição Histórico-Patrimonial
Museu de Lamego
Exposição de Pintura e Literatura
Teatro Ribeiro Conceição

25 a 27 outubro
Exposição de Materiais e Equipamentos
Av. Dr. Alfredo Sousa

25 outubro
15h00 - Atividades Escolares e Académicas
Casa do Poço (Museu Diocesano)
17h00 - Apresentação de livro sobre Grande Guerra
Casa do Poço (Museu Diocesano)

26 outubro
16h30 - Demonstração de Capacidades
Av. Dr. Alfredo Sousa
21h30 - Concerto Banda Sinfónica do Exército
Teatro Ribeiro Conceição

27 outubro
10h00 - Missa de Ação de Graças e Sufrágio
Sé Catedral de Lamego
12h00 - Cerimónia Militar
Largo da Feira

29 outubro
15h00 - Apresentação de livro sobre Guerra do Ultramar
Museu de Lamego

EGO

CIDADE DE LAMEGO

DIA DO EXÉRCITO

25 A 27 DE OUTUBRO 2013

EXÉRCITO

Lamego

Apoio de

TURISMO DE PORTUGAL

escola de douro-lamego

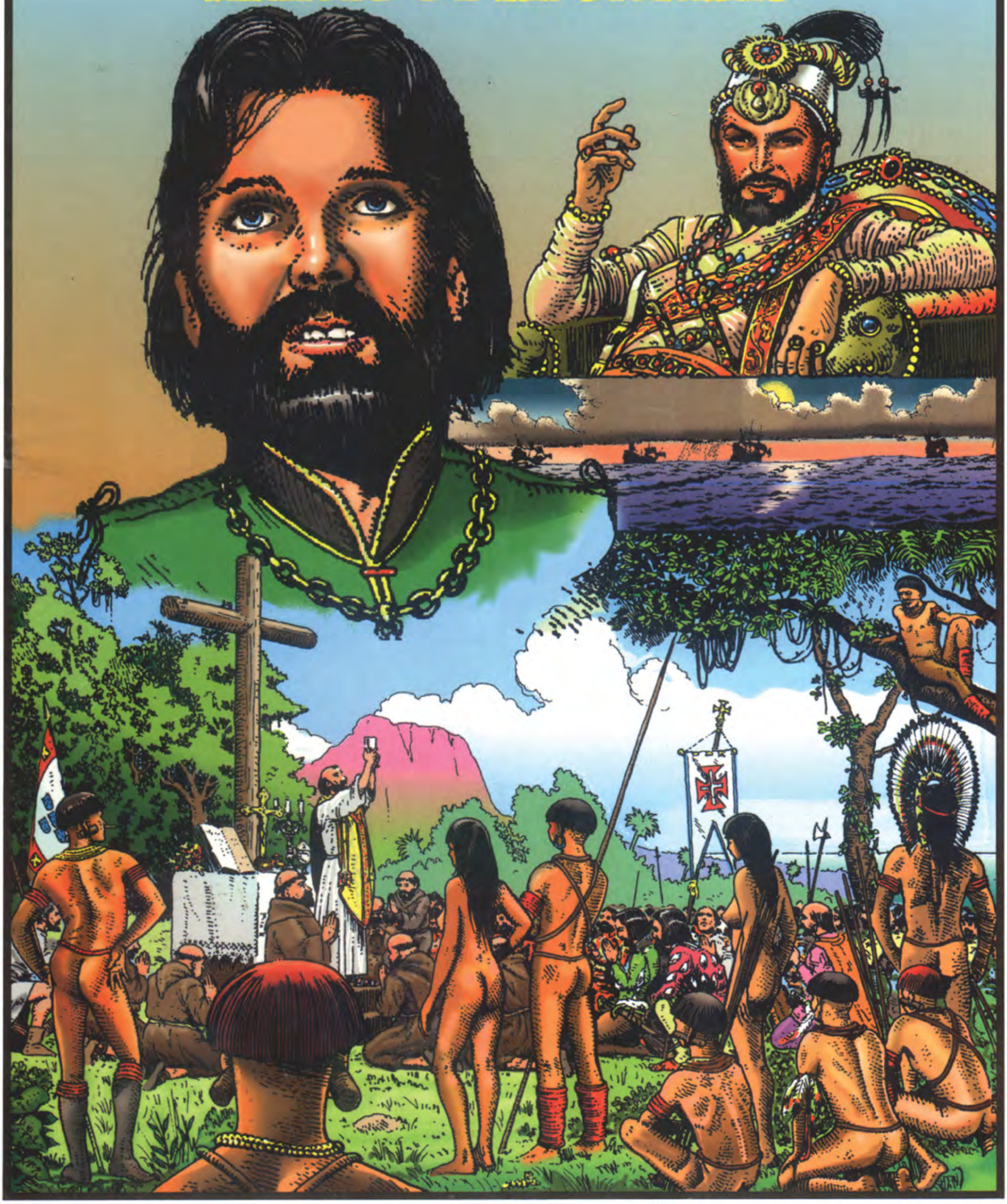
Museu de Lamego

Raposeira

Murganheira

A Viagem de Pedro Álvares Cabral

Ventos de Glória
Marés de Infortúnio



BELMONTE
VERÃO DE 1478...

AÍ NÃO, PEDRO! AÍ NÃO!

JOSÉ PIRES

1

PORQUÊ?

HÁ MUITO TEMPO QUE NINGUÉM ENTRA AÍ...

MAS PORQUÊ?

O MEU PAI DIZ QUE HÁ QUALQUER COISA DE MAU POR TRÁS DO ALTAR...

POIS, EU VOU ENTRAR! ALGUÉM VEM COMIGO?

TERRA!

22 DE ABRIL DE 1500

SERÁ UMA ILHA?

A SER ILHA, DEVE SER BEM GRANDE, MAS NÃO ME PARECE, CAPITÃO! SE ESTIVER DE ACORDO, AMANHÃ VOU A TERRA.

SIM, SIM... SERÃO ÁRABES?... CRISTÃOS?... ALGO ME DIZ QUE NÃO SÃO NEM UMA COISA NEM OUTRA. MAS ENTÃO O QUÊ?

€2.00 (IVA incluído)

Ano LIV – n.º 631
OUTUBRO DE 2013

jornal do Exército

Exercício Apolo 13

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Oferta Exclusiva

Câmara de Filmar Toshiba

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012. O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

Jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Capa

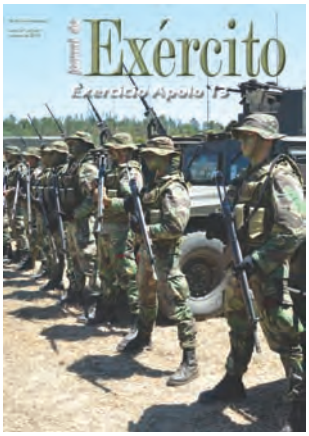
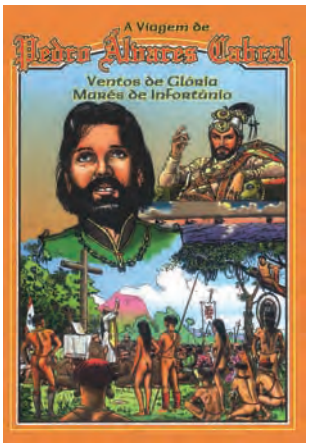


Foto: BrigRR

Monumento com História Militar
Forte do Marquês de Sá da Bandeira – 4
Editorial – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
Kajukenbo - Engenharia
do movimento – 14
Afeganistão – 20
Rescaldo das operações do Exército
no combate aos incêndios – 36
O Museu Militar de Bragança – 38
A Irmandade Militar de Nossa
Senhora da Conceição – 40
Cultura, Desporto e Lazer – 44
In Memoriam – 46

Apolo 13 – 34

Minas antipessoal - Um flagelo
dos pós-conflitos – 24



Suplemento Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral – Ventos de Glória
Marés de Infortúnio"
Pág: V a VIII

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; Secretária: Ass. Téc. Arminda Vitorino; **REDAÇÃO - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatores:** Alferes RC Filipa Domingos; Alferes RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo;; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares:** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **Operadora Informática:** Assistente Técnica Joana Moita; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA -** Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA -** Sersilito - Empresa Gráfica Lda. - Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

Forte do Marquês de Sá da Bandeira

Classificado como estabelecimento prisional de segurança máxima em 2008, o Estabelecimento Prisional de Monsanto deve as suas origens ao Forte do Marquês de Sá da Bandeira, também conhecido como Forte de Monsanto.

Esta fortaleza foi erguida no final do século XIX como parte integrante da rede de fortificações que constituía o Campo Entrincheirado de Lisboa, sistema defensivo da capital portuguesa, constituída por um conjunto de fortificações localizado na Área Metropolitana de Lisboa. Foi apelidada com o nome do então ministro da guerra Marquês de Sá da Bandeira (Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo), um dos percursores fundamentais do Campo Entrincheirado de Lisboa e defensor da ideia de um sistema defensivo para o maior centro populacional e económico do país.

Situado no alto de Monsanto, na freguesia de Benfica, distrito de Lisboa, o forte seguia dois princípios fundamentais: "quem tomar Monsanto, toma Lisboa" e "ver sem ser visto". Ao estar no ponto mais elevado de Lisboa (227 metros de altitude, medida modesta no que a serras diz respeito, mas suficiente para o domínio de Lisboa), a sua artilharia podia bater toda a região envolvente. Compõe-se de reduto circular, em forma de cúpula, com cobertura de betão à prova de bomba, dividida internamente por três andares com igual número de baterias, possuindo ainda no seu interior uma grande cisterna, que permitiria a subsistência e autonomia da fortaleza mesmo quando cercada e debaixo de fogo. Devido à forma circular e à elevada posição ocupada, a artilharia de cada bateria podia bater um perímetro de 360º. Do lado exterior a defesa era ainda assegurada por um fosso. Foi classificada como Praça de Guerra de 1ª classe e era a fortaleza central do sistema defensivo de Lisboa. Após a Primeira Guerra Mundial, com a extinção do Campo Entrincheirado, o forte perdeu a sua função militar.

Em 2003, o Ministério da Justiça anunciou um concurso para a construção de uma prisão de alta segurança em Monsanto, aproveitando o Forte do Marquês de Sá da Bandeira. Foram efetuadas obras de renovação, tendo sido classificado como estabelecimento prisional de segurança máxima em 2008, tal como acima referido. Contudo, é de realçar que antes de perder a sua função defensiva, o forte já tinha sido utilizado como prisão militar.

Alferes RC Eder Sousa

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Se mostrarão nas armas singulares
Luís de Camões

As instituições seculares como o Exército têm a capacidade de se adaptar aos novos tempos, no sentido de melhor servirem os propósitos para que foram criadas. Mas há pilares que são imutáveis, os valores e os princípios por que se regem mantêm-se e desenvolvem-se na integridade dos homens e das mulheres que as servem. A História dá os ensinamentos e a prática consolida-os. Os mais antigos passam o testemunho aos mais modernos e assim se perpetua o saber fazer.

Foi com o espírito acima expresso que o primeiro Comandante da Escola das Armas, Coronel Tirocinado de Infantaria Domingos Luis Pascoal, afirmou: " Hoje, em 1 de outubro de 2013, esta formatura geral marca de forma indelével o nascimento da Escola das Armas, o nascimento da nossa Escola, onde esperamos que todos os Oficiais e Sargentos das Armas se revejam e a sintam como sua, bem como os Oficiais, Sargentos, Praças e funcionários civis que, doravante, nela servem. [...] Estou certo que saberemos honrar a nossa divisa [se mostrarão nas armas singulares], bem como o legado histórico, militar, cultural, humano, de valores e de profissionalismo das agora extintas Escolas Práticas de Infantaria, de Artilharia, de Cavalaria, de Engenharia, de Transmissões e do Centro Militar de Educação Física Equitação e Desportos."

Será desta Escola que sairão os próximos Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente do Exército para o cumprimento das missões no território nacional e além fronteiras, como é o caso daqueles que têm servido no Afeganistão no âmbito da ISAF (International Security Assistance Force). O Tenente de Cavalaria Pedro Caetano transmite-nos o seguinte, no artigo intitulado Afeganistão: "O emprego dos militares em situações reais num Teatro de Operações, como o Afeganistão, em condições de rusticidade física e psicológica extremas, eleva valores nobres e dignos de distinguir a sociedade castrense, numa altura em que tanto se colocam em causa os valores da sociedade e das instituições. [...]" Quem jura defender a Pátria, com o sacrifício da própria vida, para que ela continue livre e soberana para os seus cidadãos, merece destes o respeito e a solidariedade, na nossa modesta opinião. Tem sido assim na maior parte das vezes ao longo da História de Portugal e por isso somos um dos países mais antigos do mundo, onde a diplomacia e o culto da amizade com outros povos tem sido uma constante.

As virtudes militares de que se reveste o Exército têm contribuído, ao longo da sua História para o culto da cidadania e do amor à Pátria. As sábias palavras do General José Estevão de Morais Sarmento são disso bom exemplo: "É bom possuir uma organização pautada nas regras mais perfeitas da ciência militar; é excelente dispor de um material de guerra que apresente a última vitória da indústria; é maravilhoso ver derramada a instrução nas fileiras, por forma que ninguém desconheça os preceitos contidos nos diversos regulamentos; mas tudo isto pouco significará se houver desatendida a parte moral, e se as grandes virtudes do soldado não forem cultivadas e exaltadas a todo o momento e a propósito de todos os factos ocorrentes, por forma a tornar o Exército a escola da honra, da lealdade e da dignidade, ao mesmo tempo que a escola da obediência."

As temáticas neste Jornal do Exército continuam a ser diversificadas. O Alferes RC Eder Sousa realizou uma entrevista ao 1º Sargento Renato Bernardino acerca do Kajukenbo, um novo método de defesa pessoal, do qual é professor. A Mestre Ana Rita Carvalho oferece-nos um artigo com a qualidade a que já nos habituou "Minas antipessoal – Um flagelo dos pós-conflitos. A Alferes RC Filipa Domingos relata-nos o "Rescaldo das operações do Exército no combate aos incêndios". O Major Paulo Jorge Fernandes Rodrigues apresenta-nos o "Museu Militar de Bragança". O Coronel António Feijó de Andrade Gomes fala-nos do historial da Irmandade Militar de Nossa Senhora da Conceição, da qual é presidente, e dos seus propósitos. José Pires oferece-nos mais quatro páginas de banda desenhada sobre "A Viagem de Pedro Álvares Cabral: Ventos de Glória, Marés de Infortúnio".

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

Ativação da Escola das Armas

Permitir a centralização do conhecimento e do saber associado a cada arma, a criação de massa crítica, maximização do rácio formadores/formandos e da formação comum das armas, bem como otimização dos recursos disponíveis, são os objetivos principais da nova

Escola das Armas, que foi ativada a 7 de outubro na vila de Mafra. A cerimónia contou com a Guarda de Honra ao Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, seguindo-se a leitura do despacho da criação da Escola das Armas e desativação das Escolas Práticas de Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia, Transmissões e Centro Militar de Educação Física e Desportos (CMEFD).

Após a leitura, o General CEME proferiu uma alocução, evidenciando a criação desta nova unidade do Exército e fez a entrega do Estandarte Nacional à Escola das Armas. A cerimónia militar culminou com o desfile das forças em parada.

Relembramos que a Escola das Armas resulta da extinção e agrupamento das Escolas Práticas das Armas, mais concretamente das Escolas Práticas de Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia, Transmissões e do Centro Militar de Educação Física e Desportos.

"Maturação funcional em 2 anos"

No passado dia 14 de agosto, por ocasião do Dia da Arma da Infantaria e 126º aniversário da sua Escola Prática, o General CEME referiu no seu discurso que "na escola das armas vão estar reunidas as capacidades formativas, permitindo congregar conhecimentos e capacidades" e será num futuro próximo, pois "a escola das armas é um projeto que prevejo, atinja a sua maturação funcional em 2 anos".

No dia 7 de outubro, na cerimónia de Ativação da Escola das Armas, o General CEME detalhou que a escolha de Mafra para a localização da Escola das Armas resultou

das conclusões a que chegaram os estudos das infraestruturas para a transformação estrutural do comando da instrução e doutrina e sobre de impacto social das medidas, decorrentes da necessidade da "procura de economias de escala". Explicou também que "Mafra foi a escolha que minimizou investimentos necessários à criação da escola, por não obrigar à construção de novas infraestruturas e maximizar recursos, através da rentabilização de instalações existentes".

Mafra foi ainda a opção mais lógica no que diz respeito à área geográfica. A residência dos militares, na sua maioria entre Lisboa, Torres Vedras e Caldas da Rainha, pesou também na decisão, sendo por isso uma "localização vantajosa com reduzidos custos financeiros" associados à transferência dos militares.

Visita do Ministro da Defesa Nacional ao Hospital Militar Regional Nº 1

No dia 2 de setembro, o Ministro da Defesa Nacional (MDN), Dr. Aguiar Branco realizou uma visita de trabalho ao Hospital Militar Regional Nº1 (HMR1), onde após a receção, assistiu a um brífingue proferido pelo Diretor do Hospital, Tenente-Coronel Médico Côrte-Real. Seguiu-se uma visita guiada às instalações, designadamente à Unidade de convalescença e reabilitação, ao departamento de cirurgia de ambulatório, à consulta externa, ao serviço de urgência e ao serviço hemodiálise.

A visita permitiu ao MDN inteirar-se do estado em que se encontram as instalações, bem como do trabalho que ali é realizado por todos aqueles que integram a sua estrutura e que servem primordialmente os utentes localizados a norte do país.

Além do MDN e do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, estiveram presentes várias individualidades civis e militares.

Tomada de posse do novo diretor honorário da Arma de Cavalaria

Decorreu no passado dia 18 de setembro, no Salão Nobre do Regimento de Cavalaria Nº 3, a cerimónia de tomada de posse do novo Diretor Honorário da Arma de Cavalaria (DHAC), Tenente-General José Romão Mourato Caldeira, atualmente a desempenhar as funções de Comandante Operacional da Guarda Nacional Republicana.

A cerimónia foi presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil, que, após a leitura do despacho Nº 112/CEME/2013, de 29 de julho, entregou ao Tenente-General Mourato Caldeira o Bastão de DHAC, materializando assim a sua entrada em funções como Diretor Honorário da Arma de Cavalaria.

Comando de Instrução e Doutrina com novo Comandante

Decorreu no dia 3 de outubro, no Quartel dos Castelos, em Évora, a Cerimónia de Tomada de Posse do Comandante da Instrução e Doutrina (CID) do Exército, Tenente-General Frederico José Rovisco Duarte.

Após as honras militares prestadas à chegada do Tenente-General Comandante seguiu-se uma sessão solene, no salão nobre que constou de: leitura do Despacho de nomeação do Tenente-General CID; leitura da síntese curricular; entrega do Estandarte Nacional à guarda do Comando de Instrução e Doutrina; entrega do Escudo de peito do CID; apresentação de cumprimentos e locução proferida pelo novo CID.

Aos 55 anos de idade e 36 de serviço, o Tenente-General abandonou as funções de Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército, onde esteve de novembro de 2012 a setembro de 2013, para assumir o comando do CID, sendo também diretor Honorário da Arma de Artilharia desde 24 de setembro.

2BI/BrigInt em Murça

O apoio dado por entidades civis ao Exército e à realização de exercícios de aprontamento das nossas Forças Nacionais Destacadas (FND), é uma realidade verificada em vários concelhos do país. Desta vez, a entidades civis de Murça, concelho de Vila Real, cederam os terrenos da pista de autocross, junto à vila, para que pudesse criar um ambiente operacional onde forças do 2º Batalhão de Infantaria, da Brigada de Intervenção (2BI/BrigInt), aprontaram para o Teatro de Operações do Kosovo

Na foto, forças de uma unidade de escalão companhia, desempenha uma tarefa no âmbito de uma ação de Controlo de Tumultos, apoiados por viaturas PANDUR II 8X8.

Abertura do ano letivo nos Pupilos do Exército

Decorreu no Instituto dos Pupilos do Exército, no passado dia 4 de outubro, a abertura solene do ano letivo com a participação de todos os alunos e respetivos encarregados de educação, militares, docentes e demais trabalhadores do Instituto. A cerimónia, que acolheu 80 novos alunos, foi presidida pelo Tenente-General Frederico José Rovisco Duarte, comandante de Instrução e Doutrina.

Integraram ainda a mesa de honra o Diretor de Material e Transportes o Major-General António Francisco Alves Rosa, o Diretor de Educação, Major-General Fernando Joaquim Cóias Ferreira, o Major-General Luís Fonseca, o Diretor do Colégio Militar, Coronel Tirocinado José António de Figueiredo Feliciano, o Diretor dos Pupilos do Exército, Coronel de Infantaria João Augusto de Miranda Soares, e o presidente da direção da Associação dos Pupilos do Exército, Dr. Américo Ferreira.

A cerimónia, terminada a alocução do diretor do Instituto, prosseguiu com a lição inaugural proferida pela professora de Inglês Dr. Ana Paula Pires Rodrigues, subordinada ao tema: "A rir também se aprende Inglês". A seguir, realizou-se a entrega de lembranças às professoras do 1º ciclo, dos cinco alunos com as melhores classificações que ingressaram no Instituto no presente ano letivo, e houve ainda tempo para a entrega de prémios aos alunos que, no ano letivo transato, revelaram maior mérito escolar nas diversas áreas

Aniversário da Inspeção Geral do Exército

Com origens que remontam a 1959, quando pela primeira vez é fixada a sua composição e competência, a Inspeção Geral do Exército (IGE) comemorou a 7 de Outubro mais um aniversário. O Inspetor-Geral Adjunto, Major-General Raúl Luís da Cunha, presidiu à cerimónia, referindo na sua alocução a importância deste órgão no desenvolvimento do Exército, focando um pouco a sua história.

Fiscalizar, no âmbito do Exército, o cumprimento das normas legais em vigor e das determinações do CEME, avaliar o grau de eficácia geral das Unidades, Estabelecimentos, Órgãos de execução dos serviços e de outros Órgãos do Exército, bem como recomendar as medidas consideradas adequadas para a resolução das deficiências detetadas durante a realização das inspeções, são as responsabilidades fundamentais incumbidas à IGE pelo Decreto Regulamentar nº 69/2007, de 28 de junho.

Exercício CANÁRIO 131

No dia 19 de setembro, e de acordo com o planeamento da atividade operacional, o Regimento de Guarnição Nº1 (RG1) participou na execução do exercício conjunto com a Força Aérea Portuguesa "CANÁRIO 131".

Este exercício, que foi precedido por um WARM-UP conduzido na Base Aérea 4 – Lajes, onde os militares do RG1 tiveram oportunidade de treinar os procedimentos

de embarque e desembarque com a aeronave estacionada, consistiu na projeção tática, de um efetivo de 60 militares do Encargo Operacional da Unidade (1BI/FZMA), armados e equipados, entre duas Zonas de Aterragem localizadas na Ilha Terceira, empregando a Aeronave EH101.

O ciclo de planeamento do CANÁRIO 131 permitiu uma interação entre as estruturas de comando dos dois ramos das Forças Armadas, tendo sido reforçadas as relações de confiança mútuas, essenciais para o trabalho em ambiente conjunto.

A descontinuidade territorial do Arquipélago dos Açores releva a necessidade do treino de operações conjuntas com a Marinha e a Força Aérea Portuguesas para a projeção de forças através das plataformas de projeção existentes na região, sendo os exercícios da série "CANÁRIO" treinos com aeronave, e os exercícios da série "FOCA" treinos com Unidade Naval.

RA4 agraciado com "Chave da Vila da Batalha"

O Regimento de Artilhara Nº 4 (RA 4) foi agraciado com a "Chave da Vila da Batalha", por deliberação do executivo da Câmara Municipal da Batalha, em reunião de 12 de setembro, considerando a excelente colaboração que ao longo dos anos tem existido entre o RA4 e o município da Batalha.

A "Chave" foi entregue pelo Presidente da Câmara Municipal da Batalha, Dr. António Lucas, ao Comandante do RA4, Coronel de Artilharia Luís Henriques, numa cerimónia que decorreu no dia 26 de setembro, na Sala de Sessões dos Paços do Concelho.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA € 2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): VIA SUPERFÍCIE - Portugal Cont. Madeira e Açores € 20,00; VIA AÉREA - Países Europeus € 45,00; Restantes Países € 65,00. NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente
NÚMEROS ATRASADOS - 1960 a 1969 € 4,50; 1970 a 1979 € 4,00; 1980 a 1989 € 3,00; 1990 a 2001 € 2,50; 2002 a 2012 € 2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO € 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 € 4,21; 3000/8000 € 5,79; Açores e Madeira € 6,56.

Comemorações do 205º aniversário da Batalha do Vimeiro

O obelisco mandado construir nos festejos dos 100 anos da batalha do Vimeiro, no tempo de D. Manuel II, localizado na terra que deu nome ao confronto (Vimeiro),

no concelho da Lourinhã, foi uma vez mais o local escolhido para as comemorações da Batalha do Vimeiro, que já vai no 205º aniversário. A famosa batalha, integrada no âmbito da Guerra Peninsular, que opôs soldados portugueses e ingleses às numerosas tropas napoleónicas e que resultou na vitória das forças anglo-lusas (determinou o fim da primeira invasão francesa de Portugal), foi comemorada com vários eventos, que tiveram lugar no dia 21 de agosto. As celebrações tiveram início com uma missa presidida por D. Nuno Brás, Bispo titular de Elvas e auxiliar de Lisboa, na igreja de S. Miguel, seguido pela homenagem aos combatentes junto ao referido Monumento Evocativo do 1º Centenário da Batalha. Por fim, os convidados e a população puderam assistir, no Auditório do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, a uma palestra evocativa da Batalha, intitulada "O País subleva-se", realizada pelo Sargento-chefe na reserva, Jorge Gomes, da Direção de História e Cultura Militar. As comemorações foram presididas pelo Diretor de História e Cultura Militar, Major-General João Manuel Santos de Carvalho. Esteve ainda presente o Presidente da Câmara Municipal da Lourinhã, José Manuel Custódio, entre outras entidades militares, civis e religiosas

Colégio Militar abre as portas a meninas pela primeira vez

O ano letivo 2013/2014 do Colégio Militar (CM) ficará marcado na memória de alunos, ex-alunos, pais, professores, funcionários civis e militares, como um período de mudança que abriu as portas a meninas e ao 1º ciclo, pela primeira vez, em 210 anos de história.

No dia 11 de setembro as meninas viram as portas abertas deste Estabelecimento Militar de Ensino, e no dia 12, o 1º ciclo arrancou em força, num total de 405 alunos que compõem o efetivo do Batalhão Colegial.

Este ano escolar, que se assume com mudanças estruturais e com grandes desafios, iniciou com 121 novos alunos.

Férias de apoio à família militar no CMEFD

Diversão e muitas atividades fizeram as delícias das crianças que participaram da Semana de Férias de Apoio à Família Militar, que se realizou no Centro Militar de Educação Física e Desportos (CMEFD), no período de 14 a 20 de julho. 42 crianças, dos 8 aos 16 anos, participaram em múltiplas atividades desportivas, de lazer, didáticas, cívicas e formativas, que englobaram equitação, esgrima, circuitos de jogos, pistas de aplicação militar, natação, jogos e atividades na praia (onde se incluiu o surf, acampamento e pernoita no campo), geocaching na Tapada Nacional de Mafra, paintball, arborismo, orientação e caminhadas na Tapada Militar de Mafra.

A semana terminou com uma sessão de Ginástica de Aplicação Militar (que contou igualmente com a participação dos pais, familiares e amigos) e um almoço convívio.

General CEME participa na "11ème UNIVERSITÉ D'ÉTÉ DE LA DÉFENSE"

O General Chefe do Estado-Maior do Exército participou na "11ème Université d'été de la Défense" que decorreu em Pau (França), nos passados dias 9 e 10 de setembro de 2013.

Este evento contou com uma forte presença das autoridades políticas e militares francesas, e das suas indústrias de defesa, mas também estiveram presentes representações da OTAN, da União Europeia (UE), de diversos países europeus e do Brasil.

O programa do evento teve início com uma Demonstração de Capacidades e uma Exposição Estática de Equipamentos, em que o Exército Francês procurou colocar em evidência as suas capacidades de intervenção no Território Nacional e em Operações no Exterior, desde equipas e forças em missões de Combate a Incêndios, Apoio de Engenharia, Defesa NBQ, Combate ao Terrorismo, mas também outras forças de maior letalidade, incluindo alguns meios utilizados na Operação Serval, no Mali.

De seguida teve lugar um conjunto de workshops e conferências que versaram assuntos de ordem interna e externa francesa, em particular no que concerne à Operação Serval, bem como questões relacionadas com a política de defesa europeia.

A questão europeia foi particularmente desenvolvida em diversos workshops, no debate "Comment mettre en oeuvre

la coopération européenne?", e na sessão plenária "Quelle Défense pour quelle Europe?" que encerrou o evento, com a intervenção do Ministro da Defesa Francês, havendo a destacar das diversas intervenções uma ideia-chave relacionada com o futuro da Europa, em matéria de Defesa, nomeadamente a necessidade dos países estabelecerem compromissos institucionais concretos e efetivos, alicerçados numa vontade política, numa capacidade militar e numa concertação industrial.

Casa de Repouso
O Jardim de Eden®
Lar para Idosos

Estrada Principal de Chiqueda, n.º 8,
PONTE JARDIM 2460-617 ALCOBAÇA
Tel.: 262 582 792 Fax: 262 182 212
Telems.: 968 929 611 / 968 929 612
mail@casadoeden.com
www.casadoeden.com

Instalações:
. 27 Quartos (individuais, duplos)
. 32 wc
. Salas de Convivio
. Sala de Refeições
. Sala de Reuniões
. Consultório Médico
. Gabinete de Director Técnico
. Cabeleireiro / Manicure / Pedicure
. Ginásio e Fisioterapia
. Cozinha
. Lavandaria
. Capela

Serviços:
. Higiene Pessoal
. 6 Refeições ao dia
. Tratamento de Roupas
. Enfermagem todos os dias
. Consulta de Medicina (1 vez por semana)
. Fisioterapia (2 vezes por semana)
. Animação Socio Cultural (2 vezes por semana)

Ao abrigo dos protocolos com o Exército e Força Aérea, todos militares, trabalhadores e respectivos familiares têm um desconto imediato na mensalidade.

Todos estes serviços desde 700 euros mensais

Alferes RC Eder Alberto Sousa

Kajukenbo – Engenharia do movimento

Se a arquitetura é a arte/técnica de projetar e a engenharia é a ciência de aplicar os conhecimentos na prática, então o *Kajukenbo* é a engenharia das artes marciais. Quando cinco mestres de diferentes artes de luta se uniram para criar um método de defesa pessoal mais eficaz, resultou este sistema marcial, com um nome estranho que se deve à fusão das iniciais dos diferentes métodos que lhe deram origem: Ka (*karaté* coreano), ju (*judo* japonês), ken (*kenpo* chinês e japonês) e bo (*boxe* chinês) – *Kajukenbo*. Com aulas no Regimento de Lanceiros N.º 2 e no Regimento de Transportes (com autorização superior), o *Jornal do Exército* entrevistou o instrutor, o *Sifu* Renato Bernardino, que também é 1º Sargento do Exército. *Sifu* (o "pai") significa "o professor", grau atribuído de terceiro até quinto grau de maestria da arte marcial.

***Jornal do Exército* (JE) – Quais as origens do *Kajukenbo*?**

***Sifu* Bernardino (SB) –** O *Kajukenbo* foi fundado no Havai em 1947, numa época em que a elevada imigração e a mistura de culturas diferentes, o vulgarmente designado *melting pot*, trouxe muita violência para as ruas. Contudo, como muitos desses imigrantes eram oriundos da Ásia, acabaram por trazer muitos conhecimentos a nível marcial e a procurar aplicar os mesmos para se defender dos criminosos locais. Os primeiros desenvolvimentos das artes marciais no Havai tornaram-se assim muito virados para a defesa pessoal. Havia um mestre de *Kenpo* chamado Adriano Emperado, que se juntou a mais quatro mestres de outras artes marciais e juntos treinaram dois anos, naquela que foi a fase embrionária do *Kajukenbo*. Esta arte marcial surgiu desta resposta à violência das ruas e foi o primeiro sistema marcial criado de forma hibrida.

JE – Quais as razões que o levaram a treinar *Kajukenbo*?

SB – Comecei, como qualquer outra pessoa, a treinar artes marciais mais conhecidas. Iniciei-me com o *Karaté* e o *Judo* ao mesmo tempo. Mas chegou a uma altura em que me apercebi que essas artes marciais, a nível de defesa pessoal, tinham algumas pechas, que não me completavam a este nível. Como acho que as artes marciais de-

vem ter a defesa pessoal como fundo principal, algo prioritário no seu currículo, fui à descoberta disso. No ano de 2000 comecei a conhecer as artes do *Kenpo* e percebi a diferença que havia em relação às outras artes marciais tradicionais, na forma como havia maior fluidez de movimentos, como se começava logo desde cinto branco a aprender defesa pessoal e se evoluía nesse sentido. Passei por várias artes ligadas ao *Kenpo* e depois, em 2004, fiquei finalmente a conhecer o *Kajukenbo*, porque veio a Portugal o meu atual mestre, Grão Mestre Ángel García Soldado, que deu cá um estágio. Depois deste contato, fiquei realmente apaixonado pela arte marcial. Quando tive oportunidade de treinar efetivamente com ele e aprender uma linha bem definida do *Kajukenbo*, não perdi a oportunidade e segui em frente, procurando conhecer cada vez mais a arte e fazer dela parte da minha vida.

JE – Existe alguma diferença prática entre o *Kajukenbo* e as outras artes marciais?

SB – Um pontapé, um bloqueio ou um soco são similares em todas as artes marciais. A questão prende-se com o cariz mais prático na verdadeira aceção da palavra e a aplicabilidade dessas técnicas. O *Kajukenbo* foi criado na rua e para situações de rua e esse ambiente trouxe a lume a falibilidade das defesas e técnicas mais clássicas e tradicionais. Não quebramos completamente com o tradicional mas adaptamos e evoluímos conceitos com vista à melhor utilidade destes. Todos os movimentos são colocados numa perspetiva de funcionalidade utilizando batimentos e verificações para controlar e eliminar rapidamente a ameaça. Não nos envolvemos nem nos empenhamos demasiado no controle do adversário pois no calor dum ataque o que queremos é colocar o agressor sem resposta. No *Kajukenbo*, como o objetivo é a defesa pessoal, em qualquer situação perigosa procuramos não criar um combate, mas sim eliminar a ameaça o mais rápido possível e sair da situação. Por isso é que esta arte é muito indicada em situações de proteção pessoal, em condições em que não há outra hipótese senão a defesa da integridade física quando a situação está descontrolada. A diferença parte daí, o conceito e a forma como se aborda a defesa pessoal. São exercícios que treinamos com o intuito de nos dar ferramentas, para numa situação de risco reagirmos de forma quase automática.

JE – Como fez, depois, para treinar? Havia instrutores em Portugal?

SB – Tive de contatar o mestre Ángel Garcia Soldado, porque não havia instrutores em Portugal. Apesar de conhecer o programa técnico desde 2004, só em 2008 é que entrei em contacto com ele e em 2009 fiquei autorizado a treinar de forma oficial. O mestre vivia em Valência, mas como

também deu formações em Málaga, Salamanca e outras zonas mais perto de Portugal, passei um ano a deslocar-me a Espanha. Com a base marcial que tinha e o conhecimento do programa técnico do *Kajukenbo*, fui aprendendo até que, em 2010, fui autorizado a abrir uma escola e fui promovido a cinto negro.

JE – Muitos praticantes de artes marciais nunca ouviram falar do *Kajukenbo*. Existe alguma federação para tornar esta arte marcial mais conhecida e prestigiada?

SB – Em 2010, abrimos a primeira escola em Portugal, mais concretamente em Lisboa, nos Olivais. Depois dessa escola criamos uma associação que é o *Kajukenbo* Clube de Lisboa, que se tornou a primeira organização em Portugal a lidar com esta arte marcial. Depois, a partir daí, temos criado laços com outras associações dentro do *Kenpo* e criámos uma união de associações de estilos de *Kenpo*, que neste momento é reconhecida pela Federação Nacional de *Karaté* Portugal (FNK-P). Esta é uma forma de estarmos legalizados e de ter apoio em formação e prestígio, tendo todos os direitos e deveres normais de uma associação legalizada.

JE – As aulas destinam-se a todos os que manifestem interesse pela arte marcial, mas a maior parte dos praticantes que tem são militares. Quais as razões?

SB – O *Kajukenbo* teve sempre uma ligação muito forte com os militares. Em primeiro porque todos os fundadores foram militares, inclusive quatro deles participaram na Guerra da Coreia. Depois, todos aqueles que transportaram a arte para o continente Europeu, quase todos ou uma boa parte deles, também foram militares. Exemplo disso foi o *Master Sergeant* Ed Shepard, militar americano mecânico de aviões. Ele foi aluno do Grão Mestre Richard Peralta e quando foi colocado na base aérea de Torrejon de Ardoz (Madrid), começou também ele a dar aulas a militares. Foi aí que o mestre Angél García Soldado teve contacto com o *Kajukenbo*, em 1973, quando ainda era um miúdo com 17 anos. Ele já tinha praticado outras artes marciais, mas quando conheceu o *Kajukenbo* nunca mais largou. De 1973 até 1978 treinou intensivamente com o mestre na base. Depois quando Ed Shepard regressou aos EUA e infelizmente acabou por falecer num trágico acidente de automóvel, Ángel Garcia Soldado perdeu um bocado o contato com a "família" do

PORTUGAL
R. BERNARDINO
KENSO

Kajukenbo americana. Retomou mais tarde em 1983 e em 1984 foi pela primeira vez visitar o fundador Adriano Emperado, que quando o viu a treinar ficou muito contente pela forma como havia desenvolvido os conhecimentos e promoveu-o inclusive (já tinha sido promovido algumas vezes pelo Ed Shepard) a 4º Dan e colocou-o sob a sua alçada direta, para superintender o *Kajukenbo* na Europa. A partir de 1987 foi reconhecido por um notário, como o representante para a Europa e do fundador para todos os assuntos relativos ao *Kajukenbo*. A arte foi-se desenvolvendo e espalhando por outros países da Europa. Neste momento existe o *Kajukenbo Europe*, que é uma organização que junta todos os países que estão debaixo da alçada do Ángel García, tais como França, Bélgica, Alemanha, Espanha, Portugal e contínua a espalhar-se inclusive para fora da Europa, pois já existem alguns alunos no Kuwait, Brasil, etc.

JE – Porquê dar aulas a militares? Quais as vantagens?

SB – Um militar tem acesso às armas, táticas e estratégias militares, mas numa situação de corpo-a-corpo, que pode acontecer no campo de batalha, os militares têm um uso limitado das armas, podem ficar sem elas numa situação de curta distância. Outra situação é que o tipo de missões que estão a ser desenvolvidas atualmente, de manutenção à paz, exige uma forma de estar diferente no teatro de operações, pois temos que ter uma postura mais controlada e menos ameaçadora. Imaginemos uma situação em que estamos apenas a fazer o controlo de um *check point*, onde de muito perto podemos ser atacados, e por vezes podemos resolver as coisas sem necessidade de utilizar a arma. Para além disso, alguns dos alunos são da Polícia do Exército e fazem vigilância a instalações, proteção a altas entidades, entre outro tipo de missões do género. São situações em que não podemos ter um empenhamento direto com a situação em si, pois no caso da proteção pessoal temos de proteger a entidade e retirá-la o mais rapidamente possível. Nesse sentido interessa-nos eliminar a ameaça de forma célere e eficaz, o que acaba por se identificar com aquilo que são os princípios do *Kajukenbo*. Tenho alunos meus que fazem efetivamente missões de proteção pessoal, inclusive alguns que já participaram em missões internacionais e outros que vão agora vão dar cursos de proteção pessoal em Cabo Verde, nas cooperações técnicas. São pessoas que têm um interesse direto nos nossos treinos, porque lhes permite numa situação ter uma resposta rápida à situação, sem recorrer a armas e sair sem entrar em empenhamento direto com o adversário. É de evitar esta situação na rua, porque existem muitas dimensões a ter em conta, como a aproximação de outros adversários, fatores que nos rodeiam, etc. O *Kajukenbo* não é uma defesa pessoal que se faz essencialmente através de luxações, chaves ou levar ao chão com controlo; também temos técnicas assim, mas a nossa prática é essencialmente através de batimentos, com toque efetivo. Esse toque provoca uma ação/reação no adversário, e temos de ir sempre pressionando para que este não tenha forma de responder, sempre a pressionar e sempre a levá-lo para trás e no sentido do desequilíbrio dele. Estamos a falar concretamente de dois ou três segundos que temos para neutralizar a ameaça. É nesse sentido que o *Kajukenbo* é essencial para estes militares, conseguir proteger-se e aos que os rodeiam, sem depositar toda a sua concentração no adversário. Mesmo os militares que não desempenham esse tipo de funções, necessitam de saber lidar com todo o tipo de situações, porque também desempenham serviços de guarda às respetivas Unidades.

JE – Tem muitos militares inscritos?

SB – Diria que 70% do pessoal é militar. A maioria são obviamente da Polícia do Exército, mas também de várias Unidades, que partilham os treinos com outras forças de segurança.

JE – Existem necessidades especiais? O pessoal que treina manifesta algum pedido de ensino especial?

SB – Nós não vamos dar a técnica "A" para a situação "B", nós damos um conjunto, um leque variado de coisas que têm de funcionar em diferentes situações. O conceito é sermos flexíveis para que numa situação real percebamos o que fazer instantaneamente.

JE – Qual o equipamento necessário para treinar?

SB – É só trazer vontade! Mais tarde, se as pessoas quiserem seguir a arte, poderão adquirir o *Gi* preto e coquilha, pois é muito importante.

JE – Que mudanças sentiu na prática contínua do *Kajukenbo*?

SB – Para mim, praticar o *Kajukenbo* é muito similar ao que é ser militar, pois a parte marcial mais não é do que uma forma de estar correta e disciplinada. Sinceramente, não obstante o orgulho que sinto por todas as minhas funções orgânicas na Instituição, este tipo de aplicação dos meus conhecimentos em prol do Exército faz-me sentir de grande utilidade. No que concerne à defesa pessoal no Exército, verificamos que não existe algo muito formal e a cultura neste campo é, salvo melhor opinião, muito secundarizada. Desta forma é excelente poder contribuir com os conhecimentos do *Kajukenbo* no âmbito da formação militar e estarei obviamente sempre disponível para servir a Instituição neste âmbito. Outra questão é sentir-me mais preparado na defesa pessoal, mas também realizado, pois tenho um grande orgulho em ver as pessoas que treinam connosco evoluir, atingir patamares, sentir-se bem com isso, física e mentalmente. A autoconfiança leva-nos também a uma ponderação maior, avaliamos melhor as situações. O conhecimento de defesa pessoal também nos mostra as consequências que uma luta tem e leva-nos a respeitar e evitar conflitos. Tenho 23 anos de artes marciais, em que procurei sempre passar para um patamar que me possa trazer um novo desafio, e o *Kajukenbo* é um desafio, não é algo estanque, é evolutivo e faz-me sempre estar a aprender. Só o facto de treinar com outras pessoas, faz-me aprender a adaptar. Existe um provérbio que diz que "uma viagem de mil milhas começa com um passo. Quando chegares ao topo de uma montanha contínua a subir". Isso é o que fazemos no *Kajukenbo*, continuar a aprender, continuar a absorver…

Tenente Cavalaria Pedro Caetano

Afeganistão

Em julho de 2012, Portugal contribuiu com uma Companhia conjunta de Polícia do Exército e Fuzileiros para o Teatro de Operações (TO) do Afeganistão, no âmbito da *International Security Assistence Force* (ISAF), a primeira *Kabul Internacional Airport, Airport of Debarkation, Force Protection Company* (1ª KAIA/APOD/FP Coy), para a estrutura do *Force Protection Group* (FPGp) do Aeroporto Internacional de Cabul.

"Onde está, a Companhia Conjunta Portuguesa de *Force Protection*?"

O aeroporto de Cabul tem anexado à sua área diversos organismos, tais como por exemplo, dependências da Embaixada Americana, Organizações não Governamentais (ONG) internacionais, a Academia do Corpo Aéreo Afegão, o campo americano Alvarado e o *Kabul Internacional Airport, Airport of Debarkation* (KAIA/APOD).

Dentro da área de responsabilidade do KAIA/APOD, com importância acrescida, saliento duas importantes estruturas, o *Internacional Joint Command* (IJC), responsável pelo comando e controlo de todas as operações correntes no TO do Afeganistão e o Hospital de Campanha ROLE3[1] francês.

Este *Airport of Debarkation* (APOD) encontra-se sob a responsabilidade do Comandante de KAIA (COM KAIA), o Major-General francês Philipe Adam.

Diretamente sobre o seu comando, está o *Force Protection Group Commander* (COM FPGp), o *Air Operations Group Commander* (COM AOGp) e o *Base Support Group Commander* (COM BSGp).

A 1ª KAIA APOD FP Coy esteve integrada nesta estrutura internacional Grupo/Batalhão numa companhia de apoio húngara e duas de *Force Protection* húngara e portuguesa.

A companhia esteve primeiro às ordens de um Comandante de Grupo/Batalhão belga, depois

húngaro e posteriormente sob o comando português do Coronel de Cavalaria Jocelino Rodrigues, apesar de a estrutura de Grupo/Batalhão ser 2/3 Húngara.

De acordo com o definido superiormente, a 1ª KAIA APOD FP Coy teve como missão garantir a segurança e proteção interna ao APOD, no âmbito do FPGp. A contribuição portuguesa passou por assumir a responsabilidade de um *Entry Control Point* (ECP), o *North Gate* (NG), e a missão de *Mobile* (patrulhamentos internos e segurança do abastecimento de depósitos de combustível e paióis de KAIA), desde julho de 2012 a maio de 2013, integrando parte do 4.º e do 5.º Contingentes Nacionais das Forças Nacionais Destacadas, na ISAF, em Cabul.

A companhia conjunta portuguesa foi comandada pelo Capitão-Tenente Fuzileiro Paulo Frescata, estando à sua responsabilidade 64 militares, por um período "desdobrado" de dez meses, numa orgânica de 8 Oficiais, 9 Sargentos e 48 Praças.

"Onde estamos, o que vivemos e o que sentimos."

Cabul, capital do Afeganistão, encontra-se entre as capitais a maior altitude do mundo, a 1.830 metros de altitude, e com uma das maiores amplitudes térmicas.

No decorrer desta missão de dez meses, os militares estiveram sujeitos a temperaturas a oscilar entre os 44º C diurnos e 13º C noturnos, de verão, e dos 12º C diurnos e -14ºC noturnos, durante o período de inverno.

Os níveis de poluição conhecem-se como dos mais elevados. É praticamente inexistente o tratamento de resíduos urbanos, assim como a sustentabilidade de uma rede de abastecimento de água potável; exemplos observados foram as ribeiras e cursos de água poluídos e a prática comum de enterrar lixo ou queimá-lo constantemente.

Sem acessíveis fontes de combustíveis e temperaturas abaixo de 0ºC, regularmente no período de inverno, poderia ver-se a população local a recolher todo o tipo de materiais para queimar. Com influência para a nossa atividade, os trabalhadores locais contratados pela ISAF foram proibidos de sair com quaisquer restos de materiais pertencentes à ISAF, como por exemplo, as paletes de madeira ou outros materiais, sendo necessário redobrar a atenção nas saídas.

A situação de carência é continua, pois na passagem para o verão começam as tentativas de furto de águas engarrafadas, que diariamente eram distribuídas em paletes de garrafas, em frente aos edifícios do campo militar.

Além das necessidades básicas, acontecem os acidentes materiais e humanos que podem exponenciar a ameaça e a insegurança. A explosão dos depósitos de combustível perto da zona industrial de Cabul, durante o verão, foi um acontecimento de duplo efeito. Elementos da população acorreram à ajuda da ISAF para o tratamento de feridos, mas por sua vez, as ordens foram encaminhar os feridos para os hospitais locais. O apoio a este tipo de situações é garantido pelo Crescente Vermelho, ou pelo serviço sanitário Afegão por falta de capacidade em KAIA. A dualidade surge na impotência dos militares no socorrer e na necessidade dos locais de serem socorridos, criando fricções que num momento de desespero não conseguem ser claramente entendidas.

A adicionar a todo este "caldeirão" entra o ingrediente da ameaça assimétrica de elementos fundamentalistas da *Al Qaeda*. Os ataques suicidas são uma das maiores causas de terror deste

conflito. A utilização de crianças e mulheres bomba ou de viaturas carregadas de explosivos fizeram parte das experiências destes dez meses. O menino bomba no Ramadão no centro de Cabul, o carro que explodiu nas imediações do aeroporto, destruindo uma carrinha e matando oito civis estrangeiros, o ataque na zona das embaixadas no dia santo muçulmano Ashoura, os *rockets* que sobrevoaram o aeroporto acabando por atingir, a sudeste da nossa posição, a estação Shamshad TV e um bairro na cidade, todos eles são parte de muitas situações que ilustram o Teatro de Operações (TO) do Afeganistão.

Esta insegurança, o medo, a pobreza e a falta de condições básicas da generalidade da população, a necessidade de apoio sanitário e a diferença cultural atuam como fatores indiretos de *stress* nos nossos militares, como pude registar.

Constatei que este ambiente fortaleceu valores morais, mas exigiu também uma robustez psicológica habitual na profissão militar, apoiada numa ação de comando de uma hierarquia exigente.

Decorrente do seu serviço em missão de NG, os militares encontravam-se em permanência sujeitos a elevado desgaste e *stress* pelo grau de alerta que o TO exige. As posições foram guarnecidas esgotando praticamente o efetivo. As regras de empenhamento exigiam envergar sempre todo o equipamento de combate e proteção balística. Além do equipamento e pressão psicológica, estavam expostos ao pó, às temperaturas elevadas ou à neve, aos inibidores de frequência e escape de gases das centenas de viaturas, militares ou civis, que entravam diariamente na NG.

Respirávamos todos "tolerância zero" e estivemos mentalizados para a imparcialidade e absoluta correção de procedimentos. A Companhia lidava com situações de constantes tentativas de subversão das regras de entrada e controlo de materiais no APOD, por parte dos locais e civis estrangeiros (exemplos de facas, espadas, drogas ou materiais militares perigosos). As regras deste aeroporto são semelhantes a qualquer outra parte do mundo, o ambiente hostil e a presença militar é que o tornam tão particular.

Considerações Pessoais Finais

Portugal está a operar no cenário Afeganistão junto de nações com grande experiência de com-

Fonte: i1.trekearth.com.

bate e grande projeção militar no mundo. Os militares empregues neste tipo de missões põem em prática conhecimentos doutrinários consolidados, modernos e importantes na formação e treino, aplicando e apreendendo conhecimentos.

O contributo nacional para a ISAF desde sempre tem revelado ser uma tarefa exigente, aliciante profissionalmente, um desafio corajoso de servir a Pátria e uma responsabilidade para com a diplomacia internacional, colocando a nossa bandeira bem alto.

Toda esta especificidade de características ambientais, físicas e psicológicas do TO influenciam diretamente e indiretamente a atividade de cada militar e desafiam as suas capacidades na realização das tarefas do dia-dia e da sua individual gestão do *stress*. Só com um treino rigoroso, com disciplina coletiva e vontade de servir, é possível atingir os níveis que as outras nações têm reconhecido a Portugal.

A participação da 1ª. KAIA APOD FP Coy no aeroporto de Cabul veio a desempenhar parte ativa da missão de *Force Protection*; Polícias do Exército e Fuzileiros garantem o cumprimento das missões de segurança da NG e *Mobile*, distinguindo-se pela sua disciplina e rigor, sem nunca esquecer o bom senso, humildade e humanismo por que Portugal é conhecido.

O nosso genoma conserva a tradição de dar "novos mundos ao mundo" e de uma abertura de espírito ao corporativismo e de lidar com as mais diversas gentes.

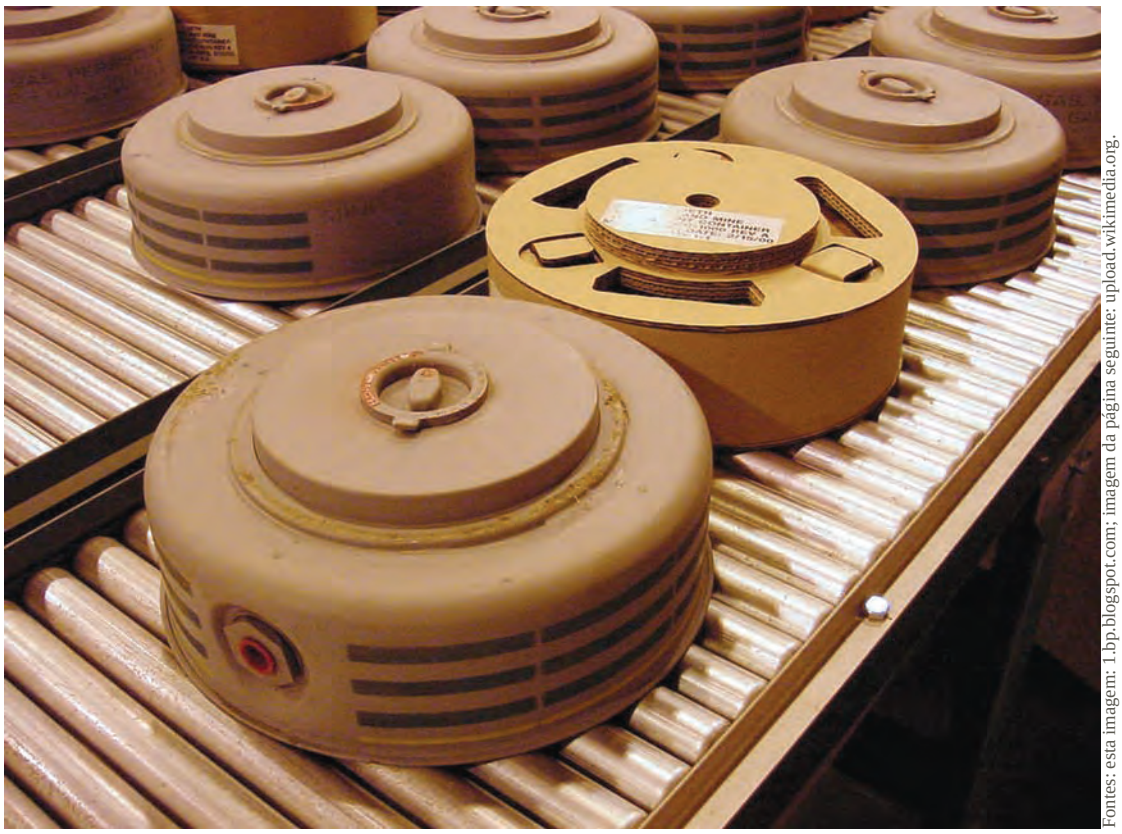
O emprego dos militares em situações reais num TO, como o Afeganistão, em condições de rusticidade física e psicológica extremas, eleva valores nobres e dignos de distinguir a sociedade castrense, numa altura em que tanto se colocam em causa os valores da sociedade e das instituições, onde se "desdenha" da existência de Forças Armadas com dimensão, meios e recursos humanos que servem o país sob um juramento que não existe em mais nenhuma empresa pública, cargo público ou *guichet* que não nas Forças Armadas e de Segurança. Costumo dizer; "Afinal de contas para ter omeletes, além dos ovos, precisamos de muito calor."

A 1ª. KAIA APOD FP Coy teve a missão de fazer cumprir, ajudando a cumprir, escrevendo mais uma das páginas da História de Portugal, do Exército e da Armada.

Bem hajam os militares da 2ª. KAIA APOD FP Coy, que nos renderam e permanecem em operações no Afeganistão, garantindo a continuidade desta missão.

[1] ROLE3 – escalão divisão segundo critérios NATO (exemplos de classificação; intervenções cirúrgicas especializadas, medicina preventiva, especialidades médicas específicas, inspeção alimentar, etc.) Consultar: NATO, (1997), *Logistics Handbook*, Chapter 16, Medical Support, 1613.

Mestre Ana Rita Carvalho



Fontes: esta imagem: 1.bp.blogspot.com; imagem da página seguinte: upload.wikimedia.org.

Minas antipessoal – Um flagelo dos pós-conflitos

A utilização de minas antipessoal nos principais teatros de guerra, no último século, constituiu uma das faces mais cruentas dos conflitos, não só pelo seu potencial de letalidade como também pelos efeitos que se manifestam *a posteriori*, designadamente sobre as populações civis. Com efeito, a permanência destes engenhos, por detonar, nos territórios (podendo estar ativos mais de 50 anos) é causa não só da perda de vidas humanas como da incapacitação permanente das vítimas, redundando num enorme sofrimento, que as organizações de Direitos Humanos e os estados estão empenhados em combater.

Nesse sentido se inscreve a legislação internacional que tem vindo a ser produzida e que visa erradicar o uso das minas bem como promover ações de desminagem e de limpeza dos solos (*mine clearance*), para além de uma importante ação de sensibilização de governos e de populações, nas áreas da educação para o risco, da assistência às vítimas e da implementação de programas de cooperação. São exemplos de legislação nesta área a Convenção sobre Minas Antipessoal (1999), a Convenção sobre Munições de Dispersão (2008) e a Convenção sobre Certas Armas Convencionais (1980). Sobre a primeira, que diretamente nos interessa, falaremos adiante.

As origens

As minas foram desenvolvidas muito antes do séc. XX, permanecendo todavia a sua origem ainda por conhecer. Pensa-se que as minas antipessoal, numa forma incipiente, surgiram na Idade Média, antes mesmo da invenção dos explosivos, no mundo ocidental, e da utilização da pólvora. Segundo é descrito na obra The History of Landmines, as modernas minas "trace their lineage from non-explosive predecessors such as the spikes and stakes that were employed by ancient armies".

Diversas outras origens são apresentadas, designadamente a utilização de uma espécie de precursores das minas, utilizados na China, há mais

de 600 anos, segundo uma descoberta feita por arqueólogos no norte daquele país. Na Europa, é também registada a existência de um engenho semelhante na Alemanha, durante o séc. XVIII, então designado "fladdermine" ("mina voadora"). Na Rússia, é referido o uso de um engenho semelhante a uma mina antipessoal de fragmentação, em 1855.

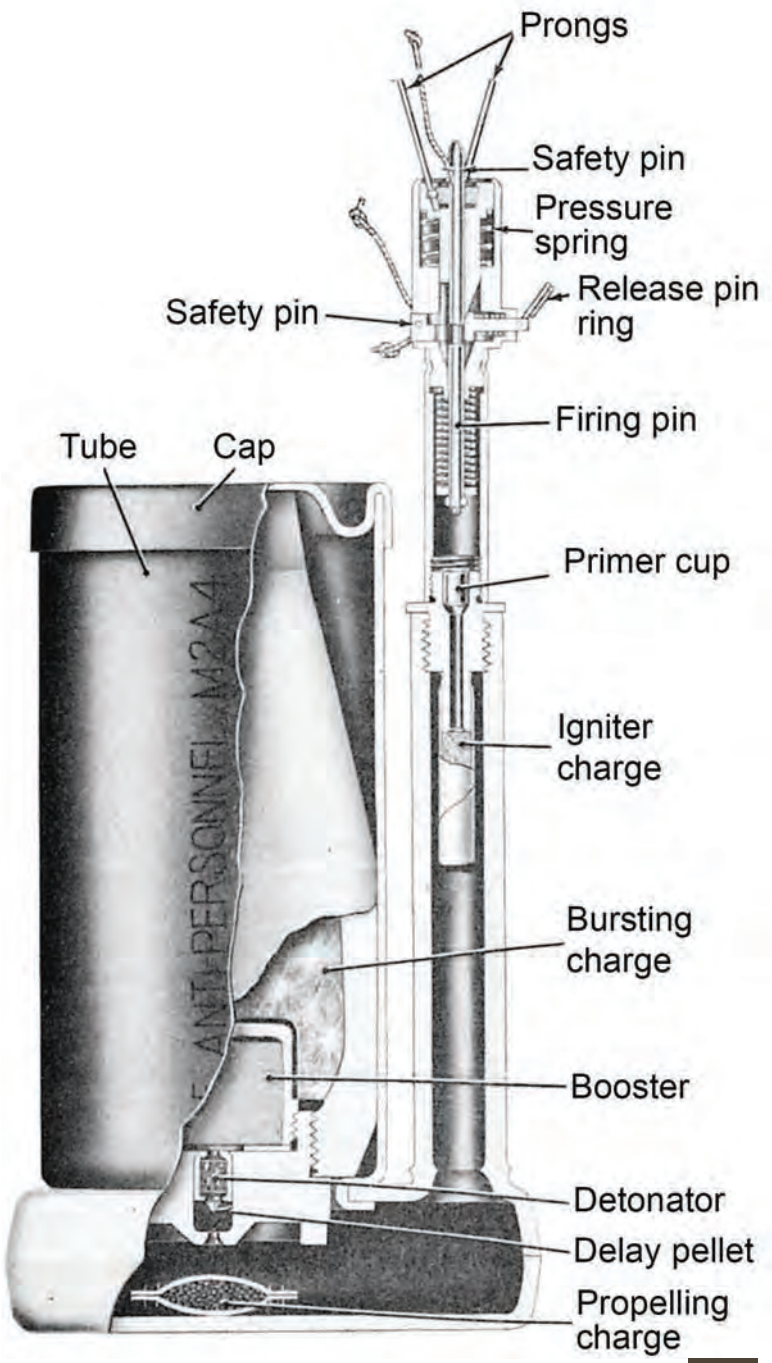
Costuma, todavia, datar-se o início das modernas minas no período da Guerra Civil americana, estando o seu primeiro uso registado em 1862, em Yorktown, durante a campanha comandada pelo general Gabriel Rains, do Exército Confederado, que, à frente de 2500 homens, ordenou que fossem preparadas granadas de artilharia a serem acionadas sob pressão, através de um arame de tropeçar ou sob pressão direta no solo. Curiosamente e, após os primeiros usos, estes engenhos foram vistos como "bárbaros", tendo o próprio general Rains proibido o seu uso, declarando não serem "apropriados" nem constituindo "um método efetivo de fazer a guerra."(op. cit.p.14)

Todavia, apesar das preocupações suscitadas em torno do uso de minas, estas continuariam a ser utilizadas e, em 1864, em Fort Mc Allister, as minas mataram 12 homens e feriram 80, tendo o comandante da Union Army, General William T. Sherman, declarado que o uso de minas "was not war, but murder."(id., p.15)

A utilização de minas na I e II Guerras Mundiais

Durante a I Guerra Mundial, as minas anticarro conheceram grande desenvolvimento, sobretudo na frente oeste, como meio defensivo contra os carros de combate, de invenção recente. Muitas "minas antitanque", como então foram conhecidas, continuam até hoje por desenterrar. Por sua vez, as minas antipessoal não foram detonadas, na sua totalidade, durante a guerra. As minas deixadas no terreno anteciparam a tomada de posição, por parte do inimigo, vindo a representar um risco, tanto para as forças do inimigo como para os Aliados. O Armistício de 11 de novembro de 1918, que pôs fim à guerra, incluiu, no seu Art.º 8.º, a obrigatoriedade, por parte dos alemães, de revelarem os locais de colocação das minas no terreno.

Já durante a II Guerra Mundial, as minas antipessoal e antitanque foram largamente utilizadas. De acordo com a U.S. Defense Intelligence Agency, mais de 300 milhões de minas antitanque tinham sido usadas durante a guerra. Só a Alemanha havia fabricado 16 diferentes tipos de minas antitanque, 10 tipos de minas antipessoal, para além de diversos outros engenhos explosivos, incluindo a primeira mina antipessoal de dispersão de lançamento aéreo. Foram experimentados e usados diferentes tipos de detonação, designadamente por via magnética, vibração e controlo por radiofrequência induzida. Ficou particularmente conhecida a mina antipessoal de fabrico germânico Schrapnellmine 35 ou S mine, um dos mais temíveis engenhos encontrados pelos Aliados.



Depois da II Guerra Mundial e até aos nossos dias, as minas continuaram a ser desenvolvidas e utilizadas em teatros de guerra. A sua conceção centrou-se em cinco critérios: eficiência, tamanho, capacidade de serem detetadas, aspetos logísticos e velocidade de acionamento. A sua produção conheceu um rápido desenvolvimento tecnológico. Por volta dos anos 90, existiam mais de 600 tipos de minas.

As minas antipessoal foram largamente utilizadas nas Guerras da Coreia e do Vietname, para não falar nos teatros de Angola, Guiné-Bissau e de Moçambique, durante a Guerra do Ultramar português.

Como resultado das experiências no Vietname, os EUA desenvolveram mecanismos de autodestruição das minas antipessoal, que eram programadas para determinado tempo, permitindo evitar processos posteriores de desminagem. Ao longo das últimas décadas, os EUA desenvolveram também minas que funcionam como armas químicas e têm vindo a conceber novos tipos de minas, designadamente alternativas às minas antipessoal, tais como as que recorrem à tecnologia "man-in-the-loop", baseadas num mecanismo de

controlo remoto. Muitas destas minas possuem um sistema automático opcional ("battle override") que permite operá-las segundo a forma convencional. Desenvolveram-se, assim, na América do Norte, dois sistemas diferentes - o Matrix (com controlo remoto, operando sobre a mina convencional) e o Spider XM-7 Landmine System (com recurso à tecnologia "man in the middle", que requer um operador).

Todavia, apesar de a tecnologia no fabrico das minas ter evoluído rapidamente, permanece o uso de minas antipessoal e anticarro convencionais, utilizadas nos conflitos internos, quer por forças governamentais, quer por grupos dissidentes armados. Exemplos disso são os conflitos no Afeganistão, Angola, Bósnia-Herzegovina, Cambodja, Etiópia, Iraque, Moçambique, Nicarágua, Somália e Sudão, entre outros, onde as minas antipessoal têm sido largamente utilizadas, inserindo-se o seu uso na própria estratégia militar ou como meio de lançar o medo entre as populações civis e controlar os seus movimentos. Também na antiga União Soviética e após a sua desagregação, na zona do Cáucaso e antiga Jugoslávia, as minas

antipessoal foram utilizadas indiscriminadamente, mesmo por civis, e não apenas por grupos militares armados, com diversos objetivos, incluindo os de proteção de propriedade, pesca e caça.

Uma ameaça persistente

Desconhece-se, ainda hoje, o número efetivo de minas que ficaram por detonar, desde os mais antigos aos mais recentes conflitos. Algumas estimativas apontam para mais de 100 milhões de minas. O mesmo se passa quanto ao número de vítimas. Em 2008, o Landmine Monitor, entidade ligada à International Campaign to Ban Landmines (ICBL), uma rede internacional que conta com mais de 1400 ONGs, reportava a existência de mortos e feridos causados por minas antipessoal e outros explosivos remanescentes de guerra (ERW – Explosive Remnants of War) em 75 países, número que no ano anterior ascendera a 78. Segundo a mesma fonte, a maior parte das vítimas identificadas naquele ano eram civis (61%), sendo 91% do sexo masculino e 9% do sexo feminino e, dentro deste número 28% eram crianças.

O impacto negativo das minas vai, todavia, muito além das mortes e ferimentos, tendo consequências aos níveis social, económico e ambiental, cujo efeito não é imediato. Por exemplo, a agricultura, os solos férteis e o acesso à água potável são extremamente afetados, prejudicando sobretudo as comunidades rurais. Os países em desenvolvimento, que possuem menos infraestruturas, são geralmente os mais afetados e aqueles onde os danos são maiores, o que tem consequências negativas na sua capacidade de reconstrução. Setores vitais como a energia, os transportes e o comércio são particularmente atingidos, podendo entrar em rutura devido à interrupção das vias de comunicação e transporte de produtos.

Em 1995, as Nações Unidas declararam que as minas eram "uma das mais disseminadas, letais e prolongadas formas de poluição" a nível mundial. A 5 de dezembro de 1980, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotara a Resolução 35/71, intitulada "O Problema dos Remanescentes de Guerra", que reconhecia que a presença de material remanescente de guerra, particularmente minas, nos países mais pobres comprometia seriamente o seu desenvolvimento.

A utilização em larga escala de minas antipessoal conduz as populações rurais a uma cada vez maior fragilidade, a uma situação de periferia, a uma rápida degradação da terra e à migração para as cidades, desse modo contribuindo para o sobrepovoamento dos aglomerados urbanos e a problemas como o desemprego.

Fontes: esta imagem: upload.wikimedia.org; imagem da página anterior: upload.wikimedia.org; página seguinte: www.ejercito.mil.co.

Fonte da imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: www.zephyrpaintball.com.

Os cinco pilares da ação antiminas

A ação antiminas (pelo menos de forma mais sistemática) remonta a 1988, quando pela primeira vez as Nações Unidas requereram fundos destinados a desenvolver ações de desminagem no Afeganistão. Atualmente existem mais de 40 países que dispõem de programas nacionais destinados à desminagem e limpeza de terrenos, de minas e outros explosivos remanescentes de guerra, bem como programas de educação para o risco, legislação nacional e internacional, contemplado as minas e outros explosivos remanescentes de guerra, a destruição de stocks e a assistência às vítimas.

De acordo com a definição geral das Nações Unidas, contida no International Mine Action Standards (IMAS) e generalizada a partir de um documento datado de 1998 e intitulado "Mine action and effecive coordination: the United Nations policy", a ação antiminas refere-se a "activities wich aim to reduce the social, economic and environmental impact of mines and UXO."

De acordo com a política definida no quadro das Nações Unidas, a ação antiminas compreende cinco áreas de atividade complementares:

- Desminagem, ou seja, o levantamento topográfico e o mapeamento e limpeza das áreas afetadas;
- Assistência às vítimas, incluindo reabilitação e reintegração social;
- Educação para o risco;
- Destruição de stocks;
- Legislação contra o uso de minas antipessoal e munições de fragmentação.

Múltiplas atividades estão envolvidas nestes cinco pilares da ação antiminas, designadamente o planeamento e avaliação das ações a empreender, a mobilização e priorização de recursos, a gestão da informação, o desenvolvimento de treino de capacidades humanas, a qualidade e gestão eficaz dos equipamentos, entre outras.

Desminagem

Desde uma fase incipiente da ação antiminas que cientistas e engenheiros têm colaborado para o processo de desminagem, complementando a ação no terreno com a investigação científica. Todavia, apesar dos avanços técnicos e científicos, os processos de desminagem continuam a apresentar inúmeros riscos e a constituir um trabalho perigoso apresentando diversos problemas práticos.

Por outro lado, a exploração das tecnologias existentes tem sido bem sucedida e a produção e utilização de equipamento de limpeza de minas tem conhecido grande desenvolvimento. Têm também sido implementadas técnicas de treino e utilização de cães detetores de minas, como resultado do programa de treino para cães promovido pelo *Geneva International Centre for Humanitarian Demining*.

Fontes: esta imagem: www.ebc.com.br; imagem da página seguinte: 1.bp.blogspot.com.

Assistência às vítimas

A assistência às vítimas é um pilar fundamental na ação antiminas, constituindo uma sua razão de ser primordial. Todavia, tem conhecido um progresso relativamente fraco. Conta com a ação de diversas entidades – unidades de saúde dependentes dos ministérios da saúde de diversos países, Comité Internacional da Cruz Vermelha, *Handicap Internacional*, *Vietnam Veterans of America Foundation*, etc., dedicados à reabilitação física e psicológica e ao apoio social às vítimas.

A maioria dos países afetados pelas minas tem também de lidar com diversos outros problemas sociais e económicos relacionados com o emprego, a educação, a saúde e os Direitos Humanos. Os Estados-Parte signatários da Convenção sobre Minas Antipessoal, em 1999, identificaram três principais fatores que se colocam na assistência às vítimas: como recolher e difundir a informação sobre as vítimas; como granjear a atenção e o apoio das entidades colaborantes nesta causa; como coordenar de forma mais efetiva a assistência às vítimas.

Educação para o risco

A designada "educação para o risco", concernente à ação antiminas, é outra das áreas que tem conhecido grande desenvolvimento e que assume importância neste processo. Tem vindo a ser consignada no desenvolvimento de linhas de ação, através de protocolos de procedimento e desenvolvimento do IMAS (*International Mine Action Standards*). O desenvolvimento recente do IMAS tem permitido atualizar as linhas de ação seguidas pelas Nações Unidas e, a partir dos dados adquiridos através da experiência no terreno, introduzir novos standards, planeamento e acreditação das ações implementadas, monitorização, formação e avaliação.

As linhas de atuação (standards) da *mine risk education* (MRE) foram formalmente adotadas em 2004. Importa agora tornar mais visíveis os seus resultados, em termos de informação pública e de interação com a comunidade, para um melhor entendimento dos seus efeitos.

Destruição de *stocks*

Outro dos pilares da ação antiminas consiste na destruição de *stocks*, tendo-se alcançado grandes progressos nesta área, nos últimos anos. Assim, antes da entrada em vigor da Convenção sobre Minas Antipessoal estimava-se a existência de mais de 250 milhões de minas antipessoal no

Mundo. Só na última década foram destruídos mais de 60 milhões, de acordo com dados do Landmine Monitor. Todavia, apesar dos progressos alcançados nesta área, persistem resistências, nomeadamente no caso da China e da Rússia. Este último Estado continuou a usar minas nas suas operações militares na Chechenya, apesar de já ter destruído milhões de minas antipessoal. Outros países, como a Índia, o Paquistão e os EUA possuem também deste armamento, sendo necessária maior vontade política para proceder à sua destruição.

Área jurídica

A área jurídica tem trazido importantes contributos para uma abordagem global do problema das minas antipessoal e da sua proibição legal, no quadro do Direito Internacional Humanitário, tendo permitido mobilizar, nos últimos anos, importantes recursos para as ações a implementar, não apenas no campo da desminagem como no da assistência às vítimas ou da investigação científica e tecnológica. Representativo, nesta área, é o Landmine and Cluster Munition Monitor, um projeto do ICBL (*International Campaign to Ban Landmines*), criado em 1998 e que tem por objetivo essencial monitorizar o trabalho efetuado, no plano da ação antiminas e igualmente na restrição ou proibição das munições de dispersão (*cluster munitions*).

A Convenção de Otava

A Convenção Sobre a Proibição da Utilização, Armazenagem, Produção, e Transferência de Minas Antipessoal e sobre a sua Destruição (mais conhecida por "Convenção de Otava") é um instrumento de Direito Internacional cujo objetivo é a erradicação total do uso de minas antipessoal, quer através da proibição do seu fabrico, quer da destruição de stocks existentes. A Convenção foi aberta para assinatura em 3 de dezembro de 1997 e entrou em vigor em 1 de março de 1999, tendo sido negociada por um grupo significativo de países determinados em "pôr fim ao sofrimento e à perda de vidas humanas pelas minas antipessoal, que matam ou mutilam centenas de pessoas todas as semanas, na grande maioria civis inocentes e indefesos, especialmente crianças, inibem o desenvolvimento económico e a reconstrução, inibem o repatriamento de refugiados (…) para além de outras consequências graves que se verificam durante muitos anos após a sua colocação", conforme consta do seu preâmbulo.

Portugal assinou a convenção na data da sua abertura, tendo-a ratificado em fevereiro de 1999. Presentemente, e após as adesões da Finlândia (9/1/2012) e da Somália (16/4/2012), 160 Estados fazem parte da Convenção, o que a torna um dos regimes internacionais com mais aderentes, denotando o empenho, por parte da Comunidade Internacional, na erradicação deste flagelo humanitário.

Todavia, apesar dos esforços da Comunidade Internacional, ainda persistem mais de três dezenas de estados fora da Convenção, entre os quais a China, os EUA, a Índia, o Paquistão, a Coreia e a Rússia, países que poderão possuir e utilizar minas antipessoal. Para além dos estados, existem entidades não-estatais que produzem, armazenam e utilizam minas antipessoal, o que constitui uma ameaça acrescida porquanto está fora do controlo dos estados e da Comunidade Internacional.

Portugal e a Ação Anti-Minas

Portugal foi, como se disse, dos primeiros países a assinarem a Convenção de Otava (em 1997) e a ratificá-la (em 1999), tendo até ao momento prestado apoio a países terceiros, mormente aos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Em 1988, Portugal parou a produção de minas antipessoal e em 1996 proibiu a sua exportação, tendo as unidades de produção sido desativadas e encerradas. Em junho de 2003, antes da data-limite estipulada, o nosso País procedeu à destruição completa do seu arsenal de minas antipessoal (272 000), através da "Indústria de Desmilitarização e Defesa" (IDD), restando apenas algum material usado para instrução militar, conforme legalmente previsto, dado que a Convenção contempla a manutenção de um pequeno acervo destinado à instrução (incluindo a área da desminagem), por parte das Foças Armadas e de Segurança.

Fontes: esta imagem: 4.bp.blogspot.com; imagem da página seguinte: www.ejercito.mil.co.

No mesmo sentido, em 2001 Portugal copatrocinou e votou a favor da Resolução 56/24 M da Assembleia-Geral das Nações Unidas, em prol do Tratado de Proibição de Minas. E em 2007, assinou o Protocolo das Nações Unidas para os Direitos das Pessoas com Deficiência, instrumento relacionado com as minas antipessoal, pelo fato de muitas dessas vítimas se deverem a remanescentes de guerra.

Presentemente, Portugal continua a cumprir todos os requisitos exigidos pela Convenção de Otava, nomeadamente e, ao abrigo do Art.º 7.º, a apresentação e atualização anual de relatórios. Também no âmbito do Art.º 6.º, relativo à Cooperação e Assistência Internacional, Portugal tem participado em atividades de cooperação técnico-militar com países afetados por minas, salientando-se os PALOP, designadamente Angola, Moçambique e a Guiné-Bissau. A experiência e saber dos nossos técnicos, aliados às relações históricas, culturais e linguísticas que nos unem a esses países têm permitido uma cooperação estreita, em diversas vertentes. Exemplos dessa cooperação ocorreram em Angola, em 2005, onde a Cruz Vermelha Portuguesa financiou atividades do Centro Ortopédico de Manjacaze e, entre 1999 e 2006, em ações de reabilitação, na especialidade de Ortopedia, e no acompanhamento psicoterapêutico de 42 crianças angolanas, pelo Hospital Militar Regional n.º 2, de Coimbra, para só citar dois exemplos.

Relativamente a Moçambique, o Exército Português disponibilizou ao seu Governo um acervo de mapas contendo a localização das minas ao tempo da Guerra Colonial, tendo igualmente assistido à sua interpretação junto da delegação moçambicana.

Quanto à Guiné-Bissau, Portugal participou em 2007, num projeto conjunto com os EUA, no âmbito o qual o Exército disponibilizou dois instrutores da área da desminagem, pelo período de um ano.

Entre 2007 e 2010 Portugal alocou 23 000 € a atividades de desminagem, no âmbito da cooperação com os PALOP. Muito expressiva é também a ação de sensibilização sistematicamente levada a cabo junto daqueles países. Neste contexto, além de diligências junto dos governos, é de referir a organização, em Lisboa, em 2010, de um seminário sobre Convenções Humanitárias de Desarmamento, com a participação de altos funcionários daqueles países.

Nesta como em outras áreas, Portugal está na

linha da frente da salvaguarda dos Direitos Humanos, quer no âmbito da adesão a tratados e convenções internacionais, quer na sua implementação, através da sua experiência e conhecimento técnico. Muitos desafios persistem, para que um mundo livre de minas antipessoal seja uma realidade, sobretudo pelo fato de alguns dos principais estados que produzem e utilizam minas antipessoal permanecerem fora da Convenção. Assim sendo, o flagelo das minas continua a ameaçar populações, a matar e a ferir indiscriminadamente, impedindo o desenvolvimento socioeconómico dos países.

Também a União Europeia e os seus parceiros podem e têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento das capacidades nacionais para planear, dirigir e coordenar ações antiminas, de forma eficiente, mantendo os padrões de segurança. A assistência internacional tem sido bem sucedida no desenvolvimento de capacidades relacionadas com operações de limpeza, inspeção, controlo de qualidade e assistência médica às vítimas. Do mesmo modo, tem sido desenvolvido um esforço continuado na implementação de programas de formação, no âmbito das capacidades nacionais nestas áreas. Todavia, um dos problemas que persiste é a falta de vontade política por parte dos próprios países afetados.

Conclusões

Após várias décadas de trabalho e de avultados fundos dispendidos na ação antiminas, várias questões se colocam, designadamente a de saber se esta ação tem feito realmente a diferença na vida das populações dos países afetados e quais os seus resultados concretos. Existem estudos contendo dados precisos sobre a quantidade de minas destruídas, a área total de terreno objeto de desminagem ou o número de pessoas que receberam formação sobre o tema. Porém, já se torna mais difícil responder sobre o nível de bem-estar conquistado pelas populações afetadas, o contributo daquelas ações para o desenvolvimento global dos países ou os resultados alcançados em termos de benefício/custo, pelos programas suportados por governos e organizações não-governamentais.

Trata-se, efetivamente, de um processo complexo que não pode descurar as alterações decorrentes dos próprios contextos nacionais e regionais, sempre em mudança. Certo é, porém, que a ação antiminas enfrenta, nos muitos países afetados, enormes desafios. Aí será necessário não apenas um esforço constante de reequipamento dos grupos a operarem o terreno, acompanhando a evolução tecnológica, mas igualmente uma aprendizagem constante, no campo do saber e do saber fazer. Esta aprendizagem está na base de resultados capazes de se traduzirem numa verdadeira mudança na vida das comunidades afetadas, condição essencial, por sua vez, à manutenção de programas de apoio, por parte de governos e ONGs. Por outro lado, somente a implementação de estratégias de ação eficazes poderá refletir-se na capacidade de produzir resultados a longo prazo, com a melhoria efetiva das condições de vida dos povos e o desenvolvimento dos países.

[1] M. Croll, *The History of Landmine*s, Leo Cooper, UK, p.9, apud *A Guide to Mine Action*, 4th Edition, GICHD, Geneva, 2010, p. 14.

[2] UN Doc. A/53/496,UNMAS, New York, 1998, disponível no site www.mineaction.org.

[3] Apud *A Guide to Mine Action*, 4th Edition GICHD, 2010, p. 26.

Alferes RC Eder Alberto Sousa

Apolo 13

Exercitar a Brigada de Reação Rápida (BrigRR) em situações-limite, como força de elevada prontidão, foi o principal objetivo do Exercício Apolo 13, que decorreu entre 17 a 31 de julho. Por ocasião deste exercício, que encerrou o ciclo de treino operacional anual da brigada, também teve lugar o HotBlade13, exercício da responsabilidade da Agência Europeia de Defesa, realizado em Portugal sob coordenação da Força Aérea Portuguesa (FAP).

Foi possível, deste modo, efetuar o treino da BrigRR em coordenação com a FAP, bem como testar a integração das capacidades com as forças estrangeiras que participaram no exercício. A operação mobilizou 1313 militares, 152 viaturas e 17 aeronaves (seis portuguesas e 11 helicópteros de outros países, mais concretamente da Holanda, Alemanha, Áustria e França).

O Apolo13 baseou-se em diversos estudos elaborados pela BrigRR sobre o emprego das suas forças numa Operação de Evacuação de Não-Combatentes, para evacuar em segurança cidadãos nacionais e de países amigos, sob influência da degradação generalizada das condições de segurança num território fictício. No cenário, além de Portugal, foram considerados três países (ficcionados) situados na península de Kynya, a cerca de 3.500 quilómetros do território nacional, onde ocorrem disputas violentas e intensas entre dois desses países sob o controle de uma região possuidora de enormes riquezas, de que resultam confrontos entre diferentes forças governamentais, fações paramilitares por eles suportadas, com afetação das suas capacidades governativas e das garantias das condições de segurança.

As regiões de Ovar, S. Jacinto, Lamego, Seia, Sabugal, Celorico da Beira, Pinhel, Meda, Tancos e Campo Militar de St.ª Margarida foram os locais onde foi efetuado o treino operacional.

Todo o cenário criado para o Apolo13, assim como a integração deste com o HotBlade13, levaram à criação de um complexo sistema de Comunicações e Sistemas de Informação. Adicionalmente decorreu, em simultâneo, o Exercício de Comunicações Inter-ramos, ITX 01, coordenado pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA), que permitiu testar em ambiente operacional, os módulos de Comunicações e Sistemas de Informação habitualmente

utilizados em Exercícios da Força de Reação Imediata (FRI). Estes equipamentos permitiram integrar a rede segura do EMGFA no Apolo13.

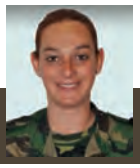
No âmbito das comunicações utilizando o Combat Net Radio, P/PRC 525, que atualmente equipa, total ou parcialmente, as unidades operacionais da BrigRR, pretendeu-se tirar o máximo rendimento das suas características técnicas e operacionais configurando uma rede segura de Brigada (*Voice over IP Data*) com integração do GPS Report (*Tracking*) no Sistema de Informação para o Comando e Controlo do Exército (SICCE).

Visita do MDN

O Ministro da Defesa Nacional (MDN), José Pedro Aguiar-Branco, acompanhou os treinos no dia 23 de julho. A visita decorreu nas instalações da Unidade de Aviação Ligeira do Exército, onde o MDN tomou conhecimento sobre o cenário de enquadramento e os objetivos do exercício, explicados pelo Comandante da BrigRR, Major-General Campos Serafino. A seguir, noutro brífingue, o Chefe do Estado-Maior da BrigRR, Tenente-Coronel Vasco Pereira, explicou a fase da operação a que se iria posteriormente assistir.

Após a apresentação dos meios de comando e controlo em utilização, o MDN teve oportunidade de assistir às operações de preparação de cargas para lançamento em paraquedas, bem como às operações de embarque do 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista (1BIPara), tendo presenciado, a bordo de uma aeronave C-130 da Força Aérea Portuguesa, o lançamento de militares em saltos de abertura automática e também de abertura manual, numa demonstração de todas as capacidades de que a BrigRR dispõe para efetuar infiltração de tropas por via aérea. No final, o MDN assistiu ainda a uma demonstração tática realizada pelo Batalhão de Comandos e Esquadrão de Reconhecimento, também inserida no exercício Apolo 13.

No final, o exercício atingiu os objetivos, tendo permitido exercitar a BrigRR como força de elevada prontidão, numa Operação de Evacuação de não Combatentes em ambiente multinacional e incerto em termos de segurança, tirando partidas da sua natureza expedicionária, bem como efetuar o treino cruzado com a Força Aérea Portuguesa e com outras forças estrangeiras aliadas, no âmbito do Exercício Hot Blade13.



Alferes RC Filipa Domingos

Rescaldo das operações do Exército no combate aos incêndios

Numa altura em que as previsões das condições climáticas apontam para a diminuição dos índices de temperatura ambiente e para o aumento dos níveis de humidade, é todo o interesse dar a conhecer o apoio que o Exército Português deu, durante os meses de verão, no combate ao flagelo dos fogos e que este ano roubou a vida a oito valorosos bombeiros portugueses.

O Exército, no âmbito do combate aos fogos florestais (Plano Lira 2013), empenhou em operações de consolidação ou de rescaldo, desde 5 de julho a 25 de setembro, um total acumulado de 1.434 militares e 214 viaturas.

Ainda no que se refere à prevenção de fogos florestais, o Exército mobilizou efetivos e meios para a condução de ações de patrulhamento e vigilância física, com um empenhamento diário e contínuo, concretamente nas regiões da Serra D'Arga, Serra da Cabreira, Amarante e Serra do Marão, Serra do Alvão, Serra de Montesinho, Serra da Freita, Serra da Estrela (Gouveia e Seia), Perímetro florestal de Alge e Penela/Góis, Serra do Caramulo, Serra de Montemuro, Matas Nacionais de Leiria, Serra D'Aire e dos Candeeiros, Serra da Malcata, Serra de Monchique, Serra de Sintra, Tapada Nacional Mafra, Serra de Santa Luzia e na região de Tomar, num total de 288 militares e 77 viaturas. Estas ações foram suspensas em 25 de setembro e mobilizaram um total acumulado de 17.912 militares e 5.111 viaturas.

De salientar o apoio prestado pelo Exército que se estendeu a todo o território nacional, sobretudo no arquipélago da Madeira, que em agosto se viu a braços com a operação "Agosto Quente", na sequência das temperaturas elevadas que fizeram sentir e que provocaram novamente grandes incêndios nesta ilha.

Em resposta a um pedido do Serviço Regional de Proteção Civil (SRPC), efetivado através do Comando Operacional da Madeira, a Zona Militar da Madeira (ZMM) desencadeou a operação acima citada, enquadrada pelo "Plano Auxílio" da ZMM. Nesta fase foram ativadas diariamente três equipas de militares que realizam patrulhas de vigilância contra incêndios, em reforço das ações de prevenção e vigilância, nos concelhos de Santa Cruz, Ribeira Brava e Calheta em apoio às corporações de Bombeiros dos respetivos concelhos.

Face ao evoluir da situação, o patrulhamento de vigilância foi substituído pelo empenhamento em ações de combate aos incêndios que deflagraram nas zonas altas do concelho do Funchal, tendo o Regimento de Guarnição Nº 3 (RG3) acolhido cerca de 16 desalojados cujas habitações foram destruídas e uma centena de doentes, na sua grande maioria acamados e transportados em ambulâncias, assistidos por diversos profissionais do Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira, na sequência da evacuação do Hospital dos Marmeleiros devido à proximidade do foco de incêndio.

A base de dados nacional de incêndios florestais a cargo do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas dá conta de um verão atípico e negro, quer nas cinzas que cobrem grande parte do que em tempo fora verde, quer na vida daqueles que assistiram à trágica morte dos seus entes queridos no combate ao fogo. Refere esta base de dados que no período compreendido entre 1 de janeiro e 15 de setembro de 2013, registou-se um total de 16.924 ocorrências (3.008 incêndios florestais e 13.916 fogachos) que resultaram em 121.168 hectares de área ardida, entre povoamentos (42.284 hectares) e matos (78.884 hectares).

O Exército provou mais uma vez, estar apto para o desempenho de um importante papel de entreajuda em conjunto com os soldados da paz.

Major Artilharia Paulo Jorge Fernandes Rodrigues

O Museu Militar de Bragança

O Museu Militar de Bragança

O Museu Militar de Bragança (MMB) guarda e expõe as memórias do passado para as gerações presentes e futuras. Essa guarda das memórias realiza-se, não só pela realização de ações de conservação, investigação e inventariação dos objetos museológicos que constituem o seu acervo, mas também pela guarda das memórias das gentes e locais que, de alguma forma direta ou indireta, viram a sua existência tocada pela vida do serviço militar à salvaguarda da Pátria.

Situado na torre de menagem do Castelo de Bragança, ladeada por panos altos de muralha e sete torreões, o MMB ocupa um património histórico edificado que foi elevado a monumento nacional a 16 de junho de 1910.

A história do Museu Militar de Bragança

A história do MMB recorda-se primariamente em duas partes. Essas duas partes referem-se às respetivas datas de criação do mesmo.

A 14 de janeiro de 1929 foi criado no então Regimento de Infantaria Nº 10 (RI10). O RI 10 encontrava-se sediado no Castelo de Bragança, ocupando parte do referido castelo, bem como o espaço onde se encontrava a torre de menagem. A sua criação deveu-se à grande devoção e determinação do então comandante do RI10, o Coronel António José Teixeira, *às coisas da terra e particularmente às relacionadas com a história militar*. A criação deste museu militar foi publicada na Ordem Regimental nº 14, de 14 de janeiro de 1929. Ficou então instalado na Torre de Menagem, ocupando-a parcialmente.

Fruto da reestruturação da organização territorial do Exército Português o RI10 foi extinto, sendo substituído pelo Batalhão de Caçadores Nº 3 (BC3), herdeiro das tradições do RI10 e ficando a ocupar o mesmo espaço.

Em finais de 1958 o BC3 foi extinto, o que determinou o encerramento do MMB e a transferência do seu recheio para o Museu Militar de Lisboa (MML).

A pedido das gentes de Bragança, por determinação do então Presidente da República, General Ramalho Eanes, foi mandado reativar o MMB. Esta reativação ocorreu a 22 de agosto de 1983, data da inauguração do novo museu, tendo para o efeito sido assinado um protocolo entre a Direção de Documentação e História Militar (agora Direção de História e Cultura Militar) como representante do Estado-Maior do Exército (EME) e a Câmara Municipal de Bragança (CMB), no qual se especificam as atribuições de cada uma das entidades para a implementação e funcionamento do MMB.

O Museu passou então a ocupar os quatro pisos da Torre de Menagem.

A sua criação foi formalizada por publicação da Portaria nº 106/87, de 16 de fevereiro em Diário da República n.º 39 – I Série, da mesma data. Nesta Portaria são também referidas as suas missões fundamentais.

Por Portaria do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) foram aprovadas as armas do MMB, a 14 de janeiro de 1987.

O MMB no presente

Tendo como missão *promover a valorização, o enriquecimento e a exposição do património histórico-militar à sua guarda*, tem como possibilidades:

• Inventariar e conservar o património que lhe esteja atribuído;

• Divulgar os valores culturais ligados à história militar;

• Participar em eventos de interesse histórico-militar ou com relevante significado histórico-cultural.

As coleções patentes recordam a história militar do Nordeste Transmontano, apresentam a evolução do armamento ligeiro no Exército português desde o Século XII até ao Século XX e mostra a fortificação medieval.

O MMB orgulha-se de ser o museu militar, na organização territorial do Exército e no território de Trás os Montes, que anualmente mais visitantes recebe. Estima-se que em fevereiro de 2006 terá ultrapassado o número de 1.000.000 (um milhão) de visitantes. Desde essa data até aos dias de hoje o museu recebeu, até ao final de agosto de 2013, mais 365.932 visitantes.

Em dezembro de 2010 efetuou a candidatura de adesão à *Rede Portuguesa de Museus*, aguardando-se o parecer final.

Nos últimos anos têm sido realizadas várias ações de atualização dos procedimentos museológicos, nomeadamente, o *Regulamento Interno*, as *Normas de Conservação Preventiva* e as *Normas de Monitorização das Condições de Humidade Relativa e Temperatura*. Neste âmbito realizou-se a introdução dos dados de inventário museológico na base de dados museológica *InArte Premium*, adquirida pela DHCM.

Reconhecendo-se a importância da formação do pessoal para bem cumprir as suas funções, têm sido realizados grandes esforços neste âmbito, com especial incidência nos temas de procedimentos de conservação museológica e de receção e atendimento ao público.

Este museu pode ser visitado das 10h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00.

Coronel Infantaria OE Res António F. de Andrade Gomes

Fontes: esta imagem: static.panoramio.com; imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: upload.wikimedia.org.

A Irmandade Militar de Nossa Senhora da Conceição

A Irmandade Militar de Nossa Senhora da Conceição (IMNSC) é uma Associação Pública de Fieis, com personalidade jurídica, erigida pelo Bispo de Lamego e formada por católicos, militares e civis de ambos os sexos, nacionais e estrangeiros, que norteiam o seu proceder no respeito pelas tradições castrenses e pela prática das nobres virtudes militares. É a continuadora e herdeira da história e tradições da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, ereta na segunda metade do século XIX, na Igreja de Santa Cruz em Lamego.

Nos finais do século passado, por não haver irmãos vivos, o senhor Bispo de Lamego admitiu novos irmãos no seio desta Irmandade, entre militares e civis, que se constituíram como Comissão Administrativa, tendo assumido a missão de revitalizá-la, tendo posteriormente assumido um cariz militar, recuperando por esta forma uma antiga tradição, há muito desaparecida em Portugal.

Neste sentido, em conjugação com os serviços próprios da Diocese, foram elaborados pela Comissão Administrativa novos estatutos, conforme o normativo aplicável, os quais presentes à Assembleia da Irmandade, foram unanimemente aprovados e, posteriormente, ratificados e promulgados pelo Senhor Bispo de Lamego. Deste modo, a antiga Irmandade de Nossa Senhora da Conceição reiniciou a sua atividade, agora com a vertente de inspiração castrense, plasmada na sua designação, no corpo e espírito dos seus estatutos e na sua vivência.

Desde o início da sua atividade, esta Irmandade Militar assumiu ser de âmbito nacional e também internacional, fundamentalmente por causa dos militares estarem sempre sujeitos a uma grande mobilidade, dentro e fora de Portugal, como também pelo facto dos seus novos membros, militares e civis, serem oriundos de todas as regiões do País e haver, também, alguns que são cidadãos de países amigos e aliados que, com os seus con-

frades portugueses, comungam da espiritualidade e das finalidades da Irmandade.

A IMNSC, observa uma obediência e total lealdade à Sé de Pedro, na dependência do Bispo de Lamego, de quem recebe toda a autoridade. Tem como sua missão, glorificar e amar a Deus, Uno e Trino, venerar, promover e propagar a devoção à Santíssima Virgem, Nossa Senhora da Conceição, Rainha de Portugal e Protetora da Irmandade, e praticar a caridade para com o próximo, desenvolvendo ações de ajuda a pessoas que sejam carenciadas, se encontrem desprotegidas ou injustiçadas, e promovendo o socorro a populações pobres e vítimas de calamidades, por si ou em coordenação ou cooperação com outras entidades com os mesmos fins.

Assim sendo e devido à sua natureza e finalidades, esta Instituição tem uma estrutura hierarquizada, obedecendo aos padrões que regulam este tipo de associações de fiéis. Os seus corpos diretivos distribuem-se pela Assembleia da Irmandade (assembleia geral), Conselho da Irmandade (direção) e Conselho Fiscal, e os seus membros dividem-se pelas categorias de Capelães-Mor "ad honorem", Irmãos de Obediência, Sacerdotes e Religiosos e Irmãos de Devoção. Para distinguir e premiar qualquer entidade, singular ou coletiva, por catos relevantes à Igreja, à Pátria e ao Bem Público, esta Irmandade Militar dispõe de uma condecoração própria, designada "Cruz de Mérito", distinção honorífica que está dividida em três classes.

No âmbito das suas atividades religiosas, a IMNSC para além de realizar atos próprios, participa também nos eventos organizados por outras entidades para as quais seja convidada. Das suas iniciativas, são de relevar a cerimónia religiosa de admissão e investidura dos novos membros da Irmandade que anualmente tem lugar na Igreja de Santa Cruz durante o mês de setembro, cerimónia solene a que assistem altas entidades militares e civis convidadas e a generalidade dos membros da Irmandade, presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Lamego. De igual forma, nesta vertente, assume importância a recoleção, realizada por altura do período quaresmal, que é orientada por um dos sacerdotes capelães. É destinada tanto aos membros da Irmandade que nela desejem participar, como aos seus familiares que queiram associar-se.

No campo das atividades de solidariedade, há a salientar um donativo que foi entregue ao "Malteser International", organismo de intervenção humanitária da Soberana Ordem Militar de Malta, que foi destinado a apoiar o socorro às populações

do SE Asiático, vítimas do maremoto acontecido nos finais de dezembro de 2004, calamidade que vitimou cerca de meio milhão de pessoas entre os quais alguns portugueses; e também os donativos em medicamentos e livros que foram enviados para uma missão católica em Timor-Leste.

Para além destas atividades inopinadas, a IMNSC concede uma "bolsa de estudo" anual, destinada a um estudante, de parcos recursos financeiros, e faz a atribuição de um subsídio destinado à comunidade de monjas do Mosteiro Dominicano do Monte de Santo Estêvão, em Lamego, que vivem com grandes dificuldades. Mais recentemente, concedeu um apoio financeiro ao fundo de emergência social fundado pela Conferência Episcopal e gerido pela Cáritas Portuguesa.

Para além destes projetos, a Irmandade Militar tem programado uma ajuda às populações carenciadas da República da Guiné-Bissau, a providenciar por intermédio da Embaixada da Ordem de Malta naquele país, e desenvolver ações de apoio médico-sanitário, em parceria com a Associação de Médicos (AMAI), direcionados aos países lusófonos da CPLP. A longo prazo, há a intenção de se construir uma casa para repouso e tratamento de pessoas que padeçam de doenças do foro neurológico. Esta empresa, que vai envolver apreciáveis meios humanos e recursos financeiros, está já em desenvolvimento, pretendendo-se recolher fundos e estabelecer contactos com entidades interessadas neste projeto, elaborarem-se protocolos de ajuda e de parceria, com a finalidade de levar por vante tão importante iniciativa.

Por fim, como muitos dos seus membros militam em grupos de voluntários que trabalham em hospitais ou noutras instituições de solidariedade social, a Irmandade incentiva estas formas de voluntariado e, neste sentido, participa em todas as ações de angariação de fundos para instituições a

Fonte da imagem da página anterior: joaopaulosampaio.files.wordpress.com.

Fontes: esta imagem: upload.wikimedia.org; imagens da página anterior: 4.bp.blogspot.com.

Livro da Pátria

que pertencem e que são externas à Irmandade.

Por razão de toda esta atividade, a Irmandade Militar vem organizando e realizando espetáculos culturais com o intuito de recolher fundos destinados a suportar todas estas obras assistenciais e de solidariedade humana.

O Livro da Pátria

O Livro da Pátria é constituído pelas relações contendo os milhares de nomes dos militares do Exército, da Marinha e da Força Aérea, dos membros de Forças de Segurança e dos civis que morreram ao serviço da Pátria, durante o Século XX, desde as Campanhas da Pacificação, I Grande Guerra (Moçambique, Angola, França e no Mar), invasão japonesa de Timor, na II Guerra Mundial, invasão do Estado Português da Índia, Guerra do Ultramar, Operações de Apoio à Paz (já entrando neste século) e a relação dos Portugueses africanos que foram fuzilados por terem servido nas Forças Armadas de Portugal.

Filmes & Jogos

Rush: Duelo de Rivais

Biografia, Ação, Drama

Realizado por Ron Howard, realizador de "Apollo 13" e de "Uma mente brilhante", *Rush: Duelo de Rivais* tem como tema central a rivalidade lendária entre as duas estrelas da Fórmula 1, o inglês James Hunt (Chris Hemsworth) e o austríaco Niki Lauda (Daniel Brühl), durante a temporada de 1976.

Num tempo em que os critérios de segurança não eram tão apertados e o risco de morte era muito elevado, os dois pilotos representando as equipas rivais Mclaren e Ferrari, deram tudo por tudo e arriscaram corajosamente as suas vidas na disputa pelo título.

Muita além do brilhantismo da realização em recriar a Fórmula 1 da época, em tudo diferente da presente, este filme biográfico apresenta-nos um jogo de emoções em que as personalidades contrastantes dos protagonistas enriquecem sobremaneira a matéria cinematográfica de que é feito.

Splinter Cell – Blacklist

Jogo de ação, Playstation3, Xbox 360, Wii U, MS Windows

Esta é a sexta instalação da série de videojogos *Splinter Cell*, criada pelo recentemente falecido Tom Clancy, autor de excelência na temática da intriga militar e espionagem. Nesta edição, o jogador assume novamente o papel de Sam Fischer, um agente altamente treinado e membro da unidade de elite "Fourth Echelon", que responde apenas ao presidente dos EUA. O objetivo é travar o grupo terrorista "The engineers" que a cada sete dias lança o caos no território americano visando forçar a retirada de todas as tropas norte-americanas presentes no estrangeiro. O jogador pode servir-se de um sem número de *gadgets*, armas e fardamento para travar a ofensiva terrorista intitulada "Blacklist". O jogador pode optar pelo modo furtivo sem disparar um único tiro e servindo-se apenas de ataques não letais para completar as missões.

Editado pela Ubisoft, este jogo promete horas de entretenimento e muita ação, à semelhança do que já vem sendo habitual na famosa série *Splinter Cell*.

Combate Medieval

Segundas-feiras, 18h15, no Canal História

Em *Combate Medieval*, um grupo de competidores entra em duelo pela honra máxima, num dos desportos mais perigosos da história. E não se trata de simulações do tipo "feira medieval". O espectador pode preparar-se para assistir, em direto, a um verdadeiro confronto entre dois cavaleiros medievais. A cada episódio, novos competidores serão treinados por veteranos. O objetivo é participar nos torneios e, ao final do dia, somente um será consagrado o campeão deste tipo de torneio, conhecido por 'justas'.

Este programa será apresentado às segundas-feiras, pelas 18h15, no Canal Historia.

Livros & Revistas

Ocaso em tempo que nasce

Nesta obra acompanhamos o Tenente Miliciano Jorge Miguel Alves do Canto, personagem central que foi mobilizado para prestar serviço em Angola, no ano de 1973, no contexto da Guerra do Ultramar. O autor, já conhecido pela publicação de alguns livros de base histórica romanceada, cujos protagonistas, eventos e lugares existiram ou ainda existem, mas receberam, na sua maior parte, designações e nomes fictícios, retrata os últimos anos da Guerra e das províncias portuguesas ultramarinas, sempre com uma toada romanceada, mas autêntica do que muitos militares viveram naquela época. "Pode já ver nitidamente o solo coberto de vegetação escura cortada por linhas de água de reflexos prateados, a extensa e espraiada foz do Rio Zaire e as línguas de areia batidas pelas ondas que por norte e sul a ladeavam", esta é apenas uma das várias discrições da riqueza natural de África, que acompanham o desenrolar da história e "transportam" o leitor para os locais do acontecimentos.

Alves, José Lopes, *Ocaso em Tempo que Nasce – Os Últimos Meses de um Império* , Europress, Lisboa, 2013.

Adeus, até ao meu regresso

Trata-se na realidade de uma compilação de muitas histórias, com um denominador comum: A Guerra Colonial. São várias manifestações literárias, que procuram captar o essencial do que está escrito desde 1964 sobre a Guiné: Diários, reportagens, romance, memórias, entre outras narrativas, que representam, no mínimo, uma pessoa, uma história, excertos de experiências vividas por pessoas reais. Nesta compilação existe, inclusive, uma referência ao livro As Ausências de Deus No Labirinto da Guerra Colonial, de António Loja. É um cruzar de experiências e histórias que não deixará ninguém indiferente.

Santos, Mário Beja, *Adeus, até ao meu regresso,* Âncora Editora, Lisboa, 2012.

All About History

All About History, publicada em língua inglesa, pretende ser uma revista de História, mas diferente das suas congéneres. O seu aspeto gráfico, recorrendo a muito material iconográfico, como fotografias e muitos desenhos e mapas originais, dá a esta revista uma enorme dinâmica no tratamento dos temas. Não é uma revista académica, com longos artigos. Pelo contrário, muitos artigos, curtos e de temáticas muito diversificadas, permitem ao leitura disfrutar da revista com uma enorme vontade de passar à página seguinte. Para aceder à página da *Internet* desta publicação: http://www.historyanswers.co.uk.

Coronel Cardoso Ferreira (1953-2012)

No dia 21 de setembro de 2013, um grupo de militares e amigos do Coronel Manuel Cardoso Ferreira, a que se juntou a família, reuniu passado um ano sobre a data do seu falecimento, para homenagear e lembrar o camarada e o companheiro que viram partir cedo de mais. A saudade e a lembrança mantêm-se vivas nos corações daqueles com quem privou.

Ficou evidente no poema dito pelo camarada e amigo Coronel de Cavalaria Roberto Durão que a todos emocionou e que abaixo se transcreve:

"«Máquina», assim te chamavam os comandos, lá na guerra, na mata, mas homem de caráter, sempre humano, justo e bom, na guerra ou na paz, como todo o autêntico Comando deve ser.

Lá na tua Ericeira passei há pouco uns dias, cercado de ondas e gaivotas
tentando achar novas e perdidas rotas.
Embora já não estando entre nós, procurei-te e ao teu barco.
Com os meus sentidos não te podia ver, é certo.
Porém, com os sentidos da Alma, senti que andavas perto
Estavas sorrindo disto tudo, a navegar, a navegar
Sem barco nem velas.
Por entre antigas , esquecidas caravelas,
rodeado de núvens e de espuma do mar.
Sim, eu bem te senti, quase juro que te vi...
Olhavas a Distância, o Azul , sem em mim reparares,
Sem precisar de rezas ou de altares.
Eu só te via navegar , navegar, agora para outros Mares
Em ondas de capim, ainda com sabor a sangue, sol e sal
Que te levavam talvez para um novo e eterno Portugal.
Tu bem sabes agora que posso dizer-te isto
- O primeiro Comando foi Cristo,
Combateu pela Paz e pela Paz viveu e morreu.
Ele também lutou a teu lado, com convicção te digo
Porque era teu amigo, e de todos nós.
Nunca te abandonou e tu também não nos deixaste sós.
Foste um homem sempre em tudo presente e integral,
E, assim, é no próprio Silencio que talvez te ouviremos melhor,
Sempre franco, discreto, coerente e leal.
Porque, afinal:
Deus é o Silêncio que fala
Na paz que há dentro de nós,
Quando a nossa voz se cala
E Ele, então, nos fala, a sós." (...)
MAMA SUME!

Kioshi Kobayashi (1925-2013)

Não há cadete da Academia Militar, entre os anos de 1964 a 1995, período no qual o mestre Kobayashi foi instrutor da modalidade de Judo, que não recorde esta figura mítica daquela casa e do judo em Portugal.

O mestre Kobayashi foi combatente japonês durante a 2ª guerra mundial, uma experiência de vida que certamente marcou a sua personalidade, mas da qual não falava muito.

Médico de profissão, a sua grande paixão era o judo e poderemos dizer também que se estendeu a Portugal, país a que chegou em 1958, para uma curta estadia de dois anos e onde acabou por permanecer por mais de 50.

O mestre tinha uma das mais altas graduações de judo, o nono dan (em dez possíveis) e que lhe foi atribuído pela Federação Internacional de Judo. Passou por diversos clubes de judo em Portugal e foi instrutor da modalidade na Academia Militar e da Força Aérea e ainda do Corpo de Fuzileiros. Foi também selecionador nacional tendo liderado várias equipas portuguesas em campeonatos da Europa

e do Mundo, bem como nos Jogos Olímpicos de Montreal (1976), Los Angeles (1984) e Seul (1988).

Os seus conhecimentos de medicina oriental eram uma bênção para os militares lesionados. As suas mãos "milagrosas" aliviaram e curaram muitas mazelas, sobretudo do foro muscular.

Ao mestre Kobayashi a nossa sincera homenagem.

PLANO DE SAÚDE DENTÁRIO EXCLUSIVO

PARA OS MILITARES E CIVIS DO **EXÉRCITO PORTUGUÊS**, INCLUINDO AS SUAS FAMÍLIAS

Já não custa ter um sorriso bonito e uma boca saudável

Preço: 30€ pessoa/ano - (Preço família, especial de lançamento 75€/ano incluíndo cônjuge e descendentes)

VANTAGENS:

- Mais de **3000 médicos dentistas** à sua disposição em todo o território nacional e ilhas.
- **Todas as especialidades cobertas** e todos os tratamentos que possa necessitar.
- **Clínicas seleccionadas** que cumprem os máximos standards de Qualidade.
- **Redução dos custo nos tratamentos em mais de 50% do preço privado** (ver tabela completa na página Web).
- **Tratamentos preventivos e mais frequentes SEM CUSTO.**

TRATAMENTOS	PLANO DE SAÚDE EXÉRCITO / DENTALREDE	PREÇOS MÉDIOS EM PRIVADO
CONSULTAS E VISITAS DE ESPECIALIDADE	SEM CUSTO	30,00€
DESTARTARIZAÇÃO (LIMPEZA)	SEM CUSTO	40,00€
RADIOGRAFIAS	SEM CUSTO	10.00€
COROAS E PONTES DE CERÂMICA	240.00€	400.00€
ORTODÔNTIA	255,00€ (POR APARELHO)	500,00€ (POR APARELHO)
EXTRACÇÕES SIMPLES	SEM CUSTO	30,00€

Ver toda a informação
www.Dentalrede.pt/parceiros/exercito português

INSCREVA-SE JÁ!!!

Fale connosco através do

☎ 808 201 665

Conheça as vantagens do seguro para Portadores de Armas.

Data de atualização: novembro 2013. Publicidade. Escrito segundo o Novo Acordo Ortográfico.
Atividade seguradora supervisionada pelo Instituto de Seguros de Portugal.

Na AXA a nossa missão é a sua proteção.

CARTÃO CLUBE AXA

Totalmente **gratuito**, permite-lhe usufruir de **descontos imediatos** e diretos na rede de parceiros AXA.
Saiba mais em **www.axa.pt/clube-axa**

A AXA é a 1.ª marca seguradora a nível mundial pelo 5.º ano consecutivo Best Global Brands 2013, Interbrand.

A AXA disponibiliza, para as **Forças Militares e Policiais**, um vasto conjunto de soluções de seguros e serviços com condições especiais.

Destacamos o **seguro de saúde Vitalplan**, disponível em 4 opções que se adaptam às suas necessidades de proteção. Conheça ainda as vantagens do seguro de **Vida**, **Automóvel**, **Habitação**, entre muitas outras.

Saiba como poderá usufruir das vantagens AXA.

Conte connosco. Contacte-nos, através de:

Linha de Apoio ao Cliente 707 281 281
dias úteis, das 8h30 às 19h00

Mediador AXA | Espaço AXA mais próximo

Poderá consultar as nossas soluções e serviços em **www.axa.pt**

As condições apresentadas são válidas até 31/12/2014.
Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida.

AXA Portugal, Companhia de Seguros de Vida, S.A.
Sede: Edifício AXA, Av. dos Medronheiros, Lote 1 (Pt. 1, 2, Parque das Nações, Apart. 1953, 1059-801 Lisboa
Tel. 21 350 6300. Fax 21 350 6138. Matrícula/Pessoa Coletiva N.º 502 220 473
Conservatória do Registo Comercial de Lisboa. Capital Social 10.000.000 Euros

AXA Portugal, Companhia de Seguros, S.A.
Sede: Rua Gonçalo Sampaio, 39, Apart. 4076, 4002-001 Porto
Tel. 22 606 1100. Fax 22 606 1136. Matrícula/Pessoa Coletiva N.º 503 454 109
Conservatória do Registo Comercial do Porto. Capital Social 30.670.805 Euros

redefinimos / standards

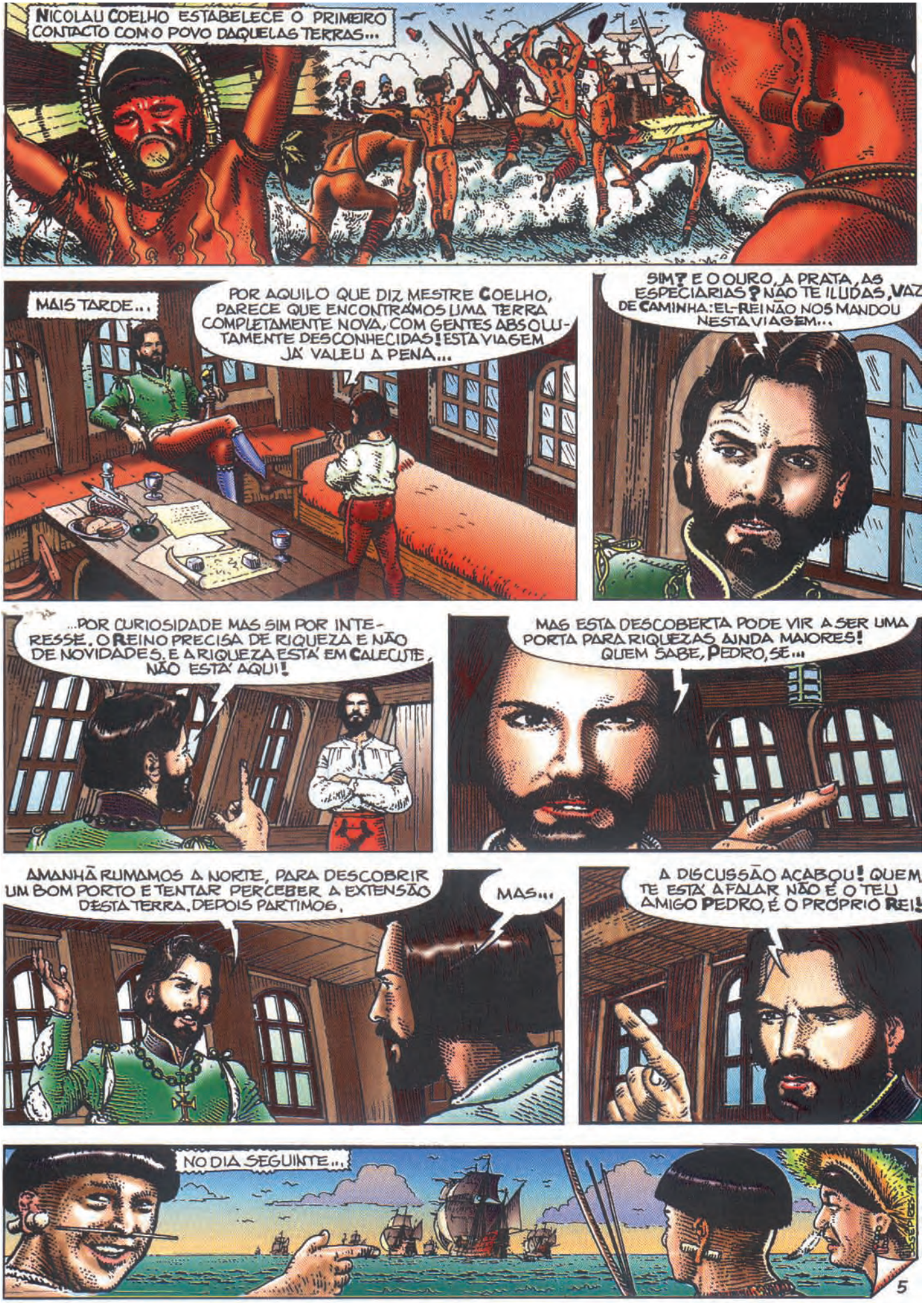
AXA

NA MANHÃ SEGUINTE NICOLAU COELHO VAI A TERRA...

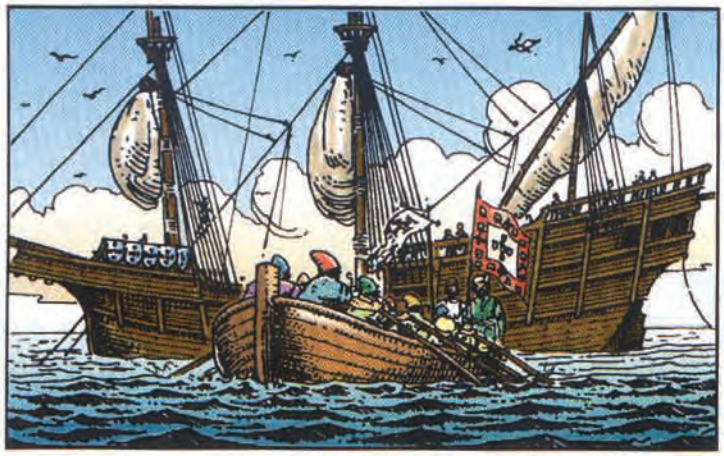
OLHAI! ALI!

MAS!... ESTÃO TODOS NUS?!

QUE GENTES SERÃO ESTAS? QUE PENA ESTA FORTE REBENTAÇÃO NÃO NOS PERMITIR O DESEMBARQUE...
JOSE DIAS/97
4


NICOLAU COELHO ESTABELECE O PRIMEIRO CONTACTO COM O POVO DAQUELAS TERRAS...
MAIS TARDE...
POR AQUILO QUE DIZ MESTRE COELHO, PARECE QUE ENCONTRÁMOS UMA TERRA COMPLETAMENTE NOVA, COM GENTES ABSOLUTAMENTE DESCONHECIDAS! ESTA VIAGEM JÁ VALEU A PENA...
SIM? E O OURO, A PRATA, AS ESPECIARIAS? NÃO TE ILUDAS, VAZ DE CAMINHA: EL-REI NÃO NOS MANDOU NESTA VIAGEM...
...POR CURIOSIDADE MAS SIM POR INTERESSE. O REINO PRECISA DE RIQUEZA E NÃO DE NOVIDADES. E A RIQUEZA ESTÁ EM CALECUTE, NÃO ESTÁ AQUI!
MAS ESTA DESCOBERTA PODE VIR A SER UMA PORTA PARA RIQUEZAS AINDA MAIORES! QUEM SABE, PEDRO, SE...
AMANHÃ RUMAMOS A NORTE, PARA DESCOBRIR UM BOM PORTO E TENTAR PERCEBER A EXTENSÃO DESTA TERRA. DEPOIS PARTIMOS.
MAS...
A DISCUSSÃO ACABOU! QUEM TE ESTÁ A FALAR NÃO É O TEU AMIGO PEDRO, É O PRÓPRIO REI!
NO DIA SEGUINTE...
5

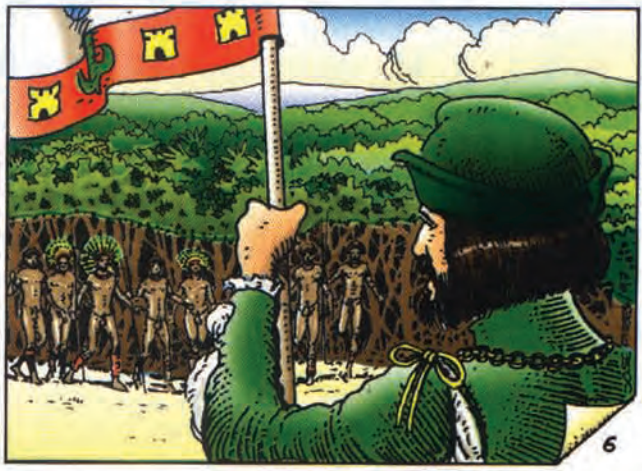
A ARMADA LANÇA FERRO, CINQUENTA QUILÓMETROS MAIS A NORTE, FRENTE A UMA ANGRA QUE SERIA CHAMADA CABRÁLIA...

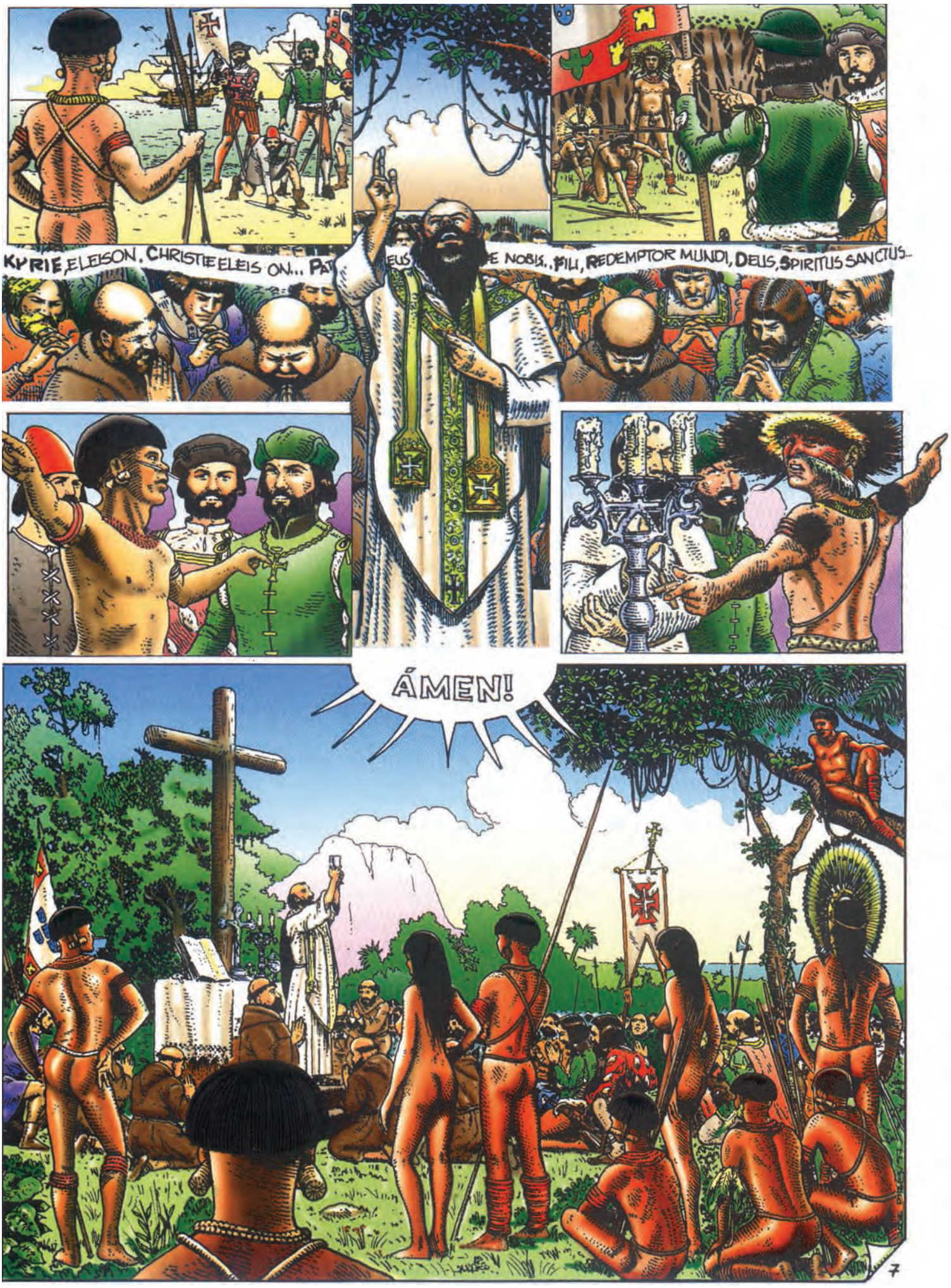


ESTAS CORES, ESTAS ÁRVORES, ESTES SONS... QUE ACHAIS CHAMAR A TUDO ISTO TERRA DE VERA CRUZ?

ÓPTIMA IDEIA, CAPITÃO, ÓPTIMA IDEIA!

RECLAMO ESTA TERRA, QUE BAPTIZO DE VERA CRUZ, PARA A COROA DE PORTUGAL EM NOME DE EL-REI DOM MANUEL!


6


KYRIE, ELEISON. CHRISTIE ELEIS ON... PA
EUS
E NOBIS.. FILI, REDEMPTOR MUNDI, DEUS, SPIRITUS SANCTUS...
ÁMEN!

€2.00 (IVA incluído)

Ano LIV – n.º 632
NOVEMBRO DE 2013
EDIÇÃO ESPECIAL
DIA DO EXÉRCITO

jornal do Exército

Dia do Exército
Sentir no Exército
a Pátria que sempre fomos

Soluções Ordenado Santander Totta

Damos mais valor ao seu ordenado

iPad 4
Wi-Fi 4G 16GB

Para ordenados ou reformas a partir de 2.500€ ou 1.500€ com variação de recursos ≥ 20.000€

Câmara de Filmar Toshiba

Máquina de Café Dolce Gusto

DVD Portátil Philips

Samsung TV LED

NetBook Toshiba NB510

GPS Garmin

Máquina Fotográfica Fujifilm

PlayStation3 160 Gb

Samsung Galaxy Ace

Para ordenados a partir de 375€ e reformas a partir de 300€

Para ordenados ou reformas a partir de 1.500€

No Santander Totta sabemos que uma gestão eficiente do seu dia-a-dia permite-lhe ganhar tempo e dinheiro. Com as nossas Soluções Ordenado queremos estar em sintonia consigo, para que possa aproveitar melhor cada momento da sua vida. Conte connosco.

Santander Totta
O Valor das Ideias

PROTOCOLO

www.santandertotta.pt

O valor mínimo de ordenado ou reforma líquido domiciliado para acesso a um dos equipamentos é de 375€ e 300€ respectivamente, excepto para a TV LED, o Netbook Toshiba, o Samsung Galaxy Ace e a Playstation3 que é de 1.500€ e para o iPad que é de 2.500€ ou 1.500€ e variação de recursos de valor igual ou superior a 20.000€ face ao saldo pontual de 31 de Dezembro de 2012 . O pedido de equipamento deve ser efectuado pelo Cliente até 28 de Março de 2013 (válido para novas domiciliações de ordenado ou reforma), devendo a 1ª domiciliação de ordenado ou reforma (e incremento de recursos, no caso do iPad4) e reclamação do equipamento ocorrer nos 3 meses subsequentes. Caso o Cliente venha a encerrar a conta ou se deixe de verificar o cumprimento dos requisitos antes de decorridos 25 meses, o Cliente é obrigado a ressarcir o Banco tendo em conta a proporção do prazo não decorrido. O valor indicativo de referência a considerar para efeitos da presente compensação cifra-se em 640€ no caso do iPad4, em 300€ no caso da TV LED, do Netbook Toshiba, do Samsung Galaxy Ace e da Playstation3 e em 150€ para os restantes equipamentos. Para efeitos de validação do cumprimento do requisito relativo ao saldo de recursos (que compreendem os Saldos de Depósitos à Ordem, Depósitos a Prazo, Contas de Rendimento e Poupança, Produtos Estruturados, Fundos de Investimento, Seguros Financeiros e Planos de Poupança Reforma/Educação e excluem Carteiras de Títulos), não serão consideradas as oscilações negativas do preço de mercado, ou seja, eventuais desvalorizações dos produtos detidos pelo Cliente nem as variações negativas do Saldo de Depósitos à Ordem. Oferta limitada ao stock existente. As imagens da Máquina de Café Dolce Gusto e do iPad 4 podem não corresponder à cor atribuída ao Cliente. A qualidade do equipamento e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Monumento com História Militar
O Castelo de Lamego – 4
Editorial – 5
Figuras e Factos – 6
Cerimónia Militar – 16
Alocução do General CEME – 32
Alocução do Ministro da Defesa Nacional – 37
Escolas Latino Coelho nas Comemorações do Dia do Exército – 42

O que fomos e somos, sempre, ao serviço de Portugal – 20

Capa

Foto: Alf RC Filipa Domingos

Sentir o Exército na Pátria que sempre fomos – 40

Atividades Escolares e Académicas – 48

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Assistente Técnica Joana Moita; **REDAÇÃO - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1.º Sargento Anjos Das Neves; **Redatores:** Alferes RC Filipa Domingos; Alferes RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares:** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA -** Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA -** Sersilito - Empresa Gráfica Lda. - Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

O Castelo de Lamego

Imponente e vigilante são as primeiras impressões que nos vêm à mente quando avistamos o Castelo de Lamego. Este encontra-se no topo do monte mais alto da cidade, sendo o seu acesso difícil, devido ao terreno acidentado que o rodeia. Começou a ser erguido no século XII, já sob domínio português, e mais tarde, ao longo do século XIII viria a ser edificada a muralha da cidadela, com o objetivo de enriquecer o sistema defensivo já existente.

Como acima referido, atribui-se a meados do século XII a construção da torre de menagem e a definição genérica da alcáçova. Contudo, anterior ao castelo, já existia um castro (pequeno aglomerado populacional fortificado), provavelmente onde hoje se encontra a fortificação que hoje conhecemos. De arquitetura militar, românica e gótica, trata-se de um castelo de montanha rodeado por perímetro muralhado circundante de planta irregular, que se adapta à morfologia do terreno. Destaque para a torre de menagem, que se encontra no ponto mais alto da cidade, a 543 metros de altitude e permitia uma visão ampla dos arredores e do perímetro da muralha, bem como proporcionava uma boa base de tiro direto. De planta quadrada e porta elevada a dois metros do solo, tem três pisos de madeira fortemente embutida nas paredes de pedra. Unido à torre de menagem por dois lados, surge um resistente muro de pedra sem ameias, com mais ou menos dois metros de espessura e forma de polígono hexagonal irregular, formando assim a praça de armas. Referência ainda para a alcáçova e as muralhas circundantes que se encontram em plano inferior.

A cidadela na idade média tinha duas entradas apenas, a "Porta do Sol" na parte sul e a "Porta da Vila" a norte. Hoje existe ainda grande parte da muralha, apesar de um pouco escondida devido ao aglomerado de casas que ao longo dos tempos foram crescendo ao seu redor. Ainda dentro do perímetro muralhado merece referência a cisterna, localizada junto a um dos troços. É um edifício grande (com dimensões aproximadas de vinte metros de comprimento por dez de largura), abobadado e suportado por quatro arcos apontados, cujo acesso é feito por porta lateral com escadaria e ligação à muralha. Como curiosidade, convém referir que se trata de uma das cisternas do género mais bem conservadas de Portugal.

Como muitos outros castelos do género, também o de Lamego foi vítima da perda da sua função militar e da expansão da cidade. Durante o século XIX, assistiu-se à edificação de casas junto às muralhas e foi demolido um torreão para aproveitamento de pedra em outras construções.

Mais tarde, numa tentativa de recuperar o património histórico, a fortificação foi classificada como Monumento Nacional desde 1910. Após várias intervenções de restauro, promovidas pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, bem como pela própria autarquia de Lamego, o castelo passou a ter condições para, em 1976, albergar a sede do Grupo Nº 49 dos Escuteiros de Portugal, que em colaboração com a câmara municipal, procederam à limpeza da Praça de Armas. Em 26 de maio de 1977 acabou mesmo por ser celebrado um protocolo entre a Câmara Municipal de Lamego e a Associação dos Escuteiros de Portugal, que confirmou a localização da sede do Grupo Nº 49, ficando a cargo destes a limpeza, conservação, bem como a guarda do monumento.

Atualmente, o Castelo de Lamego é visitado todos os anos por milhares de turistas.

Alferes RC Eder Sousa

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Ó Pátria mil vezes Santa
-Meu Portugal, minha terra,
Onde vivo e onde nasci!

Na tua História me perco
E nela tudo aprendi.

Mesmo que fosses pequena
E eu te visse pobre ou núa,
-Ninguém ama a sua Pátria por ser grande,
Mas sim por ser sua!

In "Baionetas da Morte", António Botto

Resolveu o Exército fazer um número especial do *Jornal do Exército*[JE], para que os acontecimentos evocativos do seu dia comemorativo, 24 de outubro, data da Conquista de Lisboa, ficassem desta forma indelével registados e fossem partilhados por o maior número de cidadãos possível de hoje e de amanhã. A inspiração que serviu de mote às comemorações, que este ano tiveram lugar em Lamego, não poderia ser melhor, na nossa modesta opinião, e que se resumem nas palavras proferidas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, no seu discurso: "manter viva a esperança, sentindo no Exército a Pátria que sempre fomos".

O que se passou ali foi mais do que um simples dia do Exército, foi um exaltar da Pátria com quase nove séculos, desde o Primeiro Soldado de Portugal, o Patrono do Exército, D. Afonso Henriques, que nasceu em Guimarães em 1109 e faleceu em Coimbra em 1185, com o cognome de O Conquistador, os seus restos mortais jazem na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, conforme informação de "Bustos e Chronologia dos Soberanos de Portugal", coordenado e desenhado por António Joaquim Alves, em 1878. Vale a pena recordar, segundo reza a História, que Guimarães é conhecida pelo Berço da Nacionalidade; Lamego foi a região onde o nosso primeiro rei recebeu a educação do seu exemplar aio Egas Moniz, que tinha casa em Britiande; Lisboa, que hoje é a capital, foi a cidade conquistada em 1147 e Coimbra foi também a capital do reino e sempre ligada à cultura pela sua Universidade, que recentemente foi considerada Património Mundial da Humanidade, pela Unesco.

Quando se evoca o Exército é toda a Pátria que está em causa, porque Portugal é obra de soldados e estes foram e são todos importantes, quaisquer que seja o seu berço ou a sua tumba, porque sempre souberam cumprir Portugal! O Exército sempre foi uma Escola de valores e princípios reconhecido pela sociedade civil. No artigo "Escolas Latino Coelho nas Comemorações do Dia do Exército- Testemunhos de um Professor de História", podemos ler o seguinte: "Necessitamos de recuperar alguma disciplina e ordem que o sistema militar mantém, só assim as Escolas poderão voltar a ser espaços de aprendizagem e de formação e não meros depósitos de crianças e jovens que só ali estão porque o sistema obriga. Tal como os "Rangers" também a comunidade educativa que, continua a acreditar na educação como investimento de futuro, terá que todos os dias seguir o lema "que os muitos por ser poucos não temamos".

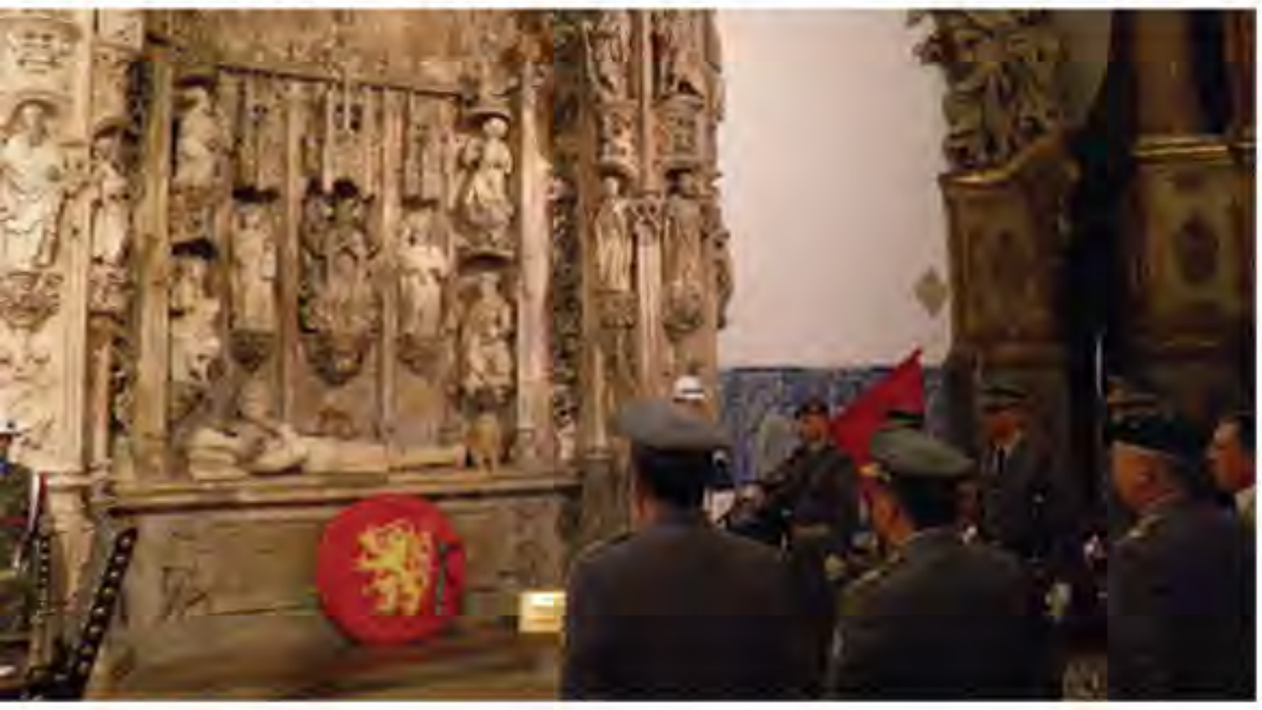
São estas lições de patriotismo e cidadania que transparecem nas páginas neste JE Especial, dedicados ao Dia do Exército, na Homenagem do Exército ao seu Patrono, nas Comemorações do Dia do Exército, na Zona Militar dos Açores e na Zona Militar da Madeira. A lembrança deste dia também se verificou além-fronteiras, onde os militares do Exército servem nas Forças Nacionais Destacadas e na Cooperação Técnico-Militar. Os artigos intitulados "O que fomos e somos, sempre ao serviço de Portugal", que serviu de guião à cerimónia em Lamego, da autoria do Coronel de Infantaria Lemos Pires e do Major de Cavalaria Luís Pimenta e, ainda, "Atividades Escolares e Académicas", da responsabilidade da Academia Militar. Os discursos do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro e do Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Pedro de Aguiar-Branco, completam este documento histórico.

José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

Exército homenageia o seu Patrono

Como já é tradição, o programa oficial das comemorações do Dia do Exército teve início na cidade de Coimbra, com a homenagem a D. Afonso Henriques na Igreja de Santa Cruz, onde o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, depositou a réplica da Espada no túmulo do Primeiro Rei de Portugal, fundador da nacionalidade e Patrono do Exército.

A título de curiosidade, note-se que esta Espada retirada do túmulo do 1º Rei de Portugal, na Igreja de Santa Cruz em Coimbra, em 1834, é tradicionalmente classificada como tendo pertencido a D. Afonso Henriques. No entanto, alguns autores têm defendido que pela sua tipologia, esta arma é provavelmente da 2ª metade do Século XV.



O seu aparecimento no túmulo de D. Afonso Henriques justificar-se-ia pelo facto de D. Sebastião ter requerido a abertura de alguns sarcófagos reais, pedindo de empréstimo as armas de seus antecessores (como amuletos de conquista), as quais teria levado para a malograda campanha do Norte de África.

Tendo ficado na armada, de regresso a Portugal, esta espada teria sido indevidamente encerrada no túmulo de D. Afonso I. Apontam ainda a hipótese de ter pertencido a D. Afonso V.

Atividades Culturais

Integrado no Programa D. Afonso Henriques, a Direção de História e Cultura Militar promoveu no Teatro Ribeiro Conceição uma exposição de pintura, envolvendo cerca de 20 participantes, com telas alusivas " À Pátria que somos e ao Exército que temos", e uma exposição literária, da autoria de militares, que envolveu livros relativos aos teatros de operações em que o Exército participou com forças: Grande Guerra; Índia; Guiné; Angola; Moçambique; Bósnia; Kosovo e Afeganistão.

Ainda no âmbito deste Programa, foram promovidas outras atividades de índole cultural, nomeadamente, uma conferência e o lançamento de livros:

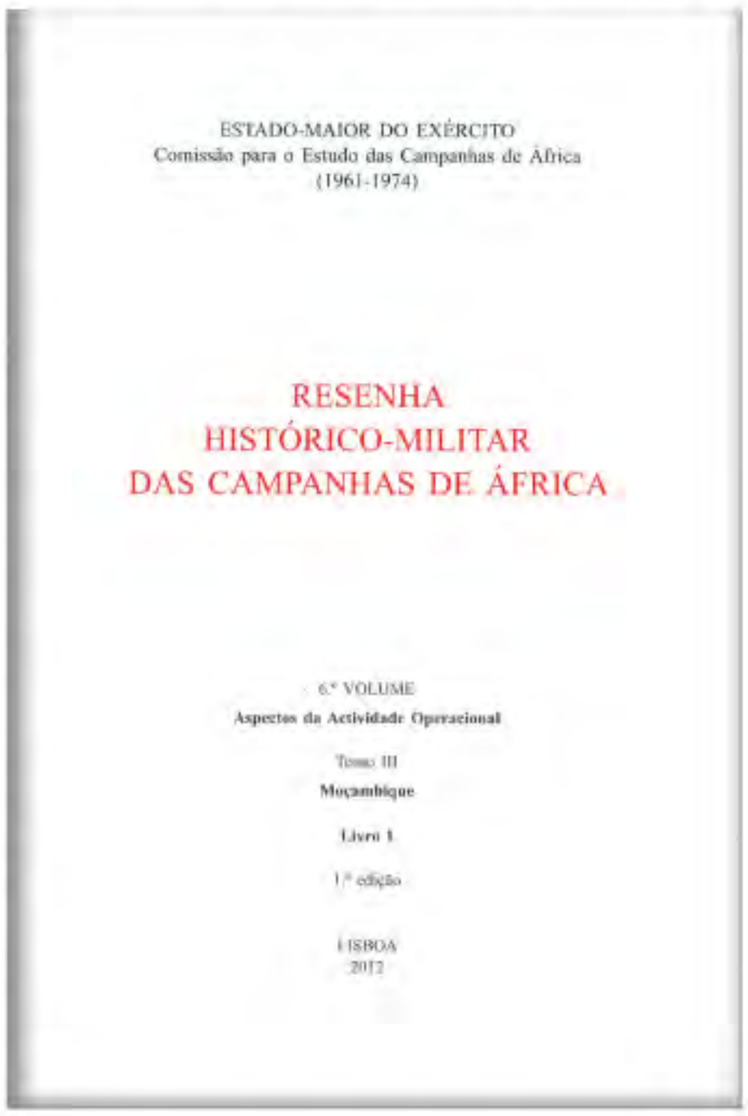
A conferência proferida pelo Coronel António Leitão, no dia 23 de outubro, no Museu de Lamego, subordinada ao tema "O teatro de operações do Afeganistão". Entre a assistencia estavam professores e alunos do Instituto Politécnico de Viseu, nomeadamente, da Escola de Economia e Gestão, sedeada em Lamego.

O lançamento do livro "aspectos da Actividade Operacional – Moçambique (1969-1974)", foi presidido pelo Tenente-General VCEME e apresentado pelo Tenente General Abel Cabral Couto e Coronel Tir Rio de Carvalho da Comissão de Estudos das Campanhas de África, no auditório do Museu de Lamego, em 29 de outubro.

Queremos salientar, que esta obra, foi uma homenagem a todos aqueles que por terras de Moçambique, ao longo dos séculos e, em especial, no séc. XX, deram o seu esforço e sangue pelo que se entendia, então, que era Portugal, fossem eles Soldados, Marinheiros, Aviadores, Grupos Especiais, membros da PSP,OPVDC, Flechas, Milícias locais ou Quadros e Forças Administrativas.

Entre os presentes contaram-se muitos Oficiais, Sargentos, Praças e representantes da comunidade local.

Toda esta atividade histórica-patrimonial, literária e de pintura foi apoiada pelo Comando de Tropas de Operações Especiais, bem como, a cooperação inestimável da Câmara Municipal de Lamego.



A Vida em Combate de Soldados Portugueses

Num período em que se comemoram os cem anos sobre o envolvimento de Portugal na Primeira Guerra Mundial, e aproveitando também os festejos do Dia do Exército, foi lançada uma obra literária sobre a temática.

Apresentada no dia 25 de outubro, na Casa do Poço (Museu Diocesano), em Lamego, e da autoria do Major de Infantaria Fernando Rita, a obra intitula-se "Na Sombra do Expedicionário. A Vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial".

No evento estiveram presentes o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, o Diretor do Museu Militar de Lisboa, Coronel Luís Albuquerque e o autor do livro, entre outros ilustres militares, civis e alunos.

Como "um livro para ler e meditar", foi a forma como o Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General Joaquim Chito Rodrigues, classificou esta obra que considerou como sendo "enriquecedora da História Militar Portuguesa", congratulando-se pelos testemunhos e fatos apresentados que evidenciam o valor e a coragem dos seus protagonistas.

Segundo sublinha no Prefácio, de sua autoria, "os relatos e vivências selecionados e descritos pelo Major Rita, conduzidos pelas Forças Armadas Portuguesas, em três frentes, mostram de uma forma realista, envolvente e emotiva, as várias situações vividas pelos militares portugueses na frente do campo de batalha, no início do século XX". Mais acrescenta, que "trata-se de um livro sobre o Homem, o ambiente político, estratégico e tático e as circunstâncias da guerra, sobre o próprio homem que tem que a fazer e sofrer".

Segundo o autor, a ideia para esta obra surgiu em 2011, através de familiares próximos que tinham participado no conflito. Rapidamente os testemunhos foram sendo transmitidos através de curtas e antigas memórias orais do legado familiar, trazendo assim ao público em geral, a possibilidade de descobrir algumas histórias da vida em combate dos soldados que ali são recordados.

"Se ao longo do tempo alguns nomes ligados a este marco da história nacional se tornaram conhecidos do público em geral, muito por influência dos livros de história, grande parte das vidas dos combatentes sempre foi totalmente desconhecida, permitindo agora este livro evocar alguns desses nomes", defendeu.

O Major Fernando Rita, atualmente a frequentar o doutoramento em História Moderna e Contemporânea, leciona Logística e História na Academia Militar e é autor de outro livro, de seu nome: "A Guerra Peninsular em Santarém. Impactos da Terceira Invasão Francesa na região em 1810 e 1811".

As tropas portuguesas ocupando posições nas trincheiras da Flandres numa das linhas de defesa do sector português.
Fonte: Fundo Iconográfico da Biblioteca da Liga dos Combatentes.

Resistência das tropas portuguesas no dia 9 de abril de 1918, durante a batalha de La Lys.
Fonte: Fundo Iconográfico da Biblioteca da Liga dos Combatentes.

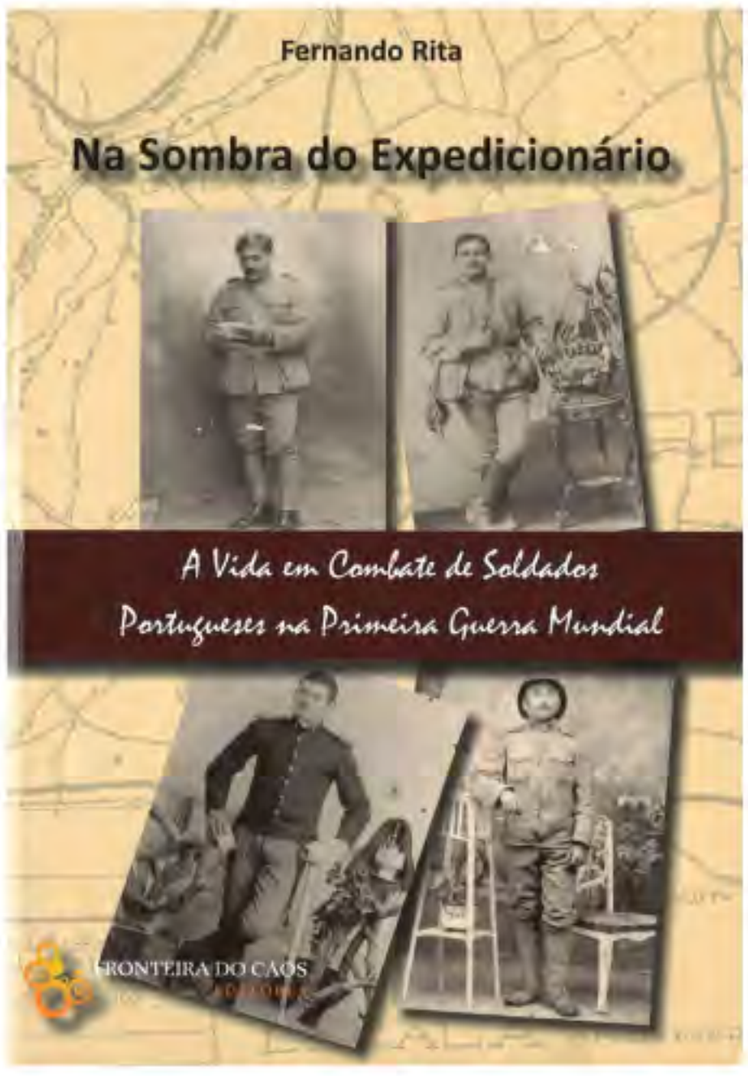
A Primeira Grande Guerra em França

Quem ia combater no norte de França, na Flandres, necessitava de uma adaptação profunda a um novo tipo de guerra de características particularmente estáticas. As tropas dos exércitos em confronto enterravam-se em trincheiras, num conflito que testava as últimas novidades ao nível do armamento e do equipamento militar. No apoio de fogos, surgiu no combate o emprego maciço e frequente das metralhadoras, às quais se juntaram as novas capacidades da artilharia e o emprego dos fogos de morteiros. Com a utilização dos gases em combate, a guerra química tornou-se igualmente numa realidade de contornos trágicos. As transmissões desenvolveram-se, emergiu a aviação, e também a guerra submarina. Dentro deste cenário, o quadro de oficiais teve ainda que se adaptar a uma nova remodelação do exército, de acordo com o modelo britânico, com a alteração dos métodos de treino, formação e comando.

Foi neste enquadramento, que em janeiro de 1917 de forma quase encoberta, ao contrário do que acontecia com a partida das expedições militares que combatiam nas colónias, começam os embarques de mais de 50 mil homens do Corpo Expedicionário Português para França, destinados a combater nas trincheiras da Flandres. Por via marítima estiveram diligenciados sete navios cedidos pelo governo britânico, com capacidades de acomodação diferentes que eram muitas vezes desajustadas das necessidades requeridas a partir de França, tendo como razão principal as consecutivas modificações dos quadros orgânicos.

O quartel-general territorial[42] sediado em Portugal, sob a responsabilidade do subchefe do estado-maior Capitão Ferreira Martins, procurava dar resposta aos pedidos de embarque, mas por vezes sem resultados rápidos e apropriados. Aos sete navios

35



Museu de Lamego acolhe atividades

A estreita colaboração entre o Exército Português e o Museu de Lamego deu lugar a múltiplas atividades educativas, todas elas de entrada livre, que decorreram entre 18 de outubro e 3 de novembro. A exposição "O Exército em Operações – Séculos XX e XXI" abriu

as comemorações, retratando 100 anos de um conjunto multifacetado de operações, do espectro da guerra e da paz, desde as operações da Grande Guerra, passando pela Índia e África, até às Forças Nacionais Destacadas. Tratou-se de um projeto expositivo que integrou diversos bens patrimoniais dos Museus Militares de Lisboa e do Porto, do Arquivo Histórico-Militar e da Biblioteca do Exército, exibindo alguns testemunhos materiais dos militares em operações. Para além dos objetos em contexto expositivo, foi dada relevância à coleção de fotografias e revelados alguns dados estatísticos, a par de uma apresentação multimédia.

O público infanto-juvenil também teve a oportunidade de participar nas celebrações do Dia do Exército. "Agora eu era um tropa", "Trincheira em construção" ou "Prova da ração de combate" foram algumas das atividades que fizeram as delícias dos mais novos. Permitiram o primeiro contato com a Instituição Militar, fortalecendo igualmente a identidade e o sentimento de pertença à nação portuguesa.

No âmbito literário, realizou-se a apresentação dos livros "Teatro de Operações do Afeganistão – 4º contingente nacional ISAF (2012)" e "A atividade operacional – Moçambique (1961-1975)", este último presidido pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General Campos Gil, e apresentado pelo Tenente-General Abel Cabral Couto e Coronel Tirocinado Rio de Carvalho, da Comissão de Estudos das Campanhas de África.

Houve ainda oportunidade para um workshop, no auditório do Museu, sobre o jogo "Trench", criado em 2008 por Rui Alípio Monteiro. Trata-se de um jogo abstrato inspirado na guerra das trincheiras (I Guerra Mundial), com uma forte componente militar e que se baseia nas movimentações das diferentes patentes militares. Assumindo-se como um rival do xadrez, apresenta um design apelativo, com tabuleiro em losango, com uma linha horizontal que simboliza as trincheiras.

Missa de Sufrágio e Ação de Graças em Lamego

Antes da cerimónia militar do Dia do Exército, no dia 27 de outubro, teve lugar uma Missa de Sufrágio e Ação de Graças na Sé Catedral de Lamego. A celebração foi presidida pelo Bispo de Lamego, D. António José da Rocha Couto que referiu na homilia: "Rezar não é para beatos e beatas de trazer por casa. Rezar é para militares. Rezar é um ato de verdade e de coragem, que implica o máximo risco". Relativamente ao texto do Evangelho lido na missa [Lucas 18,9-14], que contava a parábola do fariseu e do publicano, o Bispo de Lamego aponta para o publicano como um homem honesto quanto à sua condição de homem pecador, dizendo toda a verdade a Deus através das suas orações. Dirigindo-se aos militares, apontou para o exemplo do publicano, frisando que "justificar significa transformar um pecador em justo" e que se deve evitar o exemplo do fariseu, que se julga melhor do que os outros simplesmente porque reza, faltando-lhe humildade para reconhecer as suas faltas.

Na missa destaque ainda para o coro constituído pelos Alunos da Academia Militar, orientados pelo Sargento-ajudante Fernando Fernandes, que assumiu o comando como maestro. A assistência musical foi formada ainda pelo Cadete João Fonseca (órgão), a 1º Sargento Ana Francisco (flauta), o 2º Sargento Luís Afonso e o soldado Carlos Silva (clarinetes) e a Soldado Diva Ventura (fagote).

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA € 2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): VIA SUPERFÍCIE - Portugal Cont. Madeira e Açores € 20,00; VIA AÉREA - Países Europeus € 45,00; Restantes Países € 65,00. NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente
NÚMEROS ATRASADOS - 1960 a 1969 € 4,50; 1970 a 1979 € 4,00; 1980 a 1989 € 3,00; 1990 a 2001 € 2,50; 2002 a 2012 € 2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO € 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 € 4,21; 3000/8000 € 5,79; Açores e Madeira € 6,56.

Banda Sinfónica do Exército brilha em concerto

Na noite de 26 de outubro a Banda Sinfónica do Exército brindou a população de Lamego com mais uma brilhante atuação, num concerto, que teve lugar no Teatro Ribeiro Conceição. Entre as centenas de convidados que encheram a sala de espetáculos, relevo para a presença da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Drª Berta Cabral.

A noite fria de Lamego aqueceu ao som de temas como "Windy City – Overture" do compositor Johan de Meij; várias músicas da Sinfonia Nº 3 "Don Quixote" de Robert W. Smith, entre outras, tendo ainda interpretado o tema do famoso musical "Les Misérables".

Herdeira das mais antigas tradições musicais do Exército Português, nomeadamente através das históricas Banda de Infantaria 1 e Banda de Caçadores 5, a Banda Sinfónica do Exército foi instituída em 1988. Banda representativa do Exército, compreende instrumentistas de sopro, cordas e percussão com um quantitativo de cerca de 90 elementos, constituindo-se para além da Banda Militar, um Grupo de Música de Câmara, um Quinteto de Metais e um Quarteto de Saxofones, sendo o seu atual Chefe o Major Chefe de Banda de Música, João Maurílio de Caires Basílio.

Aos comandos da Banda Sinfónica do Exército desde outubro de 2010, o Major assume cumulativamente as funções de Chefe da Orquestra Ligeira do Exército, desde 2012.

Desde a sua criação, a Banda Sinfónica do Exército é conhecida pelo seu prestígio e identidade, reforçado pelo extraordinário e progressivo aumento de pedidos de atuações. A sua imagem reflete-se grandemente no seio da população civil, graças à ação dos seus músicos que, de forma superior espelham a sua formação em instituições como a Escola Superior de Música de Lisboa, a Academia Nacional Superior de Orquestra e o Conservatório Nacional, entre muitas outras escolas de música e grupos musicais de formação e estilos vários, que integram e/ou dirigem. Em 2005 a Banda Sinfónica do Exército recebeu a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, pelo então Presidente da República.

Dia do Exército na Zona Militar da Madeira

No âmbito das comemorações do Dia do Exército na Zona Militar da Madeira (ZMM) este Comando promoveu diversos eventos de natureza militar, cultural, desportiva e recreativa, orientados pelos princípios do patriotismo, espírito de coesão, sentido coletivo, tradição e economia de recursos, centrados no tema "Sentir a Pátria que somos, no Exército que temos".

O primeiro evento realizou-se a 11 de outubro pelas 21h00, na baixa da cidade do Funchal e constou da prova pedestre intitulada "VIII Circuito do Dia do Exército", com a extensão de 5500m, organizada pelo Comando da ZMM, em parceria com a Associação de Atletismo da Região Autónoma da Madeira (AARAM) e com o apoio de um alargado leque de patrocinadores, tendo reunido cerca de 203 atletas.

No dia 15 foi inaugurada uma exposição fotográfica no Núcleo Museológico do Museu Militar da Madeira do Forte de São Tiago, subordinada ao tema "Anos 40 e 50 do Século XX – Um olhar fotográfico sobre o Exército na Madeira".

Esta exposição, que irá ficar exposta até 15 de janeiro de 2014, enquadra seis aguarelas da coleção do Museu Militar da Madeira, com vistas panorâmicas da Parte Leste da Ilha da Madeira e 30 fotografias do Arquivo Histórico-Militar do Exército e da coleção particular do Capitão na Reforma, António Vitorino de Nóbrega, que ilustram o desembarque, em 1941-1942 durante a II Guerra Mundial, de Forças Expedicionárias para defesa da Madeira e a vida no Forte de São Tiago, na década de 1950.

No dia 16 realizou-se no Teatro Municipal Baltazar Dias, um concerto pela Banda Militar da Madeira, em parceria com o Conservatório Escola das Artes Engº Peter Clode, ao qual assistiram cerca de 300 convidados. No dia 18 no Auditório da Reitoria da Universidade da Madeira, no Colégio dos Jesuítas, Funchal, teve lugar uma Conferência subordinada ao tema "Antecedentes da I Guerra Mundial".

No dia 22 foi celebrada na Sé Catedral, no Funchal, uma Missa de Ação de Graças e Sufrágio, presidida pelo Padre José Gil, em memória dos militares falecidos e no dia 23 deu-se o momento mais alto das comemorações, a Cerimónia Militar, na Praça do Mar, presidida pelo Representante da República para a RAM, Juiz Conselheiro Ireneu Cabral Barreto.

As comemorações do Dia do Exército na ZMM tiveram o seu ponto alto na realização de uma cerimónia militar, no

dia 23 de outubro, pelas 11h00, na Praça do Mar, Cidade do Funchal.

A cerimónia foi presidida pelo Representante da República para a RAM, Juiz Conselheiro, que recebeu a continência e passou revista às Forças em Parada, sob o Comando do Coronel Tirocinado de Infantaria João Ormonde Mendes. Seguiu-se a integração do Estandarte Nacional, momento em que a Banda Militar da Madeira tocou o Hino Nacional, que todos os presentes cantaram. Realizou-se então a cerimónia de Homenagem aos Mortos em Combate, na qual foi proferida uma prece pelo Padre Pedro Nóbrega, da Paróquia da Nazaré, após o que o Comandante da ZMM, Major-General Marco Serronha, proferiu uma alocução alusiva à data. A cerimónia terminou com o desfile das Forças em Parada, constituídas pela Banda Militar da Madeira e Fanfarra do Regimento de Guarnição Nº 3, Bloco de Guiões do Núcleo do Funchal da Liga do Combatentes, Bloco de Guiões das Unidades da Zona Militar da Madeira e dois Batalhões a duas Companhias, das forças da ZMM.

Das altas individualidades que compareceram na cerimónia, destaca-se a presença do Presidente da Assembleia Legislativa da Madeira, Dr. Miguel Mendonça, do Vice-Presidente do Governo Regional da Madeira, Dr. João Cunha e Silva, em representação do Presidente do Governo Regional da Madeira, e do Presidente da Câmara Municipal do Funchal, Dr. Paulo Cafôfo.

Comemorações do Dia do Exército na Zona Militar dos Açores

No período de 19 a 24 de outubro decorreram, na Zona Militar dos Açores (ZMA), um conjunto de atividades de natureza cultural, desportiva e recreativa, integradas nas comemorações do Dia do Exército.

Estas comemorações tiveram início no dia 19 de outubro, com uma prova aberta de atletismo em Ponta Delgada, onde estiveram presentes cerca meia centena de praticantes.

O programa continuou nessa noite, com um concerto pela Banda Militar dos Açores numa das principais salas de espetáculos de Ponta Delgada, o Teatro Micaelense. O concerto teve a colaboração do Grupo Coral de S. José, terminando com a interpretação da Marcha Patrono do Exército e com o público a corresponder com uma ovação em pé, numa sala cheia, a demonstrar o prestígio e a importância que a Banda Militar e o Exército têm na divulgação e dinamização cultural na Região Autónoma dos Açores.

No dia 24 celebrou-se, no Forte de S. Brás, em Ponta Delgada, uma Cerimónia de Homenagem aos Mortos,

presidida pelo Comandante Operacional dos Açores Vice-Almirante Moura Ezequiel. Estiveram ainda presentes o Comandante da ZMA Major-General José Manuel Cardoso Lourenço, e outras entidades militares e civis, tendo de seguida sido celebrada uma missa de Ação de Graças e Sufrágio na Igreja de S. José.

As celebrações culminaram na tarde do dia 24 de outubro com o lançamento de um livro da autoria do Major-General José Alfredo Ferreira Almeida, com o título "A Campanha do Ananás: Os Açores na II Guerra Mundial". Uma compilação de 100 crónicas publicadas durante dois anos a fio, no semanário "Terra Nostra", sobre a situação de campanha vivida no arquipélago no período de 1939 a 1946.

Militares destacados no Kosovo não esquecem Patrono

A celebração do Dia do Exército iniciou-se com uma cerimónia de Homenagem aos Mortos. Cerimónia simples, mas bastante sentida por todos os militares do KTM, tanto do contingente Português como do Húngaro. Reunidos em torno do monumento em homenagem aos mortos existente no Campo de SLIM LINES, prestaram a sua homenagem aos militares falecidos não só neste Teatro de Operações, mas também noutros pelos quais estes contingentes passaram.

O Comandante do KTM, Tenente-Coronel, Fernando Gonçalves e o 2º Comandante, Major József Gál, colocaram uma coroa de flores junto ao monumento em homenagem aos militares falecidos em combate.

Pelas 16h30, do dia 24 de outubro, realizou-se uma cerimónia militar presidida pelo Sénior Nacional, Coronel Carlos Sernadas, celebrando o Dia do Exército, onde estiveram presentes todos os militares Portugueses em funções no Kosovo.

Da parte do Comandante do KTM não faltou uma breve alocução alusiva ao ato que se assinalou, tendo sido lida de seguida na Parada, a mensagem do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, General Luís Araújo, relativa a este dia tão importante para o Exército Português. A esta cerimónia juntou-se ainda a promoção de um dos militares

naquele Teatro de Operações, seguindo-se o desfile das Forças em Parada em continência à alta entidade, sob o comando do Major Pedro Costa.

Não faltou um Porto de Honra e um bolo no átrio da Casa de Portugal onde foi dado o grito da Infantaria.

Dia do Exército na EUTM Somália ajuda comunidade escolar

Decorreu no dia 24 de outubro, no Bihanga Training Center (BTC), no Teatro de Operações do Uganda, no âmbito da European Union Training Mission – Somalia (EUTM-SOMÁLIA) as Comemorações do Dia do Exército Português.

A equipa de militares português, chefiada pelo Major de Infantaria Luís Bernardino, preparou as festividades, consistindo numa exposição audiovisual com imagens do Exército Português apresentadas durante um jantar com mostra da gastronomia portuguesa, onde não faltou o apreciado vinho do Porto.

No final, efetuou-se um leilão de brindes alusivos ao Exército Português, tendo como objetivo principal a angariação de fundos para a recuperação de uma Escola Primária na vila de Bihanga, tendo sido recolhido 450.000 xelins Ugandeses (cerca de 150 euros) que foram entregues ao Comandante do BTC no final do jantar.

Neste âmbito, as Forças Armadas Portuguesas ajudaram a comunidade escolar na região de Bihanga, com a equipa portuguesa do 6º INTAKE – EUTM-Somália, a deslocar-se à Escola Primária de Kaicumu, no dia 13 de novembro, onde entregou material escolar diverso, graças à doação angariada nas comemorações acima citadas.

Esta ação solidária teve como objetivo principal contribuir para o aperfeiçoamento das condições de aprendizagem de aproximadamente 140 alunos (dos 3 aos 11 anos de idade) e apoio à melhoria das infraestruturas escolares.

Dia do Exército 2013

KANGOL

Alferes RC Filipa Domingos

Cerimónia Militar

Entre os dias 25 e 27 de outubro todos os caminhos foram dar a Lamego. Centenas de militares, vindos de quartéis de todo o país, deslocaram-se até esta cidade portuguesa no distrito de Viseu, com a missão de divulgar o papel do Exército na defesa militar da República.

Depois das Caldas da Rainha, em 2012, pela primeira vez, as comemorações oficiais do Dia do Exército, a propósito da celebração da Tomada de Lisboa, em 1147, pelas tropas de D. Afonso Henriques, Patrono do Exército, foram centradas na cidade de Lamego.

Não tivessem os lamecenses uma estreita e afetiva ligação com o Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE) e com a vida militar há quase dois séculos, e a ideia de que estávamos à beira de uma III Guerra Mundial iria certamente preocupar os turistas e transeuntes. O cenário nas principais artérias da cidade não era para menos, a começar pelas dezenas de tendas de campanha, pelo arsenal de guerra espalhado por vários pontos em demonstrações e exposições, passando pelas dezenas de meios mecanizados que fizeram rugir os seus motores em Lamego e acabando nos cerca de 600 militares de várias armas e especialidades que ali estiveram empenhados.

Cidade antiquíssima, datando já do tempo dos romanos, foi reconquistada definitivamente em 1057 por Fernando Magno de Leão aos mouros, e cuja história reclama que foi precisamente aqui que teriam decorrido as lendárias Cortes de Lamego, onde teria sido feita a aclamação de D. Afonso Henriques como Rei de Portugal e se estabeleceram as "Regras de Sucessão ao Trono".

E foi aqui, em Lamego, que o Exército Português inovou numa cerimónia militar totalmente inédita até aos dias de hoje.

Não obstante, e à semelhança de anos anteriores, o Exército não descurou a realização de diversas iniciativas de natureza militar, cultural e recreativa, orientadas pelos princípios da elevação, dignidade, profissionalismo e tradição que sempre foram apanágio desta Instituição.

A Parada militar, ponto alto de todas estas comemorações, foi presidida pelo Ministro da Defesa Nacional (MDN), Dr. José Pedro Aguiar-Branco. Aquando da sua chegada, já a tribuna e restantes bancadas estavam compostas com dezenas de ilustres convidados militares, de onde se destaca a presença dos chefes dos três Ramos das Forças Armadas Portuguesas, civis e representantes governamentais, como a Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Drª Berta Cabral, entre outros.

Através deste programa e destas ações, o Exército e o povo de Lamego ficaram mais ricos, cumprindo-se assim "o objetivo de reforçar os laços de cooperação com a comunidade envolvente", da qual o CTOE faz parte integrante, enquanto unidade de elite, com um dispositivo militar considerável ali estacionado. Foi este também um dos fortes argumentos para a escolha desta cidade, assim como a existência de dois Regimentos de Infantaria, relativamente próximos, sedeados em Viseu e Vila Real. Num quadro de contenção orçamental, "esta proximidade permitiu uma rápida e económica mobilização de tropas, alojamento e logística, conseguindo alcançar uma projeção nacional a custos reduzidos". Ideias expressas e reforçadas quer pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, quer pelo Presidente da Câmara Municipal de Lamego, Engenheiro Francisco Lopes.

Manda o Protocolo que todas as Forças já se encontrem prontas em Parada, à chegada da Alta Entidade, e até dia 27, sempre assim foi. Mas desta vez, o Ministro da Defesa Nacional encontrou uma parada aparentemente "vazia", tendo-se gerado a expetativa sobre o que se iria seguir.

Uma grande Bandeira Nacional surgiu pelos céus, trazida por um Paraquedista, que mereceu uma vasta ovação do público presente. Já nas mãos de elementos da Polícia do Exército, o símbolo da nossa Pátria, ficou em destaque no centro da Parada, surgindo de seguida um elegante desfile a cavalo de alunos da Reprise da Escola de Mafra, com as bandeiras de Portugal, à qual se juntou um pelotão de Infantaria recriando uma unidade do tempo das Invasões Francesas. De seguida entraram três militares envergando uniformes de 1913, evocando a participação do Exército Português na Grande Guerra. No quadro seguinte, o público pôde observar a evocação do último conflito no Ultramar Português. Tropas Paraquedistas, dos Comandos e das Operações Especiais, atravessaram a Parada executando movimentos em marcha de combate.

Posto isto, seguiu-se a entrada em Parada de dois grandes blocos de Guiões de Unidades. O primeiro com os guiões das unidades que participaram em operações na 1ª Grande Guerra Mundial; no Estado da Índia (Goa), e no Teatro de Operações das Campanhas em África (Angola, Moçambique, Guiné). Outro bloco com Estandarte das Forças Nacionais Destacadas nos Teatros de Operações de Angola, Moçambique, Bósnia & Herzegovina, Kosovo, Timor-Leste, Iraque, Líbano e Afeganistão. Posteriormente entraram elementos da Liga dos Combatentes. Tomou posição ainda na Parada, um Batalhão com elementos representativos dos Estabelecimentos Militares de Ensino (Colégio Militar, Instituto de Odivelas e Instituto dos Pupilos do Exército), da Academia Militar, e da Escola de Sargentos do Exército e outro Batalhão com Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças, da Brigada de Reação Rápida. Préviamente posicionadas na Parada estava um número significativo de viaturas em uso no Exército. Por fim, deu entrada, o Bloco de Estandartes Nacionais e respetiva escolta de Honra feita por uma Companhia de Alunos da Academia Militar.

A entrada de cada Força, para ocupar o seu local na Parada, aconteceu de forma faseada, durante cerca de hora e meia, enquanto se procedia a uma evocação histórica de Portugal e da sua estreita ligação ao Exército, materializando o tema escolhido para este ano: "Sentir o Exército na Pátria que sempre fomos".

Nesta evocação do passado (que damos conta, na íntegra, nesta edição), elaborada pelo Coronel Nuno Lemos Pires e pelo Major Luís Pimenta, muito foi recordado desde a fundação de Portugal no século XII, até aos dias de hoje, numa prova de que "fomos e somos um Exército da Nação, inseparável dos portugueses que o formam".

A história, as dificuldades, as batalhas, as perdas, as conquistas, a evolução dos meios e dos ho-

mens "deste Exército composto e representativo de todas as gentes de Portugal", foram lembradas, dando especial ênfase à Guerra Peninsular, que comemora o seu bicentenário e à Grande Guerra, cujo centenário da participação portuguesa também se evoca este ano.

Num momento em que "recordamos, de forma sentida, todos aqueles que, ao longo dos séculos, por mais humildes e anónimas que tenham sido as suas tarefas, prosseguiram este feito com determinação e espírito de missão, dando pleno sentido às palavras que Fernando Pessoa dedicou a D. Afonso Henriques, na sua "Mensagem", quando refere "Pai, foste cavaleiro. Hoje a vigília é nossa", o General CEME incentivou, no seu discurso, os militares a tornarem-se membros da Liga dos Combatentes, "pois ela representa a continuação da alma de soldado para além da vida ativa".

O dia era festivo, mas também de balanço, pelo que o CEME enumerou um vasto leque de atividades desenvolvidas, em execução e em preparação, de onde não foram esquecidas as missões internacionais em diferentes Teatros de Operações, a prontidão das Forças em vários quadrantes, a Cooperação Técnico-Militar e no contexto nacional, outras missões de interesse publico, que ao longo do último ano, contribuíram para colaborar na melhoria da qualidade de vida e bem-estar das populações.

Uma vez no púlpito, o Ministro da Defesa Nacional fez questão de também fazer um balanço das "inúmeras medidas de emergência" efetuadas. Assim, embora tenha assumido o corte "nos contratos de reequipamento, nas Forças Nacionais Destacadas e no número de exercícios praticados", o MDN afirmou que tudo foi feito "sem colocar em risco a operacionalidade das Forças Armadas Portuguesas".

Volvidos os discursos do CEME e do MDN deu-se o final da cerimónia, para o qual estava reservado o desfile de todas as Forças, assim como de dezenas de viaturas militares. A viverem numa cidade que consideram "um pouco perdida onde pouco de importante acontece", segundo algumas declarações que o *Jornal do Exército* recolheu dos transeuntes, a população de Lamego aderiu de forma bastante significativa aos eventos realizados, associando-se às comemorações, demonstrando dessa forma o carinho que nutre pelos seus militares, fruto da relação construída ao longo de décadas de presença do Exército na cidade de Lamego.

Aplausos não faltaram aos militares em Parada e alguma emoção não foi contida na entrada dos pelotões, por marcharem, nalguns momentos, ao som do Fado da Fadista Mariza, em temas como "Chuva" e "Gente da Minha Terra". ●

Mensagem ao Exército

Considero que as comemorações do Dia do Exército, este ano centradas na cidade de Lamego, foram uma demonstração categórica da capacidade dos militares do Exército Português e foi com enorme orgulho e satisfação que constatei a forma altamente competente e eficiente como decorreram todas as ações concorrentes para a realização dos diversos eventos, assim como a conduta irrepreensível e digna patenteada por todos os militares e forças envolvidas nos mesmos.

Destaco, em particular, a Parada Militar, onde foi evidente a capacidade organizativa, a criatividade, empenho, espírito de sacrifício, disciplina, e manifesta motivação de todos os que nela estiveram envolvidos, dando ainda maior brilho à evocação da história de Portugal e à participação do Exército na sua construção.

Mas não posso deixar de me referir também à forma extremamente profissional e dignificante como decorreram todas as outras atividades, desde as exposições histórico-patrimonial, de Pintura e de Literatura, evocação e homenagem a D. Afonso Henriques, exposição de meios e demonstração de capacidades e atividades escolares e académicas onde ficou demonstrada a elevada preparação técnica dos militares do Exército nas várias vertentes que compõem a nossa formação, bem como os Concertos da Orquestra Ligeira e Banda Sinfónica do Exército, que abrilhantaram as noites de 16 e 26 de Outubro, e todos os outros eventos, que não envolvendo um número significativo de militares, tiveram sempre no seu planeamento, organização e execução, a sua constância e profissionalismo, designadamente a missa de acção de graças e sufrágio e o almoço convívio.

Todos estes eventos congregaram à sua volta o interesse e afluência de muito público, tendo tido grande impacto e visibilidade junto da população, num inestimável contributo para o reforço da imagem e do prestígio do Exército.

Como Comandante do Exército expresso com orgulho, o meu reconhecimento e apreço pelo excecional empenho e dedicação de todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis do Exército que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização destas comemorações, de grande nobreza e dignidade, numa manifestação inequívoca dos mais profundos valores e práticas institucionais, em prol do Exército.

O Chefe do Estado-Maior do Exército
Artur Pina Monteiro
General

Coronel Infantaria Nuno Lemos Pires
Major Cavalaria Luís Pimenta

O que fomos e somos, sempre, ao serviço de Portugal

Fomos e Somos, desde a fundação de Portugal no século XII, um Exército da Nação, inseparável dos portugueses que o formam. Desde o primeiro Rei de Portugal que temos o soberano como seu comandante supremo, muitas vezes, marchando na frente do Exército para travar importantes Batalhas.

Por isso celebramos o dia 24 de outubro de 1147 como o nosso Dia, quando Afonso Henriques, o primeiro Rei, marchou na frente dos soldados lusos para conquistar a cidade de Lisboa ficando assim, naturalmente, o Patrono do Exército Português. Desde a fundação, que 'Fomos e Somos Exército de todas as terras e gentes do País'.

O Exército dos primeiros reis de Portugal, era o resultado da congregação de uma série de parcelas com elevado grau de autonomia e era sempre provisório porque não se podiam afastar as pessoas dos campos e sustentá-las por muitas semanas.

Assim, se por um lado todos podiam participar na defesa de Portugal, por outro, não se podia deixar de trabalhar para o desenvolvimento e subsistência do País. Esta forma de organizar a "Nação em Armas" foi uma fórmula de sucesso, muito portuguesa, e que se manteve, de alguma forma, até aos nossos dias.

Recordamos que ainda é hoje, como sempre foi, missão do Exército Português, assegurar, simultaneamente, a segurança e a defesa dos cidadãos e ajudar, permanente, no seu desenvolvimento e bem-estar, porque o conceito é intemporal: "Não há segurança sem desenvolvimento e não há desenvolvimento sem segurança e o Exército colabora em ambas".

Portugal criou, nos seus primeiros séculos de história, um Exército com uma estrutura flexível, que permitia juntar os soldados em tempos de guerra e deixar os cidadãos trabalhar no seu dia-a-dia quando a ameaça se tornava mais distante. O Exército emanava da Nação e afirmou-se sempre como uma imagem transversal da realidade nacional, dos ricos e dos pobres, do interior e do litoral, do rural e do urbano: "O Exército emana da Nação".

Ao contrário do que se passava na generalidade da Europa com pequenos Exércitos privados ao serviço de grandes senhores, Portugal, através do seu Exército, ajudou a robustecer uma identidade nacional em torno do seu único comandante – o

Rei de Portugal: "Uma Nação, um Comandante e um Exército de Portugal".

Depois da Restauração, em 1640, o Exército consolidou-se como corpo permanente. Nesta fase difícil da nossa história tivemos de recomeçar do nada, porque praticamente não existia Exército. Das várias medidas tomadas então salientamos a Organização do Exército em três escalões de forças: Ordenanças – destinadas a guarnecer as praças-fortes, em companhias de 240 homens cada, a servir como tropa irregular nas operações de pequena guerra, local e circunscrita, e a funcionar como depósito de recrutamento; Auxiliares ou Milícias – destinadas a acudir às fronteiras em situações de guerra, organizadas em terços com cerca de 600 homens; Exército de Linha ou Exército Regular – Um corpo de caráter permanente destinado à guerra de manobra com a Infantaria organizada em Terços de 2.000 homens e a Cavalaria em companhias de 100 homens num total de 20.000 infantes e 4.000 cavaleiros.

Com esta estrutura nacional e abrangente, num Exército feito de cidadãos em armas de todas as condições sociais e oriundos de todo o país, num "Exército que emana de toda a Nação", recuperámos a nossa liberdade e assegurámos a independência num longo conflito que durou mais de 28 anos: a Guerra da Restauração de 1640 a 1668.

Na Guerra Peninsular, entre 1807 e 1814, o sistema "Exército", ou seja o de um "Exército composto e representativo de todas as gentes de Portugal", funcionou e mostrou a sua mais-valia perante as nações mais poderosas. Napoleão Bonaparte mandou desfazer o Exército Português em 1808: retirou-lhes as armas, mandou os soldados para França e destroçou as estruturas de milícias e ordenanças. Mas não conseguiu tirar o Exército da alma da população. Nas primeiras horas da revolta no verão de 1808 a população fez-se Exército e em menos de 6 meses, estavam de pé 24 Regimentos de Infantaria, 12 de Cavalaria e 4 de Artilharia. Milagre? Não, foi o secular sistema "Exército" bem português a funcionar e que, em menos de dois anos, produziu soldados que já combatiam com o mesmo valor, lado a lado, na célebre Batalha do Buçaco em setembro de 1810,

com os soldados de outro dos melhores exércitos de então, o britânico.

Recordamos que, neste ano de 2013, se comemoram dois séculos sobre a extraordinária ação dos soldados portugueses nos Pirenéus que, a milhares de quilómetros de casa, ajudaram os espanhóis a libertarem-se do jugo francês e afirmaram a vontade de Portugal em garantir a liberdade na Europa. Em 1813, o Exército Português projetou mais de 30.000 soldados para o leste de Espanha. Nesse mesmo ano, o Duque de Wellington, comandante aliado do Exército anglo-português, disse bem alto: os soldados portugueses são os "galos de combate do meu Exército". De um Exército inexistente em 1808 a um dos melhores do Mundo em 1813 foi, uma vez mais a prova, de que o "sistema Exército Português", quando necessário e sempre que devidamente apoiado, funcionava.

Até ao último dia da Guerra Peninsular em abril de 1814, o Exército melhorou continuamente e afirmou-se definitivamente na cena internacional. Para tal muito contribuiu o enorme desenvolvimento do ensino no Exército nos séculos XVIII e XIX. O mérito suplantou a condição. Para se progredir na carreira militar era agora obrigatório frequentar escolas de formação, adquirir e comprovar conhecimentos, cumprir critérios de mérito e passar etapas de avaliação para ascender a postos mais elevados. O esforço pessoal e o mérito individual eram agora condições essenciais.

Sempre que foi necessário defender o Território Nacional, ou afirmar os valores de Portugal no Mundo, "o Exército Português deu e sempre dará motivos de orgulho à Nação e aos Portugueses".

Neste ano de 2013 passam cem anos sobre o início da preparação do Exército Português para entrar numa das mais terríveis guerras que a humanidade conheceu – a "Grande Guerra de 1914-1918".

Mais uma vez vivíamos tempos de grande instabilidade: externa com os tambores de guerra a tocarem cada vez mais alto em muitos dos países europeus, e interna, fruto de uma mudança brusca na estrutura portuguesa com a implantação da República de 1910, que estava longe de estar terminada e estabilizada.

O Exército Português, num esforço "gigantesco", participou na Grande Guerra em três grandes frentes: Angola, Moçambique e Flandres Europeia. Da participação de Portugal em Angola e Moçambique houve consenso nacional, porque a defesa dos territórios ultramarinos era uma prioridade assumida pelas várias sensibilidades políticas, mas a expedição de milhares de portugueses para a Flandres motivou fortes divisões e contestações. Se a nação estava dividida, o Exército, dela emanando, também apresentou sinais de divisão, mas não deixou de cumprir o que a Pátria determinou: "O Exército, sempre disponível, cumpriu o que a Pátria determinou". Porque, mesmo quando

dúvidas se levantam, lembramos as palavras de Fernando Pessoa quando afirma:

"Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumpri contra o Destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumpri."

Portugal entrou na Grande Guerra mas nunca esteve verdadeiramente pronto para nela entrar. Uma reorganização militar decidida em 1911 estava longe de estar cumprida e as divisões internas na Nação criavam permanente instabilidade no Exército.

Embora os aliados principais fossem os mesmos, a Grã-Bretanha, a ambição portuguesa foi grande e para além do possível. À defesa de Angola e Moçambique, já de si muito significativo numa época de poucos recursos, a ambição foi aumentada com a participação de um Corpo de Exército com mais de 50.000 soldados na inóspita frente Europeia. Porque partimos para a Europa enfraquecemos África, e porque tínhamos de estar em África e em todas as restantes possessões portuguesas no Mundo, foi-nos impossível levantar os necessários recursos materiais, financeiros e humanos, para combater eficazmente nas outras frentes de guerra.

Ao fim de meses sucessivos sem receber quaisquer reforços, na fria e lamacenta frente europeia, tomou-se a decisão militar mais acertada que era render a força portuguesa na frente que ocupava. Mas a questão arrastou-se no tempo e só ficou resolvida em março de 1918, poucos dias antes da grande ofensiva alemã sobre o setor português, da tristemente célebre Batalha de La Lys, travada a 09 de abril de 1918. Os alemães sabiam do estado a que estava reduzida a presença portuguesa nesta frente e atacaram com um potencial de combate oito vezes superior ao nosso. Inevitavelmente, acabaram por destroçar as poucas unidades que restavam, mas ainda encontraram uma forte resistência por parte de bravos soldados portugueses. Recordemos a descrição de um dos soldados presentes nessa Batalha, o primeiro cabo Sebastião Carvalho, que entre os mais de 100 versos que escreveu durante o período em que esteve no cativeiro alemão, nos deu esta imagem desse terrível dia em La Lys:

"Com a máscara na mão;
Vi a terra toda virada;
Árvores e casas no chão.

Encostado à parede;
Algumas horas passei;
Com a respiração presa,
Não sei como aguentei".

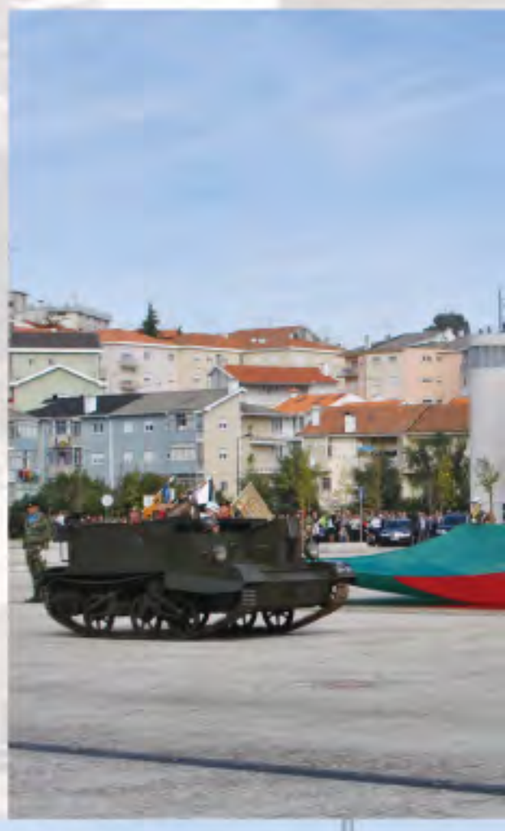
O Exército Nacional tinha permitido, através da

mobilização de cidadãos de todo o país, um aumento significativo na educação dos jovens, na representatividade das elites rurais. O Exército ensinava as primeiras letras a centenas de milhares de jovens nos seus Regimentos. Jovens de todas as condições sociais e de todas as regiões do país ingressavam no Exército e conseguiam ascender e ser reconhecidos pelo seu mérito. Depois, ao regressar às terras de origem, voltavam melhor formados e muitos deles, aptos a desempenhar as mais altas funções do País. O Exército, nacional e não aristocrático, permitia reconhecer o mérito acima da condição social e assim, também, contribuiu para uma verdadeira democratização da sociedade portuguesa.

O esforço de mobilização nacional durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), com mais de 150.000 homens em armas preparados para defender o Império, permitiu o acesso de uma nova geração de jovens a melhores condições de ensino, de interação social e conhecimentos técnicos. Permitiu, acima de tudo, que os melhores, de qualquer região do país, rural ou urbana, das zonas ricas ou das terras esquecidas, fossem reconhecidos, apoiados no seu percurso e criadas as condições para progredirem em todas as áreas do saber nacional. A Nação espelhava-se no seu Exército e o Exército expressava a diversidade e transversalidade da Nação.

Portugal alterou a sua política e estratégia na segunda metade da década de 1950 e, como consequência, procurou antecipar alterações na doutrina, no treino, nos equipamentos, para uma mais que provável conflitualidade em África. Assim, no final dos anos 1950 foram muitos os militares que fizeram cursos no estrangeiro, outros foram enviados a observar os conflitos contrasubversivos, como por exemplo, os que decorriam na Argélia, na Indochina, da Malásia e do Quénia, e aprenderam-se lições importantes que serviriam para se juntar às seculares lições aprendidas dos portugueses em conflitos um pouco por todo o mundo. O Exército começou a reforçar o seu dispositivo na Ásia, Índia Portuguesa e no final da década de 1950, em África.

As comemorações do Dia do Exército



Durante as décadas de 1950 e 1960 nasceram novas unidades no Exército, como o Centro de Instrução de Operações Especiais e o Regimento de Comandos e, na Força Aérea e na Armada, o Corpo de Tropas Paraquedistas e o Corpo de Fuzileiros. Adaptaram-se orgânicas e métodos (Ação psicológica, Forças Especiais, etc.) e escreveu-se uma nova e muito completa doutrina – os 5 volumes do "Exército na Guerra Subversiva".

Importa salientar, para melhor entendermos o gigantesco esforço do Exército Português nas três frentes de guerra entre 1961 e 1975, que mais uma vez, o tentámos fazer dentro e com a nação, numa ação concertada entre militares e civis mas que não teve a mesma cumplicidade entre a política e a estratégia operacional.

Nos territórios africanos, tanto a manobra subversiva como a denominada de manobra "contra-subversiva" tinha na "população" a centralidade da sua ação. O "Exército ao serviço das populações". Os militares portugueses tomaram iniciativas estratégicas que ainda hoje são exemplo de boas práticas para se conseguir a resolução de conflitos e que possibilitaram, não só um permanente aproximar dos militares às populações como ainda, inclusivamente, viver entre as mesmas, em aldeamentos e posições improvisadas de defesa cooperativa, entre soldados e civis. A par de uma permanente ação psicológica e de "propaganda", procurou-se efetivamente que as tropas aumentassem a sua permanência entre as populações. Desta forma, em muitas das áreas de África por onde estiveram unidades do Exército, aumentou-se a confiança recíproca e incrementaram-se os projetos de desenvolvimento económico que, ainda hoje, são visíveis no interior de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Não escondemos que estamos a falar de uma guerra que, como todas as guerras, provocaram morte, destruição e muito sofrimento. Perderam-se muitas vidas, de um lado e do outro, milhares ficaram marcados por ferimentos, mas também se criaram laços de camaradagem e de entreajuda que perduraram até aos dias de hoje.

Recordemos as palavras dum militar do Batalhão 1875 sobre o seu comandante de companhia em Angola:

"Recordo o militar profissional que muitas vezes nos acompanhou pelas matas do norte de Angola e nas operações mais complicadas lá estava ele percorrendo os trilhos que o mesmo inimigo percorria, e eu assim como outros militares testemunhamos a preparação do que era a vida de um militar por terras de Angola.

No seu cantil existia sempre uma gota de água para aqueles mais desesperados, e que sufocavam com sede debaixo de um sol abrasador. O capitão que fazia sentinela no lugar dos seus subordinados, e queria ser do mesmo grupo dos sacrificados que sem qualquer culpa pretendia ser do nosso grupo."

Com o 25 de Abril de 1974 a guerra terminou e o País democratizou-se. O Exército ajudou a devolver a democracia a Portugal que tinha originalmente trazido em 1820. O espelho da Nação traduziu a vontade popular e, como sempre, uma vez implementada a normalidade democrática, o Exército voltou a colocar-se exclusivamente no cumprimento das suas missões constitucionais ao serviço da Pátria.

No final da guerra fria, durante a década de 1990, quando Portugal foi chamado a participar ativamente em operações de paz, de resolução de crises ou mesmo, em cenários de grande conflitualidade, demonstrou-se que estávamos prontos para os desafios da atualidade e aptos a trabalhar, mais uma vez, lado a lado, com os melhores do mundo.

Fomos, participámos e ainda apoiamos, entre outros, os processos de estabilização de Moçambique, Angola, Bósnia, Kosovo, Iraque, Líbano, e Afeganistão. O estatuto de "Portugal como um aliado fiável", continua firme e é reconhecido em todas as Alianças de que fazemos parte. Ou seja, se fomos um "Aliado Fiável" com o Reino Unido por mais de seis séculos, também o demonstraríamos ser com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), a União Europeia (EU) e a Organização das Nações Unidas (ONU) nas últimas décadas. Portugal demonstra assim que, quando necessário, o país está presente e ao lado dos seus aliados de sempre, de forma multilateral ou como parte integrante das alianças e organizações de que faz parte.

Portugal participa hoje quase sempre sem restrições, sem caveats, nos teatros de operações, disponível para cumprir, se necessário e determinado operacionalmente, as missões mais exigentes. De acordo com as suas possibilidades materiais, financeiras, humanas e proporcional à dimensão que tem, o Exército Português adapta a tipologia de forças e missões de acordo com a estratégia e as fases das operações em que se integra. Assim, o Exército participa com equipas de formadores para a Somália, cumpre programas de cooperação com a CPLP, fornece forças de combate, como por exemplo, as que estiveram no Afeganistão, e que atuaram em áreas consideradas muito difíceis, como Kandahar e no Mali.

Mas são tão importantes as missões que o Exército cumpre no exterior como são as missões em prol do desenvolvimento e bem-estar em solo português.

O Exército colabora, reforça e complementa, permanentemente, no desenvolvimento e bem-estar das populações. O Exército cumpre todos os dias missões em todo o território nacional, de Chaves a São Miguel, em Tavira ou no Porto Santo. Colabora na investigação científica, apoia o combate aos incêndios, na vigilância das florestas, na busca e salvamento terrestre, na abertura de caminhos, pontes e infraestruturas. Abre as suas instalações e acolhe as vítimas de catástrofes naturais, envia apoio sanitário para locais remotos e dificilmente acessíveis e trabalha, em permanente espírito de colaboração, com as cidades, vilas e aldeias que tão bem os acolhem e estimam. Em suma, "o Exército sabe e está preparado para fazer bem em qualquer ponto do Mundo". Para assegurar tal nível de participação, tanto em Portugal

como no estrangeiro, o Exército Português sempre soube preparar-se para as missões mais difíceis e perigosas, daí o nível elevado de exigência pedido aos seus militares e às unidades prontas para intervir. O Exército pode e sabe como intervir e é fiável porque o faz ao mesmo nível técnico-tático das restantes forças armadas internacionais. É fiável ainda porque sabe tirar partido da sua secular experiência no relacionamento com as populações que serve e com outras culturas e religiões. A facilidade de relacionamento do Exército com as suas populações e com outros povos e culturas, a capacidade de saber encontrar soluções imaginativas e adaptáveis às realidades locais, fazem desta idiossincrasia uma vantagem estratégica para participar em todo o tipo de operações.

Numa possível síntese do que dissemos anteriormente, as palavras do Sargento-Ajudante de

Cavalaria José Minguêns, escritas durante a sua última missão no Afeganistão, expressam bem este sentimento:

"Tal como os nossos antepassados deram novos mundos ao Mundo e foram os pioneiros da circum-navegação, Portugal e os militares portugueses continuam atualmente a dar um Abraço ao Mundo, contribuindo generosamente na defesa do Direito Internacional, da Vida Humana e da Paz. Na mostra concreta da sua Humanidade, o militar português projeta Universalmente a sua cultura, sendo reconhecido em todos os teatros como referência social, ética e moral rumo ao Futuro".

O Exército Português que somos, está presente em todo o território nacional, através das várias Unidades que integram as suas três Brigadas Ope-

racionais. Num judicioso equilíbrio entre forças ligeiras, médias e pesadas garantem a permanente defesa da nossa Pátria e, simultaneamente, são o parceiro confiável das comunidades onde estão inseridos e colaboram, todos dos dias do ano, em prol da "Segurança, Desenvolvimento e Bem-estar das populações".

O Exército Português nasceu há 9 séculos com a Nação de onde emana, mantém-se permanentemente disponível, ao serviço e como parte da população que jurou e garante defender, até ao sacrifício da própria vida dos seus homens e mulheres.

Fomos Portugal feito Exército num Exército de Portugal e "Fomos, sempre seremos, gente da nossa gente ao serviço de Portugal".

Relembrando, de novo, as palavras de Fernando Pessoa, que tantas vezes são gritadas em Lamego, mesmo nas mais difíceis circunstâncias, pelos seus Rangers do Centro de Tropas de Operações Especiais do Exército:

"Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha Alma."

Alocução do Chefe do Estado-Maior do Exército General Artur Pina Monteiro

Excelentíssimo Senhor Ministro da Defesa Nacional

Digna-se Vossa Excelência, uma vez mais, presidir a esta cerimónia militar que assinala mais um aniversário do Exército. Encaramos a presença de Vossa Excelência, que muito nos honra, como o reconhecimento da insubstituível missão que homens e mulheres cumprem no Exército, ao serviço dos portugueses em prol da Instituição Militar e do País. Interpretamos também esta sua presença como sinal de confiança, no constante empenhamento, dos militares e civis do Exército, que servem devotadamente em múltiplas missões, não obstante as acrescidas dificuldades e circunstâncias que a situação do País a todos coloca no plano socioeconómico.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lamego

A concretização destas comemorações em Lamego, muito deve à pronta disponibilidade e ao inestimável apoio e empenho que Vossa Excelência manifestou desde o primeiro momento, evidência inequívoca da excelência das relações e da estreita cooperação que, de há longa data, as instituições que aqui representamos, os lamecenses e as demais entidades locais e regionais, mantêm entre si. Este é um sentimento que preservamos e de que muito nos orgulhamos.A presença nas diferentes parcelas do território e a proximidade à população são elementos fundamentais da matriz do Exército. Se por um lado a presença do Exército nesta região do País é bem evidente, marcante e prestigiante, por outro nunca é demais afirmar o apoio e o incentivo que o Exército aqui sempre encontrou e encontra, e ao qual procura retribuir a cada dia. A escolha de Lamego para estas comemorações é em si também uma forma de o Exército manifestar o seu reconhecimento e agradecimento por este facto.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Lamego e demais Entidades Autárquicas

Excelentíssimos Senhor General Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Senhor General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea

Agradeço terem aceite o meu convite para pessoalmente estarem presentes neste Dia Festivo do Exército. Estou certo que este gesto traduz o sentimento comum de convergência, coesão e unidade que existe entre nós, como fator relevante para o difícil exercício do comando, num ambiente complexo e exigente para as Forças Armadas e para o País. Estou convicto que o simbolismo da presença dos Chefes Militares nesta cerimónia será reconhecido e apreciado no seio da Instituição Militar.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Comissão de Defesa Nacional

Excelentíssima Senhora Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional

A presença de Vossa Excelência nesta cerimónia militar, que muito apreciamos, testemunha a forma próxima e atenta como tem acompanhado, com celeridade, os assuntos do Exército. O nosso bem haja.

Excelentíssimos Senhores Deputados da Assembleia da República

Excelentíssimos Senhores Generais, Antigos Chefes do Estado-Maior do Exército

É sempre muito importante para o Exército, e de modo muito particular para o seu Comandante, poder contar com a vossa presença, em tão importante momento da vida da nossa Instituição. É uma presença que nos incentiva a prosseguir na procura de um futuro sempre melhor.

Excelentíssimo Senhor Tenente-General Chefe da Casa Militar de S. Ex.ª o Presidente da República

Excelentíssimo Senhor Tenente-General Chanceler das Antigas Ordens Militares

Excelentíssimos Senhores Tenentes-Generais do Conselho Superior do Exército e demais Oficiais Generais no Ativo, Reserva ou Reforma

Senhores Diretores Gerais do MDN e Presidente do IASFA

Ilustres Autoridades Eclesiásticas presentes

Ilustres Autoridades e Entidades Convidadas

Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis do Exército

Alunos da Academia Militar, da Escola de Sargentos e dos Estabelecimentos Militares de Ensino

Minhas Senhoras e Meus Senhores

A todos uma sentida saudação e um agradecimento especial pela vossa presença, reconfortante e motivadora, no dia festivo do nosso Exército.

Hoje comemoramos o Dia do Exército, recordando o dia em que, tomando Lisboa em 1147, D. Afonso Henriques deu um passo decisivo na consolidação da Nação Portuguesa e da Independência de Portugal.

Tendo as forças terrestres estado fortemente ligadas aos destinos de Portugal, desde a fundação da nacionalidade, é por isso natural e evidente que D. Afonso Henriques seja o Patrono do Exército, cuja memória temos a superior honra e o dever de homenagear todos os anos, por esta ocasião, junto ao seu túmulo, na cidade de Coimbra.

Mas hoje também recordamos, de forma sentida, todos aqueles que, ao longo dos séculos, por mais humildes e anónimas que tenham sido as suas tarefas, prosseguiram este feito com determinação e espírito de missão, dando pleno sentido às palavras que Fernando Pessoa dedicou a D. Afonso Henriques, na sua "Mensagem", quando refere "Pai, foste cavaleiro. Hoje a vigília é nossa".

O Exército sempre se afirmou, interna e externamente, como um dos pilares da salvaguarda dos valores da Pátria e da «consciência nacional», e como um elemento essencial para o reforço da coesão interna, sem a qual não teria sido possível resistir às diferentes formas de pressão externa sobre a nossa autonomia enquanto Estado Independente.

Contudo, a segurança e a coesão da Nação e do Estado não devem ser olhadas como um dado adquirido. São bens que se fortalecem, a cada momento histórico, pelo exemplo de experiências vividas e legadas, e que se preservam, de geração em geração, no respeito por aqueles que ao longo de séculos doaram em sacrifício supremo toda a sua força para a construção e manutenção da Pátria que somos e da qual não abdicamos.

Por isso, nesta evocação do passado, que só pode orgulhar-nos e motivar-nos pela honra e pelo exemplo, presto sentida homenagem à memória de todos os que nos precederam, nas situações de ativo, reserva e reforma e, em particular, a todos os ex-Combatentes, aos Deficientes das Forças Armadas e àqueles que ao longo da nossa história foram chamados a dar a sua vida pela Pátria. É pois com toda a naturalidade, enorme satisfação e de inteira justiça que hoje, nesta cerimónia, a Liga dos Combatentes esteja connosco nesta Parada Militar.

Neste sentido, incentivo os militares do Exército a tornarem-se membros da Liga dos Combatentes, pois ela representa a continuação da alma de soldado para além da vida ativa. Pela minha parte, já sou membro da Liga dos Combatentes.

O País e o Exército muito devem ao seu esforço, à sua dedicação e à sua permanente e total disponibilidade para servir a Nação e defender Portugal e os seus interesses, dentro e fora do Território Nacional. É nosso dever sermos dignos continuadores do seu legado e não abdicamos desta responsabilidade, para que o seu sacrifício não tenha sido em vão, mesmo sabendo que nos podem ser pedidos iguais sacrifícios.

O Exército tem procurado avivar esta memória sempre que os momentos e as circunstâncias assim determinam. A título de exemplo refira-se o envolvimento constante e dedicado, durante os últimos anos, nas comemorações do bicentenário da Guerra Peninsular e a evocação do centenário da participação portuguesa na Grande Guerra, na qual o Exército está totalmente empenhado num conjunto de atividades já planeadas e a decorrer.

A esperança no futuro de Portugal sempre se

alicerçou no seu passado histórico. Aquilo que prosseguimos, hoje aqui evidenciado, de modo muito particular, com o início e o formato dissemelhante e invulgar desta cerimónia, marcada pela contenção, é tão só e apenas manter viva esta esperança, sentindo no Exército a Pátria que sempre fomos.

Senhor Ministro da Defesa Nacional, Excelência

Ilustres Convidados

O dia de hoje é um dia festivo mas também um dia de balanço e de reflexão virado para o futuro, inspirado pelo propósito permanente de servir Portugal.

Durante este último ano de atividade o Exército continuou a cumprir importantes missões internacionais no Teatro de Operações do Afeganistão, onde se encontram presentemente 127 militares do Exército integrados no 6º Contingente Nacional, estando em aprontamento um novo Contingente Nacional a projetar no início do próximo mês; no teatro de Operações do Kosovo, por onde já passou este ano um Batalhão da Brigada de Reação Rápida, e se encontra agora a cumprir missão um Batalhão da Brigada de Intervenção, incluindo militares do Centro de Tropas de Operações Especiais, que será rendido no próximo ano por força equivalente da Brigada Mecanizada.

Estamos a projetar para o Kosovo, e pela primeira vez, viaturas blindadas PANDUR que irão substituir as Chaimites que ainda se encontram naquele Teatro de Operações.

Foi ainda aprontado e certificado um Esquadrão de Polícia do Exército em elevada prontidão, no âmbito da NRF, a força de reação imediata da NATO, durante o ano de 2013, e encontra-se em fase de aprontamento um Esquadrão de Reconhecimento, para o mesmo efeito durante o ano de 2014.

No quadro da União Europeia é ainda de salientar o aprontamento e a participação de duas equipas de instrução no âmbito da Missão de Treino para a Somália, a decorrer no Uganda, e a recente projeção para o Teatro de Operações do Mali de uma equipa de militares do Centro de Tropas de Operações Especiais que, conjuntamente com outros militares da Marinha, constituem a Equipa de Treino Sniper em missão de formação das Forças Armadas do Mali.

No domínio da Cooperação Técnico-Militar, o Exército deu sequência à profícua parceria com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e com Timor-Leste que, desde 1984, já envolveu uma participação em cerca de 220 projetos e subprojectos, com um total de 1.731 militares, assegurando atualmente delegações de maior dimensão em Angola, Moçambique e Timor-Leste.

No contexto nacional, uma área onde o Exército tem exercido uma forte ação, e está disponível e tem capacidade para incrementar o seu envolvimento, concretiza-se no desenvolvimento das designadas "Outras Missões de Interesse Público", fazendo uso dos meios existentes na sua componente operacional, numa estratégia de emprego dual e em apoio próximo às populações.

Durante o corrente ano, com particular incidência no período de verão, o Exército envolveu as suas unidades, ao longo de todo o Território Nacional, num total acumulado de 1.434 militares e 214 viaturas, no apoio direto ao combate contra o flagelo dos incêndios florestais. Adicionalmente, é importante sublinhar ainda o forte empenhamento contínuo, dia e noite, em ações de patrulhamento e vigilância física, para prevenção de incêndios, em diversas regiões do País, com um efetivo diário de cerca de 300 militares e 77 viaturas. Estas ações, a pedido da Proteção Civil, foram particularmente intensas a partir de 20 de agosto e até final de setembro, tendo envolvido na sua globalidade cerca de 4.500 militares do Exército.

Neste domínio, não poderia deixar de também referir o inopinado e importante apoio que o Exército prestou à população da região de Pombal, afetada pelo mau tempo, através da instalação de 12 geradores elétricos, de alta potência, em resposta a uma solicitação da Autoridade Nacional de Proteção Civil, a pedido da EDP.

De igual modo, é justo referir, entre muitos outros apoios à população, os trabalhos gerais de Engenharia executados, em particular no que concerne à apropriação e melhoramento de itinerários, à execução e beneficiação de acessos e na instalação de pontes, de que são exemplo a recente montagem de uma ponte militar no Concelho da Barquinha, a execução de arruamentos pertencentes a um loteamento do Município de Fronteira, a reparação e pintura de fachadas em edifício da Santa Casa da Misericórdia de Azeitão e a reabilitação de itinerários na Serra da Arrábida, refletindo a capacidade de resposta e a disponibilidade permanente do Exército para colaborar na melhoria da qualidade de vida e bem-estar das populações.

Toda esta panóplia de missões foi e continua a ser cumprida, num quadro de severas restrições orçamentais, mas com um espírito de missão e profissionalismo que orgulha o Comandante do Exército e enobrece todos os militares que tenho o privilégio de comandar.

Esta capacidade operacional do Exército de-

pende totalmente do volume e qualidade dos efetivos ao seu serviço, sendo por isso crítico se porventura vierem a ultrapassar-se os níveis mínimos de pessoal que garantam, de forma sustentada, a sua formação, competências e motivação.

Durante o ano de 2013 o Exército continuou a ter como um dos principais objetivos conferir novos conhecimentos e aptidões aos militares que militam nas fileiras, dotando-os de competências que visam tornar o seu desempenho, nas funções atribuídas, mais eficiente e eficaz.

Neste sentido, foram desenvolvidas múltiplas ações de Formação, envolvendo Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis do Exército, e também pessoal de outros Ramos das Forças Armadas e das Forças de Segurança, bem como de Entidades Civis, num total de 5.045 formandos.

Quanto à reforma estrutural que está em curso, em particular no que diz respeito a vertentes já concretizadas, saliento que o Exército já deu início ao ajustamento da sua estrutura financeira, pela transferência de competências e de atividades, dos Centros de Finanças e das Secções de Logística das unidades, estabelecimentos e órgãos para a Direção de Finanças, traduzida na economia de recursos humanos afetos a esta área, sendo ainda de destacar as relevantes alterações de processos e procedimentos em curso, cuja evolução constitui um referencial na área da gestão financeira.

Além disso, a realidade atual e previsível de efetivos, a formar anualmente no Exército, as economias de escala e a constante procura de sinergias, conduziram o Exército a iniciar o levantamento, já concretizado, no passado dia um deste mês, da Escola das Armas, em Mafra, resultado da aglutinação dos saberes residentes nas antigas cinco Escolas Práticas das Armas. Foi uma opção muito ponderada e amadurecida, e tem por isso um racional que tendo em conta um historial rico, não fica presa ao passado, mas avalia a realidade que nos rodeia, projetando no futuro uma Escola que estou convicto conduzirá a ganhos para o Exército, através da otimização dos recursos disponíveis e da melhor adequação à procura e necessidades de formação do Exército.

Ainda no que se relaciona com o Ciclo de Revisão Estratégica em curso, em particular no que concerne à adaptação dos instrumentos à nova realidade estratégica, o Exército tem contribuído de forma coerente e prospetiva e tem antecipado a preparação de alterações significativas que dele irão resultar, designadamente a manutenção de um dispositivo territorial equilibrado e de um sistema de forças flexível, estruturado com base em três Comandos de Brigada, para que possa continuar a contribuir decisivamente, na vertente militar, para a preservação da relevância estratégica do nosso País.

Em termos de racionalização do Dispositivo Territorial do Exército, é necessário aliar a uma racional concentração de órgãos e serviços nas grandes áreas urbanas, uma presença diversificada em todas as parcelas do Território Nacional, potenciando o contacto com as populações e as instituições locais, de modo a obter economia de recursos, facilitar a obtenção e retenção de meios humanos, e simultaneamente possibilitar um apoio de proximidade às comunidades regionais, de que resulte um contributo para a sua segurança e melhoria da qualidade de vida e um apoio militar de emergência adequado, quando solicitado.

Torna-se assim relevante dispor em permanência de uma capacidade de resposta imediata para as situações críticas em tempo de paz, incluindo as que resultem de catástrofes naturais.

Em cada tempo estratégico é sempre importante cuidar da capacidade atual, no dia de hoje e no planeamento do amanhã, ou seja o curto prazo, procurando garantir os recursos que permitam manter as capacidades que o País exige.

Contudo, também é fundamental acautelar o futuro, preservando a relevância estratégica do nosso País, enquanto nação soberana, evitando que possa vir a ser contaminada neste domínio com a debilidade decorrente de qualquer crise, seja económica, financeira, social ou política.

Para este desiderato, é necessário manter o essencial do Sistema de Forças, garantindo uma capacidade de dissuasão convencional defensiva credível e um mecanismo para crescer em situação de crise ou conflito, de modo a poder responder aos desafios que se poderão apresentar no futuro, à Pátria que hoje somos.

Para tal implica garantir, mesmo que em dimensões mais reduzidas, em algumas áreas, um leque de capacidades essenciais que preservem o conhecimento e o espaço para reagir a situações complexas, quando necessário.

Alienar capacidades, mesmo que com intenção temporária, significaria abdicar delas para o futuro, pois as capacidades militares, se não forem mantidas, demoram anos a ser reconstituídas, não se podendo adquirir no «mercado» já prontas a usar.

Assumimos a responsabilidade na demanda e na administração dos recursos mínimos necessários, em consonância com o que o País espera e deve contar do Exército, na convicção de que a especificidade militar é compreendida e salvaguardada no âmbito do superior interesse nacional.

É neste quadro que iremos continuar, de forma persistente, a advogar a defesa da essência de «ser soldado», nos seus deveres e direitos, ou seja a condição militar e os mais enraizados valores que a caracterizam alicerçados no serviço à Pátria.

Continuaremos a pugnar, não por privilégios que não temos nem queremos, mas sim pelas especificidades inerentes e indispensáveis à estabilidade da condição militar, que é um valor intrínseco do Estado e um fator determinante de coesão e do regular funcionamento da Instituição Militar.

Excelentíssimo Senhor Ministro da Defesa Nacional

Ilustres Convidados

Militares e Funcionários Civis do Exército

O Exército sabe o caminho que deve prosseguir, coordenado e harmonizado entre as Chefias Militares, em articulação com a Tutela política, a bem de Portugal e dos Portugueses, assim existam condições que o permitam trilhar. Enfrentamos as dificuldades que o País atravessa de forma determinada e responsável, contribuindo com serenidade e coesão, para os objetivos nacionais mesmo quando também somos afetados por duras medidas que transversalmente afetam o nível de vida dos portugueses.

Neste contexto, quero dirigir uma palavra de apreço e conforto a toda a Família Militar, alicerçada na certeza de que o Comando do Exército, em comunhão de esforços e de vontades com os outros Chefes Militares, continuaremos a conferir verdadeira prioridade e a dedicar o melhor do nosso empenhamento na obtenção de soluções que permitam preservar o essencial dos instrumentos de apoio social à Família Militar, pelo que isso realmente significa, em termos de disponibilidade, coesão e estabilidade institucional e pessoal para os militares no ativo, reserva ou reforma.

Como Comandante do Exército, reafirmo o meu apreço e a minha total confiança nos homens e mulheres, militares e civis, que de forma abnegada servem Portugal nas fileiras do Exército, com uma particular saudação a todos os que cumprem missões no exterior do Território Nacional; a qualidade do desempenho é a garantia de que continuaremos a merecer a confiança dos Portugueses pela demonstração do nosso profissionalismo, determinação e eficácia; onde quer que estejam e que funções desempenhem, a todos cabe um papel fundamental no futuro do Exército.

Termino reiterando o meu agradecimento à forma empenhada e solidária como as Autoridades Civis, e em particular a Câmara Municipal de Lamego, apoiaram a realização do Dia do Exército.

Mas o Comandante do Exército agradece também, sentidamente, em nome de todos os seus militares, à população que continua a dizer presente nestas cerimónias e a acarinhar este seu Exército, dando acrescido incentivo à determinação com que nós continuaremos a cumprir a nossa Missão. Afinal, apenas queremos continuar a sentir o Exército na Pátria que sempre fomos e somos, da qual nunca abdicaremos para que o País possa continuar a orgulhar-se dos seus Soldados.

Obrigado pela vossa presença.

Alocução do Ministro da Defesa Nacional Dr. João Pedro de Aguiar-Branco

Uma primeira palavra para quem nos recebe: Lamego e as pessoas de Lamego.

Não apenas por acolherem estas comemorações do Dia do Exército, mas por nos receberem desde 1839.

Há poucas terras em Portugal onde a sua história se confunde com a história dos soldados a quem dão guarida. Lamego é uma desses casos.

Acresce que no Exército e na Defesa Nacional, Lamego não é, apenas, o nome de um Concelho. É, também, o nome com o qual se qualificam os mais valentes dos valentes.

Falamos do Centro de Tropas de Operações Especiais e logo nos dizem: sim, os Rangers de Lamego.

Neste simplificar de linguagem, estou certo, honra-se Lamego e as suas gentes.

Muito obrigado.

Minhas senhoras e meus senhores,

Quer a história que o Dia do Exército se comemore, anualmente, em vésperas da discussão do Orçamento do Estado.

Um facto que ganha especial importância num tempo em que o Ministro da Defesa Nacional é obrigado a ser, também, ministro das Finanças.

Em que todos os Chefes Militares são obrigados a ser, também, ministros das Finanças.

Em que todos os comandantes de unidades e soldados são obrigados a ser ministros das Finanças.

Um imperativo patriótico que se impõe a cada um de nós quando isso é condição para se restaurar a soberania financeira e vencer a batalha do desequilíbrio das contas públicas.

Sabíamos, em 2011, os enormes desafios que tínhamos pela frente.

A crise económica e o memorando de assistência financeira colocaram novas questões, novos problemas para as condições da segurança e da defesa do nosso país, algumas delas com impacto na coesão e na moral militar.

Realidade que impunha uma rápida e corajosa definição das prioridades a assumir de forma a manter a operacionalidade das Forças Armadas e a defesa dos interesses do nosso país.

Foi isso que fizemos.

Nos últimos dois anos tomámos inúmeras medidas de emergência. Os chamados ajustamentos imediatos. Se quisermos, em linguagem mais coloquial: cortes.

Cortámos ... todos nesta tribuna sabem que assim foi, até porque tive de discutir, medida a medida, com muitos dos que hoje aqui estão.

Cortámos nos contratos de reequipamento. Nas Forças Nacionais Destacadas, no número de exercícios praticados e nos meios mobilizados para o efeito. Cortámos nas despesas e nos custos do Ministério da Defesa Nacional.

Cortámos em quase tudo, mas ... não faltou um salário. Não faltou, por pagar, um complemento de pensão, mesmo sem ser possível vender o património que deve legalmente sustentar o fundo de pensões. Porque era isso que estava em causa há dois anos atrás. Não haver sequer dinheiro para pagar a contrapartida do trabalho de cada um ou a assistência médica ou apoio social a cada um devida.

E apesar das dificuldades conseguimos, ainda, desbloquear as promoções congeladas pelo anterior governo. Manter as isenções fiscais para os deficientes das Forças Armadas. Resolver o problema da transição para a nova tabela remuneratória que ameaçava acarretar encargos seríssimos para todos soldados.

Fizemos tudo isto, sem nunca colocar em risco a operacionalidade das Forças Armadas Portuguesas.

Nestes dois anos tomámos medidas que permitiram libertar o erário público de despesas presentes e futuras superiores a 1.300 Milhões de Euros.

Foi este o contributo da Defesa Nacional e das Forças Armadas Portuguesas para o compromisso, assumido por Portugal, de reduzir o défice e equilibrar as contas públicas.

Um contributo que honra cada militar, que constitui mais um testemunho do sentido de serviço que orienta a sua vida e que é expressão superior do sentimento patriótico que sela o juramento feito perante a bandeira nacional!

Mas sabíamos que estes cortes nunca poderiam ser um fim em si mesmo.

Foram quase sempre notícia mas nunca um fim em si mesmo. O que nem sempre foi notícia foi um outro trabalho que assumimos desde o primeiro dia que chegámos ao Ministério da Defesa Nacional.

Um trabalho de fundo para a otimização dos recursos mas sobretudo para o aumento da eficiência da estrutura da Defesa Nacional.

Medidas estruturais que vão perdurar para além desta legislatura.

Refiro-me, por exemplo, ao Hospital das Forças Armadas. A fusão das três unidades hospitalares militares existentes, um marco histórico da ação conjunta dos três ramos e que representará um melhor sistema de saúde para todos os militares.

Estamos, ainda, a reestruturar o sector empresarial da Defesa.

Não faz sentido que o estado concorra, com prejuízo, com a economia privada que hoje tanto queremos estimular.

E faz ainda menos sentido que empresas públicas, com atividades que são na prática privadas, concorram com as próprias Forças Armadas na repartição das verbas no Orçamento do Estado.

Este o sentido orientador de uma ação reformadora.

Sempre disse que a minha prioridade são os soldados.

Como ministro da Defesa Nacional dispenso ser accionista de empresas. Dispenso ter que nomear administradores.

Muitos confundiram estas medidas estruturais, também, como cortes. Não são. Nunca foram!

São opções estratégicas para preservar a Defesa Nacional como um valor maior da afirmação soberana do nosso país e que estão consagradas na reforma que estamos concretizar, denominada Defesa 2020.

Provavelmente a medida, dos últimos anos, com maior impacto para o futuro das Forças Armadas Portuguesas.

Uma reforma que tem por objetivo definir, nos próximos anos, um quadro orçamental estável para a Defesa Nacional e permitir um planeamento adequado, a médio e longo prazo, das capacidades e dos meios à disposição das Forças Armadas.

E a verdade é que os resultados práticos desta reforma já começam a surgir.

O orçamento do Ministério da Defesa Nacional para 2014, aquele que foi apresentado há duas semanas na Assembleia da República, estava planeado desde o passado mês de abril, altura em que apresentámos a o documento da Reforma 2020.

Da mesma forma que já estão projectados, também, os orçamentos para os próximos anos.

Hoje todos nós sabemos, na Defesa Nacional, com muita mais certeza, como vai ser o dia de amanhã.

Um facto que, nestes tempos e nestas circunstâncias, é ainda mais relevante.

Foi este o percurso a que nos impusemos e que nos permite, agora, voltar a pensar na Defesa Nacional, para além das urgências, das emergências ou dos cortes.

Pensar e preparar as Forças Armadas que queremos ter para os próximos anos.

Soldados

Conheço as dificuldades. As mais exigentes, como o reequipamento necessário, e as que vos assolam na dureza do dia-a-dia.

Sei bem o que têm feito. Sei o que todos os dias precisam de fazer para que continuem a assegurar as missões que vos estão confiadas.

Dos teatros de operações, no exterior, de apoio à paz, combate ao terrorismo e ao narcotráfico, às milhares e milhares de horas empenhadas, no interior, nas missões de interesse público de apoio à proteção civil, à busca e salvamento e na melhoria da qualidade de vida das populações.

A vossa formação, a vossa determinação e os vossos valores, que são os de toda uma nação, permite-vos superar as situações mais difíceis.

E mesmo que não sirva de conforto, permitam-me um comentário sincero. As Forças Armadas são exemplares na resposta que estão a dar a uma das piores crises que o nosso país já viveu.

Escolhi bem o termo: exemplares. Porque deram, e continuam a dar, o exemplo.

O exemplo na forma como lidam com as dificuldades e mantêm a motivação para alcançar os objetivos estabelecidos.

O exemplo na forma como se conseguem adaptar e tirar o melhor partido dos recursos, agora mais escassos, de que podem dispor.

O exemplo na tenacidade, na coragem e na dignidade com que encararam estes últimos anos.

Nos seus séculos de história, o Exército sempre ensinou aos seus soldados que a dignidade não se hipoteca. A dignidade não se entrega como penhor.

Mais do que nunca, foi neste período que o Exército lembrou essa lição ao país. Assumir os deveres que a situação excepcional do país obriga, com o sentido de dignidade que é expressão de cidadania patriótica. E o país revê-se e orgulha-se do vosso exemplo.

Nos últimos dois anos cortámos, tomámos as medidas necessárias e iniciámos uma reforma estrutural de que é um bom exemplo o processo de concentração das Escolas Práticas do Exército, em Mafra.

Estou certo que no fim deste período crítico as Forças Armadas vão sair mais fortes, mais capazes e mais eficientes.

E se digo isto não é por vaidade. Bem pelo contrário. É num exercício de humildade.

Porque… o mérito é vosso.

Do vosso chefe militar… que soube sempre apresentar, com frontalidade e realismo, as soluções mais adequadas para os muitos problemas com que nos debatemos.

E, acima de tudo,… dos milhares de homens e mulheres, oficiais, sargentos e praças que servem o país no Exército Português e que todos os dias, longe dos holofotes mediáticos mas perto da consciência do dever cumprido, trabalham, com o sentimento único da camaradagem, para ultrapassar todas as dificuldades com que Portugal se confronta.

É por termos o exemplo destes militares que Portugal vencerá!

Disse.

Professora Doutora Ana Branca Soeiro de Carvalho*

Sentir o Exército na Pátria que sempre fomos

Sob proposta do Estado-Maior do Exército as comemorações do Dia do Exército português decorreram na cidade de Lamego sob a égide "Sentir o Exército na Pátria que sempre fomos". O programa de atividades alusivo a este dia contemplou diversas ações escolares e académicas.

Numa parceria entre a Academia Militar e a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu (ESTGL-IPV), realizou-se, no dia 9 de Outubro, a palestra intitulado "Modelo de Competências de Liderança em Contexto Militar" onde estiveram presentes os alunos do Curso de Secretariado de Administração na componente de Administração Pública, Ética, Valores e Liderança.

Este tipo de eventos cria sinergias entre as instituições que ministram o ensino Superior – Academia Militar e ESTGL-IPV, demonstrando que estas parcerias e consequentes intervenções, complementam a formação na área das Competências Transversais que representam uma mais valia na empregabilidade dos nossos jovens.

A temática "Modelo de Competências de Li-

derança em Contexto Militar", é de extrema importância para os alunos do curso, uma vez que, e acompanhando as alterações do mercado de trabalho, o profissional de secretariado tem a necessidade de assumir maiores responsabilidades não só a nível do serviço administrativo, mas também na própria estrutura da organização a que pertence.

Uma organização, pública ou privada, é composta principalmente por pessoas, e a qualidade do profissional em mobilizar essas pessoas é demonstrada pela comunicação, pelo desenvolvimento, enriquecimento e coesão do trabalho em equipa, pelo apoio na tomada de decisões orientada para os objetivos, pela orientação para a missão pelo exemplo e ética, e principalmente pela eficiente mediação de conflitos – a liderança.

Liderança, segundo anotações que recolhemos, nesta palestra " é o processo de influenciar, para além da autoridade investida, o comportamento humano com vista ao cumprimento das finalidades e objetivos que superem o expectável ou exigido pela função". Esta definição põe em foco o desempenho extraordinário e a excelência, uma vez que para a atingirmos é necessário obter competências cognitivas, funcionais, sociais e acima de tudo organizacionais.

As competências na Administração Pública, principalmente - o desempenho comportamental real versus padrão de referência nos diferentes graus da carreira militar - demonstradas na palestra permitiu que nós (civis) percebamos que também a nível militar as competências tendem cada vez mais ao aprimoramento, e que essas aptidões são demonstradas a nível do desempenho (eficácia coletiva, organizacional e individual) conduzindo às Lideranças Estratégica, Organizacional e Direta.

Importa realçar que o Curso de Liderança, em ambiente militar, que a Academia Militar disponibiliza à comunidade civil é de grande utilidade, porque capacita o cidadão para: pôr à prova os seus *skills*, desenvolver e descobrir competências de autocontrolo, delegar responsabilidades e definir o planeamento para que, em equipa, cumpram o objetivo proposto.

Consideramos que a presença do senhor Tenente-Coronel José Carlos Dias Rouco foi um exemplo de como o Exército tem um novo posicionamento face à formação não só na Academia Militar como para a comunidade civil e, sobretudo, demonstrou que é necessário repensar os valores e a cidadania participativa.

O nosso bem haja!!!!

---

* A Professora Ana Branca Soeiro de Carvalho é Licenciada em Direito, Mestre em Gestão de Empresas e Doutorada em Ciências Sociais. Atualmente, leciona na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu.

Ditosa Pátria, minha amada!
A quem servi com honra e orgulho.
Mas que hoje me ignora,
Me esconde e não me dá voz;
E me culpa de algo atroz.
Sou número, não pessoa,
Não existo, sou vergonha,
Sou proscrito amordaçado,
Numa história verdadeira.
Esperam apenas que morra,
Sem evocação nem memória,
Sem lápide, nem glória,
Sem fanfarra ou bandeira.
E, assim, se apaga da história
Quem serviu na hora errada,
E se crime cometeu
Porque o dever o chamou,
Foi o de sentir que serviu,
Dando sem receber,
A Pátria, ditosa amada.

Prof. Álvaro Bonito

Professor António Luís Carrapa Sarmento*

Escolas Latino Coelho nas Comemorações do Dia do Exército

Testemunho de um Professor de História

O Agrupamento de Escolas Latino Coelho, Lamego, cumprindo a sua missão de abertura ao meio envolvente e desta forma dar substância a uma das metas do seu projeto educativo: incentivar a interação Escola – realidade social, cultural e ambiental envolvente, associou-se às iniciativas levadas a cabo em Lamego, no âmbito das comemorações do Dia do Exército.

Um dos maiores desafios da participação do Agrupamento neste evento foi envolver os alunos de forma ativa, nomeadamente através da realização voluntária de pequenos trabalhos de investigação que demonstrassem a importância que a presença militar em Lamego tem, não só para a cidade, mas também para a região.

O slogan que serviu de suporte às Comemorações do Dia do Exército – "Sentir no Exército a Pátria que sempre fomos" – foi também o mote utilizado pelos professores de História do Agrupamento para a sensibilização dos seus alunos. Cada professor, de acordo com as características das suas turmas e com a faixa etária dos seus alunos, realizou um trabalho importante de motivação para as questões militares e para a importância do Exército Português na construção do país que hoje somos, com destaque para a valorização da história local, através do reconhecimento da importância da presença militar na cidade.

Realizada a motivação dos alunos, foi com agrado que os docentes se deram conta do entusiasmo com que muitos aderiram à iniciativa e os

trabalhos foram surgindo. Uma parte significativa dos alunos, nomeadamente os do 9° ano de escolaridade, animados pelo facto de estarem a estudar a 1ª Guerra Mundial, optaram pela realização de trabalhos no âmbito da Participação de Portugal e, especificamente, de soldados de Lamego, nesse conflito. Foi com espanto que alguns descobriram que também "gente" de Lamego fez parte do Corpo Expedicionário Português, que em 1916 partiu para a Flandres e participou na importante Batalha de Neuve Chapelle, onde, infelizmente. muitos tombaram e ocupam hoje os cemitérios daquela zona do Norte da Europa. O espanto manteve-se quando perceberam que essa participação se saldou na Condecoração do Regimento de Infantaria 9 com a Ordem Militar da Torre e Espada. Alguns trabalhos sobre esta temática focaram-se mais na importância que a colossal escultura do "Soldado Desconhecido" tem na cidade, ao dominar as duas avenidas, autênticas salas de visitas de Lamego, que atualmente estão a beneficiar de obras de requalificação, tendo em vista a criação do Eixo Barroco na baixa da cidade. Refira-se que as obras em nada retiraram a dignidade ao nosso "Soldado Desconhecido". Ainda sobre este tema, alguns alunos partiram para o terreno e valorizaram os jazigos existentes à entrada de um dos cemitérios da cidade (Cemitério de Santa Cruz), onde repousam para a eternidade alguns dos bravos soldados de Lamego que se bateram contra os alemães e que tiveram a sorte de regressar a casa com vida.

Um outro tema que foi trabalhado pelos alunos relacionou-se com a importância militar de Lamego ao longo da História. Não sendo possível recuar muito no tempo, as investigações dos alunos centraram-se, essencialmente, na participação desta cidade nas lutas liberais do século XIX, que opuseram D. Pedro e D. Miguel e que culminaram com a instauração definitiva do liberalismo em Portugal em 1834 e também com a participação de soldados do Regimento de Infantaria de Lamego na Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974, que devolveu ao nosso país a Democracia adormecida pelo Estado Novo durante mais de 40 anos. No que às lutas liberais diz respeito, muito contribuiu para as pesquisas dos alunos a excelente obra "Lutas liberais e miguelistas em Lamego", da autoria de Manuel Gonçalves da Costa, padre nascido em Penude, uma das freguesias do Concelho de Lamego. Já relativamente à importância de Lamego na Revolução de 25 de Abril, sem dú-

vida que o que mais foi destacado pelos discentes foi o facto de também os soldados que cumpriam o seu serviço militar nesta cidade, bem como os seus superiores, terem tido um papel ativo, nomeadamente o objetivo bem definido de ocupar a sede da PIDE/DGS do Porto, ajudando assim a desmantelar uma das estruturas mais repressivas do regime salazarista/marcelista.

Alguns alunos, principalmente aqueles que não podiam enquadrar o tema nos conteúdos que estavam a estudar, como por exemplo os alunos do 10° ano de escolaridade que, aquando das comemorações do Dia do Exército, ainda andavam algures entre os textos extraordinários de Péricles, Aristóteles ou Cícero para melhor compreenderem a Democracia Ateniense do século V a.C. e as obras de arte que a cultura grega legou à posteridade, optaram por assuntos mais gerais como a História da presença militar em Lamego, destacando a instalação na cidade do Regimento de Infantaria 9, em 1836, que em 1960 deu origem ao Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOE), que, por sua vez, no âmbito da reestruturação do exército se transformou, em 2006, em Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE). Independentemente dos nomes que a estrutura militar em Lamego foi tendo desde a primeira metade do século XIX, foi notório nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos o reconhecimento da importância que esta estrutura foi tendo quer para a cidade, quer para os concelhos limítrofes.

Houve ainda trabalhos que demonstraram a importância dos militares de Lamego na valorização da nossa nacionalidade, nomeadamente no que à afirmação de Portugal no mundo diz respeito. Neste sentido distinguiram a participação de militares do Centro de Tropas de Operações Especiais em missões de paz internacionais, designadamente no Kosovo, no âmbito da KFOR ou no Afeganistão, através de uma equipa sniper. Também neste caso os alunos se mostraram surpreendidos, uma vez que não faziam a mínima ideia de que militares desta cidade estivessem envolvidos neste tipo de ações internacionais, que muito contribuem para a reputação e cooperação internacionais do nosso país/nação.

Para além destes trabalhos mais teóricos, realizados essencialmente com recurso a pesquisas bibliográficas, onde, cada vez mais, os livros são substituídos pelos "motores de busca" da Internet, um número significativo de alunos partiu para o terreno e dessa forma conseguiu inovar e dar a conhecer outras perspetivas da presença militar em Lamego. Alguns pesquisaram sobre figuras militares de Lamego, aproveitando para os enquadrar nas famílias que descendem dessas pessoas, fazendo, assim, a interligação entre o passado e o presente e percebendo que, ainda hoje, algumas das opções profissionais de determinados jovens estão relacionadas com a tradição militar de parte da sua família.

Um dado curioso foi o facto de um grupo de

Alguns alunos optaram por assuntos mais gerais como a História da presença militar em Lamego, destacando a instalação na cidade do Regimento de Infantaria 9, em 1836, que em 1960 deu origem ao CIOE.

Trabalhos realizados nas aulas práticas do Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, nomeadamente os pequenos "robots". Professor e alunos tiveram em conta o contexto da exposição e programaram as suas peças para realizarem algumas operações relacionadas com a vida militar.

alunos ter realizado um trabalho baseado não na história dos que se destacaram e já partiram, mas terem ido à procura daqueles que neste momento se encontram no ativo a prestar serviço militar. Neste caso, o método utilizado foi o da entrevista e foi com surpresa, não só para os alunos, mas também para os professores, que, contrariamente ao que muitas vezes se pensa, a vida militar foi enaltecida, não apenas na sua vertente mais "militar", mas principalmente na vertente de inculcação de valores como a responsabilidade, a obediência ou a disciplina, e, ainda como forma de valorização e sucesso profissional, o que para os nossos jovens foi uma motivação, numa altura em que a crise, que se abate sobre o país e sobre a velha Europa, vai, cada vez mais, afunilando as saídas profissionais dos adolescentes e jovens que se encontram ainda nos bancos das Escolas.

Destaca-se também um grupo de alunos que realizou entrevistas a "pessoas anónimas" que, não tendo feito carreira militar, recordaram as vivências que tiveram enquanto cumpriram o serviço militar em Lamego. Foram trabalhos interessantes, onde os entrevistados destacaram as aprendizagens obtidas durante esse período das suas vidas e a forma como essas aprendizagens foram sendo úteis ao longo da sua vida pessoal e profissional. Também nestes trabalhos os alunos assimilaram como o que se aprende e se interioriza, acaba por ter influência direta na forma como decorre a vida de cada um, mesmo que pareça não ser útil num futuro imediato.

Não querendo menosprezar os trabalhos a que me referi até agora, como professor de História não posso deixar de distinguir o trabalho realizado por um aluno bastante novo (6° ano de escolaridade), baseado no testemunho pessoal do avô, que participou na Guerra Colonial. Este destaque prende-se antes de mais com o facto de o aluno ter trazido para a Escola um assunto com o qual nós, portugueses, ainda temos muita dificuldade em lidar, mas também pelo facto de o aluno em causa ter conseguido obter do avô algumas páginas do diário que o próprio escreveu enquanto combatia em África por uma causa, que, muito possivelmente, não era a sua, mas apenas a dos dirigentes políticos do seu país. Possivelmente este diário terá páginas cheias de história, história de vida de um homem que, afastado do seu país, combatia em terras que, à luz da doutrina da época, também eram o seu próprio país, apesar de, muito possivelmente, ele nunca se ter apercebido disso. História de um homem que poderia ser também a história de muitos outros que combateram no "Ultramar". História de um Homem que se confunde com a História de um povo e de um país que, isolado internacionalmente, teimava em manter o que há muito tempo já perdera. Nenhum dos professores de História teve a coragem, julgo também que não teriam nem a legitimidade nem o direito, de pedir o diário ao avô do aluno. Mas, não tenho dúvidas que ele seria um ótimo material pedagógico para ser usado em contexto de sala de

aula. De facto, se muitas vezes a História parece ser árida e muito afastada dos alunos, aqui teríamos a história na primeira pessoa, teríamos o avô de um aluno a saber muito mais sobre a Guerra Colonial do que o Professor.

Para além destes trabalhos escritos, onde estiveram envolvidos alunos do Ensino Básico, do 6° ao 9° ano, mas também do Ensino Secundário, 10° e 11° anos do Curso de Línguas e Humanidades, não posso deixar de referir os excelentes trabalhos realizados pelos alunos do Curso de Artes Visuais. Trabalhos artísticos, onde, para além do mapa do nosso país, em relevo, se destacaram os símbolos de Portugal: a nossa "Portuguesa", resumida ao seu refrão e apresentada por um soldado e a nossa Bandeira, realizada a rigor, depois de investigados todos os pormenores relacionados com as cores, as dimensões, as posições dos símbolos, etc.

De todos estes trabalhos apenas alguns chegaram ao público que durante os dias das Comemorações do Dia do Exército ocorreu à "Casa do Poço", no Museu Diocesano, onde se encontravam expostos os trabalhos, quer os provenientes do Agrupamento Latino Coelho, quer os das outras Instituições que se associaram ao evento. Apenas foram expostos os que foram realizados em formatos de exposição (placares, cartolinas, objetos sólidos). Os restantes, apresentados em suportes mais difíceis de expor (trabalhos escritos, vídeos e apresentações multimédia) não tendo chegado ao público não deixaram de enriquecer quem os realizou e também os professores que os acompanharam. Todos os trabalhos, sem exceção, irão ser expostos no dia 15 de novembro, na Escola Secundária de Latino Coelho, aquando das comemorações do seu 133° aniversário.

Em termos de exposição não poderia deixar de referir os desenhos extraordinários dos alunos do Curso de Artes Visuais, alguns dos quais realizados ao vivo, no próprio espaço, mas também a demonstração de algum do trabalho realizado nas aulas mais práticas do Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, nomeadamente os pequenos "robots", integralmente montados e "robotizados" pelos formandos do curso referido. Curiosamente, neste último caso, professor e alunos tiveram em conta o contexto da exposição e programaram as suas peças para realizarem algumas operações relacionadas com a vida militar.

Para concluir considero que a participação do Agrupamento de Escolas Latino Coelho no Dia

do Exército, nomeadamente através da intervenção direta dos alunos com os trabalhos que tentei resumir, se traduziu num enriquecimento geral da comunidade educativa. Em primeiro lugar, salientO os alunos que, ao pesquisarem, desmistificaram muitas das ideias preconcebidas que tinham da vida militar e ficaram a conhecer melhor as funções das diferentes áreas deste setor, reconheceram a importância da presença militar na nossa cidade, aumentaram os seus conhecimentos sobre alguns símbolos de Lamego, nomeadamente o "Soldado Desconhecido" que, para muitos se limitava a ser o "Chico do Pinto" (termo popular e simultaneamente carinhoso pelo qual é conhecida a escultura e que de certa forma encerra num nome todos os lamecenses que tombaram na Primeira Guerra Mundial) e ficaram, também, sensibilizados para o facto de a vida militar poder ser uma alternativa de futuro. Em segundo lugar, saliento os professores que, para além de passarem a conhecer com mais detalhe as estruturas militares, também reconheceram a importância da permanência do Centro de Tropas de Operações Especiais em Lamego, bem como alguns pormenores, de interesse relevante, mas quase desconhecidos para a maioria dos docentes, como por exemplo a formação ministrada no CTOE, os 10 mandamentos e as palavras de juramento do "Ranger" ou a oração pelos militares falecidos. Parecem ser aspetos de menor importância, mas são muito úteis, nomeadamente em contexto de sala de aula, quando a história local e os símbolos que lhe dão significado serve de exemplo para uma melhor compreensão de conteúdos da História Nacional, Europeia ou Mundial.

Num mundo em que tudo parece relativo e onde a disciplina, a ordem e a obediência parecem deixar de ter significado, a participação nestas comemorações trouxe-nos a nós, Agrupamento de Escolas Latino Coelho, a visão de como é possível manter estes valores, em simultâneo com a aceitação da liberdade de cada um e fez-nos sentir que essa liberdade não tem obrigatoriamente que se traduzir em confusão ou caos, em que infelizmente muitas Escolas e Agrupamentos caíram. Necessitamos de facto de recuperar alguma da disciplina e ordem que o sistema militar mantém, só assim as Escolas poderão voltar a ser espaços de aprendizagem e de formação e não meros depósitos de crianças e jovens que só ali estão porque o sistema os obriga. Tal como os "Rangers", também a comunidade educativa que, continua a acreditar na educação como investimento de futuro, terá que todos os dias seguir o lema "que os muitos por ser poucos nam temamos".

---

* Professor de História (Agrupamento de Escolas Latino Coelho, Lamego).

Atividades Escolares e Académicas

No período de 9 a 27 de outubro tiveram lugar as Atividades Escolares e Académicas, enquadradas nas comemorações do Dia do Exército – Lamego 2013.

A concretização destas atividades contou, no dia 9 de outubro, pelas 19h00, com a realização de uma palestra sobre o "Modelo de Competências de Liderança em Contexto Militar", proferida pelo Tenente-Coronel de Infantaria Dias Rouco/ Academia Militar (AM), na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego.

Durante o dia 22, a AM ministrou, no Centro de Tropas de Operações Especiais, um Estágio de Liderança aos alunos da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a que se seguiu idêntica iniciativa, no final da tarde do dia 23, agora no modelo "Workshop" de Liderança, aos alunos da Escola Secundária Latino Coelho.

No período de 25 a 27 de outubro, esteve aberta ao público uma exposição das Atividades Escolares e Académicas, no Museu Diocesano – Casa do Poço. A sessão de abertura da exposição contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro, de acordo com o seguinte programa: Receção ao CEME; Breve enquadramento sobre as atividades realizadas, pelo Chefe do Departamento de Ciências e Tecnologias Militares/AM, Coronel Tirocinado Nunes Henriques; Visita aos seguintes

espaços da exposição: "Recolha de Memórias" – Fotografias de Lamecenses e de atividades militares e civis na região de Lamego, realizado pelos alunos da Universidade Sénior Jerónimo Cardoso, em colaboração com a AM; Artes visuais e investigação, realizado pelos alunos da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, de Lamego; Artes visuais e trabalhos de História, realizado pelos alunos da Escola Secundária Latino Coelho, de Lamego; "Viver Academia Militar" realizado pela AM. E, por fim, um espaço comum sobre Inovação & Tecnologia.

No que diz respeito à apresentação de comunicações sobre as Atividades Escolares e Académicas, coube ao Coronel Tirocinado Nunes Henriques o papel de moderador de uma palestra que teve como oradores os seguintes elementos: Professor António Luís Sarmento, do Agrupamento de Escolas Latino Coelho; Professora Ana Branca Soeiro de Carvalho, Dra. Emília e Sargento-Ajudante (Res) Guerra, da Escola Superior de Tecnologia e Gestão; Tenente-Coronel de Artilharia Marquês de Sousa, da Academia Militar.

Seguiu-se, posteriormente, a entrega de lembranças aos oradores; a distribuição de diplomas e prémios; a entrega de lembranças às Instituições que participaram, e umas breves palavras proferidas pelo Comandante da AM, Tenente-General José António Carneiro Rodrigues da Costa, aquando do encerramento.

Durante as atividades teve lugar o concurso de Artes-visuais e História para os alunos da Escola Secundária Latino Coelho. Para a ordenação dos trabalhos foram constituídos dois júris: os representantes das Instituições que participaram nas Atividades Escolares e Académicas, e o público em geral que, durante a visita ao espaço do Museu Diocesano, teve oportunidade de votar nos diferentes trabalhos em exposição.

No dia 27, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Luís Evangelista Esteves de Araújo, e a Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Dra. Berta Maria Correia de Almeida de Melo Cabral, visitaram a exposição das Atividades Escolares e Académicas do Dia do Exército.

Trabalhos Vencedores

Trabalhos de Artes Visuais

1.º classificado: Trabalho n.º 1 – Emanuel Silva – 11.ºG

2.º classificado: Trabalho n.º 7 – Ana Sofia Sousa – 12.ºG e Rúben Bastos – 11.ºG

3.º classificado: Trabalho n.º 3 – Luís Saavedra – 11.ºG

Trabalhos de História

1.º classificado: Trabalho n.º 7 – Manuela Teles – 10.ºE e Helena Beatriz – 10.ºE

2.º classificado: Trabalho n.º 2 – Mariana Cardoso – 9.ºF

3.º classificado: Trabalho n.º 5 – Daniela Gouveia – 11.ºF; Daniela Teixeira – 11.ºF e João Macieira – 11.ºF

PLANO DE SAÚDE DENTÁRIO EXCLUSIVO

PARA OS MILITARES E CIVIS DO **EXÉRCITO PORTUGUÊS**, INCLUINDO AS SUAS FAMÍLIAS

Já não custa ter um sorriso bonito e uma boca saudável

Preço: 30€ pessoa/ano - (Preço família, especial de lançamento 75€/ano incluíndo cônjuge e descendentes)

VANTAGENS:

- Mais de **3000 médicos dentistas** à sua disposição em todo o território nacional e ilhas.
- **Todas as especialidades cobertas** e todos os tratamentos que possa necessitar.
- **Clínicas seleccionadas** que cumprem os máximos standards de Qualidade.
- **Redução dos custo nos tratamentos em mais de 50% do preço privado** (ver tabela completa na página Web).
- **Tratamentos preventivos e mais frequentes SEM CUSTO.**

TRATAMENTOS	PLANO DE SAÚDE EXÉRCITO / DENTALREDE	PREÇOS MÉDIOS EM PRIVADO
CONSULTAS E VISITAS DE ESPECIALIDADE	SEM CUSTO	30,00€
DESTARTARIZAÇÃO (LIMPEZA)	SEM CUSTO	40,00€
RADIOGRAFIAS	SEM CUSTO	10.00€
COROAS E PONTES DE CERÂMICA	240.00€	400.00€
ORTODÔNTIA	255,00€ (POR APARELHO)	500,00€ (POR APARELHO)
EXTRACÇÕES SIMPLES	SEM CUSTO	30,00€

Ver toda a informação
www.Dentalrede.pt/parceiros/exercito português

INSCREVA-SE JÁ!!!

Fale connosco através do

☎ **808 201 665**

€2.00 (IVA incluido)

Ano LIV – n.º 633
DEZEMBRO DE 2013

jornal do Exército

Boas Festas
e Feliz Ano 2014

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Informe-se já.

Santander Totta

um banco para as suas ideias

santandertotta.pt

jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

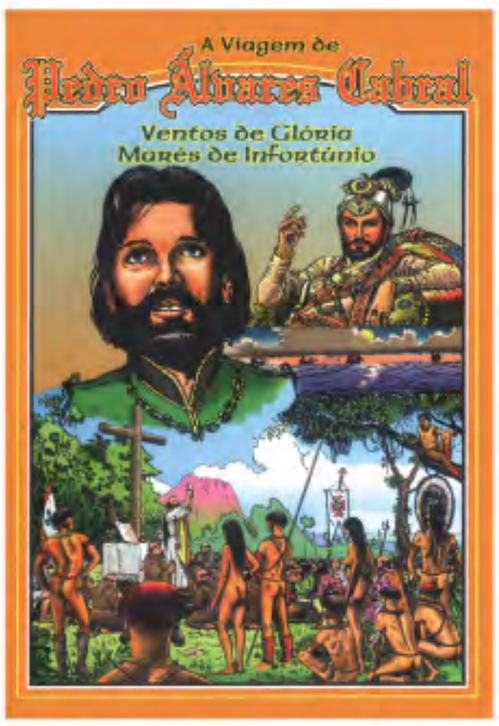
Monumento com História Militar
Forte do Alto do Duque – 4
Mensagem de Natal
do General CEME – 5
Destaque do Mês – 6
Figuras e Factos – 7
...mais de mil palavras – 8
Figuras e Factos – 10
Regimento de Transportes – Exército
em Movimento – 14
Regimento de Transmissões – 18
6.º Contingente Nacional/ISAF – Fortalece
a imagem pública de Portugal – 20
Viana do Castelo
Para um roteiro português evocativo
do centenário da Grande Guerra – 36
Cultura, Desporto e Lazer – 44

Capa

Camp Slim Lines/Kosovo
Foto: 2BI/KFOR

O General Silveira:
A importância da sua ação militar na Guerra
da Independência de Espanha– 30

Operação Serval II – 24



Suplemento Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral – Ventos de Glória
Marés de Infortúnio"
Pág: IX a XII

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, E-mail: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, E-mail - Intranet: Jornal do Exército, Home page: www.exercito.pt **DIREÇÃO - Diretor:** Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Assistente Técnica Joana Moita; **REDAÇÃO - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1º Sargento Anjos Das Neves; **Redatores:** Tenente RC Filipa Domingos; Alferes RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas:** Assistente Técnica Elisa Pio, Assistente Técnica Guiomar Brito, Assistente Técnica Tânia Espírito Santo;; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS - Chefe:** Tenente-Coronel de Cavalaria António N. Marcos Andrade; **Auxiliares:** Sargento-Ajudante SGE João Belém, Sargento-Ajudante SGE Luís Silva: **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA -** Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA -** Sersilito - Empresa Gráfica Lda. - Travessa Sá e Melo, 209, Apartado 1208 - 4471-909 Maia, Tel: 229 436 920 - Fax: 229 436 922, E-mail: sersilito@sersilito.pt. Tiragem - 6 000 exemplares Depósito Legal - nº 1465/82 ISSN - 0871/8598

Forte do Alto do Duque

Muitas vezes confundido com o Forte do Marquês de Sá da Bandeira, devido à sua semelhança exterior em formato de cúpula, o Forte do Alto do Duque fazia também parte do Campo Entrincheirado de Lisboa e integrava o sistema defensivo de Monsanto, tendo por missão principal interditar a passagem pela barra do Tejo e impedir igualmente o acesso a montante da linha Belém-Trafaria. Localiza-se no extremo sudoeste do Parque Florestal de Monsanto, na freguesia de Santa Maria de Belém, no concelho e distrito de Lisboa, em Portugal.

O forte foi construído entre 1875 e 1890, numa elevação no Monsanto, em terrenos que faziam parte da Quinta do Duque do Cadaval, com domínio sobre a baixa de Algés e a barra do rio Tejo. Possui uma planta pentagonal irregular, o edifício está enterrado e encontra-se ao nível da cota do terreno, sendo envolvido por fosso. Trata-se de uma construção de planta centralizada, com cisterna de abóboda tornejante. Classificado como Monumento de Interesse Público, é a única fortaleza do tipo austríaco existente na Península Ibérica.

Foi no Forte do Alto do Duque que se realizou a primeira experiência de Telegrafia Sem Fios (TSF) em Portugal. Estávamos em 1901 e nesta altura, devido à largura do estuário do rio Tejo, as comunicações entre o norte e o sul eram bastante difíceis, especialmente na área de Lisboa. Convém relembrar, que a única ponte existente na altura era a D. Luís, em Santarém, a mais de 70 Km de Lisboa, que tinha sido inaugurada em 1881 (a ponte Marechal Carmona, em Vila Franca de Xira, a 30 Km de distância de Lisboa, só foi colocada em funcionamento em 1951 e a ponte Salazar, rebatizada "25 de Abril" em 1974, só foi inaugurada em 1966). Por essa razão, o Forte do Alto do Duque e a Bateria da Raposeira (Trafaria, margem sul) foram os locais escolhidos para a primeira tentativa de comunicação sem fios, pois para além da sua posição elevada, distavam entre si cerca de 4300 metros e encontravam-se num dos pontos mais estreitos do rio. A experiência que utilizava ondas radioelétricas revelou-se bem sucedida e permitiu o estabelecimento de um canal de comunicação, para melhor defender a entrada na barra de Lisboa.

Em 1932 foi criado um destacamento militar com o mesmo nome do forte. Entrou em combate em 1936, respondendo ao fogo da artilharia dos navios portugueses que se revoltaram e tentaram sair do rio Tejo para apoiar as forças republicanas espanholas, durante a Guerra Civil de Espanha.

A seguir à Revolução do 25 de Abril, serviu de quartel-general ao COPCON – Comando Operacional do Continente. Na década de 1990, recebeu o quartel-general do Comando Operacional das Forças Terrestes (COFT). Foi nessas instalações que o COFT respondeu às exigências de novos exercícios e ao desenvolvimento e projeção das Forças Nacionais Destacadas, que o Exército empenhou na Bósnia-Herzegovina e no Kosovo. Iniciou-se, em 1994, um processo de beneficiação das infraestruturas, no sentido de proporcionar condições mínimas ao Núcleo Permanente do COFT, mas este acabaria por dar lugar, em 2002, à sede do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa.

Alferes RC Eder Sousa

Mensagem de Natal do General CEME

Militares e Funcionários civis do Exército

A quadra natalícia é por excelência a festa da Família, em que procuramos estar junto daqueles que nos são mais próximos, cientes de que a disponibilidade permanente, própria da condição militar, condiciona esta proximidade com a família e os amigos, durante o decurso do ano.

Sendo o Natal um momento de reencontro da Família, em que recordamos especialmente aqueles que estão ausentes, quero dedicar as minhas primeiras palavras de apreço, estímulo e consideração a todos os que servem o Exército, designadamente aos militares que neste momento cumprem com esforço e valor as suas missões ao serviço de Portugal, em quartéis-generais, estados-maiores e missões internacionais, no Afeganistão, no Kosovo, no Uganda e Mali, saudação que é extensiva aos que desempenham funções na OTAN, na União Europeia, na ONU, nas representações militares e nas diversas missões de Cooperação Técnico-Militar, expressando a minha confiança no seu profissionalismo e dedicação.

Pretendo, igualmente, transmitir o reconhecimento do Comando do Exército a todos os militares e funcionários civis que enformam o Exército, quer estejam no ativo, na reserva ou na reforma, que, com enorme espírito de entrega e profissionalismo, trabalham no dia-a-dia nas nossas unidades, estabelecimentos e órgãos, contribuindo com toda sua dedicação e grande profissionalismo para o prestígio da instituição que servimos.

O ano que finda trouxe-nos exigência, complexidade e algum desconforto social, mas igualmente estímulo e gratificação. Apesar das adversidades, denotando grande empenho, espírito de missão, profissionalismo e competência, os militares e as nossas unidades continuam a desenvolver a sua valorosa ação, prestigiando o Exército e honrando Portugal. É esta atitude que nos confere força anímica e moral para enfrentar as dificuldades e seguir em frente e nos torna indissociáveis do servir o País, como instituição credível e exemplo de valores.

Perante o final de mais um intenso ano de trabalho, reconheço o esforço abnegado e devotadamente despendido diariamente no cumprimento das missões que nos foram atribuídas e na afirmação do nosso Exército, enquanto instituição nacional relevante no seio do Estado e no quadro das organizações de que Portugal faz parte.

Sabendo que o novo ano que se aproxima será igualmente exigente e pleno de desafios, o Comandante do Exército renova a sua confiança em todos quantos servem no Exército, estando absolutamente seguro de que, mesmo em ambientes de incerteza, continuarão a prestigiar o Exército e a honrar Portugal. Tal como os nossos antepassados, com o nosso espírito de soldado, saberemos ultrapassar as adversidades e continuaremos a ser dignos da memória histórica do nosso Exército que se confunde com a Historia da Pátria portuguesa. O Exército nascido há nove séculos, da Nação de onde emana, saberá defendê-la e manter-se permanentemente disponível para servir a população, com coesão, disciplina e espírito de sacrifício, no cumprimento escrupuloso das missões atribuídas, contribuindo, desta forma, para o esforço nacional no sentido da superação das dificuldades com que estamos confrontados.

Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários civis do Exército

Sendo este período, por tradição, de encontro e partilha, neste NATAL quero manifestar a minha confiança no futuro e desejar aos militares, na situação de Reserva e de Reforma, e aos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários civis, que na efetividade do serviço, com grande empenho e abnegação, servem Portugal no Exército, votos sinceros de um BOM NATAL e de um FELIZ ANO 2014, extensivos às respetivas famílias.

O Chefe do Estado-Maior do Exército
Artur Pina Monteiro
General

Entrega de Espadas aos novos Oficiais do Exército

Realizou-se em 7 de outubro, na Academia Militar (AM), em Lisboa, a tradicional Cerimónia de Entrega de Espadas, símbolo de Comando, aos alunos do Exército dos cursos "Capitão André Furtado de Mendonça" e "General de Divisão João Crisóstomo de Abreu e Sousa", que concluíram os seus cursos no ano letivo 2012/2013.

Esta formalidade, onde não faltaram amigos e familiares dos cerca de 70 novos Oficiais do Quadro Permanente do

Exército Português, foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Artur Pina Monteiro.

À porta da AM – Sede, o General CEME foi recebido com honras militares regulamentares, prestada pela Guarda de Honra composta pela 4ª Companhia de Alunos, Banda e Fanfarra do Exército. Após a Continência das Forças Militares, seguiu-se a oração e bênção das Espadas pelo Padre Luís Morouço Ferreira, Capitão do Serviço de Assistência Religiosa e Capelão da AM.

Na sua alocução, o General CEME saudou toda a "Família Militar" presente, sublinhando que o "ingresso nos quadros da Instituição rejuvenesce o Exército, trazendo propostas, ideias sempre com a vontade de bem servir e bem cumprir da missão constitucional que nos foi atribuída, contribuindo também para o reforço da disciplina e do espírito de corpo intergeracional".

Palavras de apreço não faltaram à AM, por parte do CEME, que destacou este Estabelecimento de Ensino Militar por ter ajudado a "forjar o desenvolvimento pessoal, profissional e, de extrema importância, a desenvolver competências de liderança em contexto militar", disse, acrescentando que "a formação aqui ministrada assenta essencialmente em três grandes pilares: o domínio técnico, científico e cultural, o domínio comportamental e da consolidação de valores e o domínio físico".

Para o Chefe do Estado-Maior do Exército "a Entrega da Espada representa no cerimonial militar o símbolo do Comando na sua vertente mais ampla. Determina consequentemente um vínculo permanente com a instituição e a habilitação legal para o desempenho de funções de elevada responsabilidade e para atuar em condições de grande complexidade e dificuldade".

Segundo defendeu, "este ato testemunha assim, a convicção que o Comando do Exército tem na vossa capacidade de comandar outros militares, de estender a vossa influência muito para além da cadeia de comando, de liderar pelo exemplo, e de saber comunicar com subordinados, superiores hierárquicos, e com outros atores relevantes para a vossa ação. Espera-se também que saibam criar nas vossas unidades um ambiente que possibilite o seu aperfeiçoamento, saibam constantemente melhorar as vossas capacidades pessoais e ajudem os vossos subordinados a crescerem profissionalmente e como cidadãos".

Enquanto "uma escolha voluntária, servir o País, servindo no Exército", o General CEME lembrou que se trata de um "percurso que, para além de longo, rigoroso e cheio de diferentes opções, exige uma entrega e disponibilidade total nas mais diversas circunstâncias, caraterísticas distintivas da condição militar". Deste modo, incentivou, "deveis pugnar por estabelecer legítimos níveis de ambição, centrando a vossa ação no cumprimento da missão, sem nunca descurar as preocupações com aqueles que vos são confiados para comandar, continuamente imbuídos de um profundo sentido de responsabilidade, generosidade e solidariedade para com a comunidade onde se inserem".

Visita da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional ao Instituto de Odivelas

No dia 16 de outubro, o Instituto de Odivelas (IO) recebeu a visita da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Dr.ª Berta Cabral, acompanhada pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, pelo Comandante da Instrução e Doutrina, Tenente-General Frederico Rovisco Duarte, e pelo Diretor de Educação, Major-General Fernando Cóias Ferreira.

A visita iniciou-se com a tradicional apresentação de cumprimentos na Sala de Honra do IO.

Após a receção, realizou-se um briefing efetuado pelo Diretor do Instituto, Coronel Nisa Pato, sobre a atual situação do IO na Sala Teto Bonito.

De seguida foi realizada a visita às instalações do IO, que passou pelo Corredor das Aulas, Laboratório de Química, Ginásio, Camaratas, Piscina e Igreja.

A visita terminou com a assinatura do Livro de Honra, onde a Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional deixou o testemunho da sua passagem.

SEADN visitou Instituto Geográfico do Exército

A Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional (SEADN), Dr.ª Berta Cabral, realizou recentemente uma visita ao Instituto Geográfico do Exército (IGeoE), onde foi recebida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, e pelo Quartel-Mestre-General, Tenente-General Pereira Agostinho.

Na visita às instalações, a SEADN passou pelo edifício do Depósito Central de Cartas, onde apreciou o Museu da Cartografia Militar, a Cartoteca e os Depósitos de Cartografia e, já no edifício principal, ficou a conhecer o Centro de Documentação Geográfica Militar (Fotografia Cartográfica) e o Centro de Produção Cartográfica (projetos MGCP e SERVIR).

A Dr.ª Berta Cabral assistiu ainda a um brífingue do Diretor do IGeoE , Coronel Estrela Soares, que fez um retrato panorâmico da instituição, onde a SEADN sublinhou que "as Forças Armadas têm sido percursoras em questões do Ordenamento do Território e do Ambiente, pelo que Portugal precisa do trabalho que está a ser realizado no Instituto Geográfico do Exército". O "esforço de atualização para corresponder às exigências militares, mas também às solicitações da sociedade civil", foi ainda elogiado pela SEADN na ocasião.

Herdeiro do espólio e tradições cartográficas militares do Serviço Cartográfico do Exército, o IGeoE, além de contribuir para a componente operacional, disponibiliza informação essencial para as operações militares e também para a sociedade civil.

Foto: António Lopes MDN

Cinofilia e o Exército

Ontem como hoje, o cão continua a ter emprego militar. A experiência mais recente é no Afeganistão, onde vários países o utilizam.

O cão, acompanhado pelo seu tratador, continua a ajudar a cumprir uma panóplia de missões, das quais algumas começam com um salto de paraquedas.

Nas recentes comemorações do Dia do Exército, realizadas em Lamego, foi também recordado que os cães estiveram presentes no último conflito no Ultramar português, como representa este Pastor Alemão, ao lado de um soldado paraquedista que envergava um camuflado usado na época.

Visita oficial ao Exército da República de Angola

Decorreu no período de 30 de setembro a 2 de outubro a visita oficial do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, à República de Angola, a convite do seu homólogo, General Lúcio Gonçalves do Amaral.

Durante a visita, o General Pina Monteiro, sempre acompanhado pelo Comandante do Exército Angolano, visitou diversas unidades militares, o que permitiu obter uma visão abrangente do Exército Angolano, bem como verificar o estado dos Projetos de Cooperação Técnico-Militar desenvolvidos pelo Exército Português e aquilatar as possibilidades do seu aprofundamento, reforçando as já excelentes relações de amizade e de cooperação existentes entre o Exército Português e o Exército Angolano.

Do programa constou, na manhã do dia 30 de setembro, uma visita ao Comando do Exército, em Luanda, e, da parte da tarde, um encontro com o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General de Exército Sachipengo Nunda.

No dia 1 de outubro foi efectuada uma visita à Brigada de Forças Especiais, em Cabo Ledo, deslocando-se no dia 2 de outubro à Academia Militar do Exército, no Lobito, visitando ainda, no Huambo, as futuras instalações desta Academia.

Para além destas visitas, o Chefe do Estado-Maior do Exército contactou com os militares portugueses que se encontram em Luanda, no âmbito da Cooperação Técnico-Militar, tendo ainda apresentado cumprimentos ao Embaixador de Portugal em Luanda, Dr. João da Câmara.

TABELA DE PREÇOS PARA 2013

PREÇO DE CAPA € 2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): VIA SUPERFÍCIE - Portugal Cont. Madeira e Açores € 20,00; VIA AÉREA - Países Europeus € 45,00; Restantes Países € 65,00. NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente
NÚMEROS ATRASADOS - 1960 a 1969 € 4,50; 1970 a 1979 € 4,00; 1980 a 1989 € 3,00; 1990 a 2001 € 2,50; 2002 a 2012 € 2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.
PREÇO DE ENCADERNAÇÃO € 30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.
N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 € 4,21; 3000/8000 € 5,79; Açores e Madeira € 6,56.

Um Herói na Primeira Guerra Mundial

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira foi a entidade promotora do lançamento da reedição do livro "José Maria Hermano Baptista, Um Herói na Primeira Guerra Mundial", pela Âncora Editora, que ocorreu no dia 13 de setembro no Museu Municipal desta cidade.

A obra, da autoria do Coronel José Custódio Madaleno Geraldo, Diretor do *Jornal do Exército*, descreve a vida de um Combatente da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), "português sensacional que soube viver em três séculos", 1895 a 2002, que ao ser questionado, aos 106 anos, numa homenagem que lhe foi prestada na Escola Prática de Infantaria, em 9 de abril de 2002, sobre os motivos que permitiram atingir tal idade, respondeu: "Em primeiro lugar, não ser invejoso; segundo, não ser ambicioso, demasiado ambicioso; terceiro, sempre que possível fazer o bem; quarto, evitar fazer o mal e, em quinto e último lugar, seguir alguns dos princípios religiosos".

Presente neste lançamento esteve o autor do livro, assim como o filho do Combatente, Manuel Baptista, a quem coube a tarefa de reavivar as memórias do pai, entre amigos e familiares. Na mesa estiveram a anfitriã, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Maria da Luz Rosinha, e o Major-General João Carvalho, Diretor de História e Cultura Militar.

CISCO NETWORKING ACADEMY entrega de certificados

No dia 21 de novembro, no laboratório da Academia CISCO da área de formação dos Sistemas de Comunicação do Regimento de Transmissões (RT) no Porto, realizou-se a cerimónia de entrega de diplomas de certificação CISCO Networking Academy Instructor Trainer a três futuros formadores.

O grau de CISCO Networking Academy Instructor Trainer é um dos mais exigentes do currículo de formação da CISCO, existindo a nível nacional um número muito reduzido de formadores com esta certificação. Com a obtenção deste grau o Exército, através do RT, tem agora a capacidade de formar instrutores para currículo Cisco Certified Network Associate, constituindo para as Forças Armadas uma valência de inestimável valor, não só pelo potencial de racionalização de custos que encerra mas também porque assegura ao Exército uma posição de destaque, a nível

nacional, na formação na área das redes de comunicações.

Novo Comandante do RC6

O Coronel de Cavalaria Rui Manuel da Silva Ferreira é o novo Comandante do Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), tendo tomado posse no dia 19 de setembro. Para além das honras militares e a respetiva cerimónia militar com formatura regimental, tiveram lugar uma série de atividades.

É de assinalar que o RC6 já conta com mais de 300 anos de história. Durante o mês de junho e julho decorreram diversas atividades relativas à comemoração do seu 304º aniversário (para gáudio de muitos militares e civis), tais como o XXX Concurso Nacional Combinado, o Torneio de Golfe do Regimento, o V Open da Brigada de Intervenção, 4ª edição da Corrida da Amizade e um Concerto realizado pela Orquestra Ligeira do Exército.

Novo Diretor das Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento

No passado dia 16 de outubro, tomou posse como Diretor das Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento (OGFE), o Tenente-Coronel de Administração Militar, António Lebre Falcão.

A cerimónia decorreu na "Sala de Briefings" das OGFE onde estiveram presentes todos os militares e funcionários civis representativos de cada setor deste estabelecimento fabril do Exército Português. A cerimónia contou, entre outras formalidades protocolares, com a leitura do despacho de nomeação, leitura da síntese curricular do Diretor empossado e assinatura da ordem de serviço com a transcrição do despacho de nomeação.

Novo Comandante do RI15

Decorreu, no passado dia 17 de outubro, a cerimónia de Tomada de Posse do novo Comandante do Regimento de Infantaria Nº15 (RI15), Coronel de Infantaria Paraquedista Manuel Joaquim Vieira Esperança. Vem por este meio suceder, no Comando da Unidade, ao Coronel de Infantaria Paraquedista Álvaro Raposo Guerreiro da Silva.

A Cerimónia contou com a presença do Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Fernando Celso Vicente de Campos Serafino, que procedeu à entrega do Estandarte Nacional, à guarda do RI15, ao novo Comandante, simbolizando desta forma a tomada de posse de Comando da Unidade.

No fim da cerimónia, o novo Comandante do RI15 dirigiu-se aos militares e civis que prestam serviço na Unidade e realizou o contacto inicial com as instalações do Regimento.

Tomada de Posse do Diretor da DJD

Teve lugar em 30 de outubro, no salão nobre, a cerimónia de tomada de posse do novo Diretor da Direção de Justiça e Disciplina (DJD), Major-General João Manuel Lopes Nunes dos Reis. O Major-General Nuno dos Reis foi nomeado para o cargo de Diretor da DJD, pelo despacho nº173 do General Chefe do Estado-Maior do Exército, de 18 de outubro de 2013.

Posteriormente à cerimónia foi feita uma visita às repartições e gabinetes da DJD no edifício da Avenida de França, no Porto.

Seguiu-se um brífingue na sala de reuniões, sobre a situação geral da unidade, seguida de uma apresentação genérica a cargo dos Chefes de Repartição, no âmbito das suas áreas funcionais.

Paraquedistas com novo Comandante

No dia 30 de outubro, tomou posse como Comandante da Escola de Tropas Paraquedistas (ETP) o Coronel de Infantaria Paraquedista Vasco Francisco de Melo Parente de Alves Pereira.

Presidiu à cerimónia o Major-General Fernando Serafino, Comandante da Brigada de Reação Rápida, que procedeu à entrega do Estandarte Nacional à guarda da ETP ao seu novo Comandante, simbolizando desta forma a tomada de posse de Comando da Unidade.

Concluída a Cerimónia Militar, o novo Comandante da ETP recebeu, no Salão Nobre, os cumprimentos dos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários civis da unidade, assinou a Ordem de Serviço no seu gabinete e, seguidamente, passou revista à Unidade.

CTOE com novo Comandante

No dia 29 de novembro, tomou posse como Comandante do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE) o Coronel de Infantaria António Alcino da Silva Regadas.

O 2.º Comandante procedeu à entrega do Estandarte Nacional, à guarda da CTOE, ao seu novo Comandante, simbolizando desta forma a tomada de posse de Comando da Unidade.

Concluída a Cerimónia Militar, o novo Comandante do CTOE recebeu, no Salão Nobre, os cumprimentos dos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários civis da Unidade, seguindo-se a revista à Unidade.

Conferência dos Exércitos de Portugal e Brasil

Cooperação foi o mote principal da I Conferência Bilateral dos Estados-Maiores dos Exércitos de Portugal e do Brasil (I CBEM PB), que decorreu de 8 a 10 de outubro no Estado-Maior do Exército Português. Para além de estabelecer um Programa de Atividades Bilaterais a desenvolver entre os dois Exércitos a partir de 2014 e procurar manter um relacionamento ativo em diversas áreas, este programa tem também como objetivo reforçar os vínculos de confiança, amizade e de fraternidade que, historicamente, têm caracterizado as relações entre as duas Instituições.

Na conferência foi ainda acordado o "Regulamento para as Conferências Bilaterais de Estado-Maior entre o Exército Brasileiro e o Exército Português", bem como os respetivos Entendimentos e Recomendações.

Alferes RC Eder Alberto Sousa

Regimento de Transportes – Exército em Movimento

Viaturas das mais variadas categorias a circular, empilhadores a efetuar cargas e descargas, mecânicos a efetuar reparações, militares a preparar o pronto-socorro para mais uma missão, esta é a azáfama que se faz sentir no Regimento de Transportes (RTransp), Unidade Militar que herdou a tradição dos transportes no Exército. Com o seu 98º aniversário concluído no passado dia 16 de dezembro, bem como os 20 anos, nas atuais instalações do Quartel da Encarnação, comemorados a 20 de maio, nada parece abrandar o serviço de Transportes no Exército.

O ano de 1993 foi um ano importante para Portugal. Verificou-se o início oficial das obras da Expo 98, foi dada luz verde para a construção da

Barragem do Alqueva, foi colocado em órbita o PO-SAT-1 (primeiro satélite português) e, em virtude da alienação do Quartel do Campo Grande, o Batalhão do Serviço de Transportes (BST) mudou-se a 20 de maio para o Quartel da Encarnação, antigo Regimento de Artilharia de Lisboa (RALIS), passando em 2006 à sua atual designação, isto é, RTransp. Por conseguinte, a 20 de maio comemorou-se o 20º aniversário do BST e RTransp no Quartel da Encarnação, um evento que contou com a presença do Quartel-Mestre-General, Tenente-General António Agostinho e do Director de Material e Transportes Major-General Alfredo Ramos, bem como com ex-Comandantes e outros antigos militares e civis que lá serviram. A comemoração contou essencialmente com uma viagem ao passado, sob a forma de uma recriação histórica com desfile, que mostrou as viaturas que se utilizavam no BST em 1993 onde, por curiosidade, ficámos também a saber que 1litro de gasolina custava 150 escudos (o equivalente a 0,75 euros), e 1litro de gasóleo pouco mais de 100 escudos (0,51 euros). Em contraste, desfilaram os veículos que estão atualmente ao serviço do Exército, reveladores da evolução tecnológica dos últimos anos.

Mais de 1500 serviços de transporte

Esta foi uma boa oportunidade para entrar em contato com o RTransp, Unidade que nas suas médias anuais apresenta mais de 1500 serviços de transporte, com milhares de passageiros transportados e mais de 3000 toneladas de carga, números elucidativos da sua importância na logística do Exército. Para além destes números, há ainda a acrescentar outras missões de âmbito civil que se efetuam com autorização superior, como "o transporte de doze geradores elétricos na noite de 22 de janeiro último, para ajudar a colmatar as falhas de energia elétrica sentidas na região de Pombal, distrito de Leiria, provocadas pelo mau tempo que assolou a área, ou a recolha de toneladas de radiografias do Hospital S. Francisco Xavier, para um projeto de recolha da AMI no mês de Junho", refere o Tenente-Coronel Costa Peixoto, Comandante do Batalhão de Transportes do RTransp. Outro exemplo da função multifacetada dos serviços de transporte foi "o apoio à Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental, um meio do Estado que anda a fazer a monitorização do mar. Era necessário levar os equipamentos para o Alfeite, onde foram colocados num navio. Ou ia uma empresa civil, ou ia o RTransp…", acrescenta.

"Qualquer profissional do Ramo dos Transportes tem de ser multifacetado"

Olhamos por instantes para a Parada do Regimento, onde vemos alguns militares a preparar um

trator para mais um serviço com reboque. Quando confrontado com a questão da formação dos jovens, o Tenente-Coronel Costa Peixoto é perentório: "A especialidade de Transportes é, sem dúvida, importante para a Instituição e para o mercado civil. O Exército necessita de deslocar os seus meios materiais e humanos e tal não seria possível sem os veículos e respetivos condutores. Para além disso, estes jovens quando passam à disponibilidade, saem habilitados a conduzir as mais diversas categorias, desde viaturas ligeiras (categoria B) a pesadas de mercadorias e passageiros (C, C+E e D). A sua formação é efetuada noutras Unidades, mas onde eles ganham experiência é aqui. No RTransp ministramos também o Estágio de Operador de Empilhador, uma grande mais-valia, pois qualquer profissional do ramo dos transportes tem de ser multifacetado e saber efetuar cargas e descargas das viaturas de forma rigorosa e segura".

"O RTransp não vive só de serviços de condução"

E como se materializam os serviços no Regimento de Transportes? "O RTransp constitui a reserva do Exército, transportamos aquilo que as Unidades, Estabelecimentos e Órgãos não conseguem transportar pelos seus próprios meios. Nestes casos, as Unidades efetuam os pedidos à Direção de Material e Transportes (DMT), do Comando da Logística, que analisa caso a caso e verifica a sua importância e viabilidade. Em caso de aprovação, a DMT entra em contato com o RTransp, que possui uma Subsecção de Operações de Transportes que verifica o tipo de serviço e se dispõe de capacidade logística, adequa os meios ao serviço, isto é, o(s) condutor(es), a(s) viatura(s), etc. Agenda-se e dá-se resposta positiva à DMT caso os meios o permitam. Depois, pede-se à Unidade que solicitou o apoio que nomeie um Ponto de Contacto, de forma a poder coordenar as horas, o itinerário… é efetuado o serviço e, no fim, é feito um relatório. As viaturas são sempre verificadas e limpas, quer à sua saída, como à sua chegada" descreve o Comandante do Batalhão de Transportes. Acrescenta ainda: "o RTransp não vive só de serviços de condução, mas também de apoio na área Oficinal, pois na Unidade também são reparadas viaturas e efetuados serviços de pronto-socorro", de acordo com as responsabilidades atribuídas de Unidade de Apoio de Serviços de Área.

Com efeito, todo este apoio é visível a olho nu, pois estão sempre a entrar e sair viaturas, as oficinas trabalham e mostram como esta máquina logística coloca o Exército em movimento.

Regimento de Transmissões

No dia 20 de setembro de 2013, o Regimento de Transmissões, comemorou os seus 36 anos de existência. A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, e incluiu a entrega do Bastão de Diretor Honorário da Arma de Transmissões.

A este dia festivo ficou também associada a abertura da Coleção Visitável das Transmissões.

36 anos ao serviço das Transmissões Permanentes do Exército

Criado em 1977 no Aquartelamento da Cruz dos Quatro Caminhos em Lisboa, o Regimento de Transmissões (RT) sucedeu à Escola Prática de Transmissões, que fora criada em 1971, tendo sido transferida para o Porto em 1977. Neste aquartelamento ficou sedeado o Regimento de Transmissões, herdando na sua génese a história e a missão do Serviço de Telecomunicações Militares (STM), assumindo a responsabilidade pelas então Transmissões Permanentes do Exército.

É longa a história deste aquartelamento ao serviço das Transmissões, cujas referências mais remotas a unidades constituídas neste local, reportam ao Batalhão de Telegrafistas, criado em 1937. Recuando no tempo, a história deste aquartelamento inicia-se com a inauguração da primeira Rede Telegráfica Militar, no dia 17 de setembro de 1873, que interligava o então Ministério da Guerra com as suas Unidades da Guarnição de Lisboa, num total de treze estações. Uma dessas estações localizava-se aqui, no Quartel da Cruz dos Quatro Caminhos, no então Batalhão de Engenharia.

Desde então, as transformações foram inúmeras, ao ritmo das "Revoluções" tecnológicas. O STM, criado em 1951, instalou-se neste aquartelamento em 1952, tendo materializado a estrutura orgânica responsável pelo apoio de Transmissões Permanentes durante décadas. As últimas alterações à orgânica e missão da unidade, ocorreram com a incorporação no RT, em 2005, de valências de Segurança das comunicações, até então residentes no Batalhão de Informações e Segurança Militar. Posteriormente, em 2007, com a transferência de valências do Centro de Informática de Exército, e em 2009, com a criação do Elemento de Guerra de Informação e da estrutura CIRC (Capacidade de Resposta a Incidentes Informáticos) do Exército.

Atualmente, dá-se continuidade à história quase bicentenária desta unidade, através de um novo processo de mudança, que acompanha a reestruturação em curso no Exército. O processo de Transformação do Exército, conceptualiza as unidades Regimentais como geradoras de Elementos

da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército, e nessa conformidade, a designação Regimental desta unidade foi deslocalizada para o Porto, para o aquartelamento da Escola Prática de Transmissões, entretanto extinta, assumindo a natureza Regimental, ao serviço das Transmissões em apoio das unidades operacionais, cumulativamente, constitui um polo de formação técnica na área de Transmissões. No Quartel de Sapadores, continuaram as valências operacionais, que serão integradas na Direção de Comunicações e Sistemas de Informação. Mantém-se assim uma continuidade histórica da missão deste aquartelamento, no apoio de Transmissões à estrutura Permanente de Exército.

Entrega do Bastão ao novo Diretor Honorário da Arma de Transmissões

Integrado na cerimónia comemorativa do 36º Aniversário do Regimento de Transmissões, procedeu-se à tomada de posse do novo Diretor Honorário da Arma de Transmissões, Tenente-General Rui Manuel Xavier Fernandes Matias, que, após a leitura do despacho de nomeação, recebeu do Tenente-General José Artur Paula Quesada Pastor o Bastão de Diretor Honorário da Arma de Transmissões, materializando assim a sua entrada em funções.

Coleção visitável das Transmissões do Quartel de Sapadores

No dia do Regimento de Transmissões teve lugar a abertura da Coleção Visitável das Transmissões, do Quartel de Sapadores. Esta coleção foi preparada durante o último ano pela Comissão da História das Transmissões. Esta comissão, presidida pelo General Garcia dos Santos, congrega antigos oficiais que comungam do gosto pela História Militar, e que tem por objetivo preservar a memória das Transmissões militares, no âmbito do Exército. A preparação de uma coleção visitável, alusiva aos meios de Transmissões das unidades que estiveram sedeadas no Quartel de Sapadores, constituía um objetivo de longa data, tendo sido possível, com um esforço notável dos membros desta comissão, preparar os equipamentos e o espaço que doravante constituirá certamente um belo cartão de visita desta unidade.

Esta coleção assume um particular interesse pela organização cronológica dos meios expostos; espelhando a evolução das Comunicações desde os primórdios da comunicação visual, através da telegrafia ótica (1810), passando pela transmissão telegráfica elétrica, transmissão rádio por faísca e assim sucessivamente, até ao aparecimento da tecnologia digital.

Alferes RC Eder Alberto Sousa

6º Contingente Nacional/ISAF
Fortalece a imagem pública de Portugal

Após o calor que se fez sentir por terras do Afeganistão, na ordem dos 40 graus celsius, o frio contrastante que se fez sentir em Chaves (Regimento de Infantaria Nº19), no dia 27 de novembro, por ocasião da cerimónia de desmobilização do 6º Contingente Nacional (CN) – *International Safety and Assistance Force* (ISAF), não demoveu o forte espírito de corpo e sentido de missão dos militares que constituíam esta força. A Cerimónia foi presidida pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Corbal Hernandez Jerónimo, onde estiveram também presentes, entre várias entidades militares, o Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, o Comandante do Corpo de Fuzileiros, Contra-Almirante Luís Miguel de Matos Cortes Picciochi e o Comandante do RI19, Coronel José Lima Castanha. Contou-se ainda com a presença do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Dr. Carlos Augusto Castanheira Penas, e da parte das entidades eclesiásticas, D. Amândio José Tomás, Bispo da Diocese de Vila Real.

No seu discurso, o Comandante das Forças Terrestres manifestou todo o seu apreço pelo trabalho desempenhado pelos militares no Teatro de Operações (TO), tendo referido que "saiu fortalecida a imagem pública de Portugal e dos seus militares, pois assim tem sido afirmado por altos dignatários do Estado português, bem como altos responsáveis militares de diversos países". Houve lugar ainda para a alocução do Comandante do 6º CN/ISAF, Coronel Paulo Renato Faro Geada, que parabenizou todas as forças constituintes do CN pelos bons resultados obtidos e por terem garantido o sucesso da missão.

A cerimónia culminou com a imposição da Medalha NATO/ISAF aos militares que integraram o 6ºCN e realizou-se um desfile das forças em parada.

Trabalho efetuado pelo 6ºCN/ISAF

O *Jornal do Exército* aproveitou ainda para ficar um pouco mais por dentro do trabalho efetuado por esta força que esteve destacada no Afeganistão durante seis meses (entre 9 de Maio e 11 de novembro do corrente ano), constituída por 200 militares que formavam as seguintes componentes: MAT – *Military Advisor Team*, CE *Crisis*

Establishment, PEHSAT– *Pohantoon-e-Hawayee* (PeH) *Staff Advisor Team* (SAT), P15 – KAIA *Transition Plan*, Unidade de Apoio e KAIA *Force Protection*.

Entrevistado, o Coronel Geada descreveu o CN como "uma união de várias componentes com funções diferentes, mas cuja interação permite cumprir várias missões". No que diz respeito aos objetivos da missão, que passam maioritariamente por assessorar as forças afegãs de forma a garantir a sua autonomia futura, o Coronel explicou que "a nossa ligação com os afegãos assentou basicamente em quatro vetores: MAT (*Military Adviser Team*) que fez assessoria à 111ª *Kabul Capital Division* (KCD), o P15 KAIA *Transition Plan* que possuía cinco programas diferentes de formação, o PEHSAT (*Pohantoon-e-Hawayee Staff Advisor Team*) que fez assessoria ao que nós chamamos vulgarmente Academia da Força Aérea Afegã, tendo desenvolvido o plano de defesa para a mesma, permitindo que essa Unidade possuísse autonomia para a sua própria defesa (O PEHSAT ocupou ainda alguns cargos deixados em vazio pelas forças canadianas, que se retiraram em início de outubro) e o quarto vetor era, em suma, todas as ligações que a Unidade de Apoio tinha com os Afegãos, já que estávamos em KAIA (*Kabul Afghanistan International Airport*), que praticamente é uma cidade, onde existem alguns serviços garantidos por uma empresa que emprega alguns afegãos e, por conseguinte, acabámos sempre por ter ligação direta com os afegãos". Com esta interação direta com a população local, surgem sempre questões culturais pertinentes, mas que segundo o Coronel Geada não foram um impedimento para os portugueses, que possuem um grande respeito e adaptação a outras culturas: "esta altura do verão em que lá estivemos, tem muitos feriados e outros momentos importantes na vida religiosa dos afegãos, sobretudo o Ramadão. Contudo, por incrível que pareça, em lugar de nos afastar, permitiu que a nossa ligação fosse mais efetiva, ao respeitarmos a sua cultura, a sua religião. Muitas vezes, durante o Ramadão, deixámos crescer a barba e não comíamos nem bebíamos perto deles, em sinal de respeito, o que garantiu uma aproximação muito mais forte. Eles próprios diziam que podíamos comer, mas respeitávamos as suas tradições e a nossa relação mudou logo. A empatia era claramente diferente. Vou dar o exemplo do P15, que ministrou um curso designado *Air Traffic Control* (controlo de tráfego aéreo), onde tínhamos um professor canadiano. Infelizmente, a dada altura, tivemos que avisá-lo que não podia beber Coca-Cola durante a aula como ele o fazia, sobretudo numa altura que não era permitido aos afegãos. Ele achou estranho, mas partilhou connosco que realmente nós, portugueses, respeitávamos muito os outros povos". Contudo, o Coronel Geada fez questão de referir que "todo o trabalho desenvolvido é o resultado de um esforço continuado, fruto de todos os outros CN que já lá estiveram anteriormente. Nós tivemos foi a parti-

cularidade de nos envolvermos mais diretamente por uma razão, é que saímos do *Camp Warehouse* para KAIA". Esta situação é resultado do processo de *downsizing* da ISAF, que tem a sua completa retirada do Afeganistão prevista para finais de 2014, e o consequente encerramento de vários Campos na Área de Operações. O 5º CN foi o último a estar em *Camp Warehouse*, tendo deixado aquelas instalações por completo a 21 de abril de 2013. As forças portuguesas continuam agora localizadas maioritariamente em KAIA e *Camp Phoenix*.

Eucaristias internacionais

Numa missão do género, existem sempre dificuldades de caráter emocional provocadas pelo isolamento, o afastamento da família e da pátria. Nesta área, o Tenente António Dias, Capelão do 6ºCN, explicou-nos como contornaram a situação: "Ao entrar em KAIA temos imediatamente a perceção que, apesar de ser um aeroporto, estamos praticamente numa cidade, onde se encontram concentradas cerca de 5000 pessoas de todas as nações. É muito difícil arranjar momentos para estarmos sós, conversar, conhecermo-nos. Para conseguir perceber se as pessoas estão mais tristes, numa situação mais complicada desta ou daquela natureza… consegui abordar os militares visitando todas as componentes, para saber o que faziam, o trabalho que tinham. Por outro lado, procurámos criar pontes com as outras nações, por isso, como não havia capelão espanhol ou italiano, os militares desses países também vinham às nossas eucaristias. Optámos por mensalmente realizar uma missa em italiano e em espanhol, para existir mais integração. Além disso, possuíamos um excelente grupo coral e fomos os dinamizadores das missas internacionais de KAIA, onde a participação era na ordem das 100 pessoas. Os cânticos dessas missas internacionais eram em seis línguas diferentes, cantadas e tocadas por nós. Isto foi muito gratificante, pois todos os que participavam reconheciam o nosso empenho e dedicação e diziam que gostariam que todos os contingentes tivessem um grupo assim. Estão lá militares como nós, com problemas muito parecidos com os nossos, falavam muito das crises, das penalizações, mas estávamos todos com o mesmo objetivo de interajuda, não existiam diferenças, eramos todos iguais. Os portugueses são muito bons a interagir com outras culturas. Somos um *Case Study*".

Em tom de brincadeira, o Tenente Capelão António Dias frisou: "A função fundamental do capelão é estar presente e foi o que fizemos. É ir tomar o pequeno-almoço com os militares da Força Área, almoçar com os militares do Exército e mais tarde jantar com os que estão na Marinha".

"Ataques de morteiro e RPG"

Contudo, uma missão realizada num território como o Afeganistão comporta imensos riscos, e nem sempre se viveram momentos de serenidade e comunhão como os descritos anteriormen-

te. O Major Sousa, militar da Força Aérea que assumiu a função de dirigir o KANOC (KAIA *Nort Operation Center*), cujo objetivo era controlar e coordenar as operações terrestres e aéreas de todo o aeroporto, nomeadamente da parte da ISAF, e coordenava ainda as operações com as outras entidades externas que prestavam serviço no aeroporto, destacou alguns incidentes de extrema perigosidade: "Diariamente tínhamos incidentes com ameaças de explosivos (sobretudo vindo de viaturas a entrar). Sofremos inclusive alguns ataques de morteiros e RPG (*Rocket Propelled Grenade*), dos quais saliento o de dia 10 de junho, quando houve um ataque ao aeroporto, e outro em setembro. Houve mais nos arredores, mas dentro da base propriamente dita salientam-se estes dois ataques. Toda a atividade aérea teve de ser divergida e cancelada". Apesar de tudo, o Major Sousa acredita no sucesso da formação e assessoria efetuados pelas forças internacionais aos afegãos e assegura que "estão bem preparados".

Se para além destas ameaças à integridade da estrutura, havia dúvidas quanto às dificuldades sentidas, estas acabam mesmo por ser dissipadas quando o Major da Força Aérea Aníbal Gaspar acrescenta que o aeroporto de KAIA tem uma média de 400 voos diários, o que atesta as grandes dificuldades de coordenação de todo este tráfego. No terreno estavam 15 militares responsáveis por diversas áreas cruciais para o desenvolvimento de todo este trabalho de controlo aéreo, nomeadamente: Meteorologia, Controlo Aéreo, CNS (*Comunications Navigation Systems*), FSO *(Flight Safety Operacions*) e FC (bombeiros).

Projeção do nome de Portugal

Depois de uma longa conversa com o Comandante do 6ºCN, este acabou por confidenciar: "Tive ocasião de ter uma conversa de hora e meia com um jordano, quando estes começaram a assumir a nossa função na Force Proteccion KAIA. Ele teve uma expressão que admirei, referindo que enquanto islâmico não compreendia o Islamismo radical de alguns afegãos. Achei interessante esta perspetiva, onde convém frisar que o radicalismo pertence mesmo só a alguns, naturalmente a parte dos Talibãs, que são muito mais rígidos e restritos".

Quanto ao balanço da missão, o Coronel Geada é perentório ao afirmar ser positivo, tendo projetado o nome de Portugal no âmbito dos acordos e compromissos internacionais subscritos com a NATO para o território do Afeganistão.

Regulamento do "Prémio *Jornal do Exército*"

O *Jornal do Exército (JE*) promove anualmente o concurso para o prémio em epígrafe, que se rege pelas seguintes disposições:

1. Finalidade

O concurso visa estimular a reflexão e a criatividade de militares e civis para tratarem assuntos com particular interesse para o Exército, nos múltiplos aspetos de que a Instituição Militar se reveste e que, de alguma forma, enriqueçam o seu património ou contribuam para a sua própria valorização profissional e pessoal.

2. Trabalhos

Ao concurso serão admitidos os trabalhos inéditos que:

2.1 Abordem temas de natureza científica, cultural, histórica ou artística de qualquer forma ligados ao Exército ou às Forças Armadas;

2.2 Possuam nível literário que, no entender da Direção do *JE*, permita a sua publicação;

2.3 Não excedam 10 páginas de formato A4 datilografadas a 2 espaços;

2.4 Sejam indicados, pelos seus autores, para concorrerem ao prémio *JE*, ou para tal selecionados pela Direção do *Jornal do Exército*.

3. Publicação

Os trabalhos, que satisfaçam às condições dos números anteriores, serão publicados quando tal seja possível, considerando as conveniências decorrentes do estatuto editorial do *JE*.

4. Prémio

O "Prémio *Jornal do Exército*" para 2013 é atribuído pelo Banco Santander Totta, conforme protocolo, sob a forma de cartão-presente e compreende três graus: 1.º, 2.º e 3.º classificados.

A sua entrega aos contemplados deverá ser efetuada, em princípio, no dia 11 de janeiro, dia festivo do *Jornal do Exército*.

5. JÚRI

Para apreciação e classificação dos trabalhos admitidos a concurso, será nomeado, por despacho do General CEME, um júri que:

5.1 Será composto por:
Um oficial a designar pelo Estado-Maior do Exército;
Um oficial do Exército a designar pela Academia Militar;
Um oficial a designar pela Direção de História e Cultura Militar.

5.2 Será secretariado por um oficial do *JE*;

5.3 Poderá decidir não atribuir qualquer grau do prémio, se entender que a qualidade dos trabalhos assim o exige.

Nota de redação:

Para o ano de 2013, o prémio a que se refere o n.º 4 foi fixado em:

1º Classificado ..... Cartão Presente no valor de €500,00
2º Classificado ..... Cartão Presente no valor de €300,00
3º Classificado ..... Cartão Presente no valor de €200,00

Tenente-Coronel Cavalaria António Marcos de Andrade

Operação Serval II

Fonte das imagens deste artigo: http://www.flickr.com.

No número 626 da revista *Jornal do Exército*, publicámos um artigo sobre a participação das forças armadas francesas no Mali – Operação Serval. Terminámos esse artigo com a indicação de que as operações militares ainda não tinham atingido todos os objetivos a que se tinham proposto, e que essas operações iriam continuar na região do Adrar des Ifôghas. É o relato do que aconteceu na segunda fase da operação que nos propomos trazer aqui.

Operação Panthère III

Os objetivos militares, no norte do Mali, eram as cidades de Kidal e Tessalit. A primeira foi conquistada em 31 de janeiro, consumada pela tomada do aeroporto pelas forças especiais franceses e por duas secções do 1º RCP (Régiment Chasseurs Parachutistes). A segunda cairia nas mãos das forças governamentais e francesas, oito dias depois, em 8 de fevereiro, quando forças especiais francesas, do 1º RIMa (Régiment d'Infanterie de Mari-

ne) e do 1º RCP, ocuparam o aeroporto da cidade. Ações de reconhecimento na região de Adrar des Ifôghas são lançadas nos dias subsequentes, pela força militar conjunta Franco-maliana e do Chade.

Tem assim início a fase dois da intervenção francesa no Mali. Estava no terreno a Operação Panthère III. Objectivo – neutralizar os grupos terroristas na região de Adrar des Ifôghas, e destruir os seus santuários.

Não se pode dizer que tenha começado bem. Logo em 19 de fevereiro, o exército francês sofre nova baixa em combate. Morre o Sargento-chefe Harold Vormezeele do 2º REP (2er Régiment Etranger Parachutiste), quando uma patrulha, de que fazia parte, é emboscada e o sargento de 34 anos é atingido mortalmente. Alguns dias depois, a 2 de março, quando uma força de combate do 1º RCP executava um assalto a uma posição inimiga, no vale de Ametettari (região de Adrar), é atingido mortalmente o cabo Cédric Charenton, e a 6 de março o cabo-chefe Wilfied Pingaud do 68º RAA (Régiment de l'Artillerie d'Afrique)

As forças do AQMI[1] tinham a sua base de operações em L'Adrar Tigharghar e eram estimadas em largas centenas de combatentes. A partir daquela data são lançadas vários raides na região de Adrar de Ifôghas. Obuses *Caesar*, do 11º RAMa (Regiment D'Artillerie de Marine), e uma bateria de morteiros fazem fogo sobre um objectivo previamente determinado. Dois helicóptros *Tigre* do GAM (Groupement Aéromobile), vindos de Gao, apoiam a ação do GTIA 3[2], comandadas pelo Coronel Francois-Marie Gougeon.

O GTIA 3 era constituído por forças das seguintes unidades:

- 1º RIMA (1er Regiment d'Infanterie de Marine);
- 2º RIMA (2e Regiment d'Infanterie de Marine);
- RICM (Regiment d'Infanterie Chars de Marine);
- 126º RI (126e Regiment Infanterie);
- 11º RAMa (11e Regiment d'Artillerie de Marine);
- 6º RG (6e Regiment du Génie).

Os islamitas emboscados e bem articulados, apoiados num terreno muito complicado, fizeram parar a forças francesas. Dos confrontos resultaram alguns feridos que foram rapidamente evacuados por meios aéreos para Tessalit e Gao. Foi necessário reforçar as forças empenhadas e fazer entrar no combate forças do GTIA 4[3]:

- 1º RCP (1er Régiment de Chasseurs Parachutistes);
- 2º REP (2e Régiment Étranger de Parachutistes);
- 1º RHP (1er Régiment de Hussards Parachutistes);
- 35º RAP (35e Régiment d'Artillerie Parachutiste);
- 17º RGP (17e Régiment du Génie Parachutiste).

[1] AQMI; braço armado da Al-Qaeda no Magrebe. Tem o seu Quartel-general na Argélia.

[2] GTIA; Grupo Tático Interarmas.

[3] O GTIA 4 por vezes aparece também com a designação GTIA TAP, que significa Grupo Combinado de Forças Aerotransportadas.

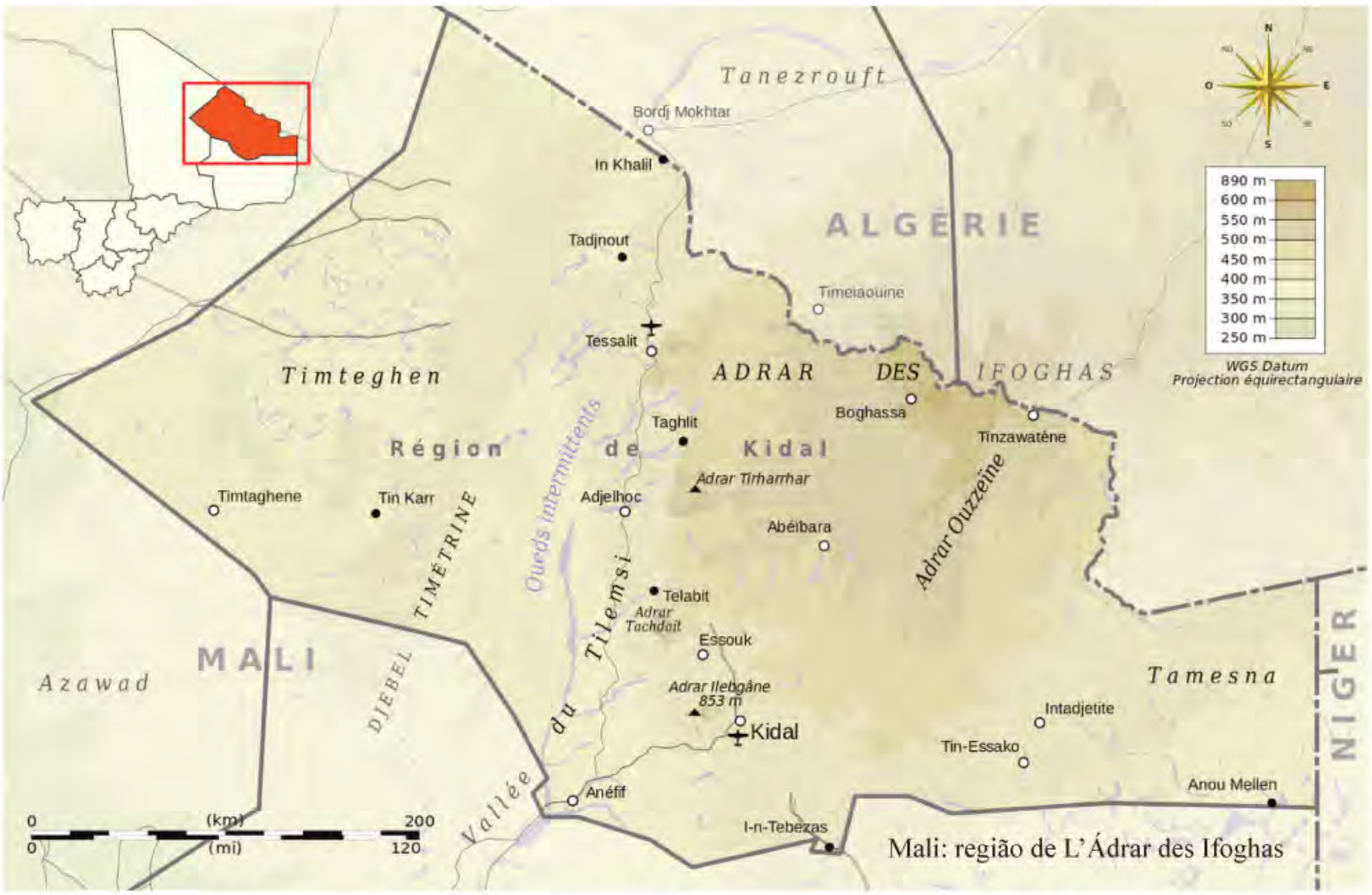
Esta força, num total de 500 homens, comandadas pelo Coronel Sébastien, foram determinantes para reduzir a resistência dos islamitas. "Foi um combate a 5 metros de um adversário que se movia muito rapidamente", afirmou um legionário do 2º REP. Mas esta entrada em cena dos paraquedistas foi determinante para devolver a liberdade de acção ao GTIA 3.

Em 25 de fevereiro, o comando unificado das forças Franco-malianas e do Chade, monta um PC (Posto de Comando) avançado da Brigada Serval, na cidade de Tessalit, já bem a norte, perto da fronteira com a Argélia.

As forças chadianas estão também fortemente envolvidas nos combates. Em 28 de fevereiro o comando conjunto franco-chadiano anuncia que os últimos dias de combate causaram 130 mortos entre os islamitas, 90 baixas provocadas pelas forças chadianas e 40 pelos franceses. Do lado das forças governamentais também é revelado ter havido 23 soldados mortos incluindo os militares franceses referidos anteriormente. Em 2 de março, um forte ataque sobre o maior bastião das forças islamitas no vale de Ametetta[4], com apoio de meios aéreos franceses e alguns misseis Hot lançados pelos helicópteros Gazelle, fizeram toda a diferença. A maior base do AQMI na região é destruída e cai nas mãos de forças do governo do Mali. Abou Zeid um dos líderes islamitas que se encontrava naquela base é dado como morto, informação confirmada alguns dias depois. A operação Panther III é dada como concluída pelo comandante das forças terrestres da Operação Serval, o General Bernard Barrera.

Durante todo o mês de março várias operações de reconhecimento são lançadas na região de L'Adrar des Ifôghas. Forças chadianas e dos GTIA 3 e GTIA 4 (TAP), apoiadas por caças da força aérea francesa executam missões, no sentido de fazer revelar posições de elementos islamitas que ainda se encontrem na região. Nestas missões são encontrados depósitos de munições e armamento do inimigo. No fim do mês os confrontos recrudescem de intensidade. As cidades mais importantes do norte do Mali, como Kidal e Tessalit mantem-se sobre total controlo das forças aliadas do governo do Mali. O alto comando militar francês tinha informações que certificavam, o facto de grupos isolados de islamitas permanecem na região. A guerra ainda não estava terminada.

O objectivo do Estado-Maior da Operação Serval era passar o controlo do norte do país para forças do exército do Mali, em meados do mês de maio. Assim, no início de abril, é lançada mais



Mali: região de L'Ádrar des Ifoghas

uma robusta operação na região ao norte da cidade de Gao, uma das primeiras a ter sido reconquistada em fevereiro.

Coube ao GTIA 2, a tarefa de efetuar reconhecimentos nas pequenas vilas existentes naquela região. A missão não era fácil, pois obrigou a percorrer cerca de 450 km, em todo o terreno e com temperaturas atmosféricas muito elevadas na ordem dos 40 graus. O itinerário era de Gao para Télataï, passando por Djébok e regressar. Durante um dos percursos, nos rádios de uma das viaturas da força do 92e Régiment d'Infanterie (92° RI), que ia na vanguarda da coluna ouve-se gritar: "*Presence de IED*[5] *il faut faire reculer tout le mondeé*" (Presença de IED é necessário obrigar toda a coluna a recuar). O comandante da força de uma das unidades do SGTIA[6], que integrava a coluna, pede de imediato a intervenção de uma unidade de EOD[7]. Toda a coluna recua mais de 200 metros. Cabe aos sapadores do 31e Regiment du Génie (31° RG [Engenharia Militar]) a vez de chegar a frente. De detetor de minas e "pica" em punho os sapadores da engenharia começam a inspecionar o terreno. Era uma mina de pressão, que após levantada, é descativada. O incidente retardou a coluna em mais de uma hora no horário previsto, no entanto era necessário continuar até ao local onde seria feito o primeiro grande alto.

Esta missão atribuída ao GTIA 2 e a que foi dado o nome de código – AKELO, era constituída por dois SGTAS (o verde e o azul) e um subagrupamento de apoio que incluía viaturas logísticas e dois obuses *Caesar*, de 155 mm.

Télatï estava à vista. Um dos SGTA avança em direção ao objectivo com apoio de dois helicópteros, um *Tiger* e um *Gazelle* orientados no terreno por equipas FAC[8] vindas do 68e Régiment d'Artillarie d'Afrique (68° RAA). O comando do agrupamento tático recebe informações sobre a possível existência de um depósito de munições e material. Soldados de infantaria (92° RI) e sapadores de engenharia são empenhados nesta acção.

A 25 de abril, o Ministro da Defesa afirmou que a intenção da França era reduzir a presença de militares franceses no Mali. O dispositivo militar francês foi reorganizado, deixando no terreno

[4] Região de L'Ádrar des Ifoghas.

[5] IED: *Improvise Explosive Device* (engenho explosivo improvisado).

[6] SGTIA: *Suos-groupemment Tactique Interarmes* (Subagrupamento tático combinado).

[7] EOD: *Explosive Ordnance Disposal* (desminagem).

[8] *Foward Air Control* (Equipas especialistas para orientar aeronaves a partir do solo).

apenas um GAM[9] e um GTIA, com cerca de 3.200 militares. Deste efectivo fazia parte uma força de reação rápida, pronta para apoiar a MINUSMA[10] e o exército do Mali. Alguns dos militares franceses ficaram afectos à missão da MINUSMA e outros à missão da União Europeia (EUTM) esta, no âmbito da formação dos militares do Exército do Mali. Na EUTM, Portugal também contribui com a presença de sete militares, sendo quatro do Exército e três da Força Aérea.

Este novo GTIA, designado "Desert", era composto principalmente por unidades provenientes da 6e Brigade Légère Blindée (6ª BLB), com a seguinte constituição: um Estado-Maior; uma Companhia de Infantaria do 2º REI (2e Régiment Étranger d'Infantarie)[11]; uma Companhia de VBCI do 1er Régiment Tirraillers (1º RTir)[12]; uma Companhia de Engenharia de Combate; um esquadrão blindado, montado em viaturas AMX 10-RC do 1er Régiment Étranger de Cavalerie (1º REC)[13] e ainda uma unidade de artilharia composta de obuses *Caesar* de 155mm e morteiros de 120mm.

De junho a outubro várias operações militares foram executadas pela forças da Brigada Serval, do Exército do Mali e da MINUSMA:

- Operação Netero, de 24 de junho a 9 de julho;
- Operação Centaure, a 21 de agosto, para dissuadir qualquer tentativa de destabilização dos actos eleitorais no norte do Mali nas cidades de Kidal, Tessalit e Aguelhok, posto em prática pela MINUSMA;
- Operação Dragon, a 31 de agosto, com vista a estabelecer a segurança no itinerário entre as cidades de Gao e Aguelhok;
- Operação Constrictor lançada, a 17 de setembro, na região a norte de Gao com vista a assegurar o controlo dos itinerários que ligam as vilas de Gao e Bourem e destruir eventuais depósitos logísticos dos grupos terroristas que ainda se manisfestam na zona.

Durante estes meses vários actos isolados, praticados pelas forças islamitas, ocorreram em diferentes lugares da região norte do Mali. Movimentos de colunas de viaturas com terroristas (normalmente *pick-ups*), assinalados pelas forças especiais, levavam à pronta intervenção de uma aeronave das forças francesas que era enviada de imediato para o local para "neutralizar" a coluna.

O Armée de L`Air (Força Aérea francesa) nos ultimos dias do mês de outubro executou 80 saídas, das quais 40 com aviões de caça. Muitas destas missões eram em apoio das forças terrestres;

- Operação Hydre lançada de 20 de outu-

bro a 2 de novembro, foi uma operação conjunta com forças da MINUSMA, do Níger e francesas, com o objectivo de manter a pressão sobre grupos de islamitas referenciados na região.

Em meados do mês de novembro as operações terrestres ainda decorriam no norte do Mali. Em particular na região de Gao. Patrulhas de reconhecimento conjuntas são executadas diariamente. Depósitos de munições e material pertencente aos islamitas são recorrentemente detetados. Num desses depósitos foram encontrados quinze munições de 122 mm e cerca de trinta munições de 81 mm, assim como espingardas e granadas 40 mm.

A poucos dias das eleições legislativas no Mali, previstas para o dia 24 de novembro, a situação permanecia calma, com alguns incidentes pontuais. O exército francês tinha, por esta altura, um efectivo com cerca de 2.800 militares em solo maliano.

[9] GAM: Groupement Aéromobille. Grupo aeromóvel com helicópteros e caças de combate em apoio às forças terrestres.

[10] Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Mali que substituiu, a partir de 1 de julho de 2013, a anterior missão MISMA (Mission Internationale de Soutien au Mali) ambas sobre a égide da Comunidade Económica dos Estados da Africa Ocidental.

[11] O 2e Régiment Étranger d'Infantarie. Criado em 1841, é a mais antiga unidade dos regimentos de infantaria da Legião Estrangeira. Tem uma história gloriosa de feitos militares durante o séc XIX e XX. Está aquartelado na cidade de Nimes.

[12] O 1er Régiment Tirraillers é um regimento de infantaria blindado montado em VBCI 8X8. Esta unidade está aquartelada na região de Épinal, entre Paris e Estrasburgo.

[13] O 1er Régiment Étranger de Cavalerie, foi a primeira e única unidade de cavalaria da Legião Estrangeira. Tem um longo historial militar e está aquartelado na cidade de Orange.

Para saber mais sobre a Operação Serval: http://www.youtube.com/watch?v=lAFnuVGYNcY&feature=player_detailpage.

Coronel Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo

Le soir de la bataille de Vitoria. Il s'agit de la représentation la plus célèbre montrant entre autres le pillage des convois.

Gravure de Wright d'après Thomas Saint-Clair. Anne S.K. Brown Military Collection, Providence, Rhode Island.

O General Silveira: A importância da sua ação militar na Guerra da Independência de Espanha

A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.
CAMÕES, Os Lusíadas, X, 153.

Introdução

Há momentos e personagens da nossa História que nos marcam de forma indelével e nos transportam para os lugares onde aqueles aconteceram, ou para os locais ligados aos seus protagonistas.

Neste lugar onde nos encontramos, próximo da cidade monumental de Lamego, que este ano foi escolhida para a celebração do Dia do Exército, que evoca a conquista de Lisboa no longínquo ano de 1147, consta que foi educado D. Afonso Henriques, pois foram descobertas umas ruinas de uma casa atribuída a Egas Moniz. Pisar os terrenos onde hipoteticamente foi passada a menin-ice de Afonso Henriques é por si só gratificante e encorajador para galvanizar as energias que aqui foram criadas e desenvolvidas para as grandes empresas que estavam reservadas para o nosso primeiro rei.

Estes terrenos de que falamos pertencem à Casa Rural dos Viscondes da Várzea, uma magnífica propriedade rural duriense, transformada em Hotel Rural, cujos proprietários, Maria Manuel e José Pedro da Silveira Cyrne de Vasconcelos, são descendentes dos primeiros Viscondes da Várzea, Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca e Mariana Silveira, sendo a Viscondessa filha do General Silveira, primeiro Conde de Amarante e herói da Guerra Peninsular. É próximo da capela onde foi prestada homenagem ao notável Tenente-General Francisco da Silveira Pinto da Fonseca e onde jaz sua filha que temos a honra de compor este texto que nos fala sobre a importância da ação militar do General Silveira na Guerra da Independência de Espanha, passados 250 anos sobre o seu nascimento [1 de setembro de 1763] e 200 anos sobre a Batalha de Vitória [21 de junho de 1813].

A guerra que tratamos ficaria conhecida para a História como Guerra Peninsular para os Ingleses, Guerra da Libertação para os Franceses, Invasões Francesas para os Portugueses e Guerra da Independência para os Espanhóis. Estes cairam na ar-

madilha de Napoleão e perderam a Independência em 1808 e só a restauraram quando este devolveu a Coroa de Espanha a Fernando VII, em dezembro de 1813[1], depois de destituido o seu irmão José. O rei restaurado, irmão de Carlota Joaquina, regressou a Espanha em 1814.

Ao darmos este título ao nosso trabalho apenas tivemos em mente dar alguns contributos para a partilha do conhecimento da ação militar do General Silveira na Batalha de Vitória aquando o Exército Aliado atuou em território espanhol, libertando-o das tropas francesas, que levaram à restauração da independência na nossa vizinha Espanha.

Síntese biográfica

Falemos um pouco deste Grande Comandante do Exército Português. Nascido em Canelas, a 1 de setembro de 1763. Filho de Manuel da Silveira Pinto da Fonseca e de D. Antónia Silveira.

Assentou praça, como cadete, no Regimento de Cavalaria de Almeida, mais tarde cavalaria 11, a 25 de abril de 1780, com apenas 16 anos; foi promovido a alferes em 22 de abril de 1790[2], tendo sido transferido para o Regimento de Cavalaria de Bragança, mais tarde Cavalaria 6. Promovido a tenente, a 17 de dezembro de 1792, tendo continuado a servir na mesma unidade, com o encargo de prender os bandidos que rondavam a fronteira de Espanha, que com as suas incursões, muitos prejuízos causavam à população da região de Chaves. Esta tarefa difícil e penosa talvez tenha servido para treino das suas missões futuras. A promoção a capitão chegou no dia 17 de dezembro de 1799, tendo sido nomeado Ajudante-de-Ordens do Governador das Armas das Beiras, João Brun da Silveira.

Por Decreto de 6 de março de 1801 foi promovido a sargento-mor [Major] e nomeado comandante-chefe das Companhias Francas de Trás-os-Montes, Minho e Partido do Porto. Por Decreto de 19 de maio, do mesmo ano, foi nomeado comandante dos Voluntários de Trás-os-Montes. Promovido a Tenente-Coronel em 14 de março de 1803.

Após a chegada da invasão de Junot a Portugal, em 1807, foi chamado a testemunhar a dissolução dos regimentos de Cavalaria 6, 9, 11 e 12, efetuada na cidade de Aveiro.

Perante esta situação, grande número de oficiais pediram a demissão e recolheram a suas casas. Foi o que fez o Tenente-Coronel Francisco da Silveira[3] apresentou a sua demissão e partiu rumo ao Porto com a intenção de se evadir para bordo da esquadra inglesa, com destino ao Brasil, onde se encontrava a Família Real. Não tendo sido bem sucedido no seu plano, dirigiu-se para Vila Real, onde, mais tarde, foi um dos promotores do governo legítimo em 1808. Neste mesmo ano [21 de julho] foi promovido a Coronel pela Junta Suprema do Governo do Porto e colocado em Bragança, no Regimento de Cavalaria 6.

Ainda neste mesmo ano, na qualidade de comandante da vanguarda das Forças de Bernardim Freire marchou do Porto em direção à capital, sendo-lhe posteriormente atribuído o governo militar de Trás-os-Montes. Aquando da Invasão de Soult pelo Norte, já Brigadeiro [promovido a 15 de fevereiro de 1809][4], foi dos primeiros portugueses que conheceu a vitória face às tropas francesas após estas terem tomada a praça de Chaves[5].

A vingança da ocupação de Chaves pelos franceses estava próxima e foi concebida pelo General Silveira.

Beresford reconheceu o mérito deste feito, tal

---

[1] Aguilera, Concepción & Martin Ângeles – *Austrias y Bourbones*, Madrid, Club International del Libro, 2004, pp. 201-203.

[2] *Nobreza de Portugal e do Brasil*, direção, coordenação e compilação de Doutor Afonso Eduardo Martins Zuquete, Ed. Zairol, II Vol., Lisboa, 1989, p. 273.; ou a 27 de abril de 1790, Vd. Centeno, João, *O Exército Aliado Anglo Português: 1808-1814*.

[3] Centeno, João, T. – *O Exército Aliado Anglo-Português: 1808-1814*, Parede, Tribuna da História, 2011, p. 201.

[4] Idem, p. 205.

[5] "As forças do general Francisco da Silveira, em Trás-os-Montes, abrangiam os Regimentos de Infantaria 12 e 24 e os de Milícias de Vila Real, Bragança, Lamego, Moncorvo e Miranda do Douro, ao todo 6.000 homens, dos quais 2.500 estariam armados."[5] A praça de Chaves não dispunha de condições para ser defendida de um exército tão numeroso como aquele que se aproximava, mas, no entanto, ainda havia quem pensasse que era possível essa proeza. O povo, uma parte da milícia e até um reduzido número das tropas regulares estavam determinados a não arredar pé!

Como previa Silveira as suas tropas mais talhadas para as operações irregulares não podiam fazer frente, nem em número nem em organização, ao maior e melhor Exército do Mundo, quando nos comandos de Napoleão, e Chaves foi ocupada pelo Exército Francês.

Depois desta fácil manobra, Soult tentou

como a atitude do oficial general português e assim mencionou na Ordem Geral de 2 de abril de 1809[6].

Depois de Chaves, Silveira seguiu o exército francês para Braga e daqui para o Porto e no caminho houve encontros sangrentos com tropas portuguesas e com camponeses armados como podiam. Apesar de todos os esforços dos portugueses, Soult conquistaria o Porto a 29 de março.

Outra ação que havia de imortalizar Francisco da Silveira foi o célebre episódio de Ponte de Amarante, em que durante 14 dias e 14 noites os franceses foram impedidos de atravessar o Tâmega, e aquela vigorosamente defendida sob a batuta do nosso General. Este episódio já descrito no nosso livro "As Invasões Napoleónicas", e que por motivo de tempo não nos cabe desenvolver nesta sede.

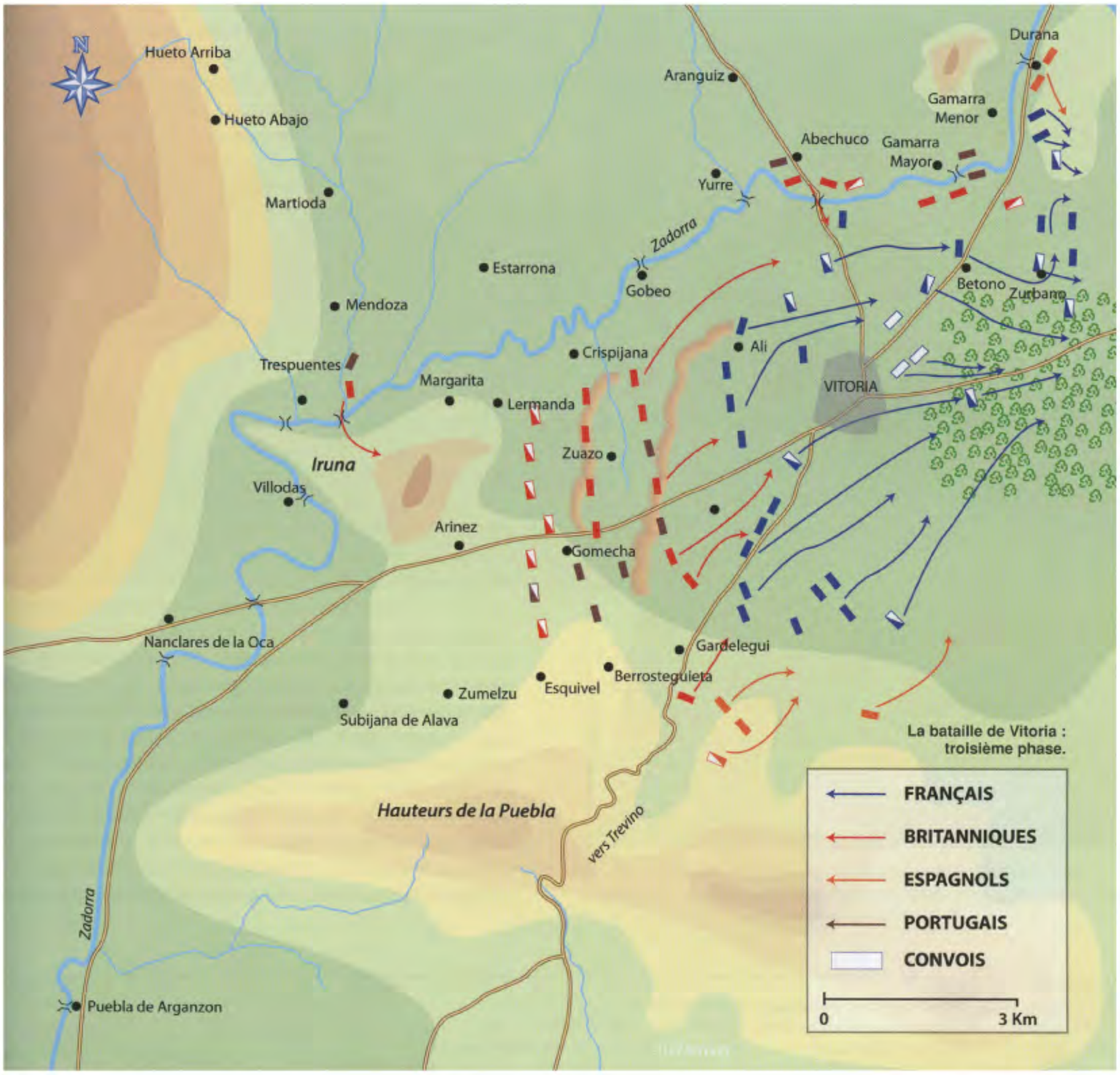
Como recompensa dos seus briosos feitos ao serviço da Pátria, "em contemplação do Zêlo e patriotismo com que se havia conduzido", foi promovido a marechal-de-campo, como testemunha a ordem do dia de 21 de maio de 1809 e recebeu o título de Conde de Amarante, pelo Príncipe Regente D. João, como reconhecimento da sua heroica prestação na defesa da ponte de Amarante, conforme Decreto de 13 de maio e Carta de 28 de junho de 1811.

Francisco da Silveira distinguiu-se também na invasão comandada por Massena, nomeadamente no assalto ao reduto de Puebla de Sanábria, em Espanha, de 1 a 10 de agosto de 1810.

Foi promovido ao posto de tenente-general a 5 de fevereiro de 1812, continuou a servir o Exército Aliado em terras de Espanha, tendo comandado a Divisão Portuguesa na Batalha de Vitória em 21 de junho de 1813 e nas campanhas dos Pirinéus, travadas nos dias 28 e 30 de julho.

Regressou a Portugal a seu pedido, com a glória do dever cumprido e reconhecido pelo Comandante Chefe do Exército Português, o Marechal Beresford. Terminada a sua participação na Guerra Peninsular voltou a assumir o cargo de comandante das armas de Trás-os-Montes.

Casou com D. Maria Emília Teixeira de Ma-



galhães e Lacerda, em 16 de abril de 1781.

Faleceu em 27 de maio de 1821, com 58 anos de idade, na sua casa, em Vila Real, tendo sido sepultado em Canelas, sua terra natal.

A importância do General Silveira na Batalha de Vitória na Guerra da Independência de Espanha

Campanha de 1813

Welligton aproveitou o fim de 1812 e princípios de 1813 para preparar o exército aliado para mais uma campanha em que se pretendia expulsar de forma definitiva os franceses da península, nomeadamente de Espanha onde operavam. Na primavera de 1813 começavam as operações com essa finalidade, em que os espanhóis se juntavam aos ingleses e aos portugueses sob o comando de sir Arthur Wellesley. Dividiu-se o Exército anglo-luso em três corpos. O da esquerda era comandado pelo General Grahm, o do centro pelo Marechal Beresford, e o da direita pelo General Hill. A este último corpo pertencia a divisão portuguesa de Hamilton; em virtude deste general ter retirado para Inglaterra o comando da divisão foi dado ao General Silveira.

Na primavera de 1813 pôs-se o Exército Aliado em marcha à conquista de Espanha. Depois de muitas movimentações, em 25 de maio encontravam-se os aliados defronte a Salamanca. "A divisão do conde de Amarante portou-se com raro denodo, investindo com extremada valentia as obras de defeza.

Os granadeiros foram os primeiros a penetrar na cidade, expulsando para fora dos seus muros todos os franceses que se lhe deparavam na frente."[7]

As forças francesas retiravam sobre Burgos enquanto as forças aliadas, compostas aproximadamente por noventa mil homens se reuniam na região de Toro, seguindo alguns dias depois em direção a Valladolid e Burgos sobre a linha do Ebro, que os franceses queriam defender e em que o General Silveira faz uma manobra memorável, que contribuiu decisivamente para o sucesso da Batalha de Vitória.

A Batalha de Vitória e a Manobra do General Silveira

Estava o Exército Francês postado na margem esquerda do Ebro. Os aliados encaminharam-se para norte, com a intenção de passarem o rio

Ebro o mais a montante possível, acima de Puente d'Arenas. Como resultado desta operação Santander foi evacuada pelos franceses e os navios ingleses entraram neste importante porto, assegurando a comunicação com o mar na costa norte, como Wellington gostava de operar.

O exército aliado passou para a margem esquerda do Ebro e foi-se postar com a frente de

---

cercar o acampamento do general português na Serra de Santa Bárbara, mas este antevendo o que iria acontecer retirou com as tropas de noite para as montanhas de Oura e Reigaz. Posteriormente deslocaria esses efetivos para as alturas de Vila Pouca de Aguiar, não perdendo de vista a estrada que ligava a Vila Real.

Cauteloso, Silveira evitava o confronto direto com o exército francês, mas não desperdiçava uma oportunidade para lhe criar dificuldades. Quando Soult deixou Chaves, a 14 de março, e se dirigiu no sentido de Braga com as suas forças, as tropas do General Silveira criaram sérios problemas à retaguarda do exército francês, mormente nos desfiladeiros de Venda Nova e Salamonde.

[6] "[...] Sejão as Tropas subordinadas aos seus Officiaes, e á Disciplina Militar, sejamos unanimes, ainda não há que temer pela Patria. O inimigo está de posse do Porto, já o esteve de Chaves; mas tornou a perder esta Praça com mais de 1.500 homens, incluindo prizioneiros e mortos. O Brigadeiro Francisco da Silveira informa, além disto, ter tomado 12 peças, huma grande quantidade de armas, e munições, e 80 cavallos.

Lembrai-vos, Soldados, que este Official, quando a prudencia lhe dictou a necessidade de se retirar de Chaves, onde a natureza das forças, e o seu número era incapaz de resistir ao inimigo, os chamados Patriotas levantarão huma voz de traição contra elle, e tiverão a habilidade de induzir hum grande número dos insubordinados a tentar a defeza desta Praça, que se rendeo sem dar hum tiro, com a Tropa, e Ordenanças, que tinhão sido enganados para entrar nella; porém a firmeza do dito Brigadeiro conseguio salvar o resto do seu Exercito, e pôllo em circumstancias de adquirir maior gloria, e merecer os agradecimentos da sua Patria. He com o maior prazer, que o Marechal dá hum testemunho público da sua grande approvação da conducta do Brigadeiro, a qual elle ha de levar com igual satisfação á Presença de S. A. R. o Principe Regente N. S."

[7] Idem, p. 50.

Peça de Artilharia capturada ao Exército Francês, na Batalha de Vitória, em 1813, em exposição no Museu Militar de Lisboa.

batalha quase paralela à estrada de Vitória para Bayonna, que constituia a linha de comunicação do Exército Francês.

No dia 20 de junho estão os dois numerosos exércitos frente a frente, o aliado com cerca de 80.000 homens e o francês com cerca de 60.000.

Para conseguir cortar a linha de retirada do inimigo, a estrada de Bayonna, havia que forçar a ala direita do Exército Francês. A frente deste exército estendia-se ao longo do rio Zodorra.

"Na ordem de batalha do exercito aliado, a divisão Silveira estava em reserva na direita da linha.

A luta vigorosamente sustentada no centro tornou-se mais encarniçada na ala esquerda dos alliados, onde os francezes defendiam tenazmente a sua posição para cobrir a estrada de Bayonna."[8]

Se os aliados se apoderassem desta via de comunicação restava ao inimigo aproveitar como linha de retirada a estrada de Pamplona que obrigava a um desvio para alcançar a fronteira francesa.

Ao que consta a Silveira estava em reserva e inativo, como lhe competia até chegar a ordem em contrário. Não foi, porém, esta a sua atitude. Vamos ver o que se passou nas palavras de Adriano Beça escritas há mais de cem anos:

"O hábito dos combates havia-lhe feito desenvolver, além d'um notavel sangue frio, as faculdades analyticas, o golpe de vista militar, a facil prompta observação de conjuncto e uma decisão rapida.

Foi devido a estes dotes que Silveira apreciando n'um relance a situação e reconhecendo a vantagem da sua intervenção immediata na lucta, sem aguardar ordens do generalissimo, poz a sua divisão em movimento para não deixar escapar o momento psicológico em que pela sua ação energica podia decidir promptamente da batalha a favor dos alliados."[9]

O ataque do Corpo do General Grahm estava a ter sucesso pela sua violência e eficácia e o objetivo estava prestes a ser alcançado.

"Na ala direita da linha de batalha dos alliados, Silveira manobrou habilmente, ganhando terreno sobre o flanco e rectaguarda do inimigo, forçando-o a abondonar as suas posições para alcançar com presteza a estrada de Pamplona, onde o material de guerra, as bagagens e os fugitivos se accumularam por uma fórma precipitada, tumultuaria, verdadeiramente anarchica, obstruindo-a e originando a perda d'uma quantidade consideravel de material de artilharia, das equipagens e do thesouro do rei José, assim como da sua correspondencia com o imperador, o que tudo ficou em poder das tropas portuguezas."[10]

Na ordem do dia do 1.º de junho de 1813, Beresford rende assim homenagem à conduta das tropas portuguesas na Batalha de Vitória: «O senhor marechal felicita a nação portugueza pelo comportamento das suas tropas n'esta memoravel batalha; e fazendo aos corpos portugueses, que n'ella tomaram parte, o mais alto elogio só vem a dizer o que ellas mereceram.»

Com a batalha de Vitória estava a chegar ao fim o domínio dos exércitos napoleónicos na península, embora algumas praças ainda continuassem em seu domínio, a águia imperial tinha sido ferida de morte por aquele feito notável por parte dos aliados e o exército do rei José retirou de forma desordenada sobre o rio Bidassoa em direção aos Pirinéus, sempre perseguido pelo exercito aliado. Coube à divisão comandada pelo General Silveira a perseguição do que restava do Exército Napoleónico, e foi a primeira força aliada a atravessar os Pirinéus e a pisar solo inimigo. Entretanto foi obrigado a retroceder em virtude da presença de forças superiores que desenvolviam em território francês.

O General Silveira, nome por que era mais conhecido na sua província de Trás-os-Montes[11], foi ainda agraciado com a *Medalha de Ouro, de Comando em Vitória*, pelo Governo inglês, que apenas mandou cunhar outras duas naquele metal, sendo uma destinada a Wellington e a outra para Castanõs, o General dos espanhóis em Victória. O Conde de Amarante recebeu também uma *espada de honra* oferecida pelos portugueses residentes em Londres.[12]

Conclusão

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca[13] era bem o exemplo de um homem transmontano que respirava patriotismo; simples e forte, enérgico, e saudável, de estatura mediana, tinha uma aparência nobre e viril. Camilo Castelo Branco refere-se a ele do seguinte modo, no romance de sua autoria *A Filha do Doutor Negro*: "[...] personagem admirável boçal e intrépido, capaz de imitar os Codros e os Cúrcios, se os conhecesse; português à antiga, e estou quase em dizer – o último dos portugueses que se criaram nas agras de Trás-os--Montes [...]".

Medalha de Ouro de Comando, em Vitória

Estamos felizes por ter tazido à vossa presença um dos grandes homens que mais glórias deu à Pátria no período das Invasões Napoleónicas. Francisco da Silveira sempre foi dotado de um grande espírito combativo, nobre caráter, animado de são patriotismo e amor à independência, tornou-se "o mais ativo, resoluto e intrépido dos generais portugueses contra os exércitos invasores", contribuindo assim para a vitória dos aliados na libertação dos povos da Península e na restauração da independência em Espanha.

[8] Idem, p. 52.
[9] Idem, p. 53.
[10] Idem, p. 54.
[11] Costa, Camilo F. da & Freitas, Alcino M. de – Ob. Cit., p. 45.
[12] Costa, Camilo F. da & Freitas, Alcino M. de – ob. cit., p. 45. Apud Pevista Militar, n.º 6, de junho de 1910.
[13] Idem, p. 45.

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Sargento-Ajudante AdMil José M. A. Santos*

Forte de Santiago da Barra

VIANA DO CASTELO
Para um roteiro português evocativo do centenário da Grande Guerra

Fonte: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Introdução

No âmbito do Despacho do General Chefe do Estado-Maior do Exército, nº 58/2012, a Escola Prática dos Serviços constituiu uma Comissão para a Evocação do Centenário da Grande Guerra, com o propósito de promover iniciativas nas autarquias da área de responsabilidade desta Unidade, constituída pelos municípios de Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Esposende, Barcelos e Viana do Castelo.

Neste contexto, vimos apresentar nas páginas do *Jornal do Exército*, a sugestão para uma visita à sedutora beleza natural da "princesa do Lima", o tríptico cidade/mar/monte – as suas Montanhas verdejantes, as diferentes paisagens oferecidas pelo mar e pelo Rio Lima, que poderá ser complementada pela observação de um património arquitetónico impar, onde a história e a contempo-

raneidade se conjugam de uma forma harmoniosa.

Como nação centenária, melhor que ninguém, temos consciência de que é através do conhecimento da sua história, que se dá o processo evolutivo de um povo e, como consequência, lhe assegura uma identidade própria. Este conhecimento que alguns autores identificam como memória social, afirma-se na preservação do património histórico-cultural que, mais não é do que uma manifestação ou invocação do passado comum que moldou a identidade distinta dessa mesma comunidade.

Neste contexto, no momento em que nos aproximamos do centenário da Evocação da Grande Guerra e se a história da intervenção portuguesa neste conflito lhes estimula a curiosidade, permitam-me que vos sugira, como corolário da visita a Viana, um roteiro alternativo que lhes possibilitará conhecer aspetos únicos do património que esta cidade fez por preservar, em preito de homenagem a tantos dos seus filhos que, durante a 1ª Guerra Mundial, por terras de Africa e França, *em perigos e guerras esforçados* muito honraram o nome desta urbe minhota.

A 1ª Guerra Mundial foi um conflito sangrento que, pelo impacto que teve no Mundo e particularmente na Europa, chegou a merecer o epiteto de *a guerra para acabar com todas as guerras*. Fruto de diferendos que já vinham de finais do século XIX, a guerra iniciou-se em 1914, embora Portugal só tenha assumido o papel de beligerante em 9 de março de 1916, formalizando um conflito que já há algum tempo Portugueses e Alemães vinham travando no sul de Angola e norte de Moçambique. A nossa participação na Guerra representou um enorme esforço por parte do Estado e do povo que enviou a sua juventude para os campos de guerra, onde a morte era uma constante e as condições de vida destruíam uma geração que hoje se encontra quase esquecida. É essa geração de combatentes de há 100 anos que aqui evocamos e é a eles que testemunhamos o nosso mais profundo reconhecimento.

Viana Militar

É muito difícil estabelecer o início da presença militar nesta cidade, embora a presença de ruinas castrejas, nomeadamente no Monte de Santa Luzia, indiciem ser muito antiga. Em termos documentais sabemos que o castelo da vila começou a ser artilhado em 1571 e que, em 1593 e 1596, foi guarnecido com gentes que se encontravam no castelo de Coimbra e no forte de S. António da Corunha[1].

Até ao início do século XX Viana foi sendo guarnecida por forças de infantaria, artilharia, caçadores e cavalaria, de que se destacam o Re-

[1] MEIRA, Alberto, "Do Arquivo de um curioso – A Guarnição do Castelo de Viana", In *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, p. 180.

Fonte: Escola Prática dos Serviços.

Edifício BC9 e Monumento aos Mortos da Grande Guerra

gimento de Infantaria N. º24, o Regimento de Infantaria N.º 19, para além de alguns destacamentos de unidades sedeadas em outras localidades, tendo tido um papel ativo nos vários eventos que marcaram o século XIX, nomeadamente, as Invasões francesas e a Guerra Civil.

Merece destaque especial o Regimento de Infantaria N.º 9 que, tendo combatido em algumas das mais emblemáticas batalhas da guerra peninsular, haveria de ver premiado o seu valor, sendo-lhe atribuída a legenda para ostentar na sua bandeira: *Julgareis qual é mais excelente se ser do mundo rei, se de tal gente*. Esta unidade tinha sede em quartel construído em 1790, a que faremos referência no nosso roteiro.

As múltiplas deslocalizações de unidades militares que se verificam neste período, acabam por estabilizar com a organização de 1842, que altera a designação do Regimento de Infantaria N.º 19 para Regimento de Infantaria N.º 3, fixando-o em Viana do Castelo, até à sua extinção em 1937.

Pela reorganização do Exército de 1899, foi criado o Grupo de Artilharia de Montanha com quartel no Castelo de S. Tiago da Barra. Em 1902 a sede desta unidade passa para Évora, ficando no Castelo o Regimento de Artilharia de Campanha N.º 5, que aí permaneceu até 1926, ano em que se deslocou para Vila Nova de Gaia. Também aqui existiu um Hospital Militar nas instalações do Convento de Santo António.

Esteve também sediada nesta cidade, pelo menos desde 1877, uma sucursal da Padaria Militar que funcionava com pessoal enviado de Lisboa. Em 1915-1916, era considerada como depósito destinado à guarda conservação e distribuição de géneros para rancho e forragens para as unidades da sua área territorial, que pudesse obter na respetiva localidade, por preços inferiores aos da Manutenção Militar.

Deste riquíssimo historial de presença militar, remanesce nos dias de hoje, no cimo da Serra de Santa Luzia, uma carreira de tiro militar de 400 metros, guarnecida por um pequeno número de militares pertencentes à bela Escola Prática dos Serviços, da Póvoa de Varzim.

Viana e a Grande Guerra

A intervenção de Viana do Castelo na Grande Guerra inicia-se logo em setembro de 1914, seguindo na expedição a Angola de Alves Roçadas, a 2ª bateria do Regimento de Artilharia de Montanha.

Logotipo da Comissão da EPS para a Evocação do Centenário da Grande Guerra

Fonte: ptphoto980x880.mnstatic.com.

O acordo anglo-português de janeiro de 1917 fixava a colaboração de Lisboa no envio para a frente de uma divisão reforçada, composta por três brigadas de infantaria, que ficaria integrada no XI corpo de exército inglês. Em abril, os efetivos dobraram e Portugal passa a ter o seu próprio corpo de exército, composto de duas divisões de três brigadas, em que cada uma ocupará uma posição de primeira linha na frente de batalha.

A incorporação de vianenses no CEP fez-se na 4ª brigada que, por integrar pessoal oriundo da região minhota, ficou celebrizada como a "Brigada do Minho" ou "Brigada dos Matacões" pela "barba cortada à laia de suíças" que ostentavam muitos dos seus homens. O espirito de corpo existente nesta Unidade acabaria por ser oficialmente reconhecido e, na Ordem de Serviço do Corpo Expedicionário, datada de 27 de maio de 1918, foi determinado:

"1º Brigada do Minho:

a) Que em todos os documentos oficiaes a 4ª Brigada d'Infantaria do C.E.P. seja designada por «Brigada do Minho», correspondendo esta designação ao seu recrutamento principal e a uma aspiração dos oficiaes e praças, que constituíram esta Brigada, e consagrando o heroísmo e valor, com que combateram em 9 d'abril;".

Viana encontrava-se representada nesta brigada pelo seu Batalhão de Infantaria N.º 3 e sobre o valor destes homens, escreveu o General Tamagnini:

"No dia da batalha, guarnecia a "Brigada" o setor de Fauquissart, onde mais duramente se fez sentir o ataque inimigo, e onde mais encarniçada foi a resistência, bem provada pelo número de mortos caídos no campo"[2].

Foi a Infantaria 3 que ofereceu a histórica bandeira da Brigada e foi um dos seus oficiais, o alferes Ernesto Sardinha, que escreveu a sua canção de que aqui transcrevemos um excerto demonstrativo do espírito de pertença existente[3]:

Brigada, o Minho em nós confia
Seu nome honrado entrega em nossas mãos
E seu nome, que soou, de sempre, a valentia
Aos quatro batalhões, - unidos como irmãos
Tudo a mesma Família - há de servir de guia

O Roteiro

Com este roteiro turístico, pretendemos contribuir para que os visitantes conheçam melhor esta cidade e, de alguma forma, homenagear o sacrifício extremo de tantos dos nossos conterrâneos que, em nome da Pátria, acabaram sepultados em territórios longínquos. Identifiquemos então os pontos de interesse que, diretamente relacionados com a Grande Guerra, enriquecem o património Vianense.

Tendo o visitante chegado por comboio ou uti-

[2] Mardel, Eugénio. *A "Brigada do Minho" na Flandres : (o 9 de abril) : subsídios para a história da 4ª brigada do CEP*, Lisboa, Serviços Gráficos do Exército, 1923, p. 12.

[3] Magno, David, *Livro da Guerra de Portugal na Flandres*, Volume I, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1921, pp. 66-67.

Postal ilustrado da Grande Guerra –Coleção do autor

lizado o automóvel, vamos estabelecer o início do nosso roteiro na Av. dos Combatentes da Grande Guerra, sob a qual se construiu recentemente um moderno parque de estacionamento. O topónimo desta artéria central da cidade, alongada desde a Estação do caminho de ferro até à moderna Praça da Liberdade, evoca os Combatentes da 1ª Guerra Mundial, sendo assim, o ponto de partida apropriado para o propósito da visita.

O projeto da sua construção foi aprovado em 10 de janeiro de 1917 e, até final do ano, ficou acabado toda a sua abertura, embora a conclusão das obras do piso viário e passeios para peões só se verificasse em 1920.

A partir desta via, seguindo na direção este, ao longo da rua Santa Ana, até deparar à direita com a Rua Major Xavier da Costa. Esta artéria consagra o ilustre vianense José Xavier da Costa, nascido em 1879, que foi Coronel de Infantaria, reformado e inválido de guerra. Heroico combatente da Batalha de La-Lys, da I Grande Guerra, mereceu os mais altos louvores e condecorações nacionais e estrangeiras. Como homenagem à sua memória, a cidade de Viana do Castelo, entre outras homenagens, atribuiu o seu nome à rua onde se encontra a casa de seus pais.

Na Casa do Major Xavier da Costa, a cidade de Viana do Castelo, afixou uma lápida e ofereceu-lhe as insígnias da comenda da Ordem da Torre e Espada, com palma, com que foi agraciado, adquiridas por subscrição pública, entre os habitantes desta cidade.

O Comandante do Batalhão de Infantaria N.º 29 que na altura da batalha de La Lys era o Major Xavier da Costa, perante o avanço germânico, empenhou toda a energia para garantir a defesa do Red House, suportando-se na bravura e dedicação dos seus homens, alguns dos quais tombaram mortos e outros ficaram feridos, incluindo o próprio Major que mesmo assim continuou a combater o Inimigo. O valoroso comandante, tendo caído esvaído em sangue, levou a que os seus companheiros o dessem como morto deixando-o no local enquanto retiravam, vindo mais tarde a ser descoberto e salvo por dois soldados do Batalhão 3, que se encontravam já prisioneiros dos alemães. No regresso do cativeiro este bravo militar vinha cego.

A lápide acima referida foi inaugurada por ocasião do segundo aniversário da Batalha de La Lys e contém a seguinte inscrição:

"Casa de morada do Major Xavier da Costa/ Que daqui partiu com o seu regimento para os campos/da Flandres, onde se imortalizou na Grande Guerra/pelo seu valor e abnegação. Honrou o

seu país e a sua/terra, bem merecendo da Pátria esta Lápide./Da iniciativa do vianense António Tomás Quartin/Foi pela Câmara Municipal e Povo de Viana solene/mente inaugurada em 1920, 2.º aniversário da Batalha/de La Lys, onde o heroico oficial tanto notabilizou o/ exército português."

A partir daqui e voltando para oeste, procuremos o Edifício do Batalhão de Caçadores 9, antigo Quartel do Batalhão de Infantaria N.º 3 que integrou a célebre Brigada do Minho do Corpo Expedicionário Português, situa-se entre o largo 9 de abril, Avenida Conde da Carreira e Rua General Luís do Rego (antiga Rua das Rosas).

Na sequência da extinção do antigo Regimento de Infantaria N.º 3 de Viana do Castelo, em 1937, as instalações passaram a ser ocupadas pelo Batalhão de Caçadores N.º 9 (BC9) que, por sua vez, foi extinto em 18 de outubro de 1976. Tendo terminado a ocupação militar em meados da década de 70, passou por profundas obras de remodelação e atualização, sendo ocupado atualmente pelo Instituto Politécnico de Viana, que ali mantém um lar de estudantes e outros serviços de apoio.

Esta construção data de 1790 e serviu de aquartelamento ao Regimento de Infantaria N.º 9, unidade que muito se distinguiu na Guerra Peninsular. A bandeira desse corpo militar e que, portanto, o acompanhou nas diferentes batalhas, encontra-se na Igreja de S. Domingos, situada nas proximidades.

Esta construção dispõe de dois pisos e ocupa avantajada área, dispondo, no centro, uma espaçosa parada.

A fachada principal, virada para poente, tem uma porta armoriada. Entrando na mesma, é ainda visível parte do espaço da antiga parada e, numa das paredes interiores, encontra-se um nicho em que se encontrava a imagem do Senhor Jesus dos Quartéis.

Este símbolo da religiosidade dos militares acompanhou o "historial bélico" da Unidade desde 1790, tendo integrado o referido Corpo Militar nas campanhas e batalhas que se travaram durante a Guerra Peninsular[4].

O largo fronteiro a este edifício tem a denominação Largo 9 de abril. O seu topónimo presta homenagem à participação portuguesa na I Grande Guerra, especialmente todos aqueles (entre os quais muitos vianenses integrados na heroica Brigada do Minho) que lutaram e morreram na célebre Batalha de La Lys, França, travada nesta data no ano de 1918.

Largo anteriormente designado Largo de Monserrate, embora com menos área, mas que ao ser demolida a antiga Igreja de Monserrate, em 1916, ficou com o espaço atual e a denominar-se Largo 9 de abril.

No centro deste Largo 9 de abril está erigido o Monumento ao Soldado Desconhecido também conhecido como Monumento aos Mortos da Grande Guerra, erigido em 1919, consistindo num padrão de grande porte, sendo a respetiva base, ajardinada.

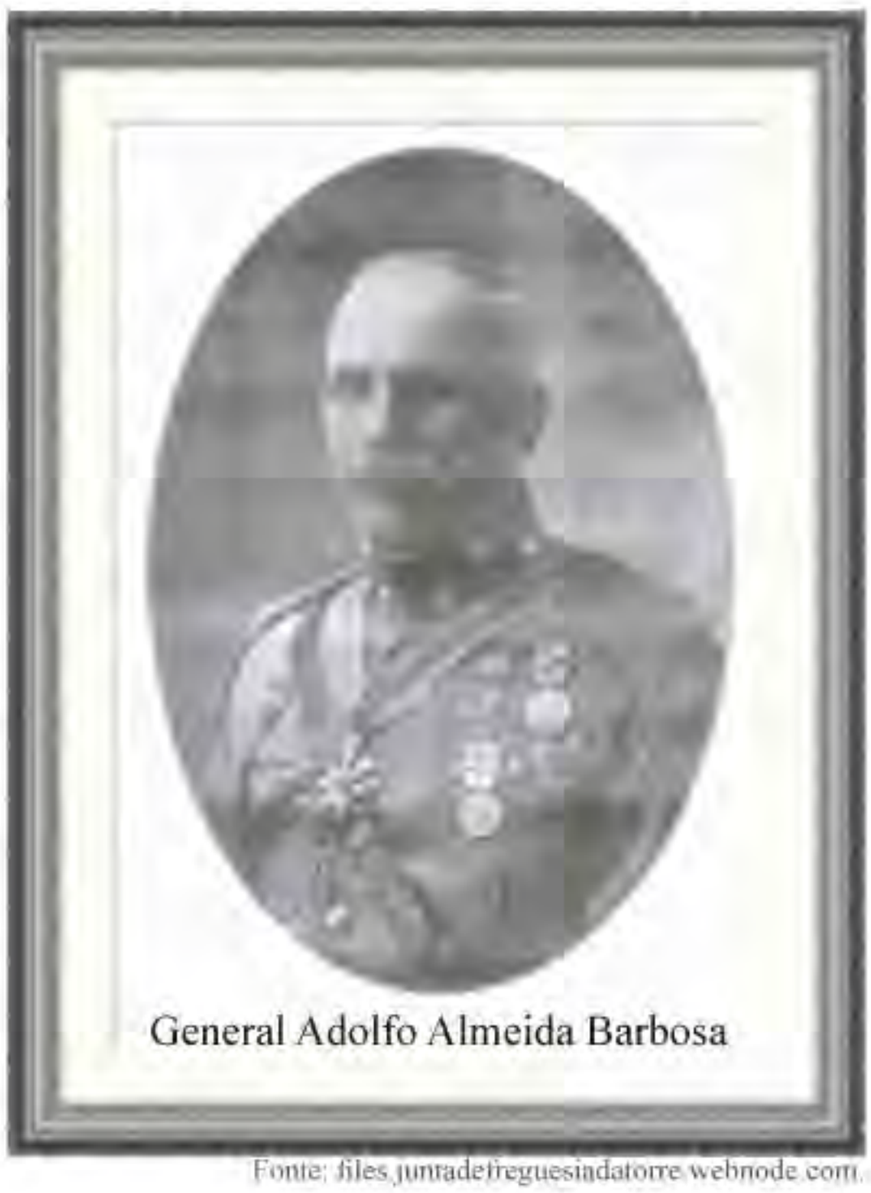
Próximo deste local encontra-se o largo de São Domingos onde se situa a Casa do General Adolfo Almeida Barbosa. O General Adolfo Almeida Barbosa, detentor do Curso de Infantaria, era natural do lugar de S. Gens da freguesia da Torre.

Nasceu a 20 de setembro de 1857, foi um apoiante da causa republicana, tendo mesmo combatido as tropas do Monárquico Paiva Couceiro, herói da colonização Moçambicana.

Com o posto de Coronel, na Grande Guerra, foi comandante da Brigada do Minho, na qual mereceu grandes elogios. Viria a ser promovido a general em 1926, quando já se encontrava na reserva, tendo passado à reforma em 1928, ano em que viria a falecer, em Viana. Entre as condecorações, destaca-se a Cruz de Guerra de 1.ª Classe. Na casa em que residiu e faleceu, encontra-se a seguinte placa:

"Nesta casa morou e faleceu em 26.08.1928 o General Adolfo Almeida Barbosa, heroico co-

[4] SARDINHA, Ernesto, "O Senhor Jesus" in *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, Vol. 1, Viana do Castelo, 1932.



General Adolfo Almeida Barbosa

Fonte: files.juntadefreguesiadatorre.webnode.com

O velho Gil Eannes

Fonte da imagem do canto superior direito das páginas ímpares deste artigo: gerarte.files.wordpress.com.

mandante da Brigada do Minho na Flandres e que foi a mais bela personificação do esforço Português na Grande Guerra".

Continuemos para oeste em direção ao campo da Agonia onde se situa a Igreja de Nossa Senhora da Agonia, em honra de quem se realizam as majestosas festas da Agonia de Viana do Castelo. No interior da igreja poderá observar-se um interessante painel votivo relacionado com a Grande Guerra.

Os painéis votivos são normalmente representações gráficas ofertadas a igrejas como testemunho de agradecimento ao santo a quem se invocou proteção, e no qual consta uma legenda que descreve o milagre ocorrido. Mais do que simples testemunhos de fé, estas peças são documentos históricos de grande valor cultural e etnográfico.

Na Igreja da Agonia de Viana encontra-se um destes ex-votos, consistindo numa pintura a óleo sobre tela, cuja imagem representa o ataque de um submarino alemão a um navio português. A legenda desta peça refere:

"A CHALUPA VALADARES 2ª BOMBARDEADA POR UM SUBMARINO ALEMÃO, EM 3 DE JANEIRO DE 1917,/A 12 MILHAS AO WNO DOS FARILHÕES. SENDO TODA A TRIPULAÇÃO SALVA POR UM MILAGRE DE N. S./D'AGONIA, SENDO CAPITÃO DA REFERIDA CHALUPA A. S. MACHADO".

Continuando para sul ao longo do Campo da Agonia visite o Forte de Santiago da Barra, sede dos antigos Regimentos de Artilharia de Montanha e da Artilharia N.º 5. Também referido como Castelo de Santiago da Barra e que, embora existisse desde o início do povoamento local, o atual desenho data do reinado de Filipe I, de Portugal (1580-1598), altura em que o forte de Viana é completamente remodelado e ampliado, tendo sido imposto à população da vila o transporte da pedra necessária à edificação, que ficou concluída em 1596.

Atualmente as dependências do Forte de Santiago da Barra albergam as instalações da Região de Turismo do Alto Minho, destacando-se o antigo Paiol e a Capela de Santa Catarina que foram requalificados como salas de exposição, recomendando-se a visita à Torre da Roqueta.

No início do século XX foram aqui construídas três casernas, entretanto demolidas, que serviram para albergar os destacamentos em trânsito para a Grande Guerra e o Regimento de Artilharia N.º 5 que aqui se encontrava sediado[5].

Finda esta visita, desloquemo-nos até à margem do rio Minho, seguindo ao longo deste em direção a montante, acabará por localizar o Navio Hospital Gil Eannes. Este navio encontra-se ancorado no antigo cais comercial de Viana do

Castelo, transformado em espaço museológico e Pousada da juventude. Este navio hospital foi uma bandeira de Portugal nos mares do norte, garantindo assistência hospitalar a todos os pescadores e tripulantes que navegavam por aquelas paragens, servindo também como navio capitania, navio correio, navio rebocador, quebra-gelos e navio reabastecedor de mantimentos, redes, isco e combustível aos navios da pesca do bacalhau.

Embora o navio em exposição tenha sido construído nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo em 1955, ele é o sucessor de uma outra embarcação com o mesmo nome e cuja origem nos reporta à Grande Guerra.

De facto, o primeiro "Gil Eannes" chamava-se originalmente Lahneck e pertencia à companhia alemã "Deutsche Dampfschiffarts GeselIschaft Hansa", tendo sido um dos navios alemães ancorados em portos nacionais, que o Governo português requisitou em 23 de fevereiro, levando à declaração de guerra desta potência europeia.

Durante a Guerra foi utilizado como transporte de tropas e, posteriormente, foi fretado para os Transportes Marítimos, tendo servido na carreira dos Açores. Na segunda metade da década de 20 foi adaptado a navio de assistência à pesca nos bancos da Terra Nova. Foi modificado para esse fim na Holanda, tendo partido em16 de maio de 1927 para a sua primeira viagem à Terra Nova, tendo regressado a Lisboa em 14 de novembro.

Apesar de algumas vicissitudes pelo meio, o Gil Eannes, integrado na Marinha de Guerra, assegurou o apoio aos pescadores do bacalhau, até 1941. Desarmado em 1942, foi entregue à Sociedade Nacional de Armadores do Bacalhau, a cujo serviço efetuou 27 viagens, 14 das quais de comércio e assistência.

Pelas provas dadas e fruto da vontade conjugada do Ministério da Marinha e do Grémio dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau que se decidiu construir um navio moderno e mais adequado à satisfação das necessidades para as quais, o velho Gil Eannes *naturalizado* português, já não respondia[6].

Termina assim este roteiro que, antes do regresso a casa, deverá ser selado com a degustação das célebres bolas de Berlim do Natário que, não estando relacionadas com a Evocação do Centenário da Grande Guerra, são sem dúvida um dos *ex libris* desta cidade encantadora.

[5] SAMPAIO, Francisco, "Castelo Santiago da Barra História da Fortaleza", in *Cadernos Vianenses*, nº 40, 2007, p. 231.

[6] Fonte: http://www.fundacaogileannes.pt.

* O Sargento-Ajudante de Administração Militar José Manuel Alves dos Santos iniciou a sua carreira militar em 1991.

Em 1995 concluiu o Curso de Sargentos do Quadro Permanente de Administração Militar.

Atualmente, ocupa funções como Sargento de Operações da Escola Prática dos Serviços (EPS), sendo membro da Comissão da EPS, para a Evocação do Centenário da Grande Guerra.

Fontes: esta imagem: c6.quickcachr.fotos.sapo.pt; imagem da página anterior: Canadian Forces, Ottawa.

Filmes & Jogos

Capitão Phillips

Drama, história

Tom Hanks, ator de renome, está de volta ao grande ecrã, na pele de capitão Richard Phillips. Baseado na história real de um militar, este filme conta a história do capitão que aceita ser tomado como refém por piratas somalianos em troca da liberdade da sua tripulação. O ataque remonta ao ano de 2009 e ficou marcado na história da pirataria e da América, por ter sido o primeiro navio de carga a ser sequestrado em mais de duzentos anos.

Nas salas de cinema desde 24 de novembro, este drama biográfico conta com a participação de atores conhecidos do público, entre eles, Catherine Keener, David Warshofsky, Corey Johnson e Max Martini, entre outros, comandados pelo realizador Paul Greengrass.

O argumento é de Billy Ray (*The Hunger Games* - Os Jogos da Fome), baseado no livro *A Captain's Duty: Somali Pirates, Navy SEALS, and Dangerous Days at Sea*, de Richard Phillips e Stephan Tatty.

Battlefield 4

Jogo de ação, Playsation3, X-BOX 360

A 29 de outubro, foi lançado o jogo Battlefield 4, para PC, XBox 360 e PlayStation 3. Este jogo é o mais recente upgrade da sua geração, na modalidade 'multijogador', talvez o melhor da sua classe no âmbito dos efeitos visuais e da modalidade de armas de destruição maciça. Fica a promessa de, brevemente, ser lançada mais uma experiência de tipo 'guerra total', para a próxima geração de consolas. Assim, o Battlefield 4 estará disponível para a PlayStation 4, a 12 de novembro, nos Estados Unidos da América, chegando à Europa a 29 de novembro. Para a Xbox, começará a ser comercializado a 19 de novembro, nas terras do 'Tio Sam' e chegará ao continente europeu a 22 do mesmo mês.

Guerreiros

Em outubro, no Canal Odisseia

O Canal Odisseia traz-nos mais uma fabulosa série, produzida pela BBC World. Guerreiros. São seis, as figuras históricas escolhidas. Em períodos e latitudes diferentes da história da humanidade, estas seis personagens mudaram o seu curso. Espartaco – O Gladiador; Átila – O Huno; Ricardo Coração de Leão; Tokugawa Ieyasu – O primeiro Xogum; Hernán Cortés e Napoleão. Seis personalidades, poderosas e dotadas de uma capacidade de liderança notável. A série, apresenta recriações dramáticas, repletas de ação e imagens geradas por computador, de forma a revelar ao espectador quais foram os motivos que levaram estes homens a conseguir "aquilo que outros nem se atreveram a sonhar".

2.ª Edição da Corrida das Areias

No passado mês de setembro, o Regimento de Infantaria N.º 10 (RI10) organizou a 2ª edição da Corrida das Areias. O percurso deste ano foi alargado para os 16 quilómetros, 14 dos quais através do extenso areal que liga a Praia da Torreira ao molhe Norte de Aveiro, tendo sido realizada durante a baixa-mar.

A prova teve a participação de mais de uma centena de atletas, além dos militares do RI10. Participaram representantes do RI15, RI14, RE3, GNR/GIPS, GNR (Comando Territorial de Aveiro), Policia Marítima, PSP de Aveiro e da Figueira da Foz.

Campeonato Desportivo Militar de Corta-Mato – Fase CID

A 19 e 20 de setembro de 2013, teve lugar na Escola Prática dos Serviços (EPS) – Póvoa de Varzim, o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de Corta Mato – fase Comando da Instrução e Doutrina (CID) – de 2013. A prova realizou-se no Parque da Cidade da Póvoa de Varzim e contou com presença de 81 atletas (16 Femininos e 65 Masculinos) vindos das várias Unidades do CID, sendo 22 atletas da Escola de Sargentos do Exército (ESE), 1 atleta da Escola Prática de Cavalaria (EPC), 9 atletas da Escola Prática de Artilharia (EPA), 5 atletas da Escola Prática de Transmissões (EPT), 21 atletas da EPS, 10 atletas do Regimento de Artilharia Nº 5 (RA5), 2 atletas do Centro Militar de Educação Física e Desportos (CMEFD), 4 atletas da Direção de Educação e 7 atletas do CID.

A prova teve início às 09h30 no Estádio Municipal da Póvoa de Varzim com o tiro de partida efetuado pelo Comandante da Escola Prática dos Serviços, Coronel Tirocinado de Administração Militar, Rui Manuel Rodrigues Lopes.

A prova atravessou vários tipos de terreno, nomeadamente tartan (pista de atletismo do Estádio Municipal da Póvoa de Varzim), relva e terra batida (Parque da Cidade) perfazendo um total de 9 quilómetros para a prova masculina e 5,1 quilómetros para a prova feminina.

No final da prova, foram entregues diplomas aos 3 primeiros classificados (individualmente e por equipa) por escalão (I,II, III, IV e V escalões masculinos, I e II Escalões femininos) e à equipa vencedora, a Escola de Sargentos do Exército, o Troféu do CID.

Aproveitamos esta notícia para agradecer à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim toda a disponibilidade que sempre mostrou no decorrer da organização desta prova e da disponibilização dos materiais e infraestruturas cedidos para a realização do mesmo. Sem esse apoio fundamental a prova não teria tido, certamente, o mesmo significado e qualidade. Este agradecimento estende-se também à empresa Lap2Go, responsável pela cronometragem eletrónica da prova.

TERTÚLIA FIM DO IMPÉRIO

Os presidentes do Instituto de Apoio Social das Forças Armadas, Tenente-General Fialho da Rosa; da Comissão Portuguesa de História Militar, Tenente-General Sousa Pinto; e da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues, têm a honra de apresentar os encontros do 11.º ciclo da Tertúlia Fim do Império, no Centro de Apoio Social de Lisboa (antiga Cooperativa Militar), na Rua de S. José, 24, em Lisboa (próximo da estação de Metro da Avenida), às 15h00.

O 1º encontro realizar-se-á a 26 de fevereiro e é subordinado ao tema do livro: *Em Nome da Pátria/Portugal, o Ultramar e a Guerra Justa*, do Tenente-Coronel, Piloto Aviador, José João Brandão Ferreira (mestre em Estratégia), com prefácio do Professor Doutor Adriano Moreira. Estará presente o autor e o seu editor, Duarte Bárbara.

O 2º encontro realizar-se-á a 26 de março e terá como tema a apresentação do livro: *Macau nos anos da Revolução Portuguesa, 1974-1979*, do Tenente-General José Eduardo Garcia Leandro (Governador de Macau, entre 1974 e 1979). Estará presente o autor e o Coronel Vítor Oliveira Santos.

O 3º encontro será a 30 de abril e a obra apresentada é o livro *Crónicas Timorenses*, da Dr.ª Joana Ruas.

O 4º e último encontro decorrerá a 28 de Maio, com o

tema *100 dias que abalaram o Regime – A crise académica de 1962*, de 15 autores, incluindo Eurico Figueiredo, Fernando Rosas, Jorge Sampaio, Medeiros Ferreira, Rúben de Carvalho e Teresa Tito de Morais. A coordenação ficou a cargo Artur Pinto, antigo dirigente estudantil. Contará com a presença do coordenador e do Sr. Daniel Gouveia.

Acessibilidades: Metro do «Rossio». Estacionamento: Restauradores e Praça da Figueira.

A venda permanente de livros desta coleção encontra-se na Comissão Portuguesa de História Militar (Palácio da Independência) e na Liga dos Combatentes (sede e núcleo de Oeiras).

CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL

Educação: o seu melhor investimento.
Investir em educação é a melhor forma de atingir objetivos pessoais e profissionais, alargar oportunidades e construir um futuro melhor.

Lisboa - Av. Liberdade
Av. da Liberdade, 173
1250-141 Lisboa
Tel 21 312 46 00
av.liberdade@cambridge.pt

Lisboa - Guerra Junqueiro
Av. Guerra Junqueiro, 8 - 1º dto
1000-167 Lisboa
Tel 21 848 45 44
g.junqueiro@cambridge.pt

Lisboa - Benfica
Av. do Uruguai, 6 - 1º
1500-613 Lisboa
Tel 21 714 18 24
benfica@cambridge.pt

Lisboa - Campo Grande
R. F. Curado Ribeiro, 4E
1600-449 Lisboa
Tel 21 757 76 22
c.grande@cambridge.pt

Lisboa - Parque das Nações
Al. dos Oceanos, Lt 2.11.01 Ac
1990-225 Lisboa
Tel 21 898 82 10
p.nacoes@cambridge.pt

Porto
R. Duque da Terceira, 381 - 1º
4000-537 Porto
Tel 22 536 03 80
porto@cambridge.pt

Coimbra
Pç. da República, 15
3000-343 Coimbra
tel 239 834 969
coimbra@cambridge.pt

Almada
Pç. do MFA, 12 - 1º
2800-171 Almada
Tel 21 276 02 34
almada@cambridge.pt

Funchal
R. da Carreira, 240 - 1º
9000-042 Funchal
Tel 291 743 718
funchal@cambridge.pt

info@cambridge.pt
www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

PLANO DE SAÚDE DENTÁRIO EXCLUSIVO

PARA OS MILITARES E CIVIS DO **EXÉRCITO PORTUGUÊS**, INCLUINDO AS SUAS FAMÍLIAS

Já não custa ter um sorriso bonito e uma boca saudável

Preço: 30€ pessoa/ano - (Preço família, especial de lançamento 75€/ano incluíndo cônjuge e descendentes)

VANTAGENS:

- Mais de **3000 médicos dentistas** à sua disposição em todo o território nacional e ilhas.
- **Todas as especialidades cobertas** e todos os tratamentos que possa necessitar.
- **Clínicas seleccionadas** que cumprem os máximos standards de Qualidade.
- **Redução dos custo nos tratamentos em mais de 50% do preço privado** (ver tabela completa na página Web).
- **Tratamentos preventivos e mais frequentes SEM CUSTO.**

TRATAMENTOS	PLANO DE SAÚDE EXÉRCITO / DENTALREDE	PREÇOS MÉDIOS EM PRIVADO
CONSULTAS E VISITAS DE ESPECIALIDADE	SEM CUSTO	30,00€
DESTARTARIZAÇÃO (LIMPEZA)	SEM CUSTO	40,00€
RADIOGRAFIAS	SEM CUSTO	10.00€
COROAS E PONTES DE CERÂMICA	240.00€	400.00€
ORTODÔNTIA	255,00€ (POR APARELHO)	500,00€ (POR APARELHO)
EXTRACÇÕES SIMPLES	SEM CUSTO	30,00€

Ver toda a informação
www.Dentalrede.pt/parceiros/exercito português

INSCREVA-SE JÁ!!!

Fale connosco através do

☎ **808 201 665**

PORTUGAL
LISBOA
BRAGA
COIMBRA
PORTO
SERRA DA ESTRELA
BARCELOS
AÇORES
VILA REAL
PAREDES
GUIMARÃES

MAIS TARDE...

ESTOU A ESCREVER UMA CARTA A EL-REI CONTANDO-LHE TUDO O QUE VIMOS: ESTA GENTE EXTRAORDINÁRIA, A ESPERANÇA DE RIQUEZAS...

FAZ COMO QUISERES. SERÁ INÚTIL.

INÚTIL PORQUÊ? NÃO VISTE AQUELE SELVAGEM APONTAR PARA A TUA CORRENTE DE OURO E DEPOIS PARA TERRA? E O OUTRO FAZER O MESMO COM O CASTIÇAL DE FREI HENRIQUES?

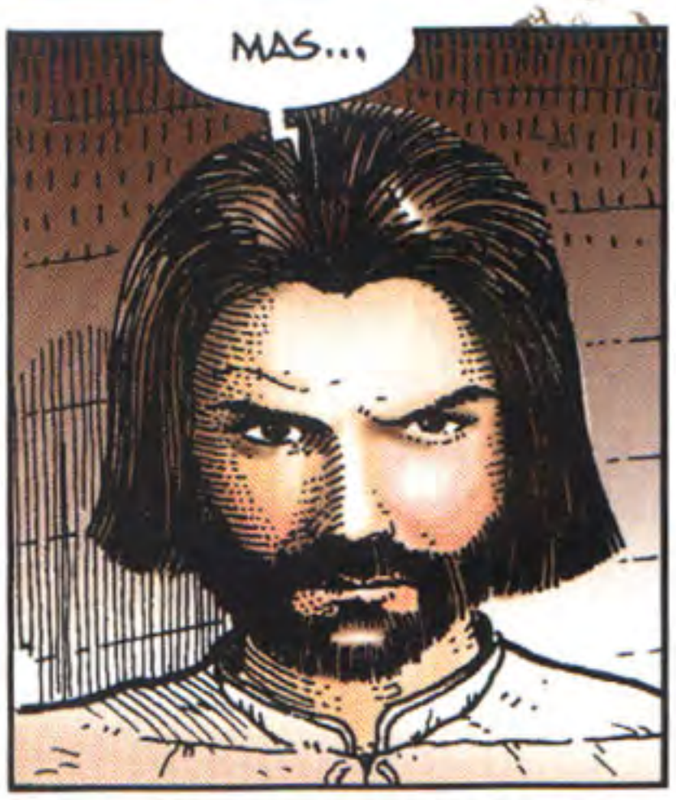
NUNCA PERCEBI PORQUE É QUE QUANTO MAIS AS PESSOAS ESTUDAM MENOS PERCEBEM O QUE REALMENTE SE PASSA, COMO É QUE O MUNDO FUNCIONA. OLHA PARA TI: ÉS DOS HOMENS QUE MAIS SABE, MAS ATÉ O MEU COZINHEIRO PERCEBE QUE ÉS UM TOLO."

"TOLO? HÁ POUCAS PESSOAS QUE ME PODIAM CHAMAR ISSO E CONTINUAR VIVAS..."

EU SEI, EU SEI. POR ISSO TENHO DE SER EU A DIZER-TO.

EL-REI NÃO ESTEVE AQUI, NÃO VIU ESTA TERRA, NÃO VIU ESTAS GENTES, NÃO VIU A INOCÊNCIA...

MAS...



...NÃO VIU A AUSÊNCIA DE MALDADE, NÃO VIU NADA. TU PRÓPRIO NÃO ESTAVAS À ESPERA DE ENCONTRAR ISTO,...

...SE TE CONTASSEM NÃO ACREDITARIAS, COMO É QUE EL-REI HÁ-DE ACREDITAR? PARA EL-REI, HOMENS SÃO HOMENS, PRONTOS À TUDO FAZEREM PARA ENGANAR O OUTRO...

...NUNCA CONHECEU OUTROS, NUNCA CONHECERÁ OUTROS. CHEGA DE PALAVRAS. TENHO DE PREPARAR TUDO PARA SEGUIRMOS VIAGEM. ESCREVE A TUA CARTA: GASPAR DE LEMOS PARTE AMANHÃ PARA LISBOA."

8

NESSA NOITE...

SCHIU... QUERES QUE NOS OIÇAM?

TENS A CERTEZA QUE É ISTO QUE QUERES, MANUEL?

NÃO, JOAQUIM... MAS TENHO A CERTEZA DO QUE **NÃO** QUERO...

VAMOS ESCONDER O BATEL...

ACHAS QUE VIRÃO À NOSSA PROCURA, MANUEL?

ESTÁ NAS MÃOS DE **D**EUS, JOAQUIM... MAS NÃO FAZ MAL SE **L**HE DERMOS UMA AJUDA...

NA MANHÃ SEGUINTE...

MAS EU NÃO QUERO FICAR NO MEIO DESTA GENTE!...

CALA-TE, **A**FONSO! TU ÉS UM CONDENADO E FOI PARA ISTO QUE VIÉSTE. É ASSIM OU ÉS ENFORCADO! PERCEBESTE?

PIEDADE! PIEDADE! NÃO ME DEIXEM AQUI!

PEDRO! DESAPARECEU UM ESQUIFE, DOIS GRUMETES E ALGUNS MANTIMENTOS! QUERES QUE OS PROCUREMOS EM TERRA?

QUISEMOS DEIXAR AQUI DOIS CRIMINOSOS, MAS **D**EUS QUIS EQUILIBRAR AS COISAS: AFINAL OS PRIMEIROS COLONIZADORES DESTAS TERRAS SERÃO HOMENS LIVRES. SEJA FEITA A **S**UA VONTADE!

9

...20 DE MAIO DE 1500...

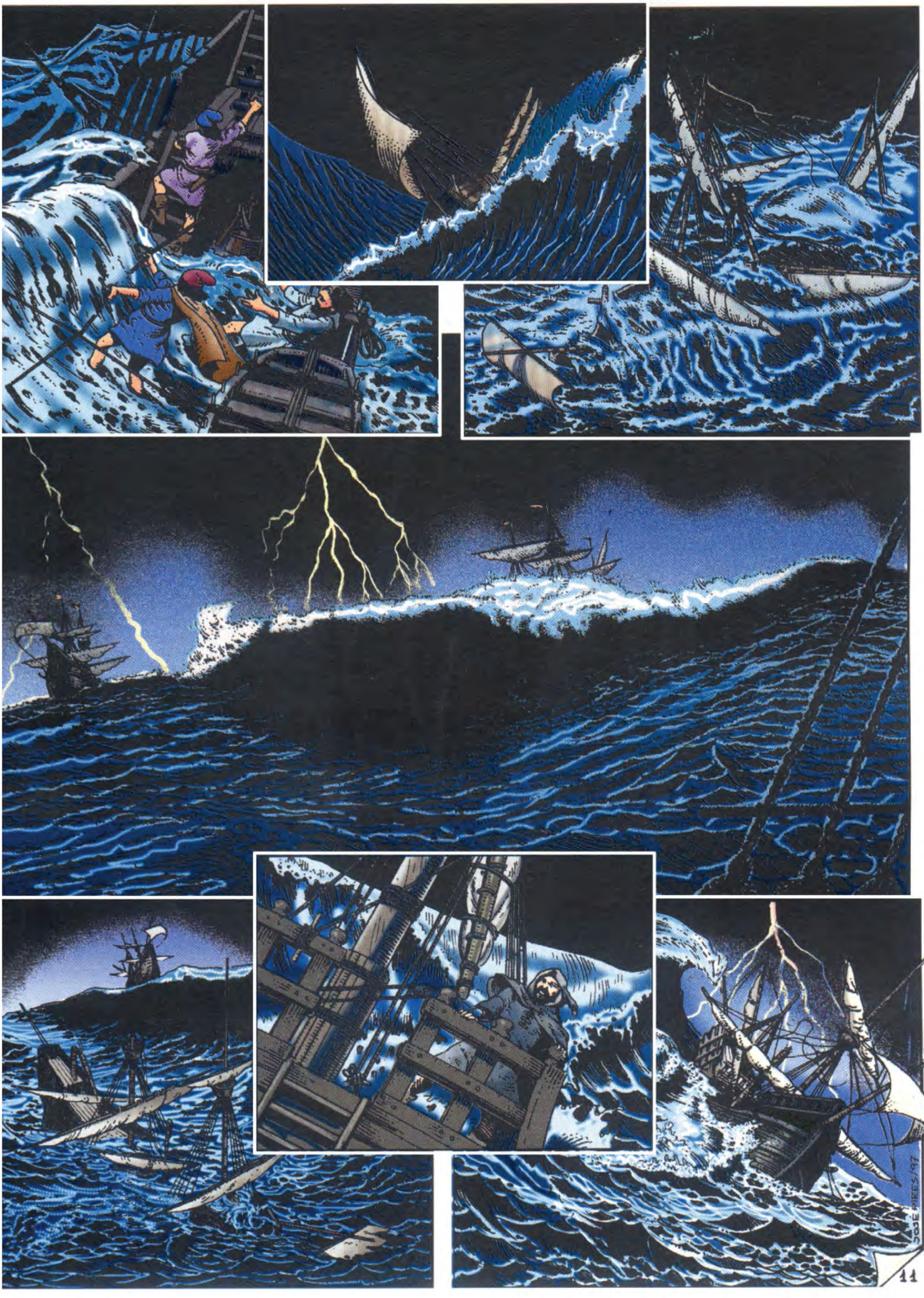
...A ARMADA DE CABRAL RETOMA A ROTA DA ÍNDIA...

BOA TERRA... BOA GENTE...

SERÁ QUE AINDA EXISTE NA TERRA O PARAÍSO QUE ADÃO E EVA PERDERAM POR MALÍCIA DA SERPENTE?

...SEMANAS MAIS TARDE...

...POR ALTURAS DO CABO DA BOA ESPERANÇA, A TEMPESTADE ABATE-SE COM VIOLÊNCIA SOBRE ARMADA DA ÍNDIA.


JOSE PIRES/97
11